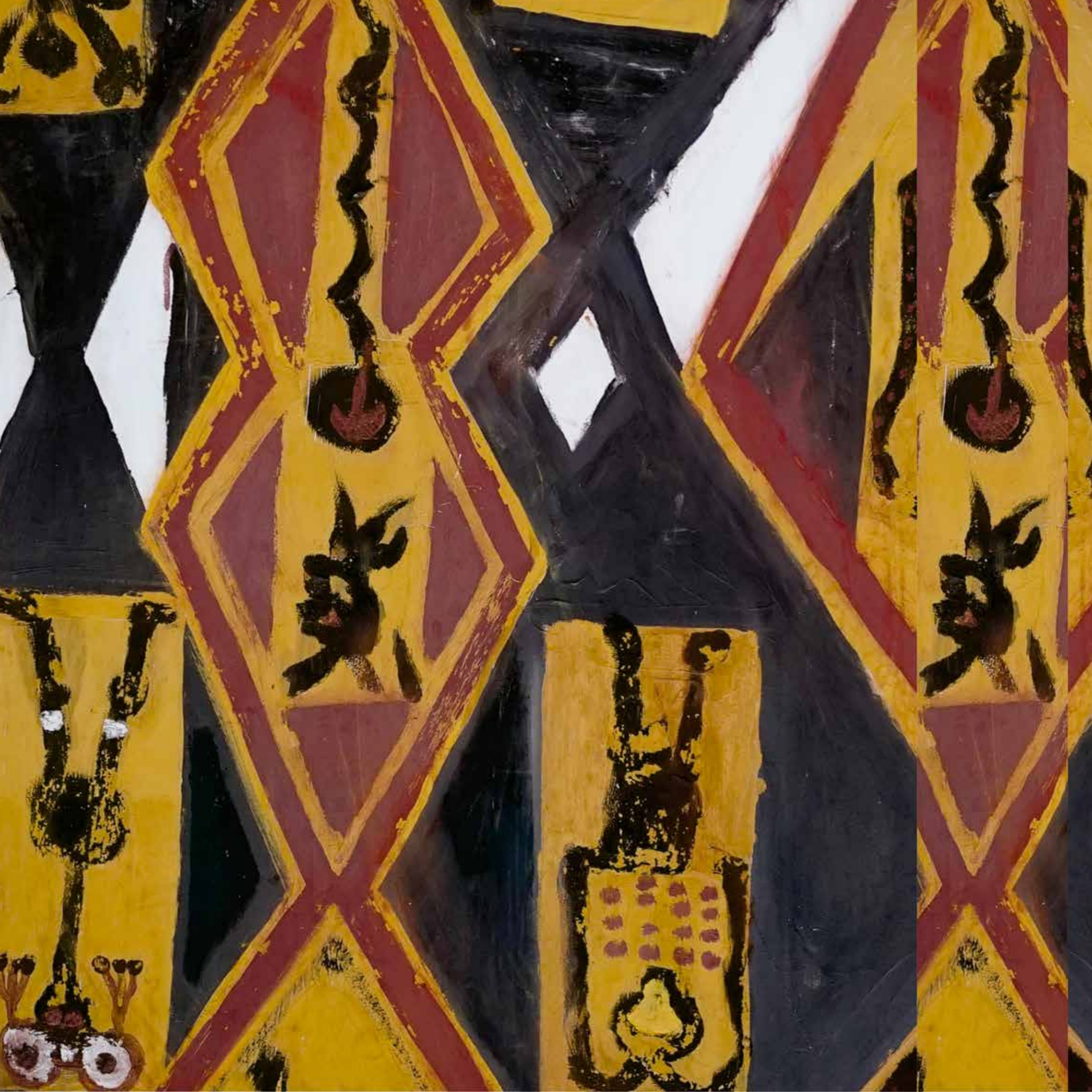
# Vozes da floresta

3ª Edição

CHICO MENDES 35 ANOS



# Vozes da floresta

Zezé Weiss
Concepção e Organização

CHICO MENDES 35 ANOS

EMPATE DE RETOMADA

# VOZES DA FLORESTA

VOZES DA FLORESTA
3º Edição

Zezé Weiss
Concepção e Organização

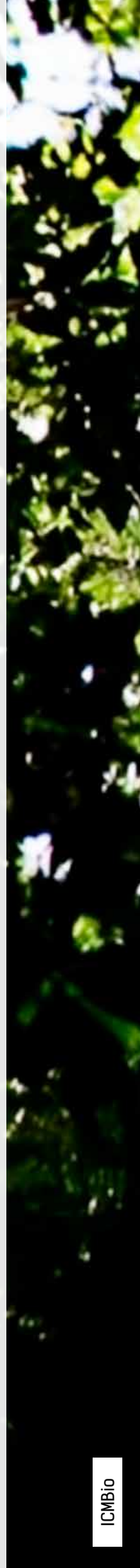
Xapuri Editora
2024

## AGRADECIMENTO

CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS
CNS

GTA
GRUPO DE TRABALHO
AMAZÔNICO

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
COIAB



ICMBio

**PARABÉNS**
**A TODOS [AS] VOCÊS.**
**É ISSO MESMO,**
**COMPANHEIROS [AS],**
**HOJE A LUTA**
**É DE TODOS [AS] NÓS.**
**Chico Mendes**

**REALIZAÇÃO**
**COMITÊ CHICO MENDES**

**PARCERIA**
**FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL**

ISPN

# VOZES DA FLORESTA

Copyright @ 2024 by Comitê Chico Mendes
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. Procurou-se, entretanto, respeitar a identidade discursiva nos relatos apresentados nesta obra.
REALIZAÇÃO: Comitê Chico Mendes
PRODUÇÃO: Xapuri Socioambiental
PARCERIA: Fundação Banco do Brasil, Revista Xapuri
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Emir Bocchino
CAPA: Ailton Krenak (imagem), Emir Bocchino (design), Gessimar Medeiros (foto)
CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO: Zezé Weiss
PREPARO EDITORIAL: Xapuri Socioambiental
COORDENAÇÃO OPERACIONAL: Janaina Faustino
PESQUISA HISTÓRICA: Ailton Krenak, Angela Mendes, Bruno Pacífico, Eduardo Pereira, Elson Martins, Gomercindo Rodrigues, Júlia Feitoza Dias, Karla Martins, Leide Aquino, Lucélia Santos, Marcos Jorge Dias, Nilo Diniz, Nilo Vaz Dias, Zezé Weiss
ENTREVISTAS: Bruno Pacífico, Elson Martins, Iêda Vilas-Bôas (*in memoriam*) Eduardo Pereira, Joci Aguiar, José Arnaldo Oliveira, Marcos Jorge Dias, Zezé Weiss
DEGRAVAÇÃO, TRANSCRIÇÃO E BENEFICIAMENTO DE TEXTOS: Arthur Wentz da Silva, Beatriz Pereira dos Santos, Carla Michelli, José Arnaldo Oliveira, Kátia Costa Cunegundes, Eduardo Pereira, Ester de Souza Oliveira, Raul de Souza Oliveira, Geovana Vilas Boas, Júlia Feitoza Dias, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques, Zezé Weiss
REVISÃO: Angela Mendes, Arthur Wentz da Silva, Lúcia Resende, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques, Sara Almeida Campos, Zezé Weiss
EDIÇÃO: Zezé Weiss
ACERVOS: Família Mendes, Agência Brasil/EBC, Agência Brasileira de Radiodifusão (ABR), Agência de Notícias do Acre, Associação Yanomami Hutukara, Biblioteca da Floresta Marina Silva, Blog Lucélia Santos, Brasil de Direitos, Comitê Chico Mendes, Central Única dos Trabalhadores (CUT), Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA), Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), Cooperacre, Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Conexão Planeta, Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), Fórum Paiter-Suruí, Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), Governo do Acre, Imagens Humanas, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), Imaflora, Instituto Lula, Memorial Chico Mendes, Memorial da Democracia, Ministériod do Desenvolvimento Social (MS), Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), Ministério dos Povos Indígenas (MPI,) Partido dos Trabalhadores (PT), PPG7/GTZ, Revista Almanacre, Revista Focus Brasil, Revista Teoria e Debate, Revista Xapuri, SOS Amazônia, Sou Jovem do Futuro, WWF-Brasil
POEMAS E POESIAS: Almir Suruí, Benki Ashaninka, Gustavo Dourado, Pedro Tierra, Thiago de Mello
DESENHOS E PINTURAS: Agência Brasil, Ailton Krenak, Coári, Cris Vector, Helio Melo, Lucas Braga
FOTOS E IMAGENS: Adrian Cowell, Adriana Moura, Agência Brasil, Agência de Notícias do Acre, Alex Shankland, Aliança das Amazônias, Antônio Cruz, Araquém Alcântara, Bento Vianna, Carlos Castro, Carlos Ruggi, Carlos Silva, Conexão Planeta, Cris Diewald, Carlos Ruggi, Clarissa Vaz Dias, Claudia Andujar, CUT Nacional, Diego Gurgel, Dione Torquato, Elson Martins Gabriel Uchida, Gessimar Medeiros, ICMBio, Imaflora, ISPN, Iphan, Jacobin Brasil, João Roberto Ripper, José Ivanildo Brilhante, Leonide Príncipe, Marcos Jorge Dias, Mary Allegretti, Miranda Smith, Revista Piauí, PT Nacional, Philly Cowell, Sérgio Vale, Sou Jovem do Futuro, Varadouro, Zezé Weiss

PARCERIA PRIMEIRA EDIÇÃO: GTA, COIAB, CNS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vozes da floresta / concepção e organização Zezé Weiss. -- 3. ed. -- Formosa, GO : Xapuri Editora, 2024.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-982136-3-3

1. Amazônia 2. Ambientalistas - Biografia 3. Memórias 4. Mendes, Chico, 1944-1988 5. Povos indígenas I. Weiss, Zezé.

24-229319 CDD-304.092

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ambientalistas : Biografia 304.092

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

*Capa, Festa na Floresta, Óleo sobre madeira, resina, urucum.*
*Ailton Krenak - 1998*
*Foto: Gessimar Medeiros*

*Ailton Krenak*

Xapuri EDITORA
CONTATO@XAPURI.INFO

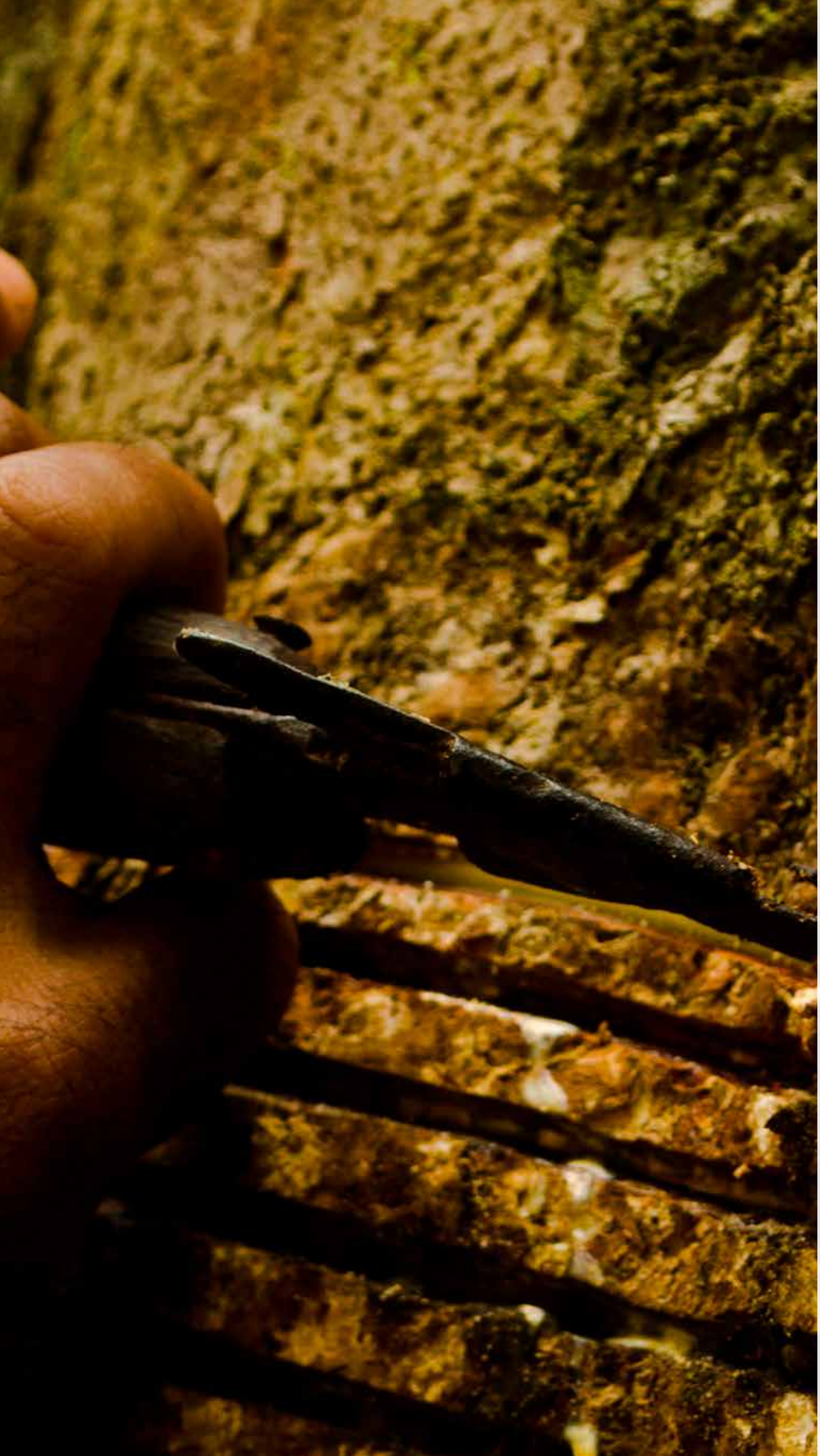
Miranda Smith

21.704 - Memória e Legado
Chico Mendes

Rio Branco (AC)

Convênio celebrado em
11/12/2023

FUNDAÇÃO BB



A questão da Amazônia consiste na defesa dos Povos da Floresta. Consideramos a questão da Amazônia um problema sério, que não passa mais, hoje, pelo discurso, e sim pela prática que temos que desenvolver daqui pra frente. A Amazônia está ocupada. Em todos os recantos há índios, há gente trabalhando, tirando borracha e, ao mesmo tempo, lutando pela conservação da natureza. Queremos propiciar uma política que garanta o futuro desses trabalhadores [e dessas trabalhadoras], que há séculos vivem na Amazônia e a tornam produtiva ao mesmo tempo. Enquanto existirem índios e seringueiros na selva amazônica, há esperança de salvá-la. Esperamos que as pessoas que lutam em defesa da  Amazônia possam realizar um trabalho que, de fato, consiga trazer uma esperança. Acredito que cada um [e cada uma] de nós tem uma missão e um compromisso muito importante em relação à defesa desta região. Essa luta não é só dos trabalhadores [e das trabalhadoras]: ela é de toda a sociedade brasileira.

Chico Mendes

ICMBio

# COMITÊ CHICO MENDES

O Comitê Chico Mendes foi criado na mesma noite do assassinato de Chico Mendes. Quando seus companheiros e companheiras que estavam em Rio Branco souberam da notícia, foram para a sede da Diocese de Rio Branco. Ali mesmo, um grupo de militantes das mais variadas organizações que estavam surgindo na época, como consequência do fim do regime militar, da reorganização política e do movimento ambientalista, firmou o compromisso de fundar o Comitê, com o apoio do Dom Moacyr Grechi. A princípio, o Comitê Chico Mendes tinha um objetivo muito direto: buscar justiça, para que o assassino e os mandantes do crime fossem presos, julgados e condenados. A realização anual da Semana Chico Mendes, a cada mês de dezembro, do dia 15 ao 22, datas respectivas do nascimento e do assassinato de Chico Mendes, e, mais recentemente, nos últimos seis anos, do Festival Jovens do Futuro, mantém uma definição muito clara do campo de atuação do Comitê Chico Mendes: apoio aos trabalhadores e às trabalhadoras da floresta na luta contra qualquer tipo de injustiça e impunidade; proteção da Floresta Amazônica e dos povos que nela vivem; defesa irrestrita e contínua da memória, do legado, dos sonhos e dos ideais de Chico Mendes; engajamento para a inclusão ambiental, social e econômica das pessoas, famílias e comunidades da floresta nos processos e projetos da sociobioeconomia e de justiça climática; e, de forma muito especial, inclusão de cada vez mais mulheres e jovens nessa nossa jornada. Agora, nesses 35 anos, com o apoio da Fundação Banco do Brasil (FBB), e com o nosso agradecimento ao CNS, à COİAB e ao GTA, que em muito contribuíram para a realização desta e das duas edições anteriores, reeditamos este nosso "Vozes da Floresta", um belo registro da nossa história coletiva, construída por aqueles e aquelas que tombaram na luta, pelos e pelas que seguem firmes na caminhada, para que as gerações presentes e futuras possam seguir, com a bandeiras de Chico Mendes, construindo a sua própria história.

Angela Mendes
Presidenta – Comitê Chico Mendes

Comité Chico Mendes

# O SONHO QUE CRESCE NO CHÃO DA FLORESTA

Thiago de Mello

Não frequentas mais,
de corpo comovido,
os espaços do mundo.
A medida do tempo não te alcança.
Ja ganhaste a dimensão do sonho,
és luzeiro da esperança.

Vinte anos são só um sinal
que a memória nos serve
para dizer que te amamos,
irmão dos mananciais.

Chegado foste ao mundo,
de coração já acreano
– a fronte estrelada,
o peito caudaloso –
para que te cumprisses
na construção do triunfo
do que no homem é grandeza,
é orvalho indignado e lúcida bondade.

Atendias e atendes altivos chamados:
a floresta e os seus povos
e, deixa que eu te diga,
o povo geral do mundo,
precisava e precisam
constantes da esperança
com que semeavas e semeias
o poder da descoberta
de que o amor é possível.

Os inimigos da vida,
com medo da aurora,
ceifaram ferozes
o teu caminho escrito
por indeléveis letras.
Só porque tivestes o dom de sonhar,
como convém e é bom,

com os pés fincados na verde verdade
do chão de cada dia.
Doidos por te dar sumiço
cuidavam que podiam
amordaçar a fé
no reinado da justiça
e converter em moeda
o esplendor da primavera.

Nem pressentir podiam
que és da estirpe de seres
destinados a durar
no caminho dos homens.
Agora inabalável,
prescindes do corpo
para prosseguir plantando
e repartindo sementes.

Perduras e és conosco.
Nos levas, te levamos.
Eis que a vida do homem
é o que ele faz e fala,
escreve e canta. Vives:
dás fundamento ao por vir.

A tua própria morte
nos alcança a fundura
mais azul do peito
com um brado companheiro,
que nos chama, nos clama,
é chama que nos chama
para amassar o barro,
preparar a pizarra
aparelhar os esteios
de massaranduba,
itaúba, pau d'arco
e, pacientes, construir
as esplêndidas cidades.

Com a mão da sagrada ira
escreves os algarismos sinistros
dos hectares de esmeraldas
devorados pela hedionda lâmina
de gás, fogo e ingratidão.
E logo nos atravessas
a espessura das cinzas
desviando os apelos das veredas injustas.

Por isso te canto, irmão.
Tu nos fazes capazes
(o ferrão da fera dói)
de cuidar do chão e do céu
deste reino da claridão
nosso berço e morada,
que nela e dela vivemos.

Avançamos pelas sendas
que ajudaste a abrir
e para que não nos percamos,
cuidadosos dos atalhos,
deixaste os candeeiros
da perseverança acesos
nos troncos das seringueiras,
nas sacopemas das sumaumeiras,
nas palmas das inajazeiras,
nas folhas das imbaúbas
que guardam o segredo do sol
e até nas favas morenas
da acapurana menina
tua companheira de empate.

É preciso dizer que às vezes
nos morde a sombra do desânimo
e nos estremece a fúria
dos terçados da opulência
que não dorme e é cheia de olhos.

É quando os pássaros da floresta
nos acodem confiantes
(as corujas prolongam
as suas despedidas das estrelas)
cantando as sílabas alegres
do teu nome de menino.

Vêm no meu canto o rumor
dos remos dos pescadores
a alegria da palmeira
abraçada pelo vento;
o papagaio banda-de-asa
dos meninos da várzea,
barrigudinhos, magrelos,
mas que já estão na escola
(às vezes dormem com fome,
viva o chibé de erva-cidreira).

Trago o grito enlouquecido
dos pássaros de asas queimadas
pelas brasas dos desumanos;
o suor contente das quebradeiras de
coco, das fazedoras de farinha d'água,
das amassadoras de açaí.

E termino este aceno de mão agradecida
com o abraço das crianças amazônicas
que ainda vão nascer, abençoadas
pelo majestoso arco-íris de amor
que se ergue, úmido de seiva,
das terras-firmes do Alto Xapuri,
com as cores de todas as
raças humanas.

Thiago de Mello
Barreirinha, Amazonas
Primavera de 2008

Leonide Principe

# CHICO MENDES
# HERÓI DO BRASIL

Chico talvez nem soubesse o que queria dizer ecologia e muito menos holocausto ecológico quando começou sua romaria pela floresta, para organizar a peãozada dos seringueiros. Primeiro, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, mais tarde, para criar o PT. Nessas caminhadas pela mata, ele acabou juntando em uma só bandeira a luta ecológica, a luta sindical e a luta partidária, porque sabia que elas são indissociáveis – uma alimenta a outra no mesmo ciclo da vida na floresta. E, feito inimaginável naquele tempo, para defender as mesmas lutas, sob a mesma bandeira, Chico liderou a união de indígenas, ribeirinhos e seringueiros na grande Aliança dos Povos da Floresta. Quando estive em Xapuri, no Acre, para ajudar na campanha do Chico a prefeito, em 1985, a barra já estava pesando. Os fazendeiros do Centro-Sul do Brasil, que tinham invadido a região, não escondiam de ninguém que Chico Mendes estava marcado para morrer. Logo o Chico, que foi um dos mais apaixonados defensores da vida que já conheci, homem tão puro e tão limpo como a água da chuva da mata, sua companheira inseparável. É em memória de todos os companheiros e companheiras que, como o Chico, tombaram em defesa da terra, da floresta e da vida, que seguimos lutando para implantar no Brasil as políticas públicas sonhadas por Chico Mendes. Políticas públicas voltadas para a construção de um modelo de desenvolvimento capaz de gerar riquezas para o país e para os Povos da Floresta e, ao mesmo tempo, preservar a nossa Amazônia para as gerações presentes e futuras. Lá num cantinho do céu, o Chico hoje deve estar feliz por saber que, nesses últimos 20 anos, nem nós esmorecemos, nem seu trabalho deixou de ser multiplicado por esse nosso Brasil afora. Nós hoje temos uma Amazônia melhor e um Brasil melhor. Como companheiro, celebro as vitórias alcançadas por todos e por todas nós, a partir dos empates de Xapuri. Como brasileiro, celebro Chico Mendes, herói do Brasil, por continuar servindo de norte para a nossa luta por dias melhores para todos e todas nós, especialmente para os Povos da Floresta.

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidência da República
Brasília – Distrito Federal
Primavera de 2008

PT Nacional

*“No começo, pensei que estivesse lutando para salvar as seringueiras, depois, pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade.”*

Chico Mendes

**Para**
**Iêda Vilas-Boas**
**Ykamiaba do Cerrado**
**parceira essencial na produção dos Vozes I e II**
**encantada em 08/04/2022**

# QUERIDAS COMPANHEIRAS, QUERIDOS COMPANHEIROS,

Organizar este livro é privilégio imenso, é honra maior que a uma militante se há podido dar em vida. Ganhei, de uma só vez, todos os prêmios: o coração de cada depoente, a confiança de cada liderança, a emoção da história contada na voz e no tom dos próprios Povos da Floresta. Homenagem, faço, fazemos: a Chico Mendes que, camarada da luta coletiva, recebe o terno contar das tantas memórias das muitas pessoas que construíram e constroem, com ele, essa bonita jornada de luta e de resistência. Jornada ao mesmo tempo simples e complexa: de gentes, de pessoas da floresta e de fora dela, de iguais – sem egos, sem cargos, sem títulos –, onde cada qual de nós, como nos sonhos de Chico Mendes, somos apenas seus queridos companheiros e suas queridas companheiras. Das lições aprendidas de Chico Mendes, um profundo agradecimento: a quem refuçou gavetas, cavucou memórias, escarafunchou documentos, contou causos, chorou saudades; a quem pesquisou, rabiscou ideias, organizou, roteirizou; a quem concedeu e a quem fez entrevistas; a quem transcreveu infinitas horas de gravações. Gratidão a quem escreveu, reescreveu, beneficiou textos, traduziu, revisou, editou, revisou de novo; a quem cedeu fotos, documentos, imagens, desenhos, bilhetes, artes e  poesias; a quem, generosamente, doou longas horas de exaustivo trabalho voluntário. A quem mobilizou lideranças, cuidou da logística, buscou e concretizou parcerias; a quem se tornou parceiro; a quem se fez parceira; a quem rachou noites; a quem teve paciência; a quem partiu antes do tempo; a quem ofertou ombro, casa e carinho. Só reconhecimento a quem transformou informação em bonitas folhas e páginas; a quem pintou a mais linda das capas; a quem contou a própria história ou a história dos Povos da Floresta; a quem prefaciou com o mais belo dos poemas; a quem fez bela apresentação do "Chico Mendes Herói do Brasil". E a quem, com a produção de mais esta edição do Vozes da Floresta, nos permite renovar, uma vez mais, este nosso inarredável compromisso coletivo com a defesa da memória e do legado de Chico Mendes.

Zezé Weiss

Leonide Principe

# SONHOS

Ailton Krenak

Apareceu um guerreiro com uma flecha na mão esquerda, e a ponta da flecha era como o pendão do trigo quando está maduro. O guerreiro flutuava e dançava. Era uma roda de guerreiros dançando a dança ritual dos Krenak. Ele me levou para um mundo do futuro e me colocou sobre um barco de luz. "Não tenha medo, é aqui que você tem sua herança. Você vai saber de onde veio e para onde está se dirigindo." Foi o sonho da tradição que me deu o caminho a seguir. Deu-me vitalidade e o sentido de estar conectado com os meus antepassados. Tomamos decisões importantes quando sonhamos. No sonho, enxergamos qual o melhor caminho a seguir. Se não conseguimos sonhar, nada acontece. Esperamos sonhar. Acompanhando meu pai, que ia perdendo o orgulho por estar na cidade, pensava no que eu estava fazendo neste mundo. Éramos seres estranhos, sem capacidade alguma, a errar pela metrópole. Sofria pensando que as gerações seguintes perderiam a noção de si e de suas origens. Pensava na necessidade de encontrar algum meio de recuperar a memória de conexão com os antepassados. Como manter o vínculo da terra ancestral com a cidade? Precisava encontrar um meio de voltar e encontrar a terra ancestral. A forte lembrança sobre a herança cultural era como se fosse uma paixão. Apaixonado é que consigo estar na porta do mundo ancestral. Quando tive o despertar de ser o herdeiro da minha cultura, veio-me a decisão de trabalhar com reverência e humildade para com a nossa tradição. Todavia, quando trabalhava arduamente, percebi as minhas limitações e o quanto sou pequeno para trabalhar sozinho.  Foi então que sonhei. Passei a receber ensinamentos dos sonhos, como é o costume da nossa tradição. Não é todo mundo que tem acesso à linguagem do sonho. Assim como há pessoas que dominam facilmente a linguagem dos instrumentos musicais, há os que se esforçam e não dominam. Do mesmo modo, há quem tenha vocação para o mundo do sonho. E os que têm vocação, ao acumular treinamentos e experiências, conseguirão entender essa linguagem. Por exemplo, entre os Xavante, há o "sonhador", que se especializa em sonhar. Ele vive uma vida de abstinência e treinamento espiritual para desenvolver esta capacidade. Para isso, ele tem um local de estudo, como se fosse uma universidade. Quando a aldeia se defronta com uma necessidade de saber o seu futuro, os Xavante recorrem a este "sonhador". Então, esperam dias seguintes até que ele sonhe. Logo que ouvirem o sonho, eles tomam a sua decisão. Ao contar o sonho que tive ao ancião sonhador Sibupá, do povo Xavante, ele me perguntou insistentemente sobre os detalhes. O rio estava cheio ou vazio? Qual o pássaro que apareceu? É assim que ele ensina sobre o significado do sonho narrado. Se sonhei com coruja, o significado é um. Jacaré já tem outro sentido. Os animais cumprem uma função de mensageiro e podem representar algumas situações. Como se pode estudar por livros, podemos aprender com os sonhos. Saber o que o meu sonho quer dizer me permite

decidir sobre o caminho a seguir. Sibupá também contou um sonho. No sonho, ele estava viajando pelo mundo. Viu florestas derrubadas, animais morrendo e muitas doenças. O mundo estava deplorável. Continuou viajando e, lá adiante, apareceu um velhinho ancestral muito antigo, que lhe disse: "Estou muito triste que a floresta está se extinguindo, o mundo adoecendo, e vocês permitem. Vocês precisam reerguer a natureza. Comecem a agir pela sobrevivência da floresta. Se a floresta se mantiver saudável, vocês serão felizes. Vocês são muito trabalhadores e esforçados. Mas precisam, de agora em diante, mudar o rumo das atividades, recuperar a floresta destruída, criar terras onde as crianças possam crescer em meio a suas culturas tradicionais." O sonho de Sibupá inspirou a criação do Centro de Pesquisa Indígena e mudou o rumo das minhas atividades. Foi na década de 1970 que o governo brasileiro iniciou grandes projetos de exploração em todo o território. Os indígenas de diversos lugares começaram a reagir. Fui procurar e encontrar lideranças e pajés, conversar com seringueiros e povos da floresta, com quem aprendemos muito. Em 1979, resolvemos fundar a UNI (União das Nações Indígenas). Nosso objetivo inicial era garantir a posse legal da Terra para impedir qualquer invasão dos brancos e criar uma rede com várias nações indígenas. Queríamos sair da dependência da FUNAI, promover educação e saúde nas aldeias com as mãos dos próprios índios, formar um centro de estudos e pesquisas sobre as nações indígenas, um congresso de representação indígena, criar nossas leis e obter autonomia. A atividade da UNI foi uma sucessão de dificuldades e barreiras. Era uma sociedade não legalizada, sem telefone, apenas com um pequeno escritório secreto em uma sala emprestada pela Igreja. Os membros da UNI passaram a enviar mensagens para todo mundo explicando nossos objetivos, o que resultou em apoio de vários lugares. Chegamos a receber doações de presidiários de Dakota do Sul, nos EUA; crianças alemãs promoveram um concerto de rock para arrecadar fundos, que nos enviaram; da Noruega e do Canadá também vieram doações significativas. Enfrentamos muito perigo e violência. Sofremos várias ameaças de sequestro. No Paraná, Angelo Kretã, liderança camponesa local, foi brutalmente assassinado pelos madeireiros. No Mato Grosso do Sul, Marçal de Souza, vice-presidente da UNI, foi assassinado. Eram lideranças que semeavam os sonhos da UNI, a favor dos povos locais. Entretanto, eles não conseguiram nos assassinar a todos. Sobrevivemos, conseguimos fazer com que a UNI crescesse e pudemos criar um laço de solidariedade com as diversas nações isoladas em vários cantos do Brasil. Estamos tentando legalizar a posse das terras. Mas estamos preparados para defendê-las? Conseguiremos repassar para as futuras gerações a herança que estamos recebendo? Para defender a cultura e continuar transmitindo-a para os jovens, precisamos começar com a semente, plantar e criar raízes fortes. Quando criamos o

Ailton Krenak

Centro de Pesquisa Indígena (CPI), em 1989, nós já tínhamos articulado a mobilização em torno da mudança de paradigma da Constituição de 1988. Foi assim que evitamos nos tornar uma nação de mestiços assimilados. Aquele ato foi apenas o começo. Agora, o mais importante é defender a Terra e como deixá-la para os nossos filhos. Quando os índios perderem a sua cultura, ficarão iguais aos brancos. Eu mesmo, se não fossem os meus antepassados, estaria bêbado e querendo ser político como eles. Para os indígenas, que são, em sua maioria, originários de culturas de caça e coleta, a floresta é o seu meio de subsistência, o lugar sagrado de onde aprendem a sabedoria da vida. O governo retira do índio a sua terra, convida madeireiros, pecuaristas, mineradores, posseiros, enfim, os diversos exploradores, que constroem estradas, hidrelétricas e enormes garimpos. A exploração destrói a base da vida dos índios, que, sem ter para onde ir, são engolidos pela sociedade de brancos, na sua classe mais baixa e empobrecida. Por exceção, há índios que conseguem estudar e se tornar advogados, e até mesmo deputado federal. Mas, de modo geral, há uma clara barreira de línguas e cultura, além de fortes preconceitos. Uma Krikati que se casou com um homem branco da cidade, ao retornar à aldeia, confessou: "Quando volto para a aldeia, me sinto em paz. Pois ali, na cidade, me sinto constantemente estressada, as pessoas não se ajudam umas às outras. Aqui na aldeia nem preciso fechar a chave de casa, posso conversar amigavelmente com todos." Por outro lado, quanto mais os jovens participam da educação globalizante trazida pelo governo, mais se distanciam das tradições e culturas. A cultura indígena, de convivência com a floresta, é contrastante em relação à cultura urbana, que visa a exploração e o desenvolvimento. O CPI era um estágio avançado da UNI, com o objetivo de criar harmonia entre tecnologia e natureza, introduzindo técnicas que fazem sentido para a vida indígena. Idealizamos viver em um lugar bonito e introduzir apenas técnicas úteis a esta vida. Mesmo para as pessoas que vivem na cidade, se souberem equilibrar utilidade com natureza, quem sabe a vida possa ser melhor. Assim como as águas dos rios enchem ou esvaziam de acordo com a estação das chuvas, é preciso aprender a respeitar o ritmo da natureza, aprender que existe tempo de abundância e de escassez. A palavra cidadania é bem conhecida: está prevista na Declaração Universal dos Direitos do Homem e em várias constituições. Faz parte deste repertório, digamos, branco. Já o enunciado de florestania nasceu em um contexto regional, em um momento muito ativo da luta social dos povos que vivem na floresta. Quando Chico Mendes, seringueiros e indígenas começaram a se articular, perceberam que o que almejavam não se confundia com cidadania – seria um novo campo de reivindicação de direitos (afinal, estes não são uma coisa preexistente, nascem da disposição de uma comunidade em antecipar o entendimento de que algo deveria ser considerado um direito, mas ainda não é). No final da década de 1970, antes da ditadura, o desejo do governo brasileiro era fragmentar as grandes extensões de floresta ao sul do Amazonas e no Acre, próximo das fronteiras com Bolívia e Peru. O jeito clássico de fazer isso era abrir estradas e levar colonos, mas, na tentativa de privatizar aquela área de maneira discreta e eficiente, inspiradas por Jarbas Passarinho e sua turma, o pessoal do Incra saiu oferecendo lotes para quem já estava lá. Acontece que, quando chegaram para fazer as linhas de colonização, os que se colocavam ao lado de Chico Mendes se levantaram, pois estavam no modo florestania e, assim como Gandhi e seus seguidores, organizaram uma resistência pacífica à atuação do Estado. Mulheres, crianças, homens, pessoas de todas as idades se postaram entre as árvores e as motosserras, cercando os caminhos de quem chegava para fazer demarcações e impedindo que o dedo urbano – fosse ele de geógrafos, topógrafos ou sismógrafos – apontasse finais dentro da floresta. Não queriam estacas nem lotes, queriam a fluidez dos rios, o contínuo da mata. Os indígenas viviam em reservas coletivas, e os seringueiros, que eram majoritariamente nordestinos que migraram para a Floresta Amazônica no final do século XIX, perceberam essa diferença. Depois de quatro, cinco, seis gerações dentro da floresta, o que eles queriam era viver como indígenas. Houve

ali um contágio positivo do pensamento, da cultura, uma reflexão sobre o comum, em que os seringueiros criaram as reservas extrativistas e equipararam o status dessas unidades de conservação de uso direto com os das terras indígenas. Mas nós sabemos que propriedade coletiva no Brasil não existe: mesmo as terras em que os indígenas vivem, pertencem à União. O cancro do capitalismo só admite propriedade privada e é incompatível com qualquer outra perspectiva de uso coletivo da terra. Em nossa disposição de constituir uma florestania, nós não queríamos nem mesmo ter CPF, mas a instauração de um novo direito pressupõe a movimentação de um enorme aparato de registros, documentos, certificações, cartórios... O que moveu o encontro desses povos foi o entendimento de que entre eles havia patrões: latifundiários que reclamavam a posse de vastas regiões de floresta, os seringais, onde tanto indígenas quanto não-indígenas eram submetidos à condição de trabalho escravo. Uma constelação de povos como os Kaxinawá, os Ashaninka, os Huni Kuim e tantos outros viviam oprimidos por essa situação favorecida pelo capital, na qual um patrão, que nem estava presente (podia estar em São Paulo, em Londres, em qualquer lugar do mundo), explorava a Floresta Amazônica – e suas gentes – por controle remoto. Ao nos insurgirmos para eliminar a figura do patrão, foi possível nos associarmos. A Aliança dos Povos da Floresta nasceu da busca por igualdade nessa experiência política.

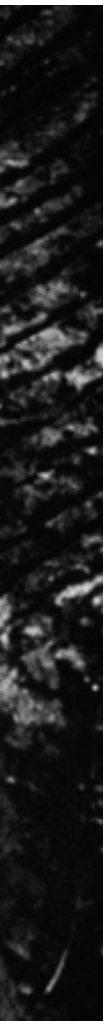
Ailton Krenak

Câmara dos Deputados

# UM SÁBIO SERINGUEIRO

Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, foi um homem da floresta por excelência. Simples, pobre, cheio de ternura e de alma limpa. Aos 5 anos de idade acompanhava o pai, também Francisco, em longas caminhadas pela mata densa. Aos 9, "cortava" seringa e produzia borracha como gente grande. Aos 44, já era um sábio seringueiro, tradutor de mistérios e mitos. Imagine um menino andando na mata entre cipós, tabocas, árvores gigantescas, espinhos e cheiros, muito cheiro e muita cor, e répteis e ruídos não codificados... Só podia ser uma experiência fascinante. Mistura de curiosidade e medo, como o ronco das guaribas nas copas fechadas, lá no alto. Assim ele formou seu imaginário, sua coragem, seu deslumbramento. E, sem nunca ter saído daquelas entranhas, se fez homem, original no andar, no vestir, no falar... para, enfim, plantar ideias de sustentabilidade no Acre, no Brasil e, de certo modo, no mundo. Acabou por contrariar os interesses daqueles que priorizam a ambição e o saque. No dia 22 de dezembro de 1988 foi morto no quintal de sua casa, na pequena e histórica cidade de Xapuri, pelo peão

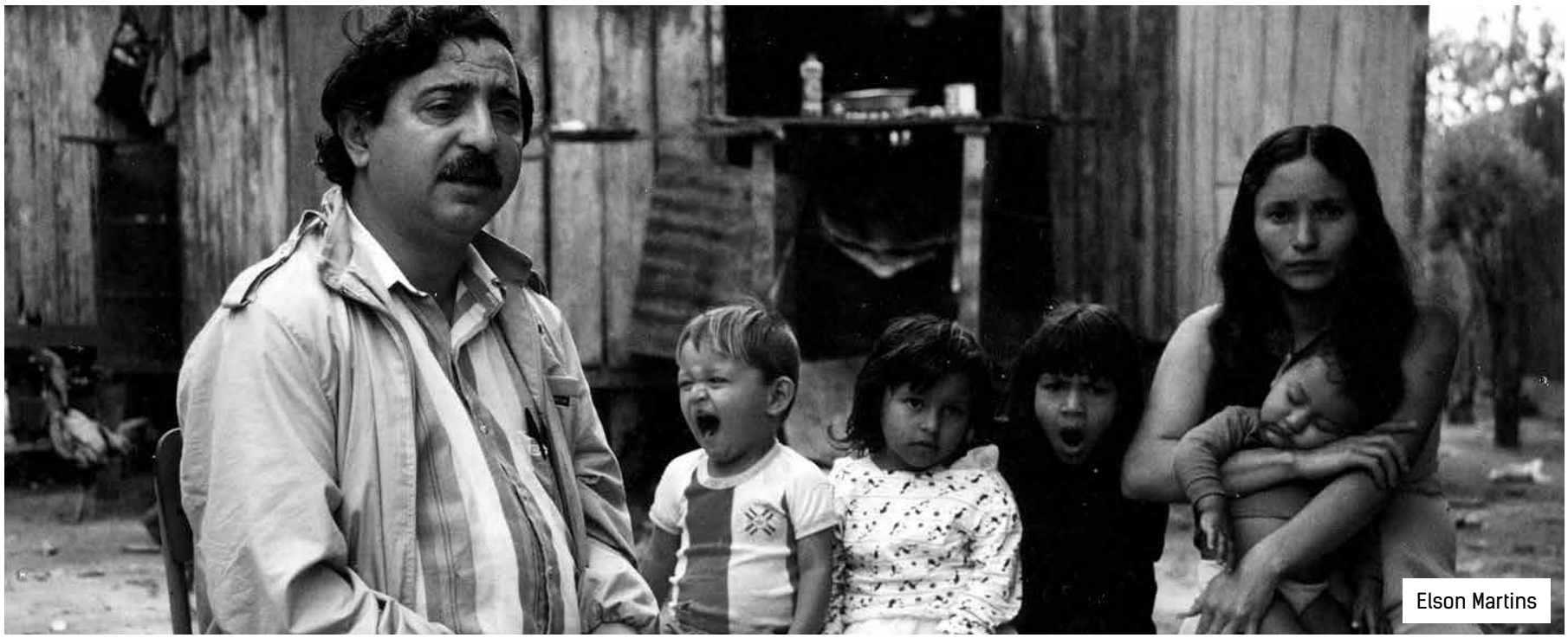
Miranda Smith



Darcy Alves, filho do fazendeiro Darli Alves, de tocaia, com um tiro de espingarda calibre 12 no peito e caroços de chumbo em cima do coração. Faz 35 anos que sua morte abalou e empobreceu o mundo. Ele completaria 80 anos de idade em 15 de dezembro de 2024. Em 1995, a pedido da revista N'ativa, publicada pela Fundação Garibaldi Brasil, da Prefeitura de Rio Branco, escrevi o texto "Muitos Chico Mendes" com a intenção de mostrar que o Acre é diferente por contar com inúmeros Chicos entre os Povos da Floresta: "Muitos continuam invisíveis: Eles estão entranhados nas matas da Amazônia desde 1877, ano da terrível seca que os empurrou do Nordeste para cá. Para conhecê-los é preciso entranhar-se também. Os seringueiros acreanos e seus semelhantes recebem suas visitas com uma quieta satisfação. Nada de beijos e abraços, ou palavras à toa ou olhares vagos. É chegar e fazer a leitura do amor nos gestos encabulados e na quase vergonha de se mostrar. Os Chicos são irmãos cúmplices da natureza e expressam a mais singela vontade humana de conhecer e se relacionar com o próximo. Eles sabem muito. E querem ensinar e repartir o que sabem, como se dominassem o segredo da vida na sua melhor e maior dimensão. A casa deles não tem porta. Você entra, come e dorme partilhando a intimidade que expõem, desarmados. E ninguém sai imune dessa relação, humana e completa. Não há como não imitá-los, se quisermos sobreviver à hecatombe de um modelo civilizatório que submeteu o homem ao desamor." Até meados do século 19, nos mapas antigos, o Acre era chamado de "terras não descobertas", mas ocupadas por indígenas, bichos e solitários aventureiros. Eram terras bolivianas e peruanas resultantes da partilha entre os impérios da Espanha e Portugal. Segundo o escritor de origem paraense, Abguar Bastos, foram os nordestinos-acreanos que, após a batalha da borracha na segunda metade daquele século, puderam dizer ao mundo: "Eis que demos um destino a esta solidão!" Sobre esse migrante intrépido do Nordeste brasileiro, Bastos disse numa bela introdução ao livro "A Conquista do Deserto Ocidental", de Craveiro Costa, que ele "veio de improviso, como uma nuvem de gafanhotos, e andou para adiante, mal-entrouxado, barbado, cabeludo, apressado e praguejante. O nordestino e o Acre eram dois destinos ainda sem comunicação com a vida: o primeiro à procura de uma terra que o recebesse, o segundo à procura dum povo que a tomasse. Um carregado de filhos. Outro carregado de rios". O novo e áspero mundo que aguardava os nordestinos, apesar de desconhecido por dentro, estava desenhado por fora, pelo capital internacional. Fora dividido em seringais para produzir borracha para a Europa vitoriana. Cada seringal tinha a sua "margem", junto a um rio, onde se instalava a sede da unidade capitalista; e o "centro", no coração da floresta, onde ficavam as colocações de seringa perto dos índios e no meio dos bichos. Na "margem", com acesso pelo rio ficava a casa do patrão seringalista, os barracos de agregados e o armazém do aviamento. Deste eram despachados e seguiam em comboios de burros para o "centro", mata a dentro, os produtos querosene, sal, charque, carne enlatada, farinha, feijão, fósforo, cartucho, pólvora e chumbo, entre outros. Seguiam também garrafas de cachaça, xarope Capivarol, brilhantina Glostora e outros supérfluos cobrados a preço de ouro. Na volta o comboio trazia a borracha, cujo preço avaliado no barracão – com a quebra no peso e erros na balança, ou nas anotações do caixeiro no mata-borrão – escravizava o seringueiro pela dívida impagável. Entre o homem proprietário da "margem" e o homem explorado do "centro", a diferença, segundo Abguar Bastos, era: "Um suava em meditação, o outro em sangue. Um devia dinheiro, o outro a vida. Um caía e levantava, o outro, caía e rastejava. Um podia ter dinheiro, o outro devia obrigações. Um sofria reclamando e exigindo, o outro sofria agradecendo e humilhando-se". Nesse tempo de desigualdades sociais e humanas, o capital internacional prosperava com o extrativismo amazônico. Na verdade, com uma única espécie da biodiversidade amazônica: a Hevea brasiliensis. E logo descobriu como prosperar mais rapidamente, plantando a espécie na Malásia. Em 1908, a produção asiática

acompanhada de ciência e tecnologia já superava a produção brasileira. Na primeira década do século 20 o Acre e seus seringais começam a definhar: as "margens" se esvaziam, e as relações entre seringalistas e seringueiros se alteram. Todos ficam desamparados. A agonia se estende até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando Estados Unidos e Europa ficam sem o látex controlado pelos asiáticos, parceiros de Hitler. Os norte-americanos decidem reativar os seringais amazônicos e o Brasil cria a figura do Soldado da Borracha. Uma nova leva de nordestinos é empurrada para a região com promessas e sonhos que não serão realizados. Em 5 anos terminou a guerra e, novamente, o capital foi embora, deixando um rastro de lamentações. O que germinou foi uma invisível sociedade que, nos anos 1970, emergiu sublevada, juntando seringueiros, ribeirinhos, índios e posseiros, dali pra frente conhecida como Povos da Floresta. Desde a descoberta por pesquisadores e aventureiros ditos civilizados, no século 16 a Amazônia sofre com o saque de suas riquezas naturais e com a agressão estúpida ao que tem de mais sagrado: sua tradição, sua cultura, seus Povos da Floresta e das águas. Situado no sudoeste amazônico, com 16,4 milhões de hectares de área, o Acre é filho dessa desventura. Sua história começa com o primeiro ciclo da borracha (1890 a 1912), durante o qual precisou enfrentar uma guerra com a Bolívia (1902) para tornar-se brasileiro. Na verdade, foi preciso protagonizar quatro insurreições: primeiro o jornalista cearense José Carvalho, escrivão e juiz de paz em Boca do Acre, juntou um grupo de seringueiros e expulsou os militares bolivianos alojados em Puerto Alonso, hoje Porto Acre; depois, apareceu o aventureiro espanhol Luis Gálvez Rodríguez de Arias, que criou a República Independente do Acre, rejeitada pelo governo brasileiro; veio então um grupo de poetas do Amazonas que não sabia como disparar um canhão e o perdeu para o exército boliviano; finalmente, o militar gaúcho Plácido de Castro levou a guerra a um desfecho diplomático em 1903. Os milhares de trabalhadores que migraram da seca do Nordeste para o dilúvio amazônico fizeram do Acre um grande produtor de borracha e um estado que chegou ao terceiro milênio como referência ecológica. Não antes de enfrentar a mais perversa patada histórica: a Ditadura Militar de 1964, que durou 21 anos e, na década de 1970, quis transformar a floresta em pasto para o boi. O Acre foi subitamente invadido por migrantes do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que receberam financiamento e incentivos fiscais com os quais compraram, ilicitamente, cerca de 5 milhões de hectares de seringais com famílias seringueiras dentro. Cerca de 40 mil pessoas socialmente desarrumadas foram expulsas para as sedes municipais e para a Bolívia, até se decidirem pela organização dos "empates". Assim nasceram as Reservas e os Assentamentos Extrativistas, o Partido dos Trabalhadores, o Conselho Nacional dos Seringueiros, a União dos Povos da Floresta, a Aliança dos Povos da Floresta e o Governo da Floresta, com o conceito (melhor dizer sentimento) de acreanidade e florestania. Dois ícones desse movimento - Wilson Pinheiro e Chico Mendes – tombaram assassinados pelos agressores. Mas o legado deles ficou, alimentando ações em favor de um Acre mais justo. O estado consegue salvar sua tradição extrativista e ambientalista, mas também "experimentalista", procurando conciliar interesses econômicos, ambientais, sociais e políticos. Chico Mendes nasceu no seringal Porto Rico, em Xapuri (AC), em 15 de dezembro de 1944. Os pais moravam na colocação Bom Futuro, sendo a colocação uma unidade de produção que ocupa, em média, 300 hectares de floresta densa com três "estradas" de seringa (caminho que acessa 150 árvores produtoras do látex). Na forma de pétala, a "estrada" tem partida e chegada no mesmo ponto: a casa do seringueiro numa pequena clareira aberta na mata fechada. As colocações se ligam à sede do seringal por um caminho mais largo, o varadouro, utilizado pelos comboios de burros que levam as mercadorias (aviamento) para o seringueiro e recolhem a borracha produzida. Em 1955, a família mudou-se para o seringal Equador, colocação Pote Seco, próximo ao seringal Cachoeira, ainda em Xapuri. Lá, aos 19 anos, Chico conheceu

Elson Martins



Elson Martins

Euclides Fernandes Távora, a pessoa que o ensinou a ler e pensar sobre injustiças sociais. Euclides era um tenente do Exército Brasileiro que tinha participado da Intentona Comunista organizada por Luiz Carlos Prestes, em 1935. Com a derrota de Prestes, foi preso juntamente com outros participantes na Ilha de Fernando Noronha, de onde escapou com a ajuda do influente militar Juarez Távora, seu tio, um dos generais da ditadura de 1964. Após a fuga, viveu no Pará, depois se exilou na Bolívia, onde participou de levantes armados com os mineiros bolivianos. Temendo ser preso novamente, atravessou a fronteira para o Acre. Em 1961 visitou a colocação do pai de Chico Mendes, distante 3 horas de caminhada da sua, interessando-se pela vida do jovem seringueiro. Chico passou a visitá-lo nos fins de semana para ouvir rádio (à pilha) e conhecer jornais velhos, com o novo amigo, que o ensinou a ver como acontecia a exploração do homem pelo homem nos seringais do Acre. Em 1965 Euclides adoeceu, viajou em busca de tratamento e Chico nunca mais o viu. Uma década depois, o Acre entrou em rebuliço, causando a desarrumação completa dos seringais, com os seringueiros, analfabetos e desamparados, sendo pressionados a abandonar suas colocações e a se tornar estatísticas de fome nas periferias urbanas. As famílias viviam aterrorizadas. Recebiam visitas de capatazes, jagunços, advogados e policiais (civis e militares), que exibiam documentos falsos da compra dos seringais e estabeleciam prazos para que saíssem das terras. Ao mesmo tempo, queimavam barracos, destruíam roçados e fechavam caminhos na floresta com a derrubada de árvores. Os policiais prendiam seringueiros e posseiros e os torturavam nas delegacias. Em alguns casos, obrigavam-nos a assinar acordos com os fazendeiros, tendo uma arma apontada para sua cabeça. Aflito, Chico Mendes percorria os seringais tentando organizar uma resistência. Em 1975 soube que uma comissão da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) estava promovendo um curso de lideranças sindicais em Brasiléia, na fronteira com a Bolívia, e foi pra lá. Fez o curso e participou da criação do Sindicato dos Trabalhadores no município. No dia 21 de dezembro, na hora da fundação do Sindicato de Brasiléia, ele estava tão eufórico que levantou suspeitas do delegado da Contag, João Maia da Silva Filho, que pensou tratar-se de um olheiro dos pecuaristas. A suspeita era infundada, Chico chamava atenção porque ajudava a maioria que

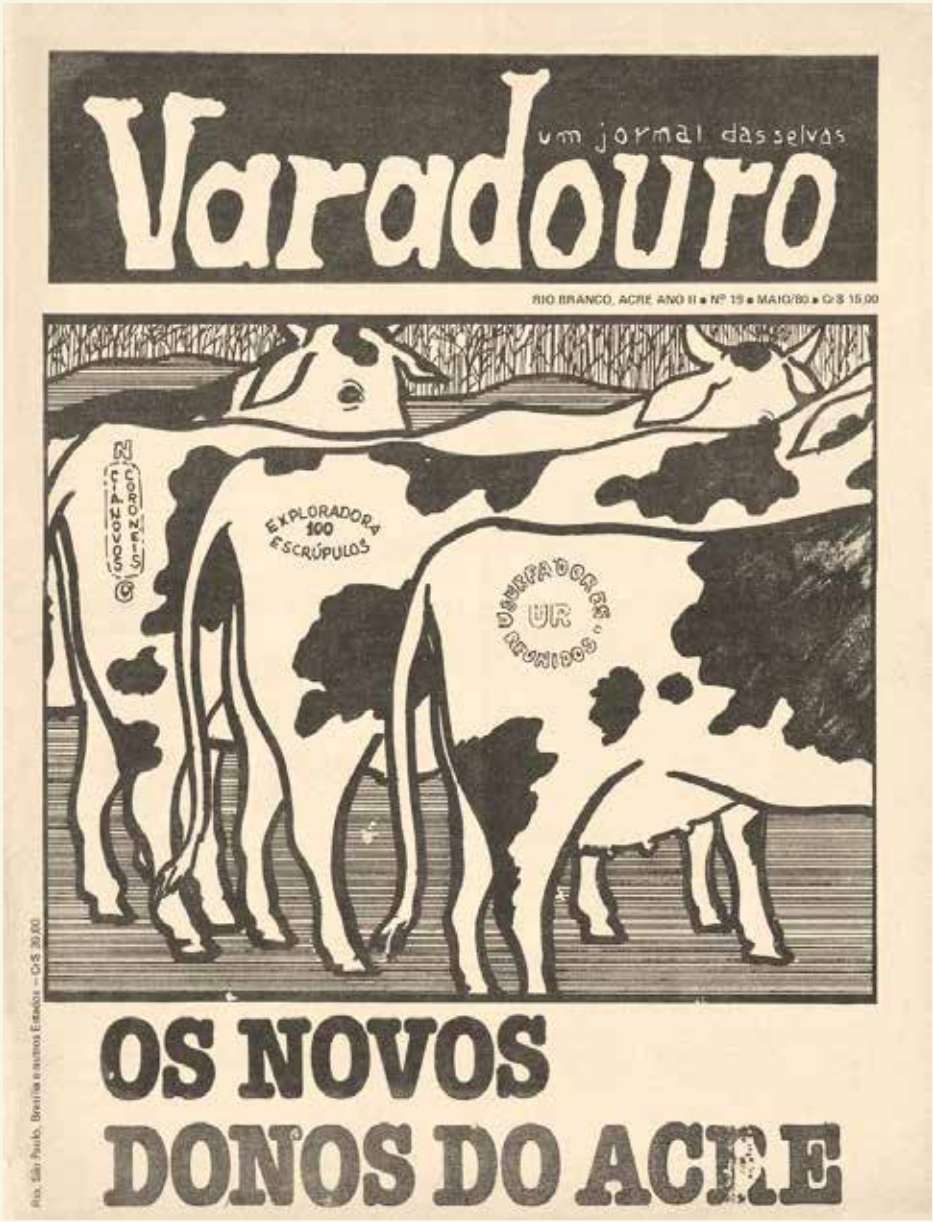
não sabia escrever a preencher a ficha de filiação. Acabou sendo eleito secretário-geral, compondo a diretoria com Elias Rosendo e Wilson Pinheiro. Para ele a prioridade, como lhe ensinou Euclides, era alfabetizar e conscientizar os seringueiros e posseiros para que lutassem contra a exploração e a expulsão das terras. E a Contag passou a ser uma grande aliada ao colocar à disposição da classe um bom advogado, o cearense Pedro Marques da Cunha Neto, que apresentou o Estatuto da Terra e o Código Civil como instrumentos jurídicos de defesa dos direitos dos trabalhadores rurais. Isso era novidade para quem nunca fora reconhecido como categoria funcional na legislação brasileira. O pai de Chico, seu Francisco Mendes, tinha uma das pernas defeituosa, o que lhe dificultava andar. Era um homem mal humorado, mas inteligente e contestador das regras do seringal. Sabia ler e escrever. Já a mãe, Iraci Mendes, de origem portuguesa, era alta, bonita, simpática e generosa. Chico herdara traços de ambos: inteligência, coragem, simplicidade. Casou duas vezes: a primeira, em 1969, com Eunice Feitosa de Meneses, no seringal Cachoeira, – com quem teve duas filhas: Angela Maria e uma outra, que morreu cedo. O casal separou-se em 1971, época em que Chico começou suas andanças, espalhando lições de resistência. Nessas andanças reencontrou Ilzamar, a quem conheceu menina e  havia se tornado uma bela jovem do seringal Santa Fé, que se tornou mãe de Elenira e Sandino, e em cujos braços morreu em 1988. A família, apesar dos encargos de sindicalista, que o mantinham afastado, era sua grande paixão. Em uma foto com Ilzamar e as crianças, ele deixou transparecer esse sentimento. "Por que não conseguimos ser felizes juntos?" – escreveu no verso, lacônico. A mãe de Chico engravidou 19 vezes e morreu de parto aos 42 anos. Chico teria 18 irmãos se a maioria tivesse vingado. Mas só sobraram 6, 4 homens e 2 mulheres – e ele era o segundo mais velho. No mesmo ano em que a mãe faleceu, Chico perdeu uma das irmãs e o irmão Raimundo. Passou a cuidar dos 5 mais novos enquanto o pai, cansado e doente trabalhava apenas na agricultura de

Elson Martins

subsistência. Hoje, seus parentes e amigos têm morada segura no seringal Cachoeira, desapropriado e ocupado por extrativistas que praticam o manejo comunitário e conceitos de sustentabilidade. O projeto é modelo de manejo comunitário no Acre e na Amazônia. Em março de 2007, encontrei em Brasília José Alves Mendes, o Zuza, irmão mais novo de Chico, com o qual mantive uma longa conversa sobre a vida de sua família. Eu queria saber como era o jovem Chico antes de se tornar o grande líder que se tornou. Zuza se tornara seu companheiro de lutas e, tal qual ele, vivia ameaçado de morte. Zuza falou com emoção da família marcada pela tragédia. Disse que Chico, aos 16 anos, tornou-se "pai e mãe" de uma escadinha de irmãos menores. A tragédia fustigava a família. O pai, Francisco, aleijado de uma perna, piorou ao cortar um cipó fino, com um terçado afiado, que quase decepou o joelho da perna sã. Desde então suspendeu o trabalho na seringa. Raimundo, que aos 14 anos era o xodó da mãe e ajudante do pai, queria mesmo era ser seringueiro. Insistiu tanto que o pai pediu ao Chico que abrisse para ele uma "estrada". Na véspera de se iniciar na atividade, entretanto, o pai deu a ele outra tarefa: matar um porco para tirar a banha usada como óleo de cozinha, depois levar comida para o grupo de seringueiros que, juntamente com Chico Mendes, se encontrava acampado na mata fazendo a limpeza de outras "estradas". Na época, Zuza tinha 7 anos de idade e vivia grudado a Raimundo. Os dois combinaram sair para o primeiro "corte" de madrugada, escondido do pai, a tempo de retornar no meio da manhã, antes da matança do porco. Assim, deixaram o barraco de mansinho, de madrugada, embrenhando-se na mata. Raimundo se vestiu a caráter: bermuda encarunchada, sapatos de seringa, facão na cintura, poronga na cabeça e uma espingarda calibre 12, carregada, atravessada no ombro. Lá na frente, num descampado conhecido por Taquara, os dois encontraram caído no caminho um tronco imenso. Foi preciso que Raimundo arriasse a espingarda para dar a mão ao pequeno Zuza. Com pouca luz e a emoção de se tornar seringueiro, deixou a arma escorregar sobre o tronco. A arma disparou e atingiu sua cabeça. "Foi horrível!" – lembra Zuza, que se assustou com o tiro repentino, a fumaça e o corpo de Raimundo caindo sobre ele. Quando procurou sair de baixo do irmão, apalpou sua cabeça e só encontrou miolos e sangue. Correu então aos gritos pela mata, no escuro, e por sorte cruzou com Chico Mendes que se desesperou também. Sua mãe não suportaria essa dor, pensou. Não suportou. Ao receber o filho morto, ela ajoelhou-se no terreiro da casa, olhou para o céu e suplicou: "Se existe um espírito, um Deus, peço que me leve com meu filho. Não quero mais viver". Desde então, passou a morrer um pouco a cada dia. Despedia-se de um e de outro, dava conselhos... impediu que chamassem a parteira de costume para cuidar dela e não deixou cortar a peça de murim para fazer fraldas pro filho que ia nascer. "Vai estragar a fazenda!" Chico chorava ao ver a mãe escolhendo a morte. Queria levá-la para a cidade, numa rede (não tinha estrada), para atendimento médico... A mãe implorava: "Filho, não se afaste de mim. Preciso lhe dar conselhos antes de partir." O pai, em pé, encostado à parede do quarto, também chorava aquela e outras dores, e resignado dizia: "Sua mãe vai morrer mesmo, Chico". Chico ainda tentou buscar socorro numa última colocação, mas a mãe lhe disse: "Chico, se acalme. Você terá que ser pai e mãe dos seus irmãos pequenos. Não deixe que eles passem fome!" Transtornado, ele seguiu em prantos em busca de ajuda. Quando retornou, dona Iraci já tinha morrido. Ele a viu inerte, com sua tez branca, os cabelos loiros e cacheados, sem a voz doce e conselheira que repetia, repetia... Era a imagem de uma mãe de seringal que, em situação inesperada, emparelha fragilidade e força, ternura e frieza, escuridão e luz. Assim, de dor em dor, Chico aprendeu a ler, pensar e agir. Não somente para criar os irmãos, mas também liderar os empates, defender a floresta, criar as Reservas Extrativistas, garantir a permanência dos seringueiros em suas colocações. Na época, Chico ainda andava sem rumo. Completou sua formação educacional frequentando o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e por iniciativa própria procurou organizar um grupo para discutir a criação de cooperativas para conquistar a autonomia dos seringueiros. Também se interessou pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da igreja de D. Moacyr Grechi, através das quais conquistaria mais aliados. Em 1979 a superintendência local do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) deixou vazar um relatório preocupante, nomeando os pretensos novos donos do Acre. O documento registra 218 latifúndios por dimensão que somam 5,8 milhões de hectares, e 3.102 latifúndios por exploração abrangendo 6,4 milhões de hectares

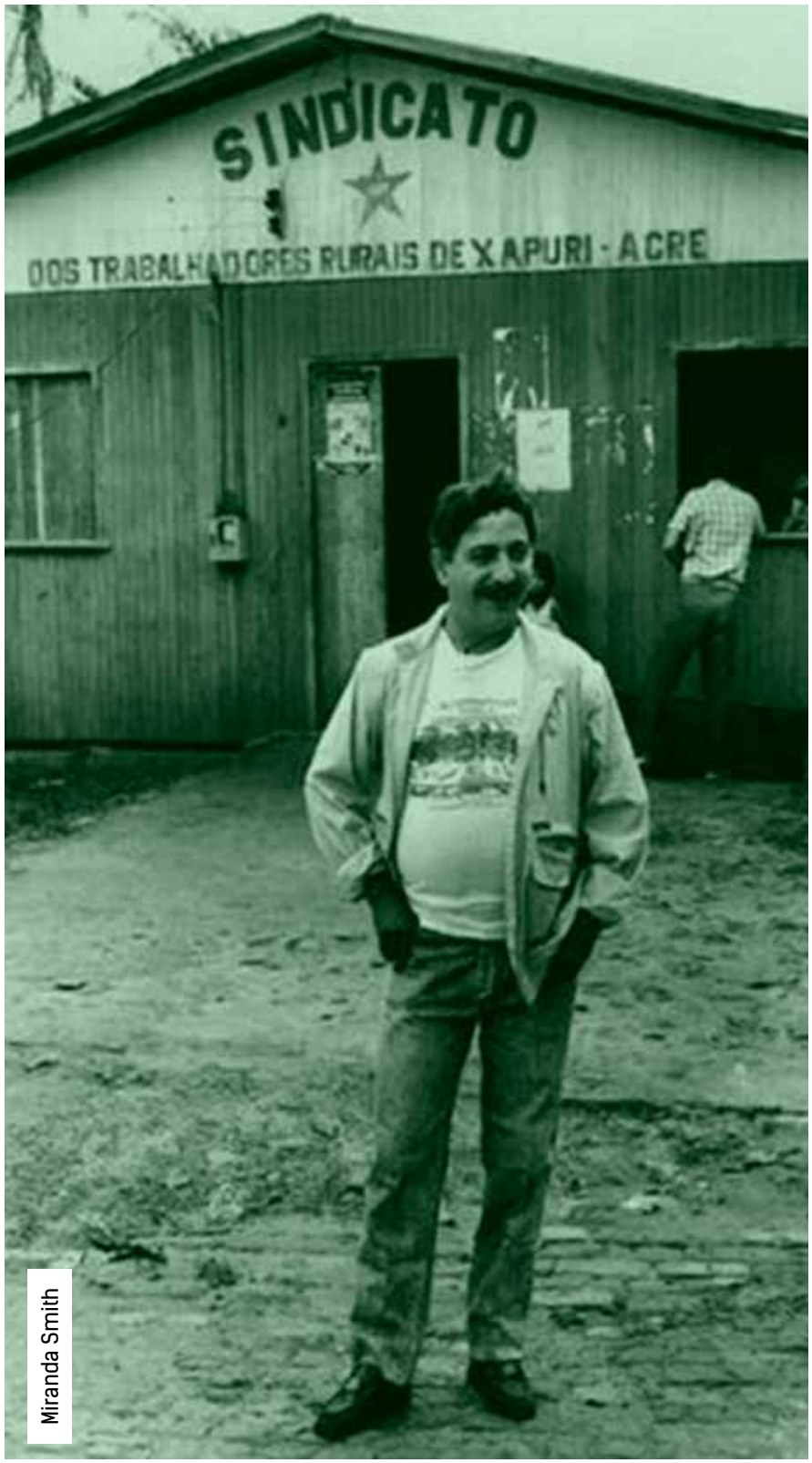
(quanta desigualdade!). Finaliza afirmando que 80% das terras acreanas (16,4 milhões de hectares) se encontram nas mãos de latifundiários, grileiros e especuladores". O jornal Varadouro, – alternativo que nasceu para apoiar a luta dos seringueiros, ribeirinhos, posseiros e indígenas, em sua edição nº 19, de maio de 1980, publicou uma lista deles: Agropecuária Cinco Estrelas S.A.; Grupo Cruzeiro do Sul; Fazenda Boa Esperança, de José Bento e Pedro Bento Valias; Fazenda Morungaba, Agronorte e Condomínio Tarauacá, todos de Agapito Lemos; Condomínio Acurawa, trabalhando com três empreiteiras e 30 subempreiteiras sob a responsabilidade de um paraguaio de nome Pablo. Ao todo somam 1 milhão e 300 mil hectares em Tarauacá, no Vale do Juruá. A Paranacre (Cia Paranaense de Colonização Agropecuária e Industrial do Acre), também em Tarauacá, representada pelo grupo Viação Garcia e outros, dizia explorar pecuária e seringa em 600 mil hectares. No vizinho município de Feijó, a Cia de Desenvolvimento Novo-Oeste, do Grupo Atlântica Boavista havia adquirido 510 mil hectares. Também em Feijó, nas cabeceiras do Rio Envira, a Fazenda Califórnia (Grupo Atalla) detinha 427 mil hectares, mas procurava legalizar 604 mil. Na sede da fazenda eram vistos indígenas do povo  Kulina desempenhando atividade de vaqueiros. Nos vales do Acre e do Purus a situação era mais tensa, porque o acesso às áreas conflitadas era facilitado, para agressores e agredidos. Em Xapuri, sobretudo, o capataz da Bordon, Tomás, reagia com violência aos empates. De tanto brigar com os seringueiros, a empresa desistiu do projeto no estado. Em Brasiléia, terra de Wilson Pinheiro, a Fazenda Carmem (no Seringal Carmem) tentou "limpar" a área através de acordos desfavoráveis aos posseiros. O caso mais escandaloso foi o da Coloama (Colonizadora Agropecuária São Paulo Amazonas S.A.). Seu projeto inicial, que previa a construção de uma cidade com prédios de até 12 andares para seringueiros, estava aprovado para ser desenvolvido no sul do Amazonas, mas houve um impedimento legal por localizar-se em área de 500 mil hectares a menos de 150 metros de uma estrada federal. O proprietário, Pedro Aparecido Dotto, de Jales (SP), não se aperreou: transferiu o projeto para Sena Madureira, no Acre, sem nenhuma modificação. Tinha a garantia de CR$ 40 milhões do Probor, Proterra e Basa, mas o Incra solicitou a anulação de seu registro de colonizadora e iniciou discriminatória judicial para impugnar a

Elson Martins




documentação dos imóveis. A colonizadora pretendia regularizar uma área de quatro milhões de hectares. Os fazendeiros contratavam peões e jagunços fora do Estado, para não criar embaraços com laços familiares se o fizesse com os locais. E também porque uma boa parte dos seringueiros não concordava em cortar árvores seringueiras e castanheiras, muito menos tocar fogo na mata. A mão de obra era importada de Cascavel e outras cidades do Mato Grosso e Paraná. Essa gente era recolhida nas delegacias de polícia, por isso viajavam de ônibus, com roupa suja e de cabeça raspada. O pecuarista Benedito Tavares do Couto, de Mato Grosso, chegou a contratar um Boeing 737 para trazer 70 operadores de motosserra até Rio Branco. O delegado regional do Ministério do Trabalho, Humberto Brasiliense, acompanhou a equipe da Contag algumas vezes, para averiguar denúncias da existência de cemitérios particulares existentes nas áreas de desmatamento. A força dos 8 sindicatos criados pela Contag apareceu no empate que recebeu o nome de "Mutirão contra a Jagunçada". Aconteceu em setembro de 1979 às margens da BR-317, nas proximidades da cidade de Boca do Acre, ao sul do estado do Amazonas. Posseiros da área estavam sendo ameaçados por jagunços mantidos por um rico pecuarista de São Paulo, interessado nas terras do Seringal Senápoles. Eles reclamaram que os jagunços usavam metralhadoras e rifles para matar animais domésticos e assustar as famílias com disparos ao anoitecer. Os sindicatos juntaram 300 homens para enfrentar os agressores. Os jagunços, em número de 12, correram para o mato e foram acolhidos por pecuaristas vizinhos que os transportaram de carro e de avião monomotor para outros municípios. Mas os sindicalistas prenderam o capataz e 45 peões, que só foram liberados após serem submetidos a uma espécie de tribunal montado no meio da estrada (BR-317). Eufórico com o resultado, Wilson Pinheiro deu entrevista à rádio de Brasiléia afirmando que os sindicatos não iriam, a partir daquele momento, permitir que nenhuma árvore fosse derrubada em todo o estado. A resposta dos fazendeiros foi imediata e raivosa:

"Se é assim, vão aparecer muitas viúvas no Acre!" A primeira delas foi a esposa de Wilson, Terezinha Pinheiro, cujo marido foi assassinado de tocaia, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, no dia 21 de julho de 1980. Como de outras vezes, a polícia encontrou dificuldades de identificar e prender os criminosos, mas os trabalhadores, quando voltavam do velório, mataram o principal suspeito, o capataz Nilo Sérgio, que encontraram na estrada entre Brasiléia e Assis Brasil. O metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva esteve no velório e discursou dizendo: "Tá na hora da onça beber água"; por isso foi indiciado pelo Ato Institucional nº 5, criado na Ditadura Militar, juntamente com João Maia, Chico Mendes, Joaquim Francisco da Silva (presidente nacional da Contag) e o líder metalúrgico Jacob Bittar, do ABC paulista. Chico Mendes assumiu o comando do movimento a partir de Xapuri. O novo líder conquistou aliados para a resistência acreana na cidade, no país e até no exterior. Em 1985, criou o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), que colocou em discussão temas como Reserva Extrativista, exploração comunitária e nacional da biodiversidade amazônica, unidades de conservação, demarcação de áreas indígenas, estudos de impacto ambiental nas estradas e outros projetos abertos na região. A luta de Chico Mendes foi monumental e perigosa. Nos anos 1970 e 1980 espalhou-se uma energia ruim no estado inteiro. A sociedade extrativista se contorcia de dor, mas quase ninguém se importava. As vantagens, os direitos, as leis, as oportunidades oferecidas pelo regime militar excluíam o pioneirismo e a tradição da terra. As motosserras roncavam na floresta e o fogo seguia atrás, queimando a paisagem. Quem mais se preocupava com o futuro da tradição extrativista eram os subletrados da floresta, como Chico Mendes. Foram eles que reagiram com os empates e trouxeram o conflito para a cidade. A Universidade Federal do Acre (Ufac), cujo perfil foi objeto de estudo do especialista Oswaldo Sevá, professor da Unicamp, concluíram que a instituição era "tranquila demais para a sociedade efervescente que a cercava". O reitor Áulio Gélio recebia recados desaforados dos coronéis da ditadura, morria de medo deles, mas metia medo nos professores e alunos. Àquela altura, Chico já era um experiente palestrante e tinha formado uma boa lista de aliados. Entre estes, a antropóloga Mary Allegretti, que o conhecia desde 1978 e não o  largou mais; o assessor de Bill Clinton (ex-presidente dos Estados Unidos), o antropólogo Steve Schwartzman, com estudos realizados na Amazônia, e Adrian Cowell, cineasta britânico que acabou realizando o melhor filme documentário sobre Chico Mendes, "I Want to Live". A imprensa do Acre, na década de 70, se submetia às normas do regime militar. Havia um único jornal diário circulando na capital, "O Rio Branco", da rede dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. A TV Acre, afiliada da Rede Globo e as emissoras Rádio Difusora, do estado, e Novo Andirá, do ex-governador Wanderley Dantas (1971-1974), apoiavam a ideia de "bovinização" dos seringais. Os conflitos no Acre passaram a ser divulgados quando os jornais O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil estabeleceram correspondentes com atuação no estado, a partir de 1975. Dois anos depois (1977), começou a circular o jornal alternativo "Varadouro", com o slogan "Jornal das Selvas", tendo Elson Martins (Estadão) e Silvio Martinello (JB) como fundadores. As 6 primeiras edições foram pagas com um empréstimo obtido com o bispo Dom Moacyr Grechi, que antes tratava com limitações os conflitos no jornalzinho mimeografado "Nós, Irmãos". O que acontecia no Acre tinha algo de incomparável com o conhecido em outras regiões. A insatisfação com a ditadura era comum, mas se distinguia no discurso e nas formas de resistência. O que Chico Mendes trazia da floresta era novo para os que lutavam na cidade. Tinha menos código, mais transparência. Chico contemplava as alianças consideradas impossíveis. Afinal, antes da criação do PT, tinha sido eleito vereador pelo MDB em Xapuri com o apoio declarado de seu patrão, um seringalista. A luta dos seringueiros em defesa da floresta e de todo o ambiente acreano ganhava aos poucos a simpatia dos seringalistas que não queriam ver a mata no chão. Chico soube cercar-se e aprender




Miranda Smith

lições de pesquisadores, ambientalistas, cientistas políticos, lideranças dos sindicatos, partidos de esquerda, mas ,sobretudo, utilizar a imprensa. Com genialidade, ele queria tornar a luta dos seringueiros e índios do Acre planetária. Ele chamou a atenção para o valor da floresta e das populações tradicionais, para suas culturas, seus sentimentos e crenças. A partir de março de 1989, meses após ser assassinado, foram criadas as Reservas Extrativistas onde os seringueiros permaneceram em suas colocações sem mais ameaças. A proposta tornou-se modelo de reforma agrária para a Amazônia e outras regiões do país. Hoje os Povos da Floresta são libertos e defendem o desenvolvimento sustentável com base na exploração racional da biodiversidade amazônica. No Acre, mais de 50% das terras estão protegidas por Unidades de Conservação e todas as Terras Indígenas foram demarcadas. No total, o estado tem cerca de 80% de floresta em pé. Em 1998 o partido (PT) que ele ajudou a criar em 1982, ganhou o Governo da Floresta inspirado em suas ideias. O planejamento, a ciência, a tecnologia e a tradição acreana orientam a construção de uma nova sociedade amazônica. O Acre é hoje o estado amazônico mais conhecido no mundo por praticar a economia de baixo Carbono, com apoio de bancos internacionais como Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Banco Mundial (Bird) e o KFW (alemão). Seu "desenvolvimento sustentável" prioriza a defesa do meio ambiente global. Após 20 anos de governo petista no estado, iniciado em 1999, as lideranças políticas de esquerda não vivem ameaçadas como antes, mas perderam parte de sua força por desmobilização. Andam perdidos no meio da burocracia e da centralização do governo que criaram e que 2022 teve um governo bolsonarista. O Acre continua sendo um estado amazônico com ares de sustentabilidade, mas as ameaças reaparecem. Está cada vez mais difícil identificar os riscos e também as lideranças que possam enfrentá-los com consciência política. O governo tem dificuldades, hoje, de reconhecer os protagonistas preferenciais do desenvolvimento acreano. Os povos indígenas, os ribeirinhos e

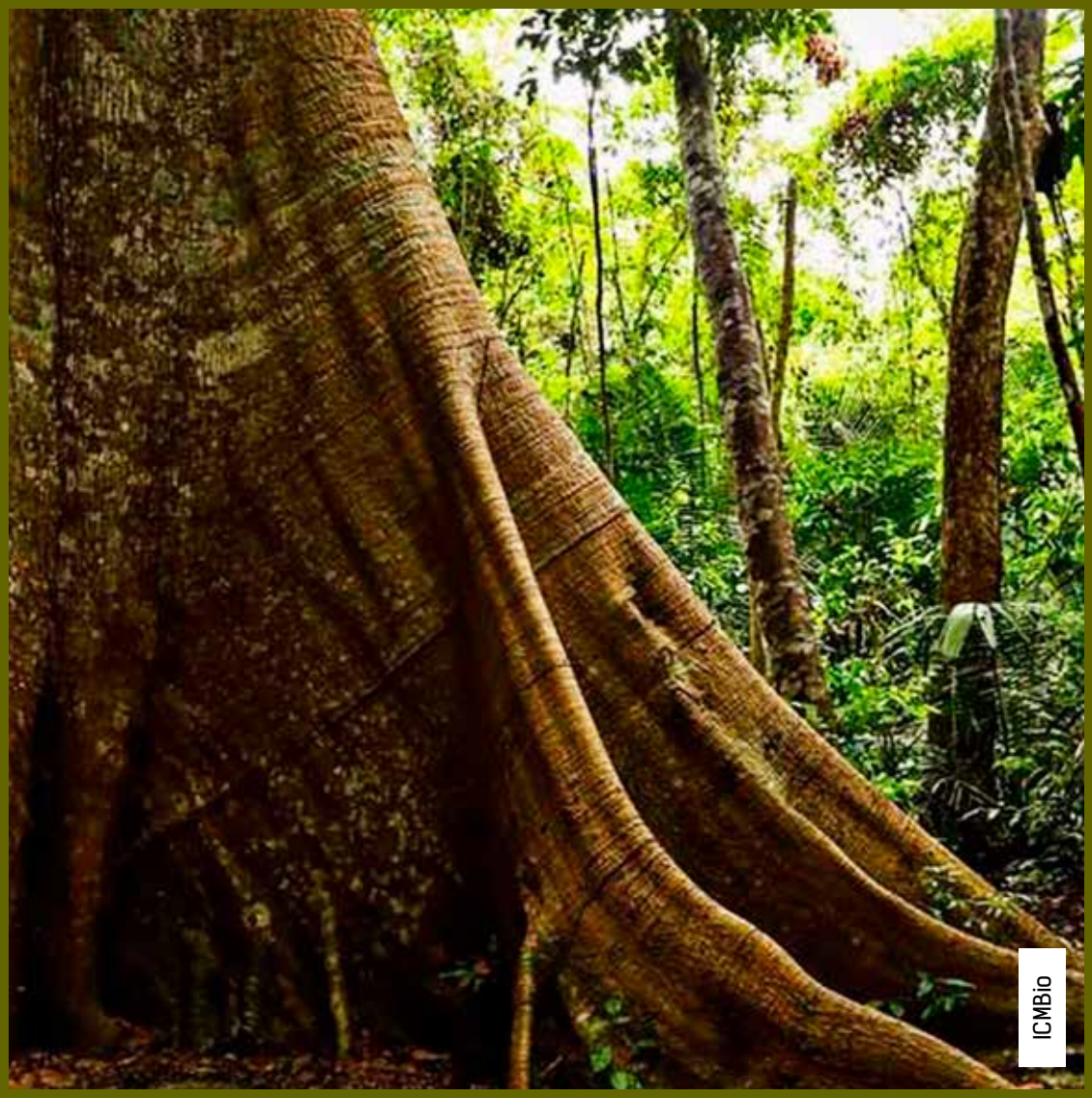
os seringueiros não são mais tão miseráveis quanto antes. Os extrativistas, agora monitorados pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes da Biodiversidade), já contam com alguma ciência e tecnologia para explorar os recursos da floresta. Mas não desapareceu a tentação da pecuária e do agronegócio, o que leva a pensar em novos empates. A antropóloga Mary Allegretti diz que Chico Mendes foi a primeira pessoa a afirmar que a floresta vale mais em pé do que desmatada. Os cientistas teriam levado mais tempo para ter certeza disso. O diretor do Museu da Amazônia (MUSA) em Manaus, o físico e biólogo Ennio Candotti [1942–2023], concorda que a maior riqueza da região é revelada pela pesquisa dos microrganismos a partir das plantas encontradas nela. Num artigo publicado no site do museu, Candotti faz uma comparação animadora a respeito da molécula Bergenina, extraída da planta Uxi-Amarelo: "uma grama de ouro vale de 200 a 300 reais; já uma grama de bergenina vale 1 milhão de reais". Quanto vale 1 hectare de floresta derrubada para alimentar apenas duas cabeças de gado? Chico Mendes saberia responder. Em tempos desfavoráveis, de ditadura militar e de pouco caso com a Amazônia, ele, fora dos padrões da intelectualidade, falando e escrevendo com pouca instrução, foi se revelando revolucionário, universal e amoroso, capaz de enfrentar agressores insanos e de ensinar seus companheiros a lutar por uma vida simples e natural. Chico Mendes falou, escreveu, viajou, gritou para o mundo em defesa do meio ambiente. E encheu de lágrimas e orgulho os olhos desamparados da Amazônia.

Elson Martins

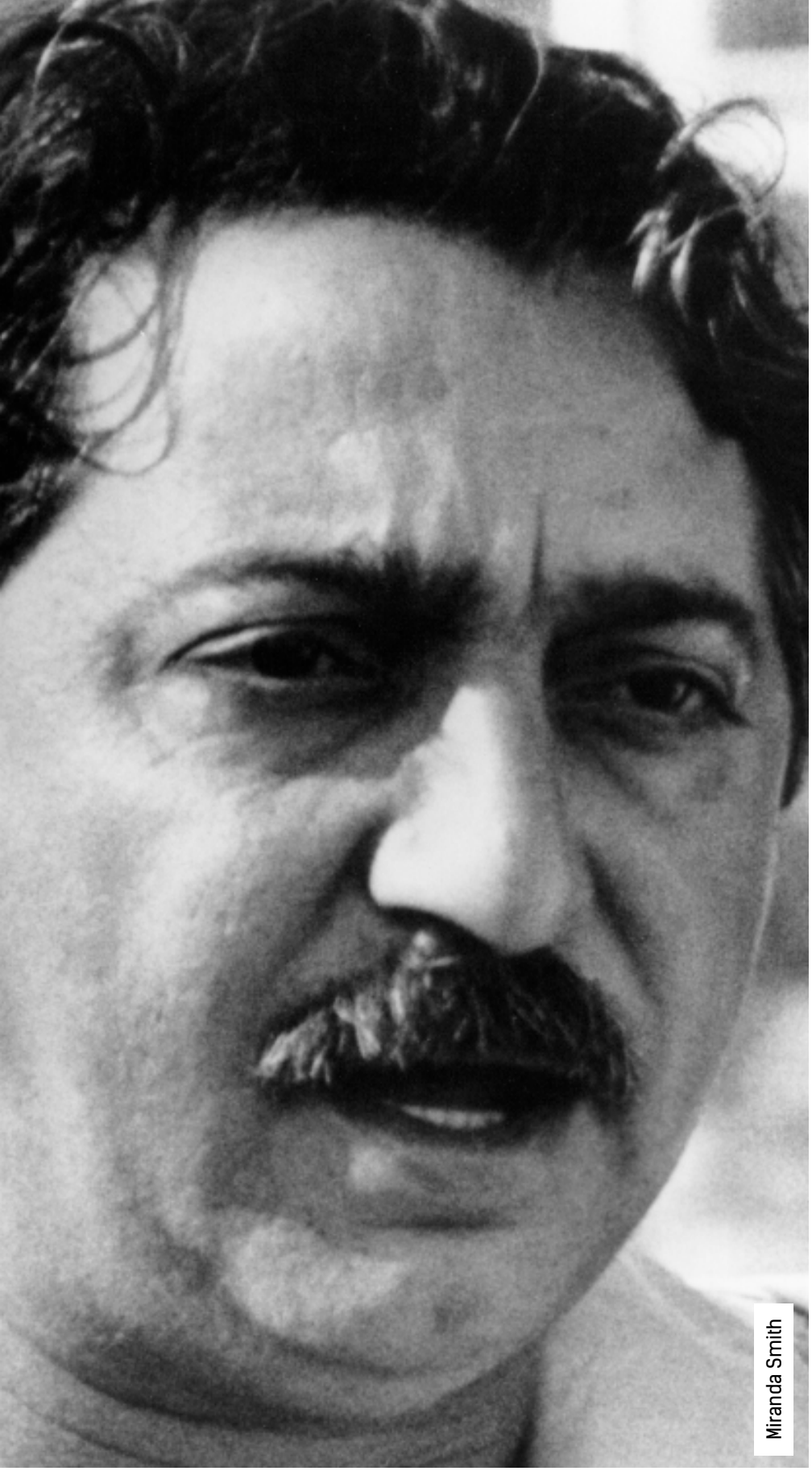
Philly Cowell

# ÍNDICE


RAÍZES 43
MEMÓRIA 73
RESISTÊNCIA 107
CARTA DE UM SONHO 189
LEGADO 207
“O GRITO VERDE QUE ANDA” 293
“SABIA QUE CHEGARIA, A MORTE SEM AVISAR” 309
GLOSSÁRIO 349
REFERÊNCIAS 364
TXAI 366


ICMBio

# RAÍZES



Miranda Smith

Aqui, o patrão não deixava o filho do seringueiro ir pra escola. Era radicalmente proibido escola em seringais. Eu, por exemplo, comecei com 9 anos, engatinhando, aprendendo a andar na mata para cortar seringa e ajudar meu pai, porque tinha que contribuir para o aumento de produção do patrão. Se eu fosse pra escola, se fosse criada uma escola, o que aconteceria? A produção ia diminuir, porque os filhos dos seringueiros iam ter que ir pra escola, iam perder tempo, então o patrão não deixava. O que acontece? 99% dos seringueiros, dos filhos dos seringueiros eram todos analfabetos. A história do meu estudo parece até subversão. Nessa época nós [éramos] muitos jovens juntos e não sabíamos de nada. Tive sorte, meu pai sabia um pouquinho, o ABC. [Mas] a minha sorte mesmo foi que, no seringal que a gente trabalhava, na região que eu morava naquela época – que estava a uns 5 ou 6 quilômetros da fronteira com a Bolívia – descobri um exilado político, um companheiro de [Luiz Carlos] Prestes, que foi da Intentona [Comunista] de 35. Ele foi preso na ilha de Fernando de Noronha. Conseguiu fugir, veio para o Pará, fugiu de Belém, num navio, de calção, foi pra Bolívia, envolveu-se nos movimentos de resistência dos operários bolivianos, [em um] tempo de repressão na Bolívia. Ele não teve como escapulir: ficou encurralado e preferiu a opção pela mata, pela floresta. Ele tinha um barraco a aproximadamente 7 quilômetros da fronteira com a Bolívia. Um dia, uma tarde, quando a gente chegava do mato, esse companheiro chegou

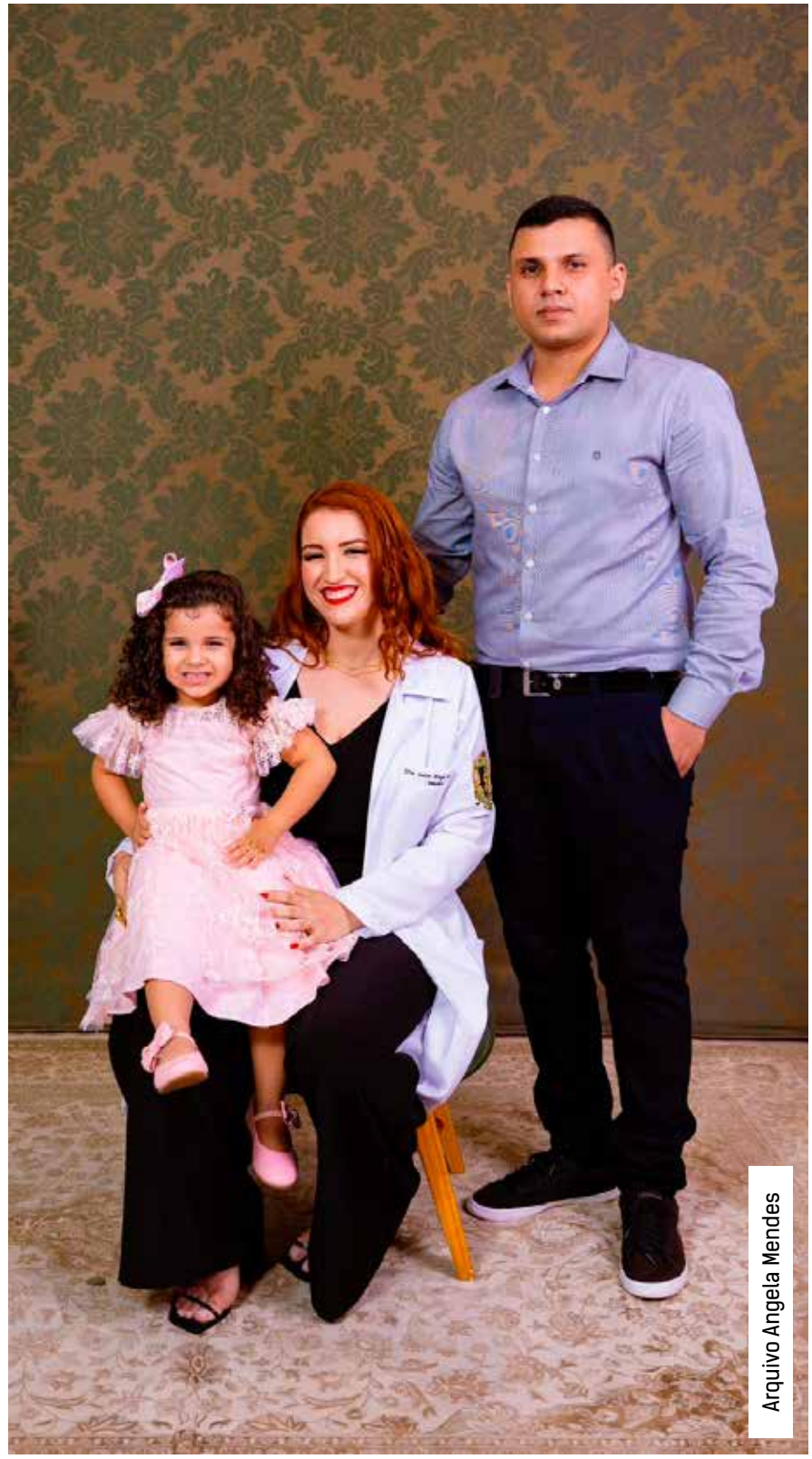
na nossa casa. A gente estava defumando. Ele se agradou de mim, fez um pacto com meu pai para, nos finais de semana, eu caminhar 3 horas de pés numa varação, na selva, para chegar no barraco dele, que ele se interessava em me ensinar a ler. Minhas aulas foram feitas através de recortes de jornais que eu não sei como é que ele recebia. Ele também tinha um rádio e parte das minhas aulas, era o seguinte: uma noite, se ouvia os comentários em português da Voz da América, eu não tinha conhecimento com os noticiários internacionais até essa época. Não entendia, igual aos outros meus companheiros, eu também não entendia. Aí ele começou a me explicar aquela ideia. Ele começava a dizer o que significava aquela ideologia dos americanos e tal. No outro dia, ele me fazia ouvir os comentários da BBC de Londres. Minhas aulas eram essas, com o rádio. No outro dia, ele ouvia o comentário da Rádio Central de Moscou. Era na época de 64, tempo do golpe militar [e a Rádio Central de Moscou] dizia o seguinte: "Olha, tantas lideranças sindicais no Brasil estão sendo torturadas. Enviamos a nossa solidariedade internacional aos patriotas brasileiros, que estão sendo torturados, vítimas da repressão, da Ditadura Militar que foi articulada pela CIA". Era assim que ele me ensinava. A Voz da América dizia: "A Revolução Democrática e Popular no Brasil, o perigo do Comunismo". Aí ele tirava uma noite pra me explicar a situação, a posição desse aqui, a posição desse [outro]. Nessa época eu tinha 19, quase 20 anos. Mas a gente começou em 62, 63. A BBC de Londres fazia um paralelo: ela dava a notícia de um lado e do outro. Então ele dizia: "Ó, a BBC de Londres é uma rádio mais ampla, ela não defende a ideologia dos ingleses, do governo, ela divulga o que acontece no mundo". Ele me orientava a ficar mais sintonizado com a BBC. Este homem me explicou que durante aquele período que a gente tava enfrentando, o que estava acontecendo, apesar de estarmos isolados. Mas quem sabe, Chico – daqui a cinco, dez, oito anos – o movimento de resistência dos trabalhadores vai começar a surgir. Vão criar novos sindicatos, a ditadura vai ter que aceitar. Agora, tudo isso vai ser controlado pela ideologia militar. Todos esses sindicatos vão ter intervenção", e foi o que houve, mesmo. "Agora é o seguinte: você não pode deixar de entrar nesse sindicato. Vai chegar: mais hoje, mais amanhã. Chegará o sindicato para os seringueiros e você entra. Você não pode deixar de entrar no sindicato porque é lá que você vai montar suas raízes. É isso que vai te enraizar. Te garanto que, um dia, se eles não te matarem, você vai conseguir ser uma grande força para os seus companheiros". Fiquei com aquilo na cabeça: "Será que isso vai acontecer?" O nome dele era Euclides Fernandes Távora. (Depoimento a Lucélia Santos, em maio de 1988).

Chico Mendes

Esther Braga de Araújo Mendes
Data de Nasc.: 20/10/21
Em: 30/07/24

# ESTHER BRAGA

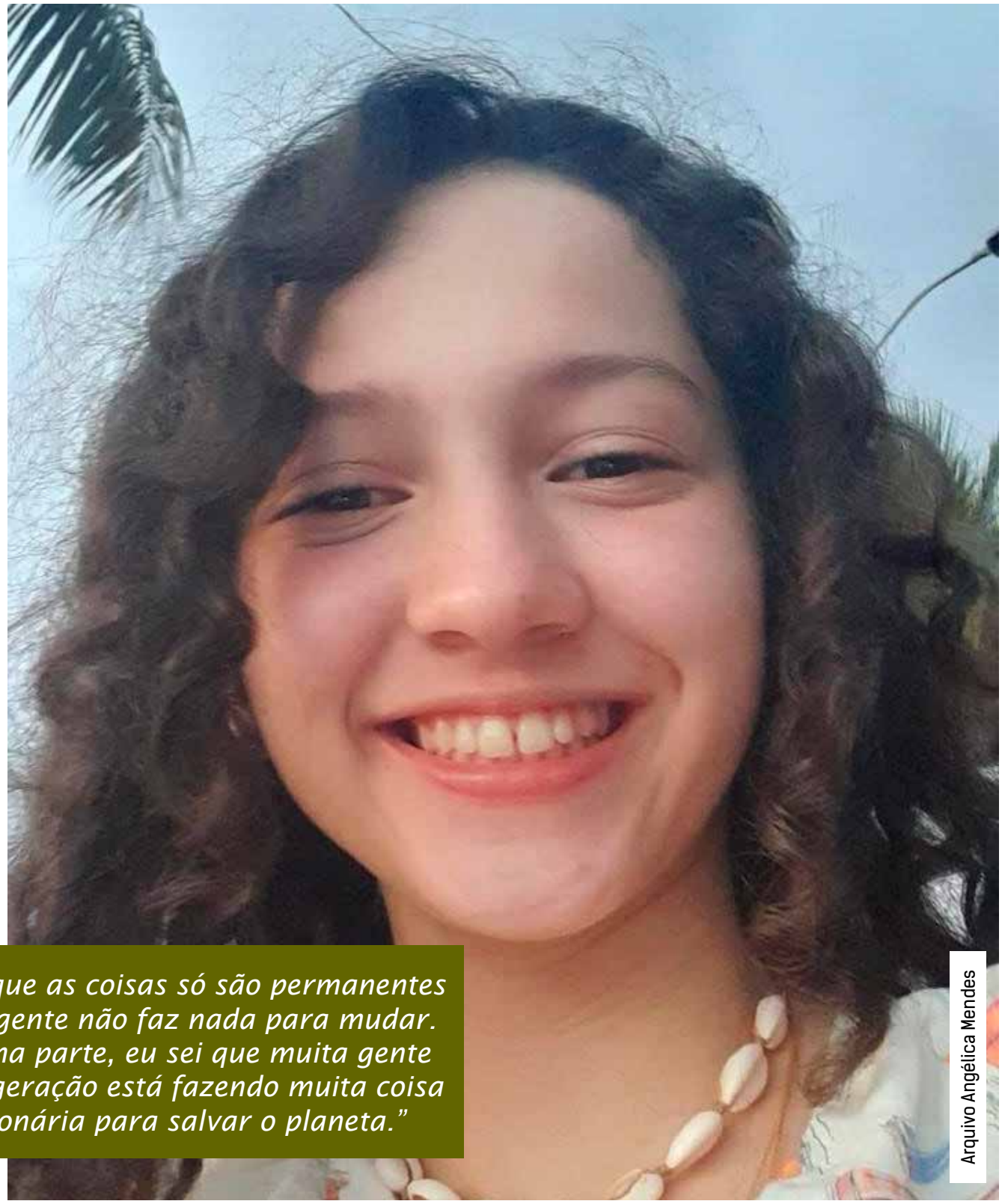
Esther Braga de Araújo Mendes, filha de João Gabriel Mendes e de Luise Braga, veio ao mundo em outubro de 2021. João Gabriel Mendes é neto de Chico Mendes e Luise Braga é neta do coração do Mestre Raimundo Irineu Serra, líder espiritual da Doutrina do Santo Daime, fundada no Acre, no início do século 20. O nascimento de Esther celebra na Terra um encontro da descendência de dois grandes líderes que já não estão neste plano, mas deixaram, cada qual ao seu modo, um legado de amor para as gerações de agora e para as que virão depois de nós.



Arquivo Angela Mendes

# LÍVIA MAMEDE

Meu nome é Lívia Mamede Ortega. Sou filha da Angélica e neta da vovó Angela Mendes. Chico Mendes é meu bisavô. Eu não conheci o meu bisavô, pois ele viveu em um tempo diferente do meu. Mas, convivendo com minha mãe, com minha avó e com amigos e amigas dele, eu sinto como se o tivesse conhecido, sinto a presença dele. Lamento que ele se foi cedo demais. Lamento que ele não tenha conseguido ver o reconhecimento da luta dele. Sinto ele não estar aqui conosco para ver como a nossa família creceu e como as coisas mudaram desde que ele partiu. Às vezes, eu fico triste porque algumas pessoas ainda acham que tudo que ele defendeu foi em vão, que elas não vão ser afetadas pela crise climática que, aliás, já chegou e aí está para todo mundo ver. Ou então que não dá mais tempo pra gente mudar de rumo, que o estrago na natureza já é "permanente". Eu penso diferente. Eu penso que as coisas só são permanentes quando a gente não faz nada para mudar e, da minha parte, eu sei que muita gente da minha geração está fazendo muita coisa revolucionária para salvar o planeta. Porque, para mim, é como meu bisavô Chico Mendes disse: "No começo, pensei que estivesse lutando para as seringueiras. Depois, pensei que estivesse lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade." São mensagens como essa, do meu bisavô, que nos motivam a nós, jovens dos dias de hoje, a seguir na luta para que as pessoas das gerações futuras possam saber que também a minha geração não passou por este nosso planeta "a passeio". Porque, do nosso jeito e no nosso tempo, nós também estamos na luta, pois sabemos da importância da Amazônia para o futuro da planeta e da própria humanidade.



*“Eu penso que as coisas só são permanentes quando a gente não faz nada para mudar. E, da minha parte, eu sei que muita gente da minha geração está fazendo muita coisa revolucionária para salvar o planeta.”*

Arquivo Angélica Mendes

# MARIA HELENA MENDES

Arquivo Elenira Mendes

Ouvir todos os feitos e histórias do meu avô e saber do impacto que ele causou na sociedade do seu tempo, e na de agora, me dá muito orgulho de ser neta de Chico Mendes. Meu avô foi um grande seringueiro, um grande ambientalista e um grande lutador em defesa dos Povos da Floresta. Hoje, o avô que eu não pude conhecer pessoalmente, porque ele foi assassinado injustamente por encomenda do latifúndio, que era contra a proteção da floresta que ele defendia, tornou-se  um símbolo de luta pela preservação da Amazônia. Infelizmente, não tive a oportunidade de conhecê-lo, mas tenho a certeza de que ele seria um ótimo avô. Gostaria de ter tido a oportunidade de conviver com ele. No futuro, pretendo passar todos os ensinamentos que aprendi com a história dele e espero que meus filhos herdem a coragem que eu herdei dele. Espero que o legado de meu avô continue inspirando muita gente por muitos anos, por muitas décadas, para sempre.

*“Espero que o legado de meu avô continue inspirando muita gente por muitos anos, por muitas décadas, para sempre.”*

# MARIA LUÍSA MENDES

Um dos meus maiores orgulhos é ser neta de um homem tão inteligente, tão guerreiro e tão empático. Ouvir minha mãe falar sobre o pai amoroso e cuidadoso que ele foi, me dá a certeza de que ele seria um avô incrível. Meu avô foi um homem muito corajoso, sempre pensando no melhor para sua família, para a floresta, para a população e para quem continua a luta depois dele. Sua coragem e suas palavras ainda impactam e movem muitos e muitas jovens que buscam a melhoria do meio ambiente. Só na adolescência consegui ter noção da importância da história do meu avô. Foi então que resolvi abrir minha mente para ter um pensamento mais crítico, pesquisar sobre a história dele e entender que essa luta é constante e não pode parar. Entendi que precisamos dar continuidade a esse movimento que ele iniciou. Mais uma vez, repito: sinto orgulho do homem que ele foi  e sofro por terem me tirado a oportunidade do convívio e do afeto que certamente receberia do meu avô.

*“Meu avô foi um homem muito corajoso, sempre pensando no melhor para sua família, para a floresta, para a população e para quem continua a luta depois dele.”*

Arquivo Elenira Mendes

# JOÃO GABRIEL MENDES

Arquivo Angela Mendes

Eu sou João Gabriel, filho de Angela e neto do Chico Mendes. Quando eu nasci, meu avô já havia morrido, mas eu sei que ele foi uma pessoa muito importante para a preservação da Floresta Amazônica. Eu também sei que muita gente segue o exemplo dele e continua lutando pela mesma causa que ele lutou. Eu só espero que nenhuma dessas pessoas tenha uma morte tão cruel quanto a morte do meu avô.

*“Quando eu nasci, meu avô já havia morrido, mas eu sei que ele foi uma pessoa muito importante para a preservação da Floresta Amazônica.”*

# ANGÉLICA MENDES

Eu penso que a luta do meu avô foi uma luta essencial para o futuro da Amazônia, do planeta e, como ele mesmo deixou escrito, da humanidade. Penso, portanto, que a luta de Chico Mendes não pode nunca acabar. Cada geração precisa conhecer a a carta que meu avô deixou para a juventude do futuro, para compreender a importância de assumir a responsabilidade pela parte que ainda falta fazer, porque é assim que seu legado seguirá nos guiando pelas lutas futuras.

Arquivo Angélica Mendes

*"Eu penso que a luta do meu avô foi uma luta essencial para o futuro da Amazônia, do planeta e, como ele mesmo deixou escrito, da humanidade."*

# ANGELA MENDES

Sou Angela Maria Feitosa Mendes, a filha mais velha de Chico Mendes. No ano em que meu pai foi assassinado, eu estava com 18 anos e grávida, esperando Angélica Francisca, minha primeira filha. Como a gente não tinha uma convivência contínua, com ele na luta e eu aqui em Rio Branco, eu achava que talvez não fosse sentir tanto aquela morte anunciada, que ele mesmo sabia que estava por acontecer. Mas quando meu pai morreu foi horrível. Até hoje para mim não é nada fácil falar disso, porque ainda me toca muito. Foi como se o chão tivesse fugido de debaixo dos meus pés. Entrei em um buraco de desespero por não compreender como uma pessoa tão querida como o meu pai podia ser morta daquela forma tão covarde. O destino separou meu pai de mim muito cedo. Ele casou com minha mãe em 1968 ou 1969, não sei ao certo, e a situação financeira deles era precária, de extrema pobreza, mesmo. Ele já estava envolvido no Movimento, e eles não tinham nenhuma renda. Eles só tinham a mim e à minha irmã, que veio a falecer com 11 meses de vida, devido à precariedade do local distante onde a gente vivia, sem condição de tratamento médico. Tive que vir morar com outros familiares em Rio Branco, porque a situação era difícil. Meu pai se separou da minha mãe, e o destino nos separou a todos. Mas desde pequena tive contato com o meu pai, porque ele sempre vinha me ver quando passava por Rio Branco. Nosso último encontro foi justo na semana do assassinato dele, porque ele veio me ver quando chegou de viagem, antes de voltar pra Xapuri. Mas até hoje, a cada momento em que penso, em que falo sobre ele, em que ouço o nome dele, passo pelo mesmo sofrimento de 35 anos atrás. Sinto muita falta das nossas brincadeiras, do carinho que a gente tinha um pelo outro, da vontade que a gente tinha de ter uma convivência diária. Nas vindas dele a Rio Branco e nas minhas idas a Xapuri – naquele ano eu tinha passado as minhas férias com ele – a gente foi criando laços muito fortes. Na última vez que nos vimos, nossa despedida foi de muito carinho, de muita compreensão e, de repente, pronto: eu descubro que não vou vê-lo nunca mais. Depois da morte do meu pai eu me juntei ao Movimento e fui trabalhar no Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), a convite da Júlia Feitoza e da Rosa Roldán, que foram pessoas que cuidaram de mim e me deram muita força no momento em que eu mais precisei. No CTA eu trabalhei durante 12 anos, e lá pude ter contato com seringueiros de vários lugares. Isso me realizava muito, porque eu ficava próxima das pessoas que participam das mesmas situações e que vivem no mesmo mundo em que o meu pai vivia. Do CTA eu vim para o Comitê Chico Mendes, do qual hoje sou presidenta, e onde faço um trabalho que me orgulha muito. Primeiro, porque estou perto das pessoas que foram amigas do meu pai e, segundo, porque lutamos para preservar a memória dele, para que seu legado não seja nunca esquecido. Só assim poderemos mantê-lo vivo em nossas vidas, fortalecendo sempre a nossa luta.

Angela Mendes

*“Hoje, no Comitê Chico Mendes, lutamos para preservar a memória de meu pai, para que seu legado jamais seja esquecido.”*

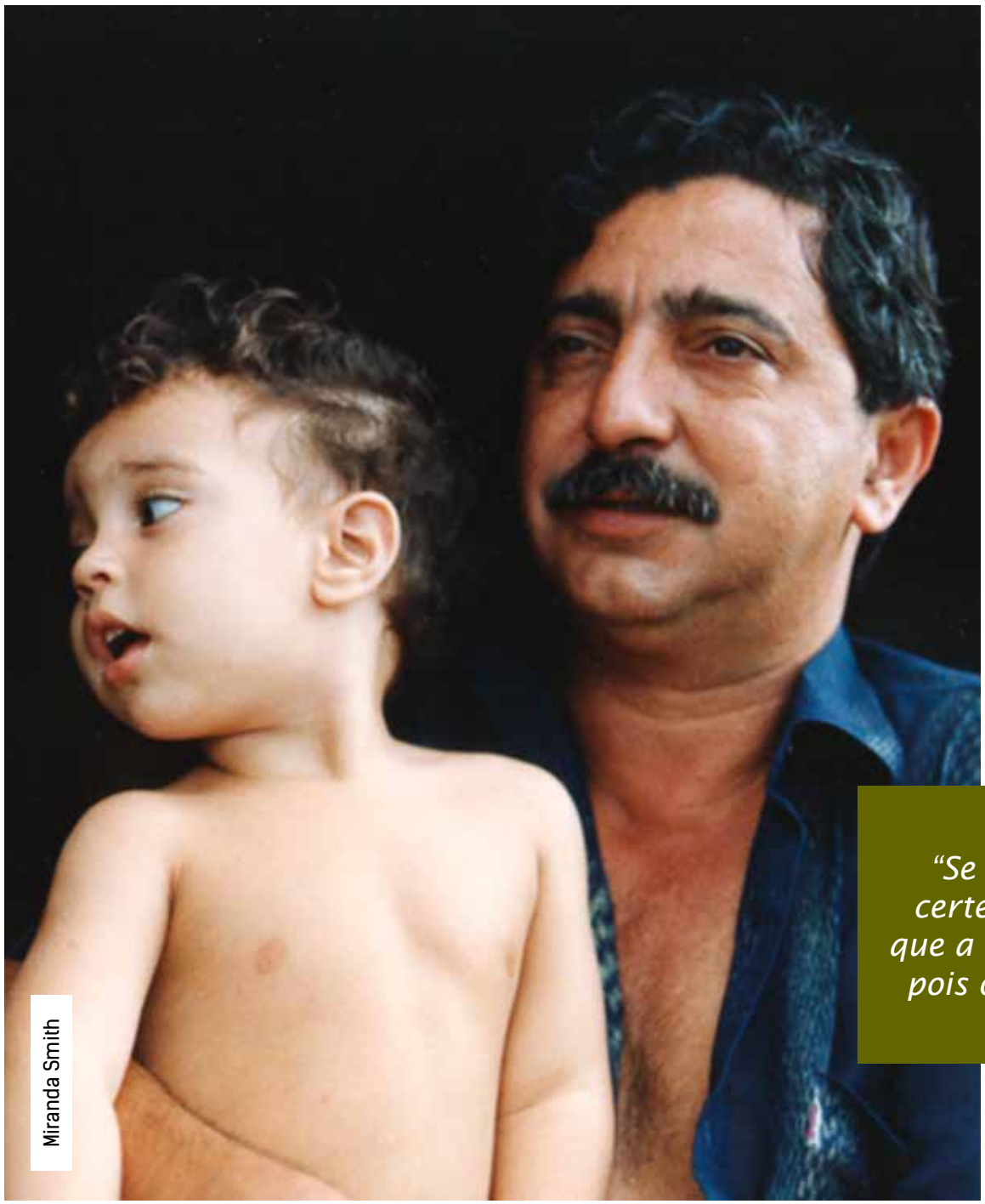
# ELENIRA MENDES

A recordação que tenho de meu pai é um pouco vaga, meio distante. Mas me lembro bem do dia 22 de dezembro de 1988. Daquele dia, eu me lembro muito bem. Acho que foi como uma espécie de despedida, quando ele levou a mim e ao Sandino para passear naquele caminhão novo, que o Sindicato tinha acabado de ganhar. Eu me lembro daquela noite, era por volta das 18 horas, nós estávamos na sala. Minha mãe dava de comer a mim e ao Sandino no mesmo prato. Lembro que meu pai saiu para tomar banho e aconteceu aquela confusão toda, com os policiais correndo na direção contrária à nossa, a gente correndo para a cozinha e, de repente, ele vem e cai ali, bem na porta do nosso quarto. Ele tenta dizer Elenira, mas não consegue falar o meu nome. Me lembro dele, ali, no chão, ensanguentado, tentando dizer o meu nome. Esta é uma pergunta que sempre vai viver dentro de mim: o que ele queria me dizer naquele momento? Cresci com essa cena na minha mente e acho que ela jamais vai ser apagada. Também cresci com uma revolta muito grande contra o Movimento porque, na minha concepção – em que a única lembrança do meu pai era vendo ele, ali, no chão, morrendo – o Movimento tinha causado a perda do meu pai. O sentimento que eu tinha era de que perdi meu pai por essa luta dos Povos da Floresta, e isso me magoava muito, muito mesmo.  Eu era incapaz de compreender como ele amava essa luta, que foi tão importante e tão bonita. Esse sentimento perdurou até o dia do meu aniversário de 19 anos. Nesse dia, minha tia me mostrou algumas fotos minhas com dedicatórias do meu pai. No verso de uma delas estava escrito: "És a vanguarda da esperança. Elenira, darás continuidade um dia à luta que teu pai não conseguirá vencer." Foi como se aquela bala que tocou no peito dele naquele começo de noite, que provocou a perda física da vida dele, estivesse entrando fundo no meu peito. Foi como se ele estivesse me dizendo que era a minha hora de acordar, porque eu tinha uma missão para cumprir. Então fiquei pensando que talvez ali estivesse pelo menos parte da resposta para o que ele tentou e não conseguiu me dizer na hora em que estava morrendo. Isso mexeu muito comigo. A partir daí, comecei a me envolver com a causa do meu pai; a buscar mais informações sobre o que foi a luta de Chico Mendes; a querer saber mais sobre o legado que ele tinha deixado não só para mim, Elenira, como filha, mas para toda a juventude do futuro, como ele deixou escrito naquele recado tão bonito aos jovens em geral, a mim, ao Sandino, à Angela. Eu precisava fazer algo como filha, enquanto jovem. Comecei por trazer para mim a responsabilidade de organizar o acervo e de cuidar da casa dele, daquele espaço tão pequeno e tão simbólico, capaz de atrair pessoas de outros lugares do Acre, do Brasil e do mundo: a casa do Chico Mendes, a casa em que nós morávamos, a casa onde passei o curto tempo de convivência que tive com meu pai. Eu não podia mais ficar parada. Precisava me envolver. Eu sei que nada disso vai trazer meu pai de volta, mas é muito bom saber que a luta dele teve resultados e trouxe frutos. Esses registros [neste livro] podem preservar a história do meu pai e dos seus companheiros, porque daqui a um tempo o Raimundão [Raimundo Barros] se vai, a Júlia Feitoza, a Raimunda Bezerra, o Guma [Gomercindo Rodrigues], o Júlio Barbosa, todos se vão. E a importância do conhecimento deles é muito grande para ficar para ficar sem registro. É preciso compartilhar essa história com as pessoas jovens de Xapuri, do Acre, do Brasil. Do fundo do meu coração, o maior presente que o Brasil poderia dar à memória do meu pai era diminuir o desmatamento da Amazônia. Minha maior alegria seria, um dia, saber que a Amazônia chegou ao tão sonhado Desmatamento Zero. Eu sei que é só um sonho, mas jamais vou deixar de sonhar o meu sonho, porque este foi o exemplo que meu pai me ensinou, através da sua prática de vida, nos curtos quatro anos da nossa convivência e no muito que venho aprendendo sobre o sonho dele. Porque foi para isso que meu pai viveu e foi para isso que ele morreu: para conservar a floresta como um lugar saudável, economicamente viável e ambientalmente sustentável, sem precisar destruí-la.

*"És a vanguarda da esperança. Elenira, darás continuidade um dia à luta que teu pai não conseguirá vencer."*
Chico Mendes

Elenira Mendes

# SANDINO MENDES


Miranda Smith

Da morte do meu pai para cá, o Acre passou por um grande processo de desenvolvimento econômico e social. Meu pai sempre sonhou em ver um Acre mais desenvolvido, mas que também respeitasse os direitos dos trabalhadores rurais, dos indígenas, dos extrativistas, dos Povos da Floresta. Esse foi o objetivo do meu pai enquanto ele esteve vivo, mesmo isso indo contra o projeto político daquela época. Meu pai nos deixou vários ensinamentos, entre eles o de que somente unidos poderemos realizar os nossos objetivos e o de que é possível, sim, progredir sem destruir. Infelizmente meu pai não pôde viver para ver que alguns de seus sonhos foram realizados.

*"Se existe uma coisa da qual tenho certeza depois desses 35 anos é a de que a morte do meu pai não foi em vão, pois os seus ideais ainda estão vivos."*

Elson Martins

# ILZAMAR GADELHA MENDES

Miranda Smith

Eu conheci o Chico quando era muito jovem. Eu tinha, na época, de 6 a 7 anos de idade, o Chico era seringueiro e cortava seringa de meia na colocação do meu pai. Na época eu era muito criança e ele cuidava de mim como um irmão mais velho. Ao mesmo tempo em que ia cuidando, ele ia me alfabetizando. Foi o Chico que me alfabetizou. Naquela época, o Chico já ensinava pra gente, colocando dentro dessa alfabetização a importância da organização, da participação no Movimento, ele já ia formando a gente para ser liderança. Além de aprender a assinar o nome, a fazer algumas continhas, o mais importante era a conscientização que ele ia passando. A gente pequena, ele já passando essa importância do sindicato, da luta. Ele ia contando pra gente, como se fosse um "causo", sobre o sofrimento dos nossos pais pela pressão dos patrões, sobre o patrão roubando da gente no preço e no peso da borracha, porque a gente não sabia ler para conferir as contas. A primeira coisa que o Chico ensinava pra gente, antes mesmo das letras, eram os números. Era aprender a somar, a fazer contas, porque ele dizia que assim não ia ter mais seringueiro enganado pelo patrão. A gente ficava sabendo ali mesmo, no meio da aula, o que era sindicato; nessa época nem existia sindicato ainda, mas ele já estava articulando com o pessoal para fundar o Sindicato de Brasiléia. Depois disso, a gente se separou por alguns anos. Eu fui crescendo, fui ficando uma mocinha. Dos 14 para os 15 anos eu encontrei o Chico de novo. Aí já foi outra coisa, foi quando surgiram os olhares apaixonados. Ele era muito bonito, eu sempre achava ele muito bonito. Tinha uma maneira especial de tratar as pessoas. Aí não teve jeito: num primeiro momento foram olhares, e depois deu para perceber que nós dois estávamos apaixonados. Mas como naquela época era Lei Seca, minha mãe não deixava a gente encostar um dedo. Beijo então, nem pensar. Era aquela coisa: ele olhava, eu correspondia, sempre assim, tudo

ficando entendido através dos olhares. Até que, quando eu fiz 15 anos, o Chico resolveu falar com meu pai que queria namorar comigo. Ele disse que tinha boas intenções, que queria compromisso sério. Aí vieram dois anos de namoro, dos 15 aos 17. A gente se casou no cartório de Brasiléia, mas as comemorações – muito simples – foram na Colônia Santa Fé, na Colocação Morada Nova, onde nasci e me criei junto com os oito filhos dos meus pais.  Meu pai cortava seringa nessa colocação. Tem uma coisa engraçada: nessa época uma moça casava e ela ainda ficava dois ou três dias em casa. O cara na sala, dormindo no banco de paxiúba da sala, e a noiva no quarto. Comigo foi igual: casei sem nunca ter dado um beijo, depois, no segundo dia, comecei a preparar as coisas, muito chororô, e no terceiro dia ele me levou. A gente veio embora pra Xapuri e, no mesmo ano, o Chico foi eleito presidente do Sindicato. Casei com um militante: tinha o meu marido por um dia e depois passava 30 dias sem ele, porque era sempre uma viagem atrás da outra para mobilizar os trabalhadores e buscar apoio para a luta dos companheiros. Teve uma época que  ele viajou para os Estados Unidos. Ele foi para aquela reunião do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), para denunciar o que estava acontecendo na construção da BR-364 – não que o Chico fosse contra o desenvolvimento, mas o que o Chico queria era um desenvolvimento que fosse bom para os trabalhadores – que fosse bom para o Brasil, mas que não destruísse a floresta. O Chico nunca falou que era contra o desenvolvimento, ele sempre falava que queria esse desenvolvimento com proteção da floresta e com direitos para os Povos da Floresta. Mas foi aí que a perseguição aumentou. Os políticos do Acre, aliados com a Polícia Federal e aos fazendeiros, decidiram tramar a morte dele. A Elenira nasceu em 84, em 86 nasceu o Sandino. O Chico queria muito ter mais filhos. Para ele era muito importante ter um filho homem, mas aí quando a Elenira nasceu ele nem pensou mais nisso. Ele de cara se apaixonou pela menina. Ainda hoje me lembro da alegria, do sorriso de felicidade dele quando pegou a Elenira no colo pela primeira vez. Me lembro dele ainda no hospital dizendo que o nome era Elenira, que a filha dele ia ter nome de guerrilheira. Depois com o Sandino foi a mesma coisa, foi tudo igual. A gente tinha um trato, se fosse menino eu ia escolher o nome, mas quando nasceu o menino, o Chico decidiu que era Sandino, porque ele queria colocar no filho um nome de herói. E acabava que ele vencia. O Chico vencia pelo jeito que ele explicava as coisas. Para colocar o nome de um filho, ele contava toda a história daquele nome, porque isso era importante para a criança. Ele falava com tanta convicção e com tanta doçura, que eu ia dizendo: "Tá bom, Chico, fica do jeito que você quer." Eu sempre apoiava o Chico em todas as decisões dele. Tem um

Miranda Smith

ditado que diz que ao lado de todo grande homem tem sempre uma grande mulher. Tenho certeza de que fui essa grande mulher para o Chico, porque cuidei dele, cuidei da nossa casa, cuidei dos nossos filhos sozinha, para que ele pudesse dedicar a vida dele para o Movimento. Isso foi do dia em que a gente trocou o primeiro olhar até o minuto final da vida dele, até a hora em que ele morreu. Sei que sou a única pessoa que conhece todos os lados do Chico. Era comigo que ele desabava. Via nos olhos dele a pressão do sufoco. Eu era essa grande mulher que segurava aquela barra com muito medo, mas também com muito companheirismo, porque eu acreditava no que ele fazia e era muito apaixonada por ele. E, mesmo antes das ameaças, tive que segurar muito a barra com a falta de ter onde morar, com a falta de dinheiro. O Chico não tinha salário e a gente para viver dependia da solidariedade dos companheiros. Sempre para fazer a feira, comprar um remédio, uma roupa para as crianças, a gente dependia da ajuda de um companheiro. Ou então era um seringueiro que trazia da colocação dele um pouco de arroz, um pouco de feijão. Tinha sempre um companheiro que trazia dez quilos de arroz, quinze quilos de feijão. A vida era sofrida. O Chico não tinha ambição nem pra ele nem pra nós. E quando o Chico arrumava algum dinheirinho, ele olhava pra mim e dizia: "Minha véia (ele sempre me chamava de minha véia), essa quarta parte é pra você comprar alguma coisa pra você, o restante vou comprar algumas coisas pro Sindicato, pra oferecer aos companheiros quando eles chegarem." Às vezes eu andava descalça porque não tinha dinheiro pra comprar uma sandália pra calçar, mas a repartição do nosso dinheirinho com o Sindicato era sagrada, porque o Chico não abria mão de compartilhar tudo o que conseguia com os companheiros. O Chico nessa luta e eu lá, apoiando em tudo, acompanhando, acreditando nas palavras dele, que lutar era importante, que um dia as coisas iam melhorar, que um dia todo mundo ia poder viver em paz, com a floresta produzindo muita fartura, sem precisar ser desmatada pra dar de comer aos seus filhos. Vivia com medo, mas cheia de esperança. Tinha consciência das ameaças, mas nunca pensava que uma tragédia estava para acontecer. Só tive a certeza de que o Chico ia ser morto já nos últimos meses, nas últimas semanas, quando soube da confusão com o Darly, da carta precatória que o Chico conseguiu, provando que ele era bandido antes de vir para o Acre, lá na terra dele, no Paraná. O Chico me dizia: "Minha véia, eles vão usar o Darly como linha de frente, mas ele vai ser só a linha de frente, quem está por trás da minha morte não são somente os fazendeiros, são também os políticos do Acre, mancomunados com a Polícia Federal". O Chico sabia que estava marcado para morrer. Ele não tinha nenhuma dúvida de que não tinha como escapar. Ele chegou da viagem, fazia dias que ele não vinha em casa. Algumas pessoas tentaram que ele ficasse no Rio de Janeiro, ficasse em Rio Branco. Ele falou que não, que estava com saudade de mim e das crianças. Todo mundo depois falou isso, que ele estava com saudade da família. No dia 15 de dezembro foi o aniversário dele, nesse dia ele sentou comigo na nossa cama e disse que queria me preparar, porque aquele era o último aniversário dele com vida. Ali a minha vida também acabou, porque daquela vez eu também sabia que era o fim. O dia 22 foi um dia que marcou muito, porque ele passou o dia com as crianças, grudado na Elenira e no Sandino. Naquele dia ele tinha muitos compromissos, mas não largou os meninos hora nenhuma. Por duas vezes, durante aquele dia, ele chamou a Elenira, colocou no colo, e perguntou: "Elenira se o papai morrer, o que é que você vai fazer?" Eu, com

*"Vivemos momentos muito bons, de muita felicidade. Com o Chico eu tive uma vida de momentos bons e momentos muito difíceis, porque logo começaram as ameaças dos fazendeiros, e era comigo que ele falava primeiro sobre os riscos que estava correndo. Eu via tudo aquilo acontecendo."*

o coração cortado, via a Elenira responder: “Eu vou chorar muito, papai.” E ele: “Não, filhinha, o papai não quer que você chore, o papai quer que você cresça e estude muito pra continuar a luta do papai.” Por duas vezes ele chamou a Elenira e teve essa conversa com ela naquele dia. O resto é história conhecida, mas para mim é também lembrança e orgulho de ter podido conviver com um grande homem, um grande militante, mas, sobretudo, com um grande pai e um grande companheiro.

Comitê Chico Mendes

# NILSON MENDES

Meu nome é Nilson Teixeira Mendes, moro aqui no Seringal Cachoeira, Colocação Retiro II. Eu nasci em um seringal vizinho daqui, o Seringal Santa Fé, numa colocação chamada Cachorra Magra, que fica daqui a 8 horas de caminhada. Aqui no Cachoeira cheguei em 1969, com 4 anos de idade. Foi aqui que eu acabei de me criar, que aprendi a cortar seringa, aprendi muita coisa neste seringal. Eu tenho muita lembrança do tempo dos empates. Eu saí em 81 pra Xapuri, pra Brasiléia, para servir ao Exército. Fiquei até 87. Eu voltei pra cuidar do Chico, porque ele estava nessa luta dos empates, e eu ficava monitorando ele, organizando a segurança dele, por causa das ameaças que ele sofria. No tempo que a gente fazia essa segurança, era tudo monitorado pelos seringueiros, ninguém chegava perto dele sem ser conhecido, a gente dormia no quintal da casa dele, não tinha jeito de jagunço nenhum se acercar. O Chico só perdeu a vida porque inventaram essa coisa de segurança pública, do governo botar polícia para proteger a vida dele. Porque quando a coisa era com a gente, a jagunçada rodeava, rodeava e dava o fora. A jagunçada sabia que pra pegar o Chico tinha que pegar pelo menos oito seringueiros. E que se fossem se acercar da casa do Chico o que eles iam matar eram outros seringueiros e não ele. Se fosse por nós, seringueiros, o Chico ia viver por muito tempo. O Chico escutava a gente muito, mas quem decidia as coisas era ele. Só uma vez que quem decidiu fomos nós. Um tempo antes de ele morrer, ele chamou os companheiros e disse que ia fazer greve de fome para acabar logo com a tortura das ameaças. Ele chegou e foi logo dizendo: "Vou fazer greve de fome, porque sem uma ação mais forte vai continuar tendo morte, vai continuar tendo ameaça, vai continuar tendo desmate, então eu vou fazer esse ato." Foi uma discussão danada, porque os seringueiros não concordaram. A gente fez um movimento, chamou padre, chamou bispo, chamou companheiros, chamou muita gente para conversar com ele. A gente dizendo que, se ele insistisse naquilo, se fizesse greve de fome, ia ser um empate doido porque todo mundo também fazia, e todo mundo morria com ele. Então ele decidiu que se para fazer greve de fome precisava de toda aquela confusão, ele ia só morrer lutando. Ele disse: "Então é isso, morro de pé, porque sou um brasileiro e não vou desistir nem da luta, nem do meu lugar, nem do meu chão."

*"Eu tenho muita lembrança do Chico Mendes no tempo dos empates, porque ele até conversava, até se dispunha a negociar com as autoridades, mas não abria mão da luta, não arredava pé."*

Sérgio Vale/Agência de Notícias do Acre

Elson Martins

# RAIMUNDO MENDES DE BARROS

Meu nome é Raimundo Mendes de Barros, conhecido como Raimundão. Sou seringueiro de nascimento e posso dizer que sou umas das pessoas que tiveram o privilégio de conviver como primo, amigo e companheiro de Chico Mendes. Foi na luta, junto com Chico, que compreendi a dimensão do nosso sofrimento e que era a partir da coragem de tomar posição – nos juntando a outros companheiros – que a gente ia romper com a opressão. E foi justamente isso que a gente fez. Sem nunca ter ido à escola, foi por meio de Chico que aprendi muita coisa dessa luta. O Chico era um seringueiro informado e curioso. Com ele, conheci outras realidades, não de vista própria, mas pelos meios de comunicação. Soube do que acontecia em Cuba, na União Soviética, na Nicarágua, em El Salvador. O Chico discutia tudo isso comigo e com a companheirada. O que acontecia por lá nos motivava a partir pra luta em defesa da nossa causa. A gente vinha sendo massacrado. Tínhamos passado pelos patrões da borracha, pelo isolamento dos benefícios do Estado, do município, da nação, e pela venda dos nossos produtos a preços que não compensavam nosso trabalho. Era um verdadeiro massacre o que acontecia com a gente, porque vivíamos como posseiros dentro das nossas colocações: enquanto tinha força de trabalhar, a gente tinha valor; e quando não tinha mais, nos despediam e mandavam embora. Na época dos patrões da borracha a nossa vida foi assim. Depois veio o latifúndio e só piorou. Nossa borracha não podia mais ser vendida por nós mesmos. A gente tinha que entregar pros comboieiros que vinham buscar o nosso produto nas nossas colocações. Tínhamos que pegar o quase nada que a gente tinha, botar nas costas, botar os filhos e a mulher no varadouro e ir embora para outro canto. Era sempre pra periferia das cidades, onde se juntava a miséria, a prostituição, a violência e a desagregação da família. O latifúndio nos trouxe isso. Foi contra o latifúndio que aprendemos a lutar com muita energia e que construímos o que eu relato com grande satisfação. Nos anos 1970, tivemos a colaboração da Igreja Católica por meio da Teologia da Libertação. Apesar da timidez que a gente tinha, ela nos motivou, nos orientou e nos deu alguns conhecimentos porque a repressão era muito forte. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) veio de Brasília com o delegado João Maia e o advogado Pedro Marques, que montaram, no município de Brasiléia,

InfoAmazônia/Comitê Chico Mendes

*"Chico Mendes fez uma trajetória original no movimento social. De seringueiro se tornou sindicalista e de sindicalista se tornou ambientalista, sem perder o que havia de peculiar em cada uma dessas posições. Sua liderança era uma síntese. Chico acertou quando disse que ia ser morto,mas errou quando disse que sua morte seria inútil. Chico Mendes Vive!"*
Ronaira Azevedo Mendes

o sindicato onde Chico Mendes iniciou sua militância junto com Wilson Pinheiro. O Wilson era um cidadão pacato, de pouca fala, mas muito firme, muito leal, muito responsável. Na morte dele, a vinda do Lula ao Acre pela primeira vez nos deu grande força para expressar a nossa dor e levar a nossa voz para todo o país. Essa ideia de trazer o PT pra cá foi coisa do Chico. Ele foi a São Paulo, encontrou-se com o Lula e veio de lá com a determinação de construir o PT. O Chico chegou de São Paulo, chamou os companheiros e disse: "Trago novidade boa. Estive com o Lula. Ele e seus companheiros estão fundando um partido, que já tem até nome: vai ser Partido dos Trabalhadores, o nosso PT. E nós é que vamos fazer o PT aqui no Acre. É compromisso meu com o Lula." Do jeito que o Chico apresentou essa ideia, o compromisso ficou sendo de nós todos, e nós nos apaixonamos por ela. Em 1980, Chico voltou da fundação do PT, em São Paulo, como Delegado Nacional do PT. Aqui, nossas reuniões eram feitas no Sindicato, local onde se falava sobre educação, renda, política, do PT e sua criação. E o mais interessante é que quem era de outro partido não se sentia alijado e tinha todo o direito de discordar da gente. E foi justamente nesse momento que o Sindicato de Xapuri foi mais fortalecido. Na discussão, na resistência e na disposição que Chico demonstrava, os outros companheiros pegaram o exemplo dele e fortaleceram o PT e os sindicatos nos outros municípios do Acre. Contudo, tivemos muitas dificuldades para fundar o PT aqui. Nos anos 80 ser do PT era ser comunista e o pessoal tinha um medo danado de comunista. E tinha outro agravante que era a mentalidade de que seringueiro, por ser pobre, por não ter dinheiro, não podia fazer um partido político. E a gente ainda era marcado por fazer oposição aos fazendeiros. Nessa época o latifúndio era aliado do sistema e eles falavam que a gente era comunista, que comíamos crianças e que cultuávamos o demônio. Mas a gente pensava que se a semente fosse jogada em terra boa, por mais mirrada que fosse, ela cresceria e um dia daria bons frutos. Foi o que aconteceu. O PT era essa sementinha marcada, mas como o terreno era forte e fértil, conseguiu crescer e atingir o tamanho de hoje. O PT é fruto e resultado da luta dos camponeses, dos operários e dos intelectuais que tinham com o que contribuir e o que ganhar com uma sociedade mais justa.

PT Nacional

Quero falar também do meu primo, companheiro e amigo Chico Mendes, um grande contador de causos que conseguia prender a atenção de todos sem que ninguém duvidasse do ocorrido. Esse dom ele herdou do pai, um cearense famoso na arte da contação de causos que davam enorme medo nas crianças. Inclusive o Chico quando era moleque, já com seus 8 anos, mijou muito na rede, à noite, com medo de descer por conta dos causos que o pai contava. O Chico era um bom amigo e um grande conselheiro. Era um pacificador dos conflitos diários. No tempo da invasão dos paulistas, tivemos uma grande luta pra fazer com que nossos companheiros ainda nos seringais permanecessem, e para os que já tinham saído para a cidade, pudessem retornar ao seu seringal, mesmo com a dificuldade de transportar seus pertences. Era importante que os companheiros retornassem e houve muito retorno. Foi um tempo de grandes dificuldades. A gente não podia usar rádio para transmitir informações aos companheiros, porque a rádio era controlada pelas autoridades. Nossa luta era vista com maus olhos, como uma desobediência, uma indisciplina ao sistema da ditadura. O jeito era o uso do bilhete, mas como nem todo mundo sabia ler, às vezes a comunicação não acontecia. Mesmo assim, fomos conquistando nossos espaços, e aqui me refiro à educação. Nós tivemos a lembrança, dentro de toda essa turbulência, de que, para facilitar nosso trabalho, era fundamental que a gente conseguisse um meio de ensinar o pessoal a ler e a escrever. Isso facilitaria a leitura de um bilhete, fazer um bilhete aos

Comitê Chico Mendes

outros companheiros e ler alguma coisa importante. E o Chico, com a habilidade que ele tinha, contatou outras pessoas e, com o apoio da companheira Mary Allegretti, que é uma grande aliada nessa nossa luta, e então começamos as primeiras escolas nos seringais. Mesmo eu nunca tendo ido a uma sala de aula, com o pouco que eu tinha aprendido do meu pai, eu confesso que fui professor daqueles que não sabiam nada. Meu pai era um homem que tinha um saberzinho, me ensinou um pouquinho e depois, lendo e fazendo o esforço de escrever, eu fui aprendendo mais coisas. E então, lá no Seringal Floresta, na colocação Rio Branco, onde vivo até hoje, eu me tornei professor junto com a Rosa e com a inesquecível Benedita, que Deus já tirou. Foi uma trajetória de muita luta e de bastante construção. Hoje, temos as nossas escolas da floresta consolidadas em quase todos os cantos deste nosso Acre. Ao longo desses anos, os seringueiros que viviam isolados no meio da floresta, tornaram-se cidadãos e cidadãs com os mesmos direitos dos que estão na cidade. É uma grande conquista. Nos anos 70, praticamente 85% das pessoas que moravam nos seringais não tinham documento. Hoje muita coisa mudou. Nesses 35 anos após a morte do meu primo e companheiro Chico Mendes, eu confesso muito que gostaria que ele estivesse aqui com a gente, vivo, para presenciar, para participar e para celebrar junto com a gente tudo o que já conseguimos construir, a partir da luta que nós começamos com ele. Infelizmente, isso não é possível, o Chico não está aqui com a gente devido à crueledade, à covardia e à maldade daqueles assassinos que sempre tiveram nome, vaidade e mordomia às custas da exploração dos Povos da Floresta.

Helio Melo

# CECÍLIA MENDES

Sou conhecida como Cecília Mendes, mas meu nome no papel é Cecília Teixeira do Nascimento. Fiquei casada 51 anos com meu marido, mas só no católico, por isso eu nunca peguei o nome dele. Sempre morei em algum seringal, por todo canto. Quando eu me casei, morei no Seringal Porto Rico, depois vivemos em duas colocações do Santa Fé por quase 20 anos, e de lá viemos pra cá, pro Cachoeira, em 1969. Desde maio de 69 que nós estamos aqui. Eu vi como a luta começou. A luta dos empates começou de 70 pra frente e seguiu até o ano de 88, quando mataram o Chico. Depois eu não acompanhei mais, mas me disseram que a luta continuou em outros lugares, do mesmo jeito, com todo mundo se unindo como o Chico gostava. Aqui a luta começou quando quiseram comprar o Cachoeira. Quando quiseram comprar, não, ainda compraram uma parte, só não deram conta de entrar. A gente teve que fazer um empate doido, mas entrar eles não entraram. Lembro bem da confusão daquela época. A gente passou três meses no Empate do Cachoeira. Um monte de gente. Era empatar, empatar, empatar. Era gente pra aqui e pra acolá, até que vencemos. O nosso empate começou no mês de março e ficou até abril, maio e junho. Depois acalmou. O Chico e o pessoal continuaram lutando. Uns dias antes de morrer, ele veio aqui e falou comigo: "Tia, agora acabou, agora o Cachoeira é nosso, mesmo. Agora todo mundo vai ser dono da sua colocação, todo mundo vai ser dono do seu lugar. Só que toda essa luta vai custar sangue, e o sangue que vai derramar é o meu." E eu dizia: "Deixa disso, meu filho." Mas ele me dizia: "Não, tia, não tem jeito: o seringal é nosso, mas eles vão cobrar o meu sangue por isso." E foi mesmo. O Chico sabia que tinha que morrer para deixar o Cachoeira nas mãos dos seringueiros. Agora o bonito é que depois que ele morreu a luta continuou. Ninguém teve coragem de parar. Aqui antes só era uma casinha, agora tem escola boa e tem até pousada aqui no Cachoeira. E ninguém mais precisa brigar pelo nosso lugar. O pai do Chico era irmão legítimo do meu esposo. Ele me considerava muito. Eu também considerava muito ele. Ele era tudo pra mim. Tive 15 filhos, mas um morreu. Então tenho 14 filhos vivos, e só três na cidade. O resto está tudo por aqui. Já perdi a conta dos netos. Mas no meio desse mundo de gente quem me faz mais falta mesmo é o Chico. Me lembro dele pequeno, o Chico era um menino enfezadinho quando pequeno, mas depois que ele cresceu, ficou tão calmo, tão bom. Ele era uma pessoa muito tranquila. Se por acaso ele chegasse e as pessoas estivessem nervosas, ele acalmava todo mundo e dizia assim: "Não, assim a gente não resolve problema. Vem cá, vamos acalmar, vamos conversar." Ele era uma pessoa que acalmava as outras. Ele chegava assim, no meio de uma reunião, e logo estava coordenando tudo. Era um dom natural que ele tinha. Às vezes eu fico pensando que se não tivessem matado ele, ia morrer muita gente porque, antes de matarem ele, era violência todo dia. Agora, da morte dele pra cá, tudo se acalmou. Eles com certeza pensavam que matando o Chico tudo ficaria na mesma, mas não foi isso que aconteceu. Esse seringal ficou um lugar abençoado. De lá pra cá, nunca aconteceu uma briga, nunca mataram ninguém. E nem o povo daqui briga, ninguém faz confusão por aqui, porque sabe da luta de Chico. Aqui só tem escola por causa dele. Antes era só palhoça. A primeira escola aqui no Seringal foi construída por ele. Ele aprendeu muito e sabia muito, mas não porque frequentou escola, mas porque era muito curioso e ficava perguntando pra todo mundo sobre as coisas. Depois teve um cara que trabalhou por aqui conhecido por Pranchão – mas o nome dele era Euclides e toda vez eu esqueço o sobrenome dele –, foi ele quem ensinou o Chico a ler e a escrever direito. Foi com ele que o Chico estudou o pouco de estudo que tinha. Quando foi pra ele trazer a escola pra cá, ele dizia pra mim: "Tia, eu aprendi um pouco, mas não tenho fé no meu estudo porque pra mim nunca teve prova, nunca sei se o que aprendi é assim mesmo." O Chico nunca sentou num banco de escola e ele achava que não podia ser assim com os filhos dele. Sofri muito na época do empate, porque eu tinha muito medo da

violência contra o Chico e contra os outros. O pessoal formava os batalhões em todas as entradas para não deixar entrar ninguém. O dia que foi de entrar mesmo, o pessoal falou: "Não passa." Eles vinham trazendo o oficial de justiça para ver se assim passavam. Aí, quando chegaram e virou aquele montão de gente, o oficial de justiça falou: "Quer dizer que não passa?" E o Chico falou: "Não passa! De jeito nenhum, não passa! A gente conversa com você, que é oficial de justiça, mas nossa conversa é pra dizer que não passa!" Aí consultaram, consultaram, e foram embora. Mas o Chico não era culpado de nada, o Chico só queria defender o nosso lugar. Daqui até Rio Branco era tudo em seringal. Hoje em dia, onde não teve resistência, não tem uma árvore em pé. É de dar dó! A gente só vê castanheiras secas no meio do pasto. O calor já está atingindo o seringal, tem dia que fica insuportável. A gente suporta bem aqui porque tem a mata e, quando fica quente demais, a gente vai para dentro da mata, vai se banhar no igarapé e aí se refresca. Mas mesmo assim estou feliz, porque os amigos do Chico me deram o Prêmio Chico Mendes lá em Rio Branco. Nunca esperava que fosse ganhar um prêmio desses. Comprei esta casa com o dinheiro do prêmio. Comprei a madeira, o material, e os companheiros fizeram a casa pra mim em mutirão. Foi muito bonito eles darem esse prêmio pra mim.

*"Às vezes, lembro do Chico e me dá vontade de chorar, mas eu não choro, porque o Chico gostava mesmo era de alegria. Ele lutava com seriedade, mas também com alegria."*

Comitê Chico Mendes

# MEMÓRIA

Miranda Smith

*"Se descesse um enviado dos céus*
*e me garantisse que minha morte iria*
*fortalecer a nossa luta,*
*até que valeria a pena morrer.*
*Mas a experiência nos ensina o contrário.*
*Ato público e enterro numeroso*
*não salvarão a Amazônia.*
*Então, eu quero viver!"*
**Chico Mendes**

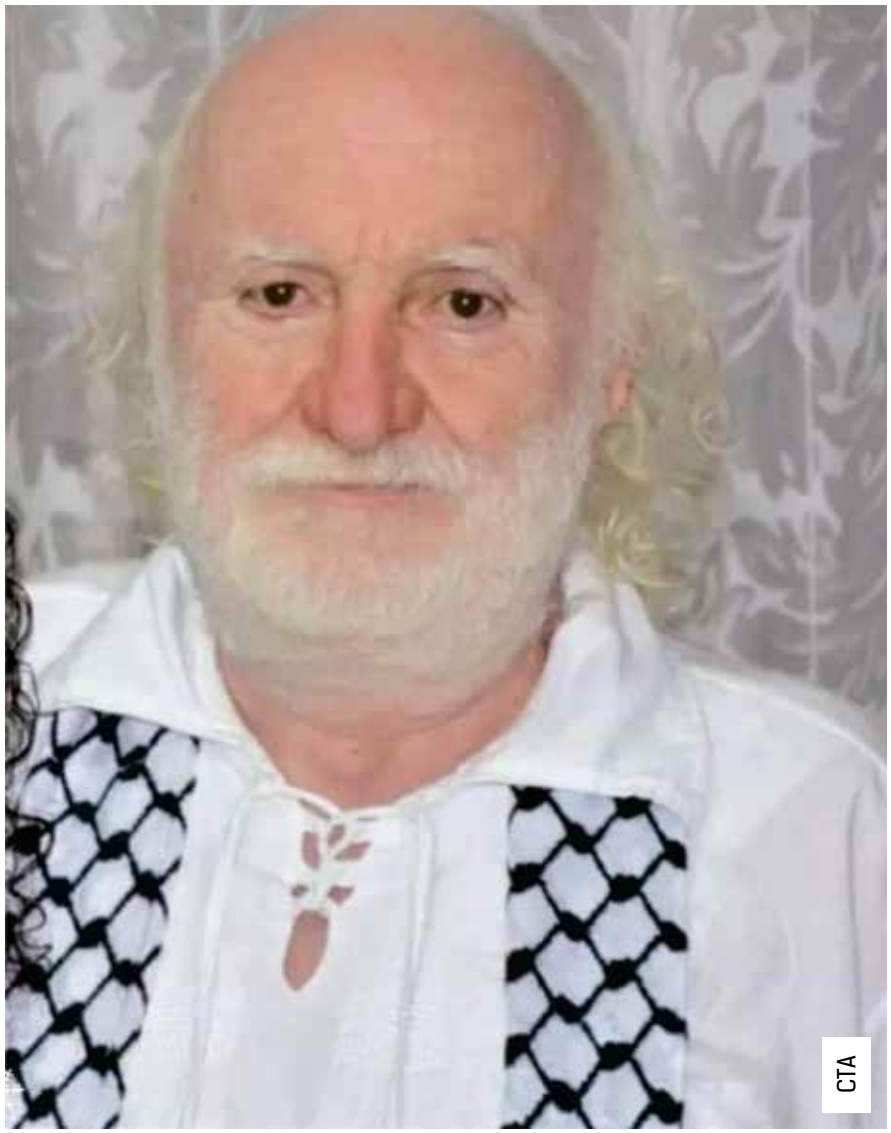
# ABRAHIM FARHAT, LHÉ

Conheci o Chico em 1968, quando fui candidato a presidente da Casa do Estudante Acreano (CEA), com o apoio do Grupo de Elevação Sociocultural (Gesca), composto por militantes católicos vinculados à Teologia da Libertação. O Gesca funcionava no Palácio do Bispo Dom Giocondo Maria Grotti [morto em 1971] num suspeito desastre de avião. Um bispo progressista, que lutava pelos direitos humanos e optou por ajudar a organizar os oprimidos naquele tempo difícil do regime militar. Eu saí candidato e fui pra Xapuri atrás de apoio para a minha candidatura. Foi nessa viagem, lá em Xapuri, na Casa Zaire, que eu me encontrei com o Chico Mendes pela primeira vez. Fui apresentado ao Chico pelo dono da loja, o Zaire, e por um gerente dele, o Sabiá. Nessa época o Chico, que trabalhava de comerciário na loja do Zaire (sem carteira assinada, eu acho, porque ninguém assinava carteira naquele tempo), já era um ativista conhecido na região. Eles me apoiaram, e eu segui com a campanha, só ganhando em Xapuri e em Rio Branco, com larga maioria dos votos. Nos outros municípios eu perdi feio, porque os diretores de escola fizeram campanha contra, dizendo que eu era apoiado por um bispo vermelho e pelos comunistas. Mas o bom dessa história foi que eu conheci o Chico, com quem depois voltei a me encontrar em 1975, e de quem me tornei amigo para toda a vida. Falando dessas coisas e revendo as fotos daquele tempo, fico pensando que a gente, de fato, era muito amigo mesmo. Em 1982, foi quando militamos juntos pela primeira vez, como candidatos do PT, eu a senador, e ele a deputado estadual daquele PT que surgia como um partido de esperança para o povo que, antes, tinha medo do que era para libertá-lo. Aí vem o Chico Mendes, parte desse Movimento que cria o PT, que eu apoiei e apoio. É um partido no qual o próprio trabalhador começa a se tornar sujeito de sua própria história. Antes disso, mesmo o Chico sendo do PRC (Partido Revolucionário Comunista), e eu mais próximo da Igreja, a gente se dava muito bem. Eu sempre tratava de ajudar a resolver os problemas dele. Em 1980, quando o partido precisava trazer o José Genoíno para o Acre, ele veio falar comigo para eu entrar na cota da passagem. Eu disse: "Chico, você está maluco? Se o Nilson Mourão souber disso, estamos os dois enrolados!" Acabei ajudando. Mesmo sendo do PRC, ele sempre dava um jeito de se arrumar com a Igreja, com os padres e comigo. Eu não estou dizendo que, por insistência dele, ajudei a pagar a passagem do Genoíno? O Chico foi o primeiro presidente do PT e o primeiro presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) aqui no Acre, talvez porque ele soubesse se mover dentro de todas as tendências da esquerda sem dar muita bola para o sectarismo delas. Comungava com ele e com o Dom Moacyr essa ideia de que as amizades, as relações humanas são muito mais importantes. Chico dizia pra gente que era preciso sair do umbigo, falar com todo mundo; que precisávamos, pelo nosso exemplo, superar esse defeito da esquerda, desde que a gente não saísse da ética. Uma história que o Chico viveu e deixou ele danado foi quando a menina da Liberdade e Luta (Libelu), por não compreender o povo como um todo, resolveu banir Jesus Cristo e a Virgem Maria da vida dos candidatos do PT. O Elias Rosendo, um camarada igrejeiro, um companheiro da luta, que era o candidato a vice-governador, chegou numa reunião com o pessoal da Libelu e disse: "Chico, assim não dá. A primeira coisa que faço quando acordo é rezar para a Virgem Maria, e a última coisa que faço antes de dormir é rezar para Nosso Senhor Jesus Cristo. Agora vêm esses

*"O Chico era assim, o precursor de uma esquerda moderna, sem rancor, que trabalhava bem com a diferença. A visão futurista que o Chico tinha era de uma esquerda laica, moderna, solidária e amorosa."*

frangalhos e querem que renegue a minha fé, a minha cultura, a minha identidade!" Como, eu não sei, mas o Chico enquadrou os orgânicos dele e continuamos a campanha fazendo as rezas de sempre. Ele era de acreditar em muita coisa e, se não acreditava, não desrespeitava. Tem uma gravação com ele rezando, uma semana antes de morrer. Era como se fosse católico praticante, porque sempre teve a Igreja como aliada e as rezas como parte da cultura do seringueiro. O Chico era assim: o precursor de uma esquerda moderna, sem rancor, que trabalhava bem com as diferenças. A gente às vezes conversava sobre isso e eu contava pra ele sobre a frase do Graciliano Ramos, que dizia que "a esquerda só se une na cadeia". Chico dizia: "É, mas a gente vai ter que mudar isso aqui no Acre." A visão futurista que o Chico tinha era de uma esquerda laica, moderna, solidária e amorosa. O Chico gostava muito de festa, mas era tímido pra dançar. Não sei se ele era realmente tímido ou se evitava dançar para não se envolver com as mulheres, ou se era em respeito aos valores locais. O fato é que a gente ia a muita festa juntos e ele sempre dançava pouco. Em 82 a gente foi a um adjunto (mutirão) que fica a 21 km de Xapuri, lá perto da colocação do Raimundo Barros. Nessa época a gente andava a pé mesmo, ou por falta de grana ou por falta de estrada. Eu disse: Chico, você sabe, sou urbanoide. Não dou conta de andar no mato com essa pressa toda. Resultado: em vez de fazer um percurso nas 7 horas que ele fazia, a gente fez em um total de 11 horas. Chegamos na colocação da Mariazinha e do Raimundão e a casa já estava cheia. A gente dormiu em uns bancos e foi um dos melhores sonos da minha vida. Depois de caminhar um dia inteiro, qualquer banco de paxiúba parece um colchão sono-leve. No outro dia fomos para um adjunto numa colocação que ficava a uma hora caminhando dentro da mata. Ali eu vi a beleza do PT. Passamos o dia no adjunto, onde fomos brocar o roçado para plantar o arroz e o feijão que, quando colhidos, seriam doados para a campanha do PT. Passamos o dia trabalhando com cerca de 50 a 80 seringueiros, entre mulheres e homens. Ao entardecer

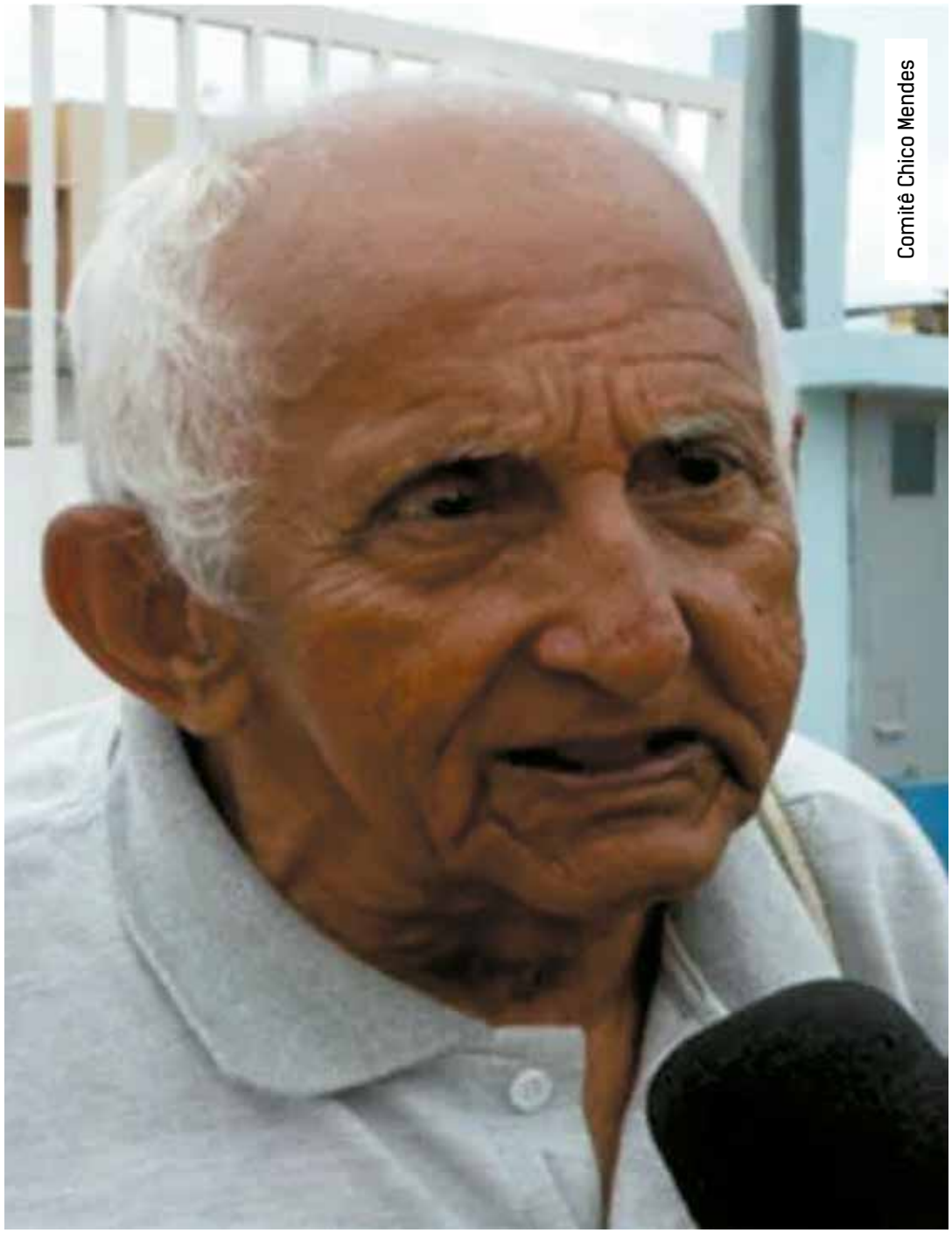
CTA


CTA

paramos, tomamos banho numa vertente de uma água muito fria e fizemos uma reunião político-partidária. Depois da reunião, começou o forró. Cada trabalhador trouxe uma caça – paca, tatu, capivara, anta –, e a festa começou. Eu queria dançar e o Chico só observando. Comecei dançando com uma senhora idosa que me largou no meio da dança dizendo que comigo não dançava mais porque eu rebolava muito. E assim foi a noite inteira: eu querendo dançar e as mulheres me refugando. Passamos o dia trabalhando, a noite dançando e, de madrugada, fiquei emocionado de novo com a força do PT como partido de massas, que agregava pessoas como um Chico Mendes, uma Marina, um Lula. O PT tinha essa força. Depois de um fausto café com leite de castanha, cuscuz e farofa de caça, vi um índio amigo do Chico dizer: "Che, eu já vou". Esse índio, que lá ia com a mulher dele e seus cinco filhos, tinha passado o dia todo trabalhando, a noite toda dançando e àquela hora – de seis pra sete da manhã – dizia que ia porque ainda tinha que andar 12 horas mata adentro para chegar na sua aldeia, mal descansar e sair pra mata em busca do seu sustento. Vi que ali estava o fermento da massa! É nisso que a gente acreditava quando fazíamos o PT em forrós, em reuniões, entre rezas e aniversários. No dia seguinte, de volta na estrada, o Chico me disse: "Lhé, as mulheres não gostaram muito de ti não". Eu disse: Mas Chico, por que? E ele: "Elas estavam dizendo que tu é muito entrão. Que em vez de ficar lá fora com os homens, estava chegando na porta do quarto delas". Eu disse: Chico, mas eu só fui lá perguntar pra Mariazinha se elas queriam ajuda para lavar a louça, que era muita. E o Chico: "Lhé, elas não gostaram disso também não" E eu: Mas Chico, a Mariazinha é uma companheira evoluída. Ela faz parte da militância. Era justo eu lavar parte da louça. Ele me olhou de lado e disse: Elas não gostaram de ti não. Nessa conversa maluca ele me falou que eu estava errado, sem dizer que eu estava errado. Esse era o jeito do Chico. Ele nunca criticava ninguém diretamente. Ele sempre colocava o fato e deixava você mesmo fazer sua própria reflexão. Em 1984 a coisa estava feia e o PT decidiu que Chico precisava de segurança. Sem dinheiro, foi decidido que os próprios companheiros fariam a segurança dele. Fui escalado de guarda-costas. Um companheiro nosso que já morreu, o Hélio Pimenta, me forneceu um revólver 38, um Smith Oeste americano. Enfiei esse Smith Oeste numa capanga Kaxinawá muito bonita que eu tinha e fui rumo a Xapuri. Um dia, estávamos

na rodoviária de Xapuri, eu com o revólver na capanga, conversando com o Chico. Não sei se, só de cisma, achei que o pistoleiro estava vindo. Aí disse: Chico, eu não sou de dar tiro, não sou de matar ninguém. Pra não ter que fazer isso, é o seguinte: se a turma aparecer, eu corro pra um lado, e você corre pro outro. Assim a gente confunde eles. E a gente se encontra lá em Rio Branco. O Chico morreu de rir. Outra coisa muito bonita do Chico, era o seu compromisso com os princípios ideológicos. Um dia eu estava em Rio Branco tentando ganhar a vida na minha loja, quando chega o Chico com uma carta convidando ele pra visitar Israel. Ele me perguntou: "Cara, tu acha o quê? Eu vou ou não?" Se fosse hoje eu diria: Claro, Chico, vai lá e fala que você está indo a Israel porque acredita na paz. Aproveita e diga que a visita também é pra pedir que Israel reconheça o Estado Palestino, conforme estabelecido na Lei da Partilha da ONU, de 1947, não foi cumprida até hoje. Mas naquela época falou o sectarismo e eu disse pra ele não ir. Na carta dele agradecendo o convite para a Embaixada de Israel, em Brasília, ele explicou que tinha muito respeito pelos israelenses, mas que não iria, em respeito aos direitos do povo palestino. O Chico não foi para Israel, mas logo depois acabou viajando para os Estados Unidos. Pedi pra ele trazer pra mim uma manta da Pan Am (Pan American World Airways), daquelas que distribuem para dormir no avião. Ele perguntou se era proibido pegar a manta, e eu disse que não. Disse que aquilo era um brinde promocional, pra a empresa ficar conhecida. Não sei se ele acreditou ou não, mas o fato é que quando chegou de viagem ele foi lá na minha loja e disse: "Lhé, tá aqui a sua manta da Pan Am." (Lhé faleceu em 16 de maio de 2020).

# ANTONIO DE PAULA


Comitê Chico Mendes

Sempre fiquei aqui no Juruá, participando da Aliança dos Povos da Floresta, mas nunca deixei de ir às reuniões e assembleias. Fui para àquele encontro da Aliança em Rio Branco, no ano de 1989, logo depois que o Chico morreu. Desde 1992, não falto a nenhuma assembleia do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). Fui até para Nova York participar da Semana da Amazônia, evento que gostei muito e aprendi muito. Hoje as pessoas me chamam muito para andar pelos rios contando histórias daqueles tempos. Sempre querem saber sobre a Aliança e sobre Chico Mendes. Não tem reunião nessa floresta que os companheiros não se lembrem dele, do Ivair Higino e do Wilson Pinheiro. Nas minhas visitas conto como era antes, quando a gente era escravo dos coronéis do barranco, e de que a luta do Chico Mendes não foi a peso de arma, foi a peso da vida. Ele, como todos nós, era um homem de paz. Explico que a gente teve que resistir, porque nós, seringueiros, tínhamos um apego danado à vida na floresta. Não luto com computador. Só luto com as palavras porque eu sou um seringueiro velho e seringueiro velho acaba fazendo as coisas do seu jeito, sendo respeitado pelos mais novos. Acaba ficando um pouco imortal, como o Chico Mendes.

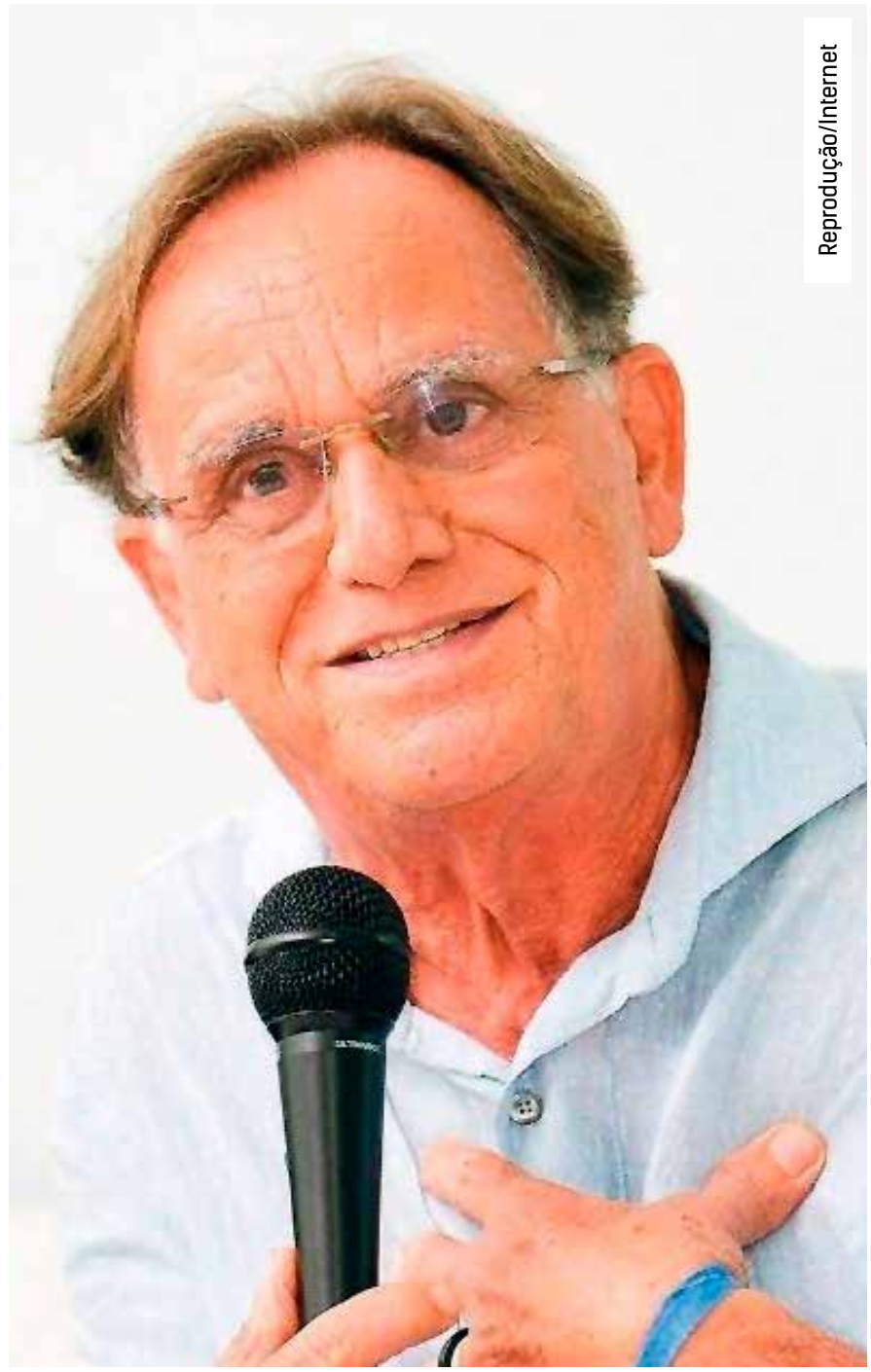
*"O Chico Mendes era um homem sabido, que gostava de novidades. Para seguir com a luta dele, a juventude precisa se preparar e entender os saberes da floresta."*

ICMBio

# CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES

Conto um pouco sobre Francisco Alves Mendes Filho, que nasceu no Seringal Porto Rico, no município de Xapuri, em 15 de dezembro de 1944. Era filho de pais nordestinos que migraram para a Amazônia. Desde pequeno trabalhou como seringueiro, partilhando o destino comum das familias cujos filhos, em vez de irem à escola, trabalhavam para extrair o látex. Chico Mendes teve a fortuna de encontrar aquele que seria seu grande mestre, Euclides Távora, que não só lhe ensinou a ler e a escrever, mas também o caminho que o levaria a se interessar pelos destinos do planeta e da humanidade. Euclides Távora era um militante comunista que havia participado ativamente do Levante Comunista de 1935, em Fortaleza, e  ainda, da Revolução de 1952, na Bolívia. Retornando ao Brasil pelo Acre, Euclides Távora vai morar em Xapuri e se torna mestre de Chico Mendes, que sempre falava com grande carinho de seu mentor e educador político, desaparecido desde o golpe ditatorial civil-militar de 1964. Com a formação recebida de Euclides, a educação tornou-se uma verdadeira obsessão de Chico Mendes, ao que dava um sentido político muito prático, pois acreditava que, sabendo ler e escrever, o seringueiro não mais seria roubado nas contas do barracão do patrão. Em 1975, já militando nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Chico participa da fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Brasiléia, junto com seu amigo Wilson Pinheiro. Em março de 1976, ajudou a organizar o primeiro empate, no Seringal Carmem. O empate consistia na reunião de homens, mulheres e crianças, sob a liderança dos sindicatos, para impedir o desmatamento da floresta. Essa prática se tornaria emblemática da luta dos seringueiros. Nos empates, eles alertavam os peões, a serviço dos fazendeiros de gado, geralmente de fora do Acre, que a derrubada da mata significava a expulsão de famílias de trabalhadores, e convidavam os peões a se associarem à luta, oferecendo a eles colocações e estradas de seringa para trabalhar. Firmes, expulsavam os invasores dos seus acampamentos de destruição, impedindo seu trabalho de derrubada da floresta. Os empates tiveram um papel decisivo na consolidação da identidade dos seringueiros, e essa forma de resistência acabou por chamar a atenção de todo o Brasil, sobretudo após o assassinato de Wilson Pinheiro, em 21 de julho de 1980. A UDR (União Democrática Ruralista) pensou que, matando Chico Mendes, estaria pondo fim à sua obra. Errou feio, porque o legado de Chico Mendes é parte de uma revolução de longa duração da humanidade pela reapropriação social da natureza, para a qual a luta de Chico deixou marcas definitivas. Além do assassinato biológico de Chico Mendes, outros assassinatos continuaram sendo feitos contra sua obra. O primeiro deles foi sua caracterização como um ecologista. Chico foi mais do que isso, pois conduziu a luta pela floresta como uma luta pela reapropriação social da natureza. Como o próprio Chico costumava dizer, "a reserva extrativista é a reforma agrária dos seringueiros." Chico Mendes soube articular a luta ecológica com a luta pela justiça social, por meio da invenção democrática com protagonismo dos e das que, até aqui, estavam subalternizados pelas relações sociais e de poder, conformadas hierarquicamente, que oprimem e exploram a maior parte da humanidade e, assim, impedem que todo o seu potencial criativo se desenvolva. Chico soube antever uma filosofia mais complexa, ao ampliar a compreensão das lutas específicas com a luta geral contra o capitalismo e por uma sociedade igualitária, acalentada por sua ideologia comunista. Assim, Chico Mendes abriu os varadouros do que intelectuais como Boaventura de Sousa Santos e outros irão chamar de um paradigma de novo tipo: o ecossocialismo. (Carlos Walter faleceu em 6 de setembro de 2023. A seu pedido, parte de suas cinzas foram espalhadas entre as árvores da Reserva Extrativista Chico Mendes).

*"Assassinos ligados à UDR pensaram em calar, com uma bala, essa voz cuja força, tal como uma poronga, a lamparina dos seringueiros, continua iluminando caminhos."*



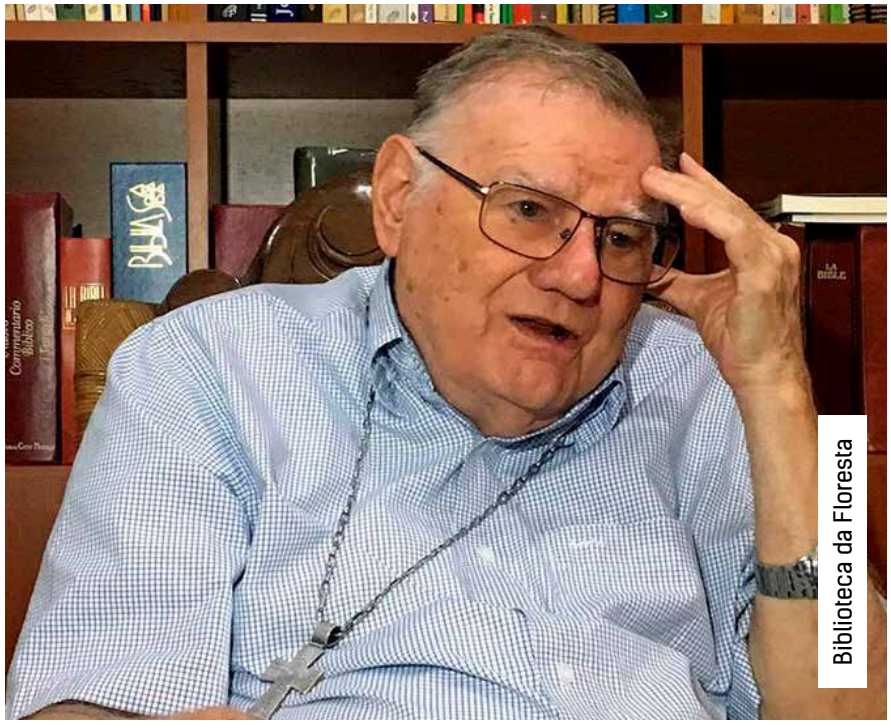
Reprodução/Internet

# DOM MOACYR GRECHI

Cheguei ao Acre em 1971, para cuidar da Prelazia do Acre e Purus, hoje Diocese de Rio Branco, no momento em que começava a reação dos seringueiros e posseiros para ficarem em suas terras. Sou natural de Santa Catarina, mas nessa época era o superior da ordem religiosa dos Servos de Maria, com sede em São Paulo, e também o provincial responsável pelo Acre. Com a morte do bispo Dom Giocondo, o Papa me indicou para ser o novo bispo da Prelazia. Sorte a minha, porque foi o povo do Acre que me ensinou a ser cristão, a ser bispo e a me comprometer com o lado justo. Esse povo que hoje considero como minha própria família. O Acre me quer muito e me honra com muitas homenagens. Tem um instituto do Governo com meu nome e um povoado – um lugar do povo chamado Vila Dom Moacyr – onde acontece uma história engraçada, porque na placa do ônibus desta vila está escrito só Dom Moacyr. Então o povo fica falando: "Cadê o Dom Moacyr? O Dom Moacyr já vem? O Dom Moacyr já passou?" E, no começo, muita gente ficava em dúvida se era o bispo ou o ônibus que estava demorando, vindo ou voltando. Essa é apenas uma das muitas histórias da minha amizade e da minha aprendizagem com o povo do Acre. Certa vez um grupo de mães foi me pedir para visitar um seringal perto de Rio Branco, o Ipiranga, onde o dono estava sendo denunciado por cometer atos de violência contra os seus filhos e os seus maridos. As mães e os parentes vieram três vezes à minha casa pedir socorro, e eu nunca ia. Até que, na 3º visita deles, um dos homens mais velhos – um senhor de mais de 80 anos – olhou para mim e disse: "Dom Moacyr, o senhor é o bispo, o senhor é a autoridade, o senhor é quem sabe, mas eu sou mais velho. Se eu fosse o senhor já teria ido lá conferir se isso é verdade ou não." Para não ficar de frouxo eu fui e essa visita mudou a minha vida. Em Rio Branco, tomei como missão organizar as CEBs por toda a Prelazia. As CEBs eram células de evangelização, de oração e de fraternidade, mas eram também onde se formava a consciência para a organização sindical e, um pouco mais tarde, para a formação do PT. Com o tempo, em todo lugar da Prelazia havia uma CEB.

Em Assis Brasil, as CEBs eram tão fortes que esse acabou sendo o único lugar onde o Lula nunca perdeu uma eleição. Nos tempos difíceis, ele perdia no Brasil todo, mas em Assis Brasil o Lula sempre ganhou. Com isso a Igreja Católica acabou sendo uma espécie de útero materno para a gestação de um sindicalismo independente e lutador, cujos líderes depois formaram o PT. Alguns me diziam: "Mas, Dom Moacyr, não pode, o senhor tem que ser um bispo de todos. Não pode ser um bispo do PT." Eu respondia que apenas prestava meu apoio às pessoas generosas que exerciam sua fé cristã lutando por paz e justiça social. Quando o João Maia chegou para fundar os sindicatos, o pessoal já estava preparado. As reuniões aconteciam sempre em ambiente de igreja. A polícia era corrupta até o osso; os políticos, uns incapazes; e o Exército, um bando de gente com medo do comunismo e da subversão (a maioria sem saber o que era isso, mas sempre com medo). A violência contava com a total conivência das autoridades, a polícia era corrupta e vendida, e o Exército vivia apavorado. O João Maia é uma pessoa que não pode ser esquecida: ele foi um homem corajoso, que teve o valor de organizar os seringueiros quando a Contag que veio ao Acre fundar os sindicatos. Um ex-seminarista alegre e brincalhão que gostava de falar em latim comigo. Tinha uma marca, que era o diálogo com todos, ele sempre me dizia: "Dom Moacyr, aprenda isso: o diálogo é a chave da sobrevivência nessa terra." Ele lutava por um sindicalismo independente, mas nem por isso deixava de conversar com o governador, com a polícia, com o Exército. Formou excelentes lideranças e fundou muitos sindicatos. Era destemido. Foi dele a ideia criativa de prender os jagunços durante o mutirão que os sindicatos fizeram em Boca do Acre, no Amazonas. Junto com o João Maia estava sempre o Pedro Marques, advogado didático que tinha um jeito muito especial de ensinar o Estatuto da Terra e o Código Civil aos seringueiros. Lembro do dia em que o João Maia me pediu para emprestar um salão da Igreja para fazer a assembleia de fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Branco. Como eu sabia que viriam muitos – e, de fato, chegaram mais de mil seringueiros e posseiros – acabei cedendo a própria Catedral. Do lado de dentro estavam os trabalhadores e, do lado de fora, o Exército armado com escudos e metralhadoras, cercando os trabalhadores como se estivesse cercando bandidos. Como se os seringueiros não estivessem apenas lutando com compromisso e fé para mudar um pouco o rumo das coisas que afetavam suas vidas. Era um tempo muito duro, com o Exército sempre tentando intimidar. Fizemos uma reunião na minha casa, da CPT com o CIMI e o Exército tentou gravar. Uma freira viu um gravador pequeninho na janela e esse gravador era do Exército. Como eu era Presidente Nacional da CPT – passei oito anos da ditadura militar como presidente da CPT – o jornalista Mino Carta deu uma nota no jornal A República, registrando o incidente. Anos depois, as denúncias de que eu vivia marcado para morrer se confirmaram. Um dia, muito doente, o Tufik Assmar, dono da Rede Globo no Acre, mandou me chamar e disse: Dom Moacyr, o senhor é meu amigo, e eu não posso morrer sem que o senhor saiba. Certa vez um militar me visitou para informar que estavam se preparando para matar o senhor. Eu disse a ele: Não, nem pensar. Disse que se matassem o senhor eu botaria a boca no mundo e contaria para o Brasil inteiro." E imaginar que a Globo começou lá na minha casa, uma emissora muito pobre.

*"O Chico Mendes começou na luta como todo seringueiro: brigando pela posse para permanecer na terra. Foram as circunstâncias que fizeram dele essa liderança tão excepcional. Além do preparo ideológico, ele tinha aquele jeito natural de falar e se entender com todo mundo."*


Biblioteca da Floresta

Vinha a Copa, com todo mundo querendo ver os jogos e o Assmar, que estava começando no campo da comunicação, me pediu para instalar seus equipamentos de baixa qualidade no quarto da minha casa, porque lá era o ponto mais alto da cidade. Esse foi um tempo em que cristãos e não-cristãos se uniram. No Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH) tinha até um ateu confesso, e tinha o Abrahim Farhat, o nosso Lhé, de origem libanesa. Em Xapuri tinha o Bacurau, um hanseniano que não tinha mão nem pé, totalmente dedicado. Essas pessoas se juntaram aos seringueiros e posseiros para lutar pela terra. Foi o povo da Igreja, o Nilson Mourão – que depois se tornou muito importante porque fazia a ligação da fé com a política, – o padre Paulino e o padre Pacífico, junto com os comunistas e um advogado do INCRA, chamado Juraci, que fizeram o Catecismo da Terra: um folheto barato e simples, com apenas cinco perguntas e cinco respostas, mas que foi o primeiro instrumento de resistência dentro da floresta. Quem não sabia ler pregava na parede da casa e quando chegava um capataz dizendo: "O senhor tem que sair, porque essa terra agora tem outro dono", a resposta sempre era: "Não senhor, eu não saio. Veja aí o meu direito que está escrito no Catecismo da Terra". Quando conheci o Chico Mendes, ele era um participante das CEBs, porém sem grande fervor religioso. Algumas vezes ele me acompanhava nas visitas pastorais, mas o que ele queria mesmo era falar de política e de organização. Desde a primeira vez que o vi, ficou claro que ele tinha uma certa formação. Depois ele me contou como foi alfabetizado e iniciado na política por uma certa pessoa que viveu na região. Mas, como sindicalista, era desconhecido até ser eleito secretário do STR de Brasiléia. Ele só se tornou a principal liderança depois do assassinato do Wilson Pinheiro, em 1980. Em Xapuri, nessa época, havia três padres: José, Otávio e Cláudio. O padre José sempre foi contra ele, mas os padres Otávio e Cláudio eram seus amigos que favoreceram sua luta, mas ele falava igualmente com os três. O Chico foi fruto de um momento de sensibilidade ambiental pelo qual o mundo estava passando. No começo nem o Chico Mendes, nem ninguém falava de defesa da floresta como um todo. Nessa evolução para o aspecto ecológico, para levar o pensamento dos seringueiros às pessoas de fora da floresta, o Chico contou com o apoio da antropóloga Mary Allegretti. Eu nem sempre concordei com ela, mas para ser justo tenho que reconhecer que a Mary contribuiu muito para que o Chico Mendes se transformasse nesse símbolo de luta pacífica em defesa da Amazônia, conhecido no mundo todo. E pensar que o Chico Mendes tantas vezes foi me ver, foi na minha casa dizer que estava para morrer, que se sentia muito ameaçado e que tinha certeza de que não ia viver. Eu brincava com ele e dizia: Morre nada, Chico. Esses cabras não têm coragem de te pegar. Mas ele começou a fuçar e acabou encontrando provas contra as pessoas que o ameaçavam. Um dia ele chegou lá em casa com uma carta precatória de prisão preventiva contra o Darly Alves, o mesmo que depois assumiu como mandante do assassinato dele: "Dom Moacyr, pra quem é que a gente entrega isso?" Fui com ele entregar a tal precatória para a Polícia Federal que, em vez de agir rápido, acabou demorando até que a coisa transpirou – chegou aos ouvidos do Darly – e pouco tempo depois o Chico foi assassinado. (Dom Moacyr de despediu deste mundo em 17 de junho de 2019, em Porto Velho, capital de Rondônia).

Comitê Chico Mendes

# DOM PHILLIPS E BRUNO PEREIRA

*“Wahanararai wahanararai,*
*marinawah kinadik,*
*marinawah kinadik;*
*tabarinih hidya hidyanih,*
*hidja hidjanih.”*
Canto em Katukina, língua dos Kanamari

Sou José Bessa Freire e me pergunto: Onde está o indigenista Bruno Araújo Pereira, 41 anos, paraibano de nascimento, amazônida por adoção, assassinado em 5 de junho de 2022? A cena é paradisíaca. Cercado por árvores no meio da floresta, ele está entoando um canto em Katukina, língua dos Kanamari. A câmera capta sua imagem de perfil, sentado no chão sobre um tapete de folhas, cadenciando a música com o pé esquerdo. Parece estar só. Não está. Gira seu rosto à direita e, agora de frente, abre um sorriso alegre interagindo com os índígenas com quem ele canta e que, fora do enquadramento, não aparecem no vídeo. Escutamos suas vozes acompanhando o contracanto coletivo, afinado pela cumplicidade construída na partilha das experiências de luta. O que cantam eles no vídeo [de Enoch Taurepang] exibido por André Trigueiro num canal de TV, que viralizou? As palavras falam literalmente sobre o modo como a arara alimenta seus filhotes, um hino em defesa da floresta e dos povos originários. A risada gostosa de Bruno exibe seu jeito de mostrar uma cena desgarradora, provocando sentimento ambíguo de luzes e sombras, esperança e desespero. O outro lado, aquele que mata e não canta, não é digno de ver e entender. – Quando vi o vídeo do Bruno chorei muito – escreveu o cantor e compositor André Abujamra, autor de um remix do canto, que expressou assim o sentimento de todos nós: chorar, orar, ar. Já vi trocentas vezes as imagens, hipnotizado pela alegria de menino brincalhão, que deve ter encantado a sua Beatriz e os dois filhos de 2 e 3 anos, um deles herdeiro do riso do pai, ambos fotografados em um barco no rio de água barrenta, em cujo toldo está escrito: “Este rio é minha rua”. Onde está o jornalista britânico Dominic Mark Phillips, 57 anos, nascido no condado de Merseyside, mas baiano como sua Alessandra e amazônida como o amigo Bruno, assassinado em 5 de junho de 2022? Apaixonados pela sacralidade da mata exuberante, os dois navegaram juntos desde 2018 pelos rios da Amazônia, especialmente o Javari, a última morada de ambos. Uma semana antes do adeus, Dom acabara de postar no Instagram um vídeo dentro de um barco, com uma singela declaração de amor bem abrasileirada, que diz tudo sobre ele e seu parceiro de vida e de morte. – Amazônia, sua linda! O amor pela região unia os dois e os vinculava aos povos originários, que lá vivem há milênios, e ensinaram a eles “Como Salvar a Amazônia”, título do livro que Dom estava escrevendo, com a experiência adquirida em viagens pelo Brasil durante 15 anos, os últimos cinco pela região amazônica, em companhia de Bruno. O jornalista era amado pelos povos indígenas, assim como Bruno, conforme declarações de líderes da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (UNIVAJA).

# DOROTHY STANG

As mortes de Chico Mendes, em 22 de dezembro de 1988, em Xapuri, no estado do Acre; de Dorothy Stang, em 12 de fevereiro de 2005, em Anapu, no estado do Pará, e de Dom Philips e Bruno Pereira, em 5 de junho de 2022, em Atalaia do Norte, no estado do Amazonas, por meio de execuções sumárias, ordenadas pelas forças do latifúndio e do capital, que insistem em liquidar o que resta da Amazônia, mostram que a floresta continua em perigo e que as pessoas que defendem os povos que nela vivem seguem sendo marcadas para morrer. Dados do Relatório sobre Conflitos no Campo, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), registram que, em 2022, o número de assassinatos ligados às disputas pela Terra aumentou cerca de 30% em relação ao ano anterior. Foram 47 mortes em 2022, das quais 18 foram de indígenas, contra 35 em 2021. Como nos tempos de Chico Mendes, nos seringais do Acre, foram registradas 180 ações de pistoleiros, um aumento de 86% em comparação com os anos anteriores. Também morrem, com frequência, pessoas que apoiam a causa dos Povos da Floresta. Chegada do Brasil em 1966, Dorothy Stang, missionária norte-americana, parceira da Comissão Pastoral da Terra (CPT), defensora dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais, foi assassinada com seis tiros, em uma estrada de terra, a 53 km de Anapu, em 12 de fevereiro de 2005. Irmã Dorothy, com a chamavam seus companheiros e companheiras, foi responsável pela instalação de um Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS), vinculado ao Incra, em um assentamento de trabalhadores sem-terra. Assim como em toda a região, onde operam latifundiários, madeireiros e grileiros, por vezes contratando jagunços e pistoleiros para dar cabo à vida de quem resiste em defesa de seu território, aos 73 anos, Dorothy perdeu a vida para a ganância do latifúndio. Para o Movimento Sem Terra (MST), Irmã Dorothy tornou-se um dos maiores símbolos de resistência para o Movimento Sem Terra (MST), que desde suas origens preza assiduamente pela proteção de todos os recursos naturais e formas de vida. A luta da missionária da CPT não foi em vão! Irmã Dorothy: Presente!

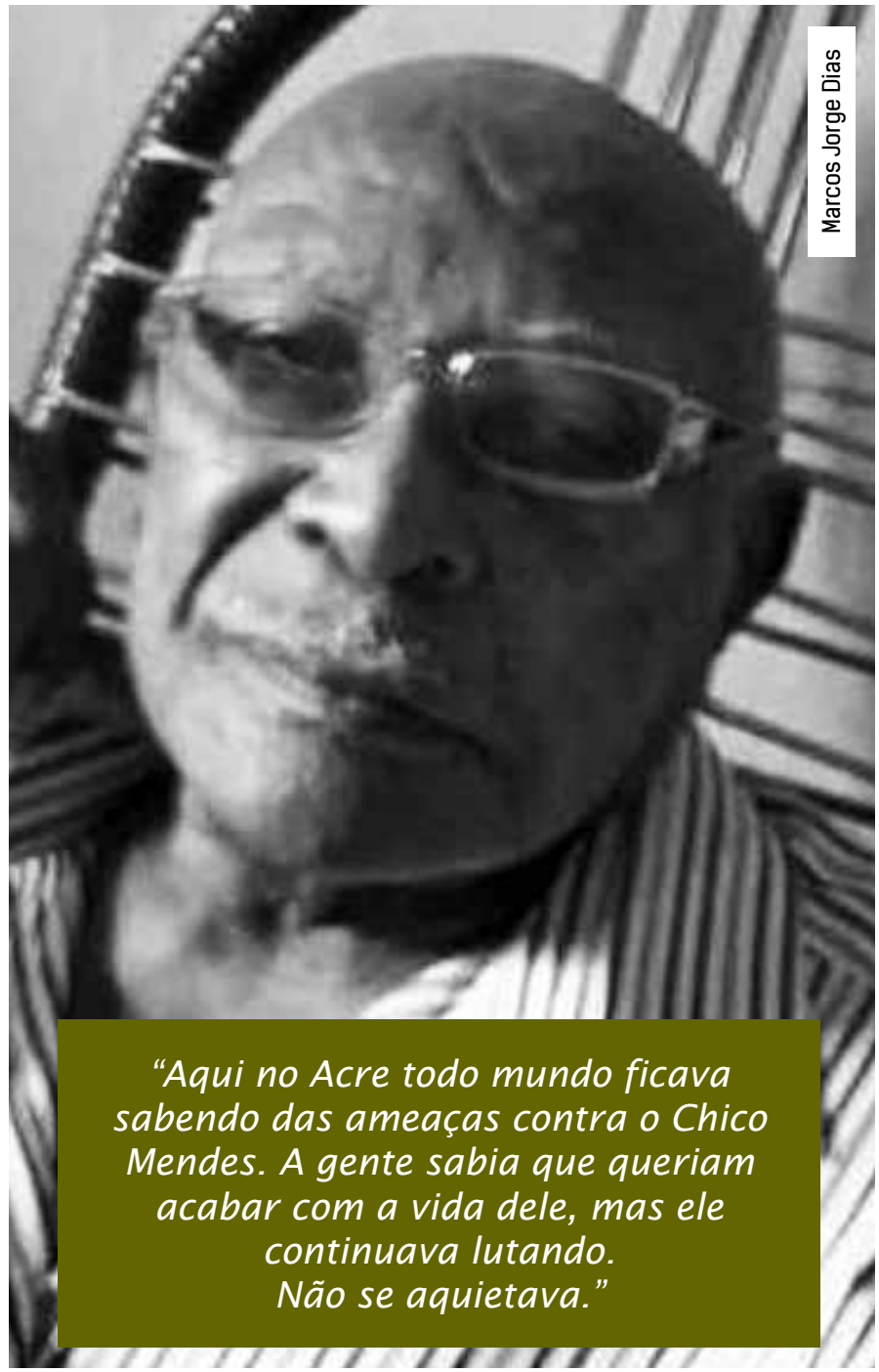
Carlos Silva/Imapress/Dedoc

*"Não vou fugir nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade, sem devastar".*
Dorothy Mae Stang

# ELIAS ROSENDO

Em 2008, escrevi um cordel sobre a vida inteira do Chico Mendes, que vai desde o dia em que ele nasceu até o dia em que ele foi morto no escuro da noite, no quintal da casa dele, lá em Xapuri. Conto de quando fundamos o STR de Brasiléia, eu sendo eleito presidente do primeiro sindicato de trabalhadores criado naquela região, e o Chico sendo eleito para ser meu secretário. Lá, a primeira coisa que o Chico pediu para comprar foi uma máquina de bater letras, mesmo nenhum de nós dois sabendo usar. Comprei, mas logo desisti de aprender. O Chico, não. O Chico insistiu com as teclas até aprender a escrever naquela máquina de datilografia. Depois, um tempo mais tarde, ele passou por lá, disse que era coisa de estimação e trouxe essa máquina pra Xapuri. Hoje, eu não sei onde ela está. O Chico eu conheci desde pequeno, coitadinho. Com sete para oito anos, o menino já estava cortando seringa com o pai dele; com a mãe e os irmãos, depois que o pai morreu. Ele querendo ir pra Xapuri estudar, e a mãe sem condição de deixar. Depois apareceu uma pessoa que ensinou ele a escrever, a fazer as contas e a pensar na política. Eu e ele no Sindicato de Brasiléia, junto com o Wilson Pinheiro, vimos aparecer as primeiras ameaças, os primeiros despejos, as primeiras violências contra os trabalhadores. Nessa época, eu fiquei sabendo dos maus tratos que um capitão do Exército, que era médico e tomava conta do Hospital de Brasiléia, estava fazendo contra os trabalhadores. Revoltado, dei queixa do capitão na polícia e, como todos eram farinha do mesmo saco, em vez de mudar o tratamento do povo na doença, o capitão mandou me avisar que eu estava marcado, que ele ia me pegar e que a polícia faria esse favor a ele. Eu, que não tinha o arrojo do Wilson Pinheiro, caí fora. Passava pelo Sindicato, mas era correndo. A maior parte do tempo eu andava era sumido, no mato. O pessoal falava que eu não aparecia porque era farrista, mas o que aconteceu comigo foi medo mesmo. Wilson Pinheiro, que era um cara valente e corajoso, acabou assumindo como presidente do Sindicato no meu lugar. Achei justo, porque ele era um cara de acossar, e eu não dava para aquilo. Ele andava depressa, eu ia mais devagar. Eu dizia pro Wilson Pinheiro: "Manera, amigo, anda com o passo mais lento. Do jeito que tu tá indo, os cabras vão te pegar." Ele continuava convocando assembleias, organizando empates, marcando posição no conflito. O Wilson era uma pessoa muito boa, muito bacana. Comprou dois caminhões e andava pelos seringais com esses caminhões aviando as precisões dos companheiros. Antes do assassinato, os jagunços fizeram pressão e queimaram os caminhões dele. O Chico ficou ameaçado e, para sobreviver, acabou se mudando pra Xapuri. Chegando em Xapuri, (nessa época ele já era um cara muito querido), acabou sendo eleito vereador pelo MDB. Mas ele não gostava do MDB. Ele queria mesmo era seguir o Lula e fazer o Partido dos Trabalhadores. Em 1980, foi pra São Paulo e lá eles fundaram o PT. Depois disso, Chico voltou ao Acre para fazer o PT. Chico Mendes chegou dizendo que era para todo mundo somar força no PT, e nós nos juntamos a ele. É por isso que me afeiçoo tanto ao PT. Estou nesse partido e dele não saio mais. Esse foi o partido que entrei ao lado de Chico Mendes e é nele que vou morrer. O PT nós começamos desde os anos 1980, mas a primeira eleição com candidato do PT só aconteceu em 82. Fui candidato a vice-governador na chapa do Nilson Mourão para Governador. O Chico Mendes saiu candidato a deputado estadual. A gente não teve quase nada de voto, porque não tínhamos dinheiro para campanha e o partido ainda era pequeno. Chico morreu com esse ideal de defender a floresta. Ele era um cara que não tinha medo de fazer empate na mata, mas ele achava também que tinha que sair do Acre para levar as nossas propostas.  Ele juntou um monte de seringueiros e foi pra Brasília defender as Reservas Extrativistas, que só se realizaram depois da morte dele. Quando ele via uma motosserra, ficava doido de tristeza. Ele falava: "Que pena que tenho dessa floresta. Que dó eu tenho do seringueiro que vai ser expulso, que não vai mais ter seringa pra cortar, nem castanha pra colher." Ele era muito humano. O amor que tinha pela floresta  também era o amor que ele tinha pelo seringueiro.

Depois que ele foi ao I Encontro Nacional de Seringueiros, em Brasília, voltou cheio de amigos e cheio de influências. Toda vez que me encontrava com ele, o Chico falava que a gente precisava fazer como fazia o Wilson Pinheiro: com apenas uma chamada colocava duas mil pessoas na praça para as assembleias do Sindicato. Respondia: Tá certo, Chico, mas para chegar a esse ponto de novo, temos que ir conscientizando as pessoas de pouco em pouco. Temos que ir com mais cuidado, ninguém precisa perder a vida. Ninguém precisa passar pelo que aconteceu com a família do Wilson Pinheiro. Sempre fui assim, de ir mais devagar. E quanto mais ele saía, quanto mais fazia amigos fora do Acre, mais raiva os paulistas ficavam dele. Hoje penso que Chico foi um pouco como Tiradentes, que morreu pela liberdade. No meu livro falo isso: que o Chico Mendes também deu a vida por uma causa: pela causa da floresta. O Tiradentes foi esquartejado por lutar pela Independência do Brasil de Portugal. Chico Mendes morreu com o corpo traçado de tiros por querer fazer a independência dos povos da Amazônia extrativista, dos Povos da Floresta. É por isso que quero prestar essa homenagem a ele em forma de cordel: imprimindo um livreto com ele bem grande na capa e eu junto a ele, mas lá atrás, no pano de fundo, porque homem de valor mesmo era ele. (Elias Rosendo faleceu em 08 de janeiro de 2018, aos 93 anos, em Rio Branco, no Acre).

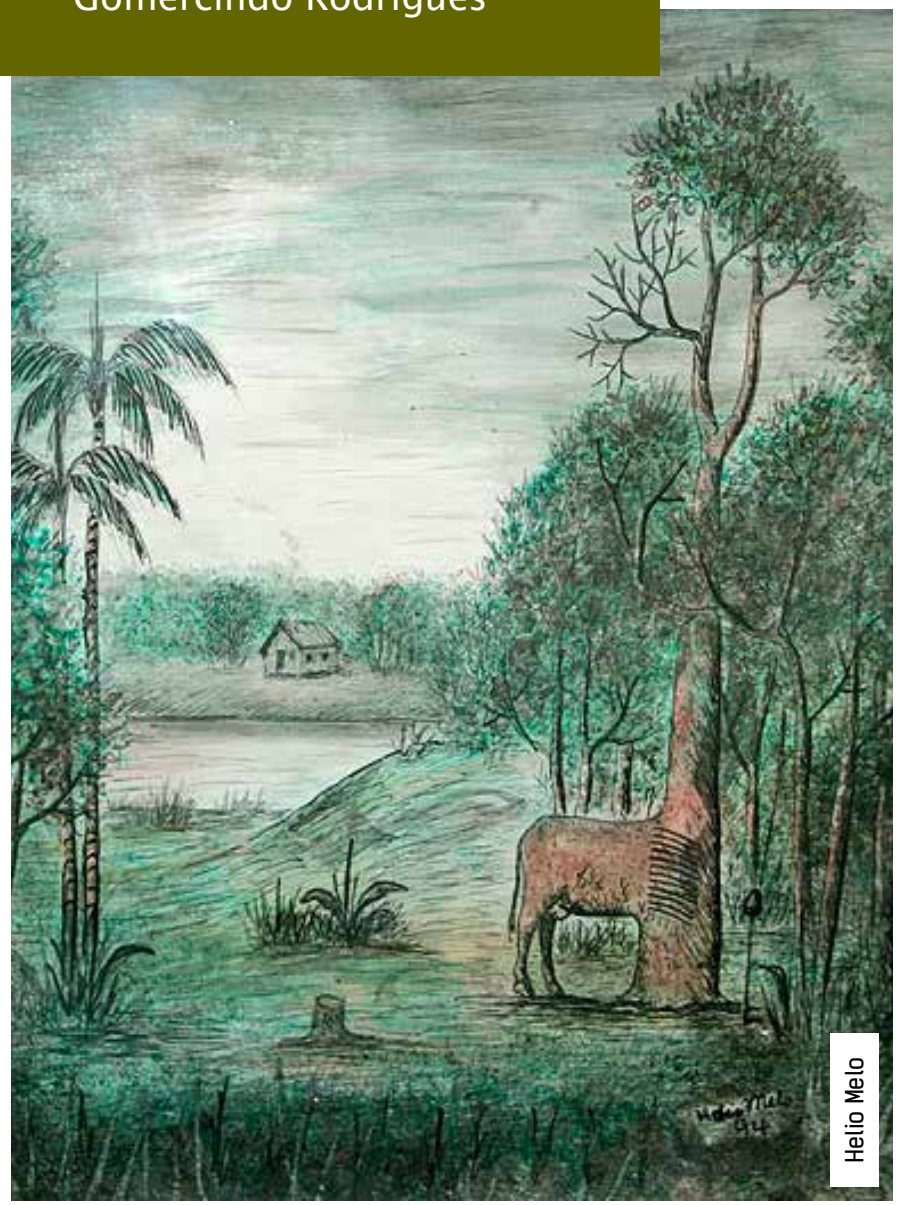

Marcos Jorge Dias

*"Aqui no Acre todo mundo ficava sabendo das ameaças contra o Chico Mendes. A gente sabia que queriam acabar com a vida dele, mas ele continuava lutando. Não se aquietava."*

# IVAIR HIGINO

Ivair Higino foi um jovem companheiro de Chico Mendes, assassinado em 18 de junho de 1988, seis meses antes do assassinato do Chico. Ele tinha apenas 26 anos quando foi morto, praticamente na porta de sua casa, quando saía para buscar o leite para seu filhinho, que tinha apenas 38 dias de nascido. Ivair era um militante das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), nascido em Minas Gerais, que chegou ao Acre em 1985 para participar da ocupação de um Projeto de Assentamento Extrativista (PAE), implantado pelo Incra, na região de Xapuri. Companheiro de Chico Mendes na luta em defesa da Amazônia e dos povos que nela vivem, segundo Angela Mendes, filha de Chico, "Ivair Higino é um personagem importante da história da luta dos seringueiros no Acre porque foi um dos que pagaram com a própria vida por defender a floresta contra a ganância desenfreada do latifúndio." Somente em 2008, depois de 20 anos da morte de Ivair Higino, os três acusados do crime foram a julgamento, mas apenas um deles, Oloci Alves da Silva, filho de Darly Alves, foi condenado a uma pena de oito anos de reclusão em regime semiaberto. Isso gerou grande revolta entre familiares e lideranças do Movimento Social acreano. À época, o militante e grande companheiro Abrahim Farhat, falecido em 16 de maio de 2020, em depoimento à Agência de Notícias do Acre, expressou o sentimento coletivo dos companheiros e companheiras de Ivair Higino: "Às vezes a justiça brasileira é falha, porque pune os bons e solta os maus. O Ivair estava lutando pelo direito à vida, pelo direito à posse da terra, pelo direito de criar sua família em paz. Era um cidadão de bem, que lutava em favor dos menos favorecidos, por isso foi morto. Essa decisão judicial favorece a impunidade, mas não enfraquece a luta, porque ela é de todos e de todas nós."

*"O Ivair Higino não tinha inimigo, nem nada, ele foi morto de forma boba, idiota, com a participação do pessoal do Darly Alves, apenas como forma de criar terror na região."*
Gomercindo Rodrigues



# JORGE TERENA

Jorge Terena, amigo, irmão, pai, companheiro, parente, adentrou, em pleno coração da Amazônia brasileira, o campo eterno dos ancestrais. Professor, filósofo e conselheiro, Jorge Terena foi idealizador, junto com Ailton Krenak, Davi Yanomami, Marcos Terena e Paulinho Paiakan, do histórico Núcleo dos Direitos Indígenas (NDI), tendo contribuído, assim, na elaboração do capítulo dos Direitos Indígenas na Constituição Federal, a nossa Carta Magna de 1988. Como assessor de José Lutzenberger para os temas indígenas, o grande parente Jorge Terena teve papel estratégico importante na demarcação da Terra Indígena Yanomami, no ano de 1992. O companheiro Jorge era inteligente, sóbrio e sempre solidário. É impressionante lembrar que ele não raro tirava do bolso o que às vezes não tinha, para ajudar, socorrer, dar guarida a um companheiro. Sempre afetivo e festivo, fazia de sua casa um centro comunitário. No dia 9 de novembro de 2007, foi chamado a embarcar nas asas da quimera, para percorrer o caminho das estrelas. Como a maioria de seus irmãos indígenas, não pôde perceber a tempo que seu corpo estava tomado pelas doenças da modernidade, como o diabetes e o câncer. Homenageamos, aqui, a um dos idealistas da Aliança dos Povos da Floresta: indígena pantaneiro, exímio cavaleiro que sabia, como nenhum outro, fazer e conservar suas amizades, contar histórias e propor ações a favor dos direitos indígenas, aproveitando sua experiência de cidadão bilíngue e bicultural, levado que foi, ainda jovem, aos Estados Unidos, onde certamente aprendeu novos costumes, experimentou grandes aventuras, sem, contudo, jamais esquecer seu povo, suas raízes e suas tradições. (Jorge Terena faleceu em 9 de novembro de 2007, em Manaus (AM), vítima de um acidente vascular cerebral).

Arquivo Marcos Terena

*"Poí Caxé, Boinún! Até outro sol, irmão!"*
Marcos Terena

# PEDRO RAMOS DE SOUSA

Nasci em 27 de novembro de 1940, em uma das muitas ilhas fluviais do estuário do Rio Amazonas, no município de Afuá, no estado do Pará. Vivi cinco anos em Macapá, estudando. Retornei para Afuá e ali fiquei até os 23 anos, aprendendo com minha mãe a cortar seringa, a processar o óleo de andiroba e a juntar os frutos do açaí. Em 1964, em Afuá, fui preso pela Ditadura Militar. Escapei e fui para Cayenne, na Guiana Francesa, e de lá só retornei em 1986, para a vida de pequeno agricultor, pra trabalhar com cultura de subsistência, até que a companhia Mendes Júnior se apropriou da terra que a gente ocupava, retirando as poucas condições que tínhamos de sobrevivência. Foi curtindo a ressaca do prejuízo causado pela Mendes Júnior que conheci o Jorge e a Neuza Zimmerman, grandes incentivadores para que os agricultores se organizassem. Eles promoveram treinamentos, capacitaram em associativismo e concederam apoio logístico no processo de fundação da Sociedade Central de Pequenos Agricultores do Território Federal do Amapá. Com a Soceap, organizamos os pequenos agricultores em três municípios da nossa região. Foi numa dessas reuniões que eu conheci o Chico Mendes. Trocamos impressões sobre a Amazônia e sobre nossas organizações; depois ficamos confidentes do nosso dever de fazer o movimento avançar. Nós criamos as Reservas Extrativistas, um modelo de reforma agrária adequado à nossa realidade amazônica, para se contrapor ao projeto econômico de destruição da Amazônia pelo Estado. O poder central do Brasil tomou várias medidas para sustentar a exploração da floresta: mais de mil quilômetros de estradas de rodagem abertos ou iniciados; hidroelétricas, linhões de transmissão; ferrovias para transporte de minérios; portos de embarque e desembarque; sistemas de comunicação modernos; milhões de hectares de terras ocupadas ou desocupadas à disposição do grande capital. A propaganda de massa na mídia mostrou-se muito útil para o propósito do Estado central, que abusou de slogans como: "Amazônia: o Eldorado Brasileiro"; "Muita Terra sem Gente"; Integrar para não Entregar"; "Este é um País que vai Pra Frente", que passaram a atrair migrantes pela promessa da facilidade na obtenção de terras, pelos incentivos fiscais, pelos subsídios e pela infraestrutura produtiva, de escoamento e insumos básicos à disposição. O destino da Amazônia estava lançado e não era bom. De imediato, o estrago atingiu a economia extrativista, que viu seus produtos sendo banidos do mercado. Ao destruir a economia extrativista, desprotegia-se o ser humano, retirando-lhe a única fonte de renda que lhe assegurava o suprimento mínimo de suas necessidades elementares, contrariando o dispositivo da Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa Humana, da qual o Brasil é signatário. Esse propalado progresso aguçou conflitos generalizados pela disputa da terra. Imbricados, latifúndio e capital ostentavam poderes contra povos e comunidades tradicionais, contra índios e extrativistas. Para o latifúndio, os Povos da Floresta deveriam permanecer entregues à própria sorte, ignorados pelo Estado. A omissão do Estado resultou em conflitos e em frequentes assassinatos de camponeses, lideranças religiosas e advogados. Assim se consolidava a expulsão de levas de camponeses do campo para as periferias das cidades. O passo seguinte foi a desintegração das famílias por conta da fome que conduzia as mulheres para a prostituição e os homens para os atos de delinquência. Esse cenário tomava conta das reflexões de Chico Mendes, e minhas também, nos anos 1980. Nossa principal e pacífica arma de combate ao desmatamento eram os empates, onde a gente colocava uma fileira única de homens, mulheres e crianças envolvendo um determinado perímetro de floresta em frente aos peões e jagunços no dia marcado pelo latifúndio para a derrubada. O amadurecimento das nossas reflexões estimulou a criação de uma entidade que se dedicasse às questões do extrativismo florestal. Encabeçados pelos seringueiros, o debate se estendeu do Acre a Rondônia, Amazonas e Amapá, sendo que o Amapá ficou ausente do ato de criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, em outubro de 1985, em Brasília. A primeira ação concreta do Estado brasileiro visando a destinação de terras para as comunidades tradicionais locais se deu com o reconhecimento da figura jurídica da modalidade

de Projeto de Assentamento Extrativista (PAE), através da Portaria Incra/627, de 30 de julho de 1987. A partir dessa portaria do INCRA, as questões peculiares naturais e culturais das comunidades tradicionais amazônicas começaram a ser reconhecidas e respeitadas em órgãos do governo federal e, nos processos de reconhecimento da realidade dos Povos da Floresta, passou a  existir uma preocupação com o equilíbrio ambiental, com a racionalização do uso dos recursos naturais, com a preservação do meio ambiente e com o respeito às populações tradicionais, extrativistas e não-extrativistas. Não contávamos com o assassinato do Chico Mendes. Sabíamos das ameaças e do que significava para o movimento manter o Chico vivo. Houve decisão da parte da sociedade civil e de assessores de afastar o Chico de Xapuri, mas ele não quis sair, ele quis ficar. Os autores daquela morte continuam matando, porque é como se o país cultuasse a impunidade. No caso do Chico Mendes, só quem disparou a arma e apenas um dos mandantes do crime foram julgados e condenados. A presença de repórteres foi uma espécie de garantia para que o assassino fosse preso e julgado, e evidenciou o prestígio que as ideias do Chico, que são as nossas ideias, ganharam no Brasil e no mundo. Depois da morte do Chico, refletimos muito sobre os nossos propósitos, traduzidos na dimensão agrária e na regularização fundiária, na manutenção da cultura das comunidades tradicionais e da produção com bom manejo, no fortalecimento das organizações, no rompimento do isolamento do CNS e na ampliação das alianças para fortalecer a luta. Mantivemos o Encontro da Aliança dos Povos da Floresta que o Chico estava organizando quando morreu. Daquele encontro, em março de 1989, decidimos  viabilizar a criação, a implantação e a difusão das Reservas Extrativistas, bandeira maior defendida pelo Chico com muito fervor, assim como defendia a vida, combatendo qualquer tipo de agressão e dizendo que se sua morte servisse para avançar nas conquistas, ele não teria medo de enfrentá-la.

Reprodução/Internet

*"O dia do assassinato de Chico Mendes transformou-se no dia em que os movimentos sociais da Amazônia choraram. Sentimos, ao mesmo tempo, sentimentos de ódio, raiva, vingança, dor e impotência, diante não só da morte do Chico, mas também diante da injustiça dos muitos outros assassinatos de nossas lideranças na Amazônia e no Brasil inteiro."*

# CARTA PARA O MANO CHICO MENDES

Mano Chico, seu nome hoje é símbolo da luta dos seringueiros, dos ambientalistas; é símbolo do desenvolvimento sustentável e do ecologicamente correto. Seu nome hoje é grande e respeitado por toda essa gente que deseja um sistema econômico sem as mazelas da depredação ambiental e da contaminação do solo, da água e do ar. Depois que você morreu, mano Chico, seu ideal e seu nome ajudaram a criar as quatro primeiras Reservas Extrativistas, e muitas outras vieram depois, melhorando a qualidade de vida das pessoas da floresta, que foram a razão maior da sua luta. Mano Chico, foi realizada no Brasil a Eco-92, onde se lançou a Carta da Terra, e depois a Rio+20, e depois dela o Brasil continua participando de muitas conferências mundiais e assinando acordos e tratados, inclusive em 2015 assinou o Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas. Mano Chico, em 2002 o nosso querido Lula foi eleito presidente do Brasil, e se reelegeu em 2006. Em 2010 foi eleita a Dilma, que também se reelegeu em 2014, mas foi deposta em 2016 por um golpe do Parlamento com o Judiciário e com a mídia; agora, mano Chico, ela é presidenta de um banco chamado BRICS e foi morar lá na China. Depois disso, prenderam o nosso Lula por 580 dias pra ele não ganhar as eleições de 2018, acabou sendo eleito um genocida inominável que tentou acabar com nosso Movimento, mas felizmente ele perdeu as eleições de 2022, e não é que o Lula voltou de novo, em 2023, num governo de união e reconstrução, mano Chico? Mano Chico, no atacado o Lula e a Dilma fizeram governos muito bons, mas no varejo ficaram nos devendo. E o pior, mano Chico, é que por agora não vamos ter como acertar essa conta, porque o governo que entrou depois de derrubar a Dilma deu logo um jeito de acabar com as nossas conquistas da agricultura familiar e tem tentado de todo jeito fechar os programas indígenas. Mano Chico, o latifúndio da monocultura de exportação continua grilando nossas terras e se apossando dos nossos territórios. O desmatamento, a degradação ambiental e a contaminação das nossas águas continuam graves. Está faltando você por aqui, mano Chico, para trocar uma prosa com os poderosos que continuam dominando nosso país a partir dos gabinetes de Brasília. Mano Chico, quanto a mim, ando meio perrengue, mas continuo torcendo pelo sucesso do CNS, que nós criamos juntos e que, para incluir os novos parceiros, mudou de nome para Conselho Nacional das Populações Extrativistas, mas mantém a nossa velha sigla CNS. Mano Chico, já se vão 35 anos, e todo mundo anda com muita saudade de você. Então, mano Chico, até mais ver! (Pedro Ramos, que ficou conhecido como o filósofo do movimento extrativista, faleceu em 11 de dezembro de 2023, no seu estado do Amapá).

Pedro Ramos de Sousa

Reprodução/Internet

Miranda Smith

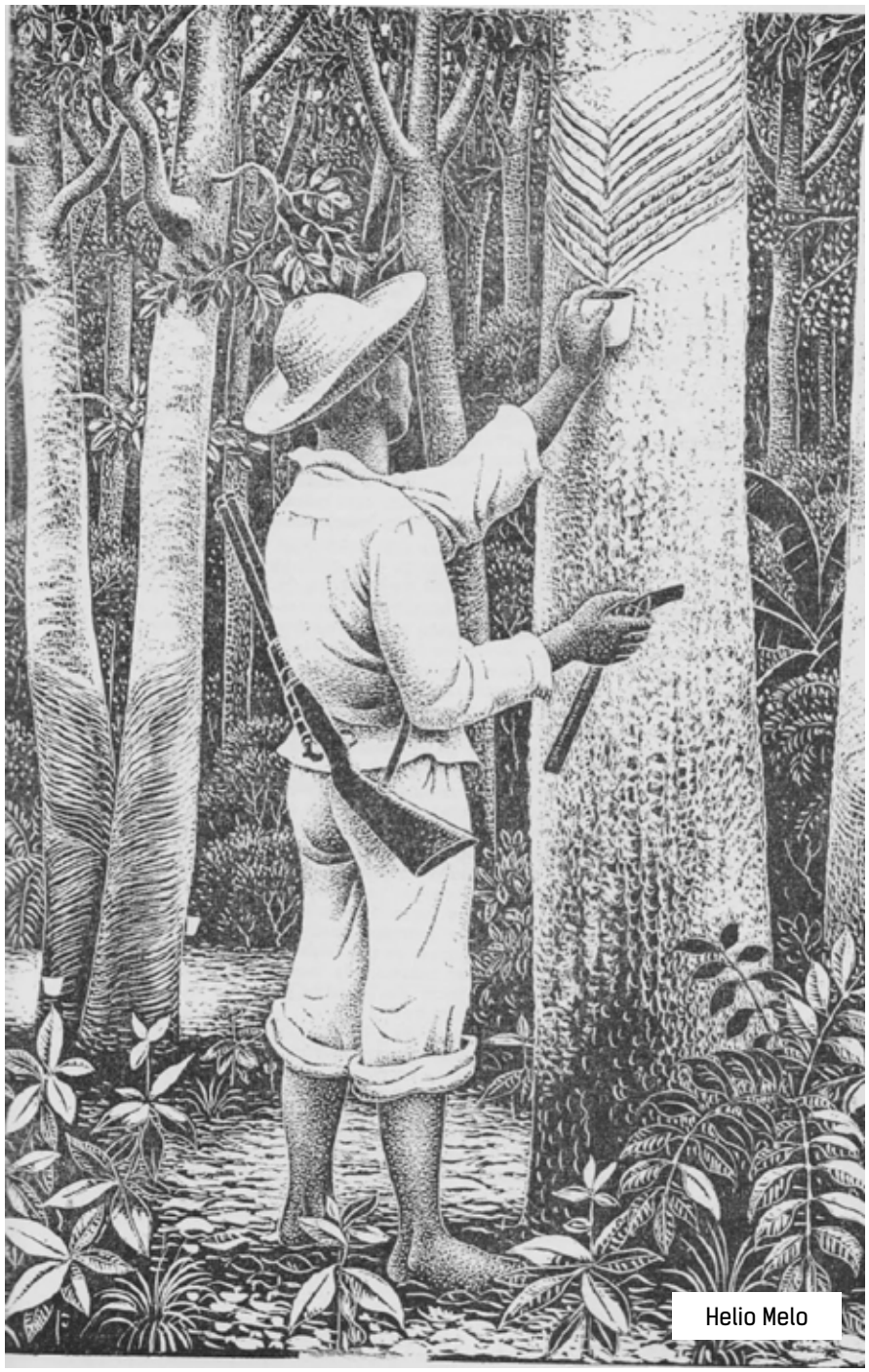
# RAIMUNDA GOMES DA SILVA
# RAIMUNDA DOS COCOS

Minha história é a história das muitas mulheres de luta que fizeram a resistência na Amazônia junto com o Chico Mendes, com o padre Josimo [Tavares] e com tantas outras lideranças dos Povos da Floresta. Já faz tempo que cheguei aqui no Bico do Papagaio, neste município de São Miguel, que antes era Goiás e hoje é Tocantins. Cresci em Bacabal, no Maranhão, onde desde muito jovem já atuava nos movimentos sociais com as comunidades da Igreja Católica. Aqui foi a mesma coisa, continuei trabalhando com os movimentos sociais e com a Igreja. Quando cheguei em São Miguel, os moradores diziam que aqui era uma área tranquila, e foi mesmo, até os anos 60. Depois veio a abertura da Belém-Brasília e junto chegaram os latifundiários, que começaram a grilar terras e a registrar posses em cartório. E depois de registrar a posse que não era deles, e é isso que a gente chama de grilagem, eles vinham com seus jagunços e expulsavam os verdadeiros posseiros das suas casas e das suas terras. Assim, o povo trabalhador foi sendo expulso, foi ficando sem roça e sem casa, mesmo tendo morado nos seus roçados por muitos anos e muitos anos. A violência era grande, os trabalhadores eram indefesos; aqui não tinha lei, aqui não valia o Estatuto da Terra. Para defender o nosso povo, resolvemos fazer um Sindicato dos Trabalhadores Rurais, para que as pessoas da nossa região tivessem onde recorrer. De onde eu vinha, tinha uma vivência de agricultura familiar, com muito mutirão e troca de dias de trabalho; ali a gente nunca pagava empregado, a gente vivia na base da solidariedade. Aqui foi a mesma coisa, a gente foi se juntando com os mais pobres, com os povos das aldeias e com os quilombolas. Ninguém era rico, mas ninguém passava fome ou andava nu. Em 1997, cansadas das ameaças e das violências quando a gente ia catar coco nos babaçuais, nós, mulheres, resolvemos lutar pela Lei do Babaçu Livre, pra gente ter acesso livre as florestas de babaçu de onde tiramos o nosso sustento. Estamos vencendo. De lá pra cá, temos uma lei municipal em São Miguel, e também já aprovamos uma Lei Estadual no Tocantins [Lei n° 9.159/2008]. Agora falta o governo aprovar a Lei Federal, mas essa lei já está em Brasília e um dia desses também vai sair. [por unanimidade, a Comissão de Meio Ambiente da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 231/2007, criando a Lei do Babaçu Livre. O projeto, de autoria do deputado Domingos Dutra (PT/MA), proíbe a derrubada de palmeiras de babaçu nos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins, Pará, Goiás e Mato Grosso, e cria regras para a exploração da espécie]. A gente aqui costuma dizer que o babaçu é a nossa árvore da vida, porque dela tiramos tudo: do fruto tiramos a castanha que hoje começa a ter algum valor no mercado; da castanha fazemos óleo e sabão, que usamos nas nossas casas ou vendemos para gerar renda; do caule fazemos tábuas para construir as nossas casas; com as folhas, cobrimos nossos ranchos, que ficam frescos o ano inteiro. E ainda que não desse tudo isso, o babaçu pra nós é símbolo, ele é a floresta que sempre renasce de onde já tiraram tudo. É uma palmeira que sempre reage, ela está sempre multiplicando novas filhas, novas palmeiras. O babaçu pra nós é tudo, ele traz chuva, ele traz sombra, ele melhora o clima, melhora o ar que respiramos. Por isso, o babaçu não pode ser extinto. Essa luta é importante porque o babaçu não é apenas um símbolo, ele é a floresta da natureza onde já tiraram muito, e ela sempre reage, ela está sempre multiplicando novas palmeiras. O babaçu pra nós é tudo, é parte da nossa vida, ele melhora o ar que respiramos, as chuvas, o clima. Ele não pode ser extinto. Um primo meu me deu uma música para cantar nas reuniões "Ah, não derruba essa palmeira, ah, não devora o palmeiral, tu não pode derrubar, precisamos preservar, precisamos preservar a riqueza natural". Virou um hino nosso! (Dona Raimunda morreu em casa, no povoado de Sete Barracas, no município de São Miguel do Tocantins, em 7/11/2018, aos 78 anos de idade).

*“Depois de 1988,*
*a gente sempre compara*
*a história do Josimo com*
*a história do Chico Mendes.*
*Os dois foram mortos*
*pelo latifúndio,*
*os dois morreram lutando*
*pelos Povos da Floresta.”*

MIQCB

# SABÁ ARAÚJO



Helio Melo

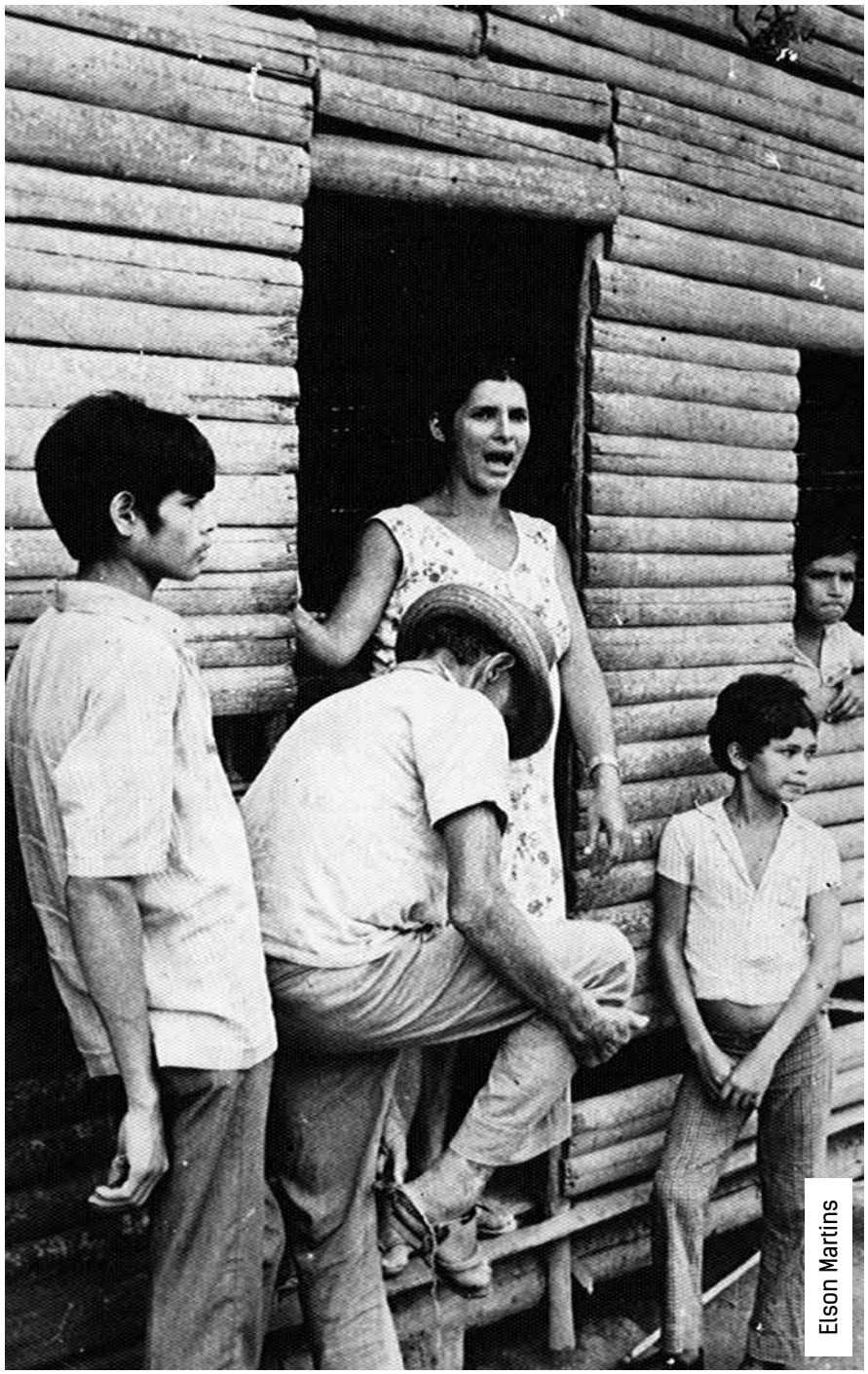
Eu não gosto nem de me lembrar do dia que soube da morte do Chico Mendes. Nós dois éramos do Sindicato de Xapuri. O Chico era o presidente, eu era o tesoureiro. Meu nome é Sebastião Gomes de Araújo, mas todo Sebastião aqui no Acre é Sabá, então todos me chamam de Sabá. Para o Acre, eu vim do sudoeste do estado do Pará, de perto da terra dos Kayapó, onde também tem muitas seringueiras, mas os Kayapó não deixavam a gente cortar seringa na terra deles. Eu estava em Belém com meu padrasto, indo para o Maranhão em busca de trabalho. Foi quando apareceu um seringalista daqui do Acre, com aquela conversa bonita, dizendo que nos seringais do Acre dava pra ganhar muito dinheiro, que dava pra gente voltar rico em dois anos. Meu padrasto achou que a gente devia tentar a vida aqui no Acre, só por dois anos, e pra cá nós viemos. Hoje sou mais acreano do que paraense. Minha esposa é acreana, meus filhos são acreanos, toda a minha vida está aqui no Acre. Pois é, aqui nesse Acre que, como a gente sabe, é a terra do Chico Mendes, um homem que nunca mais vai ter outro igual, nem parecido, uma pessoa que amava demais a floresta. O que mais me lembro do Chico Mendes era o modo dele tratar as pessoas. Com ele não tinha esse negócio de rico ou pobre, todo mundo era tratado do mesmo modo. Aliás, o pobre ele considerava muito mais. O Chico era aquele homem que tirava a colher da boca para dar pra outra pessoa, que não sabia dizer não pra outro ser humano. Uma vez a gente estava lá no Sindicato, aí chegou uma senhora já de idade querendo falar com o Chico Mendes. Eu disse: O Chico está tomando café. E ela: "Eu preciso muito falar com ele." Chamei o Chico. Ele veio com aquele copo de café doce e ralo, e um pedaço de pão na mão. A mulher foi logo dizendo: "Chico, eu não tenho onde botar água pra beber, eu tinha um pote, derrubaram o meu pote e ele quebrou." O Chico entrou lá no Sindicato, abriu o quarto onde estavam as coisas dele, tirou um filtro dele e trouxe para aquela senhora idosa. A mulher dele falou: "Chico, mas esse é o nosso filtro!" Ele disse:

"Ilza, a gente arranja outro filtro. Essa senhora, hoje, precisa muito mais dele do que nós. Antes de sair daqui pra nossa casa, a gente consegue outro filtro." A primeira sede do Sindicato, o Chico resolveu fazer ali onde é o Sindicato até os dias de hoje. O terreno era da Igreja e lá fomos eu, o Júlio Barbosa e o Sabá Marinho falar com o Dom Moacyr. Conversamos com o bispo, o Abrahim Farhat ajudou demais, e a gente conseguiu construir essa beleza de prédio que o Sindicato tem hoje. Uma tarde, o Chico chegou do seringal  e me perguntou: "Rapaz, como é que está o negócio?" O negócio era a grana, e eu falei que andava mal, que não tinha previsão de entrar nada. Ele disse: "Vou ligar pro Abrahim." Ele ligou, os dois ficaram conversando, e o Chico: "Rapaz, cheguei hoje do seringal e aqui o negócio está ruim, a gente está aqui meio sem jeito..." Eles conversaram mais um pouco, o Chico desligou o telefone e me disse: "Rapaz, o Abrahim está mandando 600 contos amanhã pelo motorista do ônibus das 11 horas." Era assim, o Chico Mendes não tinha ganância por dinheiro, o que era dele era nosso, nunca era dele. O Chico era uma pessoa muito alegre. Com ele não tinha tristeza. Por mais que tivesse problema, ele sempre dizia: "Rapaz, de um jeito ou de outro a gente vai resolver isso." E o mais incrível é que quando ele foi convidado para aquela reunião (em 1987) nos Estados Unidos, ele voou daqui do Acre sem saber nada de Inglês. Do outro lado estava alguém esperando, mas quando ele chegou na Imigração foi levado para um quarto estreito, por muito tempo, onde fizeram muitas perguntas. O Chico não se lembrava de mostrar o convite. Apareceu um intérprete que falava Espanhol, perguntaram se levava dólares, ele disse que não, que levava apenas poucos cruzeiros, e o povo fazendo mais perguntas. Até que ele se lembrou do convite, mostrou, e aí mudou tudo, disseram que estava tudo bem, e ele entrou nos Estados Unidos. O Chico contava isso pra gente rindo, como se não tivesse sido nada, como se tivesse sido apenas mais uma caminhada num varadouro fechado, onde pra passar a gente tinha que primeiro cortar os cipós.

Marcos Jorge Dias

*"O Chico dizia que, na morte dele, se fosse pra tirar um galho de flor da floresta, era para deixar o enterro sem flor, porque ele preferia as flores vivas na natureza. Hoje, ainda continua essa briga, porque ainda tem muita gente devastando e achando que é certo acabar com a floresta que o Chico Mendes lutou e morreu para defender."*

# VALDIZA ALENCAR


Elson Martins

A resistência acreana contra os grupos do Centro-Sul que vieram bovinizar o Acre teve uma mulher seringueira como protagonista: Valdiza Alencar de Souza, que ficou conhecida como a "Mulher do Sindicato" por ter assumido a luta, um lugar que cabia aos homens, para enfrentar capataz, jagunços e operadores de motosserra que ameaçavam as famílias seringueiras da região. Ela nasceu no seringal Sacado e vivia em sua colocação no quilômetro 71 da estrada (BR-17), entre Brasiléia e Assis Brasil, onde o capataz Horácio a visitou, alertando para não fazer nenhuma benfeitoria na propriedade, pois o Seringal tinha um novo dono e ela teria que sair da terra sem direito à indenização. Valdiza era uma mulher valente e decidida, tinha um filho e uma filha ainda jovens, o marido se tornara deficiente físico, por isso ela cuidava de tudo: do roçado, das pequenas criações, da caça e da pesca, da produção de borracha e da coleta de castanha. Sua energia era notável, pronta para a solidariedade, para ajudar os amigos, resolver situações incômodas na cidade. Quando a ameaçou, o capataz não sabia com quem estava mexendo. "Vou lutar nem que o sangue chegue no meio da canela" – dizia ela, de um jeito que ninguém poderia duvidar. Ora, dona Valdiza gostava de ouvir rádio, para saber das novidades distantes! Ela ouviu a notícia sobre a instalação da Contag, em Rio Branco, e sobre "um tal doutor João Maia", delegado da entidade, que ia criar sindicatos de trabalhadores rurais em todo o estado, para que lutassem por seus direitos legais. Sem perder tempo, montou sua égua e saiu mato adentro chamando seringueiros para irem à capital "procurar esse homem". Não encontrou coragem. As famílias estavam descrentes de que poderiam encontrar ajuda de políticos e autoridades. Muitos estavam saindo para as sedes municipais ou para a Bolívia. O tempo em dezembro era de muita chuva, a BR-317 ainda não tinha asfalto e suas ladeiras eram íngremes, um lamaçal só. Poderia ser melhor em grupo, mas Valdiza andou sozinha 71 quilômetros até Brasiléia, depois pegou um ônibus pra Rio Branco e conversou com o João Maia.

O delegado da Contag era um homem educado, tinha vivido nos kibutzes em Israel, trabalhara com as famosas Ligas Camponesas em Pernambuco, sabia como chegar e arrancar prosa dos trabalhadores aflitos. Ele sempre pedia um pouco de tabaco migado e uma folha de espiga de milho para enrolar um cigarro, fazia questão de sentar-se no chão da casa, com as pernas cruzadas sobre a paxiúba, para fumar seu cigarro. Dali a conversa fluía solta e engajada. Ficou marcada a reunião histórica na casa de dona Valdiza Alencar. João Maia – na companhia do advogado da Contag, Pedro Marques da Cunha Neto e este repórter, Elson Martins – contratou uma camionete com tração nas quatro rodas para enfrentar as ladeiras enlameadas dos varadouros do Vale do Acre; o motorista era o "Espanhol", que compareceu com cheiro de álcool. Por precaução, a cada ladeira os passageiros desciam do veículo e patinavam na lama, enquanto o motorista rodopiava. O grupo chegou molhado e sujo ao local da reunião, onde dona Valdiza, rodeada de homens e mulheres da floresta, estava radiante. O advogado Pedro Marques deu o tom das falas, brincando com os que pareciam distraídos: "Coloquem uma goiabinha verde num dos ouvidos, para que vou falar não entre numa orelha  e saia pela outra"! Todos riram! A recomendação de João Maia e Pedro Marques era baseada em dois documentos – o Estatuto da Terra e o Código Civil – um item apenas de cada. Com um ano e um dia trabalhando na terra, o trabalhador era considerado posseiro e não podia mais ser expulso; em caso de ameaça à sua família, o trabalhador poderia reagir armado, o advogado (no caso Pedro Marques) teria elementos para defendê-lo. No dia 21 de dezembro de 1975, o mais forte e destemido sindicato dos oito criados pela Contag, o STR de Brasiléia, nasceu no pátio da casa de dona Valdiza, com grande júbilo dos seringueiros. Elias Rosendo, que visitava seringal por seringal batendo fotos para identidade e cobrando pelo serviço de almoço e estadia, foi escolhido presidente. Mas logo foi substituído por Wilson Pinheiro, que organizou o primeiro "Empate" no seringal Carmem em março de 1976. Chico Mendes foi escolhido secretário e Valdiza Alencar de Souza delegada sindical. Em setembro de 1979, os seringueiros deram uma demonstração de força, realizando na estrada (BR-317) para Boca do Acre o "Mutirão contra a Jagunçada", que reuniu 300 sindicalistas para expulsar 12 jagunços armados e 45 operadores de motosserra que infernizavam a vida de posseiros. O acontecimento despertou a ira dos fazendeiros, grileiros de terras e seringalistas, que acabaram matando Wilson Pinheiro. Dez anos após morria Chico Mendes, em casa, também de tocaia com um tiro no peito. Nessa época (1980), a "Mulher do Sindicato" havia se separado do marido e se transferido com os filhos para a cidade de Rio Branco, juntando-se às famílias expulsas da floresta com as quais criou novas formas de luta. Na Floresta ficou o seu símbolo, referenciado por outras mulheres. Atualmente, muitas mulheres atuam nos sindicatos acompanhadas pela imprensa (sobretudo o Varadouro, jornal alternativo que esteve ao lado dos trabalhadores durante a ditadura), associações, ONGs nacionais e internacionais e outras entidades. Agora é preciso salvar as Reservas Extrativistas (Resex) e o meio ambiente, legados deixados por Wilson e Chico, com ânimo para realizar novos Empates, se preciso for.

*"Dona Valdiza, que ficou conhecida como a "Mulher do Sindicato", manifestou alegria enorme quando, no mês de dezembro de 1975,  João Maia fundou o Sindicato STR de Brasiléia, "para fortalecer a resistência dos seringueiros do Acre e de todos os povos da Amazônia!"*
Elson Martins

# WILSON PINHEIRO

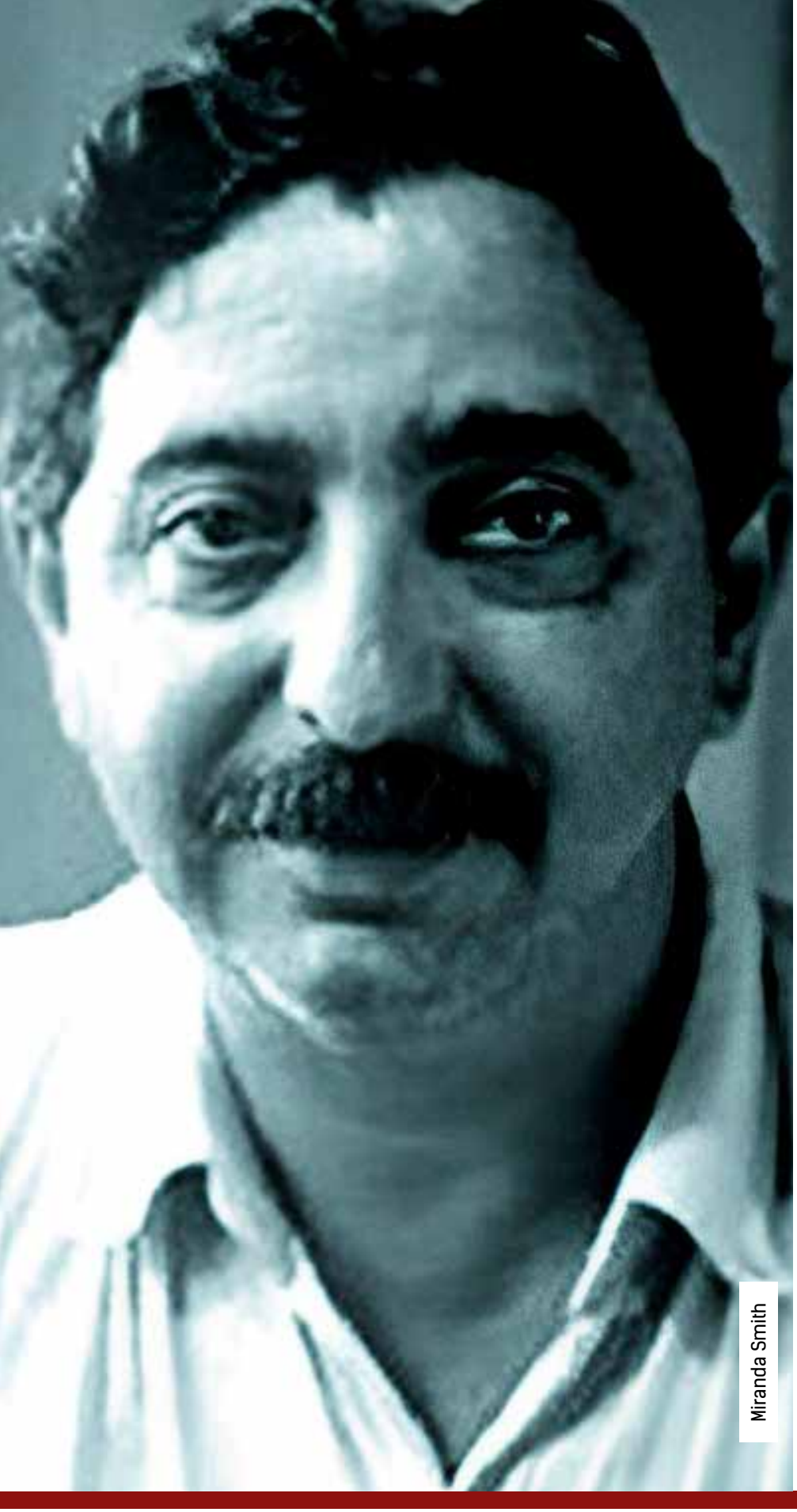
Sou Ambrósio, filho de Wilson Pinheiro. Nasci em Rondônia, mas desde pequeno vim com meu pai e minha família para os seringais de Brasiléia, onde meu pai, que em Rondônia trabalhou no garimpo, foi ser seringueiro. Me lembro do meu pai no sindicato desde 1975. Nessa época ele deixou de cortar seringa para se dedicar como Presidente do STR de Brasiléia. Me lembro também dele como fundador do PT, pouco antes do assassinato dele, no dia 21 de julho de 1980. Meu pai andava por todas as colocações explicando de casa em casa a importância do Sindicato e a necessidade de criação do Partido dos Trabalhadores. Foi lá que ele começou como conselheiro e chegou a ser presidente. No PT, infelizmente, ele não teve a oportunidade nem de ver o Lula no Acre. A primeira vez que o Lula veio ao estado foi no período da missa de 7º dia dele. Por esse tempo começou a perseguição contra os seringueiros, com os fazendeiros querendo expulsá-los. Meu pai estava ali, na luta, tentando impedi-los. As ameaças eram feitas de boca a boca e até mesmo por carta. Meu pai não se intimidou e nos dizia que teria prazer em morrer lutando junto aos seus companheiros. Ele chegava aos seringais com um caminhão que tinha, carregado de mercadorias. Ele distribuía essas mercadorias aos seringueiros, na tentativa de deixá-los mais independentes dos patrões. Quem podia pagar, pagava. Quem não podia, ficava com a mercadoria e acertava quando pudesse ou, se não pudesse, não acertava. As ameaças de morte continuavam. Certa vez, um paraguaio foi encarregado de matar meu pai com um revólver 38 comprado pelo Nilão [Nilo Sérgio, provável mandante do assassinato de Wilson Pinheiro]. O paraguaio chamou meu pai para tomar café e se abriu com ele. O paraguaio deu o revólver de presente a ele, dizendo que era pra ele se defender nas andanças pela mata. Meu pai agradeceu e recusou. Ele nunca andou armado. A arma dele era uma faca bem pequenininha, útil em seu dia a dia de seringueiro. A luta de meu pai era forte, mas pacífica. Mesmo recebendo ameaças por escrito, ele não deixava de sair de casa e de estar ao lado de seus companheiros. Foi então, no dia 21 do mês de julho, às 20h, que acabaram com a vida dele. Meu pai parou de ver a novela que estava assistindo, foi jantar e, quando voltava pra sala, viu um banco atravessado. Ele se virou e recebeu os tiros. Um na virilha, um no braço e outro na nuca. A vida de meu pai foi interrompida bruscamente pela opressão e tirania dos fazendeiros. Depois que meu pai morreu, a luta dele continuou em Chico Mendes e nos muitos companheiros que ele deixou aqui no Acre. Chico aprendeu muito com o meu pai. Os dois fundaram o PT aqui em Xapuri e por todo o Acre. Organizaram sindicatos e andaram juntos por dentro desses seringais organizando as comunidades. Eles tinham os mesmos objetivos, mas eram pessoas diferentes. Meu pai gostava de fazer assembleia com muita gente, mas pessoalmente era muito calado. Já o Chico gostava de conversar com um a um, de casa em casa. Ele era mais alegre. Mas ambos tinham o mesmo medo: o dos segredos da floresta. Lembro de uma vez em que eu e meu pai saímos para caçar. A gente andou um pouco e escutou um barulho doido: parecia grito, parecia riso, parecia choro. A gente estumou uma cachorrinha que a gente tinha e a bichinha voltou com o rabo entre as pernas, como que dizendo que não podia fazer nada. Meu pai achou que era onça. Andou mais um pouco, com cuidado, e a zoeira não parava. Por fim, ele resolveu encarar, resolveu ver que onça era aquela. Meu pai foi chegando perto, e mais perto, e nada de encontrar a onça. Aí foi que ele viu que aquela barulheira toda era só um casal de jabutis fazendo a vadiagem deles.

> *"Meu pai foi caindo por cima da mesa do Sindicato. O sangue dele se espalhou pela mesa toda. No outro dia, encontrei as cápsulas das três balas que calaram meu pai para sempre, junto daquela faixa de sangue já quase seco, que tinha escorrido pela mesa toda."*

PT Nacional

Elson Martins

# RESISTÊNCIA



Miranda Smith

Essa luta da gente é uma história meio assim, meio comprida. Começou a partir de todo o movimento dos empates pela defesa da floresta, principalmente em 1976. Nessa época a gente tava no auge, no momento mais acirrado, no momento mais difícil, no momento mais desesperador que já ocorreu nesse Acre. No tempo em que os fazendeiros começaram a chegar, a partir dos anos 70, começa então a expulsão em massa dos seringueiros. Eles tiveram seus barracos queimados, suas casas... De repente, os jagunços cercavam, tocavam fogo nos barracos. No Seringal Albráçia, em 72, havia 9 pistoleiros. O local foi comprado por um paulista por nome Vilela, que expulsou à bala todos os seringueiros dessa região. Eles queriam expulsar os seringueiros dos seringais. Eles queriam destruir a floresta e desmatar pra botar boi. Eles conseguiram destruir a floresta, tirar os seringueiros, tirar as seringueiras e castanheiras, as riquezas que existem lá dentro em troca do boi, de colocar o boi lá dentro. Ou seja, a substituição do homem na floresta pelo boi. A Bordon nesse momento compra uma grande área no rio Xapuri. A Bordon expulsou em massa e ateou fogo em barraco de seringueiro, matou mulher de seringueiro queimada. Os outros fazendeiros também reagiram [da mesma forma] e toda a região de Xapuri foi bombardeada. Naquele momento, mais de 70% dos seringueiros foram expulsos dessa região e se mandaram para a Bolívia. Outros, foram para a periferia de Rio Branco. É um momento de grande desespero. A força policial já vinha em

cima do dinheiro do latifúndio. Naquele período, entre 70 e 76, eles compraram nessa região 6 milhões de hectares de terras. Não tiraram um tostão [do bolso], não venderam um boi no sul pra comprar essas terras. A Bordon e outros fazendeiros que vieram do sul do país. Essas terras foram compradas todas com o apoio dos incentivos fiscais da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia. O governo abriu as pernas pra esses latifundiários e, nesses seis anos, nessa nossa região, foram destruídas 180 mil árvores de seringueira; 80 mil castanheiras, e, entre madeira de lei e cedro, o abio, o cumaru-de cheiro, o cumaru-ferro, o amarelão. Foram destruídas mais de 1 milhão e duzentas mil árvores, fora as árvores médias que estavam crescendo. Nesse período se organizam várias frentes de luta. E em 79, o maior movimento rompeu-se no Acre e chegou ao município de Boca do Acre, no estado do Amazonas. Um grupo de seringueiros são ameaçados por jagunços e pistoleiros. Por aqui nós mandamos 300 homens para cercar o acampamento dos pistoleiros. Tomamos todas as armas deles. Não estive lá, mas o companheiro Raimundo, meu primo, esteve. Esse foi o primeiro movimento mais forte que se rompe e cresce no Acre, liderado pelo companheiro Wilson de Souza Pinheiro, presidente do Sindicato de Brasiléia. Essa ação repercutiu fortemente, e como naquele momento Wilson Pinheiro era a figura principal: nos empates de derrubada, em todo o Acre. No mês de junho, todos os fazendeiros da região se reúnem e decidem pela morte de Wilson Pinheiro e Chico Mendes, que naquele momento estava começando a crescer como liderança. No dia 21 de julho de 1980, eu estava numa assembleia sindical no Vale do Juruá, no outro lado do Acre. Wilson Pinheiro estava na sede do Sindicato, assistindo televisão com seus companheiros. Nessa noite, um pistoleiro se deslocou para Brasiléia e outro, aqui para Xapuri. O que chegou aqui em Xapuri perdeu a viagem porque eu não estava. O de Brasiléia acertou em cheio o Wilson Pinheiro. Por ali, no canto da casa, deu 3 tiros e matou o Wilson. Taticamente, naquele momento, os fazendeiros avaliaram que o Sindicato de Brasiléia, apesar de ser forte, estava centralizado numa liderança – que era o Wilson Pinheiro – e, por isso, ele deveria morrer. Matando o Wilson, o Sindicato recuaria e eles conseguiriam com isso seu trunfo principal: o domínio sobre a terra. (Depoimento a Lucélia Santos, em maio de 1988).

Chico Mendes

# JÚLIO BARBOSA DE AQUINO

Passamos por várias fases nessa história do extrativismo na Amazônia. Veio o ciclo da borracha no início do século e depois veio outro, de 1945 até 1966, que foi o segundo ciclo da borracha. Em 1966, aconteceu a falência do Banco de Crédito da Borracha, e nesse momento todos os seringais entraram em falência. Sem seringalistas, os seringueiros passaram a viver por sua própria conta e risco. Foi aí que começou a surgir essa nossa sociedade dos Povos da Floresta. Foi esse o momento que vivi com Chico Mendes e as lideranças do Movimento dos Seringueiros. A partir da década de 1970, os seringais quase todos deixaram de existir e passaram a ser substituídos por barracões, e estes, pelo marreteiro. Nesse tempo, deixou de existir a política da borracha no Brasil. O seringal já não tinha importância nenhuma para a economia brasileira. Passou a ser mais econômico comprar borracha de fora. Com a falência dos seringais, foram abertas as portas da nossa região para a venda dos seringais a grandes proprietários de terras do Sul e do Sudeste do país. E os paulistas, que a gente chamava a todos de paulistas, vieram. Começamos a enfrentar o desafio que foi entender que os seringais tinham acabado e que o barracão e o armazém fecharam. Ficamos à mercê dos marreteiros comprando borracha a um preço bastante baixo. No início da década de 1970, os paulistas começaram a comprar os seringais na Amazônia. A questão dos seringais traz junto a abertura das estradas na Amazônia, como a BR-364. Havia um projeto político vinculado com o Calha Norte, para fazer todo um círculo de estradas. Esse tipo de ação despertou a curiosidade dos seringueiros do Acre. Foi o tempo dos grandes empates. O primeiro aconteceu no Acre em 1974 e o segundo aconteceu em 1975, ambos antes da criação do primeiro sindicato no estado. Quando aconteceu o empate do quilômetro 45 da estrada de Boca do Acre, o maior da história do Estado [que mais repercutiu naquela época], os sindicatos estavam começando. Tinha o de Sena Madureira, o de Rio Branco e o de Brasiléia. O Sindicato de Xapuri estava sendo fundado Naquele momento, a região de Boca do Acre tinha um fazendeiro que formou um bando de pistoleiros muito bem armados. Eles tinham por missão expulsar todos os seringueiros da região e invadir, também, as terras dos indígenas Apurinã. Esse fato desembocou o primeiro empate, que contou com a participação de alguns índios e do cacique dos Apurinã. Após a morte do Wilson Pinheiro, assassinado em 1980, os seringueiros resistiam contra a entrada dos fazendeiros na região. Chico Mendes estava em Xapuri nos aconselhando, organizando o sindicato e a luta geral dos seringueiros. Em Xapuri a atividade de extração da borracha nunca deixou de existir. A partir de 1981 e 1982 o fazendeiro usava vários mecanismos para conseguir expulsar seringueiros da colocação: um deles era a proposta de acordo para indenizá-los. Caso os seringueiros não aceitassem a indenização, vinha a pressão por meio da pistolagem com queima de casas, morte de animais e expulsão com intimidação e, em alguns casos, até assassinatos. Outro argumento que eles usavam, bem articulado inclusive donos de cartórios, era o argumento da assinatura: o convencimento de assinatura de papel em branco. O seringueiro, que não sabia ler, colocava sua digital numa folha de papel em branco, o fazendeiro juntamente com o oficial de justiça dizendo que eles estavam assinando um documento em que o fazendeiro se comprometia a não mexer mais com ele em sua colocação. O fazendeiro pegava aquela folha de

> *"O sindicato no Acre surgiu dos empates, não foi criado para organizar os empates, os sindicatos foram frutos dos empates. Foi em razão dos conflitos que estavam acontecendo na região que houve a necessidade de se criarem os sindicatos."*

papel assinada em branco, fazia uma declaração em nome do próprio seringueiro dizendo que abria mão da colocação dele pro fazendeiro e, com aquele documento, conseguia um mandado judicial e expulsava o seringueiro da colocação. Chico começou a ver que era necessário implantar algumas escolas para que o seringueiro pudesse aprender a pelo menos assinar seu nome; nesse ponto entrou a Mary Allegretti. Ela veio para o Acre fazer a dissertação de mestrado e se juntou ao Movimento em Xapuri. Chico e ela conseguiram pensar na implantação de um programa de educação para Xapuri, surgindo daí o Projeto Seringueiro e a Cartilha Poronga. Implantamos as primeiras escolas em 1982. Mary foi a primeira professora do Projeto Seringueiro, e a primeira professora que deu aula para as pessoas analfabetas do seringal. Ainda não tínhamos relação com os movimentos indígenas. Foi a partir do Projeto Seringueiro e das discussões sobre escolas que abrimos o debate sobre a questão da reforma agrária. Empates eram feitos e, na maioria deles, éramos derrotados. Eles vinham com a polícia, com o poder do Estado, a justiça, e o fazendeiro conseguia mandado de segurança para garantir o desmatamento. A gente resistia e a luta continuava. Era necessário pensar num modelo novo de reforma agrária. Os assentamentos que existiam não estavam dando certo. Vários projetos de colonização estavam sendo implantados e o que se via era a pessoa receber uma parcela do Incra, ir pra lá e – com menos de um ano – saía de lá morrendo de malária e sem assistência nenhuma. Era obrigada a vender, entregar aquela terra pro fazendeiro. Dessa forma também foram construídas muitas fazendas de gado na nossa região. Essa discussão sobre a questão da reforma agrária foi o início de tudo. Até então, a ideia que se tinha da Amazônia e do Acre era de uma terra vazia e sem gente, com alguns poucos índios espalhados pela floresta. Mas além de índios, se pensava que não existia mais ninguém além do pessoal que morava na cidade. Por isso era importante ocupar a Amazônia. Mais uma vez, Chico percebeu a necessidade de mobilização, de ir à Brasília mostrar às autoridades que na Amazônia tinha muita gente trabalhadora, honesta, gente do bem: índio, seringueiro, caboclo, ribeirinho. Aconteceu então o I Encontro Nacional de Seringueiros, com apoio de muita gente no Amazonas, em Rondônia, no Acre, no Amapá. O Encontro trouxe à tona o

pensamento de Reserva Extrativista. Chico tinha consciência de que era importante para os seringueiros ter voz dentro da Assembleia Nacional Constituinte. Ele fez parceria com Lula, que era Deputado Federal Constituinte por São Paulo, e com o Cacique Mário Juruna, Constituinte pelo Rio de Janeiro: duas lideranças importantes para garantir avanços no capítulo da reforma agrária na Constituição de 1988. A aproximação com os indígenas se dava através do Terri [Aquino] do [Antônio] Macêdo e do Mauro Almeida, que aproximaram os caciques indígenas de Chico Mendes. O cacique Soeiro foi com Chico para Brasília. Esse cacique velhinho, pai do Siã Kaxinawá, foi uma figura importante nesse processo. Foi dele que ouvi, pela primeira vez, palavras sobre a necessidade de fazer uma aliança entre índios e seringueiros pela defesa do território. Foi assim que os Povos da Floresta se uniram. A Aliança dos Povos da Floresta começou assim: legitimada depois da morte do Chico

Mendes e continua viva até hoje. Com a retomada da Aliança em 2007, com a reestruturação da Aliança, novamente vamos dar um passo extremamente importante alavancando o debate sobre as mudanças climáticas, porque conquistamos as florestas e demarcamos os territórios. Cuidamos hoje de 120 milhões de hectares de floresta, que precisam ser preservadas. Convivi muito com Chico Mendes porque nasci numa colocação que ficava a meia hora de distância da colocação onde ele morava. Cresci com o Chico Mendes e sei como ele se alfabetizou. Sou consciente de que o Chico tinha uma sabedoria que parecia vir do além. Uma coisa da qual me orgulho muito é que ele nos deixou recomendações que são princípios básicos de cada um de nós, que somos lideranças. Uma delas é a questão da responsabilidade, outra é o compromisso que você tem que ter com aquilo em que você acredita, e a terceira, é sempre pensar na união do grupo. O Chico tinha essa questão da disciplina, da responsabilidade, do compromisso, da lealdade. Ele tinha como princípios básicos sagrados, que alguém para ser liderança, deveria possuir esses princípios. Quem conviveu com Chico, por mais que queira, às vezes, se desviar para outro caminho, só de lembrar daquela mensagem dele durante as assembleias do Sindicato, não consegue perder o rumo. Todos temos consciência de que uma grande liderança precisa ser disciplinada, ter responsabilidade, compromisso, respeito, união com o grupo e, também, tem que ler muito para passar as informações aos companheiros. Essa é a grande mensagem que Chico deixou pra todos nós. É por isso que a Marina [Silva], a Júlia [Feitoza], o Raimundo Barros, o Gomercindo [Rodrigues], o Jorge Viana e eu, todos somos pautados e enlaçados pelos ensinamentos de Chico Mendes. No futuro precisamos ter nossos governantes saídos da base, do nosso meio. Mais uma vez digo que a Aliança dos Povos da Floresta e a Aliança Internacional dos Povos da Floresta vão desempenhar um papel fundamental no convencimento dos governantes e da sociedade civil de que é necessário investir em organismos de pesquisa e tecnologia para podermos identificar, contabilizar e tabular toda a riqueza que a floresta nos oferece em pé.

Acervo CNS

*Há muito tempo só havia o escuro.*
*Os caminhos sempre foram perigosos.*
*Às vezes os igarapés alagavam.*
*Às vezes faltava o peixe.*
*Às vezes comíamos bem.*
*Às vezes só tinha a farinha.*
*Notícias, só de vez em quando,*
*Nos rádios dos barracões ou dos regatões.*
*A dívida consumia todo o trabalho.*
*Escola era palavra proibida.*
*Saúde só pros patrões.*
*O futuro era alguma coisa*
*Que parecia que não chegaria.*
*Aí, em cima da dor, da terra espinhosa.*
*Começamos a cultivar a flor,*
*A luz passou a ser construída.*
*A nossa união passou a ser*
*A poronga acesa que alumia o caminho.*
*E nossa luta,*
*Mesmo com sangue derramado*
*Do nosso lado,*
*Cresceu, e começamos a construir*
*Nosso futuro sem patrão*
*Sem exploração e sem violência.*
*Hoje nossos filhos começam a sentir*
*Que vale a pena a vida*
*Com nossa proposta da Reserva Extrativista*
*E o índio é nosso companheiro*
*Nesta caminhada, da qual estamos*
*Dando hoje mais um passo com o*
*I Encontro dos Povos da Floresta.*

Texto lido por Júlio Barbosa de Aquino na abertura do I Encontro dos Povos da Floresta, ocorrido de 25 a 31 de março de 1989, em Rio Branco – Acre – Brasil.

Marcos Jorge Dias

# EMPATES DE DERRUBADA

Com a chegada dos pecuaristas, vindos do sul do país em meados dos anos 1970, pra botar por terra nossas áreas de floresta, a situação ficava cada vez mais difícil pro nosso lado. Foi aí que nós começamos a usar um instrumento muito importante aqui na nossa região, que batizamos de empate. Assim como nos jogos de futebol, a gente sempre queria pelo menos empatar, então, no nosso caso, o empate era para resistir, para que, ao menos, o fazendeiro não derrubasse nossas árvores e não destruísse nossas colocações, que é o lugar onde moramos com nossas famílias. No começo, as famílias tentavam resistir por elas mesmas. Depois, a comunidade passou a ser mobilizada pelo Sindicato, que organizava a ida para a área que estava pra ser desmatada. Era uma forma simples e pacífica, mas muito organizada, de resistência. A gente montava uma barreira humana, formada pelas pessoas que viviam no seringal, as mulheres e as crianças iam junto, os velhos também, e todo mundo se colocava em frente às foices dos peões e jagunços onde havia tentativa de desmatamento. Como os peões e jagunços eram pessoas simples, muitos deles eram até parentes nossos que estavam ali só cumprindo ordens dos patrões. A gente tentava explicar pra eles que, se fizessem o desmatamento, a vida deles e das famílias deles também estavam sendo ameaçadas. Às vezes funcionava, ou pelo menos a turma ganhava tempo pra alguém de nós tentar algum recurso na cidade, outras vezes não funcionava. Dos cerca de 45 empates que fizemos entre 1976 e 1988, o último com a participação de Chico Mendes foi o empate do Cachoeira, em maio de 1988. Em uns 15 conseguimos, de fato, empatar a derrubada. Os empates foram muito importantes em nossa luta, porque fortaleceram nossa união, serviram de base para a formação do CNS e também para a construção do nosso modelo de reforma agrária para a Amazônia, as Reservas Extrativistas. (Depoimento a Zezé Weiss, para esta 3a edição do Vozes da Floresta).

Júlio Barbosa de Aquino

Elson Martins

# ELSON MARTINS

Nasci no Seringal Nova Olinda, no Alto Rio Iaco, em 1939. De pequeno fui muito doente. Cresci uma criança mais recolhida, humilhado na comparação com um irmão três anos mais novo, que aos oito já sabia manejar um terçado [facão] no seringal. O Seringal Nova Olinda foi de um grande seringalista no primeiro ciclo da borracha. Quando a produção de seringa entrou em decadência, meu pai comprou o seringal por uma mixaria. Isso foi após 1910, no fim da Belle Époque amazônica. Foi nesse tempo do abandono dos seringais pelos seringalistas que a sociedade dos povos da floresta começou a ser construída, porque só ficou na floresta quem tinha aprendido a viver dela. Minha família era parte dessa sociedade. No fim dos anos 40, fui morar na cidade de Sena Madureira com uma irmã, casada com um "soldado da borracha". Na verdade, um alfaiate cearense, que não se adaptou ao trabalho duro do corte da seringa. Comecei então a subir e descer rios. Em 1958, aos 19 anos, desci num navio a vapor para Belém, de lá atravessei a Ilha de Marajó para Macapá, no Amapá. Li o livro O Encontro Marcado, de Fernando Sabino, que marcou também a minha vida para sempre. Decidi seguir caminho para Belo Horizonte em 1963. Passei a fazer "bicos" nas rádios Inconfidência e Tiradentes. Era visto pelos colegas como um ser exótico vindo da Amazônia. Em 1964, chegou o golpe militar, que me atropelou a alma. Na Rádio Tiradentes, eu tinha um amigo que participara da Guerrilha de Caparaó. Em meados de 1969, o João Alberto Capiberibe, líder estudantil da Amazônia [eleito governador e senador pelo Amapá nos anos 1990] recrutou a mim e ao Tito Guimarães – meu amigo guerrilheiro – para um foco de guerrilha no Pará. Ele vinha de um encontro com o Carlos Marighella em São Paulo, com a missão de recrutar jovens para a luta. Topamos. Começamos a militar num jornal e numa rádio da Prelazia de Macapá, comandados por um padre de esquerda. Tudo ia bem, até que mataram o Marighella e resolvemos colocar na capa de A Voz Católica a manchete: "Morreu um grande brasileiro! Assassinado!" Demitidos e acuados, chegamos a preparar o sequestro de um avião com a ideia de fugir para Cuba. Tito foi preso em Belém, eu em Macapá, mas em seguida levado para a Polícia Federal na capital paraense. Nos anos seguintes virei um proscrito no trecho. Saí da Polícia Federal com o registro de comunista número um do Amapá. Comi o pão que o diabo amassou até 1975, quando o jornalista Lúcio Flávio Pinto me indicou para correspondente do jornal O Estado de São Paulo no Acre, onde os seringais estavarn sendo vendidos a preço de banana, e comentava-se que os fazendeiros sulistas recém-chegados eram os novos donos do Acre. O desmatamento e as queimadas avançavam sobre os seringueiros remanescentes, as famílias eram expulsas com a conivência ou omissão da polícia, da justiça, dos políticos e do governo. Entre as poucas vozes discordantes estavam o Bispo do Acre e Purus, Dom Moacyr Grechi e o delegado da Contag, João Maia. Dom Moacyr trabalhava com a Teologia da Libertação, através das CEBs, e o João Maia organizava os sindicatos de trabalhadores rurais. Durante a criação do Sindicato de Brasiléia, Chico Mendes apresentou-se desinibido e alegre, ajudando o pessoal que não sabia ler a preencher as fichas de filiação. O empolgamento era tanto que João Maia comentou comigo se ele não seria alguém infiltrado no Movimento pelos fazendeiros. Conheci o Chico nessa ocasião, em dezembro de 1975, e logo percebi que ele era alguém especial. O Sindicato acalmou a situação no seringais Carmem e Sacado, onde morava dona Valdiza, mas o acordo baseado no Estatuto da Terra e aceito pela Contag, através do qual os seringueiros receberiam pequenos lotes de 50 hectares, cedidos pelos fazendeiros, não deu certo. A colocação de seringa media 300 hectares, e não existia o elemento cerca. Nas assembleias dos trabalhadores germinou, a partir desse fato, a ideia das Reservas Extrativistas, posteriormente defendida por Chico Mendes, que se tornou modelo de reforma agrária na Amazônia. Desde a falência dos seringais, os extrativistas viviam como autônomos, ainda com a presença de algum patrão, mas sem as duras e antigas regras. Agora todos podiam ter um pequeno roçado, criar animais e caçar. O homem da floresta não queria virar agricultor. Para ele era

importante o fato de que na floresta não existem cercas. Era um espaço de uso coletivo, com três estradas de seringa – com 150 árvores em cada uma – formando pétalas em torno da colocação. Essas estradas ou pétalas cruzavam com a do vizinho sem nenhum conflito. Quando os sulistas começaram a cortar a floresta e colocar cercas impedindo a livre perambulação dos seringueiros, veio a consciência dos ameaçados: se a floresta era de todos, tinha que ser defendida por todos.ça pelo mundo. Nossa relação, que era a de um repórter e sua fonte preferencial, foi se modificando na luta. Ele me trouxe de volta a identidade do seringal, e nos tornamos amigos e aliados contra os agressores da floresta. O Mutirão contra a Jagunçada, organizado em setembro de 1979, com a participação dos oito sindicatos criados no Acre, foi exemplar. As famílias da BR-317, trecho Rio Branco-Boca do Acre, no estado do Amazonas, que sofriam nas mãos de um bando de jagunços, viram os agressores correrem com medo. Wilson Pinheiro comandou um empate com 300 sindicalistas. ncorajado pelo sucesso do empate, Wilson mandou recado aos fazendeiros: "Daqui pra frente não vamos deixar derrubar nenhuma árvore no Acre." Os fazendeiros responderam, com respaldo da UDR [União Democrática Ruralista] que, sendo assim, "iam aparecer muitas viúvas". No dia 21 de julho de 1980, a mulher do Wilson Pinheiro se tornou a primeira viúva de um líder assassinado por essa luta. Chico Mendes assumiu o Movimento deslocando seu núcleo para Xapuri. Surgia um novo estilo de liderança. Nascido e criado na floresta, simples e paciente, mas sem fugir do perigo, Chico saiu buscando alianças para salvar o mundo enorme e novo que defendia e amava. Ele levou a luta dos seringueiros para as redações de jornal, rádio e TV. Fez palestras nas Universidades, juntou-se aos cientistas sociais, procurou parceiros no País e no exterior. Já em 1977, quando o jornal Varadouro, do qual fui um dos editores, começou a circular, eele o considerou uma trincheira, tornando-se seu correspondente na floresta. Quando foi assassinado, em 22 de dezembro de 1988, Chico acumulava prêmios nacionais e internacionais e se tornara também um líder ambientalista. Tinha espalhado seu grito de fé e esperança pelo mundo. Nossa relação, que era a de um repórter e sua fonte preferencial, foi se modificando na luta. Ele me trouxe de volta a identidade do seringal, e nos tornamos amigos e aliados contra os agressores da floresta.

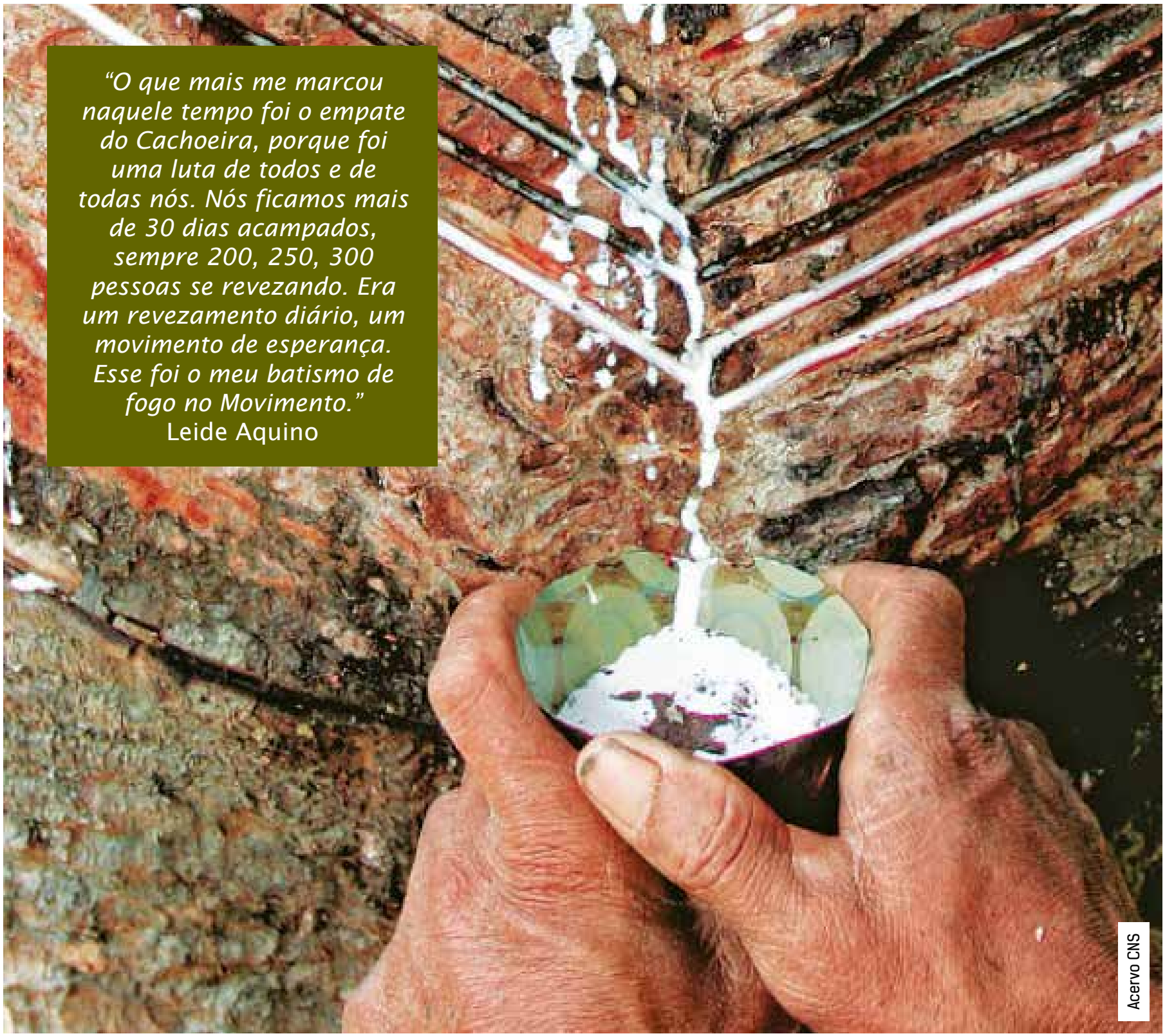
*"Chico Mendes deixou como legado a simbologia de um movimento nascido nas entranhas da Amazônia, fundamental para a preservação da região."*

Arquivo Elson Martins

# LEIDE AQUINO

Sou Leide Aquino, de Xapuri. Ainda adolescente, comecei a minha militância nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, de onde segui direto para o Movimento dos Seringueiros aqui do Acre. Tive o privilégio de participar do início da discussão sobre as Reservas Extrativistas  que, de fato, começou a partir da luta dos empates, na metade dos anos 1970. Da resistência nos empates fui para o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri, para trabalhar com as mulheres. Aí tive a minha primeira participação direta na gestão de um movimento. Sinto orgulho em dizer que o nosso Sindicato de Xapuri foi o primeiro no estado do Acre a organizar um Encontro Municipal de Mulheres Extrativistas, em maio de 1988, sendo que a maioria delas eram mulheres seringueiras. Daí, fui para a coordenação regional do CNS aqui no Acre, onde tive a oportunidade de organizar a discussão sobre como queríamos que fosse uma Reserva Extrativista. Na prática, já estava decidido que a Reserva Extrativista seria uma área enorme, respeitando as colocações e o uso dos recursos naturais renováveis da floresta pelos seringueiros, mas o que a gente ia fazer, como ia fazer, isso nem nós sabíamos. Esse foi um tempo de muitas discussões sobre o extrativismo, sobre o meio ambiente, especialmente dentro da Contag, que até então praticamente desconhecia o nosso esforço aqui no Acre para conciliar a questão da agricultura e da produção familiar com a questão ambiental. Nesse sentido, tivemos um papel muito importante. Lembro que a primeira vez em que participei dos encontros da Contag. Achava-me um peixe fora d'água, porque aquilo que os companheiros e companheiras estavam discutindo em Brasília e no restante do país não era o que a gente discutia na nossa região. Um dos nossos principais avanços é termos conseguido estabelecer que as especificidades da região amazônica, principalmente das suas comunidades, das suas populações tradicionais, requerem um tratamento diferenciado por parte dos governos, da iniciativa privada e das próprias entidades da sociedade civil organizada. Essa bandeira fomos nós que levantamos, e essa é uma conquista que ninguém vai conseguir tirar da gente. Toda essa questão da luta pela terra, da demarcação das terras indígenas e da conquista das Reservas Extrativistas hoje é uma realidade nas nossas vidas. Hoje a condição dos seringueiros, dos indígenas, das populações tradicionais está melhor, porque pelo menos temos esse diálogo com o Estado. Na época do Chico, o Poder Público mantinha uma distância tão grande que, para nós, ter ou não ter governo não fazia a menor diferença. Hoje, não temos uma única comunidade que não tenha algum tipo de escola, seja uma escola bonita, construída com grandes prédios, seja apenas uma sala de aula. Hoje estamos em todos os cantos – nos rios, nas aldeias, nas colocações, nas comunidades urbanas – em tudo que é lugar. Esse é o nosso jeito acreano de seguir honrando a memória e os ideais do Chico Mendes.

Acervo CNS



*“O que mais me marcou naquele tempo foi o empate do Cachoeira, porque foi uma luta de todos e de todas nós. Nós ficamos mais de 30 dias acampados, sempre 200, 250, 300 pessoas se revezando. Era um revezamento diário, um movimento de esperança. Esse foi o meu batismo de fogo no Movimento.”*
Leide Aquino

Acervo CNS

# OSMARINO AMÂNCIO RODRIGUES

Estou lá na minha colocação, no meu lugar de sempre, na Reserva Chico Mendes. Vivo praticamente da castanha, porque o preço não compensa pra cortar seringa. Meu conhecimento com o Chico Mendes veio através do Raimundo Barros, que trabalhava matando mosquitos para a SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública). A gente começou a se encontrar nos forrós e nos jogos de futebol dentro da floresta. Depois é que veio o tempo da luta. Nossa discussão política se deu a partir de 1973, por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Começamos a ser surpreendidos pela expulsão de seringueiros de suas colocações, pelo desmatamento em Rondônia e no Acre, para a implantação da pecuária extensiva, com subsídios do Governo Federal. Um pouco antes disso, ainda no final da década de 1960, tive minha primeira conversa política com o Chico. Nesse tempo, nos nossos seringais ainda existia uma escravidão branca. Para cada 100 quilos de borracha, o seringueiro entregava vinte como tara para o dono do seringal. Depois vimos que quanto mais aceitava essas regras, mais dominado a gente era. E foram o Wilson Pinheiro e o Chico Mendes que começaram essa discussão. Nossas conquistas vieram junto a nossa própria luta, onde as lideranças tinham suas cabeças postas a prêmio para morrer, com preços publicados nos jornais de Rio Branco. O Chico tinha um amigo comunista que depois ficou sendo o meu guru.  Era o Raimundo Rocha: um cara muito inteligente, muito informado e muito comunicativo. Ele vinha da Guerrilha do Araguaia e era um grande poeta de cordel. Os municípios iam surgindo e ele já ia fazendo os hinos. Quando o socialismo não chegou, ele entrou numa depressão e virou alcoólatra. Em dezembro de 1975 foi fundado o STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) de Brasiléia. O Chico foi o 1º Secretário. O 1º Presidente foi o Elias Rosendo. Seis meses depois ele saiu e entrou o Wilson Pinheiro. O primeiro empate [organizado pelo Sindicato] foi em março de 1976, no Seringal Carmem. Essa palavra empate foi muito importante na época, porque no esporte ninguém perde e ninguém ganha. Mas aqui empatar significava vitória, era manter a floresta em pé. Nossa toada por aqui era assim: o Wilson Pinheiro convocando assembleia, o Chico no pé do ouvido, contando causos. Para um ou para 500, ele falava do mesmo jeito. Tinha aquela coisa do Trotsky de falar igual com analfabeto e com intelectual, fazendo a pessoa pensar sem ele precisar falar nada. O Chico era um revolucionário que discutia o socialismo, a reforma agrária. Ele dizia: "companheiros, nós temos que ter esperanças porque lá em São Paulo os operários estão fazendo greve por melhores ganhos. Estão até fazendo a discussão da divisão de lucro." O Chico fazia analfabeto ler jornal. Ele falava de assunto difícil de um jeito que qualquer seringueiro entendia. O seringueiro doido por um ramal [estrada], e o Chico ali falando que estava certo, que ramal era coisa importante, mas que esse ramal grande chamado BR ia expulsar o seringueiro do seringal. A morte do Wilson Pinheiro foi uma triste situação. A gente dizia que se matassem um de cá, dez de lá iam tombar, mas não foi assim que aconteceu. A União Democrática Ruralista (UDR) tomou o Sindicato por dois anos. Eu rasguei muita ficha de fazendeiro, de jagunço e de polícia depois que a gente retomou o Sindicato. O jeito de resistir foi o Chico sair pra Xapuri e eu, para Assis Brasil. Saímos fundando novos sindicatos e fomos generalizando a luta. O grande avanço que vejo é que o Movimento resolveu o problema fundiário e abrimos portas para os nossos produtos. Hoje a castanha está chegando ao mercado orgânico. Temos educação no seringal, não do jeito que a gente quer – porque a escola não organiza a luta – mas ainda assim é uma escola. Para nós, a década de 1980 foi um tempo de dor e de conquistas: criamos o Conselho Nacional dos Seringueiros, as Reservas Extrativistas  e, com os índios, a Aliança dos Povos da Floresta. A gente preferia não ter nada e ter o Chico vivo.  Mas a morte do Chico não foi em vão, como ele imaginou. Depois dela acabou a tragédia das mortes anunciadas. Acho que a rainha da floresta exigiu esse sacrifício do Chico para salvar nossas vidas.

CNS/IEA

*"O Wilson Pinheiro e o Chico Mendes eram amigos que se respeitavam e se complementavam. Sinto muita falta dos dois. Mas, se por um lado sofro com essas mortes, por outro sou um homem feliz por ter tido a sorte de participar desse movimento junto com eles."*
Osmarino Amâncio

# RAIMUNDO MONTEIRO

Nasci aqui no Seringal Cachoeira e quase toda a minha vida eu passei aqui no Cachoeira. Junto com o Chico Mendes, ajudei a fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, em 1975, e o de Xapuri, em 1977. Eu e o Chico começamos a lutar juntos desde que eu tinha 28 anos, e ele, 16. Nós começamos e seguimos juntos na luta até o dia do assassinato dele, em 22 de dezembro de 1988. No nosso Movimento a gente sofreu muito depois da morte do Chico, mas também tivemos muitos resultados. Aliás, uma coisa que foi muito boa foi que naquela época dos empates, quando o governo, que era muito irresponsável, apoiava os que queriam derrubar a floresta, nós lutamos, aqui, no Cachoeira, por 17 dias e, mesmo antes de Chico morrer, a gente já sabia que teríamos nossa reserva, que acabou saindo como assentamento extrativista, com 700 mil hectares. Nós, aqui, ainda trabalhamos com uma medida de duas estradas por colocação: é de 120 a 150 árvores por estrada. E por enquanto aqui não existe nada plantado. É tudo da natureza mesmo. Mas estamos pensando em adensar, plantar um pouco mais de seringueiras e explorar outras coisas também. A mata aqui é bem fechada e tem muita coisa dentro dela que a gente ainda pode explorar. Esse é um ponto que ainda falta avançar um pouco mais no sonho de Chico Mendes. Ele queria explorar os produtos da floresta para não ter que derrubar as árvores.

*"Eu já sou idoso, mas enquanto eu puder me mexer, eu vou continuar trabalhando com alegria para o desenvolvimento do Cachoeira do jeito que o Chico queria."*

Luiz Maia/Comitê Chico Mendes

ICMBio

# SABÁ MARINHO

Eu me sinto emocionado quando falo do Chico Mendes. Conheci o Chico quando ele foi candidato a vereador pelo MDB, ele foi eleito, mas depois ele saiu do partido, porque o Chico não lia na mesma cartilha do MDB. O Chico lutava em favor dos trabalhadores e naquela época quem fazia isso, sempre era considerado um subversivo no meio do povo, e por isso o Chico teve que sair do MDB. Mas o Chico não se curvou e começou uma luta ainda maior junto com os trabalhadores. A gente enfrentou, juntos, a luta pela presidência do Sindicato, ele foi eleito com o apoio das CEBs, do Dom Moacyr, dos padres e das irmãs que contribuíram para que a gente pudesse se fortalecer no Movimento. O Chico não aceitava a migração dos trabalhadores de dentro da floresta para a cidade, porque ele sabia que a gente não tinha estudo pra viver na cidade e pra conseguir um bom emprego. Quem vinha pra cidade era pra mendigar, passar fome, pra ver os filhos roubando e as filhas virando prostitutas. Era contra essa realidade que o Chico e a gente lutava. Defender a floresta significava defender as famílias que viviam na floresta. O Chico era uma pessoa maravilhosa que não sabia dizer não. Em tudo o que a gente ocupava o Chico, ele sempre dizia: "Vamos dar um jeito, vamos resolver". Ele, às vezes, dizia pra mim: "Traz um pedacinho de veado pra mim." E a gente colocava num saco um quarto de veado e trazia para o Chico. Quando a gente chegava, às vezes ele não estava em casa, eu entregava pra Ilza, e ela já me convidava: "Você tem que vir almoçar com a gente." Eu chegava no Sindicato e falava pro Chico: "Tu não sabes o que foi eu trouxe pra ti", e aí ele dizia: "Eu estou quase sabendo o que foi que tu trouxe." E aí eu dizia: "Foi carne de veado que eu trouxe pra ti." Ele dizia: "Ah, mas tu vai almoçar mais a gente." Isso a gente fazia, ia almoçar mais ele, deitava no chão da casa dele, e a gente começava a conversar. Era como uma família, o Chico era uma parte da família da gente. Quantas vezes fui intimado pela polícia para depor, e ele nunca deixava a polícia me buscar. Ele mandava um bilhete pra mim, mandando que eu viesse, eu chegava, conversava com ele, e depois é que eu ia pra delegacia, nunca sozinho, sempre acompanhado dele. Então eu me lembro do Chico assim, como um irmão, como uma pessoa muito querida da minha família. Eu dizia pro Chico: Chico, vão te matar. O que a gente faz? Ele dizia: "Nada, companheiro. Não se ganham flores sem lágrimas." E eu dizia pra ele: Mas Chico, eu não quero ver o teu sangue derramado. Inclusive, uma hora eu disse pro Chico sair do Acre, ele tinha amigos lá fora, tinha como sair. Ele me disse: "Companheiro, o medo é a arma do covarde, eu não vou torcer caminho." Lembro do Chico no Empate do Cachoeira, com o Esquadrão da Morte ali no entroncamento, todo mundo armado, e o Chico e eu passando pelo meio juntos, ele estava comprando alguma coisa lá no bar, colocando no carro, e quando nós passamos de volta no meio dos caras armados, ele disse assim: "Arma não me intimida, eu não quero ser é covarde." O Chico nunca quis fazer uma luta violenta, ele sempre quis a paz, sempre quis que a gente resolvesse na paz, esse era um dos pontos que ele mais defendia. Inclusive quando a gente às vezes queria ficar enfezado, ele dizia: "Espera aí, companheiro, eu não quero ver sangue derramado, eu quero é dialogar". Ele era homem do diálogo. Quando eu estava lá no Seringal e o Chico sabia que tinha gente me esperando no caminho para me matar, ele mandava um bilhete dizendo para que eu não passasse no caminho tal, porque tinha alguém esperando pra me matar. Aí eu não vinha. Fui muito ameaçado, e meu filho foi baleado numa tocaia porque os caras diziam que se pegasse um da minha família já era alguma coisa, mas por felicidade o tiro pegou só no braço dele. Depois da morte do Chico eu tenho pra mim que essa guerra ainda não acabou, o fato do Darly estar solto, para todos nós representa grande perigo. Quando o Darly diz na televisão que o Chico não foi morto, que foi ele quem se matou, isso é uma ameaça a nós que estamos vivos Pra mim o que ele está querendo dizer é. "Não mexam comigo, porque eu não mato, vocês é que se matam, e alguém ainda vai acabar morrendo por conta dessa história". O que eu sinto do Chico é saudade, tristeza, esperança e fé de que ele nunca vai morrer,

porque a memória dele segue aqui com a gente, nessa luta que continua. Que Deus não permita que a gente tenha que perder mais vidas, porque a gente vai continuar lutando a luta dele, que é a nossa própria luta.

*"Foi a partir do Sindicato que a gente se organizou para enfrentar os fazendeiros, empatando derrubar a floresta, porque o objetivo do Chico era não deixar esta floresta ser derrubada e cair."*

Acervo CNS

# SIÃ KAXINAWÁ

Faço este depoimento para contar um pouco da minha trajetória junto ao movimento dos Povos Indígenas e com o movimento dos Povos da Floresta. Participo deste livro porque acredito que minha experiência pessoal e coletiva pode servir de estímulo para muitos amigos e amigas que precisam de coragem e incentivo para continuar a luta pelo direito à dignidade e à sobrevivência dos Povos da Floresta. Meu nome verdadeiro é Siã Huni Kuin, mas na língua portuguesa fui batizado como José Osair Sales. Dos meus 60 anos, metade passei cortando seringa. A outra metade passei lutando pelos direitos humanos, em uma luta que não nasceu comigo, que vem de muito tempo, e que não vai ser encerrada comigo. Esta é uma luta dos antigos, dos de agora, e também da geração futura. Uma luta de todos e todas nós. Sou filho de uma família de grande liderança. Meus avós, meus pais, meus tios e meus parentes souberam organizar o nosso povo Huni Kuin para lutar por nossos direitos e nossas terras. Eles me ensinaram a ter coragem para lutar e a trabalhar para sustentar minha família. A ter um coração aberto e livre de julgamento. A viver a vida com alegria e com respeito pelas pessoas, pela terra, pela água e pelo ar. Como meus pais, entrei muito cedo na luta da vida. Desde pequeno fui treinado para organizar meu povo aprendendo várias tarefas, observando e ouvindo muita gente. Nessa passagem, participei de vários momentos históricos importantes para os Povos da Floresta: a demarcação das primeiras terras indígenas, inclusive da minha terra Huni Kuin; a criação das primeiras Reservas Extrativistas e a organização da primeira cooperativa indígena do Acre, liderada por meu pai, o cacique Soeiro Huni Kuin. Eu vi nascer e participei da criação das primeiras entidades indígenas da Amazônia e de importantes entidades não-indígenas no Brasil e na América Latina, entidades que sempre foram parceiras da causa indígena e dos Povos da Floresta. Nasci no Seringal Fortaleza, às margens do Rio Jordão, em 1964. Com 20 anos vim para Rio Branco em busca de estudo. Queria entrar no Mobral para aprender a ler, pois mal assinava meu nome. No Seringal era só caça, pesca, medicina, espiritualidade e corte de seringa. Como não tinha pai e mãe em Rio Branco, o Txai Terri Aquino me orientou a ir para o Seringal Nazaré, no município de Xapuri, porque lá tinha o Projeto Seringueiro, onde o Chico Mendes deixava indígena estudar na escola dos seringueiros. Então fui para Xapuri e Chico Mendes me colocou na escola dele. Era vida dura: trabalhava de dia e estudava à noite, como todo mundo. Antes disso eu nunca tinha ouvido falar dele, mas depois que o conheci, em 1984, não quis mais saber de sair de perto de Chico. Nós ficamos muito amigos e a gente conversava muito. Fazíamos empates junto com a companheirada. Com a convivência, fui contando a minha história à ele. Falei que sabia gravar conversas e filmar imagens. Ele então me pediu para gravar a luta dele. Comecei a gravar quando tinha material de gravação, sempre de forma voluntária. Chico Mendes era um seringueiro realmente pobre. Quando eu arrumava algum dinheiro, dividia uma cachacinha com ele. Quando ele arrumava algum dinheiro, ele dividia uma cachacinha comigo. E assim a nossa amizade foi ficando cada vez mais forte. Chico era um ser muito humano muito carinhoso com as pessoas. Ele sabia conduzir as reuniões e todos gostavam muito dele. Só a União Democrática Ruralista (UDR), que foi responsável pelo seu assassinato, não respeitava sua

*"Nossa luta continua. Seguimos lutando para preservar as riquezas naturais que ainda estão em nossas mãos: a água, a floresta, a terra. Essa não será uma luta pequena. Que bom seria se Chico Mendes estivesse aqui para ajudar a fortalecê-la. Sentimos tanta saudade dele!"*

importância para a floresta. A UDR tinha muito poder, tinha muito dinheiro para contratar jagunço e comprar a polícia. O Chico não. Ele não tinha dinheiro nem para se defender e também não era costume dele tratar com a bandidagem. A UDR ficava cada vez mais com raiva, porque ele ia ficando famoso e aparecendo nos jornais do Acre, do Brasil e do mundo. Por isso a UDR matou Chico Mendes. Fico pensando... se Chico estivesse vivo, ele estaria sorrindo muito, porque ele pensava que as primeiras conquistas viriam em dez anos, mas elas começaram a chegar em três – quando foi demarcada a primeira Reserva Extrativista – e não parou mais. Hoje nossas representações são respeitadas e nossa Aliança dos Povos da Floresta continua em atividade. Isso com certeza era razão para o Chico estar sorrindo. O Chico ia ficar feliz em saber que a luta dos Povos Indígenas que ele ajudou a fortalecer tem gerado frutos saborosos e coloridos. Aos poucos, vem diminuindo o preconceito e a discriminação. Aos poucos, nosso lugar de direito vai sendo reconhecido fora dos fronteiras do nosso território. Devemos muito disso ao Chico Mendes e a todas as lideranças dos Povos da Floresta.

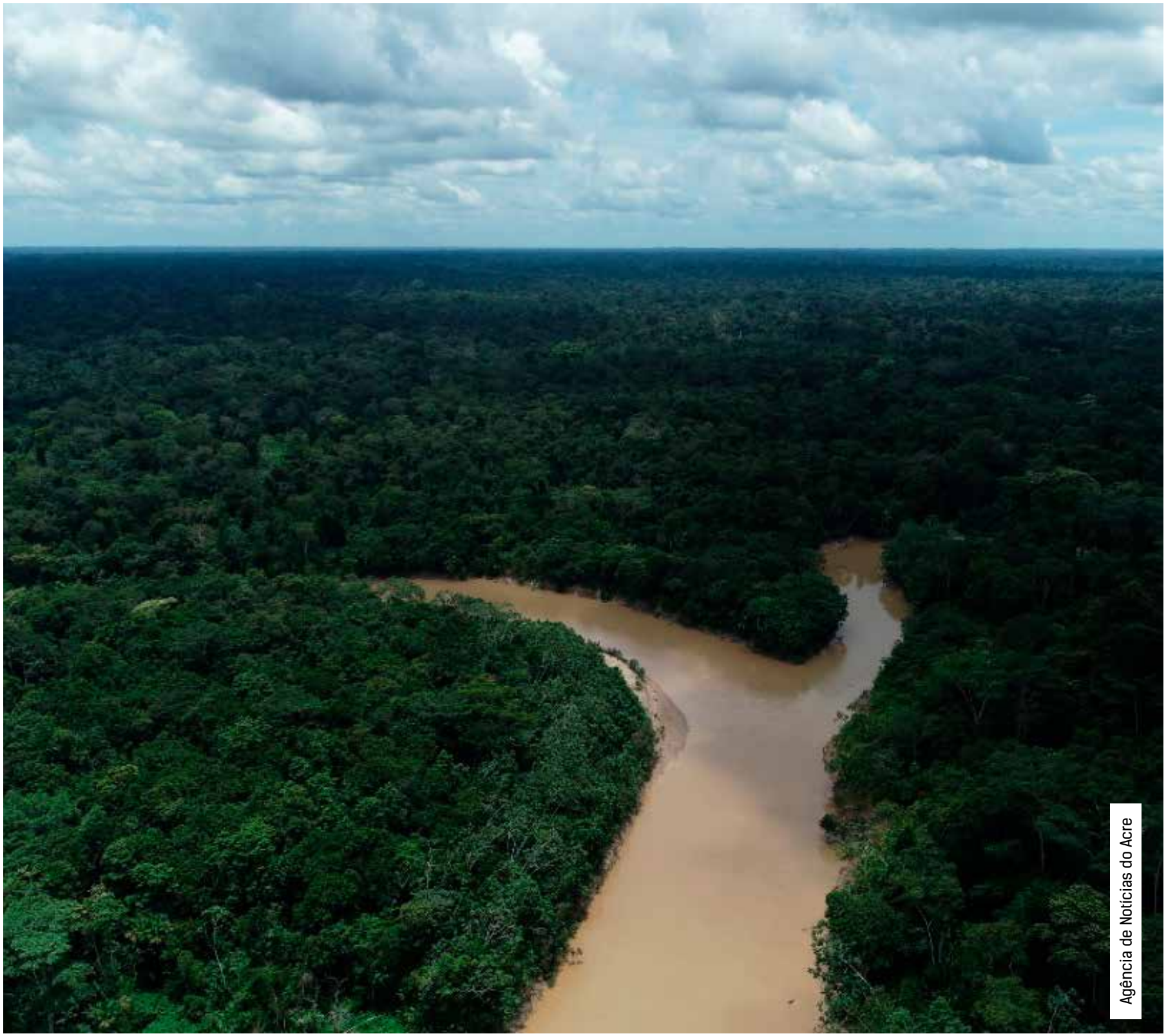
Siã Kaxinawá

# TOYA MANCHINERU

Sou Toya Manchineru, do povo Manchineri, das Terras do Iaco, na fronteira do Brasil com o Peru. Um espaço privilegiado por ser o maior em extensão rural e possuir um seringal nativo. A comunidade Mapkaha abriga doze aldeias. Lá moram 111 famílias: é a maior área indígena do estado do Acre. Os territórios do povo Manchineri são preservados porque há uma conscientização da população quanto ao uso dos recursos naturais. Cuidamos bem de nossa terra porque ela é a nossa casa e é dela que retiramos tudo de que precisamos. A terra é o nosso supermercado e o nosso banco. Os Manchineri são parentes dos Piro, da Amazônia peruana. Somos do mesmo tronco. Nossa língua é o Aruak, do ramo Maipure. A maioria dos Manchineri habita a Terra Indígena Mamoadate. Muitas famílias vivem em seringais no Acre, sobretudo no interior da Reserva Extrativista Chico Mendes. Nosso ambiente ecológico é feito de rios, campos limpos e mata. Temos costume de perambular por este espaço e dele retiramos nossa comida e nossa sobrevivência. A maior luta aqui é preservar o conhecimento tradicional e a riqueza natural de nossas terras. Temos um território muito rico, com farta biodiversidade que precisa ser defendido da biopirataria. Essa apropriação indevida de recursos genéticos e de conhecimentos tradicionais causa prejuízo e preocupação entre os Povos Indígenas do Acre. Nossa riqueza é retirada e comercializada sem nossa autorização. Temos notícias de biopirataria no caso da Ayahuasca, do sapo Kambô e do Cupuaçu. Reconhecemos que precisamos manter a identidade dos Povos Indígenas amazônicos e resgatar o conhecimento tradicional como meio de manter e preservar a vida da floresta. Essa era uma das bandeiras que índígenas e seringueiros defendiam juntos na Aliança dos Povos da Floresta no tempo de Chico Mendes. Hoje penso que o tempo que passei com os seringueiros e especialmente com o Chico Mendes na época dos empates foi um tempo de muito companheirismo e muita união. Se eu tivesse que pensar em uma palavra para definir o Chico Mendes, essa palavra seria companheirismo. Depois da morte dele, a gente continua em aliança com os seringueiros. Hoje as lutas são outras. Temos muitas conquistas, mas também muitos outros desafios. Muitas outras lutas vão precisar de nossa união, da força da Aliança dos Povos da Floresta.

*"Nós estamos nessa luta há muito tempo. Nosso povo foi um dos primeiros a fazer aliança com os seringueiros. Eu mesmo estive entre os primeiros jovens que foram para Xapuri ajudar o Chico Mendes nos empates."*

Comitê Chico Mendes



Agência de Notícias do Acre

# SINDICATO

SINDICATO
DOS TRABALHADORES RURAIS DE XAPURI - ACRE
Miranda Smith

"Mas quem sabe, Chico – daqui a cinco, dez, oito anos – o movimento de resistência dos trabalhadores vai começar a surgir. Vão criar novos  sindicatos, a ditadura vai ter que aceitar. Agora, tudo isso vai ser controlado pela ideologia militar. Todos esses sindicatos vão ter intervenção", e foi o que houve, mesmo. "Agora é o seguinte: você não pode deixar de entrar nesse sindicato. Vai chegar: mais hoje, mais amanhã. Chegará o sindicato para os seringueiros e você entra. Você não pode deixar de entrar no sindicato porque é lá que você vai montar suas raízes. É isso que vai te enraizar. Te garanto que, um dia, se eles não te matarem, você vai conseguir ser uma grande força para os seus companheiros". Fiquei com aquilo na cabeça: será que isso vai acontecer? (Conforme depoimento de Chico Mendes a Lucélia Santos, em maio de 1988).

Euclides Fernandes Távora

# AMINE CARVALHO SANTANA

Eu entrei na militância no meio da década de 80, quando me formei em História na faculdade e fui trabalhar no Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA), com um projeto de história oral cujo nome era: O resgate, a luta e a resistência dos seringueiros de Xapuri. A partir daí, trabalhando com a equipe do CTA, a gente começou a se envolver com as mulheres trabalhadoras rurais de Xapuri. Começamos por fazer a discussão com elas sobre porque tantas mulheres participavam dos empates, iam para as frentes de luta sem medo, mas não tinham participação como filiadas do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Começamos esse trabalho com as mulheres trabalhadoras em 1984 e seguimos até um pouco depois da morte do Chico. Nas discussões que fazíamos em encontros e oficinas, acabamos por descobrir que as mulheres não participavam do Sindicato porque não tinham dinheiro para pagar as suas mensalidades. Foi um movimento muito bonito, as mulheres traziam de suas colocações vários produtos e muitos artesanatos.  A gente fazia a feira na praça e com dinheiro arrecadado a gente ia fazendo a filiação das companheiras. Foi nesse tempo que um grande número de mulheres se tornou militante do Sindicato em Xapuri. Em 1988 organizamos um grande evento com as trabalhadoras do campo e da cidade. O Chico participou, a Lucélia Santos veio, foi um encontro com muita energia, com muita animação. O Chico apoiava muito o Movimento de Mulheres, ele sempre defendia que a luta ia ficar mais forte com as companheiras no Partido e no Sindicato. O Chico quando vinha para Rio Branco tinha por referência o CTA, o pessoal ligava para falar com ele, para agendar coisas com ele e, em geral, eu era umas das pessoas que cuidavam dessa agenda. Pouco tempo antes da morte dele, eu liguei para Xapuri porque o [Antonio] Macêdo queria que ele fosse para Cruzeiro do Sul para a inauguração de uma cooperativa. O Chico disse que não podia porque a Ilzamar estava adoentada e ele só ia retomar a agenda depois do Natal. Poucos dias antes de ser assassinado, ele passou por Rio Branco, de volta do Rio de Janeiro. Ele tinha passado pelo CTA numa quarta-feira, umas cinco horas da tarde, e eu não estava. Ele então deixou um bilhete debaixo da porta dizendo que tinha tentado me achar e que não voltava mais ao CTA naquele dia, porque estava sendo perseguido por um gol branco. Depois disso só falei com o Chico pelo telefone. Eu me lembro que nossa última conversa foi sobre a saúde da Ilzamar. Eu disse para ele ter cuidado para não ficar viúvo, e ele, do outro lado da linha, relaxou um pouco e deu uma boa gargalhada. O meu sentimento é de que a luta não morreu, mas existe uma lacuna muito grande. Se o Chico estivesse vivo, as mulheres de Xapuri, que contavam com aquela força direta dele, já teriam conquistado muito mais espaço. Disso eu não tenho dúvida!

Arquivo Amine Carvalho

# CHICO GINU

Nasci como Francisco Barbosa de Melo, em 1959, mas no Movimento todos me conhecem por Chico Ginu. Ainda menino, virei seringueiro e sindicalista com militância no Alto Tarauacá, no Acre. Em 1979, fui designado delegado sindical no Seringal Restauração, no rio Tejo, no município de Marechal Thaumaturgo, onde hoje está a Reserva Extrativista do Alto Juruá. Em 1989, tive a honra de participar do encontro de fundação da Aliança dos Povos da Floresta, em Rio Branco. Isso infelizmente aconteceu depois da morte do Chico Mendes. Tivemos as primeiras notícias do Movimento Sindical em 1976, através da comunicação de rádio receptor de uma rádio que se chamava Terra dos Nawa, dos padres de Cruzeiro do Sul. Em 1979 fui um dos primeiros a fazer a filiação. Esse foi o momento dos maiores conflitos entre seringalistas e seringueiros. Sinto muito orgulho em dizer que fui um dos que encabeçaram a luta. Em 1989, aconteceu simultaneamente em Rio Branco, o I Encontro da Aliança dos Povos da Floresta e o II Encontro do Conselho Nacional dos Seringueiros. Tivemos muita determinação para juntar os índígenas e os seringueiros por uma única causa. O Chico Mendes tinha morrido e o Encontro acabou sendo um momento de compromisso e de resistência para mostrar ao Brasil e ao mundo que o Movimento não ia parar em virtude do assassinato. Pelo contrário, foi um acontecimento de fortalecimento da luta. Fiquei no CNS até 2003, como parte da Diretoria. Depois, fui trabalhar com 20 associações e com três sindicatos aqui da região. Acompanhei o processo de criação de três Reservas Extrativistas: do Alto Juruá, do Alto Tarauacá e da do Riozinho da Liberdade. Nós lamentamos muito a morte do Chico Mendes e até hoje não nos conformamos com essa perda. Nos entristecemos por ele não estar vivo, aqui com a gente, para contribuir com tudo o que ele ainda tinha para oferecer. Mas acho que a morte dele ajudou a amenizar a destruição das nossas florestas, e todos nós, líderes, temos o compromisso pelo resto de nossas vidas de também fazer a parte do Chico.

CNS

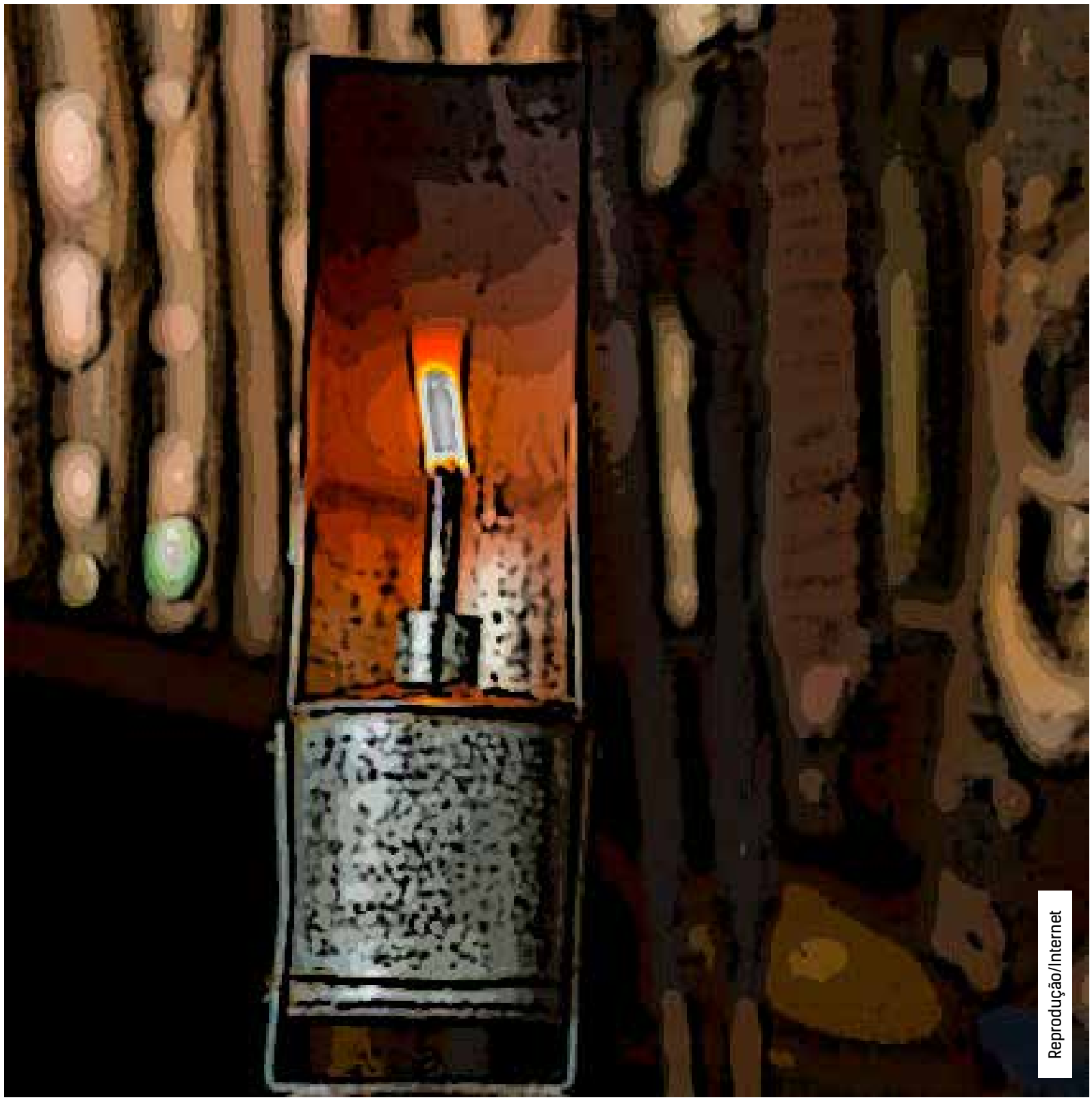
*"A brava luta do Chico Mendes e dos movimentos foi o que nos ajudou a segurar um pouco da sustentação biológica e ecológica da Amazônia."*

# DERCY TELES DE CARVALHO

Nasci e me criei no Seringal Boa Vista, na Colocação Pimenteira, a doze quilômetros de Xapuri, onde moro até hoje. Minha vida não foi diferente da vida de qualquer pessoa que nasce e se cria no seringal. Recebi educação da minha mãe, uma mulher pacata, dona de casa. Meu pai era um seringueiro nordestino, alfabetizado, que migrou para cá na década de 1940. Foi ele quem me ensinou a ler e a escrever. Até os meus 18 anos, levava a vida comum a toda mulher do seringal. A rotina era trabalhar na roça e ajudar a mãe nos serviços domésticos. No início dos anos 1980, conheci a Teologia da Libertação e fui convidada para ser monitora nas comunidades. Seis meses depois de iniciar o trabalho, fui indicada pela minha comunidade para ser delegada sindical. Assim começou a minha militância na política e no Sindicato. Em 1981, fui eleita Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, a primeira mulher a se tornar presidente de um Sindicato de Trabalhadores Rurais no Brasil. Era mandato provisório de um ano, definido em assembleia. Em 1982, houve nova eleição. Foi eleito presidente o Osmar Facundo, que também ficou um período curto, porque, no mesmo ano, ele foi eleito vereador pelo PT, na primeira eleição em que o PT participou. Aí é que entra o Chico Mendes como liderança sindical. Depois dessa passagem pelo Sindicato, fui trabalhar na equipe do Projeto Seringueiro; fui ajudar na implantação da primeira escola do Projeto Seringueiro, que foi no Seringal Nazaré, na Colocação Já com Fome, a 12 horas da cidade de Xapuri. A aula inaugural aconteceu em maio de 1981, e em 1982 fui morar no seringal. Morei três anos no Nazaré,  preparando as pessoas da comunidade para assumirem as escolas, já que era impossível encontrar monitores para todas as escolas que os seringueiros queriam criar. No seringal, o índice de analfabetismo era muito grande, tanto que as escolas iniciavam trabalhando a educação de jovens e adultos. A perspectiva era facilitar a circulação da informação, porque, como era no tempo do regime militar, toda a nossa comunicação tinha que ser através de bilhetes. Não podíamos mandar nem receber recado pelas rádios, porque, antes mesmo de a notícia chegar, já tinha um agente da Polícia Federal andando atrás da gente, querendo saber do assunto. Uma forma de ajudar na informação e fortalecer a organização dos trabalhadores era alfabetizando todo mundo, porque informação é poder, inclusive no nosso meio. A escola conseguia, através da alfabetização, elevar a autoestima dos seringueiros e fortalecer sua crença em seu poder de luta.

*"O Projeto Seringueiro foi muito importante para a organização do Movimento. Através da criação da Cartilha Poronga, nos moldes do método Paulo Freire, não só conseguíamos ensinar a ler e escrever, mas, sobretudo, conseguíamos colocar em discussão os temas relevantes e cruciais que afligiam nosso povo."*

CTA



Reprodução/Internet

# GOMERCINDO RODRIGUES

Revista Xapuri

Trabalhei com o Chico Mendes de janeiro de 1986 até o dia de seu assassinato, em 22 dezembro de 1988. Continuei em Xapuri até 1992, e de lá vim pra Rio Branco estudar Direito, porque estávamos sempre precisando de advogado e nunca tinha advogado para defender os trabalhadores. Os seringueiros lá do Sindicato diziam: até que um filho nosso consiga se formar, nós já perdemos tudo. Disse que eu mesmo ia estudar Direito. Colei grau na Universidade Federal do Acre (UFAC) em fevereiro de 1998. De lá para cá, trabalho em um escritório de advocacia e continuo militando no Comitê Chico Mendes, do qual sou membro fundador, desde a noite do assassintto do Chico, e até hoje presto assessoria jurídica voluntária. Em 1983 vim pra cá, para o Acre, recém-formado em agronomia, porque em 1982 era militante do movimento estudantil, fazia parte da luta em defesa do Pantanal, fui candidato a deputado federal pelo PT, saí das urnas com 200 e poucos votos e, como candidato derrotado do PT, não tinha como conseguir emprego no meu estado de Mato Grosso do Sul. Decidi tentar o Acre. Hoje sou cidadão acreano, com título concedido pela Assembleia Legislativa do Estado. Comprei uma terra para cultivar, e, como agricultor, passei a participar das reuniões do sindicato e dos acampamentos no Incra. Fui a Xapuri para ajudar na avaliação do Projeto Seringueiro, na parte que dizia respeito à experiência de cooperativas que, ao contrário das escolas, não tinham dado certo. Já conhecia o Chico Mendes do Movimento, porque ele era a principal liderança na época. Antes de ser líder em Xapuri, ele vinha de uma militância forte no Sindicato de Brasiléia, do qual participou da fundação em 1975, e foi eleito o secretário-geral da primeira diretoria. O STR de Brasiléia foi a primeira organização forte dos trabalhadores no Acre e o segundo sindicato fundado no estado (o primeiro foi na cidade de Sena Madureira). Depois, o Chico veio para Xapuri e, em 1977, se elegeu vereador pelo MDB e ficou no mandato até 1982, mesmo tendo fundado o PT, como Lula, em 1980. No final da década de 1960, chegou a primeira leva dos "paulistas", como eram chamados os que chegavam ao Acre pra

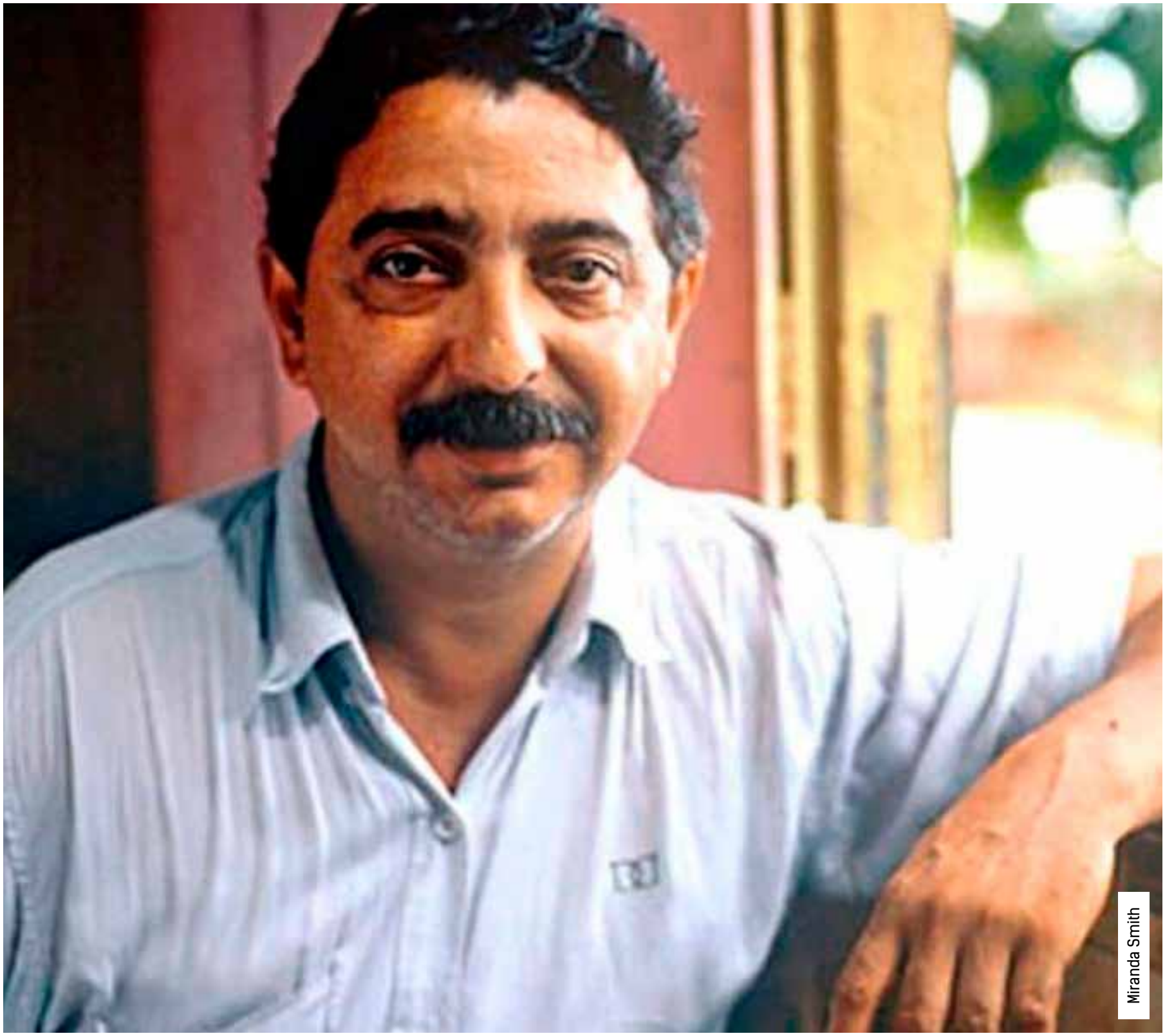
comprar as grandes extensões de terra dos seringais. Eles eram os que compravam as terras de avião sem andar na mata. Os que do alto perguntavam se lá embaixo tinha gente. Aqueles que, quando os vendedores diziam que não havia gente na floresta, compravam a terra a preço de banana. E mandavam os prepostos, sempre acompanhados de jagunços, para ocupar os espaços que já eram ocupados. Expulsavam as famílias e ateavam fogo. Derrubavam as casas. O seringueiro saía cedo para trabalhar e, quando voltava, a casa dele estava no chão e a mulher no terreiro. Era muita violência. A diferença era gritante: para o fazendeiro a floresta era um atrapalho, para o seringueiro a terra era o que sustentava a floresta. Era o desencontro de dois mundos: para um a terra é reserva de valor, para o outro o que vale é a floresta que dá tudo o que ele precisa. O seringueiro sem a floresta não sobrevive. Quando o fazendeiro desmatava, o seringueiro ia sumindo. Então os seringueiros, que não tinham organização, começaram a fazer reuniões com as organizações de base da Igreja Católica para discutir como se organizar. Nos meados da década de 1970, a Contag trouxe o pessoal dela para organizar os sindicatos, começando por Sena Madureira e Brasiléia. Os seringueiros começaram a sair das suas colocações para defender a colocação dos companheiros: surgiam os "empates". Em um processo de autodefesa, a cultura do individualismo e da desconfiança foi-se rompendo. Porque o "empate" era uma questão de sobrevivência para o seringueiro. Ou eles "empatavam" o desmatamento ou deixariam de ser seringueiros, pois deixaria de existir floresta. Em Brasiléia houve vários empates. Em 1980 mataram o Wilson Pinheiro, o Sindicato se desmobilizou um pouco, e a força do movimento foi transferida para Xapuri. Em 1983, o Chico saiu da Câmara de Vereadores, disputou, ganhou e ficou na presidência do Sindicato até o dia em que foi assassinado. Em 1980, mais de 98% dos seringueiros eram analfabetos, além disso, lá no fundo tinha aquela desconfiança: poucos sabiam ler e escrever. Por isso os outros achavam que eles podiam estar fazendo as contas erradas. As escolas surgiram como forma de respaldar a proposta das cooperativas, que ainda não tinham sido internalizadas pelos seringueiros. Nessa época eu não tinha salário, vivia com a ajuda do pessoal e dormia no Sindicato. Foi a Mary Allegretti que começou as escolas, com a Marlete, com a Fátima. A Mary deu aula para incentivar o pessoal. O Raimundão também. Em 1985, aconteceu em Brasília o I Encontro Nacional dos Seringueiros, e foi lançada a proposta das Reservas Extrativistas, um achado. Para os ambientalistas que defendiam a preservação da floresta só com discurso, sem ter projeto, enquanto governo fazia o "desenvolvimento" da Amazônia com discurso, projeto e dinheiro para financiar a devastação através do Banco da Amazônia, agora havia uma bandeira, um "modelo de desenvolvimento" sustentável, as Reservas Extrativistas dos seringueiros para defender. A partir do Encontro de Brasília, a Amazônia passou a ter dois projetos distintos: um de governo e da pecuária e outro, dos Povos da Floresta, com apoio dos ambientalistas. Os seringueiros dizendo: "Queremos as nossas áreas como as dos índios, com a terra sendo da União e a gente tendo o direito do usufruto sem ser para destruir". Alguém disse: "Vocês não são índios, vocês são extrativistas." Ali no Encontro, surgiu a "Reserva Extrativista", como a expressão de uma proposta que partiu dos seringueiros. O Chico não era dirigente do Conselho Nacional dos Seringueiros, mas a sua liderança no movimento dos seringueiros era incontestável. Como era candidato a prefeito, Chico foi a Brasília e abriu o Encontro; veio para Xapuri, fez campanha, e depois voltou para encerrar o

*"O Chico virou um mártir da Amazônia, e essa é a grande lição. Aqueles que atiraram nele erraram o alvo, porque o Chico nunca vai morrer."*

Arquivo Gomercindo Rodrigues

Encontro em Brasília. Foi ele quem apresentou a proposta das Reservas Extrativistas,  onde o seringueiro pudesse melhorar a qualidade de vida e permanecer na floresta. E o Chico, que não era bom de discurso mas era fantástico de conversa, passou a ser o porta-voz dessa proposta que ganhou a simpatia do mundo. Ele explicava e todo mundo entendia. Ele cativava, atraía as pessoas. O Chico sempre buscava diferentes aliados: dos ambientalistas do PV [Partido Verde] do Rio Janeiro aos militantes do PT do Rio de Janeiro – ele juntava todo mundo, independentemente das tendências políticas. Ele sempre soube usar a mídia, sempre teve informações. Escrevia um bocado, e bem. Sua escrita era simples e direta: era muito legal. Podia ter erros de concordância, de um cara que teve pouca escolaridade, mas as ideias eram fantásticas. Chico ia andando mais para fora, e eu, ia caminhando mais para dentro do seringal levando as notícias que ele mandava: cartas, bilhetes, informações. Às vezes ele me ligava e dizia: "Guma, estamos conseguindo isso, aquilo. Você vai a tal lugar, fala para os companheiros que a gente está avançando nisso."

Eu ia discutindo a criação das cooperativas com o respaldo do Sindicato. Nós passamos um ano conversando, trocando ideias e, em junho de 1988, fizemos a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri (CAEX), que funciona até hoje. Como a CAEX foi a primeira Cooperativa Agroextrativista, todo o processo precisou ser ajustado. Os estatutos tiveram que ser mudados, pois qualquer cooperativa agrária requer que os associados sejam proprietários de terra e, no nosso caso, não existia propriedade. Começamos com poucos sócios, só 33, porque todo mundo queria ver no que dava antes de se associar. Hoje, depois que deu certo, a cooperativa tem mais de 300 sócios. O fantástico disso tudo foi o que aprendi com os seringueiros, com os trabalhadores rurais de Xapuri. O que o Raimundão me ensinou, o que o Chico me ensinou... Só sinto o pouco tempo que tive para aprender com o Chico, porque enquanto eu via dois metros à minha frente, o Chico via duzentos à frente dele. Ele sempre estava muito à frente de todos nós. De uma forma simples, ele via o horizonte com muita clareza, sempre. Era ele quem dizia: "Agora é hora de negociar, agora é hora de ser duro". Em 1988, o coronel Castelo Branco, secretário de Segurança Pública do Acre, chegou a Xapuri, ligou para o Sindicato e pediu para o Chico ir à delegacia. O Chico foi e, quando abriram a porta, o secretário conversava com o Darly Alves. Ao ver o Chico, ele disse: "Entra! Estou chamando vocês aqui para darem as mãos e ficarem amigos". O Chico disse "Não! Esse homem não é meu amigo. Quando o senhor quiser conversar comigo, eu converso com o senhor, mas não tenho nada para conversar com esse moço, não!". Depois o Chico escreveu no Ventania, o nosso Jornalzinho: "Propuseram ao Chico Mendes que pusesse mão de amigos do Darly. É a mesma coisa que colocar o cordeiro na jaula do leão, com a combinação de que o leão não vai comer o cordeiro. Depois o cordeiro desaparece e dizem: não, não foi o leão, pois estava tudo acertado com o leão de não comer o cordeiro". Ao publicar aquela notinha, Chico mostrou a clareza que ele tinha disso.

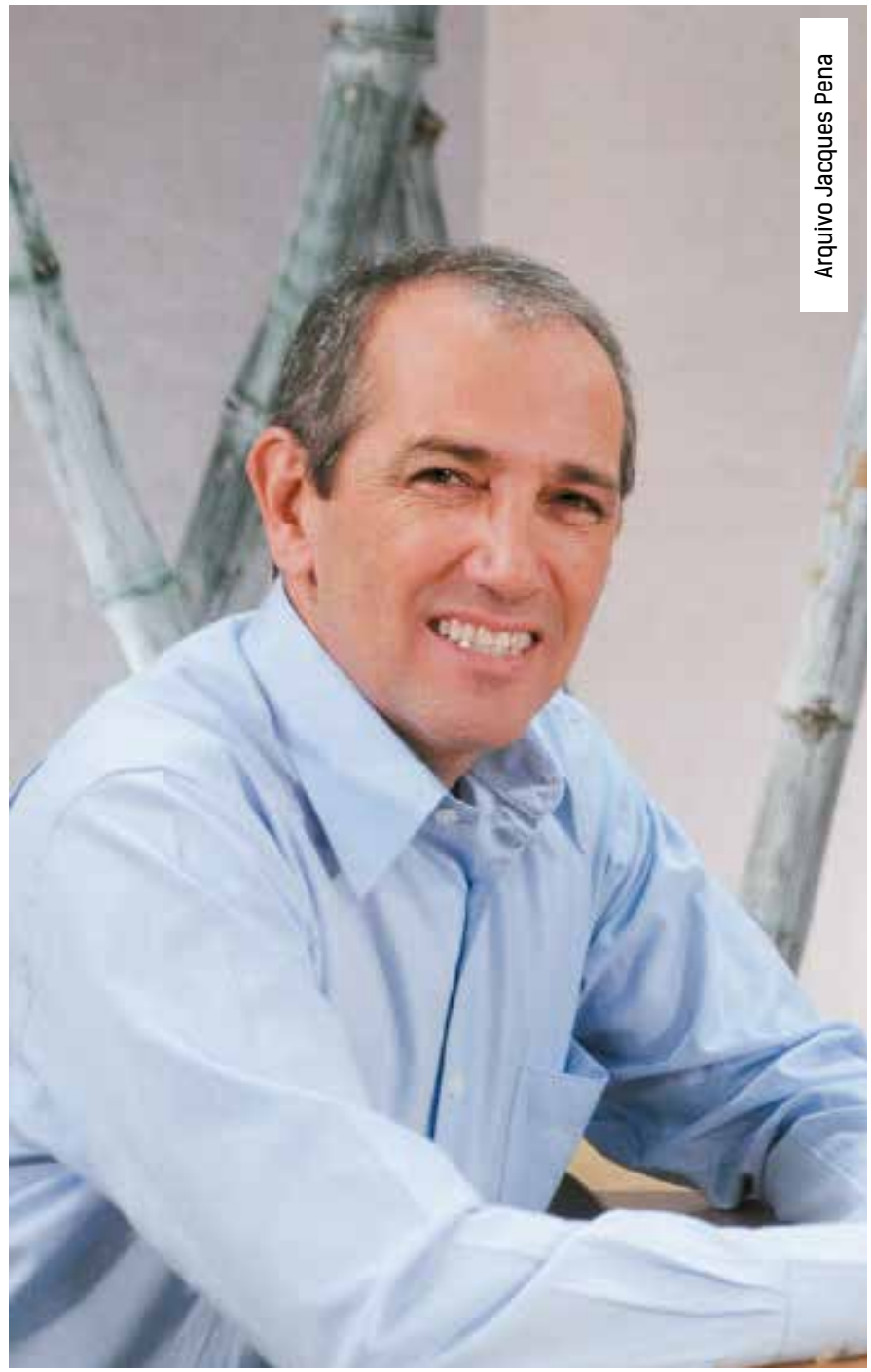


Miranda Smith

# JACQUES PENA

Foi muito caro o preço que Chico Mendes pagou por seu compromisso com a luta coletiva: foi com sua própria vida. Conheci o Chico em São Bernardo do Campo, São Paulo, nos dias frios de agosto de 1983. Esse encontro aconteceu durante as plenárias que culminaram no dia 28 com a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). A Direção Nacional da CUT tinha um único membro efetivo do Acre: era Chico Mendes, do Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri. O Distrito Federal tinha três representantes. Eu era um deles, representando o Sindicato dos Bancários de Brasília. Depois, participamos juntos das reuniões, plenárias e congressos da CUT até que, em dezembro de 1988, a violência contra as lideranças dos trabalhadores rurais – denunciada na direção nacional da CUT – tirou a vida de Chico Mendes. Infelizmente naquele tempo muitos tombaram, vítimas da intolerância e da violência. Defender a floresta e uma vida digna para seus povos há 35 anos não tinha o reconhecimento nacional e internacional que tem hoje. As mudanças climáticas, a busca por uma vida sustentável no planeta e toda a luta de vários segmentos sociais – inclusive dos ambientalistas – fizeram da vida e morte de Chico Mendes um verdadeiro marco da nossa história recente.

*"Apoiar aqueles e aquelas que lutam pela Amazônia é manter viva a memória e a luta de Chico Mendes."*



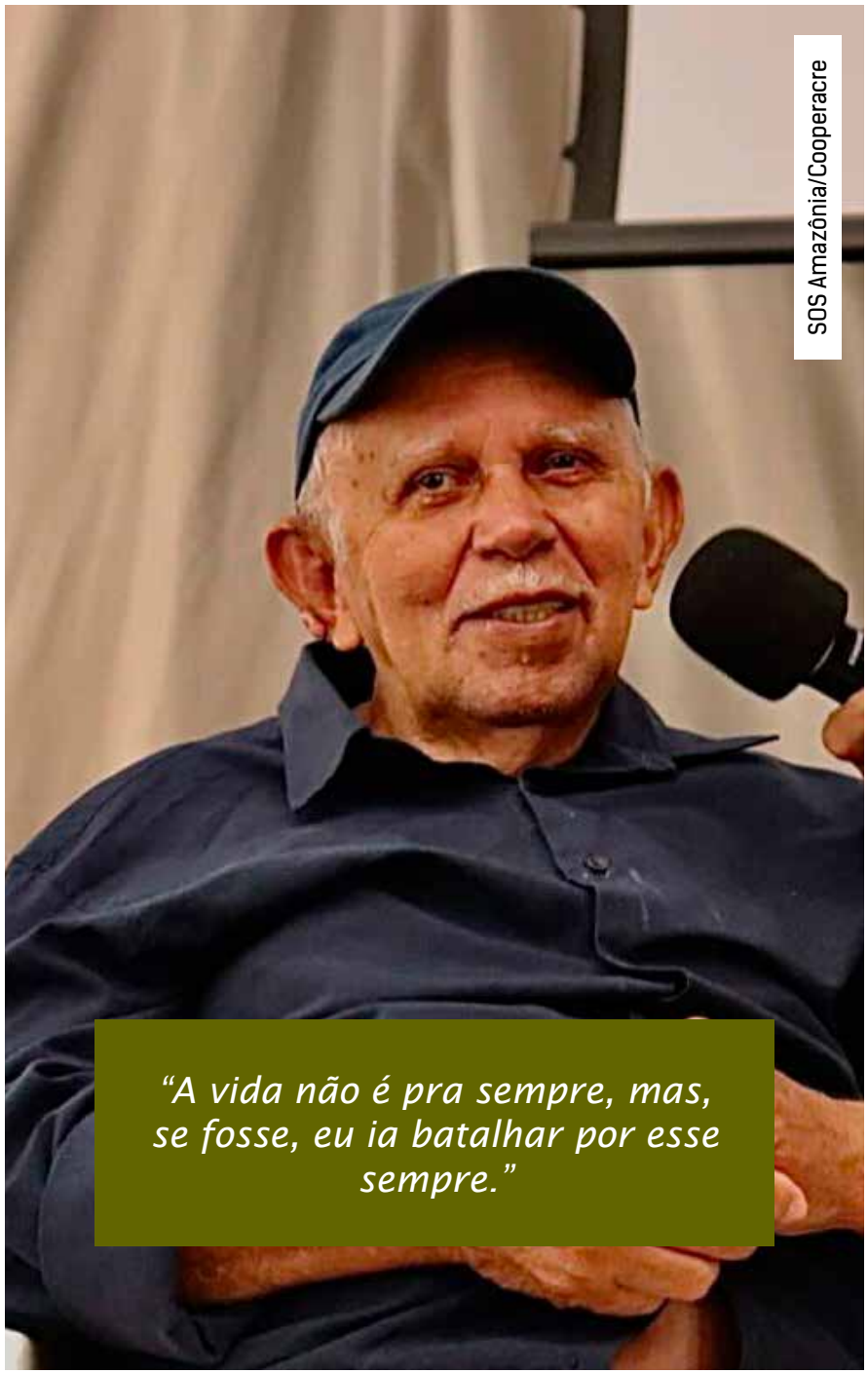
Arquivo Jacques Pena

# KLEYTTON MORAIS

Chico Mendes nos deixou muitos legados, aprendo sempre com eles. Não tem quem não conheça, hoje, o significado e a importância das Reservas Extrativistas, este extraordinário modelo de reforma agrária adaptado à realidade amazônica, inventado e defendido por Chico Mendes e seus companheiros e companheiras. Só mesmo um movimento enraizado na luta coletiva dos empates e dos sindicatos para dar ao Brasil um presente desses! Mas, pra mim, que nasci baiano e tive em casa o exemplo de meu tio, Clodomir Morais, que lutou pelos direitos humanos e pela democracia em outra frente de resistência, além de seu coração generoso e de sua conduta solidária, o grande legado de Chico Mendes foi sua incrível capacidade de juntar, em uma só bandeira, a luta sindical, a luta política e a luta ambiental. Este foi um ensinamento que mudou nossa postura enquanto sindicalistas, não de agora, mas desde o Congresso da CUT de 1983. Foi lá que, pela primeira vez, os sindicatos brasileiros foram chamados, por um seringueiro da floresta, vindo lá dos confins da Amazônia, para incorporar a pauta ambiental em nossas plataformas sindicais. Hoje, 35 anos depois daquela morte anunciada, neste ano que o Comitê Chico Mendes, presidido por Angela, filha de Chico, nos convoca para um grande empate de retomada – das lutas, das conquistas, da participação militante na defesa do memória e do legado deste luzeiro de coragem que nem um tiro de escopeta, disparado de tocaia, na calada da noite, conseguiu apagar –, eu vejo com esperança os tempos presentes e os tempos que virão; vejo com esperança a chegada de dias mais felizes, com todos e todas nós lutando por este mundo mais verde, mais saudável e mais sustentável que Chico Mendes ousou sonhar. É hora, portanto, de arregaçar as mangas e de, com o mesmo espírito sereno, porém firme, com que Chico Mendes enfrentava a violência do latifúndio, não somente empatar os retrocessos, mas, sobretudo, seguir adiante, lutando por dias melhores para os Povos da Floresta e para todos os povos da Terra.

*"Foi com o sindicalista Chico Mendes que aprendemos a somar nossas lutas sob uma só bandeia da democracia, do meio ambiente e dos direitos humanos."*

# MANOEL JOSÉ DA SILVA




Manoel José da Silva, seu Manoel, como é chamado por seus antigos e novos companheiros de resistência e por suas antigas e novas companheiras de luta, bem como pelas pessoas jovens das comunidades extrativistas do Acre e de outras regiões do país, é um seringueiro que sempre pensou e caminhou muitos passos à frente de seu tempo. Em 2001, quando na Amazônia o desmatamento já atingia níveis preocupantes e as populações extrativistas encontravam muita dificuldade para agregar valor aos produtos extrativistas da floresta, como o látex, a castanha, o açaí, a pupunha e tantos outros, seu Manoel acreditou na força da união demonstrada nos empates organizados por Wilson Pinheiro e Chico Mendes nas décadas de 1970 e 1980 e, junto com seus companheiros e companheiras, investiu no poder de organização do cooperativismo. Visionário, fundou a Cooperativa Central de Comercialização Extrativista (Cooperacre), com sede na capital do estado, Rio Branco. Fruto dessa visão empreendedora de seu Manoel, a Cooperacre é hoje responsável pela maior produção de castanha beneficiada do país e reúne cooperativas de extrativistas e de agricultores e agricultoras familiares do Acre, promovendo e apoiando o desenvolvimento sustentável e a certeza de um futuro melhor. Aos 84 anos, e já tendo passado o comando da Cooperacre para o jovem superintendente, Manoel Monteiro, seu Manoel segue na luta para que as pessoas e comunidades extrativistas possam viver do que a natureza lhes proporciona, honrando sempre o legado de Chico Mendes.

Cooperacre

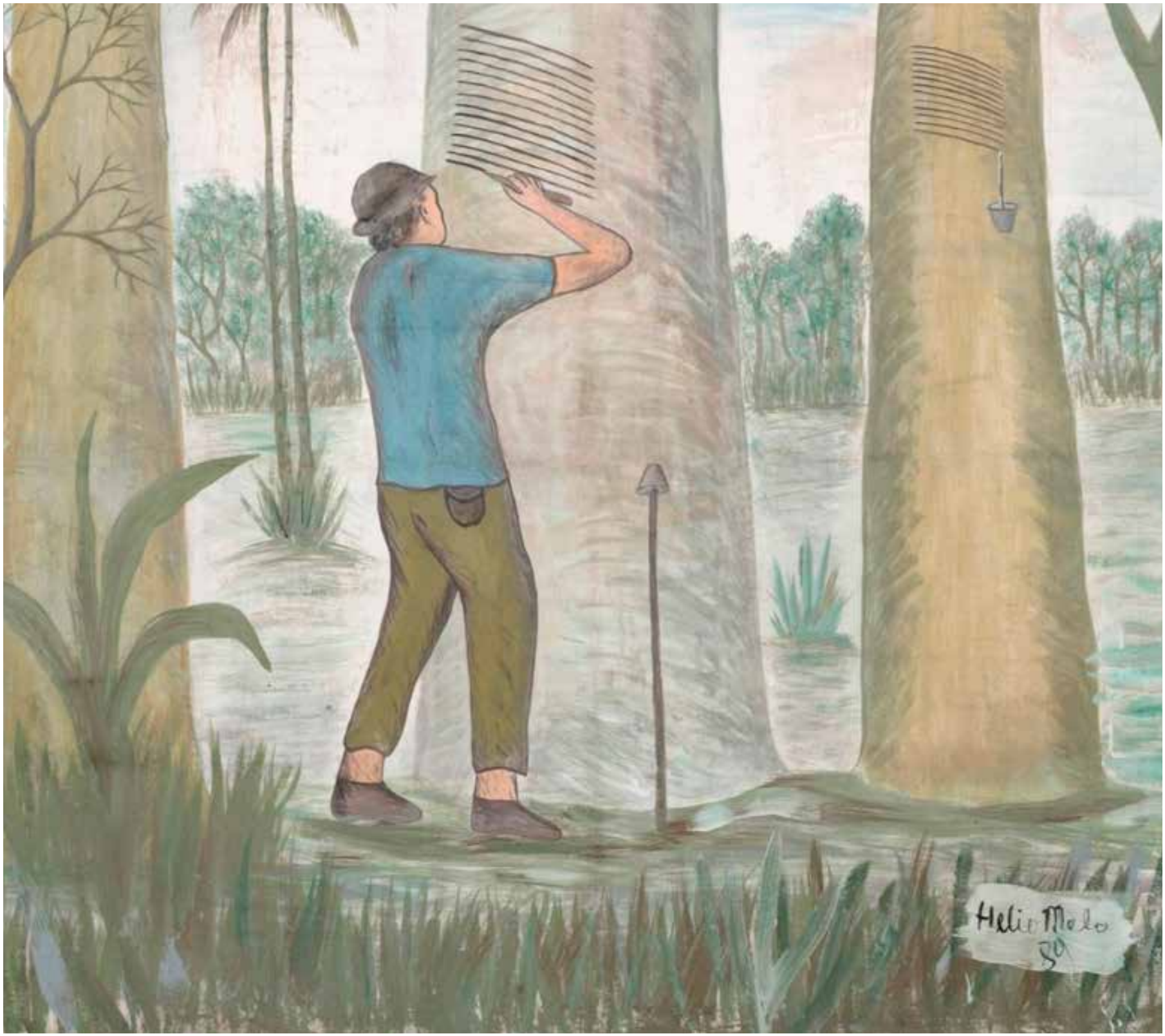
# MANOEL MONTEIRO DE OLIVEIRA

Minha história com o Chico Mendes começou lá no seringal onde eu nasci, o seringal São José, bem ao lado do seringal Cachoeira, onde o Chico Mendes, que naquela época era jovem, ainda morava com os pais dele. Depois, nós nos mudamos para o seringal Cachoeira e o Chico Mendes chegou até a ser meeiro de cortar seringa com meu pai. Eu fui criado ali, no entorno do Cachoeira. Aos quatro anos de idade, meu pai queria botar nós todos para estudar e saiu com a gente para Xapuri. Foi naquele momento que meu pai, o seringueiro Luiz Tagino de Oliveira, começou, junto com os primeiros 13 homens da região, meus tios por parte da minha mãe, e o Chico Mendes, que já tinha iniciado uma militância ali, com a ideia de criação do Sindicato dos Trabalhaddores Rurais em Xapuri, mas antes já tinham criado o Sindicato de Brasiléia, em uma reunião que teve no seringal Carmem, em 1975. Aquele foi um período de muita perseguição porque os seringais estavam enfraquecendo, os seringalistas estavam vendendo tudo com gente dentro, e esse processo culminou com vinda dos latifundiários para o Acre. O Sindicato de Brasiléia já tinha sido criado, aí teve a morte do Wilson Pinheiro, que gerou toda aquela confusão. Meu pai estava sendo perseguido pelos pistoleiros e, para escapar, resolveu voltar com a gente para o seringal. Uma lembrança muito forte que eu tenho foi quando voltamos para o seringal Nova Esperança, vizinho ao Cachoeira, onde meu pai ficava, mas ele ia muito ao sindicato, porque continuou na luta, junto com Chico Mendes. Foi nesse mesmo período que começaram os grandes os empates das derrubadas. Eu presenciei muitas reuniões, inclusive lá na Comunidade do Nova Esperança. Com a criação dos Sindicato, também foram criados vários pontos de reuniões e, nesses lugares, tinha os chamado delegados sindicais. Meu pai era delegado do Sindicato, lá no Nova Esperança. E o Chico Mendes vivia lá por casa, praticamente uma vez por mês ele estava por lá, fazendo reunião, conversando. Eu sou um dos mais novos de nove irmãos e sempre acompanhava meu pai nas reuniões do Sindicato em Xapuri, no corte da seringa, porque eu também era seringueiro; na entrega da produção e nas compras de mercadorias. Dos muitos projetos que o Chico Mendes trouxe para o povo de Xapuri,  o fundamental foi o "Projeto Seringueiro". Eu mesmo estudei meus primeiros anos na escola do Projeto. Eu me lembro que tinha um livro "O catitu", que os nomes dos bichos eram as  palavras-chave  do nosso cotidiano, da nossa vida na floresta. Aquilo foi muito importante para a minha aprendizagem, aquela preocupação que o Chico tinha com a educação. Uma passagem marcante que influenciou e motivou eu estar hoje na direção da Central de Cooperativas de Produtos Extrativistas do Acre (Cooperacre), foi quando uma vez eu acompanhei meu pai à cidade para levar nossa produção de borracha na Cooperativa. O sistema funcionava assim: a gente entregava uma primeira produção para a Cooperativa; a cooperativa vendia e quando a gente fosse entregar a segunda produção era que recebia a que tinha deixado antes. E assim... sucessivamente.  Naquela vez, a cooperativa não tinha dinheiro para pagar a nossa produção anterior e, como nós estávamos muito necessitados para voltar para o seringal com mercadorias pra nosso consumo, meu pai teve que tirar a borracha para vender "fora". Quando fomos vender num mercado de um comerciante, do qual não lembro o nome agora, ele falou assim pro meu pai: "vai vender pra tua cooperativa!" Chamou meu pai de baderneiro. Sindicalista baderneiro!  Não comprou a produção do meu pai e voltamos com a borracha pro seringal, até que a cooperativa conseguisse recursos para pagar a nossa produção. Aquilo me deixou bastante chateado porque a gente via que não era culpa da cooperativa, era do sistema e que era preciso estudar mais sobre a questão da gestão. Ali eu percebi, e aquilo ficou na minha cabeça, que eu precisava sair e estudar para contribuir com o Movimento, nessa questão da gestão das Cooperativas. E foi isso. Em 1992 eu deixei de cortar seringa e coletar castanha e vim para a cidade, onde o meu primeiro emprego de carteira assinada foi na Cooperativa, onde fiquei por cinco anos. Quando terminei o segundo grau (ensino médio), eu pensei: preciso

continuar meus estudos. Vim para Rio Branco por minha conta e risco para trabalhar e estudar. Trabalhei no mercado privado, no comércio como vendedor, aprendi muito interagindo com os produtores rurais, vendendo pra eles muito material agrícola. Nesse mesmo período entrei na faculdade. Primeiro no curso de História, que fiz por dois anos, e depois entrei no curso de Ciências Contábeis. Foi quando surgiu uma oportunidade: fui convidado pelo Fadel, para trabalhar na Secretaria de Extrativismo, ainda no governo do Jorge Viana, no setor de subsídio. Eu vistoriava os processos das associações. Após um tempo, o Fadel e o Carlos Vicente me chamaram para contribuir com a ideia de criação da Cooperacre. Até então não existia essa central de cooperativas. Foi assim que a gente começou e já estamos perto de completar 23 anos de um trabalho que só tem crescido e que, se depender de mim, vai continuar crescendo. Aqui eu pude conhecer um guerreiro muito grande. O seu Manoel José da Silva, uma pessoa com o mesmo estilo de luta do Chico Mendes, com que tenho aprendido muito nesses anos e do qual me orgulho muito porque, de certa forma, a Cooperacre é a realização do sonho do Chico. Talvez não do jeito que ele pensava, que era garantir a comercialização. Mas não era só isso. O Chico pensava no Sindicato, na Cooperativa e na Escola. Eu, de certa forma, sou resultado do que o Chico pensava para os extrativistas. E hoje, o importante, também, é que buscamos, enquanto cooperativa, um preço mais justo e uma garantia de compra para os produtos do extrativismo.

*"Naquela época, em 88, foi criada a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri. Eu fui um dos que andaram na primeira volta do caminhão que o Chico ganhou do projeto do BNDES para a Cooperativa."*

Marcos Jorge Dias


Helio Melo

# OSMAR FACUNDO

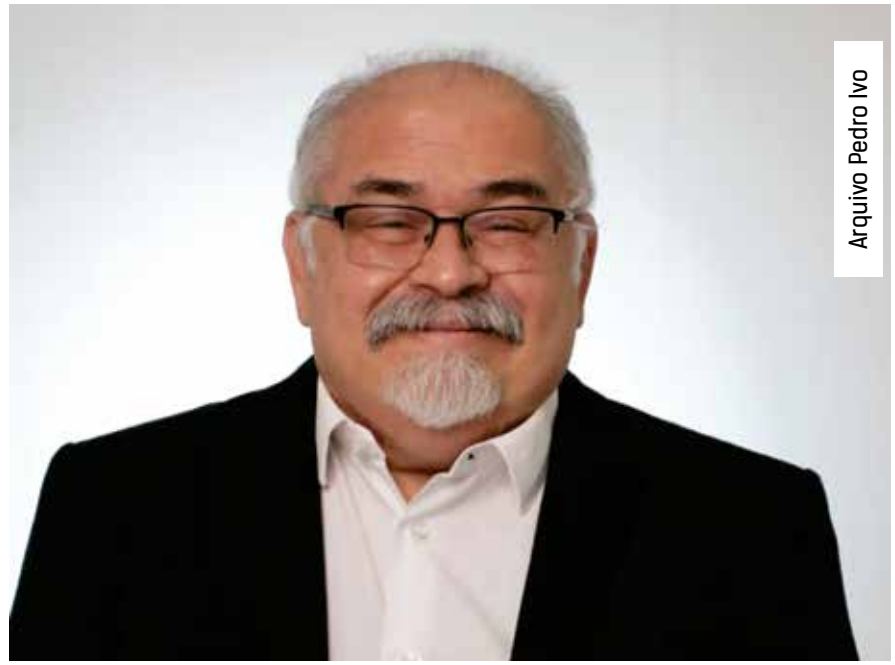
Conheci o Chico Mendes em 1969, no Seringal Santa Fé, onde ele foi trabalhar junto comigo cortando seringa. Depois eu fui para o Seringal Porvir, na margem da estrada velha de Brasiléia, e ele mudou com a família para o Seringal Cachoeira, mas a gente continuou se vendo muito. Em 1975, o Chico saiu lá da nossa região para ajudar a organizar o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasiléia. Aquela era uma luta muito dura, e foi a partir dali, com o Wilson Pinheiro, que começaram os empates. Naquele tempo a luta era sindical, mas já era em defesa da floresta, porque a gente lutava para que o seringueiro pudesse ficar na sua colocação. Estavam chegando os latifundiários daquele mundo todo, porque tinha uma propaganda lá fora dizendo que as terras do Acre eram a preço de banana. Eles vendiam um pedacinho de terra lá pra baixo, chegavam aqui e compravam uma fazenda, que na maioria das vezes não existia porque era tudo mata com seringueiros vivendo dentro. Eles chegavam jogando duro com os seringueiros, eles diziam pro seringueiro desocupar a terra e, quando não desocupava, eles queimavam a casa dele, botavam fogo na plantação dele e até matavam e jogavam o seringueiro no rio pros bichos comerem. Eles fizeram muito isso, a gente denunciava, mas não acontecia nada, só mais violência, só mais morte. Então aquela luta do Chico era contra isso, ele já defendia o seringueiro contra o patrão que roubava no preço da borracha, ele sempre teve muita coragem, porque os patrões tiravam na mercadoria, tiravam na renda, tiravam na tara. A gente entregava uma borracha seca para o seringalista e ele ainda tirava 10% do seringueiro como tara. Ele roubava sempre na conta. A gente achava que isso era muito triste, até chegar o tempo da luta com os fazendeiros. Aí sim é que a nossa vida aqui virou um inferno. Eu soube da morte do Chico pelo Jornal Nacional. Eu estava em Brasiléia quando saiu no Jornal Nacional que tinham assassinado o Chico. De lá mesmo eu vim direto pra Xapuri, não passei nem em casa. Nesse tempo o Sindicato tinha acabado de ganhar um caminhão, e esse caminhão foi buscar o pessoal nos seringais. Chegaram muitos companheiros, o pessoal veio como pôde, veio muita gente para o enterro dele. Foi tudo muito triste, muito doído mesmo. Chico Mendes foi aquela pessoa que morreu para dar vida a muita gente. Antes da morte dele a própria polícia tinha medo dos Alves. Todo mundo aqui tinha medo deles. O Chico sempre dizia que, se a morte dele valesse a pena para defender os companheiros, ele não se incomodava em morrer, só que achava que não valia a pena morrer. Valeu, sim! Porque os Alves foram julgados, condenados e cumpriram pena na prisão, e isso fez com a que violência diminuísse muito aqui em Xapuri.

*"O Chico deu a vida por nós, por nossa luta. Então eu acho que é nossa obrigação continuar lutando por essa causa que custou a vida do nosso companheiro."*

CNS

# PEDRO IVO BATISTA

Conheci Chico Mendes durante o Congresso da CUT, em 1988. Ele foi apresentado em uma reunião dos sindicalistas ligados ao PRC. Era um partido clandestino que atuava no interior do PT cuja experiência começou em 1984 e foi encerrada em 1989 pelo camarada e amigo Ozeas Duarte, na época o porta-voz nacional do PRC. Chico Mendes, então presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri e integrante do PRC/PT naquele Estado, relatou sobre sua luta e de seus companheiros seringueiros e seringueiras. Ele apresentou a tese "Em Defesa da Natureza e dos Povos da Floresta", aprovada por unanimidade naquele histórico Congresso da CUT, transformando a ideia de constituir as Reservas Extrativistas a partir da Amazônia, em uma luta nacional. Foi muito impactante ouvi-lo na defesa de uma proposta revolucionária e inovadora que hoje é uma realidade no Brasil, graças ao seu martírio e à continuidade dessa luta que a tornou política pública. Hoje, as Reservas preservam as florestas e suas populações tradicionais, mas elas precisam ser fortalecidas – principalmente agora, com o retorno de um governo nacional progressista, democrático e popular – cujo presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, é parte dessa história. Na década de 80 eu era um jovem sindicalista e estudante de história. Fiquei fascinado com o relato daquela  experiência socioambiental na Amazônia, que conseguia juntar os interesses de classe daqueles trabalhadores e daquelas trabalhadoras da floresta com a defesa do meio ambiente. Com isso, pude conhecer mais uma parte da história dos nordestinos, em particular dos cearenses, que foram viver na Amazônia, principalmente no Acre. Fiquei fascinado com aquela lição de vida dada pela práxis de um seringueiro que conseguia unir a luta ecológica à luta dos Povos da Floresta e a luta contra o capitalismo. Sua posição é hoje reconhecida mundialmente, ainda mais com o agravamento da crise climática, demonstrando que a ecologia não é somente para os ambientalistas e sim para todos e todas que defendem a vida no planeta. Aquele diálogo marcou a minha vida e, a partir dele, resolvi investigar a saga dos "Soldados da Borracha", grupo majoritariamente nordestino que foram convocados pelo Governo a morar na Amazônia para trabalhar nos seringais para "ajudar" o Brasil na II Guerra Mundial. Foi a partir do movimento sindical, em 1988, que me engajei no movimento socioambiental onde atuo até hoje. Se a esquerda me deu a consciência de classe, o Movimento dos Povos da Floresta me deu a consciência ambiental. O legado de Chico Mendes continua atual e influencia o Movimento Ambientalista no Brasil e no mundo, animando aqueles que continuam a lutar por uma transformação ecológica profunda e emancipadora.


Arquivo Pedro Ivo

*"Chico Mendes entrou definitivamente na história da humanidade como uma liderança que entendia que no capitalismo  não havia saída socioambiental definitiva."*

# SEBASTIÃO NETO

Desvendar Chico Mendes, o militante-revolucionário, é uma tarefa dos e das que com ele conviveram e, particularmente, uma tarefa aos e às que o viram surgir, crescer e com ele partilharam a comida, a alegria, as agruras e o medo do dia a dia. Mas também com ele teceram a urdidura das frentes de luta populares, sindicais e políticas, adequadas à sua realidade. A fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e as candidaturas dele pelo Partido vinham de uma organização revolucionária clandestina, o PRC. As vitórias dos primeiros empates, a fundação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, da Central Única dos Trabalhadores (CUT), a luta pelas Reservas Extrativistas. Quando, a partir de sua morte, as pessoas progressistas, o campo da esquerda rendeu tributo ao defensor dos Povos da Floresta, às vezes, se mencionava o Chico sindicalista. Pouco se sabia quem era mesmo esse Chico Mendes que fora assassinado. Exceto alguns apoiadores e apoiadoras de primeira hora das lutas populares da Amazônia, de alguns militantes muito próximos e de alguns dirigentes políticos, poucos tinham noção da dimensão política de Chico Mendes fora do Acre. O que permitiu a emergência de uma lideraça como o Chico e o seu simpático e valente exército de invisíveis? Como foi possível uma liderança tão madura surgir em condições tão difíceis, onde o simples fato de se manter vivo já exigia um esforço extraordinário de cada militante? A morte transformou-o em uma lenda. Chico Mendes tinha se tornado conhecido pelos sindicalistas da CUT quando aprovou no III CONCUT, em setembro de 1988, em Belo Horizonte, a tese "Em defesa dos Povos da Floresta". Ele foi eleito para a direção nacional da CUT pela corrente "CUT PELA BASE". A tese foi apresentada separadamente das tendências internas e ajudou a unificar um plenário absolutamente sectarizado. Nesses 35 anos de seu desaparecimento, já é hora de aclarar aos e às jovens de hoje que não foi por acaso que Chico Mendes escreveu um bilhete aos e às "jovens do futuro" na convicção de que estariam vivendo no Socialismo.

*"Celebro o Chico militante-revolucionário-socialista, elemento mais visível de uma rede de organização e sustentação à luta das comunidades extrativistas e dos Povos Indígenas. Celebro este registro de parte de uma história que ainda não foi contada."*

CSP-Conlutas

# VICENTINHO

Tenho uma lembrança muito agradável do Chico Mendes, em São Bernardo, numa noite muito fria, durante o Congresso da CUT de 1983. Eu observei admirado ele e o Lula tomando uma cachacinha e trocando causos, ideias e sonhos. Era bonito ver os dois juntos, um operário e um seringueiro, vivendo realidades tão distintas, mas conversando noite adentro sobre como fazer para o mundo ficar melhor. Naquela noite gelada, o Chico e o Lula estavam ali dialogando, buscando caminhos, sonhando com o fim da violência no campo. Eles falavam das mortes do Wilson Pinheiro, no Acre, e da Margarida Alves, assassinada no Nordeste. Conversavam sobre como evitar tantas outras mortes anunciadas. Naquela época, eu já estava cassado pela Ditadura Militar; a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo tinha sido toda cassada. A situação era difícil, mas o Chico e o Lula continuavam firmes, falando de esperança! O Chico Mendes teve a capacidade de entrelaçar as lutas e fazer delas um lema de vida. O discurso do Chico Mendes não era vazio: ele trazia a prática da vida sofrida dos Povos da Floresta para o cenário nacional. Por isso estamos aqui, 35 anos depois, celebrando o seu legado. Chico Mendes Vive!

*"O comportamento do Chico Mendes causava espanto e admiração em todos, tanto dentro do Brasil, como fora daqui. Não era comum que um líder sindical seringueiro se comportasse como um ambientalista."*

CUT Nacional

CUT Nacional

# POLÍTICA

OPOSIÇÃO PRA VALER
MARINA
DEP. FED. CONSTITUINTE
Nº 1331
CHICO MENDES
DEPUTADO ESTADUAL
Nº 13131
HÉLIO PIMENTA - GOVERNADOR

# BINHO MARQUES

CTA

Conhecer o Chico foi um dos melhores presentes da minha vida. Eu estava na Universidade, na mesma turma da Marina Silva e da Júlia Feitoza. Éramos do curso de História e trabalhávamos numa pesquisa sobre a ocupação da terra no Acre. Quando fui apresentado ao Chico, o Wilson Pinheiro tinha sido morto havia pouco tempo, e o Chico estava começando a se tornar a principal liderança do Movimento, a partir de Xapuri. Fomos entrevistá-lo e, desde aquele momento, ficamos amigos e companheiros para sempre. Agora, 35 anos depois, o que sinto é muita saudade dele, uma saudade imensa e doída da pessoa, do amigo. Porque para mim o Chico foi um mentor, uma liderança, mas, sobretudo, foi um grande e fascinante amigo. Lembro-me do nosso primeiro contato, maravilhoso e estranho. O Chico não tentou me impressionar com conhecimentos que não eram bem próprios dele, nem com assuntos que não fossem sobre a floresta. Ele falou de caçadas, contou causos, num

processo de encantamento que ele sempre foi capaz de criar, surpreendendo a mim e a todas as pessoas que conviveram com ele, durante toda sua vida. Um dos causos que ele me contou foi o de uma caçada. Ele na espera. Apareceu um veado e, quando ele mirou para acertá-lo, o veado foi crescendo, crescendo, e ficou do tamanho da árvore onde ele estava, olhando nos olhos dele, até que ele saiu correndo. Fiquei embasbacado. Nunca tinha visto um adulto sério, liderança sindical, contando uma história daquela com a convicção de que era verdade. Eu, que era careta, quadrado, militante comunista e dogmático de esquerda, não conseguia compreender. Ele não existia nos meus manuais. Nossa convivência ficou mais forte a partir de 1983, quando entrei no Partido Revolucionário Comunista (PRC), onde o Chico já militava. Foi aí que começamos a ter um contato contínuo. Depois da minha formatura, em 1984, fui designado pelo PRC para organizar os camaradas de Xapuri. No começo foi muito difícil, porque eu era muito novo e limitado. Era sempre muito frustrante, um tormento, porque a resistência dos camaradas ao modelo de organização partidária do PRC era muito grande. Nada funcionava e, pra completar, o Chico sempre atropelava as deliberações do Partido. Com o tempo, e na convivência, a duras penas fui aprendendo. Eu achava que sabia muito e que podia ensinar alguém. Mas foi com o Chico e em Xapuri que comecei a aprender muitas coisas sobre a vida. Em 1986, ele me convidou para coordenar o Projeto Seringueiro. Por conta da minha atuação no Projeto, nossa relação se estreitou profundamente. Em 1985, fiquei em Xapuri direto, ajudando na campanha dele para prefeito. Foi aí que pude conhecer melhor o Chico, a maneira dele se relacionar. Pude entender como ele conseguia mobilizar as pessoas e ser realmente uma liderança. Descobri que o Chico era, de fato, uma liderança completamente diferente das lideranças tradicionais que eu conhecia. Uma liderança que não tinha um discurso empolgante, que não tinha uma oratória forte, que, na nossa linguagem, não fazia fita, não fazia firula. Ele era complexo, mas não era complicado. Ele conseguia fazer o mais difícil: ser simples. O Chico Mendes era simples e humilde, completamente desapegado de bens, de riqueza, de tudo. Era um socialista, totalmente ligado à sua causa. Ele acreditava num mundo novo, num mundo justo. Esse era o princípio norteador da sua ação por sua vida inteira. O movimento ecológico, o meio ambiente: isso foi natural. Na verdade, foi resultado da vida dele como seringueiro, de seu conhecimento com a natureza. E isso nunca veio como discurso. Era a prática da vida: assim era a relação dele com a natureza. Assim acontece com os índios. Assim acontece com os seringueiros. Chico depois descobriu que o que já estava dentro dele era uma bandeira, uma bandeira internacional. Ele soube muito bem fazer uma interessante relação entre a causa ambiental e seus princípios. Ele juntou sua vivência de seringueiro com sua opção de vida, que era a causa dos mais fracos. O Chico teve muita dificuldade para colocar suas ideias dentro do PT e da CUT. A sua causa não era a causa operária, não era a causa dos trabalhadores do modelo sindical brasileiro. Lembro quando ele conseguiu, finalmente, emplacar uma tese na CUT, defendendo uma reforma agrária específica e diferente para a Amazônia. Foi o grande começo. Foi o início das mudanças. Ele tinha percebido que a nossa luta carregando bandeiras de outras militâncias não combinava com o nosso jeito de ser, com o nosso modo de vida. E assim foi nascendo, gradativamente, o movimento que se tornou nesse movimento de novo tipo: um Movimento Socioambiental, que ganhou o mundo e que baliza todo o nosso trabalho. Um ideal que depois o PT, a CUT e os movimentos sociais brasileiros passaram a apoiar. O Chico tinha uma rara inteligência, uma capacidade superior à de todos para escutar. Antes de entabular uma conversa com um desconhecido, ele primeiro arrancava a essência daquela pessoa. Ele tinha um jeito moleque de introduzir a conversa, de ficar enrolando, de puxar o fio do novelo até conhecer a pessoa com quem

*"O Chico era um verdadeiro político. Naquela época não se falava em ecologia no Acre. A militância do nosso Partido era completamente vermelha. Não tinha nada de verde. Éramos uma militância de esquerda tradicional. Foi o Chico que trouxe o verde para as nossas vidas."*

Reprodução/Internet

ele estava conversando. Porque a conversa com o Chico era sempre diálogo. Ele nunca foi adepto do monólogo, nunca falava sem saber o que a pessoa tinha interesse em ouvir e nunca perdia a oportunidade de aprender numa conversa. Por isso o Chico não era só extremamente inteligente. Ele era, de fato, o intelectual do Movimento. Muita gente não acredita nisso. Converso com pessoas que acham que endeusamos o Chico por uma necessidade de militância, que transformamos o Chico num herói para fortalecer a nossa luta. Nós seguimos dizendo que o Chico não era uma pessoa do outro mundo, uma pessoa que se colocava acima dos outros. A liderança dele vinha da sua capacidade de se colocar como todo mundo. Ele estava sempre ao lado das pessoas e não estava acima de ninguém. Este era seu maior mérito. Essa era a força da sua liderança. E a inteligência dele também era inequívoca. Chico Mendes construiu um Movimento. Ele nos liderou e tinha autoridade sobre nós. Em nenhum momento, nem eu, com toda a minha arrogância de estudante; nem a Marina [Silva], nem a Júlia [Feitoza], nenhum de nós tinha poderes sobre ele. A autoridade era dele. A liderança do Movimento era dele. E por mais que eu particularmente resistisse à maneira dele de resolver as coisas, acabei me curvando ao modo Chico Mendes de ser. Em 1988, saí do PRC graças ao que aprendi com o Chico. Eu saí e ele ficou. Talvez eu tenha aprendido os ensinamentos dele muito mais do que ele mesmo. Mas o Chico sabia ficar em um partido de esquerda e fazer as coisas do jeito dele, e eu não. Eu achava que, para ficar num partido, tinha que seguir fielmente as orientações. Quando vi que não podia mais, eu saí. Com o Chico, tivemos a oportunidade de construir uma espécie de governo paralelo, porque na época os serviços públicos eram para muito poucos. Pessoalmente, essa foi a maior experiência que vivi e da qual participei, numa época em que não existia governo para os mais pobres. Na Amazônia, se os pobres não tinham governo nem nos centros urbanos, imagina o que chegava no interior da floresta, especialmente para os índios e os seringueiros. Começamos então a construir alternativas de escola, de saúde, de economia, onde não tinha nada. Foi um grande aprendizado que carrego até hoje. Aprender a fazer muito com pouco é uma lição que não se aprende na escola. Aliás, construímos escolas no braço, com a força das comunidades. Conseguimos transformar em professor aquele que mal sabia ler. Conseguimos alfabetizar muita gente, e hoje esse capital humano e social que temos em Xapuri foi construído a partir da experiência de trabalho do Movimento Social liderado pelo Chico. Quando o Chico morreu, eu estava praticamente brigado com ele. Eu não conseguia entender a maneira como ele conduzia as coisas. Na realidade, nem todos os ensinamentos eu aprendi com o Chico ainda vivo. Aprendi muito com Chico depois de sua morte. As fichas foram caindo aos poucos. Uma parte eu aprendi durante a convivência com ele, mas a outra eu fui descobrindo de maneira muito difícil de explicar. Fui descobrindo no dia a dia, com a presença (ausente) dele. Descobri, principalmente, que os problemas mais difíceis exigem as soluções mais simples. Acho que os ensinamentos do Chico continuam muito atuais. Isso não significa persistir num movimento como aquele que tivemos. Significa insistir na ideia de não seguir nenhum modelo acabado. Chico Mendes deve permanecer como um exemplo para todos nós, mas não podemos esquecer de que existem muitos Chicos. Todos com a mesma capacidade, que por vezes não enxergamos. Tem muita liderança por aí pronta para assumir novas e desafiantes responsabilidades. Talvez tenhamos que confiar mais e fazer novas apostas.

CUT Nacional

# JOSÉ GENOÍNO

Conheci o Chico Mendes no ano de 1980. Naquela época eu estava saindo do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e começamos a organizar uma dissidência, o Partido Revolucionário Comunista (PRC), e eu era responsável pelo contato com o Acre, para onde fiz uma viagem marcante porque Chico me levou para conhecer Brasiléia, para visitar o Sindicato onde o Wilson Pinheiro tinha sido morto. Depois nós atravessamos o rio de barco, fomos para a Bolívia conhecer Cobija e voltamos para Xapuri. Naquela primeira viagem para o Acre, quando passei a noite falando sobre a Guerrilha no Araguaia, ele disse, na bucha: "O problema do Araguaia era que vocês eram de fora e continuaram sendo de fora. Lá no Araguaia tinha seringueiro, castanheiro, mateiro, garimpeiro. Por que vocês não se juntaram com eles em vez de ficar fazendo guerrilha sozinhos? Com um povo desses vocês não podiam ter ficado isolados!" Ele percebeu na hora o erro da Guerrilha. Argumentei que isso demorava, que levava anos. A resposta do Chico foi surpreendente: "Qual o problema? Que importância tem passar uma vida? Se é para fazer a revolução, gasta tempo, ora!" Com isso quero dizer que o tempo de Chico Mendes era outro. Não era o nosso tempo. Ele dizia pra você gastar uma vida virando seringueiro. Não tinha a pressa da militância que a gente tinha. Para ele, o resultado era secundário. No PT e na CUT as pessoas não conheciam nem tinham a dimensão do que era a luta dos Povos da Floresta. As relações entre capital e trabalho, o aumento do salário, o desemprego, as demissões: essa era a pauta do PT e da CUT. Então aquilo parecia muito exótico. Numa reunião, acertamos de ele pedir a palavra e colocar a tese dele em forma de moção. O Chico Mendes falando tranquilo, sereno, com simplicidade, e a CUT, sem perceber, fazendo história. Quando fui ao Acre pela segunda vez, circulamos em Rio Branco e em Xapuri. E ele conhecia todos. Tinha uma maneira muito pessoal e simples de ser amigo de todo mundo. O Chico estava sempre alegre: ele era uma pessoa do bem, desprendido, despojado. Numa das minhas idas ao Acre, através dele, conheci o Dom Moacyr Grechi, a Marina Silva e o Nilson Mourão. Outra coisa que chamava a atenção no Chico é que ele não ligava muito para essa coisa de representação formal. Ele era uma liderança natural e pronto. Quando o Chico morreu, fiquei desorientado, fiquei muito mal. Era final de ano e eu estava com minha família em Itanhaém, São Paulo. No dia seguinte, voei para Rio Branco. No fundo eu não acreditava. Esperava outro desfecho para essa história. O que fica para mim como exemplo de vida de Chico Mendes é sua integridade pessoal, sua capacidade de se dedicar ao outro. Foi com ele que começou no Acre o que depois virou Governo com o Jorge Viana, seguindo com o Binho Marques. Fico admirado de ver essa semente que Chico plantou. Ele acreditava na luta, na revolução, mas a utopia dele era outra. Absorvia tudo, mas traduzia as propostas da gente do jeito dele e para o mundo dele. Chico defendia a selva, a seringueira e a castanheira, mas toda a base de entrada dele no debate ambiental foi a partir da defesa da floresta como um meio de sobrevivência e de subsistência para os Povos da Floresta. A questão ambiental entrou na vida de Chico pela porta dos direitos sociais e do pessoal do Sindicato. Ele tinha uma mística da luta, do envolvimento com a luta e... principalmente, das pessoas que faziam a luta. O seu trabalho era em forma de uma organização pulverizada. Não era uma plenária, nem assembleia. Era feito com os grupos que ficavam isolados na mata, e ele fazia política assim mesmo: visitando grupo por grupo no meio da floresta. Um dia eu dei de presente um livro para o Chico Mendes. Era "Guerra de Guerrilhas no Brasil", com os esquemas e as fotos da Guerrilha. O Chico era fascinado por esses assuntos de revolução. Ele falava que isso fazia lembrar os tempos em que ele aprendeu a ler e a conhecer sobre política com um velho comunista, o Euclides Távora, no meio da mata. Quando a Ilzamar ficou grávida da primeira criança, Chico e eu conversamos muito sobre a Helenira Resende, do movimento estudantil, na experiência na União Nacional dos Estudantes (UNE), e sobre como ela morreu como heroína no Araguaia. De certa maneira, eu ajudei Chico a escolher o nome daquela criança que ele amava tanto, da Elenira.

*"O Chico não se preocupava em ter poder. Isso chamou a minha atenção, porque eu vinha de uma tradição ortodoxa de esquerda, onde o partido é quem dava as cartas."*

Jacobin Brasil

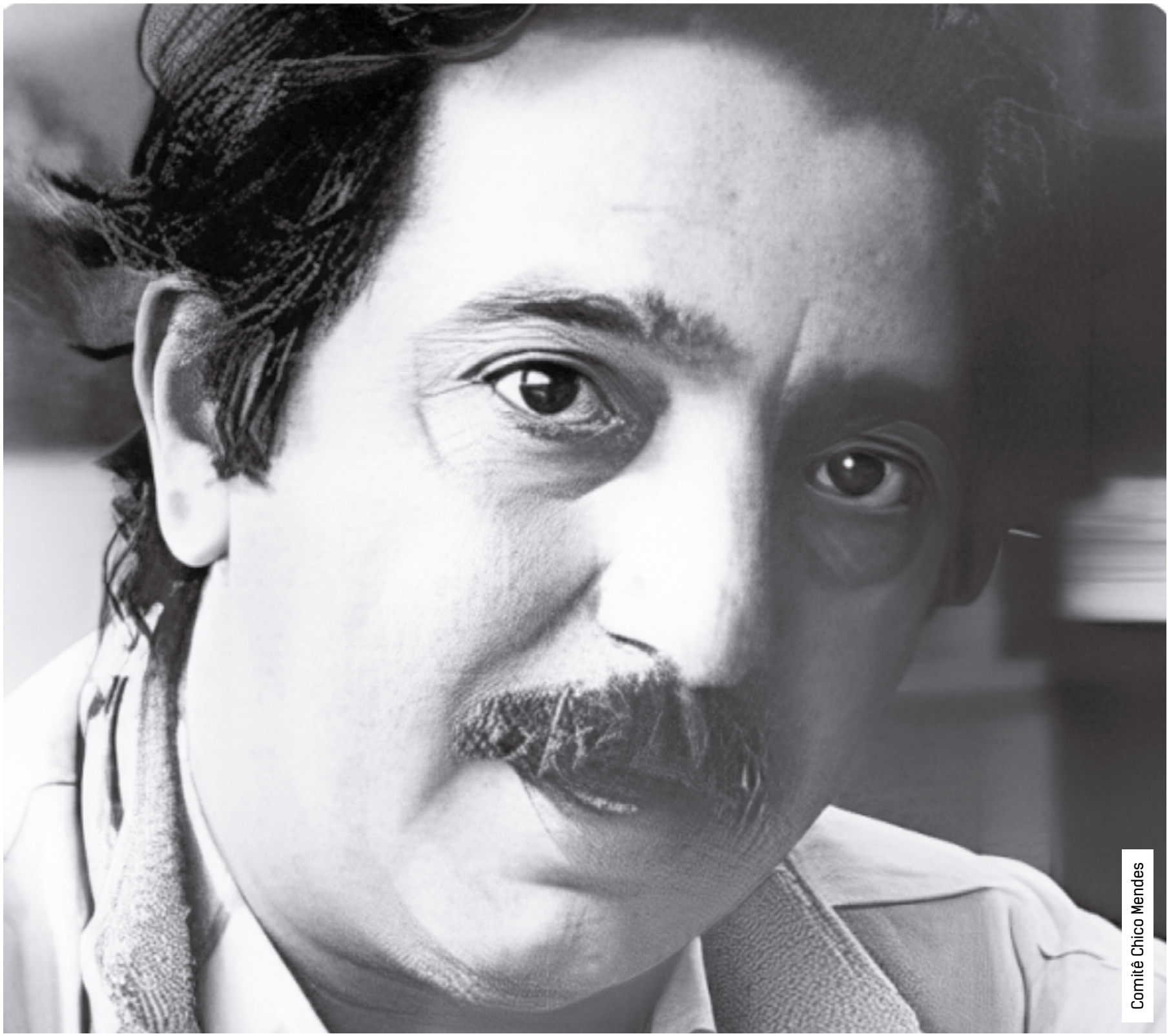
# JÚLIA FEITOZA DIAS

Nasci no Seringal Bom Destino, no município de Rio Branco. Sou filha de seringueiros, de pai pernambucano e mãe amazonense. Não sei como meu pai veio parar no Acre e muito menos no seringal, porque seringueiros de Pernambuco não eram comuns naquela região. Morei no seringal até os dez anos. Quando meu pai morreu, minha mãe e eu viemos pra cidade. Eu me lembro bem daquela minha primeira viagem. Foram seis horas de barco. O rio estava lindo, cheio. Havia muitos pés de ingás no barranco, e nós íamos passando e colhendo ingás com as mãos. Depois, a sensação de entrar em uma cidade grande, com tanta gente, tantas luzes. Fiquei algum tempo em Rio Branco e depois fui para o Rio de Janeiro, onde passei dez anos. Na volta para o Acre, em 1979, comecei a militância na Igreja, ainda no tempo da Ditadura Militar. Havia muitos grupos de jovens da Igreja Católica, e me incorporei em um deles. A Igreja era um espaço onde podíamos fazer a discussão política. Discutíamos o Manifesto do Partido Comunista, a mais valia. Corríamos muito da Polícia Federal. Antes da Universidade, nos grupos de jovens, aprendemos a trabalhar com teatro. Criamos um grupo, o Fragmentos, e com ele fizemos nossa primeira peça, que se chamava "Alegria". Depois montamos outras peças: "Em defesa da Amazônia", e uma em defesa das crianças, "O Engraxate". Nós mesmos produzíamos tudo. O texto para "Em defesa da Amazônia" era do professor Edegard de Deus; "O Engraxate" foi produção coletiva e "Alegria" era do companheiro Maués, que já faleceu. Com a criação da UFAC, vieram muitos professores de fora, quase todos militantes, aos quais nos juntamos. E juntos – professores, grupos de jovens e militantes dos movimentos populares – passamos a lutar por várias causas: pela Amazônia, contra o Projeto Jari, e em defesa dos seringueiros que estavam sendo expulsos das suas colocações. Naquele período, todas as nossas ações políticas eram pautadas pelo Partido Revolucionário Comunista (PRC). Tínhamos um único objetivo: fazer a Revolução. As greves, a partir dos operários de São Paulo, eram sinais de que conseguiríamos. E pensar que se hoje não conseguimos fazer uma ação rápida, imagine à época, num país imenso como o nosso. Mas nós acreditávamos piamente na "Revolução" que estávamos preparando. Achávamos que podíamos transformar o PT em um partido revolucionário. Aos poucos fomos percebendo na militância do PT que aquela "Revolução" estava ficando cada vez mais distante e, com o tempo, o PRC acabou se extinguindo. Mas uma coisa que todos nós aprendemos com o PRC foi fazer as coisas com determinação. Essa capacidade de decisão que nós temos, de que, se tem uma tarefa para fazer, a gente faz, essa foi a boa herança que o PRC deixou nas nossas vidas. O Chico Mendes também era do PRC. Apesar de sermos do mesmo partido, por segurança, não sabíamos quem eram os outros companheiros. Não tínhamos contato com a célula do Movimento Sindical, que era a do Chico. Sabíamos que precisávamos apoiar os Sindicatos, mas quem era do partido nós não sabíamos. Só conheci o Chico pessoalmente em 1980, quando ainda era aluna do curso de História e, junto com a Marina Silva e o Binho Marques, fomos fazer um estudo sobre as terras do Acre em Xapuri. Ficamos mais próximos na fundação do PT e depois, em 1983, 1984, quando cerramos fileiras em torno do Projeto Seringueiro. O Projeto Seringueiro tinha sido fundado por um grupo da Universidade, liderado pela Mary Allegretti, que ficou cerca de dois meses dando aula no Seringal Nazaré, na colocação Rio Branco, onde o Raimundão [Raimundo Barros] foi aluno dela. Mas, em seguida, o pessoal do projeto rachou e foi embora. E nós fomos convencidos pelo Chico de que tínhamos que retomar a proposta. Havia ficado uma pequena equipe funcionando precariamente. Foi então que fundamos o CTA, para tocar o Projeto Seringueiro. Nós trabalhamos muito, muitas vezes sem ter dinheiro. O pouco dinheiro que às vezes conseguíamos era para as ações práticas, nunca para salários. Por exemplo, o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) construía as escolas, a Secretaria de Educação pagava as formações, mas ninguém pagava nossos salários, por isso nunca tínhamos

dinheiro. E quando alguém recebia alguma ajuda de custo, o dinheiro era sempre dividido entre uma, duas ou três pessoas. Sempre foi assim:  o pessoal vinha, e antes nem era professor, era monitor seguindo a terminologia e a lógica da Igreja. Os monitores vinham na maioria das vezes como voluntários, sem remuneração e dependendo muito da organização da comunidade.  Às vezes dava para dar aula quinta, sexta e sábado, outras vezes de quinze em quinze dias. Às vezes os alunos vinham uma semana por mês. E aí as pessoas que já eram alfabetizadas, que conseguiam apreender conteúdos, elas também davam aulas. Como as escolas iniciais foram feitas nas próprias casas das pessoas, era um processo muito bacana, muito forte, de muita solidariedade. Como usávamos o método Paulo Freire, as palavras geradoras eram luta, sindicato, adjunto. É só ver as primeiras cartilhas para observar que não precisava falar muito, que bastava usar as cartilhas.  Enquanto isso, nós da Universidade, sempre dávamos um jeito de convidar o Chico, porque ele era muito didático e sempre um bom palestrante. Na História do Acre sempre teve violência, mas a situação foi ao extremo quando os "paulistas" começaram a chegar por aqui. Os seringalistas vendiam suas terras para os paulistas, que muitas vezes nem vinham aqui, mas mandavam os jagunços que, acobertados pela polícia, expulsavam os seringueiros das terras deles. E nós, sem armas, em condições desiguais, ainda achávamos que dava para fazer a revolução. Fizemos um filme curta metragem – Nós e Eles (nós, os acreanos, e eles, os paulistas) – que não tinha, obviamente, licença da censura. E com isso arrumamos muita confusão. Conosco, na cidade, a pressão era mais psicológica. Eles tiravam fotos nossas, incomodavam nossas famílias, mas não chegavam a matar. Já no Sindicato, não. Era na bala mesmo. O Wilson Pinheiro estava organizando a vinda do Lula para um comício em Brasiléia. Quando o Lula chegou, na data marcada, já foi para a missa de sétimo dia do Wilson. O Chico era uma pessoa que escrevia muito para os jornais, para os políticos, até para o Papa quando ele achava que podia ajudar. Por meio desses contatos, ele passou a viajar muito, mas ele não queria ficar fora de Xapuri naquele fim de ano, e todos nós queríamos muito que ele saísse por um tempo do Acre. Mas ele argumentava que não, que não dava para se ausentar, porque isso poderia enfraquecer a luta.

Marcos Jorge Dias

*"Quem lê os diários do Chico Mendes vê que ele era simples e despojado, mas não desorganizado. Em toda reunião que fazia, ele sempre começava escrevendo no quadro: "A vitória da nossa luta depende da nossa disciplina e da nossa organização", mesmo não sendo ele mesmo a mais obediente das pessoas."*



Comitê Chico Mendes

# MARCUS BARROS

Minha história com o Chico Mendes é fruto das minhas idas ao Acre, quando recebia convites dos movimentos sociais. Era o início da década de 1970 e, nas vezes em que visitei o estado, sempre trabalhei com os movimentos sociais ligados à Igreja da Teologia da Libertação, representada por Dom Moacyr Grechi. Chico Mendes fazia parte de todos esses movimentos. Depois vieram os tempos de resistência e o avanço do Movimento dos Seringueiros. Mas o que nos uniu, o que nos aproximou foi o esforço muito grande que fizemos para organizar o PRC aqui no Amazonas, onde a gente tentava trazer militantes do Acre. Com isso me aproximei do Chico Mendes e da Marina Silva. Nós fizemos um trabalho aqui e depois caminhamos rumo ao Acre. Eu entrava no trabalho de base através da medicina, cuidando das doenças endêmicas como a malária, mas sempre vinculava meu trabalho à militância política. Meu trabalho profissional, o meu lado de cientista, é o que camuflava o meu lado político naquela época. Naqueles tempos duros da Ditadura Militar, misturar a Igreja com o PRC era a nossa forma de resistência. O Amazonas buscava o apoio dos movimentos sociais ligados à Igreja, e é dessa mistura na época da repressão que Chico caminhou para os empates, para a política ambiental e para as Reservas Extrativistas: tudo isso começou com uma relação bem próxima a partir da resistência à ditadura. Minha relação com o Chico não tinha a profundidade afetiva daqueles que conviveram com ele no dia a dia, mas a gente vibrava com as conquistas e chorava com as derrotas, junto com todo o Movimento.

*"Os anos depois de 1988 têm sido um tempo de padecimento pelo desaparecimento do Chico. Naquele tempo, nós do Amazonas, estávamos na esteira, a reboque do Acre, estávamos vendo no Acre nossa alternativa libertária."*

Comitê Chico Mendes

# MARINA SILVA

Conheci o Chico quando tinha 17 anos de idade. Era uma menina muito tímida, morando num convento. Ficava ouvindo pessoas mais conservadoras dizerem que o bispo Dom Moacyr Grechi era um comunista que, junto com a Contag e "aquele tal de Chico Mendes", estimulava as pessoas a fazer movimento contra os fazendeiros. Ouvi isso muitas vezes. Causava-me estranheza porque eu sabia que Chico Mendes era um seringueiro e o fato de ser filha de seringueiros e ter vindo de um seringal me deixava curiosa para entender por que quem lutava contra a derrubada e a queima das casas, contra a expulsão das pessoas e contra a violência – que era muita – era considerada uma pessoa ruim, comunista e contra Deus. Um belo dia estava na missa quando vi na porta da igreja um cartaz em cartolina, escrito com pincel atômico: "Curso de liderança rural da CPT, sábado e domingo, com a presença do Clodovis Boff [frade, como o irmão Leonardo Boff, um dos expoentes da Teologia da Libertação] e Chico Mendes." Quando a missa terminou, fui até à sacristia e me inscrevi. Falei com minha Madre Mestra do meu desejo de fazer um curso na Igreja, sábado e domingo. Ela quis saber que curso era aquele, e eu: É um curso que o padre quer que a gente faça. O curso foi no salão paroquial. Havia umas 25 pessoas, entre elas várias lideranças rurais. Eu era uma das presenças mais jovens. Frei Clodovis foi o primeiro a falar e fez uma correlação entre o sermão da montanha – a ideia de que a fé tinha que produzir frutos, senão era uma fé morta. Depois veio o Chico Mendes. Ele relatou sobre como se faziam reuniões para organizar sindicatos e explicou como conseguia, ao mesmo tempo, ajudar a Contag a formar os sindicatos e liderar uma comunidade de base. Ele dizia, em tom de brincadeira, que fazia um trabalho de 3 em 1: "São as mesmas pessoas. Primeiro a gente reúne todo mundo e diz: agora é a reunião da comunidade de base. Aí termina e a gente esquece tudo para começar a reunião sindical. E depois esquece de novo, e já começamos a reunião de reflexão política para pensar na criação de um partido." Aquilo foi me cativando. E teve também um teatrinho. Participei com entusiasmo e fui escolhida para fazer um relato. Como existia a tradição de meu pai e de minha avó, fiz o relato como história de cordel. O Chico gostou muito, sentou do meu lado, pegou o telefone do Convento e perguntou se podia me mandar informações sobre a luta dos trabalhadores. E começou a mandar boletins, o jornal Varadouro e outro jornal chamado O Movimento. E ficava tudo escondido no meu quartinho. Depois do curso, perdi contato com todos da CPT, menos com o Chico. A atenção que o Chico me deu, o fato dele me alimentar com aquele mundo diferente de lutas e ideais mudou a minha trajetória de vida. Eu imaginava que ia ser freira, mas passei a me fazer um monte de questionamentos. Entrei num conflito danado. Depois de muita reflexão, pedi pra falar com a Madre Superiora e anunciei que não queria mais ser freira e que gostaria de sair do convento para trabalhar com as comunidades de base. Daí, fui para o bairro da Estação Experimental, morar na casa do tio Aurélio, irmão de minha mãe. Procurei o padre João Carlos, na Paróquia do Cristo Ressuscitado, e comecei a trabalhar como monitora da comunidade de base mais ativa de Rio Branco. Depois de seis meses me colocaram como coordenadora de base da Paróquia. Já participava mais das reuniões, entrei na faculdade, me aprofundei nas questões sociais, e a convivência com o Chico, cada vez mais frequente, se transformou numa forte amizade. Foi através dele que, junto com o Binho [Marques], entrei no PRC. Perguntei quem eram os teóricos do partido na Amazônia, e ele respondeu: "São vários companheiros, todos muito bons!". Pensou um pouco e continuou "tem o Marcus Barros." O Marcus, que era professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), era o intelectual que ele usava como referência para tudo. Eu conheci o Marcus por meio de Chico Mendes. Geralmente se tem uma escuta muito intolerante e um olhar muito passageiro sobre a ansiedade e a inquietude dos jovens. Minha experiência com Chico foi uma lição nesse sentido. O olhar dele era genuinamente interessado, paciente, cuidadoso, estimulante. A minha história, a história do

Elson Martins

Binho – e a de tantas pessoas que conviveram com ele – mostra como o Chico respeitava os mais jovens e se preocupava o tempo todo em puxar a juventude para junto dele, na luta. Para mim, isso demonstrava a sensibilidade de uma pessoa que vivia numa situação social e econômica muito difícil. Ele estava o tempo todo numa corda bamba de pressão e ameaças, mas era de uma extrema leveza. Acho que a forma do Chico se manter jovem era se relacionando com os jovens. Eu sentia nele uma mistura de pai e irmão. Era paterno quando transmitia a firmeza da maturidade, dos compromissos, das responsabilidades. Era irmão porque colocava as coisas de igual para igual. Não impunha um pensamento: ele dialogava com as nossas ideias. Tínhamos a afinidade de ser gente da floresta. Uma afinidade que nem precisava ser dita. A conversa fluía porque era o mesmo universo, a gente sabia quem a gente era, qual era a nossa raiz, o nosso lugar. Isso me ajudou muito a não desconstituir minhas raízes. Lembro-me de quando fui fazer minha certidão de nascimento no cartório. A moça perguntou o local de nascimento, e eu respondi: Seringal Bagaço. Ela insistiu para colocar Rio Branco: "Não diga que nasceu no seringal, minha filha. Isso é muito feio. As pessoas vão mangar de você". Como eu resisti, ela acabou aceitando contrariada. Em parte, devo isso ao Chico, que criticava os que vinham para a cidade e ficavam escondendo a origem, com vergonha de ser considerado feio, analfabeto, ignorante, mocorongo. Para ele, ser seringueiro tinha uma grande dignidade e isso devia ser exibido com orgulho. Para mim, o fato de uma pessoa como ele pensar assim só reforçou o sentimento que sempre tive, de nunca esconder minhas origens. Em 1985 fizemos uma reunião para discutir candidaturas pelo PT, principalmente a candidatura do Chico a deputado estadual. Não tenho boa recordação desse momento, porque já estava claro que Chico tinha de sair candidato em 1986 por dois motivos principais: ele teria um papel importante na institucionalização das nossas causas; e, uma vez eleito, poderia contar com mais segurança, já que estava sob

Arquivo Marina Silva

constantes ameaças de morte. Achávamos que seria mais difícil matar um deputado. Decidimos sair em dobradinha. O Chico para Deputado Estadual e eu a Federal, para a Assembleia Nacional Constituinte. Não tínhamos experiência de campanha, nem estrutura, nem dinheiro. O Jorge Viana veio de férias da UnB, pegava o carro e a gasolina do pai dele e circulava sem parar. O Binho tinha um fusca que quase se acabou na campanha. Pichávamos muros, fazíamos cartazes criativos com o nosso slogan: "Marina e Chico Mendes: oposição pra valer!" O programa eleitoral era feito ao vivo. Tínhamos um minuto. O Chico falava 30 segundos, e eu os outros 30. Tivemos enormes dificuldades. Não dava para ir a todos os locais do estado. Chico nem foi para Cruzeiro do Sul, porque ali chegava muita

difamação proveniente de Manaus, do pessoal do Gilberto Mestrinho, que pregava a distribuição de motosserras. Diziam nas rádios que o Chico era um agitador perigoso, mas nossa campanha começou a ter uma repercussão muito boa – tanto é que o Chico quase foi eleito. Faltaram cerca de 150 votos. Eu fui a 5ª mais votada, mas o PT não fez legenda. Uma vez chegou uma liderança de esquerda para conversar com o líder seringueiro Chico Mendes e ficou muito decepcionada! O Chico começou a contar estórias de assombração, de uma viagem que fez de noite e de repente escutou uns barulhos estranhos. Que se arrepiava todo e o mato se mexia em redemoinho. Que era o "caboclo da mata", e ele sem tabaco para aplacar a fúria do Caipora. Conforme ele falava, a pessoa ia ficando sem graça, sem entender como um comunista, que deveria ser materialista, podia ser tão místico. Foi muito engraçado! O Chico tinha contatos no Rio de Janeiro como o [Alfredo] Sirkis, o [Carlos] Minc, a Rosa Roldán, a Lucélia Santos, o [Fernando] Gabeira: em São Paulo ele conversava com o Lula, o [José] Genoíno, o Fábio Feldman, e ainda com a Mary Allegretti, de Curitiba. Essas pessoas trouxeram um novo olhar, um novo significado para a luta originada do exemplo das lutas camponesas que aconteciam no Sul, no Sudeste e no Nordeste. Quando o Chico, em conversas com as pessoas de fora, entendeu que o Movimento poderia ter outra dimensão, passou a falar de uma reforma agrária específica para a Amazônia, e que o bioma não deveria repetir os modelos usados nas outras regiões. Isso não era muito bem aceito. Começaram conversas de "desvio ideológico", que Chico estava embarcando num discurso pequeno burguês e o ambientalismo era "coisa de americano." De certa forma, o Binho e eu assumimos a tarefa de não permitir que o Chico ficasse tão exposto a isso. Eu tinha grande curiosidade a respeito daquela maneira nova de ver as coisas e me esforçava para acompanhar o raciocínio dele, mesmo ouvindo – pelo outro lado – que ele estava descambando para uma coisa estranha. Mas o Chico, ao mesmo tempo em que buscava ajuda no PT, também conversava com muitas outras pessoas: fossem do Acre ou de fora. Aos poucos fomos fazendo a mesma inflexão, junto a ele. Fomos também nos descolando daquela visão puramente sindical. Pra mim foi muito bom. Um grande aprendizado sobre a importância da escuta, da procura de vários pontos de vista, de respostas diversificadas, da busca de alianças com outros segmentos, outras pessoas. O nosso problema não era só nosso, se interligava com muita coisa e tinha que ter muito diálogo para chegar a uma solução. Quando o Chico foi aos Estados Unidos, pensamos nisso só como algo que poderia beneficiar a nossa causa. Ele fez uma denúncia sobre os prejuízos à floresta e aos Povos da Floresta causados pela ação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que financiava estradas que estavam sendo construídas sem nenhum cuidado ambiental. Depois disso, o banco mudou completamente sua metodologia. Quando voltou com o Prêmio Global 500, todo mundo ficou esperançoso de que aquele reconhecimento ajudaria a proteger a vida dele. A ida de Chico aos Estados Unidos foi articulada pela Mary Allegretti, o ambientalista Steve Schwartzman e o cineasta Adrian Cowell. Essas pessoas tiveram uma grande importância para o Movimento e para a luta do Chico Mendes. O Chico nunca foi uma pessoa agressiva, mesmo nas situações mais difíceis. Era como se fosse um enfrentamento de mineiro: calmo, falando devagar. Ele sempre

*"O Chico era muito bom para conversar, mas não era bom de palanque. Discursava como quem conversa. Falava com as mãos, com gestos. Subia ao palanque, falava com aquele monte de gente lá embaixo. Ele gostava de contar histórias, "causos". Tinha umas crenças, umas estórias de mato."*

começava assim: "Nós estamos aqui porque queremos explicar pro senhor..." No empate da fazenda Bordon, a tensão era muito grande. Fomos ele e eu falar com o "gato", que comandava os peões. O Chico, bem manso: "Sei que você não é o fazendeiro e está aqui porque também é um explorado. Então eu queria que você entendesse que isso que vocês estão fazendo não é uma coisa boa. Queria também falar para os companheiros que estão derrubando, que até um tempo desses eles estavam na colocação. Como perderam a terra, agora estão ganhando diária para poder derrubar..." Era incrível, porque eles estavam querendo engolir o Chico e ele ali, fazendo preleção, puxando conversa com cada um. Nesse empate da Bordon, os policiais da Polícia Militar davam suporte para a derrubada. Quando chegamos e nos espalhamos entre as árvores, Chico tinha orientado que, se a PM fizesse algum movimento em nossa direção, era pra todo mundo cantar o Hino Nacional. Enquanto o Chico conversava com o "gato", a PM avançou. Quando o Hino Nacional se elevou da mata, eles pararam. Terminado o Hino, já estavam mais dispostos a conversar. E nessa hora, seguindo as instruções do Chico, começamos a rezar alto o Pai Nosso, de mãos dadas, inclusive com os policiais. A situação para eles era altamente constrangedora, e o resultado foi que conseguimos uma trégua na derrubada, para formar uma comissão e conversar, em Xapuri, com o pessoal do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). Uma característica de Chico era ser, profundamente, uma pessoa da paz. Nunca tivemos nenhuma discussão. Nossas discordâncias sempre foram tênues. No final de 1988, uma semana antes de eu ir para São Paulo tentar um tratamento para hepatite B, passei uns dias em Xapuri – hospedada na casa de Chico – como sempre fazia. Hoje, quando penso nisso fico muito emocionada. Era uma relação de tanta confiança, de tanta fraternidade, que naquela casa pequena, que só tinha um quarto, ele e a Ilza me abrigavam junto à cama deles, num colchonete, perto das crianças. Na maioria das vezes, na verdade, quem ia para o chão era o Chico, e eu ficava na cama com a Ilza e uma das crianças. Passei uns três dias naquela mesma casinha onde ele foi assassinado. Quando estava indo embora, ele me acompanhou até a rodoviária. A gente ali conversando e ele me disse: "Nega véia" – que era como ele me tratava – "acho que dessa vez não tem jeito não". Eu fiz um gesto de contrariedade. Mas ele continuou, muito sério "Não tem jeito. Acho que os cabras vão me pegar." Saímos andando, num silêncio perturbador. Muito angustiada, tentei achar uma saída: "Por que você não fala com o pessoal de Rio Branco, para fazer uma denúncia?" E ele: "Não adianta. Quando faço isso eles dizem que quero me promover, me fazer de mártir. Até os jornalistas fazem piada." Senti uma dor muito funda, porque ele estava encurralado, sem nenhuma proteção, e desanimado. Cheguei em São Paulo e fiquei na casa de parentes do Fábio, meu marido, em Ribeirão Pires, atrás de um médico naturopata. Fiz a consulta, ele me prescreveu remédios naturais para a hepatite, e saí bem animada. Quando foi mais ou menos 10 horas da noite, fazia um frio danado, tocou o telefone. Era o Gilson, primo do Fábio. A primeira coisa que ele me disse foi: "Você fica calma". Eu respondi: "Mataram o Chico Mendes?" Ele perguntou: "Como é que você sabe?" A conversa encerrou ali. Eu não tinha mais como falar nada. Não conseguimos dinheiro de imediato para comprar passagem de volta para Rio Branco. O Fábio e eu só conseguimos chegar para a missa de 7º dia. Já tinha se passado uma semana, mas os telefones do PT, do Sindicato, não paravam de tocar. Era gente do País e do mundo inteiro querendo informações. Num desses momentos, estávamos no salão paroquial da catedral de Rio Branco e chegou um grupo de parlamentares americanos. Um deles era o Al Gore. Vieram se solidarizar com o Movimento e com a família. A postura do Al Gore foi muito marcante para mim. Aquele homem alto, muito branco, roxo de tanto calor, com a camisa toda molhada de suor, liderava o grupo. Queria saber como ajudar, mas de maneira muito simples, sem ostentação, respeitando as pessoas e as circunstâncias. Passava sinceridade.

Arquivo Marina Silva

Quando, depois, ele fez o documentário "Uma verdade inconveniente", e ganhou o prêmio Nobel, muitas pessoas acharam que ele só estava usando a causa ambiental para se promover. Por questão de justiça, sempre dei o testemunho de que ele está nessa estrada há muito tempo. Hoje, pensando em tudo o que aconteceu depois da morte de Chico, faz muita falta o olhar e a presença de uma pessoa que constituía processos políticos éticos e inovadores quando tudo parecia impossível. Imaginar que um dia o Lula chegaria à Presidência da República, que o Jorge seria Governador do Acre; e o Binho, que era um menino do Projeto Seringueiro, seria também Governador; o Nilson Mourão, Deputado Federal e eu, que já seria difícil me imaginar vereadora de Rio Branco, quanto mais Senadora da República e, por duas vezes, ministra do Meio Ambiente dos governos do Presidente Lula! Existem determinadas causas que parecem tomar conta de nós, porque fazem tanto sentido que nada mais nos segura, não existem amarras. O Chico poderia ter passado um tempo fora do Acre para fugir das ameaças de morte. Convites não faltaram, inclusive vindos de outros países. Poderia, pelo menos, ter passado aquele Natal de 1988 no Rio de Janeiro, como os amigos de lá insistiam, mas ele não conseguia se imaginar exilado do Acre, de Xapuri, sobretudo no Natal, porque a Ilza e as crianças ficariam sozinhas. E também teria a missa, a reunião, os companheiros que sempre vinham do mato para a cidade nessa época do ano, e seria uma ótima oportunidade para conversar. Ele poderia ter feito outra escolha, mas existe um lugar de desejo, de vontade, que às vezes é tão forte que passa por cima até mesmo da própria condição de sobrevivência. E, se ele ouvisse só a pura razão da conveniência ou da autopreservação, não teria sido o Chico Mendes!

# TIÃO VIANA

Na verdade, quando o Chico erguia esse Movimento, transformando a defesa dos Povos da Floresta em uma ação de defesa do Meio Ambiente, num processo compatível com a dignidade humana, com o respeito a todos os seres que vivem em torno de nós, eu estava lá em Belém, fazendo Medicina, militando no movimento estudantil, e já pensando em como, na minha volta, fazer uma reforma sanitária aqui no Acre. Eu acompanhava à distância aquele conflito e aquela agenda inovadora que o Acre vivia. Conheci o Chico Mendes em um dos muitos encontros sobre as eleições diretas, entre 1983 e 1984, no tempo do Movimento "Diretas Já". Tive minhas primeiras conversas com ele no Jornal Varadouro. Juntos, tivemos outros diálogos na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, onde também militava o Abrahim Farhat, o Lhé. Outras vezes encontrei o Chico nas várias reuniões de militantes que à época aconteciam em Rio Branco. A conversa mais demorada e profunda que tive com ele foi num voo de Rio Branco para Brasília, uns dois meses antes dele morrer, onde pude ouvir as preocupações que ele tinha com o que estava ocorrendo no Acre,  com a dificuldade porque passava a atividade extrativista da borracha, sobretudo depois da entrada da pecuária no nosso estado; e também com a violência  e as ameaças que ele próprio estava sofrendo. Com aquele olhar diferente que o Chico passava, o tom da nossa conversa me marcou muito. O Chico apresentou a revolução do simples, da humildade, a grandeza e a força dele estava exatamente na humildade, na simplicidade, mas com ideias capazes de chegar e tocar desde os mais simples até os maiores dirigentes do país, porque ele mostrava uma ideia de felicidade pela atitude de organizar, de resistir, de defender e de acreditar na força e na grandeza humana. Isso tudo contaminou a minha geração, que também foi influenciada pela organização dos trabalhadores a partir do movimento intelectual que criou o PT, do movimento operário que criou o PT, do movimento das comunidades de base que criou o PT, e do movimento estudantil que eu ajudei a criar, na transição da ditadura para a redemocratização do Brasil. Então eu sou personagem e aprendiz dessa história. Esse foi o lado fantástico da minha vida, e esses fundamentos estão definitivamente incorporados aos meus valores humanos, aos meus valores éticos e ao meu sonho de viver com felicidade na Amazônia e no nosso Acre, onde eu sei que ainda vamos construir os melhores indicadores de vida do Brasil, porque para os problemas que nos toca enfrentar, nós temos ao alcance das mãos as lições aprendidas de Chico Mendes.

Arquivo Tião Viana

*"Chico Mendes fortaleceu, na minha terra, o Acre, todo um movimento pelos direitos humanos, em defesa da floresta e de seus povos e, como ele mesmo dizia, pela humanidade."*

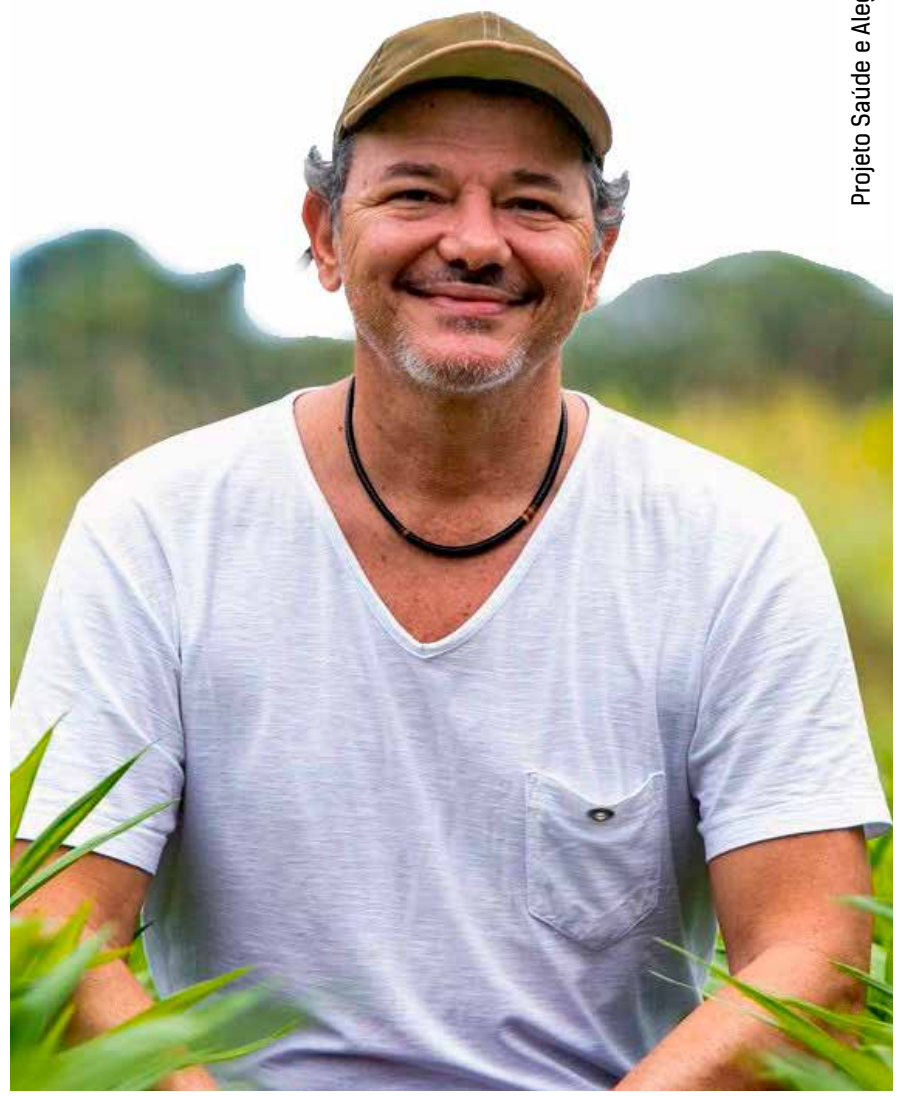
Comitê Chico Mendes

# MEIO AMBIENTE

Leonide Principe

# CAETANO SCANNAVINO

Uma honra e uma responsabilidade esse convite para deixar algumas palavras sobre o legado do Chico nesses 35 anos de sua morte. O ano do seu assassinato foi também o ano da promulgação de nossa atual Carta Magna, com avanços sobre os direitos das Populações Indígenas e Tradicionais, muitos deles fruto da luta de movimentos como o liderado pelo Chico Mendes a partir das florestas do Acre. Só gratidão! 1988 foi também o ano em que me mudei para a Amazônia, saindo de São Paulo, achando que ia ficar na floresta por um período sabático de seis meses. E cá estou eu, no Tapajós, há 35 anos. O que me fez ficar não foram as belezas de Alter do Chão, mas as pessoas. Os Povos da Floresta, como o Chico, me mostraram que eu não sabia nada de vida. Desde então venho aprendendo mais com eles do que o contrário. Só gratidão! Esses aprendizados deixaram claro que o futuro é amazônico e minha cidade natal, São Paulo, precisa mais da Amazônia do que o inverso. Chico já nos despertava para isso desde sempre. Quando se falava em reforma agrária, ele era ainda mais vanguarda e propunha uma Reforma Agrária Verde, através das Reservas Extrativistas. A Sociobioeconomia, palavra bonita, muitas vezes vendida como algo de agora, era bandeira de luta de Chico desde os idos do Movimento, em defesa do extrativismo sustentável, da economia da floresta em pé baseada nos conhecimentos da Natureza. A atenção para o fato de que sem social não tem ambiental era outro desafio de Chico que segue presente na luta pelo bem-viver dos Povos da Floresta, com direito pleno à saúde, educação, energia; à moradia, ao saneamento, à alegria. Lideranças como o Chico Mendes seguem atuais como nunca. O Chico é daquelas referências que nos fazem acordar no dia seguinte com vontade de continuar a batalha pelo futuro. Ele segue vivo nos corações e mentes de nós, brasileiros e brasileiras, como um dos ícones do movimento para nacionalizar a Amazônia e amazonizar o mundo, como dizia um companheiro dessa luta. Só gratidão, Chico!

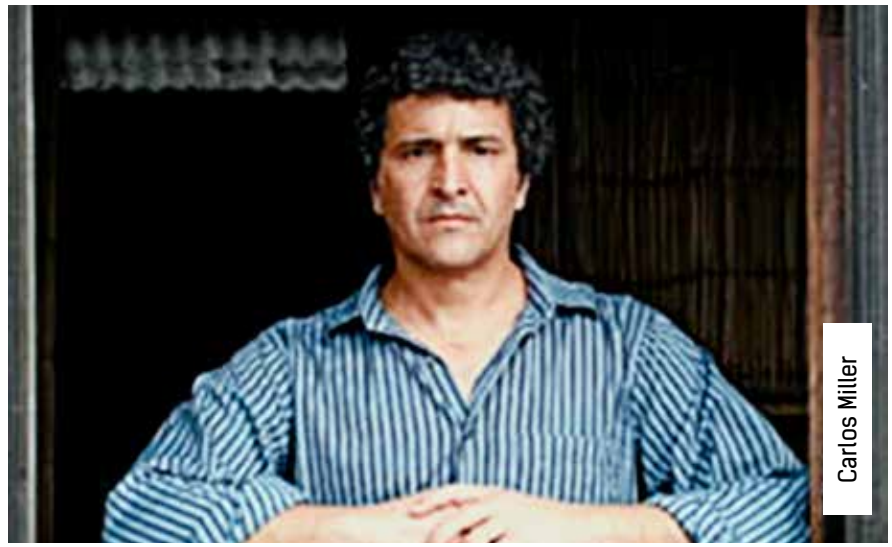


Projeto Saúde e Alegria

*"Se o futuro é amazônico, Chico Mendes é o futuro."*

# CARLOS MILLER

Entrei nessa roda em 1991, quando vim para a Fundação Vitória Amazônica, que atua em toda a bacia do Rio Negro, onde existem muitas comunidades indígenas e, provavelmente, é a bacia que tem mais Unidades de Conservação (UCs) no país. Nosso desafio era saber o que fazer com as UCs que tinham gente dentro. Um dia fomos convidados pra ir a Brasília; o governo brasileiro queria conversar com as lideranças da Amazônia sobre o PPG7. No início tinha muita confusão e resistência a um projeto que vinha dos países mais ricos do mundo para ajudar o Brasil a preservar suas florestas. Parte de nós era contra e outra parte não sabia o que era. Uma vez, numa reunião com o Ministro do Meio Ambiente, estava o Júlio Barbosa, do Acre, defendendo uma posição, e o Pedro Ramos, do Amapá, com outra posição, os dois representando o CNS. Eles conversaram resolveram que o CNS ia apoiar o PPG7. Nossa defesa era: vai ter uma montanha de dinheiro doada para o governo brasileiro administrada pelo Banco Mundial e a gente vai ficar de fora disso? Decidimos ficar a favor do PPG7 desde que não fosse um programa só de Governo. Nossa condição para fazer parte era a participação da sociedade civil em todas as instâncias do programa. De uma hora para outra, pouco antes da Eco-92, trocou o governo. O [presidente] Collor demitiu o Lutz [José Lutzenberger] e botou o [José] Goldemberg como Ministro. Aí, tivemos que formar o GTA, que nasceu na transição entre a abertura proporcionada pelo Lutz para a sociedade civil e o fechamento tentado pelo Goldemberg. Formalizamos a fundação do GTA e vimos uma articulação política muito importante do Júlio. Fomos falar com o Goldemberg sobre nossa posição de ter representantes do Movimento em todas as instâncias deliberativas do PPG7. Goldemberg respondeu: "Não, não vai ter não; a única legitimidade nesse país é o Governo, que foi eleito pela sociedade brasileira. A resposta é não; esse é um programa do governo brasileiro com os governos do G7." Ele terminou a reunião conosco e subiu para negociar o projeto com o Banco Mundial. Subimos pela escada e fomos batendo de porta em porta, até encontrar a reunião. Tocamos na porta, alguém abriu, e aí falamos: "Estamos aqui representando o GTA e entramos sem ser convidados para comunicar que estamos nos retirando do programa e vamos informar nossas organizações aliadas nos países de vocês; esse governo brasileiro é um governo ditador que não acha importante a participação da sociedade brasileira em um projeto que vai afetar a vida dela. Então vamos, aqui e lá nos países de vocês, detonar esse programa. Ele não vai sair do papel." Saímos e meia hora depois a assessoria do Goldemberg estava procurando a gente pra conversar. Ganhamos com esse processo. Estabelecemos *standards*. O PPG7 foi o ponto de início da aprendizagem das relações da sociedade civil com o Governo na discussão e implementação de políticas públicas de interesse dos Povos da Floresta.



Carlos Miller

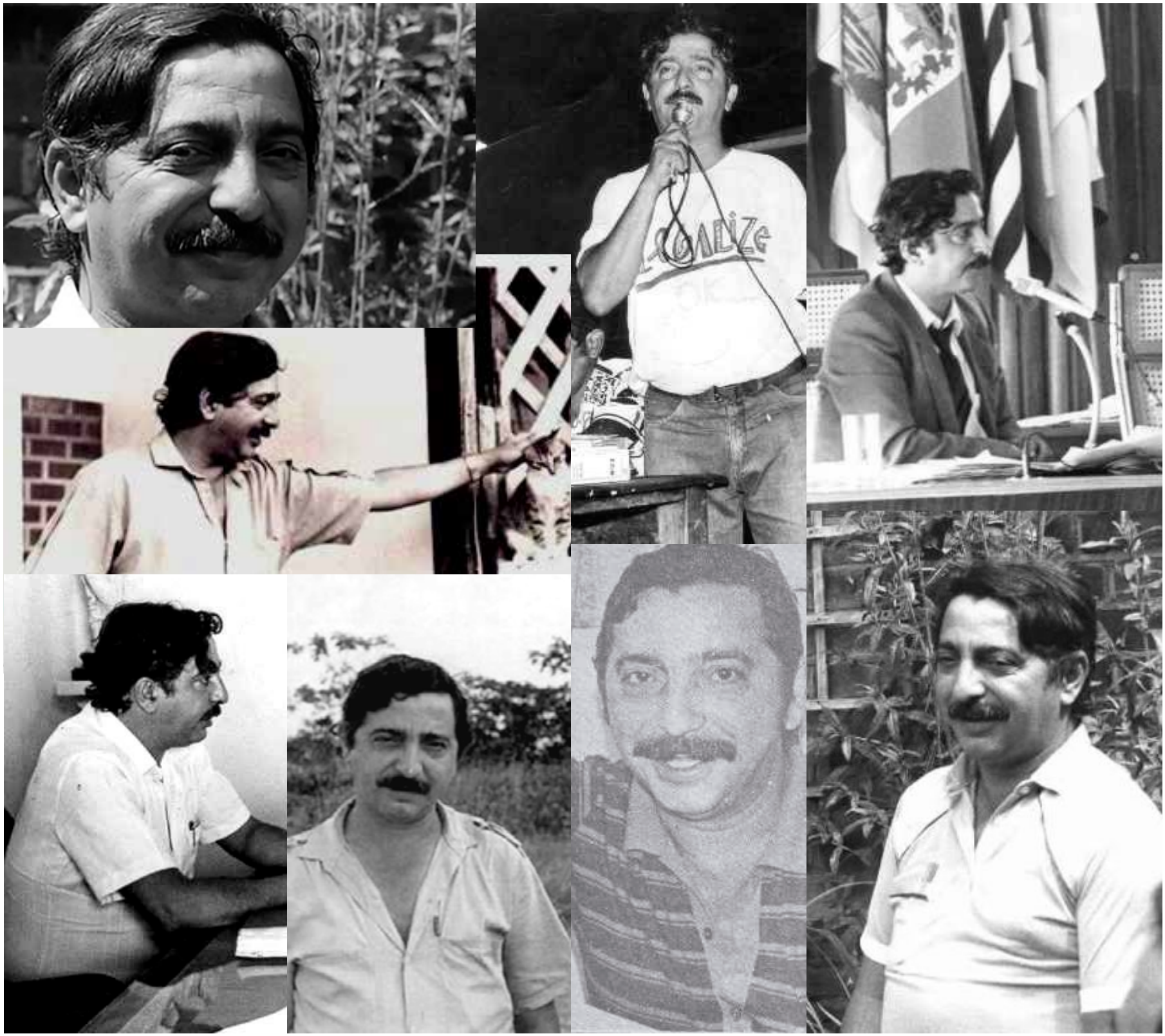
*"A partir de Chico Mendes, a sociedade civil cresceu muito: aprendeu a negociar, a se posicionar, a trabalhar em parceria, a entender seu papel. Foi um processo muito bonito e de muito aprendizado."*

# EDEGARD DE DEUS

Sempre tive por sonho viver e trabalhar na Amazônia. Cheguei ao Acre em 1978, para trabalhar como professor da UFAC. Por aqui as coisas já estavam bastante complicadas com o avanço do desmatamento, com a chegada dos "paulistas" – como eram chamados os que vinham dos estados do Centro-Sul do Brasil, para implantar na região uma nova forma de relação com a terra, muito diferente, que se chocava com os modos de vida dos seringueiros e dos indígenas. Eu, como biólogo paulista, às vezes me sentia constrangido, mas os que chegavam à Universidade tinham o respeito dos movimentos. Muitos professores se transformaram em aliados de Chico Mendes na luta em defesa da floresta. Logo ao chegar, participei de várias reuniões. Algumas no Capitão Ciríaco – uma propriedade particular no centro de Rio Branco, com muitas seringueiras, que transformamos em parque urbano na década de 1990. Nesse momento, conheci o Chico Mendes. Ele vinha muito a Rio Branco, em busca de apoio para a organização sindical que se estabelecia no Acre e para a luta em defesa da floresta, principalmente após a morte de Wilson Pinheiro, em 1980. Ele que também era jurado de morte, passava parte do tempo em Rio Branco, na casa de amigos. Lembro de várias passagens do Chico lá em casa, sempre com a Célia Pedrina ou com o Lhé, especialmente em 1982, quando ele se candidatou a deputado estadual, nas primeiras eleições em que o PT participou. Às vezes a gente ficava até altas horas da noite preenchendo aqueles santinhos com o nome e número do candidato, pois na época não tinha nada eletrônico, para distribuir e trabalhar, também, no dia da eleição, para a boca de urna, que era permitida. Desde minha chegada a Rio Branco, participei do Movimento em Defesa do Meio Ambiente junto a vários outros companheiros, como o Dote, os irmãos Scarcello, Miguel e José Antonio, a Bárbara Guimarães, a Concita Maia, os Montezumas, o Marcos e o Marcondes. Esse movimento avançou e, a partir dele, criamos a SOS Amazônia, em setembro de 1988, três meses antes do Chico ser assassinado. Em seguida, convidados por ele, visitamos o Seringal Cachoeira, onde o Chico morava, e que poucos dias antes tinha sido decretado como Projeto de Assentamento Extrativista (PAE). O Chico levava um troféu para a equipe vencedora do jogo de futebol que estavam organizando para celebrar a conquista do PAE. Essa visita ao Cachoeira me fez concluir que o Chico e eu tínhamos ideais em comum: preservar a floresta e buscar uma forma de uso adequado de seus recursos naturais, melhorando as condições de trabalho e renda das populações locais.

Biblioteca da Floresta

*"O Chico visitava muito a Universidade em busca de apoio. Com a luta em defesa da floresta avançando através dos empates, e depois com a criação das Reservas Extrativistas e dos Projetos de Assentamento Extrativistas, o Chico buscava apoio técnico para, depois da conquista da terra, definir o que fazer com essa terra."*


ORGANIZE

# MARY ALLEGRETTI

Uma das qualidades que eu mais admirava no Chico Mendes era a habilidade dele de envolver nos seus projetos todas as pessoas que dele se aproximavam, fazendo com que elas se sentissem parte do processo, despertando nelas um forte sentimento de inclusão. Isso não acontecia simplesmente pelo aspecto da personalidade afável que o Chico tinha. Ele realmente acreditava que as mudanças que os seringueiros almejavam não aconteceriam por obra exclusiva deles. Por isso, atribuía aos parceiros um papel central na luta deles. Essa igualdade pela diferença mudou radicalmente a minha vida. Eu era professora de antropologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) quando fui ao Acre a primeira vez, em 1978, fazer uma pesquisa de mestrado para a Universidade de Brasília (UnB). Eu nunca havia pensado em ir para a Amazônia, até conhecer o Terri Vale de Aquino, na UnB. Ele falava uma língua que não fazia sentido pra mim: seringal, péla de borracha, estrada de seringa, renda, colocação. Surpresa ao perceber que não sabia nada fora da realidade do Sul do Brasil, decidi fazer minha tese no Acre. Escolhi um seringal tradicional, o Alagoas, no rio Tarauacá. Essa pesquisa me transformou e rendeu muitos frutos. O Alagoas era um seringal de patrão, onde os seringueiros pagavam renda, o barracão tinha contas-correntes que eram manipuladas para que os seringueiros ficassem sempre devendo. Os seringueiros eram revoltados, já haviam feito uma greve, a Revolução do Alagoas, como era conhecida na região. Mas o que mais me impressionou foi o mecanismo de subordinação, alimentado pelo analfabetismo, os seringueiros sabiam que não tinham dividas, mas não conseguiam provar, porque eram analfabetos. Além disso, tinham um sentimento de "heróis abandonados". Eles acreditavam que a borracha ainda tinha muito valor para o Brasil e que eles, os produtores, viviam esquecidos nas matas, sem apoio do governo. Quando saí do Alagoas, fiquei marcada por esses sentimentos de revolta e de injustiça e prometi a mim mesma que iria criar uma escola para os seringueiros. Tentei voltar para a minha vida de professora, mas não saíam da minha cabeça aquelas figuras que eu havia conhecido no seringal e que, ao contrário dos meus indiferentes alunos, sonhavam em saber ler e escrever para conquistar a liberdade. Em 1981, de volta a Rio Branco, o jornalista Elson Martins me disse que eu precisava entrevistar um líder sindical, Chico Mendes, se quisesse entender o Acre. Fiz essa entrevista em maio e viajei com ele para acompanhar uma assembleia do Sindicato que ia acontecer em Xapuri. No Vale do Acre, os seringueiros viviam sem patrões, não pagavam renda, estavam organizados e lutavam pela defesa da floresta fazendo os empates contra os desmatamentos. Era o oposto do que eu havia visto no Alagoas. Fiquei impressionada com a radical transformação dos seringueiros "libertos", que chamavam os outros de "cativos". O Chico estava muito preocupado em fortalecer a organização dos seringueiros, especialmente depois que o assassinato de Wilson Pinheiro, um ano antes, havia desmobilizado o Sindicato em Brasiléia. Ele queria fazer um projeto que valorizasse a presença do Sindicato dentro da floresta e que, assim, contribuísse para a autonomia dos seringueiros. Eu sugeri uma escola. Ele vibrou. Eu nem sabia, naquele momento, como a educação havia tido um papel importante na vida dele, eu só estava querendo concretizar a promessa do Alagoas. Na viagem de volta para Rio Branco, lembro como se fosse hoje, naquele ônibus lotado, caindo aos

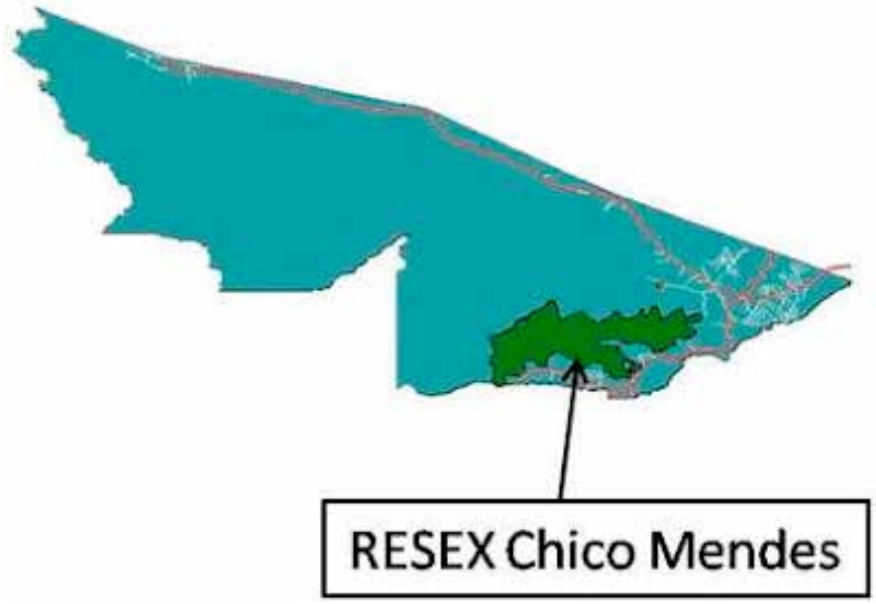
*"O Chico acreditava que as mudanças que os seringueiros almejavam não aconteceriam por obra exclusiva deles. Por isso, atribuía aos parceiros um papel central na luta deles. Essa igualdade pela diferença mudou radicalmente a minha vida."*

pedaços, que durante anos eu peguei para ir a Xapuri, naquela estrada esburacada, cheia de lama no inverno e de poeira no verão, eu decidi fazer, com o Chico Mendes, um projeto de educação para a floresta. Assim nasceu o Projeto Seringueiro, que começaria com uma escola e uma cooperativa localizadas no Seringal Nazaré, no centro dos empates contra os desmatamentos em Xapuri. Criamos também o CTA (Centro dos Trabalhadores da Amazônia), para dar suporte financeiro e técnico ao projeto. O fato de eu ter conhecido um seringal e o modo peculiar de ver o mundo dos seringueiros, antes de encontrá-lo, me deu uma compreensão profunda da história de vida do Chico. Eu sabia de onde ele vinha e entendia sua aspiração por justiça. Ao decidir mudar minha vida para fazer um projeto de educação, viramos cúmplices de um sonho ao qual nos dedicamos integralmente dali pra frente. Foi assim que organizamos o Encontro Nacional dos Seringueiros em 1985, que iniciou um movimento amazônico pelas reservas extrativistas. Os tempos eram muito difíceis. Não tínhamos dinheiro, os riscos e ameaças ao Chico e às outras lideranças eram constantes. Eu era difamada nos jornais, precisávamos de advogados, toda nossa energia era voltada para convencer políticos, governos, burocratas, cientistas, ambientalistas, de ideias que hoje parecem tão óbvias; mas que naquele momento eram vistas como ameaça à Segurança Nacional. O assassinato do Chico gerou a sensação de que todo aquele esforço havia sido em vão. Porém, quando a repercussão internacional chocou o país, pude perceber que cada pessoa que o visitara, em Xapuri, naqueles anos, saíra comprometidas com ele e com os sonhos dele para o futuro. E foi essa rede que o Chico criou em vida, e as ideias que construimos juntos, que nos – mobiliza até hoje.

Biblioteca da Floresta

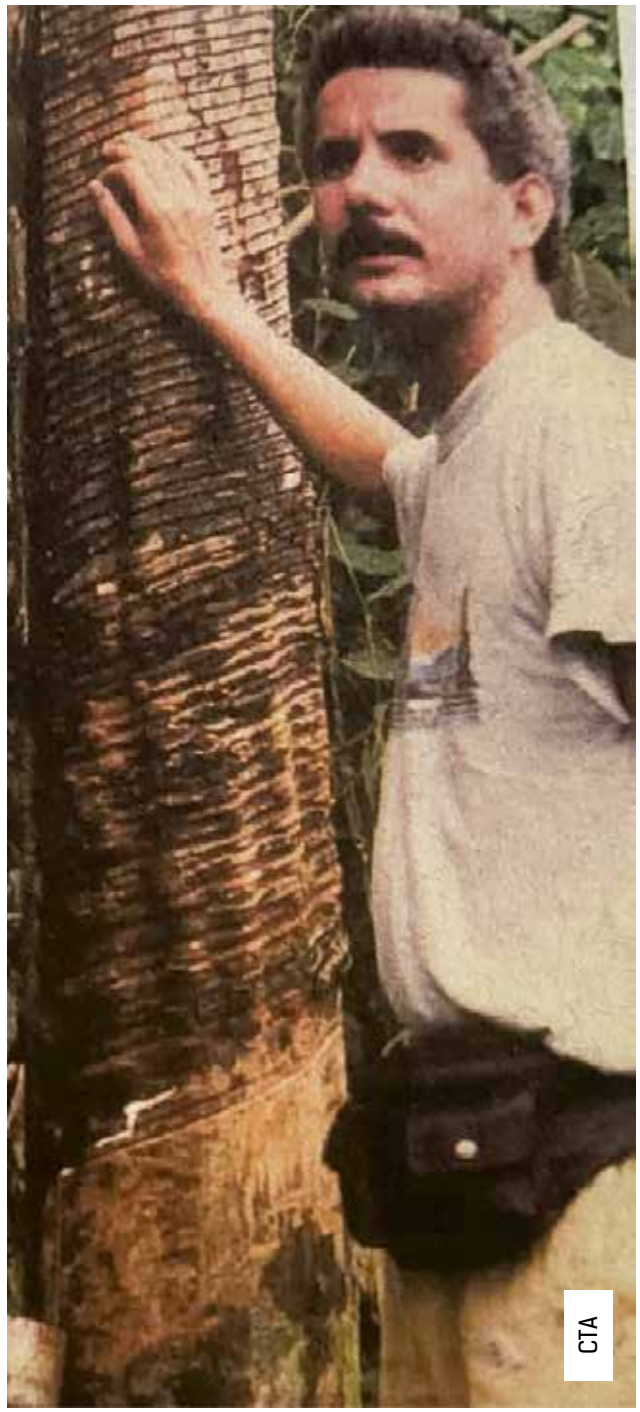
# GILBERTO SIQUEIRA

Sou do interior de São Paulo, formei-me na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e vim para o Acre por pura curiosidade. Tinha viajado a Amazônia inteira para conhecer um pouco da região, e o Acre ficou de fora do roteiro da viagem por ser distante, por ser difícil de chegar, por não ter estrada, por não ter nada. Quando voltei da viagem, um grupo de amigos da Universidade tinha participado do Projeto Rondon, e na volta ficaram hospedados na minha república, em Campo Grande. Uma das pessoas me falou muito do Acre e me deu um livro do Mário Maia sobre os seringueiros. Fiquei impressionado e resolvi conhecer o Acre de perto. Cheguei aqui em 1981. Era uma confusão danada. O governador à época era indicado pelos militares, uma situação muito complicada. Entretanto, percebi que o Acre tinha gente com um potencial fantástico, uma pureza incrível, mas que vivia sob a dominação da burguesia local. Trabalhando como engenheiro, logo briguei com todo mundo, paralisei obras e evitei desembolsos que me "cheiravam" à corrupção. Acabou que fui "expulso". Só pude voltar durante o processo de redemocratização, com as eleições diretas para Governador em 1984. Logo percebi que mexer com a madeira era mexer com a floresta e mexer com a floresta era mexer com gente. Daí começou minha aliança com os Povos da Floresta, porque eu estava lutando para a Amazônia ter uma engenharia apropriada, [uma espécie de centro de tecnologia] o que para mim era básico para avançar no processo de desenvolvimento da região utilizando seus recursos naturais manejados pelos seringueiros, mas que estavam sendo ameaçados pela frente de ocupação, com grilagem de terra e desmatamento para criação de gado. E esse centro de tecnologia foi evoluindo. Na verdade ele funcionava como uma ONG, uma coisa da nossa cabeça. Era algo totalmente independente, financiado com bolsa do CNPq. Não me pergunte como e nem eu sei, mas conseguimos, com ajuda de amigos, anexar esta ONG na estrutura de Estado. A Funtac evoluiu. Fomos pioneiros, o primeiro estado a trabalhar com Sensoriamento Remoto na Amazônia e depois com todo esse




*"Nós mostramos pro Chico uma imagem de satélite do seringal com as colocações, e o Chico começou a identificar o lugar de cada seringueiro. Nós explicamos que aquilo era uma grande fotografia tirada lá do céu, que estava à disposição deles."*

processo de desenvolvimento sustentável que vemos hoje. Foi na FUNTAC que, pela primeira vez cruzaram-se as informações sobre uso da terra, desmatamento e arrecadação estadual. Nós tínhamos percebido que o desmatamento era uma autofagia para o Acre. Numa série histórica, quanto mais se desmatava mais pobre ficava o Acre, mais debilitada ficava a economia local, que era baseada na floresta. Foi nessa época que o CNS, liderado pelo Chico Mendes, pediu ao Macedo, assessor do (CNS), para fazer um levantamento do que estava acontecendo no Vale do Juruá. Esse relatório, escrito com muito sentimento e paixão, mostrava a realidade dura e até de trabalho escravo no Juruá. Conversando com uma pessoa importante e bem sensível do BNDES que veio para cá, nos ajudar no zoneamento, Adir Jeanine da Costa, uma economista muito inteligente, viu a nossa angústia e disse:"Olha, temos o Finsocial no BNDES. Quem sabe, se a gente fizer uma carta-consulta para o pessoal do Banco, conseguimos algum recurso para os seringueiros?". Conversamos com o pessoal do CNS e eles toparam. Então, a FUNTAC se propôs e foi a interveniente do processo e da assinatura do contrato do CNS com o BNDES. O contrato destinava um bom dinheiro para fortalecer a criação da Reserva Extrativista do Juruá e também para Xapuri. Nesse projeto tinha de tudo: desde compra de caminhão, alimentação, armazém para estoque. foi uma alegria. Foi o primeiro dinheiro brasileiro que apareceu para apoiar os seringueiros naquela época. Chico Mendes destinou parte pequena dos recursos para Xapuri, onde o Sindicato já estava estruturado e a maior parte foi para o Juruá. O CNS estava tentando romper com o trabalho escravo naquela região. Imagina a confusão que isso dava dentro do governo, que não tinha o controle ideológico da FUNTAC. Me lembro que foi antes do Natal, no dia 20 ou 21, por aí. Chico recebeu um caminhão do projeto. Acho que era o primeiro da Cooperativa de Xapuri. O Jorge deu a chave do caminhão que ele levou para Xapuri. Foi nesse caminhão que ele deu uma volta na cidade no dia em que faleceu.


CTA

# MURIEL SARAGOUSSI

Cheguei à Amazônia em outubro de 1985, com uma bolsa de pós-doutorado para o INPA, depois de ter estudado o melhoramento de plantas em Rennes, na França. Em 1987, um amigo comum me apresentou à antropóloga Mary Allegretti e ao Jayme Araújo, presidente do CNS, que falaram sobre a necessidade de apoio para pesquisas. Encaminhei, então, o primeiro convênio do Movimento Social com os pesquisadores do INPA. Em 1989, houve uma cerimônia de lançamento do programa Nossa Natureza, do governo Sarney. Eles haviam contratado pesquisadores e usavam trechos de seus trabalhos sem um acordo institucional. A Associação de Pesquisadores do INPA (ASPI) preparou um protesto junto com os movimentos sociais como a FASE, o CIMI e tantos outros. Fui escolhida para ler o protesto. Depois disso tive carros me seguindo. Os colegas me aconselharam a ir ao Acre para o II Encontro Nacional dos Seringueiros e o primeiro dos Povos da Floresta, onde conheci a Júlia Feitoza e a Rosa Roldán. Os jornalistas filmavam todo mundo, em um clima de quem seria o próximo alvo, depois da morte do Chico Mendes. Era estranho. Uma moça da União do Vegetal, de voz baixinha, perguntou no microfone porque havia policiais ali, e o rapaz que ela denunciou tentou se esconder. Foi preciso o bispo Dom Moacyr Grechi orientar a retirada dele. Os assassinos do Chico ainda não haviam sido julgados, os índígenas clamavam pela consolidação da garantia de suas terras, nos termos da Constituição recente e aconteciam os primeiros debates das mulheres. Havia muita tensão. O encontro marcou um movimento único, porque todos os que estavam lá continuam nessa luta até hoje, algo difícil de acontecer. Naquele ano aconteceu também o Encontro de Altamira, contra as barragens de Belo Monte. Começava um diálogo amazônico dos Povos da Floresta com todas as dificuldades possíveis. Nesse momento também estava surgindo o Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais, que iria participar dos preparativos da ECO-92. Essa visão de colocar as questões sociais junto com as ambientais foi uma grande contribuição brasileira e amazônica para a Eco-92. Foi a primeira vez que uma reunião preparatória da ONU trouxe a premissa do combate à pobreza como parte do modelo sustentável. Não dá para falar na Amazônia nesse período sem falar do GTA. O PDA do Programa Piloto, que foi o primeiro recurso voltado para as comunidades, foi uma conquista do Movimento que gerou centenas de experiências positivas. Em vez de projetos isolados, muitos conseguiram gerar cadeias produtivas ou de cooperação nas regiões, esse projeto contou muito com o GTA.

*"O legado da ação coletiva, aprendido com Chico Mendes, precisa avançar rumo a um desenvolvimento sustentável na Amazônia, com ampla participação dos Povos da Floresta."*

Arquivo Muriel Saragoussi

# VIRGÍLIO VIANA

Chico Mendes acendeu em mim uma chama de utopia que vem desde dezembro de 1988, na última palestra que ele fez antes de morrer, em Piracicaba, quando conheci a visão e os sonhos dele. Recém-chegado de Harvard com meu Ph.D., ao ouvir o Chico Mendes, quis logo me tornar cúmplice daquela utopia de defender a floresta e melhorar a vida das pessoas. Depois veio a notícia da morte dele com aquela comoção nos movimentos sociais, no meio ambientalista, na academia e nas lideranças políticas progressistas. Na esteira das manifestações nasceu o Projeto Castanha, com o objetivo de fazer com que a Cooperativa Agroextrativista Chico Mendes de Xapuri (CAEX) desse certo. Em 1999, o Jorge Viana foi eleito governador e implantou o "Governo da Floresta", mas com muita resistência ao manejo florestal em áreas extrativistas.  Ronald Polanco me chamou para fazer a reconstrução da proposta de manejo florestal do Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes (PAECM), que havia sido formulada pelo Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA). Havia muita oposição à ideia de produzir madeira no Cachoeira, mas com muito trabalho e empenho, conseguimos a adesão das lideranças do Cachoeira. Foi o primeiro projeto de manejo florestal de base comunitária certificado pelo FSC (Forest Stewardship Council) no Brasil: uma vitória. Em 2000, propus um "segundo empate", ou empate econômico, para enfrentar a lógica econômica que levava os próprios seringueiros a plantar pastos dentro dos seringais. Fizemos as contas e provamos que a floresta valia mais em pé do que derrubada. Precisávamos, portanto, fazer o manejo florestal como forma de manter acesa a utopia do Chico: salvar a floresta. Em 2004, na Semana do Meio Ambiente do Amazonas, defendemos e ajudamos a disseminar a ideia de "a floresta vale mais em pé do que derrubada". Enfim, foram muitas conquistas movidas pela mesma utopia: salvar a floresta e melhorar a vida das pessoas que lá moram e a defendem. Concluo este depoimento fazendo um agradecimento especial a Chico Mendes. Aquela mensagem de 1988, em Piracicaba, foi um forte ingrediente de tudo que fiz. Espero que o registro desses "fazimentos" sirvam de motivação para que muitos outros mantenham acesa a chama da mesma utopia.

Reprodução/Internet

*"Devo uma sincera e honesta homenagem ao Chico, cuja morte incendiou não apenas protestos em todos os cantos do Planeta. Mais que isto: despertou em muitos, como eu, o sentimento de que estávamos diante de uma utopia urgente e necessária: salvar a floresta e melhorar a vida das pessoas que lá moram e que a defendem."*

→ Atenção Jovens do Futuro

6 de Setembro do ano
de 2120, aniversário do
1º Sentenário da revolução
Socialista Mundial que
unificou todos os povos do
planeta. Numa só ideal e
numa só pensamento de
unidade Socialista, e que
pôs fim a todos os inimigos
da nova sociedade.

Aqui ficam somente
a lembrança de um Triste
passado de dôr - Sofrimento e
morte.

Desculpem

eu estava Sonhando
Quando escrevi. estes
acontecimentos, que eu
mesmo não vivi. Mais tenho
o praser de ter Sonhado

Atenç

# CARTA DE UM SONHO

# MENSAGEM DE DAVI YANOMAMI PARA AS FILHAS E FILHO DO CHICO MENDES

Faz 35 anos que Chico Mendes, nosso amigo, morreu. E deixo uma mensagem para os filhos do Chico Mendes. Deixo o pensamento positivo que o pai deles tinha. Desejo que os filhos do Chico Mendes sejam tão bons como o pai que eles tiveram. Os filhos devem seguir o caminho do pai, continuar a luta do pai. Pegar a mesma bandeira. Os filhos do Chico Mendes devem lembrar sempre do sonho de seu pai, não devem se esquecer de quem são filhos. É preciso mostrar de onde partimos e aonde vamos chegar. Não pode negociar, enfraquecer, nem esmorecer na luta. Não tem dinheiro que pague um pedaço de floresta. Os filhos do Chico Mendes não são indígenas, mas são da floresta. Os fazendeiros são os besouros grandes que cortam a floresta. Os mineradores são como um tatu grande que faz buraco e destrói. São como o tatu canastra, com unhas grandes, cavando lá no fundo em busca das riquezas da terra. Nós, lutadores, nunca vivemos e nem morremos sozinhos. Nós confiamos em nossos líderes. O Chico já viveu e, agora, ele cuida de nós. Nós, homens da floresta, somos frutos da terra, da força da natureza. Sou fruto, meu pai era fruto. Sou semente do meu pai. Semente do meu povo. Os filhos do Chico são sementes que devem continuar na luta. (Depoimento a Zezé Weiss, em setembro de 2008, na Associação Hutukara, em Roraima. Dados sobre a data do assassinato de Chico Mendes atualizados para esta edição).

Davi Kopenawa Yanomami

Lucas Braga

# ANA LUIZA DE LIMA SILVA

Aprendi, com a vida, que a comunicação transforma! Não estou falando apenas da comunicação tradicional, mas de uma comunicação que vai além. Que une, mobiliza, engaja, gera movimento e causa transformações sociais. Vejo Chico Mendes como um grande comunicador, e é por meio dessa comunicação, que potencializa e compartilha lutas, que estamos aqui hoje. A comunicação me aproxima do Comitê Chico Mendes, que impulsiona novos caminhos, possibilita novos olhares e potencializa novos encontros. É no Comitê que tenho podido experimentar uma das minhas melhores experiências de vida. Afinal, entendo que o chamado que recebo de meu pai Oxóssi para trabalhar é, principalmente, sobre defender nossa Terra. E isso não posso fazer sozinha. Com orgulho, faço junto com o povo de Chico Mendes.

Arquivo Pessoal

*"Vejo Chico Mendes como um grande comunicador, e é por meio dessa comunicação, que potencializa e compartilha lutas, que estamos aqui hoje."*

# CÁTIA SANTOS

"Atenção Jovens do Futuro!" Essa é uma frase muito marcante pra mim, pois sinto como um chamado de Chico Mendes para que nós, jovens, mostremos nosso compromisso com o cuidado de nossos territórios, da Amazônia e do planeta. Um forte chamado para que nós, também, sejamos Resistência. Desde criança, sempre ouvi com atenção as histórias contadas por meu pai, por meu avô e pelos mais velhos de minha comunidade sobre como era a vida em nossa região na época dos patrões, sobre os empates, sobre a luta dos seringueiros, sobre a história de Chico Mendes. Essas histórias me mostram a importância da trajetória que garantiu a criação das Reservas Extrativistas, em especial da nossa Reserva Extrativista Chico Mendes, uma das quatro primeiras a serem criadas no Brasil, em março de 1990. Como jovem nascida aqui na Chico Mendes, neste pedaço acreano de floresta protegida, tenho plena consciência de que nós só temos a oportunidade de viver do nosso modo tradicional em nossos territórios extrativistas, graças à luta incansável das lideranças que vieram antes de nós, especialmente Chico Mendes, seus companheiros e companheiras, nossos parentes, nossos antepassados. Hoje, felizmente, por aqui podemos viver dos recursos da sociobiodiversidade, respeitando a natureza e valorizando nossa cultura e nossa identidade. A coragem e a determinação que Chico Mendes sempre demonstrou frente aos desafios e ameaças continuam a ser uma fonte de inspiração para mim, pra minha geração e, certamente, para as gerações futuras. E é por ter dedicado sua vida à proteção da Amazônia e à defesa dos direitos dos Povos da Floresta que Chico Mendes se tornou este símbolo tão forte de Resistência.

*"Chico Mendes nos ensinou que é possível resistir e promover mudanças por meio da união e da conscientização. Seu exemplo nos motiva a sermos agentes de transformação, a lutar por nossos direitos e a defender o nosso território."*

Embora, como eu, muitos e muitas de nós não tenhamos tido a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, sua memória e seu legado continuam vivos em nossos corações e em nossas mentes. Tudo o que ele representa jamais será esquecido. É nossa responsabilidade, enquanto juventude, honrar sua memória e dar continuidade à sua luta, defendendo e protegendo nossos territórios extrativistas, seu principal legado. Seus ideais de justiça social, de defesa dos Povos da Floresta e pela conservação da Amazônia ecoam em nossos corações e nos fortalecem para continuar lutando. E nós, juventude da floresta, estamos a postos para assumir a missão a nós deixada por Chico Mendes. A luta não é fácil, mas é necessária. Não podemos desistir diante dos desafios.

CNS

# DARLON NERES DOS SANTOS

Chico Mendes foi um dos primeiros líderes da floresta a chamar a atenção para a importância da conservação da Amazônia e para os impactos negativos do desmatamento e das atividades agropecuárias na região. Ele atraiu muitos jovens para se envolverem na luta pela proteção do meio ambiente, pela preservação das florestas e pela redução das mudanças climáticas. Chico Mendes também protegeu os direitos das comunidades locais e dos povos que vivem na Amazônia. Sua militância destacou a importância da proteção dos direitos humanos e da dignidade das pessoas que dependem das florestas para sua própria sobrevivência. O legado de Chico mostra como as pessoas locais podem desempenhar um papel crucial na promoção do desenvolvimento sustentável. Ele defendeu a gestão comunitária das florestas e a importância de dar poder às comunidades, para que elas tenham voz nas decisões que afetam seus meios de vida. A luta de Chico Mendes recebeu apoio e solidariedade de pessoas e organizações em todo o mundo. Isso demonstra como questões ambientais e de direitos humanos podem transcender fronteiras e inspirar ações globais. Chico Mendes é um exemplo de coragem. Ele enfrentou ameaças e perigos em sua luta pela preservação da Amazônia. Sua coragem e determinação servem de exemplo para a juventude, mostrando a possibilidade de enfrentar desafios em defesa de causas justas. A memória do legado de Chico Mendes para a juventude é um chamado à ação e à responsabilidade ambiental. Ele inspira jovens a se envolverem na proteção do meio ambiente, na defesa dos direitos humanos e na busca por um mundo mais justo e sustentável. O exemplo de Chico Mendes continua a influenciar e a motivar as gerações mais jovens a fazerem a diferença em suas comunidades e, no mundo como um todo, a garantir a proteção das florestas. Nós da juventude amazônica somos os Chico Mendes de hoje. Estamos interligados em vários estados deste país com uma pauta em comum: concretizar o sonho do Chico Mendes.

*“Penso, Chico, que onde quer que você esteja, com certeza seu coração está alegre, porque neste chão da Amazônia tem rebeldia, tem juventude.”*

CNS

# DIONE TORQUATO

Nasci na Floresta Nacional de Tefé, no estado do Amazonas. Sou filho e neto de seringueiros. Desde pequeno ouvi falar do Chico Mendes e de sua luta contra a destruição da Floresta Amazônica. Histórias de sua coragem e resistência para defender nossos territórios sempre ecoaram em meus ouvidos. Eu tinha um sonho de conhecer sua cidade e sua casa, até que, em 2016, tive a felicidade e a honra de viver esse sonho: visitei, em Xapuri, a casa de Chico Mendes, na companhia de sua filha Angela, que conheci em Belém do Pará, em 2013. Chico, obrigado por ter lutado por nós. Obrigado por ter falado ao mundo sobre a importância de proteger a Amazônia. Obrigado por dar voz aos nossos povos e territórios. Gostaria muito de ter tido a chance de conhecer você, Chico, pra te dizer, pessoalmente, que sua luta não foi em vão. Hoje, aos 36 anos de idade e com duas filhas adolescentes, tenho a cada dia mais certeza de que, ao dedicar minha vida para honrar sua história e a lutar pela continuidade de seu legado, que continua a inspirar muitas pessoas, especialmente a nós, que ainda somos jovens, fiz o que tinha que ser feito. Você está presente em cada semente plantada, em cada árvore protegida e em cada atividade de promoção dessa nossa cultura de conservação e respeito à natureza. Você nos ensinou a amar e a respeitar a Amazônia, a lutar por nossas terras e por nossa dignidade. Passados todos esses anos e diante de tantos desafios, agora cabe a nós continuar com sua luta, pois entendemos que jamais haverá igualdade social enquanto houver opressão sobre nossos povos. Sabemos que não haverá justiça e inclusão enquanto nossos territórios estiverem sob o poder do grande capital. Que não há como concretizar nossos sonhos enquanto nossa liberdade estiver limitada pela ausência do Estado com suas políticas públicas. Essa compreensão que hoje temos do mundo é porque, lá atrás, você, Chico, nos ensinou que outros mundos são possíveis quando lutamos por liberdade, igualdade e justiça socioambiental. Seu exemplo de coragem e amor pela vida jamais será esquecido. Viva Você, Chico Mendes!

*"Você, Chico, nos ensinou que outros mundos são possíveis quando lutamos por liberdade, igualdade e justiça socioambiental."*

CNS

# LETÍCIA MORAES

Marcos Jorge Dias

*"É das histórias contadas e lidas que carrego o legado de Chico Mendes, e continuo a perpetuar o dizer do Chico de que "a defesa da floresta é pela humanidade."*

Meu nome é Letícia Santiago de Moraes, sou extrativista, moradora do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE), Ilha São João I, Comunidade Nossa Senhora da Boa Esperança, Rio Pagão, município de Curralinho, Ilha do Marajó, Pará. Sou filha de Dulcimar Baratinha de Moraes e Miracelia Santiago de Moraes, importantes lideranças das populações extrativistas da comunidade Nossa Senhora da Boa Esperança. Nasci e me criei nesta minha comunidade de pertencimento; aqui sou e pertenço ao território, aos rios, às florestas e à diversidade. Sou, neste processo, uma sementinha que, juntando com muitas outras sementinhas, luta pelo coletivo, pela justiça social, ambiental e climática. O território que moro representa pra mim a esperança de viver na floresta, herança guardada por meus ancestrais, que levo como base da minha re-existência. Minha trajetória de mulher extrativista se conecta às histórias de grandes líderes e mártires da Amazônia, como Chico Mendes. Um revolucionário cujo ideal vive em todas as  gerações e contam histórias como a minha, porque a juventude da floresta também é extrativista! Nós nascemos com a responsabilidade de guardar um legado de luta, luto, resistência, conquista e esperanças, e o território é a raiz deste nosso legado. Por isso, reafirmamos a continuidade dessa luta dos Povos da Floresta, mesmo enfrentando nossos desafios diários, já que nascemos em um ambiente em que permanecer em nossas casas com os nossos modos de vida é desafiador pela ausência de garantia de direitos. A carta aos "Jovens do Futuro", deixada por Chico Mendes, me motiva a continuar na defesa da construção de um mundo mais justo, para que um dia o legado "de dor, sofrimento e morte seja apenas uma lembrança," como sonhou o grande líder Chico Mendes.

Comitê Chico Mendes

# RAIARA MENDES

Chico Mendes, nosso herói ambiental, dedicou sua vida à defesa da Amazônia e dos direitos dos povos tradicionais que nela vivem. Nascido em uma família de seringueiros, Chico testemunhou os desafios enfrentados por nossas comunidades, devido à exploração descontrolada da floresta. O impacto da história de Chico Mendes nas gerações mais jovens é profundo. Sua luta incansável e seu sacrifício pessoal servem como exemplo inspirador de como indivíduos podem fazer a diferença na proteção do meio ambiente e na defesa dos direitos humanos. Nós, jovens, somos particularmente influenciados por sua história, pois reconhecemos a urgência das questões ambientais em nosso tempo. Os ensinamentos de Chico Mendes destacam a importância da união e da organização comunitária na busca por mudanças significativas. Sua liderança demonstra como pessoas comuns podem se unir para enfrentar desafios poderosos. Nós, jovens, ao conhecermos sua história, somos incentivados a nos envolver em causas ambientais e a nos unirmos em esforços coletivos para proteger a natureza e promover a justiça social. Chico Mendes nos lembra da interconexão entre a preservação ambiental e o bem-estar das comunidades locais. Sua luta destaca que a degradação ambiental afeta desproporcionalmente os mais vulneráveis e que é essencial encontrar soluções que protejam tanto o meio ambiente quanto os meios de subsistência das pessoas. Nós jovens, ao aprendermos com a história de Chico Mendes, nos motivamos a buscar um equilíbrio sustentável entre as necessidades humanas e a conservação da natureza. Para nós, a vida de Chico Mendes é uma fonte de inspiração contínua, pois ela demonstra que a paixão, a coragem e a dedicação podem criar um impacto duradouro na proteção do meio ambiente e na luta pelos direitos humanos.

*"A história de Chico Mendes nos recorda que a juventude desempenha um papel vital na construção de um futuro mais verde e justo, moldando a forma como enfrentamos os desafios ambientais de nosso tempo."*

# TXAI SURUÍ

Meu nome é Txai Suruí, eu tenho só 24 anos, mas meu povo vive há pelo menos 6 mil anos na Floresta Amazônica. Meu pai, o grande cacique Almir Suruí, me ensinou que devemos ouvir as estrelas, a lua, o vento, os animais e as árvores. Hoje o clima está esquentando, os animais estão desaparecendo, os rios estão morrendo, nossas plantações não florescem como antes. A Terra está falando. Ela nos diz que não temos mais tempo. Uma companheira disse: "Vamos continuar pensando que com pomadas e analgésicos os golpes de hoje se resolvem, embora saibamos que amanhã a ferida será maior e mais profunda?" Precisamos tomar outro caminho, com mudanças corajosas e globais. Não é 2030 ou 2050, é agora! Enquanto vocês estão fechando os olhos para a realidade, o guardião da floresta Ari Uru-Eu-Wau-Wau, meu amigo de infância, foi assassinado por proteger a natureza. Os Povos Indígenas estão na linha de frente da emergência climática, por isso devemos estar no centro das decisões que acontecem aqui. Nós temos ideias para adiar o fim do mundo. Vamos frear as emissões de promessas mentirosas e irresponsáveis; vamos acabar com a poluição das palavras vazias e vamos lutar por um futuro e um presente habitáveis. É necessário sempre acreditar que o sonho é possível. Que a nossa utopia seja um futuro na Terra! (Discurso de Txai Suruí na abertura da COP 26, realizada em Glasgow, na Escócia, de 31 de outubro a 12 de novembro de 2021).

# WENDEL ARAÚJO

Sou Wendel Araújo, filho e neto de seringueiros, morador da Reserva Extrativista Chico Mendes, em Assis Brasil, último município da região do Alto Acre. Meu avô, Eloy Batista de Araújo, foi um dos militantes que lutou junto com o Chico Mendes desde o tempo dos empates. Eu cresci no meio dessa luta. Respeito muito a nossa ancestralidade e, desde aquele tempo, eu só tive boas referências. Hoje sou sucessor de meu primo, De Araújo, na Amopreab. Também sou diretor e secretário de juventude do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Assis Brasil, faço parte do conselho deliberativo da Reserva Extrativista Chico Mendes e secretário de juventude do CNS, gestão 2024-2027. Também sou um dos fundadores do Coletivo Varadouro, um movimento de jovens da floresta que surgiu durante a Semana Chico Mendes 2022. O Coletivo Varadouro foi criado por nós, jovens da Reserva Extrativista Chico Mendes, com base na nossa necessidade de ocuparmos espaços não só na Resex Chico Mendes, mas também no Juruá, no Jordão, em outras Unidades de Conservação (UCs). O nome, Coletivo Varadouro, homenageia o "Varadouro", esse "Jornal das Selvas" tão importante para a resistência do movimento de seringueiros no Acre. Varadouro, também, pelo sentido dos varadouros que existem dentro da floresta, que são os galhos, caminhos terrestres que nós temos e que interligam nossas populações extrativistas. O Coletivo só vem crescendo. Hoje, nós temos jovens desde Assis Brasil até o Alto Juruá, no outro lado do Acre. E jovens de outras UCs também querem participar. Estamos preparando uma atividade presencial, pra nos organizarmos melhor, fazer nosso plano de trabalho, montar nossa diretoria e, então, abrir espaço para jovens de outras UCs. Nós precisamos trabalhar muito, sobretudo com o tema da educação, porque vivemos uma situação muito triste, aqui mesmo, na Resex Chico Mendes, nós temos crianças de 12 anos que nunca entraram em uma sala de aula. Além da educação, da saúde, precisamos lutar por uma comunicação de qualidade, com amplo acesso à Internet, porque desse aspecto depende a permanência das pessoas jovens em nossos territórios. Com uma boa comunicação no interior, jovens lideranças não precisam sair da floresta para estudar, podem fazer uma universidade à distância, por exemplo. É por essa nossa luta que estamos crescendo tanto. Já temos cadeira no Conselho Deliberativo da Resex Chico Mendes e na Diretoria Executiva do CNS. Felizmente, hoje temos voz e vez para, com compromisso, buscarmos não somente preservar a memória de Chico Mendes e de todos que lutaram com ele, mas também para garantir uma vida digna para a nossa juventude da floresta que, para seguir morando dentro dos territórios, precisa de investimento em saúde, educação, comunicação e, tão importante quanto, em ciência e tecnologia porque só assim poderemos, mantendo nossas culturas, modernizar nossa produção dentro da floresta.

*"Alguém falou: "Cara, vamos juntar essa galera boa que nós temos de debate, de luta." Daí surgiu o Coletivo Varadouro, com este nome em homenagem ao Varadouro, que era um jornal da resistência."*

Marcos Jorge Dias

Sou Jovem do Futuro

# FESTIVAL JOVENS DO FUTURO

Todo dia 6 de setembro, no Acre, o Comitê Chico Mendes realiza o Festival Jovens do Futuro, em memória de Chico Mendes e em defesa de um futuro sustentável para a Amazônia. O dia foi escolhido porque nesta data, no ano de 1988, Chico Mendes escreveu sua carta-testamento para a juventude do futuro. Em 1988, três meses antes de ser assassinado, o ambientalista Chico Mendes deixou uma carta convocando a juventude do futuro para seguir na luta por um mundo mais justo e mais feliz. A carta é endereçada aos e `às jovens de 2120, que, nos sonhos de Chico Mendes, estariam celebrando 100 anos de revolução e resistência na Amazônia. Com inspiração no "testamento" que Chico deixou para as juventudes, o Comitê Chico Mendes iniciou, no ano de 2020, a realização do Festival Jovens do Futuro, que visa fomentar e difundir as ideias do grande líder que foi Chico Mendes. Ao longo dos últimos anos, foram realizadas 6 edições do Festival, todas elas no formato híbrido, com atividades presenciais no Acre, compartilhadas, via redes sociais, para outras audiências, em especial para pessoas jovens do Brasil e do mundo.

Comitê Chico Mendes

JOVENS
do
FUTURO

6 SET
FESTIVAL
JOVENS
DO
FUTURO
2021

@chicomendescomite
4, 5 E 6 SET 22
CIRCUITO
JOVENS DO
FUTURO
2022
Apoio:
#EuVotoNaAmazôniaViva
#AmazôniaDePé

6 SET
17h30
FESTIVAL
JOVENS
DO
FUTURO
CONCHA ACÚSTICA - RBR/AC
CUIDAAA! QUE O ROLÊ É GRATUITO!

6 SET
17h30
JOVENS
DO
FUTURO
• RINCON SAPIÊNCIA • DUDA MODESTO •
• ABIGAIL SUNAMITA • SALIZA • SPARTAKUS •
• BATALHA DE MCS • SAYAJEANS CREW • KAEMIZÊ •
• PAT SATURNO • LARISSA MENDES • BRENN SOUZA •
• MARCOS LUANDERSON • MAYA DOURADO • DJ LILY •
• GRUPO HUNI KUIN: DUA YUBE SHAWÃBU •
CONCHA ACÚSTICA (CENTRO) - RBR/AC

FESTIVAL
JOVENS DO
FUTURO
PROGRAMAÇÃO COMPLETA

ção Jovens do

# ALIANÇA DAS AMAZÔNIAS

Somos indígenas, quilombolas, extrativistas, pessoas das periferias, do Norte do Brasil. Somos guardiões desta Terra Sagrada. Somos Amazônias! Nosso objetivo é claro: unir, sensibilizar e despertar o sentimento de pertencimento entre os Povos das Amazônias. Lutamos pela prosperidade dos Povos da Floresta, fortalecendo nossos laços comunitários, nossos Territórios e construindo uma Aliança em defesa da vida. Enfrentamos a exploração desenfreada da Terra e buscamos a cura para nossa gente e nosso planeta. Nossas raízes foram plantadas há séculos. Não permitiremos que tirem de nós nossas Tradições, nossa Natureza e nosso Sagrado. Nossas Águas têm o direito de seguir seus cursos. Resistimos nas periferias das cidades e nos territórios. É sobre nossas Casas, nossas Histórias e nossas Lutas! É momento de honrar nossas Ancestralidades com União e Ação. Somos a Aliança das Amazônias. Através de nossas raízes, construímos um presente de esperança e um futuro sustentável. Junte-se a nós nessa jornada de Luta e Resistência! Vamos mostrar ao mundo a força e a diversidade das Amazônias. Queremos incluir, pertencer e ecoar nossas vozes por todos os cantos. É momento de honrar nossas Ancestralidades com União e Ação.

Aliança das Amazônias

Aliança das Amazônias

CHICO MENDES
SEMPRE
PRESENTE
+15.12.1944 +22.12.1988

CHICO MEN

# LEGADO

A gente sente uma grande transformação. A grande maioria já está consciente de que a luta deverá ser outra. Estão decididos a defender seus direitos, compreenderam que, unidos, têm força para segurar a terra, em que podem lutar contra o latifúndio. Antes, não sabiam o que fazer diante do problema. Mas, com o correr dos tempos, os mais experientes foram conscientizando os outros, dizendo que a terra é nossa, que foram nossos antepassados que lutaram para conquistar esta terra, e que hoje é possível fazer uma nova reconquista, se preciso.

Chico Mendes

Comitê Chico Mendes

# CNS

Ravi Moraes por Marcos Jorge Dias

Xapuri, que tava caminhando, engatinhando naquele tempo, retoma o Movimento com força. É o Movimento com uma experiência diferente: a liderança. Nós não devemos ter uma liderança única, mas todos os trabalhadores devem ser líderes. Agora, como sempre acontece no Movimento dos trabalhadores no Brasil, o pessoal começa a centrar força num nome, e esse nome, ou por sorte ou azar, caiu em cima de mim. É o Chico Mendes que começa a liderar o Movimento. Então nós começamos a pensar o seguinte: começamos a montar as escolas, começamos a construir novas lideranças. Com o surgimento das escolas, em cada uma delas começam a surgir lideranças, porque o seringueiro começa a ter uma visão e a participar mais ativamente do Movimento. Isso começou a chegar lá fora. A imprensa começa a dar um maior destaque nessa luta de Xapuri. E aí pensamos numa ideia: "Ora, o seringueiro não é reconhecido como classe. Então nós vamos ter que encontrar uma forma de pressionar as autoridades federais, lá em Brasília, foro das decisões. O seringueiro nunca foi a Brasília. Nós vamos ter que defender uma forma do seringueiro ir até Brasília e contar sua história. A Mary Allegretti começa a articular com algumas entidades e me convida. Vou a Brasília em maio de 1985 e começamos a articular o Encontro Nacional dos Seringueiros. Em outubro de 1985 a gente marca na história da luta dos seringueiros o I Encontro Nacional dos Seringueiros da Amazônia. Esse foi um encontro histórico na luta dos seringueiros em todo o Brasil. [De lá pra cá] começam a aparecer os aliados, começamos a engrossar a luta nos empates e começamos a ter vitórias. (Depoimento a Lucélia Santos, em maio de 1988).

Chico Mendes

Reprodução/Internet

# ADEVALDO DIAS

Eu sou Adevaldo Dias da Costa, presidente do Memorial Chico Mendes. O MCM foi criado no dia 12 de julho de 1996, pelo Conselho Nacional dos Seringueiros, hoje Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), com o objetivo de divulgar, em nível nacional e internacional, a luta e os ideais de Chico Mendes, e também para apoiar as comunidades agroextrativistas do Brasil. Em 4 de maio de 1997, O MCM foi legalmente registrado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), com sede e foro na cidade de Manaus, estado do Amazonas. Desde então, o Memorial Chico Mendes presta assessoria técnica ao movimento social das populações extrativistas, sobretudo na preservação da memória e na defesa do legado de Chico Mendes, e na promoção do desenvolvimento sustentável das comunidades extrativistas da Amazônia, bem como de outras regiões do Brasil. O foco das ações do Memorial é o apoio ao fortalecimento dos Povos da Floresta, em especial na execução de projetos demonstrativos locais e na incidência sobre as políticas públicas regionais e nacionais que impactam suas vidas. Sou cidadão da floresta, nascido no Seringal Mari-Mari, no município de Carauari, onde hoje é a Reserva Extrativista do Médio Juruá, no estado do Amazonas, e dirijo o Memorial Chico Mendes desde 2005. No MCM, coordenei a execução do maior programa de água e saneamento básico destinado às populações extrativistas e ribeirinhas da Amazônia, o Projeto Sanear, que proporcionou água segura e saneamento em quatro estados amazônicos, beneficiando 23 municípios, 247 comunidades e mais de 20 mil pessoas. Atualmente, articulo parcerias e coordeno projetos para as iniciativas de garantia e proteção territorial e geração de renda para as comunidades extrativistas, a partir do uso sustentável dos recursos naturais locais, como o Arranjo de Comercialização do Coletivo do Pirarucu, em parceria com a Associação dos Produtores Rurais de Carauari (ASPROC), que aumentou a renda das famílias manejadoras de pirarucu de manejo em 75%.

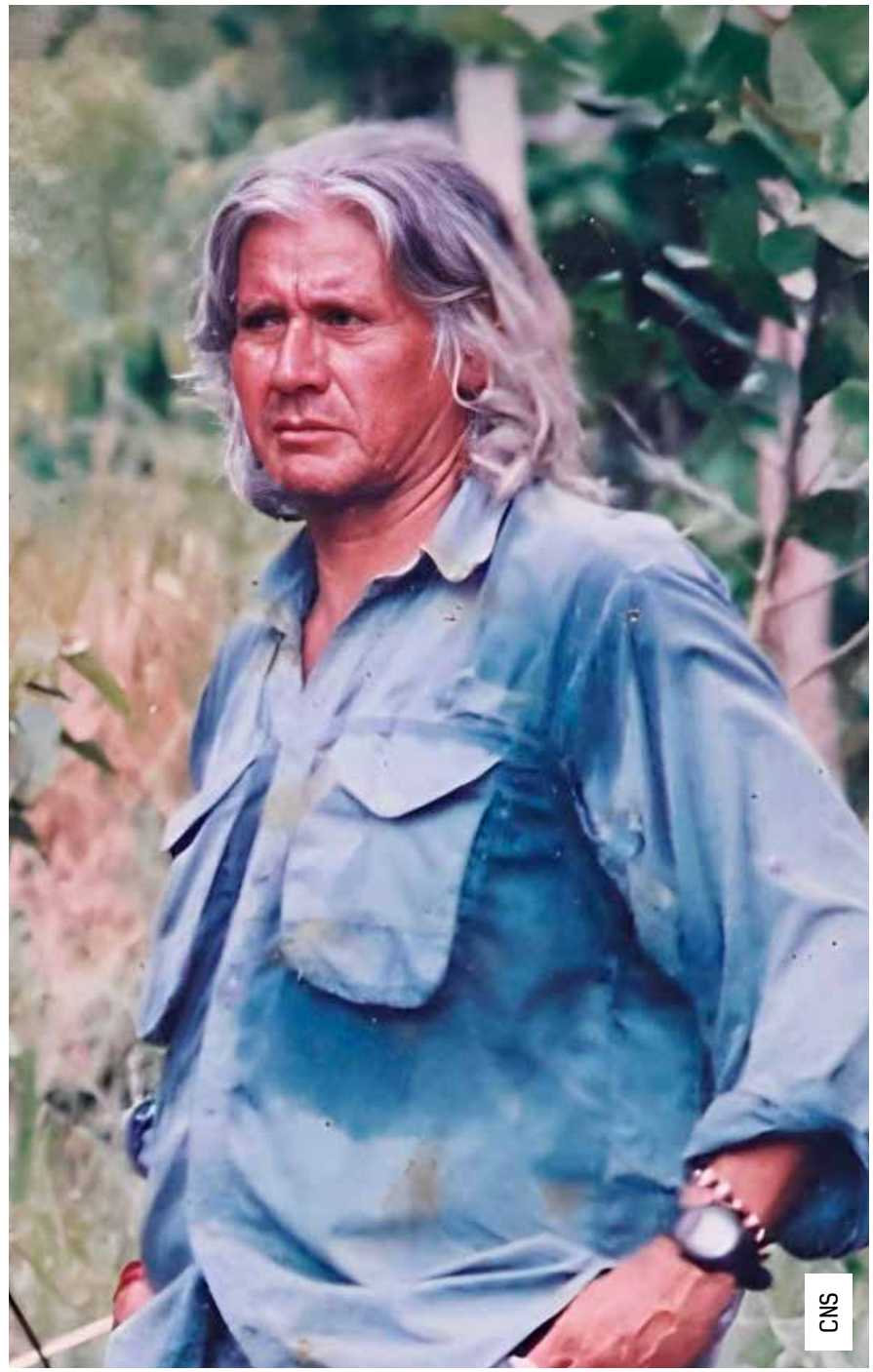
A memória e o legado de Chico Mendes, inspiração de luta para o Memorial Chico Mendes, vai continuar sendo fonte de inspiração para nós e para todas as pessoas que estão nas nossas lutas de agora e também para aqueles e aquelas que continuarão esta jornada quando a gente não estiver mais aqui. Chico Mendes: Para sempre, presente!

*"O trabalho que fazemos no Memorial Chico Mendes é nossa forma de honrar a memória e defender o legado de Chico Mendes. Somos só gratidão!"*

# JUAN CARLOS CARRASCO RUEDA

Cheguei ao Brasil, vindo do Chile por causa da ditadura de Pinochet, no ano de 1975. Nessa caminhada fui morar em Curitiba e, em 1987, fui convidado para trabalhar no Instituto de Estudos Amazônicos (IEA). Nesse ano de 1987, fui enviado a Xapuri, onde me foi dada a oportunidade única de participar da luta e da vida dos seringueiros. Ali conheci grandes líderes, com Chico Mendes, Júlio Barbosa e Juarez Leitão, que depois viraram meus amigos e companheiros. Com eles e com a equipe do IEA, ajudei a fazer os primeiros estudos e os primeiros esboços dos projetos das Reservas Extrativistas, em especial o da Reserva Extrativista Chico Mendes. Acompanhei, como técnico e militante, a criação e o trabalho do Conselho Nacional dos Seringueiros, hoje Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) e, alguns anos depois, também da criação do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA). Tenho muita saudade da ebulição dos debates e do contínuo clima de diálogo com que trabalhávamos naqueles tempos. Hoje, por uma questão de compromisso histórico com o legado do Chico Mendes, e também por acreditar que os movimentos se tornam mais fortes quando desfraldam grandes bandeiras juntos, continuo cuidando um pouco da área internacional do CNS. Recentemente, viajei à Europa com o presidente do CNS, Júlio Barbosa de Aquino, para reatar laços e estabelecer novas parcerias. Seguimos em luta!

*"Daqui de Santiago do Chile, onde hoje felizmente viceja a democracia, fico pensando nos tempos duros da luta do Acre e no muito que avançamos sob a liderança do companheiro Chico Mendes. Meu coração se enche de doída saudade."*

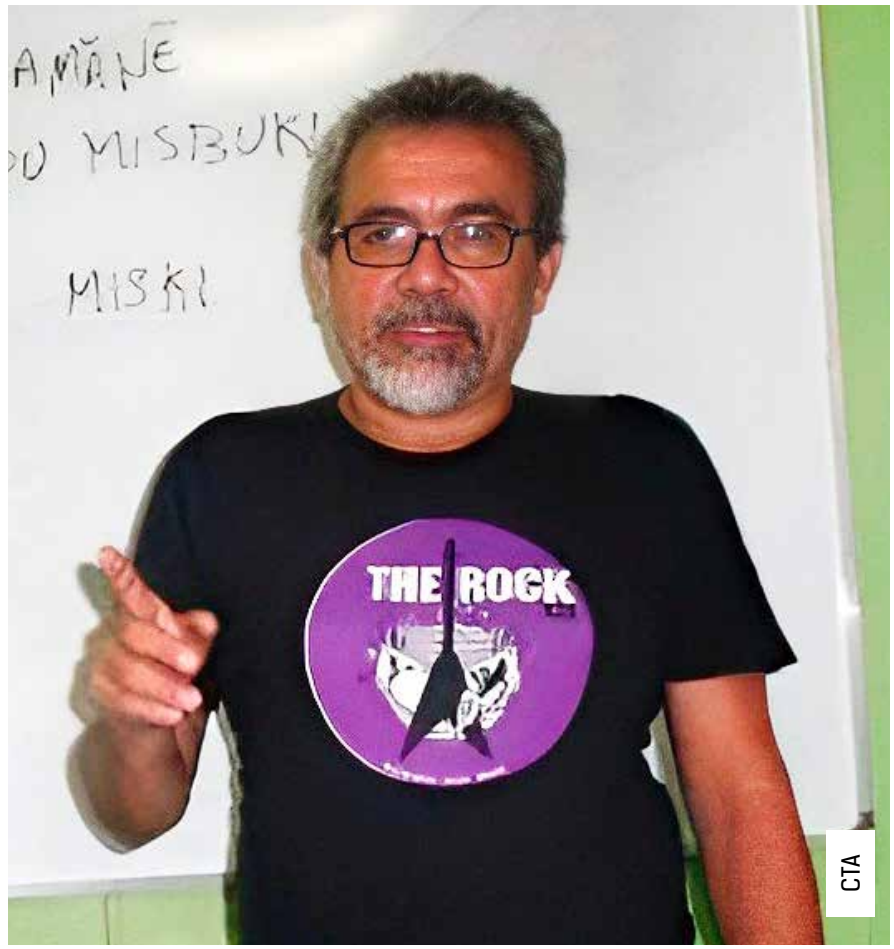


CNS

# MANOEL ESTÉBIO

Cheguei ao Acre vindo de Fortaleza, Ceará, em fevereiro de 1980. Cerca de um mês depois conheci Chico Mendes, que era vereador e detentor de um mandato popular. Naquela época os sindicatos estavam nascendo, havia apenas cinco anos que começaram a ser fundados. Em muitos casos, funcionavam como delegacias sindicais. O movimento dos seringueiros era muito forte e a Contag capitaneou a resistência contra a ofensiva do governo federal que, com o apoio local do governo estadual e das prefeituras, tinha como meta fazer do Acre um polo de pecuária extensiva, viabilizado por meio da concessão de fartos incentivos fiscais a grupos vindos do Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Por aqui eram todos designados pelos regionais com o nome de "paulistas". Em 1981, após concluir o período de formação religiosa, o noviciado, em Rio Branco, fui transferido para a paróquia de Xapuri, onde passei a ajudar o padre Cláudio Avallone. Meu trabalho era acompanhar o STR de Xapuri, que estava vivendo um processo eletivo marcado por uma disputa muito acirrada, com posições bem definidas: de um lado os que defendiam a conciliação com os fazendeiros, representando os interesses deles; do outro, os seringueiros da oposição, em sua maioria ligados às CEBs. Este grupo, onde estavam Chico Mendes, Raimundão [Raimundo Mendes], Dercy Teles de Carvalho e outros, saiu vitorioso. E a Dercy passou a ser a presidente do Sindicato. Foi nessa época que me apaixonei por ela, deixei a vida religiosa e ingressei de vez no movimento sindical. Após a Dercy deixar a gestão do STR, passamos a militar no Projeto Seringueiro, que apoiava o STR e mantinha ações de educação e saúde nas delegacias sindicais dos seringais Nazaré, Tupã e São Pedro. Fui então morar na colocação "Já com Fome", no Seringal Nazaré. Foi ali, na colocação "Já com Fome", que criamos a primeira escola do Projeto Seringueiro, construída em mutirão pelos próprios seringueiros. Essa escola foi batizada com o nome de Wilson Pinheiro, em homenagem ao nosso companheiro e mártir, assassinado em julho de 1980, no STR de Brasiléia, que ele presidia. Por um tempo a Fazenda Bordon indenizou compulsoriamente o antigo seringueiro dono da colocação "Já com Fome" e se apropriou do Seringal Nazaré. Nessa época, era a Bordon que dava a senha: se ela fizesse uma derrubada, as outras fazendas, em qualquer ponto do Acre, também começavam a derrubar. Era como se existisse um código, um acordo estabelecido, no qual o sinal de partida para as derrubadas era sempre dado pela Bordon. Mas os companheiros do Nazaré organizaram a resistência, retomaram a colocação "Já Com Fome", e isso também passou a funcionar como senha para os seringueiros de outros seringais: se os seringueiros do Nazaré eram capazes de fazer aquele enfrentamento, os outros também se sentiam desafiados a fazer os empates para proteger seus seringais. O Projeto Seringueiro também criou uma experiência de comércio solidário, batizado de Central de Produção e Consumo. Por meio dessa Central organizávamos a produção dos seringueiros, vendíamos fora dali para não sermos explorados por marreteiros e adquiríamos as mercadorias em Rio Branco. Nessa transação, o seringueiro conseguia economizar muito e ver seu esforço de trabalho ter valor, pois ficava livre daquele tipo de comércio viciado, o de troca. Sem contar que eles ficaram livres também da tara, um desconto de 10% sobre a borracha. Era uma taxa que os patrões diziam que cobravam para compensar a água contida nela. Com o Projeto Seringueiro, nós também queríamos formar agentes de saúde, tendo como espelho o projeto dos Médicos dos Pés-Descalços da China. Agentes de saúde que valorizassem os tratamentos tradicionais como a fitoterapia natural de nossa região e também fornecer-lhes conhecimentos sobre os mais variados tipos de doenças, pois muitas vinham de fora. Na época, o Sindicato era tutelado pelo Ministério do Trabalho e para ser candidato aos cargos de diretoria precisava ter documentação civil e muitos que não sabiam ler nem escrever não tinham documentos ou, se os tinham, era com a declaração de analfabeto. Isso lhes provocava vergonha e os desanimava a concorrer para esses cargos. Tínhamos que

fazer da escola um espaço de preparação de quadros para o Sindicato. Era importante que funcionasse também como agente de transformação local – permitindo aos educandos se instrumentalizarem por meio do domínio da escrita e das operações matemáticas – de maneira que pudessem minimizar o fosso que os separava dos marreteiros e fazendeiros. Esses dois grupos os passavam para trás em transações comerciais, na leitura e escrita de cartas ou outros comunicados, relatórios de reuniões, gerenciamento das centrais de produção e consumo, prescrições em bulas de remédios, na leitura da Bíblia e nos trabalhos pastorais. Como no seringal havia o predomínio da oralidade e pouco material escrito, resolvemos criar uma cartilha com palavras geradoras, frases e textos que refletiam a realidade do seringueiro de forma que conjugasse a aquisição da lecto-escritura, com o avanço da consciência política dos educandos. A cartilha recebeu o nome de Poronga, por sugestão de dois educandos: dona Alzira e seu esposo, Chico Marinho. Eles fizeram a seguinte reflexão: "Assim como a lamparina Poronga ilumina o caminho do seringueiro para livrá-lo dos perigos da noite na selva, a cartilha será uma luz para iluminar o nosso caminho, nos livrando das maldades dos patrões." À medida em que cresciam as conquistas, embaladas pelas lutas sindicais e, mais tarde, pelo CNS, as demandas das atividades desenvolvidas pelo Projeto Seringueiro também cresciam, de forma que ele passou de uma proposta – no início marginalizada e perseguida – para política pública, reconhecida pela sociedade e pelo estado do Acre. Até 1998, os serviços prestados pelo estado nos seringais – excetuando a repressão, sempre a favor dos fazendeiros e contra os seringueiros – eram somente os de saúde e educação que o Projeto Seringueiro levava aos mais distantes rincões dos seringais, tendo extrapolado o Seringal Nazaré e se expandido para mais de 15 seringais em Xapuri, e para outros tantos nos municípios de Capixaba, Acrelândia, Epitaciolândia, Brasiléia, Assis Brasil e Sena Madureira.



CTA

*"A escola do Projeto do Seringueiro foi criada pelo Movimento, para a resistência. Inicialmente era só para adultos com professores voluntários não-seringueiros, que vinham do ambiente urbano e que seguiam a pedagogia desenvolvida por Paulo Freire."*

# MAURO ALMEIDA

Acompanhei a trajetória de Chico Mendes na década de 1980, em passagens por Rio Branco a caminho de Cruzeiro do Sul, em reuniões do CNS pela Amazônia, no empate da Bordon e em alguns momentos em que ele visitou minha casa, em São Paulo, ou eu o visitei, em Xapuri. Lembro-me de episódios do empate da Bordon em 1986: um deles em Rio Branco e outro, em Xapuri, onde ficaram patentes alguns traços do Chico, como sua capacidade de mobilizar, liderar e reunir forças onde parecia não haver mais nenhuma. Essas habilidades justificam a comparação com Gandhi e Martin Luther King. O primeiro ocorreu em um debate em Rio Branco, onde Chico "convocou" os presentes para o empate da Bordon no dia seguinte, propondo a troca da solidariedade à distância pela presença física na ação. Chico estava introduzindo uma mudança fundamental no caráter dos empates ao sustentar o empate numa conexão direta entre cidade e floresta, entre intelectuais e trabalhadores. Essa mudança reverteria o isolamento dos empates, contra o qual ele já havia agido em 1985, quando solicitou à Mary Allegretti uma reunião de peso na capital da República, para dar visibilidade à resistência dos seringueiros. Chico recrutava companheiros como Gomercindo Rodrigues, para aprender uma lição inesquecível sobre a solidariedade e a amizade dos moradores da floresta que resistiam à violência. No final do empate da Bordon, depois de três dias de acampamentos e bloqueios, a polícia expulsou os participantes para Xapuri em fila indiana. Marina Silva levantou os ânimos da nossa coluna propondo a ocupação do prédio do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), transformando assim o fim de um empate no começo de outro. Ela devia estar articulada com Chico porque, quando chegamos a Xapuri, a outra coluna já estava no IBDF, cercada pela polícia militar. Chico mandou avisar aos jornais em Rio Branco que 200 seringueiros estavam no IBDF e chamou mais seringueiros para completar o número anunciado. Quando os repórteres chegaram, ali estavam os 200 seringueiros. Havia muita tensão, mas Chico controlava a situação. Com a publicidade, o empate no IBDF funcionou como a segunda etapa do empate da Bordon, questionando a administração federal e tendo a Igreja Católica como mediadora para obrigar o governo estadual e a classe política a se manifestarem. Era essa a magia do Chico: os liderados atendiam seu chamado para uma ocupação perigosa porque confiavam na sua capacidade para confrontar e depois negociar com ganho político. O empate que começou convocando participantes urbanos realizou-se com o heroísmo e findou-se com a afirmação pública da legitimidade das reivindicações dos seringueiros e de sua importância para toda a sociedade. Foi a Mary Allegretti quem, em 1985, durante o governo Sarney, organizou uma reunião de seringueiros em Brasília. Havia uns 120 participantes nessa reunião. Do ponto de vista de um movimento rural, a proposta dos seringueiros que apareceu nesse encontro de 1985, em Brasília, era parte de um programa de reivindicações deles de políticas públicas para uma população que era completamente invisível, ninguém sabia que existia. Em Brasília, nem sabiam o que era seringueiro, eles pensavam que eram seringalistas. Era uma invisibilidade completa. E o Paulo Nogueira Neto (um dos grandes biólogos conservacionistas, um dos responsáveis pela indicação e seleção de áreas de conservação em sentido estrito na época do governo militar) ouviu falar de um seringueiro de Novo Aripuanã, o Jaime da Silva Araújo, que foi escolhido pelo grupo como o presidente do Conselho Nacional de Seringueiros. O CNS foi uma entidade criada lá em Brasília, quando esse mesmo grupo teve a entrada vetada no prédio da Superintendência da Borracha (Sudeb), que recebia enormes recursos do governo. Os seringueiros, expulsos daquele ambiente, criaram ali na frente, no gramado, uma alternativa para o Conselho Nacional da Borracha, que estava se reunindo e do qual eles queriam participar. "Então, vamos criar o Conselho Nacional dos Seringueiros", e surgiu esse nome. Menos

conhecido foi o papel do Chico na criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, ocorrida depois da morte dele, em março de 1990. Desde 1986, os seringueiros do Juruá mobilizavam-se contra o sistema de patrões ainda vigente, com suas "rendas de estrada de seringa", "aviamento" e violência contra os que "vendiam borracha para fora" e contra os planos de exploração madeireira. Em fevereiro de 1988, durante uma reunião do CNS, os líderes souberam que uma fundação holandesa havia aprovado um grande apoio, abrindo as possibilidades de atuação da entidade. A questão era como estender essa atuação ao Alto Juruá, com sindicatos pelegos, igreja hostil aos movimentos populares, ausência de ONGs de apoio, patrões todo-poderosos e justiça longe dos pobres. Por sugestão de Steve Schwartzman transmitida a mim, Chico propôs o nome de Antonio Macedo para representar o CNS no Juruá. A nomeação de Macedo, juntamente com a alocação de recursos, foram os primeiros atos importantes de Chico para apoiar os moradores do Juruá. Macedo fez um projeto de criação de cooperativas, escolas e postos de saúde, intitulado Reserva Extrativista do Rio Tejo. O projeto, com ênfase na cooperativa, foi submetido ao BNDES. Era o fim do barracão, antes mesmo de resolver a situação fundiária. Mas a ideia de um projeto com recursos públicos era estranha na época e alguns sindicalistas reagiram com desconfiança. Numa reunião realizada em Ariquemes, em agosto de 1988, Chico usou sua autoridade moral para convencer os companheiros. O projeto foi aprovado em janeiro do ano seguinte. Embora nunca tivesse ido ao Tejo, Chico foi um agente decisivo para a criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá. A última vez que vi o Chico foi em novembro de 1988, pouco antes de sua morte, em Curitiba, onde soubemos do assassinato de um companheiro do Sindicato. Era um alerta para o risco que o Chico Mendes corria em sua volta a Xapuri. Mas o Chico jamais contemplou a hipótese de "dar um tempo" e, em vez disso, deu, conscientemente, a vida pelo Movimento.

*"Dos meus encontros com Chico Mendes restaram boas lembranças, como a viagem a Assis Brasil na estrada enlameada, em que todos fumavam sentados sobre a carga de tambores de gasolina e o Chico mudou de opinião sobre os "hippies" que iam para Cuzco; ou a reunião em Brasiléia, onde Chico e as lideranças sindicais dispensaram os assessores e decidiram sozinhos que a Reserva Extrativista seria patrimônio público com concessão de uso aos moradores."*

CTA

# NICE MACHADO

Eu quero falar um pouco da história do Chico Mendes. O Chico Mendes para mim foi uma liderança principal da Amazônia, dos povos das comunidades, da floresta, das águas e da zona rural, de todos os biomas do Brasil. Chico Mendes foi o principal professor nosso, foi o representante nosso, foi ocompanheiro que deixou essa marca profunda em nossas vidas. Foi com a dona Raimunda, nossa histórica quebradeira de cocos, que eu aprendi sobre o Chico Mendes e essa luta toda dos Povos da Floresta, dos povos da Amazônia, do Pantanal, do Cerrado. Eu era muito nova, e quem me levava pra tudo era a dona Raimunda. Ela era do Tocantins, eu era do Maranhão. Ela chegava pra mim e me dizia: "Nice, vamos se juntar, vamos se unir com a força do padre Josimo Tavares e do Chico Mendes." Eu tinha uns 14 anos, o Chico Mendes ainda era vivo e a dona Raimunda vivia botando isso na minha cabeça. Hoje sigo nessa luta, com a lembrança desse povo bom que me guiou na luta e que me ensinou a conhecer a história das mulheres quilombolas, das mulheres extrativistas, das mulheres indígenas, das mulheres das marés, de todas as mulheres dessa nossa resistência. Como secretária de mulheres do CNS, eu vejo a riqueza deste Movimento que valoriza os nossos conhecimentos tradicionais e, seguindo os exemplos de Raimunda Gomes, Josimo Tavares e Chico Mendes, me sinto inspirada e pronta para seguir nessa resistência.

*"Chico Mendes e dona Raimunda, os dois mudaram a história de nós, mulheres e povos extrativistas da Amazônia."*

Marcos Jorge Dias

Reprodução/Revista Piauí

O I Encontro Nacional dos Seringueiros foi um evento histórico realizado na Universidade de Brasília, com a presença de mais de 100 representantes de seringueiros, castanheiros, pescadores dos estados do Acre, do Amazonas, do Pará, de Rondônia e até do Maranhão. Muitos deles saíram da floresta pela primeira vez e levaram vários dias para chegar em Brasília vindo dos lugares mais distantes da Amazônia. O evento foi uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Acre, uma promoção da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado do Acre (Fetacre-Acre), dos seringueiros do Amazonas, da Associação dos Seringueiros e Soldados da Borracha de Rondônia, com apoio do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), do Ministério da Cultura/Fundação Pró-Memória e da Universidade de Brasília (UnB). A convocação do líder sindical Chico Mendes foi baseada em uma pauta de grande relevância para o momento em que se iniciava o processo de redemocratização no país: reforma agrária apropriada aos seringueiros, educação, saúde e política de valorização da borracha nativa. Foi durante esse evento que o CNS formulou o conceito de Reserva Extrativista como a reforma agrária dos seringueiros, tomando como inspiração as Reservas Indígenas.

Instituto de Estudos Amazônicos – IEA

João Roberto Ripper

# CRISTOVAM BUARQUE

Em 1985, além de reitor, eu era professor de economia na Universidade de Brasília. Como professor, eu ensinava a importância do extrativismo e dos ciclos da borracha na economia brasileira. Nós, professores universitários, dávamos tanta aula sobre economia extrativista sem conhecer a realidade, sem nunca ter pisado num seringal. Comigo não era diferente. Foi por isso que eu, quando solicitado pelos seringueiros para trazer o I Encontro Nacional dos Seringueiros para a UnB, concordei imediatamente. Para mim, essa era a maneira de a gente conhecer aqueles que faziam, de fato, a economia extrativista. Além disso, como reitor, eu queria abrir a UnB para a realidade brasileira. Para mim, essa era a chance de, ao trazer os seringueiros para dentro da Universidade, trazer simbolicamente o próprio povo brasileiro para o mundo da Educação. Me lembro que, no discurso que fiz na abertura do Encontro, eu falei que era professor universitário há 20 anos e nunca em toda minha vida eu tinha visto um terçado, que é o facão que se usa para fazer o corte que deixa sair o látex da seringueira, ou uma poronga, que é a lamparina que o seringueiro usa para alumiar a estrada que ele trilha na madrugada para produzir o látex, que depois vira borracha. Essas coisas eu estava aprendendo ali, com os seringueiros. Foi nessa convivência que aprendi coisas novas que marcaram o resto da minha vida até aqui. Com eles aprendi muito sobre a importância da diversidade biológica. Soube por eles mesmos que o seringueiro respeita os animais, até mesmo certo tipo de cobras, porque aqueles animais são os que os protegem de outros animais e de outros perigos da floresta. Era uma visão da cadeia ecológica que tem gente até hoje que passa quatro, cinco anos na Universidade e saí de lá sem conseguir entender conceitos básicos como aqueles que os seringueiros dominavam, pela prática de vida que tinham. Nós recebemos os seringueiros, demos todo o apoio e vivemos dias belíssimos com a UnB tomada pelos Povos da Floresta. Foram dias inesquecíveis para mim e para a Universidade. Para retribuir a generosidade de tanto ensinamento, eu fiz um gesto em nome da comunidade acadêmica, montamos um programa na UnB para trazer lideranças populares que ficavam seis meses em Brasília dando testemunhos, escrevendo, fazendo palestras e dando aulas para os universitários. E a primeira liderança convidada, por escolha do recém-formado Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), foi o Jaime Araújo, seu primeiro presidente. Desse aprendizado com os Povos da Floresta, durante aquele encontro que criou o CNS, ficou gravado em mim o sentimento de que o ser humano, por ser especial na natureza, tem a responsabilidade de proteger o meio ambiente para assegurar a sobrevivência da própria espécie humana. Isso eu ouvi dos seringueiros naquele encontro de 1985, muito antes da onda ecológica que vem crescendo no Brasil e no mundo. Por isso é que eu digo que ter os seringueiros e o Chico Mendes na UnB foi o maior presente que uma comunidade acadêmica podia ter recebido naquela época. Do Chico Mendes, a memória mais bonita que eu tenho é a do sorriso dele. Até hoje eu me emociono quando me lembro daquele sorriso, daquele jeito de olhar sorrindo pra gente. Algumas pessoas ainda hoje conversam comigo e me dizem que o Chico Mendes só ficou grande desse jeito por causa da tragédia do assassinato.  Mas um homem que conseguia falar de igual pra igual com seus pares, os seringueiros, e com o mundo acadêmico, com aquele sorriso aberto, não tinha jeito, ele fazia a gente sentir, pela presença física e pelas ideias que ele defendia, sereno, mas com muita paixão, que ele era mesmo um ser muito humano e muito especial. Eu hoje me sinto orgulhoso por saber que a mudança da política de terras no Brasil começou ali, na Universidade de Brasília, com um grupo de seringueiros, muitos deles analfabetos, mas de conhecimento profundo, capazes de produzir uma proposta de reforma agrária inovadora e revolucionária como foi a proposta de Reservas Extrativistas que eles lançaram durante o Encontro. Nesses 35 anos de permanência das ideias, mas sem a presença física do Chico Mendes, eu fico pensando no

Professor Darcy Ribeiro, que dizia: "Eu me sinto realizado porque criei uma Universidade e criei um Sambódromo, duas coisas essenciais para o entendimento da identidade brasileira." Eu não posso dizer que criei uma Universidade, porque quem fez a UnB foi o Darcy Ribeiro. Eu também não posso dizer que fiz um sambódromo, porque isso também foi coisa do Darcy Ribeiro. Mas eu posso dizer com muito orgulho que foi na Universidade de Brasília, enquanto eu era reitor e com a presença de Chico Mendes, que o Brasil aprendeu sobre as Reservas Extrativistas, e que o povo brasileiro pôde conhecer um pouco do saber profundo dos Povos da Floresta.

*"Conviver de perto com o Chico Mendes, ainda que por pouco tempo, porque eu só o vi duas ou três vezes na preparação do Encontro Nacional dos Seringueiros e algumas outras vezes durante o Encontro, foi uma das experiências mais marcantes da minha vida."*

Darcy Ribeiro e Cristovam Buarque

# FRANCISCO BARBOSA DE AQUINO
# CHIQUINHO BARBOSA

Eu sou Francisco Barbosa de Aquino, o popular Chiquinho Barbosa, de Xapuri, do Acre, a terra do Chico Mendes. Desde a minha adolescência, com 16 anos, eu comecei a militar no movimento social, através das CEBs. O Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri foi fundado em 1977. Eu acompanhei o movimento, as reuniões, as articulações do Chico não só para a criação do Sindicato, mas praticamente por toda a vida dele no movimento sindical. O Chico foi uma pessoa que, além das parcerias com os companheiros da zona rural, dos extrativistas, dos trabalhadores rurais, procurava parcerias também nas universidades, em outros movimentos. Por onde passava, o Chico sempre tentava fazer parcerias com todo mundo que defendia os direitos humanos, o meio ambiente e a justiça social. O Chico tinha essa visão da importância das parcerias que a gente chamava de extras, mas também das parcerias dentro das comunidades. Ele observava muito a juventude. Era o meu caso. Em 1986, eu vim pra Brasília representar os povos do Acre e da Amazônia no Dia Mundial do Meio Ambiente, em um encontro com o presidente da República, que eu acho que era o José Sarney. Eu era muito jovem e certamente só cheguei naquele encontro porque o Chico acreditava na juventude. Foi o Chico que deu pra nós, seringueiros, essa capacidade de acreditar em nós mesmos. Um ano antes, em 1985, eu vim para o I Encontro Nacional dos Seringueiros, em Brasília, que criou o CNS, representando a nossa região, a nossa comunidade, que é a Colocação Dois Irmãos, no município de Xapuri. O I Encontro foi uma articulação do Chico Mendes com a Mary Allegretti, que organizou a nossa agenda em Brasília e arrumou os recursos pra gente vir para o primeiro Congresso Nacional dos Seringueiros. Foi uma viagem longa e difícil, de cinco dias e cinco noites, dez dias e dez noites só de estrada, de ida e de volta. Uma dificuldade enorme, mas mesmo assim vieram seringueiros do Acre, do Amazonas, do Pará, de Rondônia e até do Maranhão. A condição era sermos vistos porque, até aquele momento, a gente era invisível. A partir do I Encontro, nós de fato deixamos de ser invisíveis. Impossível esquecer aquele momento em que, falando em nome do CNS, que acabava de ser criado, fomos entregar nossas propostas para os deputados e senadores, para as autoridades de Brasília. A grande maioria deles nem sabia o que era um seringueiro, confundiam seringueiro com seringalista. Pra grande maioria aquele "bando de invisíveis" – até então, pra muita gente, todo mundo que era povo da floresta não tinha valor, fosse índio, caboclo, seringueiro, ninguém tinha valor, era tudo invisível, tudo a mesma coisa. Eu me lembro muito bem do nosso companheiro Jaime Araújo, que acabava de ser eleito presidente do CNS, colocar para os senadores biônicos da época, da importância de terem um outro olhar para a Amazônia que incluísse o respeito aos Povos da Floresta. Foi a primeira vez que muitos deles ouviram palavras como empates, colocações, seringueiros, Povos da Floresta. Foi também a primeira vez que ouviram falar das Reservas Extrativistas, que o Chico Mendes tinha acabado de apresentar naquele Encontro que criou o CNS. Essa ideia tão boa que vingou, mas que infelizmente o Chico não pôde ver acontecer, porque as primeiras Reservas Extrativistas só foram criadas em março de 1990, depois da morte dele. Mas o legado do Chico continua. Agora, neste mês de novembro de 2023, realizamos, outra vez aqui na Universidade de Brasília, o VI Congresso Nacional das Populações Extrativistas. Sim, porque desde 2009, o CNS manteve a sigla, mas mudou o nome, para incluir extrativistas de todos os biomas brasileiros. Graças a este nosso Movimento, hoje nossos territórios tem energia, tem ramal (estrada), tem escola, tem saúde e tem valorização do nosso trabalho e nossos produtos. Felizmente, o apagão que sofremos do golpe que deram na presidenta Dilma até o fim do

governo passado, já foi embora. Ou seja, nós agora, como neste 3º mandato do presidente Lula, neste momento tão importante da redemocratização do nosso País, a gente tem condições de avançar na concretização das políticas públicas que melhoram a vida do nosso povo. Graças a este Movimento, aquela pequena semente plantada por Chico Mendes e por seus companheiros resistiu aos ataques, vingou, cresceu, virou árvore e está dando bons frutos. É por isso que comemoro, com muita alegria, este VI Congresso Nacional das Populações Extrativistas, [realizado em Brasília, entre os dias 13 e 17 de novembro de 2023] porque, depois desses últimos seis anos de trevas, conseguimos nos reunir para seguir adiante com a luta que Chico Mendes nos deixou como legado: defender nossas seringueiras, nossos Povos da Floresta e a nossa Amazônia porque, em nome do Chico, sabemos que estamos defendendo a própria humanidade.

*"A gente espera que, daqui pra frente, a gente possa ter muita capacidade para exigir dos nossos governos a consolidação das políticas públicas que nós, junto com o Chico Mendes, sonhamos para os nossos Povos da Floresta e para a Amazônia."*

Marcos Jorge Dias

# ÉLSON PACHECO DA SILVA

Eu sou Élson Pacheco da Silva, sou seringueiro de Carauari, estado do Amazonas e estou nessa luta desde a criação do CNS, em 1985. Naquela época já tinha o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Carauari que, com o apoio da Igreja Católica, conseguiu mandar um grupo de seringueiros para o I Encontro Nacional dos Seringueiros. De Manaus até Brasília foi uma vinda muito difícil, uma viagem bem pesada. Nós gastamos 72 horas de Manaus até Brasília, ficamos cinco dias em Brasília, mais 72 horas pra voltar. Isso sem contar os outros dois dias que demoramos de Carauari pra chegar em Manaus, na ida e na volta. Mas valeu a pena, porque foi em Brasília que eu conheci o Chico Mendes. A gente passou aqueles cinco dias com ele, discutindo a problemática dos seringueiros na época. Dali surgiu o documento final que foi entregue pro Governo Federal, com a inclusão da proposta das Reservas Extrativistas, uma das coisas mais importantes daquele encontro. Com as Reservas Extrativistas, a gente passaria a ter o usufruto da terra onde a gente vivia, ela seguia sendo da União, mas a gente também seria  dono porque era a gente que morava lá e cuidava daquele pedaço de floresta. Até sair as Reservas Extrativistas, a nossa situação era muito difícil, o território era controlado pelos seringalistas, que, pelo menos no nosso caso, sumiram depois da criação da nossa Reserva. E tinham que sumir, mesmo! No nosso caso de Carauari foi mais fácil, porque a gente já tinha uma associação, que passou a representar os moradores da Reserva. E a gente foi aprendendo a buscar os projetos. Hoje eu acho que estamos numa condição, vamos assim dizer, boa, porque só quem viveu no tempo dos seringalistas pode dizer o tanto que a nossa vida melhorou. Eu sempre digo que essa ideia do Chico Mendes de criar o CNS e lutar pelas Reservas Extrativistas foi e continua sendo muito importante em nossas vidas. Foi por isso que mataram o Chico Mendes, mataram outros e ameaçaram de morte outros tantos de nós. Antes, nós só sabíamos trabalhar e obedecer a eles. Eu mesmo, por lutar contra aquela opressão, fui preso e ameaçado de morte. Mas, afinal de contas valeu a pena, porque eu tô vivo, tô aqui, e o patrão já morreu. Tô bem, tenho consciência que dei minha contribuição, continuo apoiando essa luta, porque ainda faltam muitas coisas por fazer, mas isso agora é coisa para os mais novos, tô aposentado e tô feliz!

*"O Chico Mendes falava pra gente que, com as Reservas Extrativistas, o governo ia poder investir em projetos de seringueiros. Com o tempo, a gente viu que, de fato, a demarcação das Reservas Extrativistas facilitou a entrada de projetos em nosso benefício."*

Marcos Jorge Dias

# JOSÉ ALVES DA COSTA
# ZÉ SERINGUEIRO

Eu sou o Zé Seringueiro, do estado do Amazonas, do município de Carauari, é assim que me conhecem. A gente começou lutando contra os patrões, contra os barões da borracha. Eu era seringueiro, comecei a cortar seringa desde os nove anos de idade. A gente foi se organizando, se fortalecendo na luta e aí, então, no I Encontro do CNS, a gente teve aquela oportunidade maravilhosa de ver o Chico Mendes apresentando a proposta das Reservas Extrativistas que, como nós sabemos, é a reforma agrária dos seringueiros. E essa conquista é o resultado da nossa organização nas associações, nos sindicatos e no CNS. Infelizmente eu tive que me afastar um pouco desse Movimento, porque chegou um tempo em que eu precisei levar meus filhos pra cidade, pra estudar. Hoje em dia, graças  a Deus, está tudo formado, tudo tem sua família, graças a Deus. E, graças à vida que tivemos no interior, todo mundo sabe respeitar a natureza, todo mundo trabalha em benefício da natureza e eu também, de certa maneira, ainda trabalho, porque estou fora do seringal, mas continuo apoiando a organização do CNS e de todos os companheiros extrativistas. Eu continuo firme, sempre apoiando a luta dos seringueiros.

*"Eu conheci o Chico Mendes no I Encontro Nacional dos Seringueiros, em 1985, em Brasília. Foram cinco dias trabalhando juntos, trocando ideias com ele sobre a nossa luta, pensando junto e aprendendo com ele sobre o CNS e as Reservas Extrativistas. Foi uma experiência maravilhosa, inesquecível para o resto da minha vida."*

Marcos Jorge Dias

# LUIZ GONZAGA GOMES DA SILVA

Eu represento o estado de Rondônia, mas sou filho do estado do Acre, da cidade de Feijó. No tempo em que eu nasci, ali na cidade de Feijó era um seringal. Hoje é uma das grandes cidades do Acre. Meu pai era Soldado da Borracha. Então eu posso dizer que nasci dentro de um seringal, me criei dentro de um seringal, casei, criei meus filhos, tudo dentro do seringal. No total, tive 14 filhos, mas hoje só tenho 11 vivos, seis homens e cinco mulheres, sendo que a mais nova está com 16 anos. Em 1985, eu vim para o I Encontro Nacional dos Seringueiros, de Rondônia para Brasília, de ônibus. Foram cinco dias com cinco noites de viagem, rompendo a estrada de chão, de ônibus. Tinha hora que a gente tinha que descer do ônibus, desatolar e sair empurrando pra tirar da lama. Tudo isso pra participar do encontro com o falecido Chico Mendes e com alguns companheiros como o Raimundão [Raimundo Mendes] e o Júlio Barbosa, que a gente se conhece já há muito tempo. Depois, por defender as Reservas Extrativistas, eu fui emparedado por muito madeireiro, mas eu continuo na defesa, porque eu acho que trocar uma vida humana por uma carga de mogno é uma troca muito cruel. É por isso que eu continuo aqui, na luta. Antes, nós éramos subjugados pelos patrões, os patrões acreditavam que comandavam nossas vidas. Eles diziam que eram donos de tudo e, afinal, nossa luta mostrou que eles não eram donos de nada. O triste foi que nós nos salvamos das ameaças, mas o Chico Mendes, não, eles mataram o Chico Mendes. Eu acho que eles pensaram que matando Chico Mendes ia acabar esse Movimento, mas não foi assim que aconteceu. Mataram um membro da família, mas a família cresceu. Quantos Chico Mendes não tem hoje em dia? Hoje, o Chico Mendes não está só no Brasil, não, até no estrangeiro tem Chico Mendes. Foi um legado que ele deixou para os companheiros e para os mais jovens. Porque eu digo que nós já estamos no final da picada, mas tem muito jovem que está aí, continuando a luta. Eu acho, eu não acho, eu sei que os mais novos não vão deixar essa história acabar, não vão deixar a peteca cair.

*"O Chico não lutou só pela nossa causa, ele lutou pelo futuro dos nossos filhos. Se não fosse a liderança do Chico nessa nossa luta, o que seria dos nossos filhos, dos nossos netos?"*

José Ivanildo Brilhante

# MANUEL DE NAZARÉ

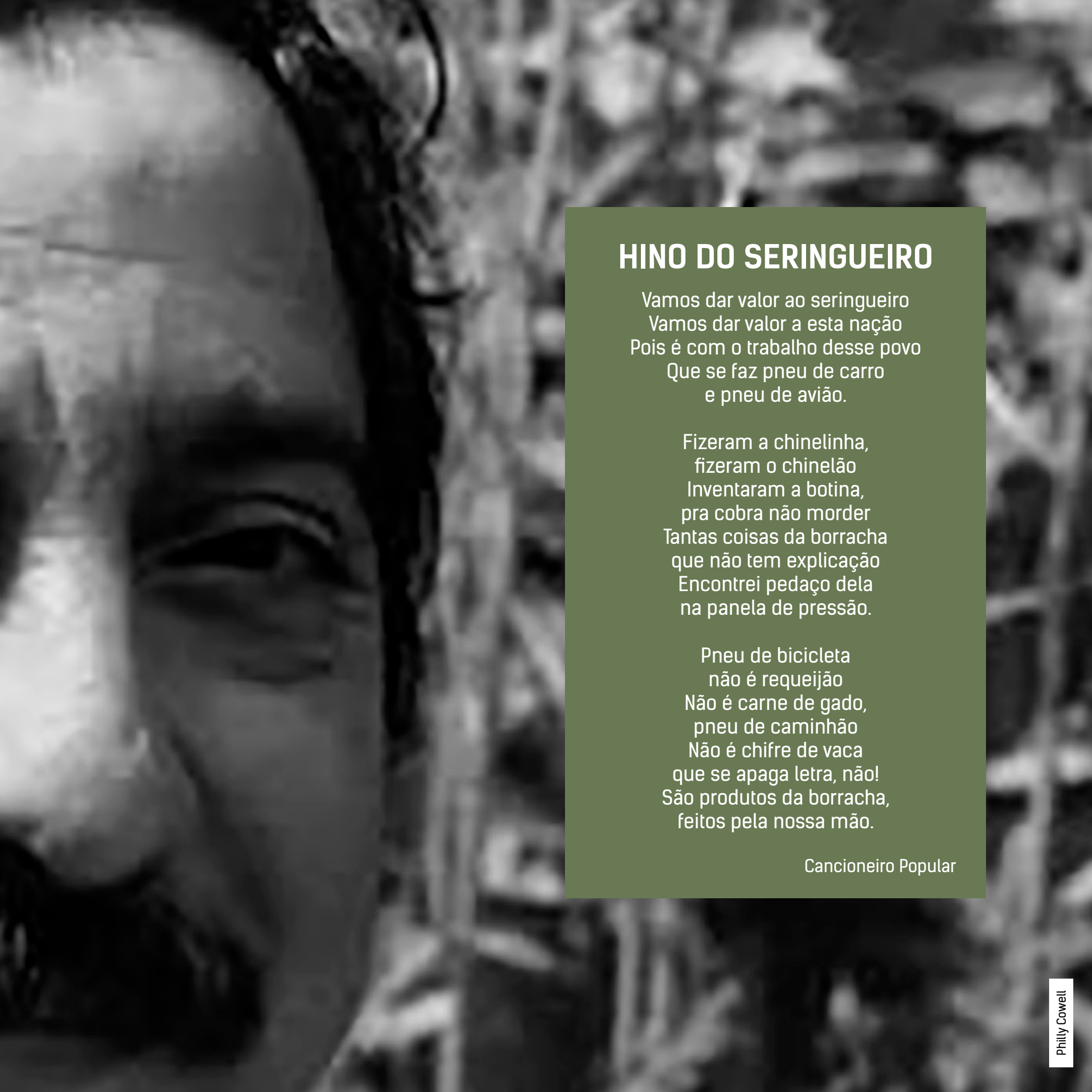
Eu sou Manuel de Nazaré Oliveira da Silva, conhecido por Seu Nazaré. Sou filho de seringueiro, filho de um Soldado da Borracha, da Ilha do Marajó, que faleceu aos 86 anos, ainda cortando seringa. A minha região todinha é extrativista, todo o município de Afuá é extrativista, a ilha toda tem uma grande quantidade de seringueiras. Estamos aqui, como seringueiros, desde a década de 1930, desde o primeiro Ciclo da Borracha. Nossos pais, que eram nordestinos, foram atraídos para a Amazônia, para explorar a borracha que os Estados Unidos precisavam pra fazer os pneus dos seus tanques de guerra. Meus avós vieram da serra de Baturité, lá no Ceará, fugindo da seca. Vieram para a Amazônia atraídos pelo sonho da fartura, mas o que encontraram aqui foi uma vida de semi-escravidão. Aqui o patrão, que se dizia dono da propriedade, inventou uma relação de trabalho  que não existe no Estatuto da Terra: ele inventou a figura do patrão e do freguês, mas não existe freguês no Estatuto da Terra. Existe posseiro, meeiro, parceiro, mas freguês não existe, mas eles criaram e abusaram dessa criação deles. Funcionava assim: a pessoa que trabalhava em uma área entregava tudo o que produzia para o patrão. O que ele produzia, a borracha e outras coisas da agricultura que ele produzia, tinha que ser vendida para o patrão, no preço que o patrão quisesse pagar. Se a borracha valia, por exemplo, R$10, ele pagava R$1. Então a gente era explorado na compra e na venda. Tinha que entregar tudo que produzia do jeito que ele quisesse. E quem reclamasse, ele mandava embora sem direito a nada. Na década de 1970, com a chegada das CEBs, a Igreja Católica nos deu um impulso muito grande de esclarecimento dos nossos direitos e deveres, sobretudo dos nossos direitos, que eram lesados. A gente foi tomando consciência disso e fomos se organizando contra essa injustiça que vinha se perpetuando por muitos e muitos anos. Eu tive a oportunidade de conhecer o Chico Mendes em 1983, na fundação da CUT, em São Paulo. Depois que eu conheci o Chico, a gente passou a se encontrar por todo o Brasil, participando de debates e criando sindicatos. E quando

Agência Câmara de Notícias

foi em 1985, eu vim pra cá, para Brasília, pra participar da fundação do CNS.  Eu vim do Pará, da divisa com o Amapá; viemos de lá eu e o Pedro Ramos, que já era do Movimento no Amapá. A gente gastou de viagem de barco, de Macapá pra Belém uma semana, porque deu pane no barco. Depois pegamos ônibus de Belém pra Brasília. Saímos com muita antecedência, porque era imprevisível o tempo que a gente ia gastar para chegar em Brasília. A gente tinha que vir, porque a vida pra nós estava impossível, os patrões controlavam toda a nossa produção, e a gente tinha que encontrar um jeito de acabar com aquela exploração. E fizemos o certo, porque hoje, felizmente, não tem mais patrão nos seringais. Mas tudo o que conquistamos foi com muita luta das associações, dos sindicatos, do CNS e das organizações que apoiam a nossa luta, dentro e fora da Amazônia. Em 1989, nasceram as primeiras Reservas Extrativistas. Em 2006, a Secretaria do Patrimônio da União (SPU) do governo Lula nos reconheceu como legítimos moradores da Floresta Amazônica e nos deu um TAU (Termo de Autorização de Uso), que não é um título definitivo, mas garante os direitos dos trabalhadores rurais. Em 2008, também no governo Lula, o INCRA reconheceu essas famílias tradicionais existentes, mas na verdade a gente não foi assentado, nós só somos reconhecidos. Por isso, os assentamentos agroextrativistas são chamados de assentamento das famílias tradicionais existentes, com todos os seus costumes tradicionais, respeitando os limites. Parece que foi muito fácil. Não foi. Perdemos muitos companheiros, eu mesmo fui muito marcado para morrer, perdi a minha liberdade, tive que andar fugindo. Eu conversei muito com o Chico,  me dei muito com ele no Congresso da CUT, em 1983, quando ele já era  ameaçado. Ele contava da situação que estava sofrendo e a gente trocava essas ideias. E eu dizia pra ele assim: Chico, tem que sair do Acre porque senão eles vão te matar, eles vão tirar a sua vida. E ele sempre respondia: "Mas eu não tenho como, porque isso já entrou no meu sangue, eu não posso fugir mais da luta. Eu tenho que ir até o fim". E assim foi.

*"Com a morte do Chico Mendes,*
*a gente perdeu um grande companheiro.*
*Mas, em cima do sangue dele, nós fizemos*
*um juramento de não esmorecer, e é por isso*
*que continuamos organizando*
*nossa resistência*
*por toda a Amazônia."*

Marcos Jorge Dias



## HINO DO SERINGUEIRO

Vamos dar valor ao seringueiro
Vamos dar valor a esta nação
Pois é com o trabalho desse povo
Que se faz pneu de carro
e pneu de avião.

Fizeram a chinelinha,
fizeram o chinelão
Inventaram a botina,
pra cobra não morder
Tantas coisas da borracha
que não tem explicação
Encontrei pedaço dela
na panela de pressão.

Pneu de bicicleta
não é requeijão
Não é carne de gado,
pneu de caminhão
Não é chifre de vaca
que se apaga letra, não!
São produtos da borracha,
feitos pela nossa mão.

Cancioneiro Popular

Philly Cowell

# RESERVAS EXTRATIVISTAS

Helio Melo

A proposta das Reservas Extrativistas é a seguinte: as terras estão supostamente nas mãos dos grandes latifundiários. Em toda a área do Acre, apenas dez donos dominam todo o poderio de terras. [São] dez mandantes. O que nós queremos é o seguinte: que essas terras passem ao domínio da União, que o governo desaproprie essas áreas, que elas passem a ser domínio da União (não do Estado, da União) e que elas se transformem em usufruto aos habitantes da floresta, ou seja, para os seringueiros. Estamos colocando como proposta [o] cooperativismo, colocando como proposta prioritária uma melhor forma de comercialização da borracha e a comercialização da castanha. Nós queremos criar indústrias caseiras para se dar prioridade às outras riquezas. Veja bem: quando nós defendemos a Reserva Extrativista é porque nós apostamos que a Reserva Extrativista é economicamente viável para o Brasil, para a Amazônia e para a humanidade. Não defendemos apenas a economia da borracha, não só a economia da castanha, mas também a copaíba e os produtos extrativistas que são vários em toda a região da floresta e que estão sendo destruídos como o coco do tucumã, o patoá, o açaí... Falta pesquisa nessa Amazônia. As árvores medicinais impossíveis de serem contadas são um grande exemplo. Falta pesquisa. Basta que o Governo leve nosso pedido a sério e nos dê essa possibilidade. Em pouco tempo vamos provar que é possível conservar a Amazônia e transformar essa Amazônia numa região economicamente viável para o Brasil e para o mundo. Nós temos clareza disso!

Chico Mendes

Miranda Smith

# ATANAGILDO DE DEUS MATOS GATÃO

Uma luta é um processo construído por muitos líderes. Um desses líderes foi o Wilson Pinheiro, pioneiro da resistência nos empates do Acre. O Chico Mendes foi outro grande líder. Os dois são símbolos do nosso processo coletivo de luta em defesa da floresta. Houve também gente que veio de fora, que entendeu nosso pensamento, se somou à nossa luta e nos ajudou a organizar nossos processos de mobilização, articulação, organização e produção. Gente solidária que abriu portas para os Povos da Floresta no Brasil e no mundo. É por isso que nunca vai ser possível, com um tiro ou com um punhado de tiros, eliminar uma ideia que se consolidou através de um processo coletivo, onde a luta em defesa da floresta sempre foi uma luta do conjunto dos Povos da Floresta, com a força parceira de seus aliados. Foi desse processo coletivo que surgiu a ideia das Reservas Extrativistas, como a nossa proposta de reforma agrária para a Amazônia. As Reservas Extrativistas são, até hoje, o modelo de desenvolvimento sustentável mais moderno que existe, porque valoriza a própria terra e protege a floresta como um todo: a água, o verde, o ar, os produtos e as comunidades. É um modelo que cuida da floresta e das comunidades que vivem na floresta. Aí é que a gente começa de fato a mudar: porque em uma Reserva Extrativista a comunidade é quem vai aprendendo a fazer a sua própria gestão. Vai errando e acertando, e nisso vai se tornando dona do seu presente e do seu futuro. Muitas entidades nos ajudaram a estruturar nossas ideias, a mostrá-las para o resto do Brasil e para o mundo, ou até mesmo contribuíram com recursos, comida e, nos tempos mais duros, com roupas usadas. O mesmo aconteceu com tantas pessoas que sempre foram solidárias e companheiras. Mas também teve e tem gente que, mesmo com boas intenções, atrapalhou e continua atrapalhando. Gente que acha que os Povos da Floresta devem viver em total isolamento. Gente que não entende que os nossos filhos, como os filhos de qualquer cidadão ou cidadã, querem melhorar de vida, se educar, ter saúde, comer bem, se vestir bem. Nós também gostamos de roupa boa, de coisa bonita, de informação e tecnologia moderna. Apenas não queremos destruir a nossa floresta para ter mais coisas materiais. Queremos que todas as Reservas Extrativistas tenham seus planos de manejo; que haja recursos para que eles sejam implementados; que nossos produtos sejam valorizados; e que nossas culturas sejam respeitadas. Para cuidar da floresta, precisamos conscientizar as pessoas e o governo sobre a necessidade dos Planos de Manejo. Com um Plano de Manejo fica mais fácil fazer o monitoramento, corrigir problemas, encontrar soluções, realizar projetos e proteger os recursos naturais.

*"Nós queremos viver bem, viver felizes, com simplicidade. Queremos um desenvolvimento sustentável, com qualidade de vida e proteção da floresta."*

Fundação Perseu Abramo

ICMBio

# EUGÊNIO SCANNAVINO NETTO

Meu primeiro contato com a Amazônia foi em 1977-1978. Fui para o Vale do Juruá, no Acre, meio na doida. Eu era estudante de Medicina. Conheci o Terri Aquino e li o primeiro número do Varadouro, o "Jornal das Selvas", que tenho até hoje. Descendo os rios de barco, fui fotografando a realidade da vida dos seringueiros. Ainda tinha os seringalistas. Naquele pedaço gigante de floresta, era uma realidade de escravidão. Documentei essa história descendo os rios Juruá e Purus, e tive que sair de lá escondido em um barco, no meio de uma tonelada de pirarucu seco. Logo depois que o Chico Mendes foi assassinado, em 1989, fomos para o I Encontro dos Povos da Floresta, que também foi o II Encontro Nacional dos Seringueiros. Fizemos a animação cultural, já com a TV Mocoronga, resultado do trabalho do Projeto Saúde & Alegria, uma ONG que atua na Amazônia desde 1987. A morte do Chico foi uma tragédia anunciada. A gente já esperava que alguém entre nós ia morrer naquela história. Em 1990, o então Presidente Fernando Collor contingenciou os recursos do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), bloqueou as verbas dos projetos das comunidades e liberou o preço da borracha, que caiu muito. As Reservas Extrativistas começaram a esvaziar. Ele também parou os projetos de reservas em andamento. Nessa época eu era um dos representantes das ONGs da Amazônia na Conferência Preparatória da Eco-92, em Genebra, na Suíça. Começamos a pressionar o governo brasileiro por lá. Num dia de sábado conseguimos um espaço de cinco minutos para falar nos meios de comunicação da ONU. Informamos ao governo brasileiro que se o Collor não consolidasse o projeto das Reservas Extrativistas e das Terras Indígenas, não retornasse o subsídio da borracha e não liberasse os recursos do FNMA [Fundo Nacional do Meio Ambiente], a gente iria usar o espaço para denunciar que todo o esforço brasileiro para a Eco-92 era uma grande roubada. Chamamos a imprensa toda e dissemos que tínhamos uma bomba para revelar no sábado. O embaixador brasileiro ficou desesperado. A gente dizia que não tinha negociação. Quando foi na sexta-feira, ao meio-dia (deveria ser oito horas no Brasil), ele ligou do orelhão de um dos corredores da Conferência para o Brasil e pediu três horas. No final da tarde, o decreto estava assinado. O Movimento decidiu que queria ter voz. Começou a surgir o GTA. Houve um momento em que chegaram os representantes dos países desenvolvidos (G7), e o ministro do Meio Ambiente disse que ali não havia espaço para ONGs, porque era um assunto exclusivo de Governo. Falamos que ia haver denúncia de que aquele era um acordo suspeito com dinheiro do Banco Mundial. Por meio dessa pressão, conseguimos cadeiras na coordenação do programa. Em 1978, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBDF) tentou expulsar os moradores da Reserva do Tapajós e as comunidades resistiram, inclusive com a influência das lutas de que participava o Chico Mendes. Mas, enquanto no Acre o foco foi criar a Reserva Extrativista, lá no Pará havia sido criada uma Floresta Nacional em cima das comunidades. Essa luta foi importante para que a Lei do Sistema de Unidades de Conservação (SNUC), discutida ao longo dos anos 90, reconhecesse a presença das populações nativas.

> *"Quando o Chico Mendes morreu, a ficha caiu para todo mundo: a gente tinha que continuar lutando. Hoje a gente vê que a morte do Chico não foi em vão. Ele nos motivou, nós nos articularmos mais, buscamos apoio internacional, porque éramos muito isolados. O Chico deu visibilidade para essa luta toda."*

Projeto Saúde e Alegria

# LÚCIA HELENA DE OLIVEIRA CUNHA

Após "cem anos de solidão", os seringueiros saíram da mata e mostraram ao Brasil e ao mundo que eram um povo sábio: um povo com projetos políticos tecidos com base em sua experiência de vida secular na floresta tropical, propondo, de modo próprio, combinar desenvolvimento e conservação da natureza. O principal porta-voz deles era um sujeito histórico-social genuíno – Chico Mendes – que anunciou a proposta das Reservas Extrativistas como um modelo de reforma agrária para a Amazônia. A partir de 1985, as Reservas Extrativistas ganharam expressão no cenário nacional e internacional, passando por amplo debate nos diferentes setores sociais (governos, partidos políticos, universidades, instituições de pesquisa e movimentos sociais), que deram visibilidade aos seringueiros protagonistas da proposta. Antes dessa "aparição", os seringueiros eram vistos como seres fora do tempo. Mas, operando em redes sociais entrelaçadas, o movimento dos seringueiros inaugurou, na década de 1980 (ou desde os anos 70, com os empates), práticas políticas inovadoras, articulando várias entidades de mediação nos planos regional, nacional e internacional. A morte de Chico Mendes contribuiu para a instituição das Reservas Extrativistas na Amazônia – um de seus principais objetivos de luta, objeto também de várias pressões locais e opção de construir o seu destino como ser e como líder, de ter vida para lutar em defesa da vida: "Quero viver, para salvar a Amazônia!" O Chico fez a ponte entre o particular e o universal, conectando a Amazônia com a vida do planeta. Esse foi um processo demorado, manifesto ora através de grito, ora através do diálogo, ora do silêncio; como se, ouvindo os sons da floresta, fosse tecendo sua luta por entre os fios invisíveis que entrelaçam os galhos das árvores com as espécies de seres vivos que integram a vastidão amazônica.

*"Hoje, a luta em defesa da Amazônia não interessa só a nós, seringueiros e índios, mas a toda sociedade brasileira, ao mundo inteiro e a todo o planeta."*
Chico Mendes

# MANOEL CUNHA

Me criei entre as 14 praias do Rio Juruá, no estado do Amazonas. Só conheci uma cidade aos 24 anos, quando o remédio caseiro não deu mais conta da malária. Já era casado, com dois filhos, e sabia da exploração terrível dos patrões sobre os seringueiros, mas não como lutar contra ela. Atualmente sou casado, tenho cinco filhos e vivo na Reserva Extrativista do Médio Juruá. São três horas de voo de Manaus e outras 30 horas de barco para chegar à minha casa. É muito caro viajar pra casa, mais caro do que ir pro exterior. Então fico três a quatro meses isolado da minha família, depois volto e passo uma ou duas semanas na comunidade. Em 1990, recebemos a visita de uns companheiros que atuavam no Movimento de Educação de Base (MEB), que vinham do Acre para fazer trabalho de base na nossa região. Eles falaram das lutas de Chico Mendes e das conquistas do Movimento.  Começamos uma reunião na boca da noite que só acabou às duas da manhã. Ali começou a nossa luta para deixar de ser "freguês", como éramos chamados, e pra nos organizar nossas comunidades em busca de  melhorias pro nosso povo. Os patrões, além de nos venderem caro as mercadorias, não nos deixavam plantar feijão, arroz, mandioca ou melancia porque, segundo eles, a gente ia gastar na roça o tempo de cortar seringa. Era triste viver sempre dando o sangue sem saber pra quê. O povo do Acre falou do CNS e a gente se entusiasmou sabendo que era possível viver sem tanta humilhação. Em 1993, criamos a Associação dos Produtores Rurais de Carauari (Asproc) que passou a cuidar da comercialização de nossos produtos. Paramos de vender para os regatões, acabamos com os intermediários. Aí veio o segundo golpe: os patrões tentaram impedir nossa entrada na floresta dizendo que era terra deles. Então lutamos pela criação de uma Reserva Extrativista no Médio Juruá e, em 1997, conseguimos. O Médio Juruá acabou virando duas Reservas, porque na época, um doido do IBAMA disse que por lei uma Reserva não podia ser criada dos dois lados do rio. Ninguém nunca viu essa lei, mas a área foi considerada Reserva primeiro de um lado e, o outro somente em 2003, como Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS). Esse tipo de Reserva não era a nossa paixão, porque prioriza menos a regularização fundiária, mas cedemos porque o governo estadual criava suas Reservas com mais rapidez. A Asproc trabalha com as duas Reservas e, por meio desse trabalho, conseguimos captar recursos para apoiar os extrativistas com equipamentos de apoio à produção, crédito subsidiado, saneamento básico, comercialização de produtos sem atravessador e outros benefícios. Além disso, viabilizamos formas de entrar no sistema de compra antecipada da Conab. Tudo isso considerando ambas as Reservas. Conto essa minha história para mostrar um pouco de nossa luta coletiva em defesa da vida e da liberdade das populações da floresta.

*"Por aqui, vamos caminhando com alegria e esperança, lembrando sempre de nosso companheiro Chico Mendes."*

CNS

# TERRI AQUINO

Nasci e cresci no Acre, mas na juventude fiquei um tempo no Rio de Janeiro para me formar em Sociologia e Política na PUC, em 1972. Depois fiquei em Brasília, pra terminar o mestrado em Antropologia na UnB, em 1977. Quando voltei, fui trabalhar com um grupo indígena Kaxinawá do Rio Jordão, que eram seringueiros. Em 1975, fiz uma pesquisa de campo sobre esses grupos de índios-seringueiros nos rios Envira, Tarauacá e Jordão, e eu também havia encontrado um grupo desses num seringal chamado Fortaleza, onde eles não eram mais submetidos a nenhum patrão. Voltei no ano seguinte, fascinado. Eles pediam ajuda para conseguir financiamento de safra e cultivo da antiga Superintendência do Desenvolvimento da Borracha (Sudevea). Apresentei um projeto sobre a arte e a cultura dos Kaxinawá para a UnB e deu certo. Nessa mesma época, os seringueiros estavam saindo do isolamento do preço da borracha; de manter o seringueiro na colocação; de comprar os produtos mais em conta no barracão. Em 1985, quando foi criado o CNS, já havia essa ideia que o Chico provocou chamando pesquisadores que trabalhavam com os seringueiros, para discutirem um formato de uso da terra na floresta, inspirado no modelo indígena da terra pública, da posse coletiva, com concessão de uso para a comunidade, que veio a ser as Reservas Extrativistas. Depois dos danos com a BR-364, o novo projeto do BID na região previa um plano de proteção ambiental. Infelizmente, a Aliança entre seringueiros, índígenas e ambientalistas só se materializou depois da morte de Chico, mas antes disso ela tomou diversas iniciativas importantes. Uma delas foi chamar o Antonio Macêdo, com muita experiência na FUNAI, para uma reunião, em abril de 1988, comigo e com o Mauro Almeida. Nela, o Chico pediu ao Macêdo para cuidar da criação da Reserva Extrativista no Alto Juruá. O Macêdo usou a experiência indígena que ele tinha para ouvir as comunidades, formular cooperativas e fazer um projeto para o BNDES incluindo as comunidades vizinhas de 17 ou 20 grupos indígenas. Foram mais de 500 mil hectares de floresta envolvidos nessa área, que já nasceu integrando índígenas e seringueiros. Quando olhamos para o Acre, vemos que agora existe uma soma de todas essas lutas, com as Reservas Extrativistas, as Terras Indígenas e as reservas ambientais formando um mosaico e um corredor ecológico em oito milhões de hectares, ocupando quase metade do Estado. É incrível esse resultado: um corredor contínuo, uma beleza de natureza conservada. Esse foi um efeito das lutas do Chico Mendes e dos nossos Povos da Floresta.

Zezé Weiss/Revista Xapuri

*"O Chico Mendes tinha um espírito ambientalista, uma sensibilidade que o levava a perceber que algo devia ser mudado."*

Cleudon França/Memorial Chico Mendes

# ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA

Com essa experiência de Xapuri em realizar o I Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília, nesse encontro se começa a descobrir outras lideranças que viviam isoladas, que despertam a sua consciência e começam então a se expandir essa luta por toda a Amazônia. E surge a proposta de aliança entre as principais lideranças indígenas. A partir daí para se unificar essa luta dos seringueiros. Com a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) , se pensa numa possibilidade de manter contato com a direção da União das Nações Indígenas (UNI). Se faz um contato através do Ailton Krenak, a partir [daí] com Ubiraci Brasil. A discussão começa a se ampliar e hoje começa a acontecer os encontros dos índios com a participação dos seringueiros e a Aliança começa a se ampliar. A nível de cúpula ela está ampliada. Só falta agora se estabelecer essa Aliança nas bases dos índios com os seringueiros. Denomina-se com isso a Aliança dos Povos da Floresta Amazônica. (Depoimento a Lucélia Santos, em maio de 1988).

Chico Mendes

Acervo CNS/CTA

OS POVOS

# AILTON KRENAK

Eu hoje fico pensando como a agenda da Aliança naqueles primeiros anos tinha um apelo tão forte, tão mobilizador. Eu acho que esse apelo tinha a ver um pouco com a novidade da experiência vivida com os ventos da nova Constituição [de 1988]. Foi nesse ambiente rico que o Chico projetou muito mais do que ideias, ele projetou uma utopia. Com sua presença calma, com o seu próprio tom de voz, nunca tinha exaltação na fala dele e, mesmo quando ele falava das injustiças, das coisas duras que aconteciam com ele e com a floresta, a maneira dele expressar era sempre tão amorosa e tão boa que, em vez de desespero, o que o Chico passava sempre era esperança. A presença do Chico como uma pessoa da paz e do diálogo, naquele momento em que o Brasil vivia o seu processo de redemocratização, ficou marcada de forma muito especial naquela plantinha que brotou no meio daquele ambiente de mudança e que nós chamamos de Aliança dos Povos da Floresta. Apesar de todas as dificuldades, porque nada foi fácil e nem a gente sabia se a semente que nós plantamos ia vingar ou não, quando ainda não se pensava na articulação de vários setores da sociedade, a nossa Aliança juntou indígenas, seringueiros, ribeirinhos e mais um monte de gente em uma só bandeira, em um espaço acolhedor para a prática da parceria e da solidariedade. Eu me entusiasmei tanto com aquela energia positiva, que eu acho que é essa energia que me motiva até hoje. Fiquei tão feliz com esse "caminho" quando a gente abriu aquela Embaixada dos Povos da Floresta, no ano de 1991, em São Paulo, no governo da Luiza Erundina como prefeita, quando a Marilena Chauí, o Paulo Freire, o Gianfrancesco Guarnieri e um monte de gente interessante se tornou parte do governo municipal, passando para os nossos povos e para a nossa cidadania claros sinais de esperança. Aqueles foram tempos de alegria por ver crescer a luta civil, por ver como ia ficando forte a luta cidadã, com os índios e os seringueiros tendo até mesmo uma embaixada na maior cidade do país. Uma embaixada que empolgava as lideranças espalhadas pelo Brasil afora apenas pelo fato de existir! Na nossa embaixada, a agenda era feita pelos próprios Povos da Floresta que, naquela época eram chamados de Povos da Floresta mesmo, porque ainda não tinha esse conceito, que apareceu no final dos anos 90, de chamar indígena, seringueiro e ribeirinho de Populações Tradicionais. Antes era uma coisa mais forte, da gente mesmo, gerando uma autoestima danada. Ao mesmo tempo em que juntávamos gente das aldeias e das Reservas Extrativistas em torno da Embaixada dos Povos da Floresta, nós também fizemos em Goiás, na região Centro-Oeste do Brasil, o Centro de Formação e Apoio a Pesquisas Indígenas, com a Universidade Católica de Goiás. O Centro tinha o saudoso companheiro Wanderley de Castro, que vinha de longas jornadas com o Chico Mendes pela floresta, enquanto realizava, com o diretor inglês Adrian Cowell, a série intitulada "A Década da Destruição", que balançou a opinião pública mundial com denúncias sobre a devastação da Amazônia, e que mostra o Chico fazendo os empates nas áreas onde hoje estão instituídas as Reservas Extrativistas do Acre. Esse Centro de Pesquisas em Goiás foi o ponto de partida para os programas de formação de educadores e pesquisadores indígenas e até mesmo para os agentes agroflorestais que existem hoje pelo país afora. Sem essa trajetória, não teríamos aberto a porta das universidades para os Povos da Floresta. Foi com essa energia empreendedora que consolidamos, na região do Alto Rio Juruá, uma iniciativa como a dos Ashaninka, que levantaram sua organização, a Apiutxa, e o Centro Yorenka Átame, de onde o Benki Ashaninka e seus companheiros mostram ao mundo uma alternativa que extrapola os limites da Terra Indígena Ashaninka e da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Ali, das curvas do Rio Juruá, descortina-se essa experiência envolvente dos Ashaninka, não só com o seu próprio povo, mas também com as vilas e comunidades do seu entorno, abrindo novas perspectivas para o desenvolvimento de uma economia apoiada na riqueza das nossas florestas e nas práticas apoiadas no conhecimento tradicional. E foi seguindo com os ideais do Chico Mendes, que acreditava na importância de informar o

mundo sobre a nossa Aliança, que fizemos aquela turnê com o Milton Nascimento para a Califórnia, Washington e Nova York, no início dos anos 1990. A gente fazia aquela Semana da Amazônia em Nova York, transformando, todos os anos, a cada Semana da Amazônia, aquele momento e aquele nosso espaço da Amanaka'a em caixa de ressonância para mandar o nosso recado para o mundo inteiro. Eu me sinto orgulhoso de ter participado de tudo isso com uma turma tão comprometida com o entendimento de que a floresta é um lugar sagrado, onde a vida se realiza de maneira plena. Durante toda essa jornada, a presença do Chico foi sempre muito viva e muito importante. Até hoje a presença dele é tão forte e tão inspiradora que muitas vezes sinto que ele está bem aqui do nosso lado, marchando junto com a gente. Ao fazer essa reflexão, eu penso sempre no Chico Mendes como um ser humano curioso, inquieto e instigador, que estava sempre buscando alternativas para melhorar a qualidade de vida dos Povos da Floresta. No Encontro dos Povos das Florestas realizado em 2007, em Brasília, foi este o apelo que emergiu: não somente a Floresta Amazônica, mas todas as florestas são motivo e causa de nossa mobilização e de nossa luta pela proteção do planeta e de sua biodiversidade. Em todos os biomas, temos riquezas incalculáveis para dar suporte à vida, e fazer o uso responsável desses recursos, protegendo essa riqueza para as futuras gerações, é nossa principal missão. José Lutzenberg, que foi um amigo e incentivador da luta do Chico e da Aliança, dizia que éramos os jardineiros da natureza. Eu completo dizendo que somos os guerreiros da floresta, porque seguimos firmes na decisão de fazer viver para sempre o legado de Chico Mendes e da Aliança dos Povos da Floresta.

*"Chico Mendes projetou muito mais do que ideias, Chico Mendes projetou uma utopia."*

Adriana Moura

# ALMIR NARAYAMOGA SURUÍ

Sou Almir Narayamoga Suruí, líder do Povo Paiter Suruí e coordenador da Associação Metareilá do Povo Indígena Paiter-Suruí. Sou um líder indígena que, com 17 anos de idade, começou a assumir a responsabilidade de lutar contra o domínio dos não-índígenas, a partir da decisão do meu povo Paiter-Suruí, que achou que eu podia buscar o melhor caminho para o nosso futuro e para o futuro da Floresta Amazônica, onde nós vivemos. Em 1997, fui coordenador do Movimento Indígena em Rondônia. Naquela época, eu achei que um jovem indígena com apenas 19 anos não fosse conseguir liderar 43 Povos Indígenas. Era uma responsabilidade, porque eu tinha que entender o que cada um daqueles povos queria,  e depois tinha que consolidar tudo aquilo dentro de um mesmo projeto de futuro coletivo. Esses 43 povos e mais um, o povo não-indígena que integra toda a população de Rondônia, do Brasil e do mundo. Desde 1986, com o Chico Mendes e o Ailton Krenak na liderança, os líderes tradicionais da Amazônia discutiam uma Aliança dos Povos da Floresta, e nós começamos a planejar como construir essa grande Aliança para trabalhar com os seringueiros, ambientalistas, movimentos sociais, sem-terra, pequenos agricultores, com todo mundo que tinha o mesmo sentimento de defesa da Floresta. Sentimos a necessidade de nos aliarmos com todos eles para lutarmos, juntos, pela floresta. A gente sabia exatamente o que queria, mas não conseguia que os outros entendessem direito isso. Então nós, Paiter-Suruí, tratamos de aprender mais o Português, para conseguir dialogar e fazer melhor a proteção das nossas terras. Foi nessa busca que, em 1998, enfrentamos um grande desafio: nem eu, nem ninguém do meu povo sabíamos que existia e nem qual era o significado da palavra diagnóstico. Eu queria conhecer melhor a minha terra, queria saber o que tinha nela, porque eu entendia que, conhecendo melhor a minha terra, eu poderia encontrar a melhor solução para os problemas do meu povo. Eu precisava fazer o diagnóstico da situação da minha terra. Fizemos o diagnóstico com o apoio do Banco Mundial. A primeira Terra Indígena demarcada em Rondônia foi a nossa, a do povo Paiter-Suruí. Muita gente acha que os Povos Indígenas não têm capacidade de caminhar e de desenhar seu próprio destino. Mas nós temos. Quando fizemos o nosso diagnóstico, o nosso planejamento e o nosso plano de gestão, nós mostramos que temos muita capacidade de planejar e de executar o que planejamos. O diagnóstico da nossa Terra Indígena mostrou que cerca de 248 mil hectares da nossa floresta já tinham sido desmatados pelos madeireiros. Diante dessa realidade, buscamos apoio e fizemos o projeto de reflorestamento dentro do nosso território, para plantar mais de um milhão de mudas. Hoje, já plantamos milhares de mudas, só de plantas nativas. Pra conscientizar as pessoas sobre como pensamos e como fazemos a proteção da floresta, fizemos uma parceria com o Google. Acreditamos que a tecnologia é importante na luta dos Povos Indígenas. Acreditamos também que é preciso contar nossa história, porque isso de certa maneira protege as vidas de nossas lideranças que, como eu mesmo, vivem ameaçadas de morte.

> *"Infelizmente, mesmo depois desse tempo todo, algumas lideranças continuam marcadas para morrer. Quero dizer aos que ameaçam, aos que continuam matando várias lideranças na Amazônia, aos que acabaram com a vida de Chico Mendes, que todo mundo tem o direito sagrado à vida e que nós não vamos desistir da defesa de nossos direitos."*

# FLORESTA EM PÉ

O velho guerreiro Paiter
Andou pela mata do Lapetanha
Tomou água do cipó
E brincou com o beija-flor
Que orientava os outros bichos
Sobre a importância da floresta
Enquanto isso, o madeireiro cortava
A castanheira onde estava
o ninho do Gavião Real
E o ministro do Meio Ambiente
autorizava a morte dos índios isolados
O velho guerreiro Paiter
Orientou os jovens guerreiros Paiter
A protegerem a floresta
Da ambição dos políticos
e dos que destroem a floresta
Em nome do crescimento.

Almir Suruí

Vozes da Floresta

# ÁLVARO TUKANO

Sou Tukano da Terra Indígena Balaio, estado do Amazonas, município de São Gabriel da Cachoeira. Sou fundador da Aliança dos Povos da Floresta, junto com o Ailton Krenak, com o Chico Mendes e com tantos outros companheiros. Tenho orgulho de participar desse Movimento, porque a Aliança é muito importante para todos os Povos da Floresta. A história da Aliança tem um papel muito grande para as lideranças que vêm chegando, porque dá força na luta dessas novas lideranças para manter nossas florestas em pé. A Aliança teve um sentido amplo, porque conseguimos lutar juntos, indígenas e seringueiros. Nós, que começamos separados, vindos de mundos tão diferentes, terminamos por somar na luta, porque descobrimos que temos os mesmos interesses, que o melhor para nós será estarmos sempre do mesmo lado, pela floresta. Fizemos essa Aliança para defender a vida e a natureza para os indígenas, para os seringueiros, para os povos que vivem e os que não vivem na floresta. É por isso que muitos indígenas foram para Xapuri na  época dos empates, ajudar o Chico Mendes a lutar contra os jagunços e as derrubadas. E, depois da morte dele, eu mesmo fui lá, visitei as Reservas Extrativistas, visitei a casa e o túmulo dele, em busca de mais força para seguir lutando. Com o Chico Mendes, aprendemos a sempre buscar aliados, a não só ficar esperando pelas autoridades. Por exemplo, para demarcar as Terras Indígenas sempre precisamos muito das autoridades, mas as nossas Terras não seriam demarcadas se não fosse pela nossa luta, se não fosse pela Aliança, se não fosse pela iniciativa da autodemarcação que nós tomamos anos atrás. E se os seringueiros hoje têm as suas Reservas Extrativistas, foi porque eles, com a nossa ajuda, fizeram os empates do modo deles. Se não fosse o Chico Mendes fazendo as coisas do jeito dele, se juntando com os indígenas, fazendo amizade com a imprensa e buscando aliados lá fora, hoje a gente não estava aqui falando da Aliança dos Povos da Floresta. Eu fui para a reunião da Aliança em 1989. O Chico já tinha morrido. Foi muito triste, mas também muito bonito, porque todos se comprometeram em continuar com a luta do Chico. Hoje o Chico não está mais aqui, mas a luta continua, e a Aliança continua viva para todo índígena e todo seringueiro. Isso me emociona porque nós já brigamos muito com os seringueiros, quando a gente achava que qualquer um era inimigo. Só depois, com o Chico Mendes e o pessoal dele, foi que vimos que eles eram nossos aliados, que não vieram para o Acre matar índios como os patrões deles falavam pra nós. Do mesmo jeito que nós, eles também eram contra o desmatamento e contra a pecuária que acabavam com a floresta. Então nós ficamos amigos, nós fizemos essa Aliança que vai durar para sempre, porque estamos do mesmo lado.

*"Hoje o Chico não está mais aqui, mas a luta continua, e a Aliança continua viva para todo indígena e para todo seringueiro."*

Gabriel Uchida

# ANTÔNIO APURINÃ

Funai

Sou Antônio Apurinã, cofundador da União das Nações Indígenas (UNI) e cofundador da Aliança dos Povos da Floresta. A UNI era uma instituição forte politicamente, mas sem registro jurídico, a gente trabalhava debaixo do guarda-chuva do Núcleo de Cultura Indígena (NCI), fundado pelo Ailton Krenak, lá em São Paulo. Legalmente, a UNI também era só um nome de fantasia, porque até a Constituição de 1988 os Povos Indígenas não tinham o direito de ter suas próprias organizações. Nossa principal luta era pela regularização das Terras Indígenas, porque esse foi o tempo em que, no governo Sarney, o Estado brasileiro tentou nos tirar das nossas Terras Indígenas e nos isolar em colônias, sem direitos e sem liberdade. No Acre, nossa luta era a mesma, só que um pouco mais acirrada, porque estávamos em vias de perder as nossas Terras para o desmatamento, provocado pelos "paulistas" para implantar a pecuária extensiva. Foi por causa das ameaças comuns que começamos a conversar com os seringueiros, através do Chico Mendes e de outras lideranças. Então surgiu a ideia de fazermos uma Aliança para apoiar a luta dos Povos Indígenas na defesa dos seus direitos originários, e também para apoiar os seringueiros na defesa das Reservas Extrativistas. Trabalhando unidos, um podia fortalecer o outro. A Aliança foi uma das coisas mais bonitas que aconteceram no Movimento Social brasileiro. Quando o Chico estava vivo, ele falava sempre da importância da nossa Aliança. Me lembro de uma vez em que fizemos uma assembleia indígena na Fundação Cultural do Acre, por volta de 1987, e o Chico, que tinha chegado de uma viagem do exterior, contou pra gente que, por onde tinha passado, ele tinha deixado recado sobre a Aliança. Nessa época, eu estava me iniciando na militância, com muita perseguição da ditadura, mas a força do Movimento era muito forte. A ditadura foi uma fase horrível, em que não tínhamos liberdade de nos expressar, com a Funai controlando todos os nossos movimentos. Hoje é outra coisa, conquistamos, pela força da luta da Aliança e dos movimentos, esse bem tão essencial que se chama liberdade. É por isso que, olhando para trás, eu vejo que valeu a pena o trabalho da UNI, do CNS, valeu a pena o diálogo para fazer a Aliança, valeu muito a pena essa trajetória e essa caminhada. Eu sou uma prova viva do quanto essa luta foi importante. Vivo com alegria a experiência de ver que o indígena deixou de ser tratado pela Funai como bichinho de estimação. Mas falta, ainda, o governo regularizar de uma vez por todas as Terras Indígenas e fazer o mesmo com todas as reservas dos seringueiros e de todas as outras comunidades extrativistas do Brasil.

*"Hoje os Povos Indígenas sofrem menos preconceito, mas ainda falta muito para que suas vozes sejam ouvidas na hora de o Estado brasileiro fazer as políticas públicas que impactam as suas vidas."*

# ANTONIO MACÊDO

Meu nome é Antonio Luiz Batista de Macêdo e sou um lutador. Nasci na colocação Bagaceira, no Seringal Transvalle, no Rio Muru, no município de Tarauacá. Cresci nas aldeias indígenas de Tarauacá. Em meados da década de 1970, comecei a trabalhar com a questão indígena do Acre, primeiro como indigenista, depois como sertanista, e assim estou até hoje. Ouvia falar muito do Chico Mendes, mas só conheci o Chico em 1978. Eu trabalhava no Vale do Juruá e ele no Vale do Acre. Nesse mesmo ano de 1978, criamos a Comissão Pró-Índio do Acre, o Terri Aquino, a Concita Maia, a Dedé Maia e eu, para organizar o Movimento Indígena. Em 1983, nós tentamos fazer a primeira assembleia indígena do Acre, mas só conseguimos reunir doze lideranças. Era uma trabalheira danada, porque as lideranças desconfiavam umas das outras, ainda por conta dos desentendimentos do passado, das guerras de pajelança, das corridas para fugir dos brancos. Existia uma resistência tanto dos indígenas contra os seringueiros quanto dos seringueiros com relação aos indígenas. Na segunda assembleia, em 1984, decidimos convidar o Chico Mendes e o Ailton Krenak, para tentarmos encontrar um caminho de juntar as nossas lutas, e aí já conseguimos reunir 80 lideranças. Nós colocamos o seguinte: Chico, os indígenas e os seringueiros são diferentes, sim, porque os indígenas são de uma sociedade tradicional e os seringueiros são de uma sociedade secular, mas a diferença acaba aí, porque ambos bebem das mesmas águas nos mesmos igarapés e são explorados pelos mesmos patrões, são coagidos pelo mesmo sistema feudal que ainda funciona nos seringais. Sabe, Chico, todo mundo luta por terra, todo mundo está brigando para preservar os seus espaços na floresta, para proteger a mata que garante a nossa caça e o nosso peixe. Do lado de cá estamos nós, desunidos, e do outro lado estão os exploradores, que nós todos sabemos quem são. O Chico concordou muito com essa conversa e veio para o nosso Encontro. Logo essa união se concretizou na região de Xapuri e no Alto Juruá, onde criamos a regional do CNS e a Aliança dos Povos da Floresta. Nós só fizemos o que fizemos porque conseguimos

Antonio Macêdo

*"Sabe, Chico, todo mundo luta por terra, para preservar os seus espaços na floresta, para proteger a mata que garante a nossa caça e o nosso peixe."*

estabelecer uma cadeia de amigos muito grande. Um dia me levaram para o Rio de Janeiro, pra  entregar um prêmio para o Paul McCartney – e eu nem sabia de quem se tratava. Perguntei para a May Waddington porque esse tal de Paul tinha que ganhar prêmio em vez de um índígena ou de um seringueiro. A May me disse: "Macêdo, você não sabe quem é o Paul McCartney, você não sabe o que são os Beatles?" Aí é que eu fui aprender.  Hoje conhecemos muito mais gente no mundo e em qualquer lugar sabemos defender o legado da luta do Chico Mendes e de todas as lideranças que foram assassinadas, e tenho a certeza de que, seja onde estiverem, estão orgulhosas do que fizeram e do que continuamos fazendo em memória de cada uma delas.

# BENKI ASHANINKA

Ouvir a natureza é um ato de amor
saber ouvir o silêncio é uma sabedoria
rimar meu canto poético é mostrar o meu amor.

Fui feliz desde criança
sempre sonhei com um futuro melhor
Mas isso é um ponto de reflexão
escutando os pássaros a cantar.

A floresta inteira a sorrir
O cantar das folhas
com o zunido do vento
levando o perfume das flores,
essa é a Amazônia feliz.

A chuva cai e levemente
o sol a enxuga, os rios crescem
e os peixes dançam nas águas,
com alegria chega o pescador
neste astral de felicidade sem fim.

Assim rimei minha poesia,
sou um índio da floresta,
tenho a arte da sabedoria,
faço arco, tenho flecha
defendo minha floresta sem temor
com paz e harmonia.

Assim, neste caminho,
conheci muita história,
caboclo, índio, negro
Se reunindo para concluir uma história
onde nasceram vários líderes,
com nomes especiais:
Antonio Pianco Ashaninka,
Ailton Krenak, em Minas Gerais
Nesta história, Chico Mendes,
Antonio Luiz de Macêdo,
Terri Aquino e outros mais líderes
que trouxeram a luta ao mundo
com suas histórias reais.

A Amazônia é cheia de mitos,
mistérios e muitas histórias,
de onde veio Chico Mendes,
herói dessa história,
e que levou ao mundo
a memória dessa história.

Com isso, Chico foi embora
deixando uma voz
para as pessoas do mundo refletirem.

A Amazônia é grande,
Mas o mundo é maior,
minha casa é tão pequena
e assim sou eu
que quero também multiplicar essa história
cuidando da mãe Terra
e da floresta onde nasci.

Das águas, quero a proteção
que faz parte deste ciclo mundial.

Aqui finalizo minha poesia
com esta recomendação:
Todos façam o que eu faço
em defesa desta união,
faça por ti o que eu faço por mim,
formando um mundo com um só coração.

Benki Ashaninka

Benki Ashaninka

# CHICO APURINÃ

Sou Chico Apurinã, da Aldeia São Francisco, da Terra Indígena Água Preta-Iñari, município de Itauni, no Amazonas. Comeceino Movimento Indígena em 1985, quando fui para Rio Branco estudar. Em 1989, comecei a trabalhar no Movimento. Trabalhei junto com Antônio Apurinã na UNI-Acre, até 1994. Um pouco antes, eu já estava na articulação da Aliança dos Povos da Floresta com o Chico Mendes e com todos os companheiros. A Aliança veio como uma resposta à invasão do Acre por outros povos que vinham de culturas que não eram as nossas e que chegavam para desmatar a floresta e colocar o gado. Era uma violência muito forte. Nós e os seringueiros estávamos vendo nossas terras tradicionais sendo ocupadas sem que nenhuma providência fosse tomada. A Aliança surgiu para somar nossos esforços em torno dos nossos interesses, que eram os mesmos. O Ailton Krenak e o Chico Mendes coordenaram a formação da Aliança. Mesmo depois da morte do Chico, em março de 1989 realizamos o encontro que eles estavam preparando, o I Encontro dos Povos da Floresta, porque a Aliança dos Povos da Floresta era o espaço mais importante que tínhamos nas mãos. Esse foi o jeito que nós encontramos para comunicar as nossas mensagens para o mundo exterior, porque até então a lei brasileira não permitia a livre manifestação dos Povos Indígenas. Foi somente com a Constituição de 1988, com toda a luta do Movimento Indígena e da sociedade civil que a gente passou a ter o direito de se organizar. Em 1989, foi criada a COIAB. A COIAB nasceu com o mesmo sentido da União das Nações Indígenas (UNI), para reforçar a luta pela demarcação das Terras Indígenas, por uma melhor educação e uma melhor saúde, e também por atividades econômicas sustentáveis com respeito aos nossos valores e às nossas tradições indígenas. A Coiab foi criada para trabalhar na Amazônia, mas desde o começo foi entendido que ela articularia não só na Amazônia, mas também com o resto do Brasil, então o Movimento saiu se ampliando, fazendo as alianças políticas de interesse dos Povos Indígenas.

Funai

*"Nós queremos achar o caminho menos traumático para inserir as demandas dos nossos Povos Indígenas nesses espaços de políticas públicas que estão sendo construídos, sem com isso abrir mão da nossa floresta em pé e da qualidade de vida com respeito à identidade, aos valores culturais e às tradições ancestrais dos nossos Povos Indígenas."*

Acre 24 Horas

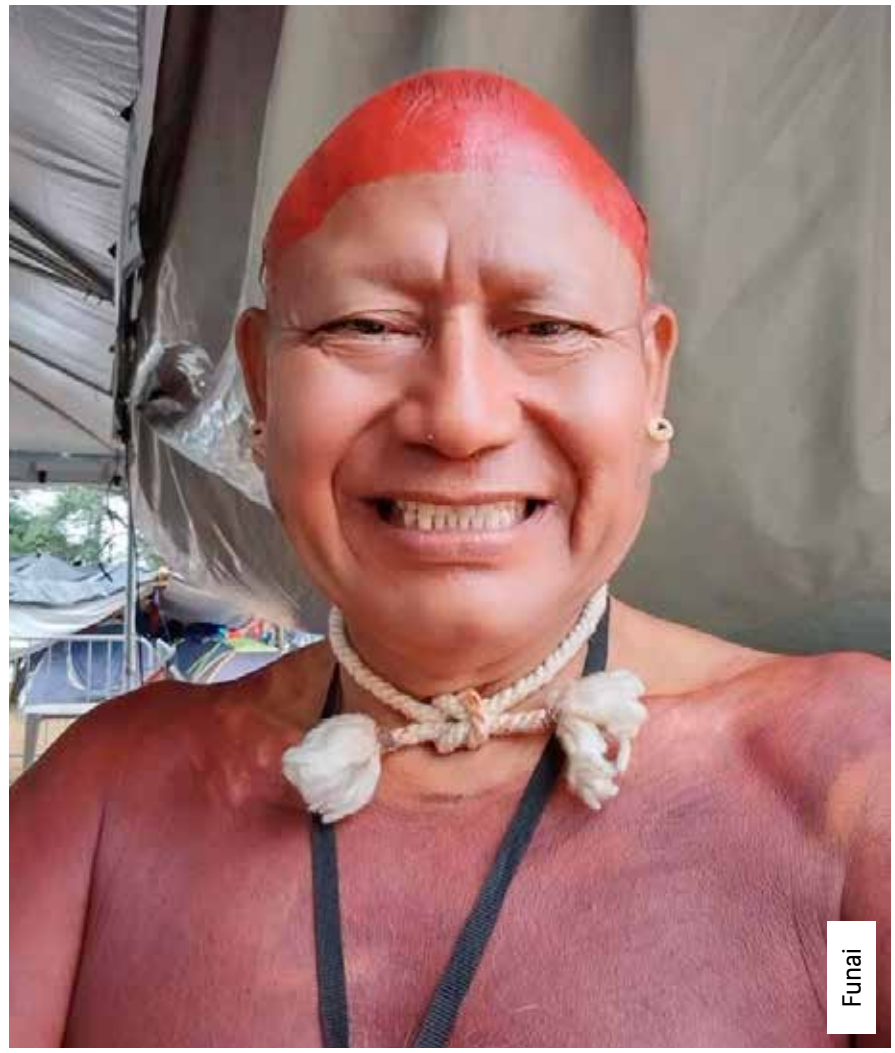
OS POVOS

# CIPASSÉ XAVANTE

Para o meu povo sou Cipassé Xavante. Na língua dos brancos, me acrescentaram o nome de Paulo, então virei Paulo Cipassé, da etnia Xavante, e assim vou pela vida. Sou cacique da Aldeia Wederã, que quer dizer Aldeia do Jenipapo, localizada na Terra Indígena Pimentel Barbosa, que fica no estado de Mato Grosso. Estou no Movimento Indígena desde muito cedo, desde o começo, desde quando eu era um estudante indígena, nos anos 1970-1980. Eu vim de Mato Grosso para estudar em Goiânia, porque na minha aldeia não tinha escola e, depois do ensino fundamental, continuei em Goiânia. Eu era muito novo, estava com 18 anos, quando comecei a me articular com outros estudantes que estavam organizando o Movimento Indígena em Goiânia. Foi nesse tempo, no final da década de 1970, início da década de 1980, que eu conheci o Ailton Krenak e várias outras lideranças. Nessa época, o Ailton já estava fazendo este papel de articulador e de grande pensador que ele cumpre até hoje. Houve um Encontro de lideranças indígenas em Goiânia e para esse Encontro vieram o Ailton Krenak, o Cacique Raoni Metuktire e o Marcos Terena. Eles eram a vanguarda do Movimento. Foi nesse Encontro, apoiado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), que me deram uma assinatura do jornal Porantim por um ano, para que eu pudesse acompanhar os assuntos do Movimento Indígena. Com meus 19 anos, eu me casei com uma indígena Karajá que encontrei em Goiânia, a Severiá Idiorê, e logo entrei no Movimento fazendo projeto para o meu pessoal Xavante com a ajuda dela. Achei que já estava na hora de deixar a escola para ficar dedicado só aos projetos da minha aldeia. Então eu e o Wanderlei de Castro, que era um técnico amigo do Chico Mendes, do Ailton Krenak e muito companheiro dos indígenas, fizemos o Projeto Jaburu, para reflorestar a nossa área Xavante e, ao mesmo tempo, trabalhar com a criação e o manejo de animais silvestres, para que não faltasse caça para o meu povo. Esse projeto não nasceu da minha cabeça. Nasceu do sonho de um dos nossos pajés, o

Funai

pajé Sibupá Xavante. Foi o pajé Sibupá que me mandou buscar ajuda para fazer a proposta e aí nós falamos do sonho para o Wanderlei de Castro. Ele então explicou que, para ver o sonho acontecer, era preciso escrever um projeto. Nós fizemos o projeto com o Wanderlei e, com a ajuda do Ailton Krenak, fomos buscar recursos para fazer nossa criação de animais silvestres e para reflorestar a nossa área, plantando muitos pés de frutas do Cerrado. Hoje, resumindo, acho que essa experiência valeu muito a pena. Ainda escuto que o nosso projeto foi pioneiro na criação de animais silvestres em Terras Indígenas, e que inspirou muitos outros projetos em muitas outras comunidades, indígenas e não-indígenas, no Brasil inteiro. Para nós mesmos, o projeto foi e continua sendo muito importante até hoje na nossa aldeia, porque traz conhecimento e permite à população jovem Xavante continuar sendo um povo caçador. Só que, agora, a gente cria a caça que os jovens buscam na mata. Mas o modo de vida, a herança cultural, o ritual da caça continua sendo o mesmo de sempre entre os Xavante. E isso ajuda a  manter nossa tradição e nossa união. Da minha aldeia eu continuei acompanhando e participando da articulação dos seringueiros com os indígenas, para fazer a união de povos da natureza. O nosso primeiro Encontro dos Povos da Floresta, que foi também o II Encontro Nacional dos Seringueiros, aconteceu lá no Acre, em 1989, depois que o Chico foi morto, mas muito antes a gente já estava discutindo e organizando essa Aliança dos Povos da Floresta, até mesmo aqui no Mato Grosso e em Goiás, porque nós, indígenas e seringueiros estávamos lutando pelas mesmas coisas: pela demarcação das Terras Indígenas e pela demarcação das Reservas dos Seringueiros. Então, na base, a partir das nossas aldeias, a gente começou a trabalhar para fazer essa Aliança. Como naquela época quem articulava por nós era a UNI, ela ficou responsável, através do Ailton Krenak, de selar essa união com o Chico Mendes, em nome de todos nós, porque eles eram os dois grandes líderes da nossa luta naquele momento.



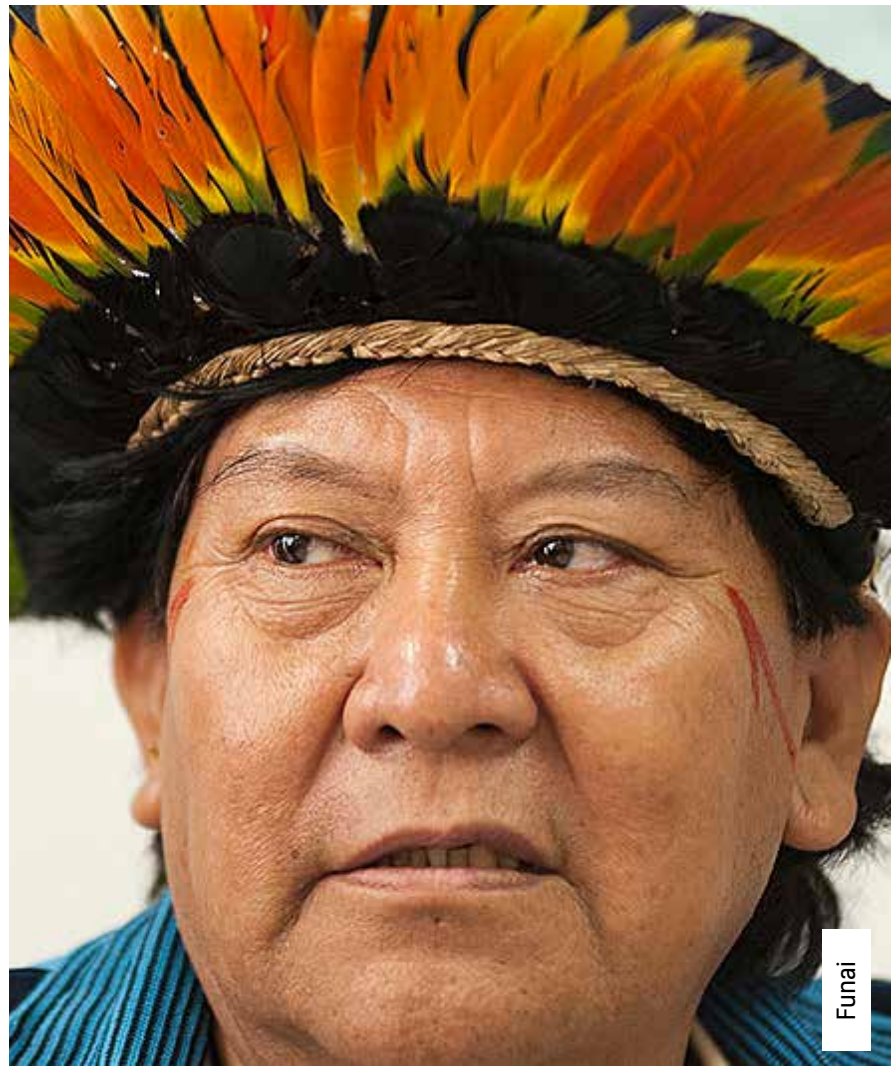
Funai

*"Hoje, o Chico não está mais aqui, presente fisicamente, fortalecendo a nossa união. Mas seu legado continua e, pra nossa sorte, o Ailton Krenak continua vivo, formando consciências.*

# DAVI KOPENAWA YANOMAMI

Fiquei contente por ser encontrado, neste lugar que não é tão fácil de encontrar, para deixar meu depoimento. Estou aqui na Hutukara, que surgiu de um sonho meu. Após tudo o que vivemos, passei por períodos muito perigosos para mim. Tive problemas com os brancos, com os garimpeiros na minha terra. No início, eu era sozinho, lutando sozinho. Com o tempo, fui me sentindo apoiado por uma legião de parentes e irmãos índios e não-índios. Nós obtivemos vitória em nossa luta, conseguimos demarcar a nossa Terra Yanomami em 1992. Depois, voltei para minha aldeia, minha maloca, e vi que nossos filhos não sabiam falar nem escrever em português, não sabiam se movimentar na língua portuguesa, e tinham, também, dificuldades para se comunicar em nossa própria língua materna. Foi preciso dedicar um bom tempo para fortalecer nossa língua-mãe e fazer da nossa geração mais jovem uma geração comprometida com a cultura Yanomami. Houve um tempo em que precisávamos dar novos rumos e alento ao nosso povo e, então, nós fomos conversar com os noruegueses, e pedimos apoio para os nossos pequenos projetos. Queríamos criar escolas na aldeia Demini Watik. Depois do encontro com esses amigos líderes e com a ajuda de Marcos Terena, do Ailton Krenak e do Jorge Terena, que já morreu, demos início à criação da escola. Andei com o Ailton e outras lideranças e obtive muitas experiências. Aprendi com eles como criar um núcleo de cultura indígena e comecei a participar da UNI. Mas uma inquietação me movia e eu me perguntava: por que os Yanomami não participavam? Era preciso lutar para plantar nosso pensamento, nossa própria árvore, e assim surgiu a participação dos Yanomami no Movimento. Fizemos a Aliança dos Povos da Floresta para falarmos uma palavra só. Para termos uma só voz. Nunca fui aos seringais, mas aprendi a respeitar o nome e a força dos seringueiros. E, no meio dos seringueiros, tinha um guerreiro, um lutador na preservação da natureza e na proteção da Amazônia. Fui companheiro do Chico e comunguei e comungo de seus ideais. Os Yanomami e os seringueiros têm os mesmos ideais: defender a floresta, o nosso povo, a nossa cultura, os nossos direitos. Defender a nossa saúde, os nossos alimentos. Conheci Chico Mendes um pouco, encontrei com ele uma vez, logo depois ele foi morto. Mas, no lugar dele, ficou muito companheiro bom de luta, gente que continua sua luta e defende os seus sonhos. Também aqui, no meu povo, muitos foram mortos pelos garimpeiros. Nós ficamos tristes pela morte de Chico Mendes e pelos mortos do meu povo, porque querem acabar conosco também. Os brancos são como a cutia do mato, que rouba o nosso roçado. A gente planta e a cutia rouba. Os brancos são como cutias. Chico Mendes e eu fomos ganhadores de prêmios em reconhecimento por nossa luta. Conhecemos muita gente aqui e fora do Brasil. O mundo do branco, para nós, indígenas, é muito cruel. Nos causa muito choque, por exemplo, esse caso de querer rediscutir a lei da mineração. Essa história está nos deixando revoltados, bravos mesmo. Querem acabar com a floresta, com o meu povo e com eles mesmos, porque não só os Yanomami vão morrer. Quando eles acabarem com a floresta, desmatarem tudo, matarem as árvores e os pássaros, depois o rio, a terra e o que tem de bom na natureza, a morte também vai chegar para o branco. O que não é bom para o povo indígena não é bom para o povo branco. Eu aprendi a lutar, a defender minha terra e meu povo. Outros parentes lutam em suas aldeias contra os homens brancos, sempre os mesmos inimigos. Continuamos lutando. Um ponto muito importante é sonhar pra não ficar doente e não ficar sofrendo. Então, sonhar para o índígena é uma experiência diferente do sonhar do homem branco. O sonho serve de transporte de mensagens para outro mundo. Essas mensagens são para esse nosso mundo aqui, para o mundo em geral, porque nossa Terra é única. O sonho que recebemos é mensagem de união e conservação, por isso, nunca jogamos bomba para matar os outros, nunca desmatamos nossas terras. Nossa floresta é usada com muito cuidado, não é derrubada para ser negociada, para fazer dela dinheiro ou vender para estrangeiro. Os estrangeiros já acabaram com suas terras

e ficam de olho na nossa. O Chico e eu fomos e somos dois sonhadores. O sonho nos ensina a ficar espertos. Não deixar o não-índio muito próximo. O sonho nos fala: os perigosos estão chegando, os bárbaros estão chegando; vêm de muito longe, procurando a nossa terra. Mandei mensagem com outro pajé para todos os indígenas do Brasil; existem poucos pajés agora. A cultura e a religião dos não-pajés (os não índios) está acabando com os pajés. Os Yanomami mandam uma mensagem para todos tomarem cuidado. Os perigos estão aumentando, a violência está aumentando. A fome, a poluição, a falta de chuva, o planeta está esquentando muito. O pajé manda essas mensagens que, para nosso povo, se chamam Xapori: do céu, das florestas, da lua, do sol, do rio, das montanhas. É necessário um ritual de pajelança para poder sonhar. Aprendemos a usar a palavra espírito para o homem branco compreender o que é o Xapori. O homem branco não consegue entender o Xapori. Essa cor de tucano, de arara, esse colar é das montanhas, da floresta, é o sonho que recebemos para preservar a beleza das florestas, a riqueza da nossa terra. A sabedoria, o conhecimento é o nosso maior sonho. Em cada pensamento, em cada sonho, o *Pata* – o nosso líder maior da floresta, um ser superior – nos ensina. Nós somos filhos dele. Aprendemos a sonhar, a ter visões e sonhos. O nosso sonhar é uma forma de contato direto com o pajé. O pajé canta e dança diferente. Todos os povos da Terra são parentes. Só a pele é diferente. O ser humano é um só. Todos os corações são iguais; nós somos o coração da Terra. Um só coração. Um só povo. Tenho três nomes: Davi, herói que derrotou Golias; Kopenawa, que significa aquele que luta para defender seu povo; e Yanomami, aquele que surgiu primeiro na Terra. Eu mesmo escolhi meu nome. Defendo minha Terra e meu povo com minha boca e minha voz; não com flechas, porque não sou criminoso. Digo aos inimigos que não podem entrar em minha Terra, pois eles não têm o umbigo enterrado nela. A Terra é nossa, de nossos antepassados e de nossas gerações futuras.



Funai

*"Fui companheiro do Chico e comunguei e comungo de seus ideais. Eu tinha um amigo pra lutar ao meu lado e perdi esse amigo. Sempre me lembro do Chico Mendes, porque lutamos e sofremos juntos."*

# IVANEIDE BANDEIRA CARDOZO
# NEIDINHA

Sou Neidinha, ambientalista, natural de Plácido de Castro, no Acre, mas de coração rondoniense. Cresci no meio da mata, em uma localidade chamada Rio Táxi, próximo aos limites da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, no estado de Rondônia. Meu pai era seringueiro, minha mãe era seringueira e tínhamos essa convivência o tempo todo com a floresta. Quando criança, meus brinquedos eram paca, cutia, tucano, mutum e outros animais. Para sair de casa, andávamos 60 dias dentro do mato, porque não tinha estrada, não tinha nada. Com 12 anos, vim para a cidade estudar. Entrei numa escola pública, onde aprendi a fazer teatro, que hoje utilizo como instrumento de denúncia. Também pinto e escrevo poesias, tudo sobre a Amazônia. Minhas poesias são de muito sofrimento. Quando estão queimando a floresta do meu estado, escrevo coisas tristes, porque é um impacto muito forte e uma dor muito grande. Fiz faculdade e me formei em História. Em 1984, comecei a trabalhar como voluntária, distribuindo folhetim sobre a questão indígena. Naquela época, ainda não tinha ONG e éramos nós que fazíamos o trabalho junto com pessoal do CIMI. Fui para São Paulo fazer mestrado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em 1987, voltei para trabalhar a minha tese sobre a defesa da floresta e dos Povos Indígenas e entrei de vez nessa luta, abandonando o mestrado, porque aqui tenho minha alma, meu coração, meu corpo todo e o meu olhar de pesquisadora, de quem ama a floresta e seu povo. Era o tempo do PoloNoroeste. Muitos índígenas eram recém-contatados, e a FUNAI costumava levá-los para a administração, que ficava na frente da minha casa. Um dia, o pajé dos Paiter (Suruí de Rondônia), o Perpera, na primeira vez que esteve em Porto Velho, foi tomar banho no chuveiro e a água estava muito quente, pois meu pai tinha acabado de colocar um chuveiro elétrico na minha casa. O pajé entrou pro banheiro e começou a gritar que a água estava quente. Ele ficou nervoso e quase se queimou, porque não entendia o processo de aquecer a água com energia elétrica. A partir desse dia, passei a acompanhar também os Paiter (Suruí). Já acompanhava os Uru-Eu-Wau-Wau, contactados em 1981. Trabalhando na FUNAI, fui a primeira mulher chefe de posto em Rondônia. Junto com outros funcionários, vimos um chefe da FUNAI incentivando os índígenas a venderem madeira. Denunciamos e fomos todos exonerados. Além de demitidos, fomos proibidos de entrar na área, fomos obrigados a ficar longe do povo que amávamos e que tentávamos proteger. Mas isso não impediu a nossa luta: passamos a fazer vigilância no entorno da Terra Indígena. Como saída, em 1992 criamos uma ONG, a Kanindé – Associação de Defesa Etnoambiental, com a missão de defender os Povos Indígenas e a floresta, para colocar em prática os nossos ideais. Sem dinheiro, de carona ou a pé, andávamos quilômetros e mais quilômetros, fiscalizávamos, registrávamos e denunciávamos para o Ministério Público. O pessoal da WWF gostou do nosso trabalho e disse pra gente formalizar um pedido de apoio. Pedimos apenas um veículo e recurso para o combustível, para fazermos a proteção da área. Com esse veículo, fizemos inúmeras operações junto com os índígenas, porque os Uru-Eu-Wau-Wau sempre foram muito combativos na defesa da Terra deles. Fomos ameaçados de morte; tudo quanto era madeireiro ilegal queria matar a gente. E a WWF, que passou a conhecer nosso trabalho, pediu outro projeto. Dessa vez, falamos que só proteger não adiantava, que não bastava manter a floresta em pé se os índígenas, lá dentro, não tinham como sobreviver. Explicamos que, com o contato, eles foram introduzidos a outros costumes, que queriam outros bens de consumo, como roupas e ferramentas

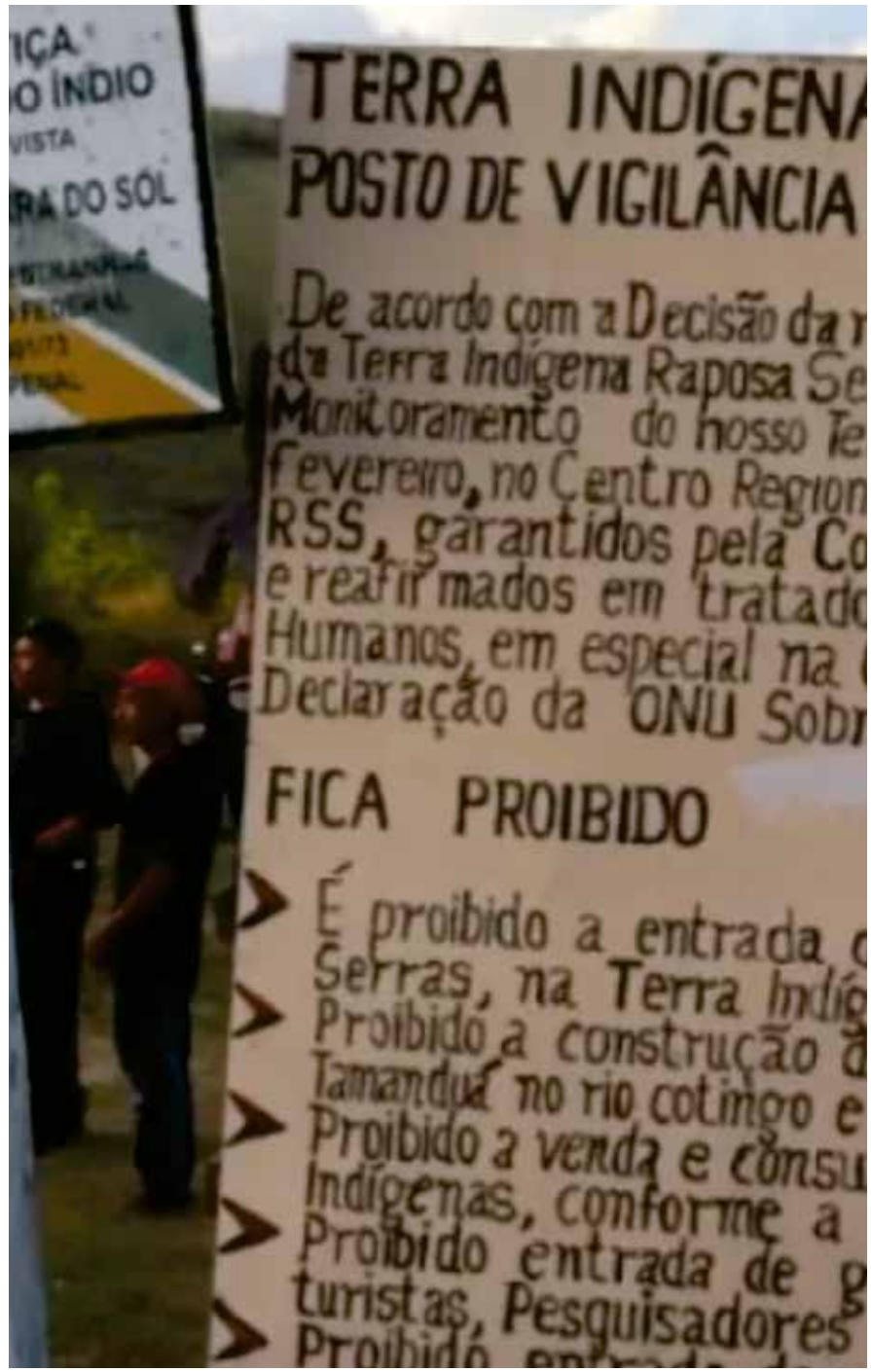
agrícolas, porque isso passou a fazer parte da vida deles. Não bastava preservar: tínhamos que promover a conservação e o desenvolvimento sustentável. Aprovamos uma nova proposta. Fazíamos a proteção, apoiávamos a agricultura tradicional e ajudamos os índígenas também com a fiscalização. Em 1996, fui a primeira mulher em Rondônia a trabalhar com os índígenas isolados, isso depois de muito lutar para convencer os homens da FUNAI de que a mulher também era capaz de realizar tal atividade. Eles eram muito machistas. Passávamos meses dentro da mata, levantando a área de ocupação indígena, para pedir a proteção e demarcação de suas terras. De lá para cá, nossa vida foi apresentar denúncias, defender os Direitos Humanos e buscar parcerias, porque aprendemos que sem parcerias não dá para caminhar, porque sabemos que a luta será longa e que, se não for contida a destruição da floresta em Rondônia, o Amazonas e o Acre também serão destruídos. O exemplo do Chico Mendes, do Ailton Krenak e de tantos outros companheiros e companheiras que fizeram a Aliança dos Povos da Floresta nos inspira e nos dá forças para seguir lutando por dias melhores para os Povos da Floresta.

*"Hoje em Rondônia o que resta de floresta são as Unidades de Conservação e as Terras Indígenas. O que estava fora dessas áreas já foi destruído."*

Conexão Planeta/Kanindé

# JACIR MACUXI

Meu nome de registro é Jacir José de Souza, Sou indígena Macuxi, nascido na aldeia Maturuca. Cresci em uma comunidade chamada Lilás, que tem escola  para os povos da região estudar. Eu não estudei, meus irmãos estudaram, eu não quis. Não Só fui aprender a ler e escrever mais tarde, no Mobral, quando eu já tinha até mulher. Então eu não tenho nada de estudo formal, mas tenho muito conhecimento da vida. Sou casado, tenho 19 filhos. Passei uns meses no garimpo e depois fiquei trabalhando com os brancos, mas vi que precisava trabalhar com a comunidade. Isso eu decidi em 26 de abril de 1977, quando a gente fez uma reunião na comunidade, porque havia muito alcoolismo, muita bebedeira. Perguntaram pra mim por que eu não assumia a liderança da maloca, e eu respondi que não entendia bem o que era ser tuxaua, que era muito novo. Naquele dia eu não sei o que se passou, ninguém saía nem para beber água. Todo mundo repetindo a mesma pergunta: como iríamos acabar com a bebedeira? Por que todo mundo bebia, os homens, as mulheres. Estavam todos doentes? Eu não sabia responder. Pouco depois tivemos outra reunião, com todo mundo e até crianças, e nela todos gritavam:"Você, você!" A minha comunidade queria que eu fosse o líder, topei experimentar por dois anos e fiquei. Como tuxaua, só consegui sair depois de oito anos. Como eu era muito novo, eu chamava também os conselheiros e fiquei nos dois cargos, como tuxaua e como conselheiro. Como tuxaua, eu ficava na aldeia e, como conselheiro, eu percorria as comunidades. Havia muitos problemas com garimpeiros e fazendeiros, muita invasão da nossa terra. Foi ficando muito complicado pra nós. No meu primeiro ano de tuxaua proibí a entrada de cachaça na aldeia. A nossa bebida tradicional, o caxiri, eu deixei, mas com controle. Os mais velhos estranhavam, porque eu também bebia antes. Comecei a comprar animais, como ovelha e gado, para a comunidade. E nossa gente começou a voltar pra roça e a fazer o trabalho coletivo. Começamos  a pensar que precisava uma organização pra defender a nossa luta, mas o pessoal no



começo tinha medo que uma organização pudesse acabar com os tuxauas. Foram quatro anos até as comunidades concordarem. Fizemos uma grande assembleia para fundar o Conselho Indígena de Roraima, o CIR. No final de 1989 uma reunião em Manaus decidiu criar a COIAB, onde entrei como vice e acabei na Coordenação. No ano seguinte minha esposa faleceu e precisei voltar pra minha aldeia pra cuidar melhor dos meus filhos. A aldeia toda se ofereceu pra ajudar a cuidar deles. Depois fiquei doente, sai, e depois voltei. Antes eu trabalhei bastante sem ficar doente, acho que a minha saúde foi atingida mais pelas preocupações mesmo, principalmente com esse processo longo da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Essa área abriga vários povos indígenas – Macuxi, Wapichana, Ingaricó, Taurepang e Patamona, com uma população de 19 mil habitantes, distribuídas por 194 aldeias. Comparando com a situação de 1977, hoje conseguimos avançar na questão das terras. Quando ainda não estavam demarcadas, antes de 1992, a gente tinha que indenizar garimpeiros por nossa própria conta para deixarem o local. E custava muito reunir o dinheiro. A Raposa Serra do Sol acabou sendo a nossa luta mais difícil, e já existem etapas realizadas, mas ainda há muito que fazer. O mais complicado para nós tem sido enfrentar os arrozeiros, porque eles chegam com muito dinheiro e muita violência, queimando casas dos índios, batendo nos pais de família. Por outro lado, o mais bonito é ver gente de outros lugares defendendo a Raposa Serra do Sol, que virou um símbolo da luta indígena no Brasil e no mundo. O papel de liderança exige muito da gente. Essa tarefa é pra quem tem coragem e compromisso. Quando a gente viaja, preocupa as comunidades, tem que estar tudo certo, como lugar para ficar e a alimentação, pois ninguém dá dinheiro. Todo militante viaja assim. Com o Chico Mendes também deve ter sido assim. Tem uma coisa boa, a gente troca muitas ideias e consegue muito apoio. E quando a gente vai pra algum lugar, sempre tem alguém pra nos apoiar, como ocorreu com o pessoal da Amanaka'a, lá em Nova York, nos anos 1990.

Funai

*"Uma luta não acaba nunca. Fica sempre muita coisa pra fazer por quem vem depois de nós. Espero que o nosso exemplo, junto com o legado de Chico Mendes, sirva de inspiração para a nossa juventude, sempre."*

# JECINALDO SATERÊ-MAWÉ

Sou Jecinaldo Saterê-Mawé. Meu nome na língua do meu povo é Iñap-Açaí, e o meu clã é Kaba-Vespa. Sou nascido na Terra Indígena Andirá-Amaral, que fica no Baixo Amazonas. Quando eu tinha 12 anos, passei pelo ritual pra me transformar em adulto. Foi assim: meus tios fizeram uma luva de palha; buscaram no mato dezenas de formigas tucandeira, uma formiga de ferrão muito dolorido; adormeceram as formigas em água de folhas de caju e, quando elas dormiram, foram colocando uma a uma na luva, com o ferrão pra dentro. Aí eu coloquei a minha mão dentro da luva e aguentei por doze horas. No final do meu ritual, eu tinha deixado a infância. Durante essas 12 horas de dor, os anciões iam me ensinando muitas coisas, iam passando lições sobre como lutar por nossa identidade, como defender o nosso território. Eu, sentindo aquela dor terrível, e o ancião falando, falando. As palavras dele foram ficando gravadas aqui dentro da minha cabeça. Aos 15 anos, saí da minha aldeia pra estudar em Barreirinha, e depois em Parintins, município próximo ao meu território indígena. Depois fui pra Manaus estudar Pedagogia. Consegui concluir Pedagogia, mas meu sonho era estudar Direito, pra defender o meu povo pela lei. Voltei pra ser professor das crianças do meu povo. De volta, comecei na minha aldeia uma nova fase, ajudando a organizar os professores indígenas. Criamos a Associação dos Professores Indígenas Saterê-Mawé, que tem como grande conquista os encontros pedagógicos entre professores e pais das crianças, discutindo conjuntamente como, pela  educação, a gente pode melhorar a vida do nosso povo. Depois disso, as lideranças do Baixo Amazonas me indicaram para representar os professores indígenas no Conselho Estadual de Educação Indígena do estado do Amazonas. Na sequência, fui eleito presidente do Conselho, e isso ampliou o meu trabalho em todo o estado. Comigo na Presidência, pela primeira vez passamos a fazer reuniões itinerantes, levando para onde estavam os nossos povos, para as bases, para onde estavam os nossos problemas. Eu queria que o poder público visse de perto as necessidades reais dos Povos Indígenas do Amazonas. Logo depois se cria a Fundação Estadual dos Povos Indígenas do Amazonas (Fepiam). Eu ajudei a criar essa fundação. Depois desse trabalho, os parentes me indicaram para a Coordenação da Coiab, uma instituição que reúne 165 Povos Indígenas. Hoje estou no Ministério dos Povos Indígenas, contribuindo com para fortalecer as conquistas dos Povos Indígenas no governo Lula e no cenário global, como fizeram, no passado, Chico Mendes, Ailton Krenak e todas as lideranças que criaram e nos deixaram de legado a Aliança dos Povos da Floresta.

*"Em 2008, durante a Semana Chico Mendes, lançamos este nosso livro Vozes da Floresta, primeiro registro histórico feito por nós mesmos, em memória de Chico Mendes."*

# JOAQUIM CORREA DE SOUZA BELO

"O Movimento fez o Acre caminhar em outras direções." Essa era a visão do Chico e foi por causa dessa ideia que vim parar numa entidade de defesa da floresta. Continuo com a visão do Chico de expandir as conquistas dos Povos da Amazônia construindo alianças. Transformar cada povo da floresta num elo forte, com cada elo sendo parte importante dessa corrente. Com a Aliança dos Povos da Floresta, a gente conseguiu parte disso. Hoje, o nosso desafio é mais complexo. A Aliança, no passado, tinha o foco de resistência na conquista dos territórios. Muitos direitos foram conquistados, muita legislação foi aperfeiçoada. Vejo que a Aliança foi uma ferramenta muito importante de articulação, de fortalecer nossa capacidade de se organizar, de se articular justamente para superar os desafios que nos são colocados. A dimensão do papel da Aliança agora é muito maior. Precisamos nos dedicar ainda mais à questão da defesa de nossos direitos. Estamos vivendo uma crise, fruto de violação de direitos, que é a questão da mudança climática. Uma conquista importante foi a criação das nossas Unidades de Conservação e a definição dos nossos territórios, que cresceu muito nos governos Lula. Isso não é uma coisa que a gente pode desconsiderar. Contudo, o nosso Movimento tem ficado um pouco estagnado. Temos tido dificuldades burocráticas na execução, na política, no avanço do papel de liderança. Uma estratégia diferente em que temos apostado ultimamente e que vem dando certo chama-se Escola Família. Nós já temos um grupo considerável de jovens muito envolvidos com a questão das políticas públicas. É um modelo de escola que não se preocupa simplesmente com aquela parte mais acadêmica, mas também com o cidadão, com a cidadã, com esse lado mais social. Uma escola que tem espaços reservados no currículo para discutir a questão social. Nessa escola, existe tempo para cumprir os conteúdos e tempo para a discussão dos problemas da comunidade. Precisamos pensar em formar quadros para substituir no futuro as lideranças atuais. No Amapá, nós já temos várias escolas ligadas ao tema da agrobiodiversidade e a ideia é que isso pegue e possamos construir escolas assim, com essa mentalidade, por toda a Amazônia, por todo o Brasil. Temos que levar a tecnologia para dentro da comunidade, investir na comunicação, nas novas tecnologias. Só assim, poderemos atrair jovens para a luta e manter nossa juventude em nossas comunidades. Sempre vou estar nesse Movimento, porque não tem como a gente se desligar mais disso. Tenho esse compromisso e essa paixão pelo Movimento. Não tenho como sair.

*"Se olharmos o mapa do Brasil hoje, veremos muitas áreas de Reservas Extrativistas, de Terras Indígenas, dos próprios assentamentos extrativistas, dos coletivos do Incra. Este é um legado que, em muito, devemos a Chico Mendes."*

EBC

# JOCI AGUIAR

Sou Joci Aguiar, do município acreano de Feijó. Comecei minha militância no Movimento Social em 1993, como secretária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Feijó. Logo depois fui estudar na UFAC, em Rio Branco, e trabalhar na CUT-Acre, à época presidida pelo companheiro Sibá Machado. Depois fui trabalhar na Fetacre. Em 2000, me tornei secretária executiva da Rede GTA. Uma das primeiras tarefas que tive como secretária foi articular uma reunião entre a Rede GTA e o representante do Banco Mundial, o saudoso Ricardo Tarifa. Fui aprendendo e crescendo a cada passo. Fazer parte da Rede GTA me dá um grande orgulho, porque acreditamos no sonho de Chico Mendes, de que é possível desenvolver sem agredir a natureza, com a valorização e o respeito às pessoas; preservando os saberes e valores culturais dos Povos da Floresta; e buscando alternativas de produção sustentáveis, que gerem renda para as famílias e para as comunidades que vivem na Amazônia. Não conheci o Chico Mendes, mas conheço e compartilho seus sonhos e ideais. Se ele ainda estivesse vivo, penso que estaria feliz por ver que muitas de suas propostas foram transformadas em políticas públicas por nossos governantes, eleitos com a força do povo, como é o caso do Presidente Lula, eleito três vezes Presidente da República. O Chico Mendes nos ensinou a sermos simples, humildes, e a ouvir as pessoas. A bala que o calou para sempre também fez crescer, em muitos e muitas de ´nós, a vontade de lutar e defender a floresta, fez crescer outros movimentos, como o Movimento de Mulheres. O Acre foi um estado em que o Movimento de Mulheres cresceu muito. Somos o primeiro estado da Amazônia a ter uma mulher seringueira como ministra de Estado, Marina Silva, hoje nossa ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Nossas mulheres são hoje fortes protagonistas do projeto de desenvolvimento da região amazônica. Ocupamos cada vez mais espaços, implementando a transversalidade de gênero nas políticas públicas. Este é também, um legado das companheiras do Acre, por seu exemplo na luta que cerraram juntas com Chico Mendes.

GTA

*"O sonho do Chico Mendes vem se tornando realidade, graças ao exemplo de luta e ao legado de resistência que ele nos deixou."*

# KLEBER KARIPUNA

Meu nome de registro é Kleber Gonçalves dos Santos, sou da família Santos, do povo Karipuna, da região do Oiapoque, no norte do estado do Amapá. Saí muito cedo lá da minha aldeia de Santa Isabel para estudar na cidade. Minha mãe, Vitória Karipuna, à época funcionária da Funai, foi transferida para Belém e trouxe os filhos junto. Eu devia ter uns quatro anos. Passamos um bom tempo em Belém, sem condições de retornar para a aldeia. Acabei perdendo o domínio de falar a minha língua. Compreendo tudo, mas ainda não consigo falar e fico muito triste por isso. Por outro lado, a vida em Belém me deu oportunidade de estudar e me capacitar para ajudar os Povos Indígenas. Retornei para o Oiapoque e, mais tarde, voltei para o Pará para fazer a Escola Agrotécnica, em Castanhal, onde me formei em 1998. Foi com essa formação que retornei ao Oiapoque e passei a trabalhar com o Movimento Indígena. Comecei a trabalhar na Associação dos Povos Indígenas de Oiapoque (APIO), no final de 1998. Em 2000 saí para servir o Exército que, na minha região, recruta jovens indígenas para proteger a soberania nacional. Fiquei até 2003, mas sempre certo de que queria trabalhar pelo Movimento. Quando voltei para o Movimento, comecei a participar de eventos fora do Amapá. Em seguida, fui convidado para participar do Primeiro Fórum Permanente dos Povos Indígenas da Amazônia, promovido pela Coiab, em outubro de 2003. Eu tinha uma grande dificuldade pra falar em público. Em seguida veio o curso de formação promovido pelo PDPI e pela Coiab. Essa formação foi um salto para a minha vivência dentro do Movimento. Pude conviver mais de perto com outros Povos: éramos 32 líderes indígenas de várias partes da Amazônia. Começamos a comparar as dificuldades que outros povos enfrentam com as dificuldades da nossa região: nossa luta é pela qualidade de vida dos Povos Indígenas, sem perder de vista o respeito à nossa identidade, às nossas tradições e aos nossos valores culturais. Quando voltei desse curso, o pessoal me elegeu para Presidente da APIO, a maior associação indígena do Amapá e uma das mais antigas da nossa região. Criada em 1992, a APIO nasceu depois da Constituição de 1988 e da Eco-92, para defender as conquistas dos Povos Indígenas. Comecei a trabalhar para ajudar a reestruturar a Coiab. Essa experiência fez com que eu ganhasse mais cancha para ajudar a nossa organização-mãe, que é como a gente chama a Coiab. Hoje coordeno nacionalmente a Associação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e, desde a Apib, reitero a importância de seguirmos unidos na defesa dos Povos da Floresta.

Brasil de Direitos

*"Sinto que estamos prontos para fazer crescer na nossa base o trabalho que Chico Mendes, pelos seringueiros, e Ailton Krenak, pelos indígenas, começaram nos anos 80, que foi o de criar e fortalecer a nossa Aliança dos Povos da Floresta."*

# MARCOS TERENA

Sou Marcos Terena, indígena de Mato Grosso do Sul, da região do Pantanal. Sou presidente de uma organização indígena, o Comitê Intertribal, e também sou piloto de avião da FUNAI. Fui um dos fundadores do primeiro Movimento Indígena brasileiro, a União das Nações Indígenas (UNI), junto com o Ailton Krenak, em 1977. Começamos como uma frente de estudantes indígenas para superar a tutela e o preconceito contra os Povos Indígenas. Queríamos fazer o Brasil reconhecer e respeitar a existência dos mais de 180 mil indígenas que viviam no nosso país. Graças a esse trabalho, temos um diagnóstico que, hoje, o Brasil conta com uma população de mais de 1.693.535 indígenas, 0,8% da população brasileira, segundo dados do Governo Federal em 2023. Para conscientizar a sociedade brasileira, fizemos alianças estratégicas com alguns jornalistas, com lideranças de outros movimentos e com outras pessoas. Naquele tempo, ainda não tinha no País esse pensamento disseminado de lutar pela ecologia, mas nós já encarávamos a luta pela Terra Indígena como forma de preservar a cultura, de manter a paz e de fazer a conservação das florestas, dos rios e da natureza, portanto uma luta ecológica, uma luta ambiental. Ao mesmo tempo, houve um movimento de pessoas da floresta, especialmente da Floresta Amazônica, como os seringueiros do Acre, que, como nós indígenas, sofriam o mesmo tipo de impacto das invasões colonizadoras sobre suas terras, apenas com um quadro mais grave porque era um trabalho escravo, de pessoas que não tinham seus direitos humanos reconhecidos, e entregavam o fruto de seu trabalho para os patrões da borracha. Essa foi uma situação que ficou conhecida pela opinião pública através da luta do Chico Mendes, a partir dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia e Xapuri, no extremo oeste do estado Acre. Embora no passado os seringueiros, assim como os camponeses e os ribeirinhos, tenham se colocado como inimigos dos Povos Indígenas, sentíamos a necessidade de estabelecer uma plataforma comum de luta, todos trabalhando por prioridades comuns, a começar pela demarcação das Terras Indígenas e das Reservas Extrativistas, propostas pelos seringueiros com uma espécie de Reforma Agrária para a Amazônia, no I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado por eles em Brasília, no ano de 1985. A partir dali, as lideranças dos indígenas, como o Ailton Krenak, e dos seringueiros, como o Chico Mendes, concluíram que era importante fazer a Aliança dos Povos da Floresta. Nosso principal interlocutor foi o Ailton, um líder indígena Krenak, que passou a conduzir essa articulação junto com o Chico Mendes. Às vezes me perguntam sobre o contrato que selou a Aliança entre indígenas e seringueiros. Respondo sempre que nunca houve um contrato legal porque as alianças mais fortes dos Povos Indígenas nunca foram registradas no papel, sempre foram acordos políticos, feitos em cima de objetivos específicos, de bandeiras de lutas comuns e da honra e da palavra empenhada por nossas lideranças e honrada por todos e todas nós. No caso da Aliança dos Povos da Floresta, nosso acordo incluía o respeito à diversidade das lutas e à identidade dos povos, sempre buscando os Direitos Humanos de todos os Povos da Floresta. Naquele tempo não havia direito ambiental. Havia apenas a floresta, considerada pelo governo como uma terra sem dono, "uma terra sem gente", para "Integrar para não Entregar", conforme os slogans da ditadura. O governo militar decidiu colonizar, levando milhares de famílias do sul do Brasil para criar novas ocupações e novas cidades na região amazônica. Isso não foi bom para a Amazônia, e muito menos para os migrantes, que vinham de outra realidade e não tinham o costume de morar no meio da floresta. Muitos deles morreram por causa das doenças tropicais, como a malária, e grande parte da floresta foi derrubada em consequência desse modelo inadequado de desenvolvimento, que gerou os grandes blocos latifundiários, com incentivos do governo federal. Isso não aconteceu nas Terras Indígenas porque elas eram um ponto ainda obscuro, ninguém sabia exatamente o que era uma terra indígena, o que foi um ponto positivo da nossa luta: mostramos que a terra indígena não pode ser

apenas um lote, uma fazenda, um pedaço de terra, ou uma colônia agrícola. Defendemos – e ganhamos – o conceito de que a Terra Indígena é para o uso tradicional da área, inclusive com espaço suficiente para a perambulação, para a alternância dos locais de aldeias, como é a tradição indígena. Estamos vivendo o marco dos 35 anos do assassinato do Chico Mendes, que se dedicou à luta dos índígenas e seringueiros, que ao longo desse processo lutaram e conquistaram muitas vitórias juntos. Para se ter uma ideia, até o início dos anos 80, o governo não reconhecia a existência de Povos Indígenas no Acre. Graças ao trabalho de líderes indígenas como Siã Kaxinawá e de sertanistas como Antonio Macêdo pessoas que foram muito perseguidas e quase foram assassinadas na época, nós que moramos mais ao sul do Brasil fomos sabendo da existência de Povos Indígenas muito consolidados no Acre, muitos deles ainda transfronteiriços, como os Kampa, que os brancos chamam de Ashaninka; e também o próprio povo Manchineri, que tem ramificação peruana. A Aliança dos Povos da Floresta trouxe também a realidade de representação política. Aí está a Marina Silva como uma figura que representa a consciência que nós chamamos de ecológica, e que nasceu lá com o Chico Mendes, com o Ailton Krenak e com outras pessoas. Essa consciência não pode perder sua raiz, porque a questão ecológica, a própria Aliança, que existe informalmente, agora, mais do que nunca. A questão das mudanças climáticas exige que essa Aliança seja retomada perante o mundo, para encontrarmos um equilíbrio entre o meio ambiente, a economia, o desenvolvimento e a qualidade de vida. Por último, quero dizer o quanto é importante que essas nossas histórias fiquem registradas, porque nós somos bons para fazer a luta e péssimos para fazer registros. É importante registrar que os Povos Indígenas e os seringueiros, através da Aliança dos Povos da Floresta, nos mostram a importância de não só ver o tapete verde da floresta, mas de também de também ver as pessoas que na Amazônia vivem e, dos recursos da natureza, sobrevivem.

Vozes da Floresta

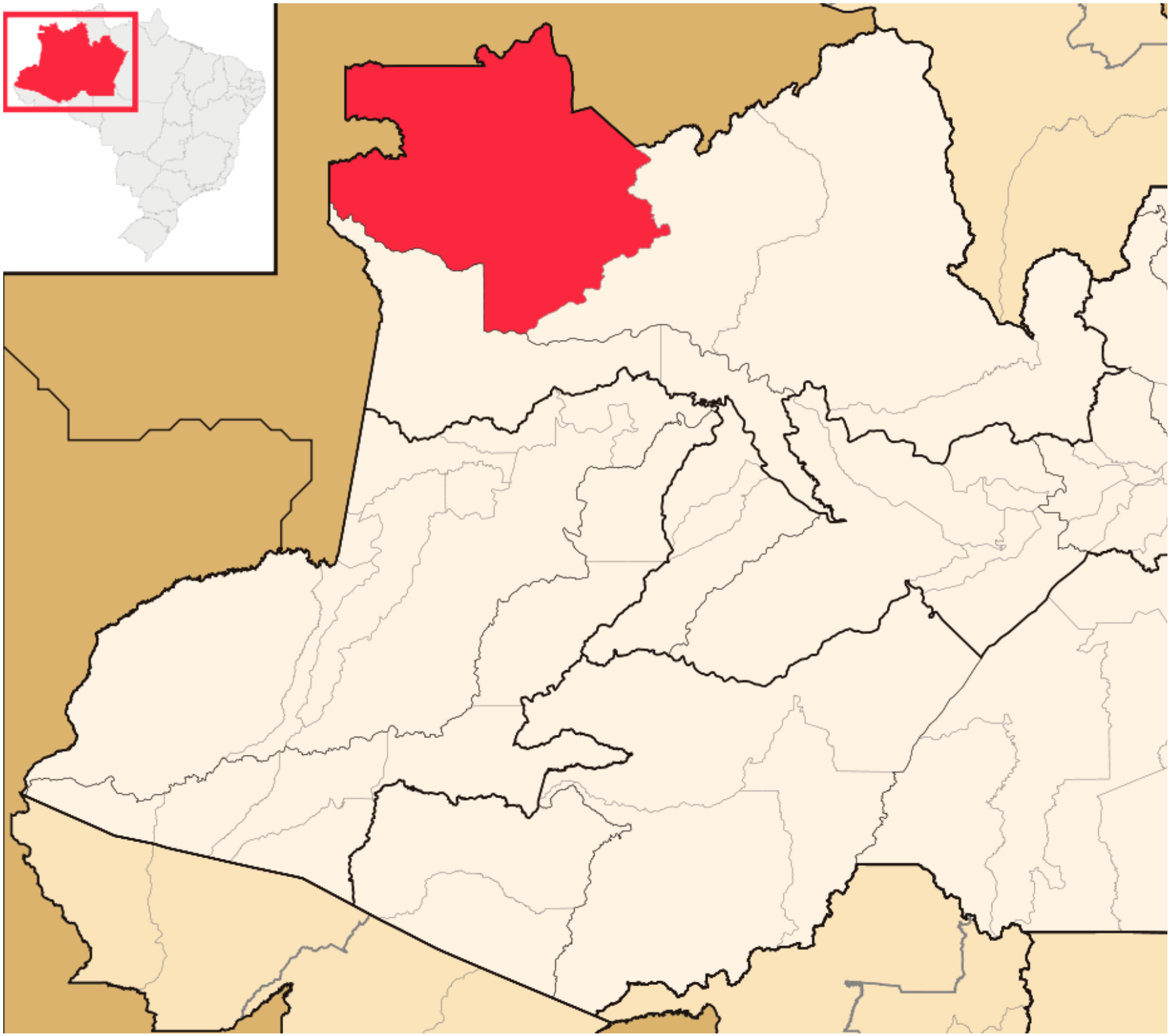
*"A montagem de uma política brasileira com matizes ecológicas e sociais mais profundas vem como resposta à visibilidade internacional adquirida por Chico Mendes e pela Aliança dos Povos da Floresta."*

# MIQUELINA TUKANO

Funai

*"Eu soube da história do Chico Mendes na COIAB. Soube que ele dava grande importância para a Natureza, porque, assim como para nós indígenas, era onde ele vivia, onde trabalhava, de onde ele tirava o sustento da família dele."*

Cheguei em Manaus há mais de 45 anos. Vim por causa do tratamento de um filho, e fui ficando. Sou da região do Alto Rio Negro chamada Cabeça de Cachorro, área denominada Triângulo Tukano, porque lá os Tukano predominam em uma relação harmoniosa de parentesco, paz e amor. Aprendi sobre o Chico Mendes vendo um cartaz do Prêmio Chico Mendes na Coiab. Soube que o Chico Mendes era amigo dos índigenas, que ele entendia que a luta dele era a mesma luta que a nossa, e, como a gente, ele defendia muito a demarcação das Terras Indígenas. Aprendi também que, da mesma forma que a gente sofria aqui, os seringueiros e os índígenas sofriam lá no Acre. Mas, tanto aqui como lá no Acre, a gente afirmava que nós nascemos nesta terra e que ninguém ia conseguir tirar essa terra de nós. Tanto que a nossa área está demarcada com aqueles marcos antigos, ainda. Nesse Movimento a gente conhece muita coisa, muitas realidades diferentes, conhece outros estados e países. Com todo esse novo conhecimento, eu vejo que o que nos fortalece mesmo é a nossa identidade cultural. Com ou sem apoio do governo, quem vai cuidar da nossa área, da nossa cultura, do nosso povo e da nossa luta somos nós. E hoje eu penso que a Coiab tem que se qualificar melhor para mostrar mais os resultados do seu trabalho. Agora já não basta para a Coiab fazer a discussão de demarcar terras, que avançou muito. Agora, nós da Coiab temos que defender pra eles conservarem e sustentarem sua terra, trabalhando no sustento próprio de suas comunidades. Não podemos depender do governo. Nunca deu certo a gente depender do governo. Hoje, a Coiab precisa cuidar também da questão do clima, que reflete muito sobre o nosso tempo. Meu avô, que era pajé, tinha os rituais dele, a preparação dele passava por uma abstinência total e por um juramento de atender a todos quando fosse chamado, com chuva, sol, dia, noite ou vento. Quando me casei, fiquei com medo dele, porque casei com um Tukano, mas de outro grupo. Mas ele disse: "Minha neta, nós somos do passado, vocês são outros, daqui pra frente vocês vão ter outras regras, para enfrentar esses problemas com mais alegria."



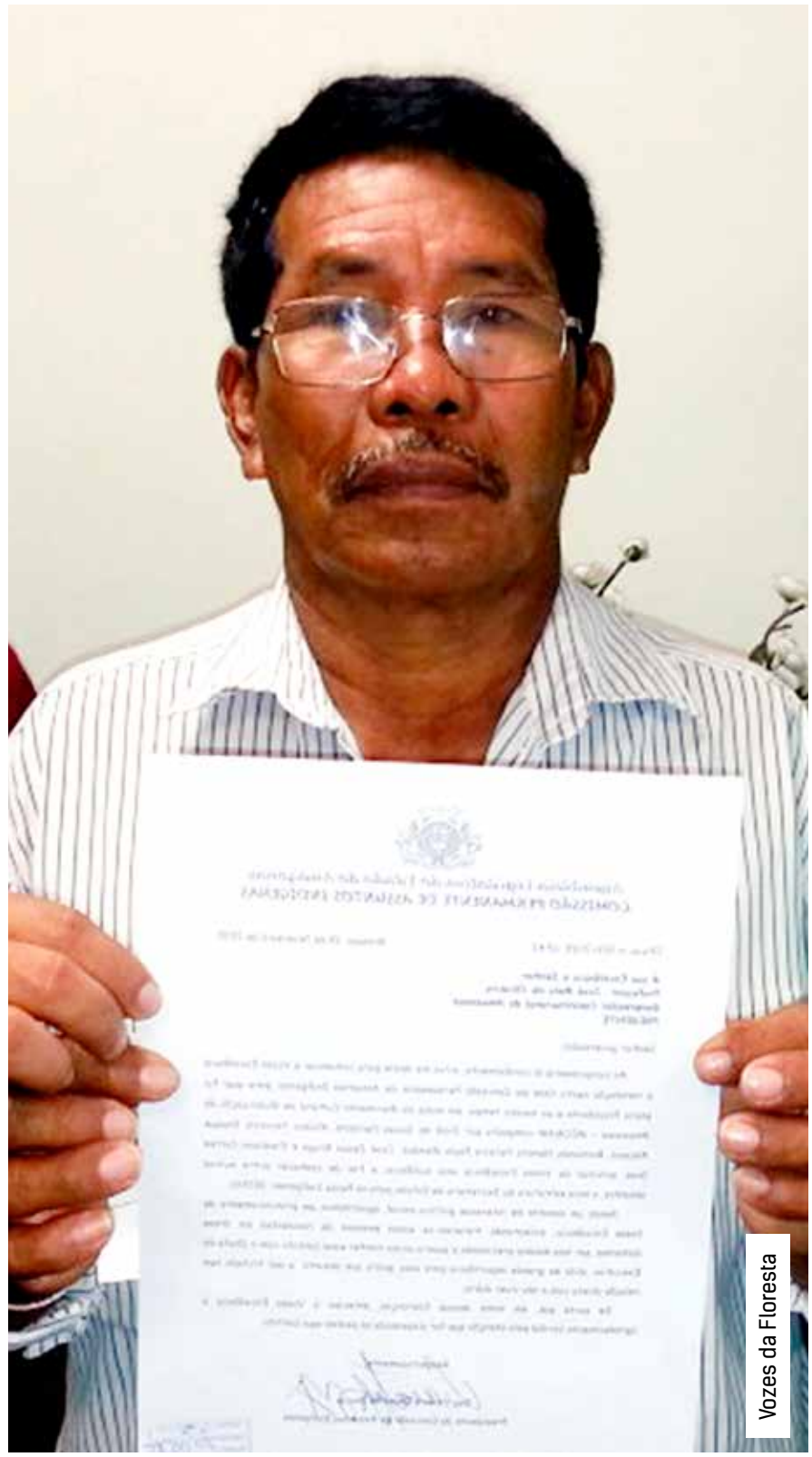
OS POVOS

# PAULO MENDES TIKUNA

Sou nascido em São Paulo de Olivença e moro na Aldeia de Umariaçu, no município de Tabatinga, na fronteira do Brasil com a Colômbia. Minha luta começou em 1978, quando descobri um documento no posto da FUNAI que falava de um recurso que tinha para a comunidade de Umariaçu e ninguém tinha contado pra gente. Descobrimos esse documento e aí eu falei com o cacique Felipe, que hoje é falecido, dizendo que a gente sabia dos recursos. Então eu, o Pedro Inácio, cacique Venceslau e o André, cacique de Campo Alegre, no município de São Paulo de Olivença, decidimos que se o recurso era nosso, a gente tinha que fazer alguma coisa pra participar daquele projeto. Em 1978, eu viajei para o Baixo Amazonas, conheci os Saterê-Mawé e os Tukano, e eles me contaram que estavam lutando pela terra, que, como indígenas, estavam brigando pela demarcação das terras deles. Até esse momento, nós no Alto Solimões não sabíamos nada sobre direitos indígenas, nem sobre demarcação de terras. Mais da metade da minha vida passei nessa luta, uma luta que pra nós funciona, porque ela vem da nossa conscientização, da nossa disciplina e da nossa organização. Nós nos organizamos para resolver o conflito e o desrespeito aos nossos direitos. Depois de viajar para os Saterê-Mawé, eu fui pra São Paulo, para Conferência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Foi nessa viagem que eu conheci o companheiro Lula, quando ele foi preso eu estava lá presente. Depois de ver a força daquele Movimento, depois de sentir a energia daquele povo que estava lá apoiando o companheiro Lula, voltei para cá e junto com os companheiros daqui, fundei o Conselho Geral das Tribos Tikuna (CGTT), e em seguida, organizações menores para cuidar da saúde e da educação. Essas organizações ajudaram a estruturar a nossa luta e continuam ativas até hoje. Viajei muito para Brasília, na época cheguei a falar com o Ministro da Saúde para levar essa proposta do Movimento. Nesse tempo começamos a receber consultoria da Funai, na luta para demarcar as nossas terras, que felizmente conseguimos em 1986. Nós aprendemos o sentido da luta. Em 1986 eu dizia lá no Paraná do Ribeiro, onde nós fundamos a CGTT, que um dia íamos ter representantes nos municípios, no estado e até mesmo no governo federal, mas para isso a gente teria e tem que militar também nos partidos políticos, porque são eles que escolhem os candidatos e não tem jeito de ser representante eleito sem passar por um partido político. Nós escolhemos o Partido dos Trabalhadores porque esse é o partido que falava dos direitos indígenas, que dizia que o índígena tinha direito à saúde e à educação, que fazia a defesa dos trabalhadores. Escolhemos o PT porque o programa do Partido dizia que esse era um partido que nascia para defender os excluídos, e nós vivíamos na carne o sentido da palavra exclusão. O PT falava que tinha chegado a hora de a gente se organizar, que nascia para defender os que não tinham nem vez nem voz. Nós achamos que esse era o partido certo para nossa causa, e por isso entramos em bloco no PT. E a gente foi lutando muito nesse partido, lutando para ganhar mandatos, tendo uma vitória aqui, outra acolá, até que em 2002 elegemos o companheiro Lula Presidente da República. Depois o Lula foi reeleito, com os votos do povo brasileiro e com o trabalho duro dos nossos militantes nas comunidades. A Coiab nós criamos para facilitar a nossa interlocução com o mundo de fora, para falar uma só linguagem por todos os Povos Indígenas da Amazônia, porque a gente sabe que quando nos unimos as conquistas chegam mais fortes e mais rápidas. Foi um grupo

> *"Uma coisa que precisa ser feita aqui na nossa região é investir muito na educação e na conscientização da nossa juventude indígena, porque só assim a Amazônia tem chance de ser defendida por muitas gerações depois da nossa."*

de lideranças corajosas, entre elas o Manoel Mura, o Álvaro Tukano, o Pedro Mendes, o Euclides Macuxi, que tiveram peito para fundar a Coiab, porque a Funai não queria, o governo não achava necessário. Isso foi em 1989, um ano depois que o Chico Mendes morreu. Quem assumiu a primeira coordenação foi o Pedro Mendes, o Claudio Mura e o Euclides Macuxi. Depois a Coiab passou por várias coordenações e hoje [2008] está sob a liderança do Jecinaldo Saterê-Mawé, um companheiro indígena do Baixo Amazonas. Nós temos muito respeito pela Coiab, porque ela organiza o diálogo entre todos os Povos Indígenas e também com os parceiros, mas nós continuamos fortalecendo as nossas organizações de base, porque são elas que tocam a luta no dia a dia, e são elas que têm condições de dar respaldo político para a luta da Coiab. Afinal, a luta indígena é e sempre foi por melhoria de vida para as nossas comunidades, mas uma melhoria de vida que respeite as nossas áreas e os valores culturais dos nossos povos. A gente acha importante começar a refletir e a tomar posição sobre temas que antes não faziam parte do nosso conhecimento, como o tema do meio ambiente. Antigamente, nós, os Povos Indígenas, cuidávamos da floresta como se ela fosse parte de nós mesmos. Nunca destruíamos, foram os não-indígenas que entraram nas nossas áreas e nas nossas vidas com essa coisa de cortar árvore para fazer dinheiro. Hoje, por exemplo, a nossa área está muito explorada, cada ano que passa lá na minha aldeia o não-indígena chega querendo comprar árvore para fazer tábua. E muitos dos nossos parentes, que ainda não têm consciência do dano que isso traz acabam cortando as árvores da floresta para vender para os madeireiros. Não adianta só educar na escola que tem hoje, é preciso trabalhar pesado para formar lideranças indígenas para seguir na luta. Eu tenho muito orgulho de ser parte dessa luta e vou seguir lutando para corrigir o que não está dando certo na nossa comunidade, para fortalecer cada vez mais a causa dos Povos Indígenas porque essa é a minha causa.



Vozes da Floresta

# ROSILENE GREGÓRIO ROSINHA

Sou Rosinha, quebradeira de coco do município de Viana, no Maranhão. Desde os meus sete anos, eu já ajudava minha mãe a quebrar coco. Em 1989, participei da criação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Fui uma das primeiras participantes na organização desse movimento, uma das primeiras coordenadoras. Nosso começo foi muito difícil, porque a gente não compreendia como o produto de 400 mil quebradeiras não interessava aos comerciantes. Isso acontecia por causa da entrada do óleo de dendê, um produto que chegou mais barato, importado da Malásia. O que tá acontecendo que a gente não vende mais coco como antigamente? – essa era a pergunta. Além de grande parte das quebradeiras não ser filiada aos sindicatos de trabalhadores rurais, mesmo as que as que eram filiadas não conseguiam fazer a discussão lá dentro de suas entidades. Foi bom a gente se articular, porque aí nós começamos a discutir nossos problemas sobre como encontrar solução para eles. Finalmente entendemos que, primeiro, o que a gente fazia era uma produção extrativista e, depois, tinha também uma questão de gênero, porque esse extrativismo era feito por mulheres. Toda essa conversa era parte do diálogo próprio do Movimento. A questão do gênero na família era difícil, foi difícil a mulher sair de casa para participar desses espaços sociais. A gente foi capacitando essas mulheres e suas famílias. E então chegamos na própria questão da preservação dos babaçuais, a gente sentia que em nossa região muito do que tinha de floresta eram essas áreas, e elas estavam sendo derrubadas. Começamos, então, uma grande luta para encontrar mercado, e essa luta toda para salvar os babaçuais. Porque com a grande concentração de terras, o babaçu não era mais interesse dos fazendeiros, que queriam passar o trator. E assim, porque a mata da floresta ainda é de babaçu, a gente precisa preservar isso, essa é uma árvore sustentável, uma palmeira que tem vários recursos, tanto para a qualidade de vida da família como do meio ambiente. Do coco, a gente pode usar o carvão, o mesocarpo, o óleo e o biodiesel, tem muita coisa importante pra fazer com o óleo do babaçu. Agora estamos trabalhando com cadeias produtivas, com pequenos apoios à produção de um ou outro produto. É com o nosso trabalho e com a nossa luta que honramos o legado de Chico Mendes e fortalecemos a Aliança dos Povos da Floresta.

*"A luta de Chico Mendes é uma causa muito clara pra gente e pra todo mundo, e é por isso que, desde a morte dele, em 1988, houve tantas manifestações, encontros, protestos, avanços, conquistas e resistências."*

GTA

# RUBENS GOMES RUBÃO

No início dos anos 1980 fui para o Acre, vindo da Serra do Navio, no Amapá, com uma história de nenhuma relação com os Povos da Floresta, mesmo tendo um pai seringueiro, que colheu castanha no Pará e que acabou virando operário de uma empresa mineradora de manganês, na Serra do Navio. Cheguei a Rio Branco como músico, pra trabalhar como professor de música e me tornei uma das lideranças do Movimento Cultural. Logo fui procurado pelo companheiro Abrahim Farhat, o Lhé, que me pediu pra ajudar a organizar o apoio dos artistas para o Movimento dos Seringueiros que Chico Mendes liderava em Xapuri. Assim começou a minha relação com o Chico. Foi aí que aprendi que dentro da floresta tinha muita gente, e foi então que começou meu compromisso com as lutas dos Povos da Floresta, com as pessoas da floresta. Depois da morte de Chico, dediquei parte do meu tempo para fazer um trabalho com as crianças e adolescentes nas ruas de Rio Branco. Com o que aprendi com os seringueiros, fundamos em Rio Branco uma pequena Oficina-Escola de Lutheria (Oela). Depois me mudei para Manaus, para criar o primeiro curso superior de Lutheria de uma Universidade pública no Brasil. Em virtude da mudança de interesse da reitoria, resolvi deixar o mundo acadêmico e mudar pra periferia e organizar uma "galera positiva" numa segunda etapa da Oela. Em março de 1998, inauguramos a nossa Oficina-Escola de Lutheria da Amazônia com uma aula para 40 meninos e meninas no bairro Zumbi. Dez anos depois, em 2008, atendemos milhares de crianças e jovens para ajudar com uma educação voltada para as reais necessidades dos Povos da Floresta. Precisamos encontrar um jeito de incentivar os gestores públicos e a sociedade a darem a atenção necessária à educação dessa multidão de crianças e jovens que vivem excluídos dentro da floresta. (Em 28 de maio de 2020, o Covid levou Rubão para o mundo dos encantados).

*"É de dentro da Aliança que podemos fortalecer as lutas específicas dos Povos Indígenas, dos extrativistas e dos seringueiros, seguindo assim a história que o Chico ajudou a construir."*

Imaflora/Comitê Chico Mendes

# SILA MESQUITA

Comecei minha militância na Igreja Católica, em 1984, primeiro na Catequese e depois, a partir de 1988, na Pastoral da Juventude. Depois, ainda em 1988, ano em que o Chico Mendes morreu, fui para a Comissão Pastoral da Terra (CPT), onde desenvolvemos vários trabalhos voltados para a preservação de lagos e manutenção e procriação de peixes, até 1994. A década de 1980 foi desafiadora para as populações ribeirinhas, na luta para preservar o peixe nosso de cada dia. Foi nessa época que surgiu o Movimento de Agentes Ambientais Voluntários em Tefé, Coari, Itacoatiara e outros municípios, organizando militantes para defender os lagos. Em 1997, começamos a organizar o Movimento de Mulheres Ribeirinhas, com 22 municípios. O Movimento passou a trabalhar com três temas definidos: documentação, a geração de renda e programa de capacitação. Sem documentação, a mulher da floresta, que já vive isolada, fica sem cidadania. Hoje, todas têm seus documentos. Durante cinco anos, registramos mais de 50 mil mulheres no estado do Amazonas. Depois veio a geração de renda, e várias mulheres que hoje estão em destaque puderam se beneficiar do projeto e se estabeleceram economicamente como, por exemplo, a dona Socorro, em Itacoatiara, da comunidade de São João Batista, que trabalha com artesanato e tem uma história voltada para a preservação de lagos. A casa dela fica na frente de um lago, onde todo ano tem o manejo do pirarucu. Hoje elas fazem parte não só da comunidade, mas também do Sindicato. São mulheres fortes, ousadas e corajosas, que cuidam da preservação dos lagos e, ainda, assumem a liderança do Movimento de Mulheres. Outra coisa é a importância da Rede GTA na vida delas, porque através dela as pessoas das organizações começam a acreditar na importância de participar dos processos de formação, divulgação e proposição de políticas públicas. Entrei para a CPT no mesmo ano em que o Chico Mendes morreu. Tive um choque. Eu admiro o Chico, sua memória e audácia, seu jeito de organizar os trabalhadores e as trabalhadoras pelo consenso, porque foi pelo consenso que o Chico conseguiu fazer tanta coisa. O Chico sempre olhou na horizontal, ele nunca olhou de cima para baixo, nunca olhou de baixo pra cima. Ele sempre pensou nas populações extrativistas como gente que precisava ter autonomia e que tinha o que propor para a Amazônia. Por isso, não só para mim, mas para todas as populações extrativistas, e para todos os Povos da Floresta, o Chico não é só memória, o Chico é exemplo de vida que nos inspira a seguir lutando para fortalecer, cada vez mais, a Aliança dos Povos da Floresta.

*"Chico Mendes chegou a passar aqui por Itacoatiara, nessa nossa região do rio Arari, e deixou seu rastro de amor à natureza, que se juntou ao nosso jeito ribeirinho de amar a proteger a floresta, os rios, os peixes, os mananciais."*
Maria do Socorro Rodrigues da Silva

GTA

# TWOTWAWHENE HAJI MANCHINERU SABÁ

Sou Twotwawhene Sar Haji Manchineru, o Sabá. Nasci, me criei e vivo na Terra Indígena Mamoadate, aqui no Acre. Sou um Manxineru: defensor dos Povos Indígenas, da natureza, da justiça e da dignidade. Iniciei no Movimento Indígena bem antes dos anos 1980. Na aldeia, comecei a defender a mim mesmo, aos meus pais, à minha família e ao meu povo desde os meus 12 anos. Conheci Chico Mendes em Rio Branco, numa reunião dos sindicatos dos trabalhadores rurais. Fizemos uma palestra juntos na Eletroacre sobre a defesa da Amazônia e os conflitos que os seringueiros e os Povos Indígenas viviam. A partir dali fomos conversando com outros companheiros até chegar à conclusão de que era preciso fortalecer nossa união com um grande encontro. Realizamos reuniões com vários líderes indígenas, seringueiros, ribeirinhos, entre eles Ailton Krenak, Antonio Apurinã, Siã Kaxinawá, Osmarino Amâncio, Júlio Barbosa e Raimundo Barros. Um grande companheiro era o Raimundo Barros. Íamos sempre juntos conscientizar os seringueiros e os ribeirinhos sobre as ameaças do desmatamento. Nessa época, fui para o empate do Cachoeira como representante da UNI. Transportávamos o pessoal num caminhão do Sindicato de Xapuri, nosso único transporte. Fomos orientados para não nos arriscarmos muito pelos ramais, pois já tinham sido assassinados vários líderes. Por isso resolvemos fazer um ato público em Xapuri. Com o Chico Mendes, a gente discutia a estratégia de ampliar as alianças e fazer com que nossa luta tivesse repercussão. Isso incluía as viagens de Chico e a criação da Aliança dos Povos da Floresta. Chico Mendes sempre falava que o Movimento dos Seringueiros foi criado em função do modelo de organização indígena. O fator mais importante daquela época é que éramos um grupo de aliados. Não disputávamos espaço, nem poder, nem dinheiro. Lutávamos juntos em defesa dos Povos da Floresta, da natureza e contra a exploração e a violência. Quando o Chico morreu, eu estava em Rio Branco e recebi a notícia pela Rádio Difusora Acreana. Foi um choque e uma perda muito grande, porque estávamos começando a concretizar muitas ações. Em março de 1989, realizamos o I Encontro dos Povos da Floresta entre indígenas, seringueiros, trabalhadores rurais e outros aliados, para deixar bem claro que nossa luta conjunta seguiria em frente, mesmo depois da morte de Chico Mendes.

*"Chico Mendes era um seringueiro simples e calmo, mas sempre muito determinado e coerente com os ideais coletivos dos habitantes da floresta."*

Vozes da Floresta

# SONIA BONE GUAJAJARA

Sou Sonia Bone, filha do guerreiro povo Guajajara Tentehar, que habita as matas do Maranhão. Ser indígena no Maranhão é ter a paciência de um velho sábio. Desde menina ouvia falar que índio não pensava, que existe muita terra para pouco índio, que índio bom é índio morto. Mas o fato de estarmos calados não quer dizer que estamos em silêncio. Aprendi com os meus pais que a peleja por um mundo melhor se faz com luta e paixão. Aprendi, também, com a paixão de Chico Mendes e de todos os Povos da Floresta que, como ele mesmo disse, nossa luta é pela humanidade. Na quarta-feira, 11/01/2023, tomei posse como ministra dos Povos Indígenas do Brasil, nomeada pelo Presidente Lula. Essa conquista não é só minha, é dos Povos Indígenas e de todos os Povos da Floresta, é resultado da luta das gerações que me antecederam. No meu discurso de posse, eu disse: (...) Estamos aqui, de pé! Para mostrar que não iremos nos render. (...) Quando eu tinha 17 anos, fui chamada por minha tia Maria Santana para conversar. Tia Maria é parteira e uma respeitada liderança espiritual. Como não foi um convite qualquer, eu pensei: O que será que a tia Maria quer?. Subi na garupa de uma moto e fui até a Aldeia Lagoa Quieta, no Território Indígena Araribóia, para me encontrar com ela. Chegando, vi Tia Maria me esperando com dois presentes, um colar e um maracá. Ela então me olhou e disse com aquela voz serena: "Ô fia, quero te entregar esses presentes que são símbolos de liderança. E eu passo a você o poder da palavra. Você vai ter o dom da comunicação, todo mundo vai te ouvir. Você vai crescer e tudo que você tiver para falar, vão te escutar. Esse maracá vai ecoar e você será a porta voz do nosso povo." Então hoje, eu quero dizer para vocês, que aquela Sônia que, para estudar, trabalhou em casa de família como babá e empregada doméstica assim como era chamada essa profissão na época, está aqui, nomeada para o cargo de ministra de Estado dos Povos Indígenas do Brasil. E se estou aqui hoje, é graças à força ancestral e espiritual de meu povo Guajajara Tentehar, graças à resistência secular da luta dos Povos Indígenas do Brasil, graças também à minha persistência de nunca desistir. (...) Assumo com honra e coragem este ousado e inovador desafio. Uma missão já anunciada há tantos anos pela tia Maria. Talvez muitas pessoas nunca irão entender o quanto este momento é significativo para mim e para os nossos povos, talvez nem todas as pessoas que estão me ouvindo saibam que a existência dos Povos Indígenas do Brasil é cercada por uma leitura extremamente distorcida da realidade. Ou nos romantizam, ou nos demonizam. Nós não somos o que, infelizmente, muitos livros de História ainda costumam retratar. Se, por um lado, é verdade que muitos de nós resguardam modos de vida que estão no imaginário da maioria da população brasileira, por outro, é importante saberem que nós existimos de muitas e diferentes formas. Estamos nas cidades, nas aldeias, nas florestas, exercendo os mais diversos ofícios que vocês puderem imaginar. Vivemos no mesmo tempo e espaço que qualquer um de vocês, somos contemporâneos deste presente e vamos construir o Brasil do futuro, porque o futuro do planeta é ancestral! A invisibilidade secular que impacta e impactou diretamente as políticas públicas do Estado é fruto do racismo, da desigualdade e de uma democracia de baixa representatividade, que provocou uma intensa invisibilidade institucional, política e social, nos colocando na triste paisagem das sub-representações e subnotificações sociais do país. São séculos de violências e violações e não é mais tolerável aceitar políticas públicas inadequadas aos corpos, às cosmologias e às compreensões indígenas sobre o uso da terra. (...) Na Amazônia brasileira, [em especial] somam-se 114 grupos de Povos de recente contato ou também os que nunca tiveram

> *"Nós, indígenas, resistimos porque sabemos que a natureza está intimamente ligada com a vida humana e que uma não pode existir sem a outra. É isso que aprendemos e queremos ensinar."*

nenhum contato com a sociedade. Os chamados Povos Isolados, que se encontram em estado de alta vulnerabilidade, devido ao desmatamento, ao garimpo ilegal e a grilagem de terras. altos índices de suicídio. (...) Lembro os parentes retirados de nosso convívio pela bala do fascismo que imperou no Brasil nos últimos 4 anos, derramando, sem pudor, muito sangue indígena. Lembremos a força daqueles que tombaram na luta como Paulino, Janildo, Jael e Antonio Guajajara, Ari Uru-Eu-Wau-Wau, Dayane Kaingang, Estela Verá Guarani Kaiowa, Wellington Pataxó, Ariane Oliveira, a menina Raissa e tantos outros parentes vitimados pelo garimpo ilegal, pelas invasões de seus territórios e por tantas outras ações e omissões do Estado. (...) Destaco a força de Bruno Pereira e Dom Philips, em memória de quem saúdo todos os nossos aliados e aliadas defensores do meio ambiente e dos direitos humanos. Gente! Nós não somos os únicos que necessitam aqui viver. Nós apenas coabitamos a mãe Terra junto com milhões de outras espécies. As Terras Indígenas, os territórios habitados por demais povos e comunidades tradicionais e as Unidades de Conservação são essenciais para conter o desmatamento no Brasil e para combater a emergência climática enfrentada por toda a humanidade. Hoje, vocês todos estão presenciando um momento de transição histórica, tal qual foi a singular colaboração indígena, na Assembleia Nacional Constituinte. O Brasil do futuro precisa dos Povos Indígenas. Tudo que tradicionalmente é chamado de cultura entre os brasileiros e brasileiras, para nós significa tudo o que somos. É nosso modo de vida, nossa comida, nossos rituais, nosso uso da terra, nossas práticas e costumes, tanto aqueles mais cotidianos, quanto outros ritualizados. Cultura é também sinônimo de luta! O Brasil é plural, é alegria, é colorido e solidário! (...) Este Ministério é de todos os Povos Indígenas do Brasil, além de patrimônio do povo brasileiro, pois cada indígena vivo representa um guardião climático da mãe erra. Sabemos que não será fácil superar 522 anos em 4. Mas estamos dispostos a fazer desse momento a grande retomada da força ancestral da alma e espírito brasileiros. Nunca mais um Brasil sem nós!

EBC

# UBIRACI BRASIL YAWANAWÁ

Me chamo Nishiyuaka Yawanawá, nome dado pelos meus pais. Em português fui batizado pela Igreja Católica como Ubiraci Brasil. Venho de uma família tradicional de lideranças do meu povo. Meu avô, Oshunauwa, batizado como Antonio Luís, foi o primeiro indígena Yawanawá a fazer contato com o branco. Não me lembro o tempo, mas creio que foi no final do século 17, início do século 18. Sou filho da filha dele. Ao lado das lideranças, com meu avô e meus tios, ajudei na demarcação de nosso território e na desocupação da invasão de nossa Terra. No início dos anos 1980, fui para Rio Branco sonhando estudar, fazer uma faculdade de Direito, como todo jovem indígena e não-indígena sonha. Lá, me juntei a outras lideranças indígenas do Acre e criamos o Movimento Indígena do Estado do Acre (UNI-Acre). Em 1986 já se discutia no Brasil a nova Carta Magna: a Constituição Brasileira. Nós nos juntamos aos outros Povos da Floresta, em um movimento que uniu sindicatos de trabalhadores rurais, seringueiros e nós, Povos Indígenas, na Aliança dos Povos da Floresta. Ainda em 1986, a UNI nacional mapeou a possibilidade de eleger algumas lideranças indígenas para participar da Constituição. Como ainda é hoje no Brasil, a gente só pode ter voz na política – e ser respeitado, virando políticos. E isso se formos eleitos! No Acre, nessa época o PT forma, pela primeira vez, uma chapa própria com candidatos a governador, senador, deputados estaduais e federais. Fui escolhido dentro do Movimento Indígena para fazer parte dessa chapa. Foi quando me encontrei com Chico Mendes e andei com ele durante a campanha. Ele era candidato a deputado estadual, e eu, a Marina e o Bacurau, candidatos a deputados federais. Aonde a gente achava que tinha voto, a gente levava o Chico Mendes. Eu o trouxe para Feijó e Tarauacá, porque ele era mais conhecido na região de Xapuri. Eu e ele sonhávamos em fortalecer a Aliança dos Povos da Floresta. Caminhamos muito juntos. Nós éramos amigos, muito irmãos. Chico Mendes era uma pessoa muito determinada, simples e humilde. Como tem hoje muitos Chicos em nossa floresta, que está em seu trabalho lutando para sobreviver e sustentar sua família, sem deixar de pensar no bem comum. A gente sabe que muitas companhias estão entrando na Amazônia acreana para abrir pastos, devastar. Esse sistema não é para nós. Nós, os Povos Indígenas e seringueiros, moradores dessa região, continuamos com muitas necessidades. Isso não justifica simplesmente gerar economia. Chico foi uma pessoa que lutou muito contra isso até chegar ao ponto de perder a própria vida. Ele foi muito corajoso. Chico trocou sua vida pela liberdade dos Povos da Floresta. Depois dele, nossa voz começou a ecoar em todos os cantos do mundo. Hoje o mundo debate o aquecimento global – que é real e que é um perigo – para toda a humanidade. E lá atrás, Chico Mendes já previa isso. E nós, Povos Indígenas, também cuidamos disso desde o princípio.

*"Chico pensava o futuro para o bem da humanidade. Por isso, tem hoje o respeito e o amor eterno das lideranças indígenas da Amazônia."*

Vozes da Floresta

# VALÉRIA PAYÊ PEREIRA

Sou do povo Kaxuyana, da Terra Indígena do Parque do Tumucumaque, no norte do Amapá, na fronteira com o Suriname. Aos oito anos, visando me preparar para apoiar meu povo, fui estudar em Juruti, no Pará, onde completei o primeiro grau. Concluí o segundo grau e me formei auxiliar de enfermagem em Belém. Uma vez formada, retornei para a Missão Tiriyós, minha aldeia, onde trabalhei no Posto de Saúde, pela Funai e na Secretaria Estadual de Saúde do Amapá. Passei a participar das discussões políticas e de projetos dos Tiriyó, Kaxuyana, Wayana e Apalai, que vivem no Parque Indigena do Tumucumaque e na Terra Indigena Paru do Leste, articulados em torno da Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque (Apitu). Depois, em Manaus, me especializei em gestão de projetos indígenas pelo programa de Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas (PDPI). Como Conselheira da COIAB, pelo estado do Amapá, passei a participar do Movimento Indígena Amazônico. Foi um grande desafio passar a participar de um movimento regional. Além das assembleias e reuniões da COIAB, participei da Marcha Indígena dos 500 Anos, em 2000. Foi muito bom, porque tive como ajudar o Movimento, e também como conhecer um pouco da realidade de outros povos e de outros movimentos Indígenas da Amazônia Brasileira. Desde 2005, atuo no Movimento das Mulheres Indígenas. Comecei no departamento de mulheres da Coiab e, a partir dele, passamos a fortalecer a articulação do Movimento de Mulheres Indígenas nacional, e ajudamos a fortalecer a luta as mulheres indígenas do Nordeste e do Leste, a partir da Apoinme, e da região Sul, a partir da Articulação dos Povos Indígenas do Sul Arpin-Sul. Nosso objetivo é que as mulheres, com a sua visão de mãe e de mulher, contribuam para fortalecer o olhar geral do Movimento Indígena. A partir da representação, a mulher pode ser dirigente, eu sou coordenadora e o meu papel não é um papel decorativo. Existem dificuldades, principalmente, de gestão, mas busco aprender com os parentes, conhecer um pouco da realidade a partir das experiências de outros lugares. Cabe a nós, mulheres, manter o espaço conquistado. família, querem seguir caminhando sem atropelar as coisas.

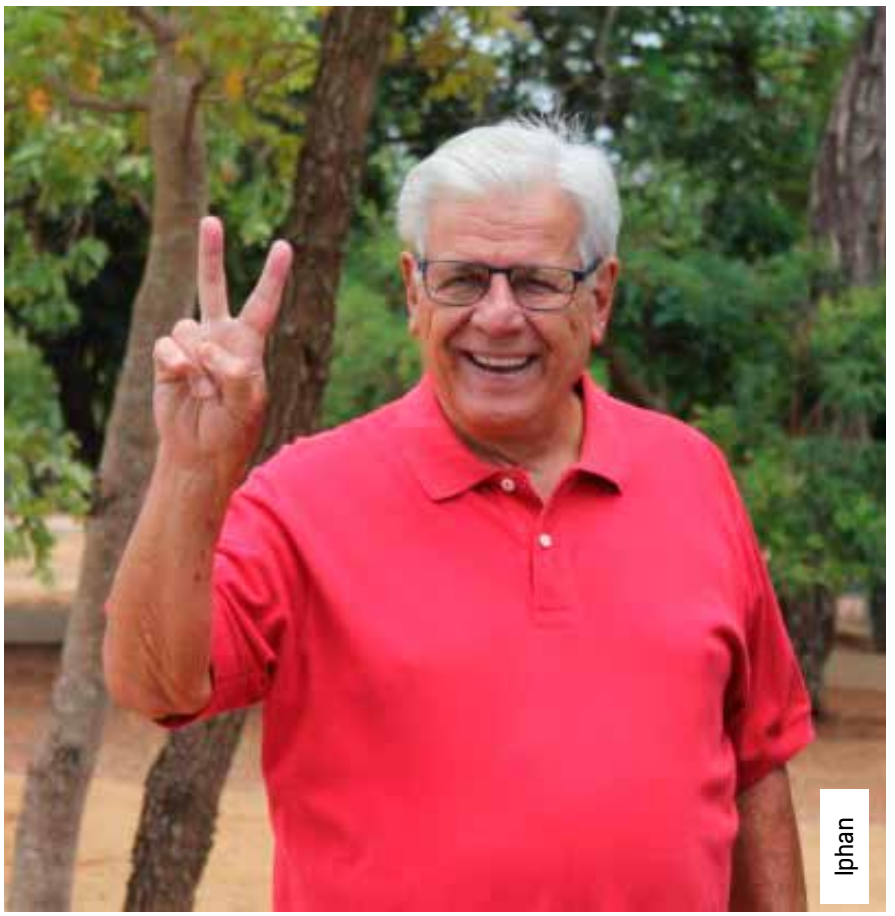
*"Uma discussão que as mulheres indígenas vêm fazendo é sobre o meio ambiente. Como a maioria delas faz o seu artesanato usando matéria prima da floresta, elas estão querendo saber mais sobre o que são os planos de manejo, sobre a luta começada por Chico Mendes e Ailton Krenak na Aliança dos Povos da Floresta."*
Rosimere Arapasso

Reprodução/Internet

# PEDRO WILSON GUIMARÃES

Conheci o Chico Mendes nas lutas pela redemocratização brasileira, na defesa dos Povos da Floresta, na luta pela paz, na construção do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), na luta pelos Direitos Humanos, na fundação do PT e da CUT e na construção de um Brasil melhor para todos. Conheci o Chico em São Paulo, Brasília, Goiânia, Porto Velho, Rio Branco, Brasiléia, Xapuri e no Acre de toda a sua vida. Conheci Chico Mendes pelos jornais, lutando pela defesa de índígenas, ribeirinhos, seringueiros, posseiros, trabalhadores, pescadores que sabiam viver, trabalhar e preservar a terra, as matas, as águas e os bichos da Amazônia. Falar do Chico é lembrar a luta contra a devastação da Floresta Amazônica pelos grileiros e fazendeiros, que, tendo destruído terras da Mata Atlântica, dos Pampas e do Cerrado, agora invadiam suas terras com nelores, derrubando sem dó seringueiras, castanheiras, madeiras de lei, árvores frutíferas, para colocar o capim Colonião. O gado valia mais que o povo. Chico Mendes, com suas denúncias e empates, defesa das florestas, defesa de uma sociedade mais justa e fraterna, realizou em Brasília o encontro de gente solidária com os seringueiros. Com esse encontro, em 1985, começava uma grande caminhada de Chico Mendes e companheiros pela Amazônia, em defesa das florestas e de seus habitantes nativos. No encontro de Porto Velho, em 1986, denúncias e mais denúncias de desmatamentos, mercúrio nas águas do Rio Madeira; estradas ameaçavam os Tapiri, os Uru-Eu-Wau-Wau e as reservas do Rio Guaporé, do Rio Javari, do Rio Jamari e minerações nas terras indígenas. Era o tempo da Constituinte de 1987 para 1988. Foi realizado em 1987, em Goiânia, um encontro com o nome de Semana da Paz, por causa do acidente radioativo Césio-137 que aconteceu em Goiânia com repercussão mundial. Na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), centenas de lideranças indígenas, seringueiros, camponeses, professores, estudantes, técnicos, igrejas, mídias debateram sobre o acidente Césio-137, até hoje não resolvido, como também os desmatamentos e as queimadas. Esses encontros de Brasília, Goiânia, Porto Velho e outros possibilitaram avanços na Constituição de 1988, o ano que não terminou para Chico Mendes. Um dia uma espingarda disparou o tiro certeiro na floresta, no coração da Amazônia. Morria o prêmio Global 500 da ONU, e esse tiro ecoou por uma floresta de paz na guerra insensata, inconclusa, feita pelos neocolonizadores da Ameríndia.

*"Chico Mendes, ontem, hoje e sempre, vivo na memória e na história."*



Iphan

# SEVERIÁ KARAJÁ

Sou Severiá Karajá-Javaé, nascida numa aldeia às margens do Rio Araguaia. Hoje não é mais aldeia, porque a última família de Karajá que existia era a nossa e, depois que os meus pais faleceram, não ficou ninguém para cuidar da aldeia. Entre 1969 e 1970 morei com uma freira franciscana, que me trouxe para também ser freira. Cursei Letras na Universidade Católica de Goiás (UCG). Antes disso, já estava com intenção de voltar para uma aldeia indígena e de retomar a minha vida como indígena. Nessa época, o Cipassé Xavante também era estudante em Goiânia. Começamos a namorar, fui com ele até a aldeia Xavante, nos reunimos para pedir permissão para casar e em julho de 1987 fizemos nosso casamento não-indígena em Goiânia. Depois, fomos para a aldeia Pimentel Barbosa, onde realizamos nosso casamento indigena pelo rito Xavante. Só não me casei na minha aldeia, porque nesta época minha aldeia não existia mais. No Movimento, comecei a participar principalmente na época da articulação da Aliança dos Povos da Floresta. Acabei conhecendo o Chico Mendes e o Ailton Krenak. Foi nesse tempo que se formou essa grande Aliança para o Brasil e para a Amazônia. Me lembro da primeira vez que nos reunimos: foi em Goiânia, durante a Semana da Paz, depois do terrível acidente radioativo do Césio-137. Isso foi em setembro de 1987, quando os seringueiros e índígenas participaram do evento em solidariedade ao povo de Goiás. Fechamos o acordo de fazer o I Encontro da Aliança dos Povos da Floresta no mês de março de 1989, no Acre. Goiânia, naquele momento, estava sendo vítima do medo e de muito preconceito. Muita gente estava em pânico porque o acidente tinha sido feio. Mesmo assim os indígenas e seringueiros marcaram presença. Eles entenderam que essa era uma boa oportunidade para continuar a articulação da  Aliança dos Povos da Floresta entre mais lideranças. Me lembro de Chico Mendes falando que, para o índígena e para o seringueiro, defender a floresta era como defender a própria vida. Depois veio a morte, a tristeza, o desconsolo e, no meio disso tudo, a decisão de fazer o Encontro da Aliança como combinamos.  Em março de 1989, sem Chico Mendes - mas para honrar o compromisso assumido com ele - fomos todos em direção ao Acre e fizemos o nosso I Encontro dos Povos da Floresta.

*"O Chico Mendes falava pra gente que  a luta dos Povos da Floresta era uma luta que precisava do apoio de muita gente: de muitos aliados de dentro e de fora da floresta. Ao ouvirmos Chico Mendes falar daquele jeito, sentíamos na hora que se tratava de uma questão de vida, não de uma sobrevivência, mas da própria vida."*

Vozes da Floresta

# DECLARAÇÃO DOS POVOS DA FLORESTA

As populações tradicionais que hoje marcam no céu da Amazônia o arco da Aliança dos Povos da Floresta proclamam sua vontade de permanecer com suas regiões preservadas. Entendem que o desenvolvimento das potencialidades destas populações e das regiões que habitam se constituem na economia futura de suas comunidades e deve ser assegurada por toda a Nação Brasileira como parte da sua afirmação e orgulho. Esta Aliança dos Povos da Floresta, reunindo índios, seringueiros e ribeirinhos, iniciada aqui nesta região do Acre, estende os braços para acolher todo esforço de proteção e preservação deste imenso, porém frágil sistema de vida que envolve nossas florestas, lagos, rios e mananciais, fonte de nossas riquezas e base de nossas culturas e tradições.

Conselho Nacional dos Seringueiros
União das Nações Indígenas

Rio Branco, Acre
Março de 1989

João Roberto Ripper/CTA

# ADILSON VIEIRA

Vinte anos após a criação da Aliança dos Povos da Floresta, que unificou, no Acre e no Brasil, a luta de indígenas, seringueiros e outras populações da Amazônia, os Povos da Floresta reuniram-se, em setembro de 2007, em Brasília, no II Encontro Nacional dos Povos da Floresta, em um reencontro das lideranças que ajudaram a consolidar a conquista do espaço político dos Povos da Floresta na sociedade brasileira. Vindos dos nove estados da Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, e de todos os outros biomas brasileiros (Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampas e Pantanal), os nossos Povos da Floresta – seringueiros e seringueiras, índígenas, açaizeiros e açaizeiras, castanheiros e castanheiras, ribeirinhos e ribeirinhas, caboclos e caboclas, quilombolas, quebradeiras de coco, pescadores e pescadoras, erveiros e erveiras, artesãos e artesãs – antes vistos como parte do folclore brasileiro, chegaram ao II Encontro como atores sociais capazes de impactar as políticas públicas nacionais. Nesse Encontro em que honramos a memória e reverenciamos o legado de Chico Mendes e de todas as lideranças que tombaram em defesa da floresta amazônica e dos povos que nela e dela vivem, quanta coisa mudou! O principal objetivo do II Encontro Nacional dos Povos da Floresta (o I Encontro ocorreu em Rio Branco, no Acre, em março de 1989, meses depois do assassinato de Chico Mendes), era construir um espaço coletivo de reflexão sobre as mudanças vividas pelo Movimento nessas duas décadas: conquistamos uma série de Reservas Extrativistas (RESEX), na Amazônia e em ouros biomas; foram criadas muitas Unidades de Conservação (UCS) no Brasil inteiro; e foram demarcadas várias Terras Indígenas, dispersas por todo o territtório nacional. Tudo isso advém de uma luta e de um posicionamento dos Povos da Floresta, das comunidades extrativistas, dos Povos Indígenas  e de outras populações trabalhadoras, não só da Amazônia, mas de todo o Brasil. O II Encontro dos Povos da Floresta mostrou que nossas conquistas resultaram de todas as lutas socioambientais que travamos na Amazônia e em todo o território nacional. Juntos, comprovamos um enorme grau de amadurecimento do Movimento Socioambiental da Amazônia e, sobretudo, dessa grande união dos Povos da Floresta, que são aqueles que menos contribuem para o aquecimento global e os que mais sofrem com os efeitos já perceptíveis das mudanças climáticas. Muitas lideranças falaram disso e deram como exemplo a seca que atingiu a Amazônia em 2005, (e que voltou devastadora, em 2023). Outra vez, as comunidades indígenas, seringueiras e ribeirinhas – que em toda a sua existência jamais contribuíram com sequer uma tonelada de gases-estufa na atmosfera – ficaram isoladas, sem comida, sem remédios, sem água para beber,  e, da forma mais trágica, sem as águas dos rios para navegar com suas canoas e barcos. Chamamos todos e todas: militantes, ambientalistas, setor privado, governo e sociedade para o diálogo. Um total de 5044 pessoas atenderam à nossa convocação. Ali enfrentamos o desafio de, uma vez mais, reinventar a Amazônia. Depois de três dias juntos, concluímos que a reinvenção da Amazônia é necessária e possível, porque nós, os Povos da Floresta, mais uma vez, decidimos que essa reinvenção precisa e vai acontecer. Nesse sentido, o sonho de Chico Mendes de fazer da Amazônia, parodiando os zapatistas "um mundo, uma Amazônia onde caibam muitas Amazônias" – uma Amazônia plural, símbolo de uma nova universalidade

> *"Sonhamos, como o Chico Mendes sempre sonhou, ser possível fazer da Amazônia um mundo onde caibam muitos mundos, uma floresta onde caibam todas as diversidades, uma Amazônia linda e plural, para os Povos da Floresta e para toda a Humanidade."*

humana, nascida de uma nova sociedade amorosa e solidária, esteve presente durante todo o II Encontro dos Povos da Floresta. Soubemos, uns dos outros, que na verdade essa reinvenção já se concretiza, seja em memória aos nossos heróis e mártires, tão lembrados durante o II Encontro, seja pelo esforço contínuo de luta de nossos companheiros e companheiras que, com seu suor, com seu trabalho e com o seu pensar, desenvolvem caminhos inovadores para garantir a sustentabilidade econômica, social, cultural e biológica da Floresta Amazônica  e dos Povos da Floresta. Caminhos esses que se materializam no avanço das Reservas Extrativistas, no manejo comunitário de lagos, nos sistemas agroflorestais, na coleta do mel nativo, no uso das fibras para a criativa confecção do artesanato, na sadia manipulação de nossos frutos – de diferentes formas, cores e sabores – na demarcação das Terras Indígenas e em todas as outras atividades apaixonantes do dia a dia do nosso povo no corção da floresta. Entretanto, a partir do II Encontro Nacional dos Povos da Floresta, fica a angustiante certeza de que "ainda somos vulneráveis, muito vulneráveis", sentimento vocalizado pelo Júlio Barbosa, pelo Jecinaldo Saterê-Mawé e por tantas outras lideranças. Depois do Encontro, essa frase ficou durante dias martelando na minha cabeça, pois estivemos todos ali, juntos, avançando na construção da sociedade solidária e fraterna dos sonhos de Chico Mendes, mas, ao voltar para casa, um mundo diferente nos esperava. Porque, mesmo felizes com as muitas conquistas que tivemos, sabemos que ainda temos pela frente uma longa estrada a ser trilhada. Porque ainda falta muito para que as nossas populações extrativistas, indígenas e tradicionais tenham sua cidadania plena. Em memória do Chico Mendes, nos comprometemos todos com a decisão tomada de que não podemos, não queremos e não vamos esperar mais tempo para que os Povos da Floresta possam, de fato, se orgulhar da sua condição de cidadãos e cidadãs brasileiros.

GTA

Comitê Chico Mendes

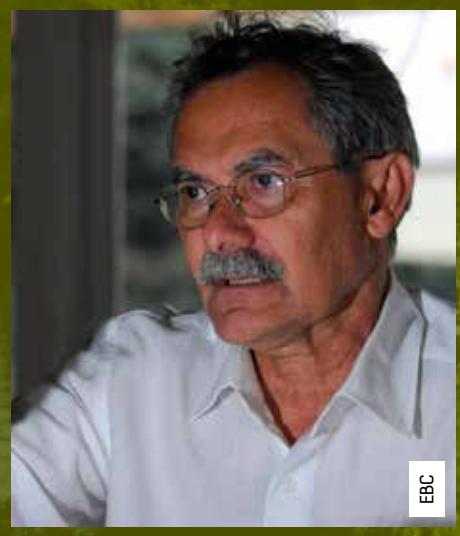
# O GRITO VERDE QUE ANDA

A minha viagem para os Estados Unidos foi interessante. A partir do Encontro do CNS [1985], em janeiro de 1987, eu recebo uma visita de um representante da ONU, aqui em Xapuri, e essa pessoa fez questão de ir comigo ao seringal, conhecer a experiência nossa. Quando foi em março, eu fui convidado pelas entidades ambientalistas para uma viagem aos Estados Unidos, a Miami, e é com essa viagem de Miami que começa então a pegar fogo, que começa a história do reconhecimento internacional da nossa luta.

Chico Mendes

Francisco. Chico. Chico Mendes.
Seringa. Seringueiro. Seringal.
Legião de homens e sonhos.
Verde rompendo o verde.
Punhal aceso na memória
da água, da pedra, da madeira.
Dos homens?
A sumaúma, a seringueira,
a pedra do Monte Roraima,
o sangue que mina do tronco
nos seringais de Xapuri indagam:
onde anda a sombra exilada
de Chico Mendes?
Organizador dos ventos gerais
que combatem depois das cercas,
de todas as cercas da Terra...
Chico: um grito verde que não cessa.

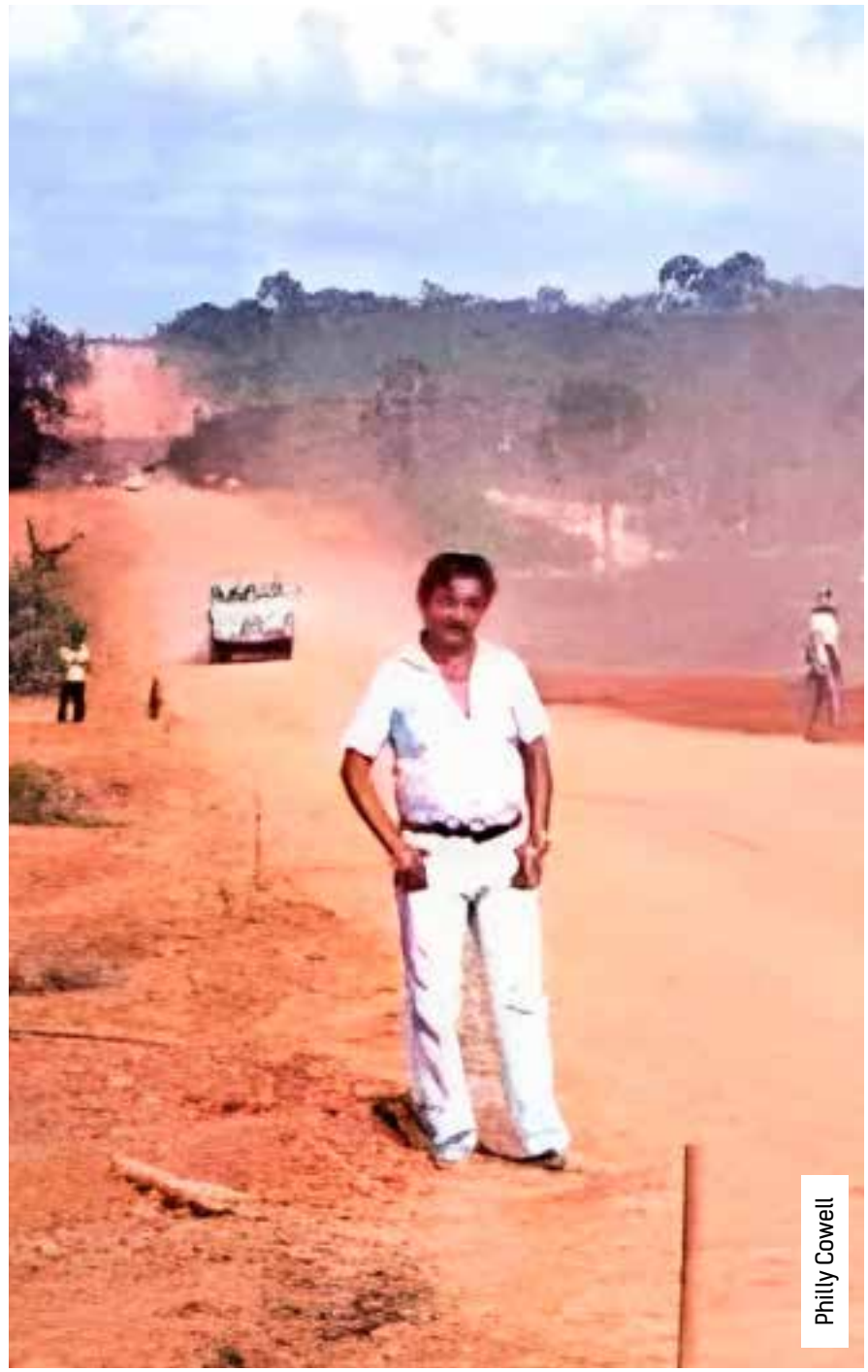
Pedro Tierra


EBC

Leonide Principe

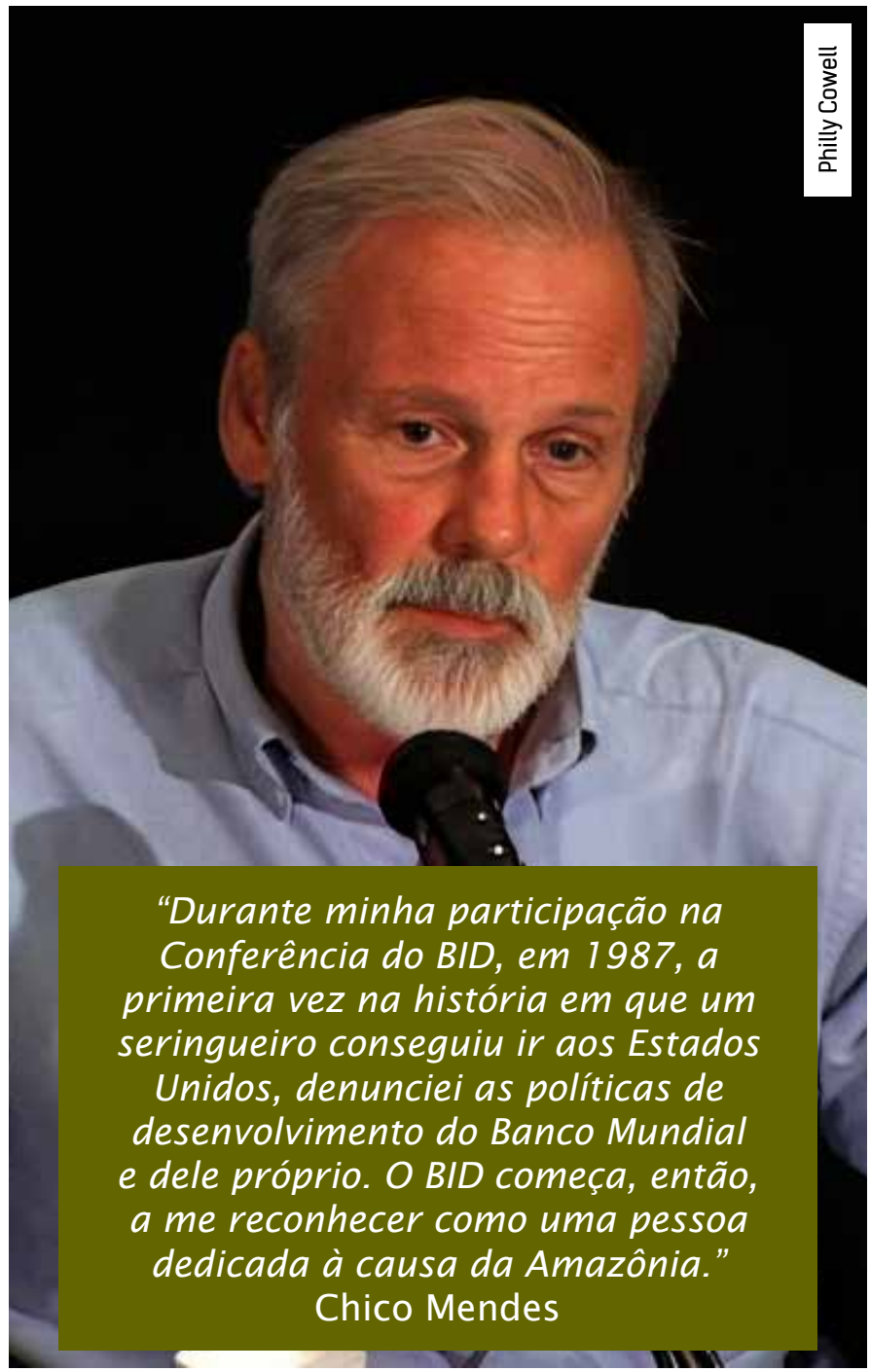
# ADRIAN COWELL

Comecei a me interessar pelos seringueiros em 1980, depois de receber uma ligação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). Estávamos filmando o processo de desmatamento no sul de Rondônia, quando Robert Lamb, assessor do Diretor do Pnuma, Mustafa Tolba, me ligou perguntando se o Pnuma deveria comprar pedaços da Amazônia para preservar as espécies em risco de extinção. Respondi que essa era a pior coisa que podiam fazer, porque o Brasil estava sob um regime de ditadura e que os militares se preocupavam muito com a chamada internacionalização da Amazônia. À pergunta dele sobre o que poderiam fazer, já que não deveriam comprar partes da floresta, eu disse que não tinha resposta. Prometi avisar quando encontrasse alguma. Foi assim que essa questão entrou na cabeça de um jornalista trabalhando nos atoleiros e na lama de Rondônia. Nos cinco anos seguintes, filmamos todo o processo de devastação da floresta e suas consequências. Vimos os colonos sendo forçados a abandonar suas terras, agora inférteis, em desespero. No final da década de 1980, cerca de 60% das áreas desmatadas em Rondônia já haviam sido abandonadas. Nesse tempo, filmamos várias estradas passando dentro de antigos seringais, onde cada seringueiro tinha em média uma colocação de 300 hectares. Em geral, os funcionários do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) eram favoráveis aos trabalhadores agrícolas pobres, mas só estavam autorizados a dar 50 hectares para cada colono. Muitos seringueiros ganhavam os 50 hectares, mas essa área era insuficiente para o extrativismo. Sem alternativa, a maioria vendia seus lotes e acabava nas favelas das cidades. Essa tragédia aconteceu porque havia uma impossibilidade legal – o Estatuto da Terra não permitia ao Incra dar mais de 50 hectares para cada família, mas também, e genuinamente, porque ninguém do Incra sabia o que fazer com a floresta fora da agricultura. Em 1985, decidimos presenciar o I Encontro Nacional dos Seringueros. Estávamos filmando, na cabeceira do traçado da BR-429, um trator cortando a floresta virgem em direção aos seringais do Rio São Miguel.



Philly Cowell

O cinegrafista Vicente Rios e eu dirigimos nosso jipe por dois dias e duas noites para chegar a tempo. Em Brasília, nos encontramos com a Mary Allegretti, que nos convidou para filmar o encontro. Quando ouvimos, durante o encontro, a proposta das Reservas Extrativistas, onde as colocações poderiam ser usadas, mas não vendidas, vimos que os seringueiros tinham uma concepção para o uso dos recursos naturais da floresta, com apelo suficiente ao Pnuma. Quando Mary nos apresentou ao Chico Mendes, o sindicalista que liderava a defesa dos seringais no Acre, pedimos permissão ao Chico para filmar o trabalho dele. Ao receber o filme, o pessoal do Pnuma entendeu ser essa uma alternativa melhor do que comprar terras na Amazônia, uma proposta que não somente era brasileira, feita por nativos da floresta, mas em defesa da floresta com base nos direitos dos posseiros, assegurados na Constituição. Ao preencher a indicação do Chico para o maior prêmio mundial de Meio Ambiente, o Global 500 da ONU, vi como seu caso era fácil de defender. Chico recebeu o prêmio em Birmingham, na Inglaterra, em julho de 1987. Depois da entrega do prêmio pelo diretor do Pnuma, no estúdio da Central Television, que patrocinava a nossa série A Década da Destruição, preparei os documentos para a indicação do Chico ao prêmio da Better World Society, nos Estados Unidos. Esses prêmios permitiram a mim, ao Steve Schwartzman e à Barbara Bramble apresentá-lo a muitos repórteres. Pensava que com essa exposição, talvez pudesse ajudar a protegê-lo. Quando o assassino Darci Alves se entregou à polícia, ele se declarou chocado com a enorme pressão da Polícia Federal, ordenada pelo próprio Presidente da República, para diminuir o protesto internacional. Matar um Global 500, para os defensores da natureza, equivale a matar um ganhador do Prêmio Nobel. Infelizmente, a família Alves não sabia disso. Foi uma tragédia enorme para a família de Chico; para todos nós, seus amigos; para o Brasil e para o mundo. Pena que os Alves – e quem estava por trás deles – não terem entendido a tempo essa verdade tão óbvia.


Philly Cowell

*"Durante minha participação na Conferência do BID, em 1987, a primeira vez na história em que um seringueiro conseguiu ir aos Estados Unidos, denunciei as políticas de desenvolvimento do Banco Mundial e dele próprio. O BID começa, então, a me reconhecer como uma pessoa dedicada à causa da Amazônia."*
Chico Mendes

# ALFREDO SIRKIS

Conheci o Chico em Xapuri, em 1987. Eu estava organizando o Partido Verde no Acre e, mesmo ele sendo do PT, fui a Xapuri encontrá-lo. Foi uma amizade intensa, instantânea, e houve um pacto imediato de apoio nosso à luta dos seringueiros, que, na nossa ótica, representava a junção das lutas sociais e ambientais. Voltando ao Rio, passei a montar uma rede de apoio ao Chico Mendes, que logo veio para cá e participou de um Encontro dos Verdes em Petrópolis. Nessa época, fiz uma entrevista com o Chico para o Jornal do Brasil (JB), que não quis publicá-la. O editor de então dizia que tinha mais interesse nos garimpeiros do que nos seringueiros. Com raiva, lhe respondi que, possivelmente, se interessaria por ele quando fosse assassinado. Tinha uma constante preocupação com o Chico, que estava ameaçado de morte por vários pecuaristas, aos quais ele tinha impedido de avançar suas "fronteiras de pasto", realizando os empates. Um deles, Darly Alves, parecia o mais perigoso. O CNS descobriu que Darly tinha crimes de morte no Paraná, inclusive um mandado de prisão. A informação foi vazada para ele, que foi se esconder e jurou de morte o Chico, que considerava o responsável pela revelação de seus antecedentes. No Rio, logo depois das eleições de novembro de 1988, organizamos um grande ato chamado "Salve a Amazônia", que consistiu numa maratona andando, correndo e pedalando do Jardim Botânico ao Monumento a Estácio de Sá, no Aterro do Flamengo, e na colocação de um imenso pano de juta com os dizeres "Salve a Amazônia". Foi uma manifestação notável. Há uma cena do Chico conversando comigo no meu velho Opala verde oliva, quando nos dirigíamos ao bondinho do Pão de Açúcar. Falávamos sobre o perigo que representava o tal Darly Alves. Eu tentando convencê-lo a ficar no Rio até que conseguíssemos fundos para contratar um grupo de seguranças particulares, pois, pelas histórias que ele contava, os policiais que o protegiam eram pouco confiáveis. A certa altura achei que o tinha convencido. O Chico decidiu ficar no Rio. Mas, por saudade da esposa, ele decidiu passar o Natal em Xapuri. Um mês depois, foi assassinado. Tornou-se um mártir internacional da causa ecológica, um símbolo, uma bandeira de luta, mas a perda foi irreparável. Era um ser humano extraordinário: generoso, sensível, divertido e um dos poucos quadros capazes de unificar em torno de uma causa comum setores díspares: seringueiros, índígenas, ecologistas, ambientalistas norte-americanos, PT, PV etc. Depois do Chico, não se encontrou mais um líder com as mesmas características.

*"A causa da Amazônia tornou-se internacional com a repercussão de sua morte, mas penso que, vivo, Chico Mendes teria feito muito mais."*

Reprodução/Internet

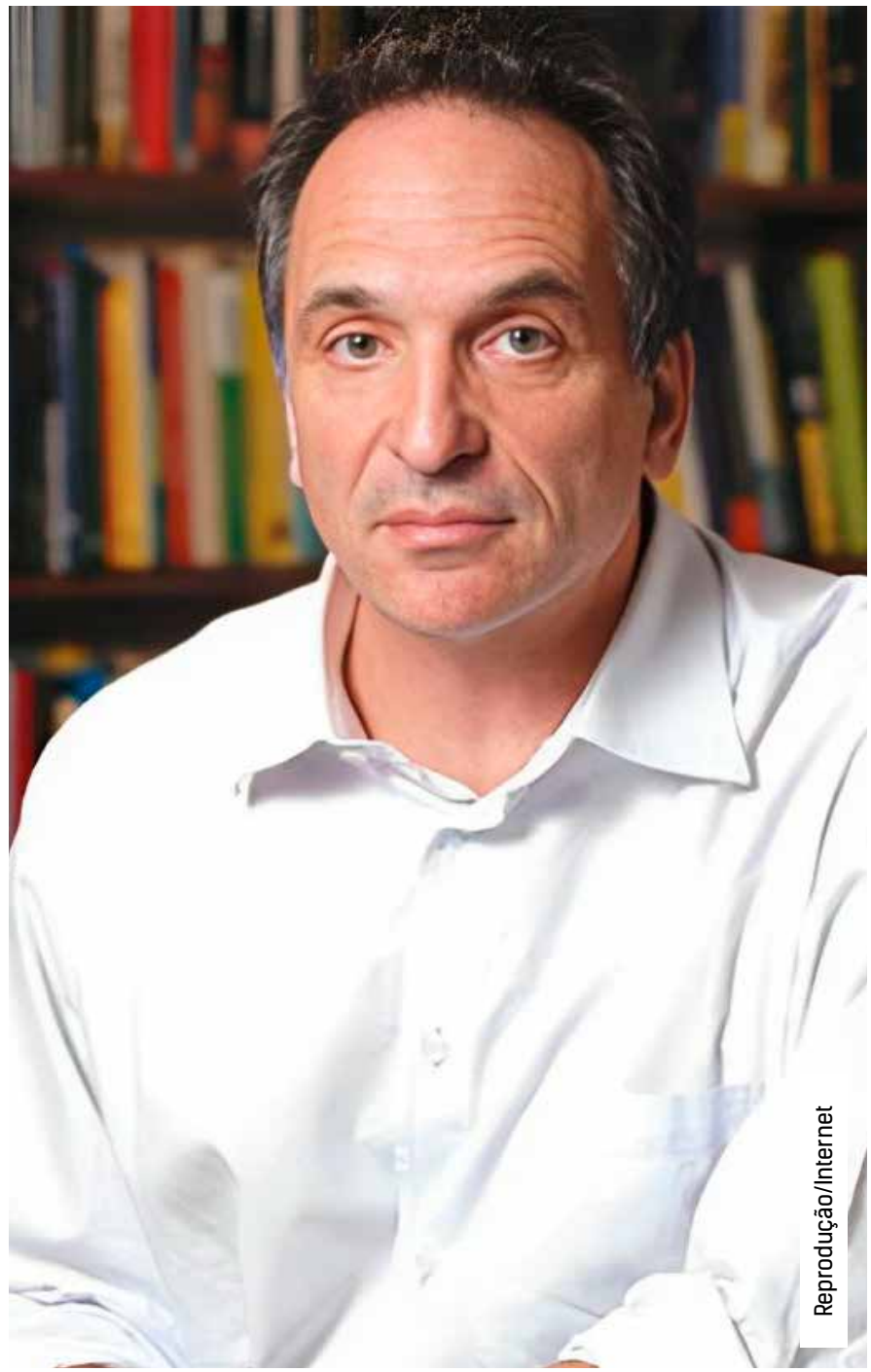
# ANA LUÍSA ANJOS

Foi como voluntária da Amanaka'a Amazon Network nos anos 90 em Nova York que descobri a maior riqueza da minha vida: os meus novos amigos, os Povos da Floresta! Aprender com eles sobre a Floresta Amazônica, suas culturas, suas lutas me fez querer ajudar a manter a floresta em pé, me fez querer vestir essa camisa para não tirá-la nunca mais do meu corpo. Essas amizades que eu fiz com índígenas, ribeirinhos e seringueiros deram um novo significado ao meu viver. Esses meus amigos deixaram de ser índios, seringueiros e ribeirinhos que viviam em uma floresta distante, para serem mestres nesse meu constante aprendizado sobre o meio ambiente, sobre a paz e sobre a vida. Quando eu soube que o Chico Mendes morreu tentando convencer o mundo de que a floresta em pé era mais lucrativa do que a floresta devastada e transformada em capim para criar gado, pensei: é essa bandeira que quero defender! Desde então, venho me esforçando para honrar a memória e o legado de Chico Mendes. Faço isso por mim mesma, por meu filho Troy, pelos Povos da Floresta, pelas crianças das comunidades por onde passo, que sempre me acolhem com ternura e pela esperança que tenho de que, com consciência ambiental, tempos melhores virão para toda a população do nosso planeta Terra. Chico Mendes, com toda sua simplicidade, deu a própria vida para salvar o maior "jardim do planeta". É impressionante ver como um homem da floresta, de Xapuri, do Acre, do interior da Amazônia consegue, depois de 35 anos, continuar nos mobilizando, nos movendo para a luta. É impressionante como essa presença forte, inspiradora e viva continua juntando gente, construindo políticas e, mais importante, juntando aliados em defesa da floresta e dos Povos da Floresta. É por isso que eu acho que o Chico Mendes é um grande símbolo, um grande líder e um dos maiores heróis do Brasil. Chico Mendes Vive! Salve a Amazônia!

*"O Chico se foi, mas o seu exemplo de vida continua plantando as sementes da vontade de mudança no coração de cada um e de cada uma de nós."*

# FÁBIO FELDMANN

Conheci o Chico Mendes no início da década de 1980. Durante todo o período da Constituinte convivemos bastante, inclusive nos meses anteriores à sua morte. Nós tivemos sempre uma relação de parceria e reciprocidade. Jamais esquecerei a capacidade do Chico de ser extremamente firme em relação aos seus posicionamentos, ao mesmo tempo em que era doce e delicado com as pessoas que o cercavam. Uma das lembranças mais fortes e bonitas que tenho do Chico é desse período da Constituinte. Ele ficava horas em meu gabinete me esperando, mas não se incomodava, pois estava sempre conversando com todos, e dizia que não via o tempo passar. Após a morte do Chico, em 1989, em homenagem a ele, introduzimos a categoria de Reservas Extrativistas na Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA). Após esses 35 anos, o Chico certamente teria muito do que se orgulhar, tendo sido um dos grandes responsáveis e inspiradores para as mudanças na política ambiental amazônica.

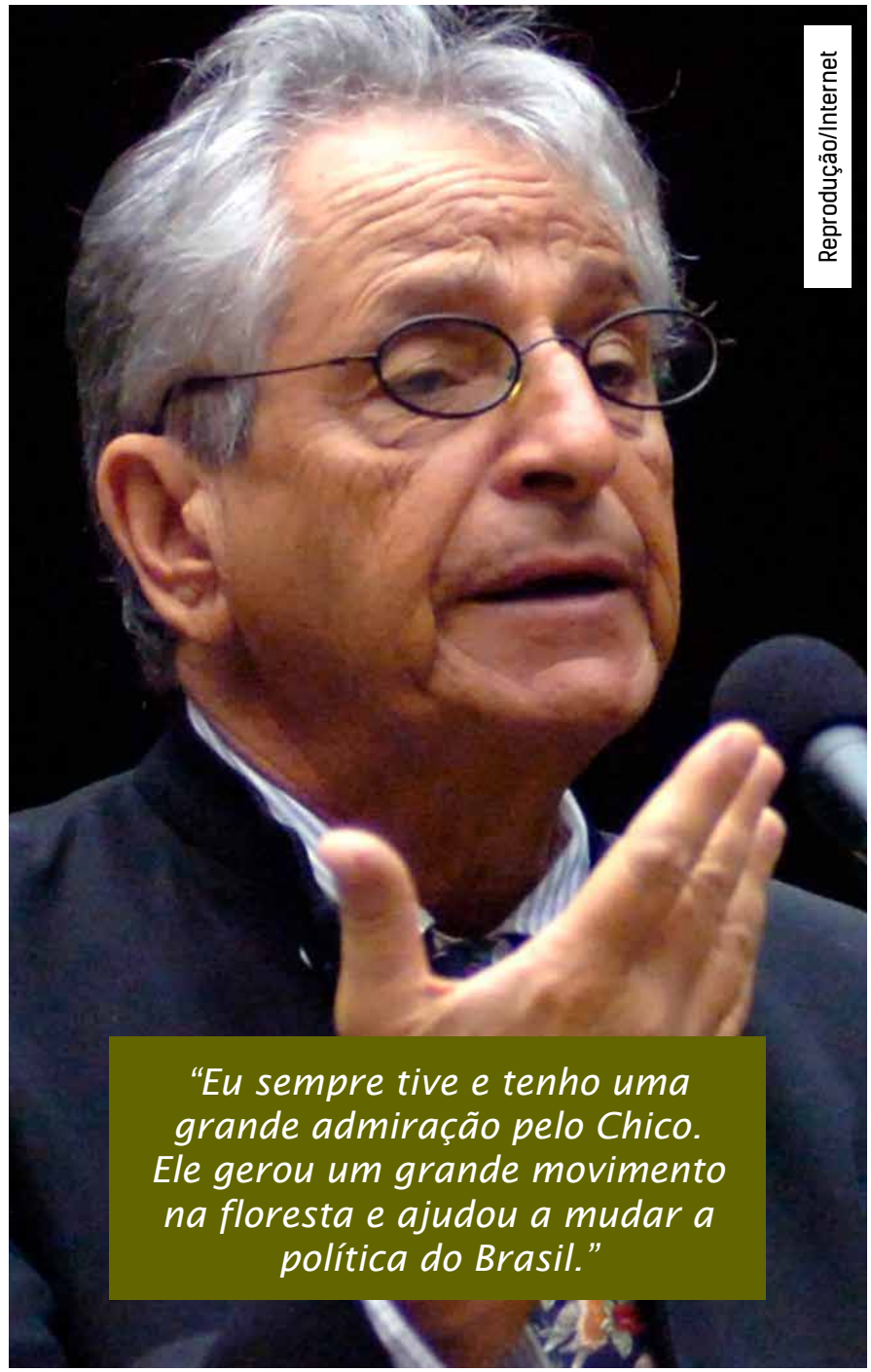


Reprodução/Internet

*"A floresta teve*
*uma perda.*
*Morreu uma parte de si."*
Alder Járede

# FERNANDO GABEIRA

Do meio para o final dos anos 1980, o Chico Mendes tinha uma vontade muito grande de quebrar o isolamento em que eles viviam lá no Acre, e nós no Rio de Janeiro estávamos começando a trabalhar pela Amazônia, com uma grande necessidade de nos envolvermos com as pessoas da floresta.  O Chico andava buscando uma alternativa mais ampla para disseminar as questões com as quais ele trabalhava, sobretudo a defesa da floresta. Mas o que seria uma relação política simples acabou se tornando mais complexa, porque o Chico Mendes apareceu no Rio de Janeiro ameaçado de morte. Isso nos obrigou a estabelecer um tipo de atuação não só destinada a proteger a floresta, mas, emergencialmente, a proteger a própria vida dele. Dentro desse esforço, nós enviamos a Lucélia Santos e um fotógrafo da Folha de São Paulo para o Acre. Então fizemos algumas reportagens contando as coisas que estavam acontecendo por lá, chamando a atenção para as ameaças contra a segurança do Chico. Me lembro que, no Acre, a Lucélia procurou as autoridades, procurou até o governador do estado, pedindo proteção pra ele. Esse processo infelizmente acabou sendo frustrado, porque o assassinato aconteceu. Foi perto do Natal, quando recebemos o telefonema informando que ele foi morto; eu imediatamente fui para Xapuri, e a Lucélia também. A Lucélia tinha um conhecimento maior da realidade local, das próprias pessoas, das ameaças e, com o conhecimento que tinha, ela pôde contribuir um pouco, indicando onde estavam os acusados, os principais suspeitos. Eu fui para o enterro e depois como jornalista acompanhei as investigações, a fuga dos assassinos e o julgamento depois da fuga. Nesse processo, nós aprendemos que a morte do Chico não foi uma coisa isolada. Havia disposição de setores importantes do Acre de afastar aquelas pessoas, como o Chico Mendes, do processo político de lá. O que mostra que, na verdade, a passagem com o Chico Mendes era apenas o início de um processo em que o poder estava mudando de mão no Acre, do qual o Chico Mendes teve que servir, infelizmente, como uma grande semente.


Reprodução/Internet

*"Eu sempre tive e tenho uma grande admiração pelo Chico. Ele gerou um grande movimento na floresta e ajudou a mudar a política do Brasil."*

# BARBARA BRAMBLE

Quando eu conheci o Chico Mendes, ele já estava no final da vida. Visitei o Acre com o Steve Schwartzman, para discutir a possibilidade da ida do Chico a Miami, para a Reunião Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Naquela visita, nós o acompanhamos a várias comunidades de seringueiros nas cercanias de Xapuri. Nós vimos como o Chico ia de família em família, de companheiro em companheiro, conversando com as lideranças do CNS para convencê-las de que ele não estava abandonando a luta para virar uma estrela, de que ele ia aos Estados Unidos para representar o interesse de todos, não para passear; de que ele ia falar com os banqueiros para tentar parar os desmandos da BR-364. Pacientemente, o Chico Mendes explicava que o objetivo da viagem era exigir do BID a consulta prévia com as comunidades antes de continuar a construção daquela rodovia destruidora, financiada pelo Banco Mundial. Ele dizia que ia para exigir que a rodovia só fosse feita depois de observadas todas as salvaguardas sociais e ambientais que poderiam resguardar os interesses das populações indígenas e dos seringueiros. O Chico aproveitava cada conversa dessas para explicar que, quando as Reservas Extrativistas chegassem, cada família ia continuar no seu seringal, com direito de usufruto, mas sem poder vender a terra, porque a terra ia continuar sendo de todos, sob a guarda da União. Depois dessas consultas todas, ele finalmente concordou em viajar. E, de fato, foi para Miami e daí para Washington, capital dos Estados Unidos, onde ele se encontrou com membros do Congresso e com jornalistas. Depois ele fez viagens semelhantes para Nova York e para a Europa. Isso explica, em parte, porque a notícia do assassinato dele no ano seguinte causou tanta comoção e tanto impacto. Pessoas de várias partes do mundo o conheciam e tinham conversado com aquele seringueiro de traço e tom suaves, aquele defensor incansável da floresta, que apenas tentava com todas as forças proteger seu povo e sua floresta da destruição. Nos últimos anos da sua vida, Chico Mendes começou a ter noção do enorme potencial e escopo da sua proposta de Reservas Extrativistas. Como nós sabemos agora, as Reservas Extrativistas provaram ser uma boa estratégia para a conservação da floresta. O Chico não teve tempo nem oportunidade de ouvir os termos que os especialistas usam hoje – pagamento por serviços ambientais, créditos de Carbono e redução das emissões por desmatamento e degradação –, mas a ideia pela qual ele lutou e morreu, de que a floresta devia ser vista por seu valor econômico, está dentro de cada um desses conceitos modernos.

*"O Chico acreditava - e ele estava certo - que a Amazônia poderia ser economicamente viável como floresta se os seus recursos naturais fossem valorizados e se o uso sustentável fosse o caminho escolhido para explorá-la."*

Philly Cowell

# CARLOS MINC

Eu conheci o Chico Mendes por volta de 1986. Convivi mais com ele a partir de 1987, no Rio de Janeiro, e também no Acre, acompanhando um empate, onde vi como as famílias se abraçavam nas seringueiras, nas castanheiras e nas samaúmas gigantes, para evitar que os correntões e as motosserras destruíssem as árvores e devastassem a floresta que lhes dava abrigo e sustento. O Chico Mendes era uma pessoa muito doce, firme e sensível. Ele também era um grande sindicalista, tinha aquela ideia da união, da terra, do trabalho coletivo. Chico enfrentou os seringalistas e organizou o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). Mas ele inha também uma dimensão espiritual muito forte: conversava com as árvores, com os bichos, respeitava os seres mágicos das matas. Chico Mendes era o homem da unidade, do diálogo, mas também era o homem do enfrentamento. No passado, índígenas e seringueiros se tornaram inimigos. O Chico Mendes conseguiu estabelecer uma ponte entre os seringueiros e os índígenas. Além de organizar a união dos seringueiros, ele também organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que é uma coisa mais ampla, criando um diálogo e lutando também pela demarcação das Terras Indígenas. Ele tinha uma coisa de Gandhi da Floresta. Não praticava ações violentas. Organizava os empates: as famílias ali, paradas, abraçando as árvores, enfrentando os correntões, lembravam o povo indiano se recusando a entregar o sal para os ingleses. Alguma coisa a ver com uma desobediência civil pacífica. Uma forma de enfrentamento não violento, mas que dá uma força moral, uma dignidade muito grande para aqueles que lutam por seus direitos. Eu acho que essas foram algumas das razões que tornaram esse homem tão simples uma figura mundialmente conhecida como defensor da Amazônia. A ministra Marina Silva tem muito da tradição do Chico Mendes. Ela é do Acre, era amiga e companheira do Chico, e sempre foram da mesma luta. E ter se tornado ministra do Meio Ambiente é uma coisa diretamente ligada a esse legado do significado nacional e mundial dessa luta. Eu tive a honra de me tornar amigo dos dois.

Reprodução/Internet

*"O Chico Mendes representa a fusão de dois grandes ideais: o ideal da justiça, da luta contra a desigualdade, do povo não ser excluído e, por outro lado, representa o ideal da ecologia, da floresta, do seringueiro, do índígena, do respeito que ele tinha de falar com os animais e de falar com as árvores."*

# LUCÉLIA SANTOS

*“Um ser único... E tenho uma convicção: se o Chico não tivesse dado sua vida da forma como o fez em defesa da Floresta Amazônica, a essa altura talvez já não restasse mais nada dela.”*

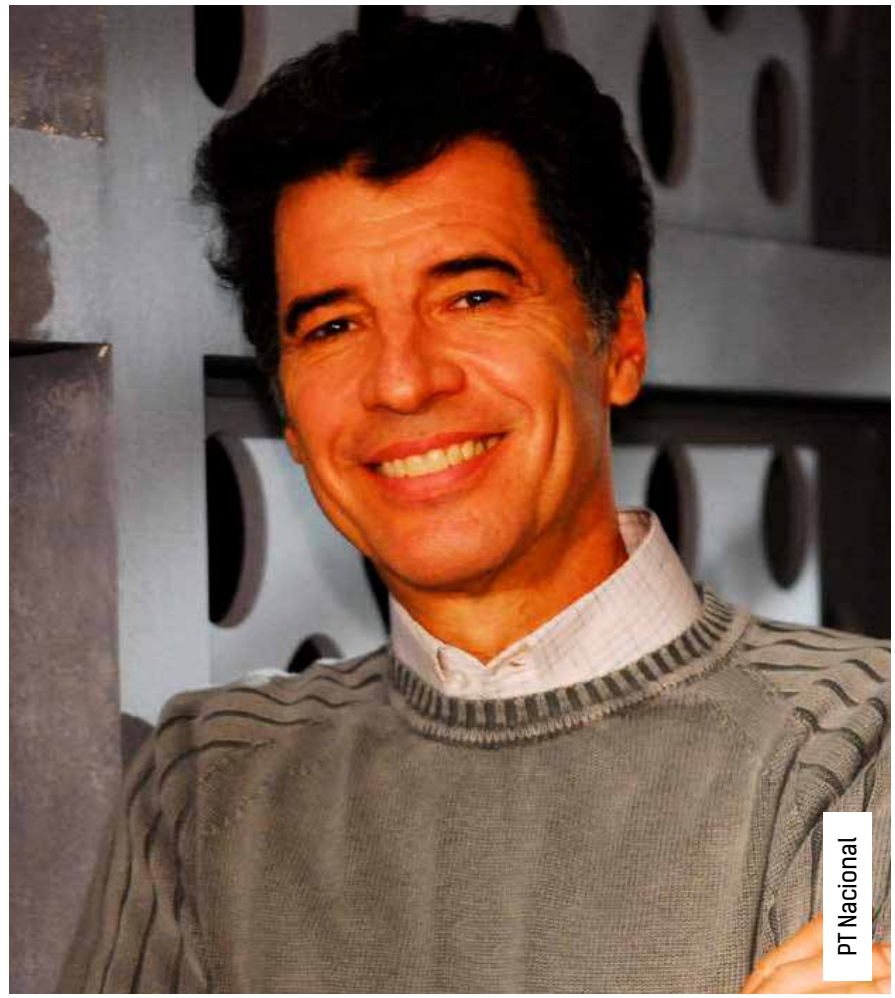
Lembro-me como se fosse ontem da primeira vez que pisei em Xapuri. Ao desembarcar em Rio Branco, lá estava ele, o Chico Mendes, à minha espera, dentro da pista de pouso, de braços abertos! Era um momento importante, a reeleição no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, onde o Chico disputava o seu segundo mandato. Era dia 1º de maio de 1988. Chico viria a ser assassinado apenas sete meses depois. Nosso relacionamento foi curto, mas tremendamente intenso. Nos grudamos, começamos a trabalhar a reeleição dele pro Sindicato; fizemos o Encontro das Mulheres dos seringais com as indígenas, com as caboclas, suas histórias, seus problemas, suas propostas; e também o encontro com grupos internacionais de ambientalistas em defesa da floresta e em busca do Chico; na verdade, com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Incra e os enroladores da época, de modo geral! Nunca me esquecerei da cara de “pasmado” do Chico ao ouvir um monte de mentiras sobre a velocidade que o governo pretendia impor ao projeto das Reservas Extrativistas, ao das pequenas usinas de beneficiamento de castanhas e aos demais projetos dele. O Chico nunca reagiu com qualquer agressividade ou cobrança e é isso que quero registrar nesse meu pequeno depoimento sobre ele. O Chico foi, sem dúvida alguma, de todos os companheiros de minha vida, o mais “não violento”, o mais puro e sem malícia que vi circular neste Planeta!

Reprodução/Internet

# PAULO BETTI

Meu interesse sobre a causa dos Povos da Floresta começou e se fortaleceu, como quase tudo de bom que me aconteceu na vida, através do Teatro. Essa arte ancestral me abriu os olhos e o coração para entender um pouco mais desse mundo habitado por homens e lendas. Foi em 1977, com o grupo teatral comandado por Celso Nunes, "O Pessoal do Victor". Queríamos fazer uma peça que retratasse o universo de nossos irmãos indígenas. Naqueles anos de censura, a questão era praticamente proibida nos palcos, por razões de "segurança nacional". Em perspectiva, compreendo ainda mais a importância do trabalho de Márcio Souza, que escrevia e montava peças sobre esse tema naquele momento. Nosso grupo decidiu montar "Os Iks", um texto de Peter Brook, Denis Canam e Jean Claude Carriere, que o diretor Yacov Hillel havia visto em Paris, e que achávamos perfeito para falarmos do assunto sem esbarrar na censura. O Teatro era obrigado naqueles tempos a falar sobre o que queria através de subterfúgios. O texto era baseado no livro do inglês Collin Turnbul, "O Povo da Montanha", e versava sobre a cultura da fome de um povo que vivia num parque nacional em Uganda, na África. A peça era requintada e contundente. Falava do processo de degeneração cultural daquele povo, assolada pela fome ancestral. No final, completamente equivocado, o antropólogo pregava a extinção do grupo, separando seus membros, pois achava que os Iks não tinham nenhuma saída. Era uma provocação e tanto. Passamos um ano estudando e tentando, através de laboratórios e exercícios teatrais, ser Iks. Para nós, jovens atores daquele grupo, eles, os Iks da montanha, eram o nosso Povo da Floresta, os nossos Povos Indígenas. Estudamos as danças e os mitos indígenas brasileiros. Aprofundamo-nos, conhecendo os problemas e as visões de antropólogos e sertanistas. Um ano exercitando e mais um ano apresentando e vivendo a peça nos colocou em contato com gente como Cláudio e Orlando Vilas Boas, Sidney Possuelo, Peter Fry, Marcos Terena, Ailton Krenak, Ricardo Rezende, Marina Silva e muitas outras lideranças.

*"Hoje me considero, também,*
*um homem da floresta.*
*Muito obrigado ao legado de Chico Mendes.*
*Muito obrigado aos que seguem na luta.*
*Muito obrigado a todos*
*que me aceitaram.*
*Muito obrigado ao Teatro!"*

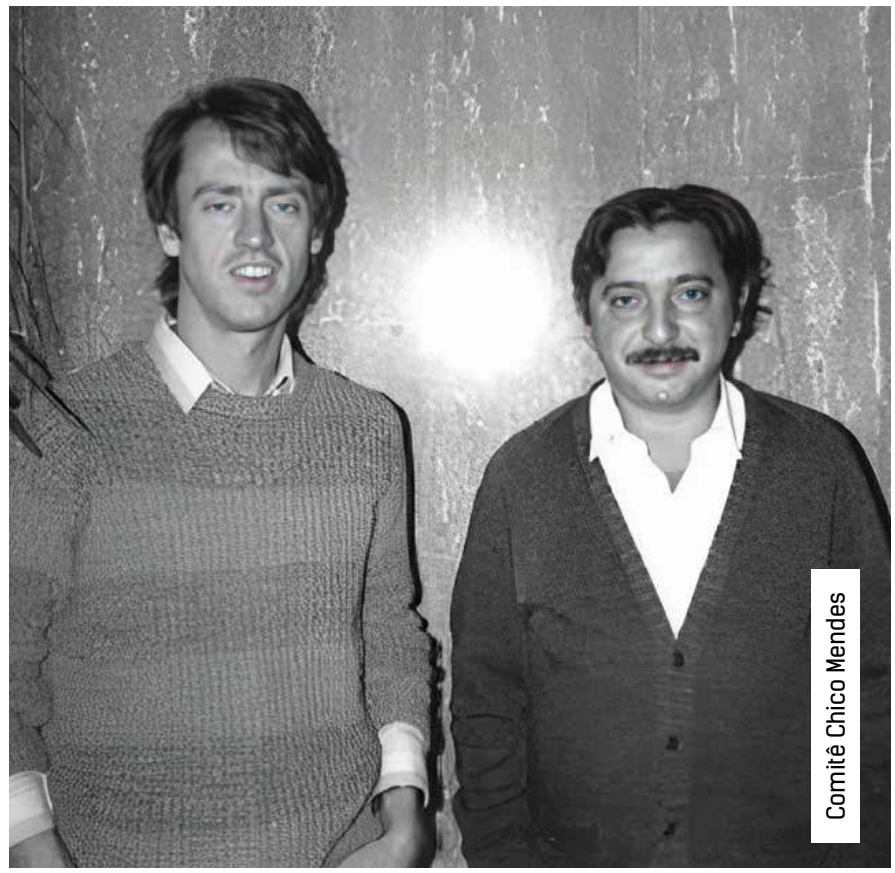


PT Nacional

# STEPHAN SCHWARTZMAN

No dia 22 de dezembro de 1988, Chico Mendes foi assassinado na sua casa azul e rosa, em Xapuri, no Acre, no oeste da Amazônia, quase na divisa do Brasil com a Bolívia e o Peru. Notícias da morte do Chico, ao contrário dos outros 1,5 mil assassinatos de trabalhadores rurais, feitos por jagunços no interior do Brasil ao longo daquela década, foram rapidamente disseminadas por todo o mundo. Dois dias depois, a morte do Chico foi capa do The New York Times. Durante mais de uma década, Chico Mendes liderou as comunidades que viviam no interior da floresta, realizando ações contra o desmatamento feito pelos fazendeiros, vindos de outras regiões do país. Chico e seus companheiros lutavam para proteger a floresta onde viviam, e isso custou a vida dele e de outras lideranças, como a de Wilson Pinheiro, anos antes em Brasiléia. O Chico tinha essa visão de que a luta dos seringueiros acreanos tinha que se expandir para além das fronteiras do Acre, para além das fronteiras da própria Amazônia. O Chico Mendes foi um dos primeiros líderes a entender que os seringueiros e castanheiros do Acre, pobres e isolados, assim como as outras comunidades tradicionais que viviam da floresta, necessitavam criar uma alternativa para o modelo de desenvolvimento desigual e destrutivo trazido pelo governo federal. Foi então que conceberam as Reservas Extrativistas como áreas protegidas de florestas, administradas de maneira sustentável pelas comunidades, que, em retorno, ficariam com o direito de uso da floresta e com acesso às políticas sociais. Chico fundou o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), desde 2009 renomeado como Conselho Nacional das Populações Extrativistas, para defender as comunidades tradicionais e para transformar as Reservas Extrativistas em realidade. Ele fez também uma aliança com os Povos Indígenas, acabando com décadas de inimizade entre índígenas e seringueiros, porque ambos viram a necessidade de se unir para defender o modo e a qualidade de vida de seus povos e comunidades. Assim foi feita, por Chico Mendes e seus companheiros, indígenas e seringueiros, a Aliança dos Povos da Floresta.

*"O BID tá chegando no Acre, quer conversar comigo, quer ir comigo numa área de reserva dos seringueiros; e, segundo o que se sabe, eles estão dispostos a acatar a proposta do CNS, que é a de criar Reservas Extrativistas em todos os pontos estratégicos de conflito na Amazônia, principalmente no Vale do Acre."*
Chico Mendes


Comitê Chico Mendes

# VIRGÍNIA GANDRES

No comecinho da década de 90, eu estava em Nova York estudando produção e vídeo,  e buscando alguma oportunidade de trabalho com os povos da Amazônia, com a defesa do legado de Chico Mendes. Um dia encontrei minha amiga Ana Luísa Anjos, e ela me falou da Zezé Weiss, que trabalhava com os Povos da Floresta, estava promovendo uma Semana da Amazônia e queria alguém para coordenar a mostra de vídeos ambientais da Semana. Na próxima reunião, eu já fui com a Ana, que me apresentou à Zezé, e eu embarquei nesse batelão, no qual sigo viajando até hoje. Fizemos a Semana da Amazônia com dezenas de líderes da floresta e foi muito bacana, porque foi uma experiência incrível, diversa, que eu jamais vou poder esquecer. Terminada a Semana, alguém precisava viajar para cuidar da delegação da Aliança dos Povos da Floresta pelos Estados Unidos. Eu me voluntariei, a Zezé aprovou e eu acompanhei o grupo – era a época do show do Milton Nascimento com o disco TXAI, e a gente fez Nova York, São Francisco e a capital do país, Washington, nessa viagem pelos Estados Unidos. Nossa tarefa era organizar a agenda política. Visitamos todos os grandes jornais, o The New York Times, o Washington Post, todos, e as principais organizações de direitos humanos, de meio ambiente e do mundo financeiro, como o Caucus for Human Rights, a Anistia Internacional, o Banco Mundial. Nessa reunião do Banco Mundial, tinha um monte de homens de terno esperando por nós, e a gente atrasado à beça. Quando finalmente chegamos, estava aquele mal-estar, os engravatados impacientes. Aí o Ailton Krenak resolveu desanuviar o clima e foi logo dizendo: "Senhores, desculpem. A culpa desse nosso atraso é toda do Cipassé Xavante. Ele é muito vaidoso, ficou uma hora inteira pintando essa franja de urucum." Aí todo mundo riu, relaxou todo mundo. Essa foi uma reunião muito importante, porque foi nela que o pessoal do Banco Mundial disse, pela primeira vez, que ia considerar as propostas dos Povos da Floresta. Depois eu vi em teses escritas que, desde 1991, o Banco tem mudado a sua política de investimentos na América Latina e passou a apoiar projetos para os Povos da Floresta. É bacana ver que pelo menos um pouquinho dessa mudança passou, ainda que quase anonimamente, pelo trabalho da Amanaka'a e da Aliança dos Povos da Floresta. Depois participei da outra Semana da Amazônia e, a convite do Antonio Macêdo, do Siã Kaxinawá e do Ailton Krenak, eu decidi me mudar para o Acre. Eu estava noiva do vice-presidente da Bolsa de Valores, o Anthony Dixon, e larguei tudo para ir morar em Cruzeiro do Sul. Espero que este livro seja traduzido para o inglês e que um dia o Anthony possa me perdoar.

*"Foi um privilégio imenso acompanhar a viagem da delegação da Aliança dos Povos da Floresta durante a turnê TXAI, de Milton Nascimento, pelos Estados Unidos."*

Virginia Gandres

CHICO
SEGUIREMOS SEU EXEMP
NADA NOS FARÁ REC

CHICO
SEGUIRE
NADA NO

# “SABIA QUE CHEGARIA A MORTE SEM AVISAR”

"Sabia que chegaria,
a morte sem avisar,
porém, a morte se enfrenta
quando há um povo por trás."

Canção Nicaraguense

Leonide Principe

# ANÍBAL DINIZ

Francisco Alves Mendes Filho foi um grão de trigo lançado ao solo que multiplicou-se em ideais de sustentabilidade, com uma importância cada vez maior em todo o planeta. Chico Mendes foi um homem simples que viveu e pensou para muito além do seu tempo. Hoje, 35 anos depois de seu brutal assassinato, é possível olhar à nossa volta e confirmar que sua morte não foi em vão. A defesa da floresta – e dos povos que nela habitam – está presente nas leis, nas instituições e na consciência das muitas pessoas cada vez mais comprometidas com a luta socioambiental pela sustentabilidade. É por isso que Chico Mendes é um homem singular. Ele resistiu, liderou empates, denunciou atrocidades de jagunços contra posseiros e levou ao conhecimento da opinião pública mundial que a Amazônia corria o risco de ser destruída pelas motosserras. Por essa luta, Chico Mendes ganhou vários prêmios internacionais, como o Prêmio Global 500 da ONU. Estive com Chico Mendes e cheguei a ser pautado por ele algumas vezes. Na década de 1980, na casa do bairro da Bahia, no aparelho trotskista que o Antonio Manoel montou para reuniões de militantes e para abrigo de companheiros do interior que vinham para os encontros do PT, partilhei um frango com batatas preparado por ele. Pena que sua estada em nosso meio tenha sido tão curta. Lembro-me, quando caminhava até o ponto de ônibus para pegar o Universitário, do choro copioso do também já falecido Jorge Nazaré, que descia a rua Silvestre Coelho para entrar na Getúlio Vargas, rumo ao centro. Eram por volta das 9 da noite, quando ouvi o Jorge dizer aos prantos que o Chico havia sido metralhado no quintal de sua casa. Fomos juntos ao encontro do Toinho Alves, que estava num restaurante próximo. Ele suspendeu o jantar e imediatamente seguimos para a TV Aldeia, de onde, minutos depois, com o apoio técnico de Josenir Melo, ele entrou no ar para dar o bombástico anúncio. Hoje, Chico Mendes é reconhecido pela ONU, como uma das grandes personalidades pacifistas da história, ao lado de Martin Luther King, Mahatma Gandhi e Nelson Mandela, com homenagens póstumas em várias cidades do mundo. A bravura deste grande brasileiro, educador, seringueiro, sindicalista, ambientalista e fundador do Partido dos Trabalhadores, permitiu que a saga iniciada no Acre ganhasse o mundo. É disso que trata este livro, contendo depoimentos de dezenas de pessoas afinadas com seus ideais. A então senadora da República e hoje ministra Marina Silva fez justiça ao incluir, em 22 de setembro de 2004, pela Lei 10.952, o nome de Chico Mendes no livro dos Heróis da Pátria. E que herói!

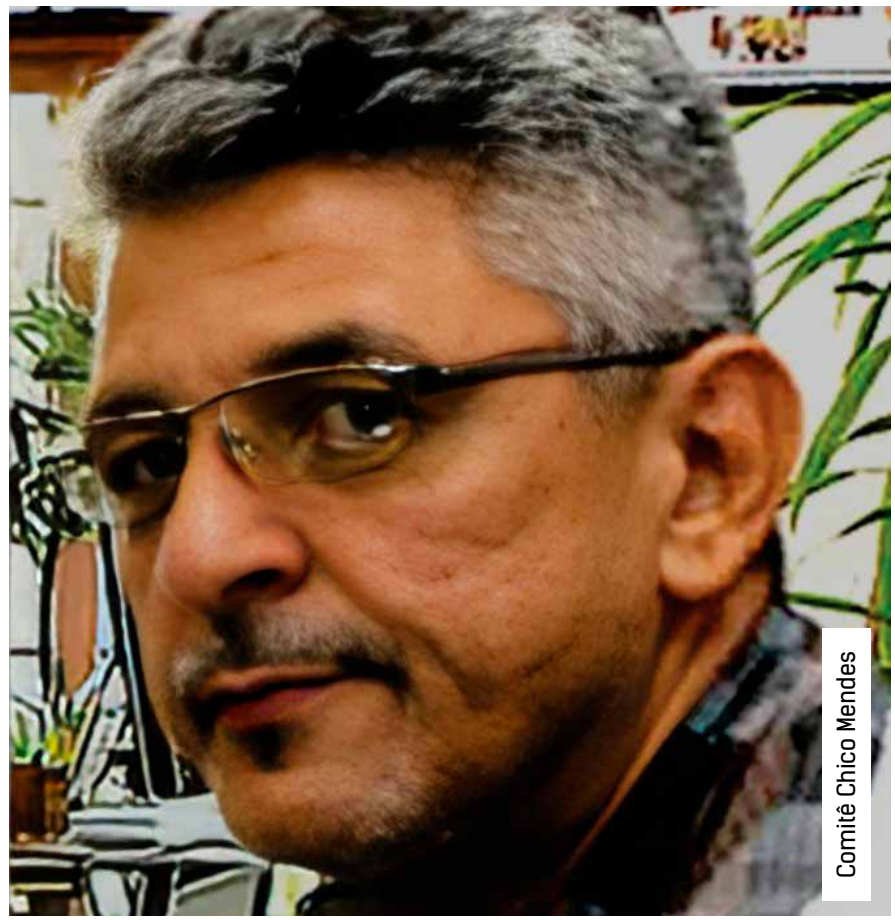
*"Chico Mendes não queria morrer, mas também não aceitou a hipótese de se acovardar diante daqueles que queriam a sua omissão e o seu silêncio."*

EBC

# ANTONIO MONTEIRO

A minha história no Movimento acompanha a do Cacá Araújo, porque nós praticamente começamos juntos no PT e no trabalho com o Chico Mendes. Eu trabalhei em Brasiléia e tinha aproximação com o Sindicato, que era liderado pelo Wilson Pinheiro, até o assassinato dele, em 1980. A morte do Wilson Pinheiro foi um choque pra todo mundo e marcou muito o Movimento Sindical, porque ele foi a primeira liderança sindical de expressão assassinada no Acre por causa da questão fundiária. Em 1980, antes mesmo da morte do Wilson Pinheiro, fui transferido para Rio Branco, conheci o Cacá e passamos a trabalhar muito próximos um do outro. Nosso trabalho de extensionismo rural nos aproximou do Chico Mendes que, naquela época, já andava buscando alternativas para manter os seringueiros com uma produção sustentável dentro da floresta. Nós acreditávamos e começamos a trabalhar para fazer a aliança campo-cidade, também através do PT e do nosso partido clandestino, o PRC. Mas o Chico sempre foi além do PRC, ele transitava e tinha a admiração de toda a esquerda. O Chico tinha uma postura avançada de que uma aliança com o conjunto das forças de esquerda era muito importante. A gente tinha uma visão bem menor do que a do Chico, a gente queria era trazer todo mundo para o PRC. E o Chico, que era pessoa do diálogo e nunca foi sectário, é quem fazia essas pontes. Uma das passagens que marcou muito minha vida foi ele ter se encontrado comigo 10, 15 dias antes da sua morte e ter dito que os fazendeiros haviam anunciado que ele não iria virar o ano, que ele iria morrer, que ele não veria o ano de 1989. Eu propus que ele levasse os familiares para o Rio e passasse uns 30 dias por lá. A gente sabia das ameaças, mas não acreditava, na verdade não queria acreditar. No dia 22 de dezembro, de noite, uma amiga minha chamada Patrícia me ligou falando que o Chico tinha acabado de ser assassinado, quando tentava sair pra tomar banho, no quintal de sua casa, em Xapuri. Passei a noite toda chorando, ligando para os amigos, falando da tragédia, eu mais sentido porque ele tinha me dito há poucos dias que ia ser morto, que não iria virar o ano. Eu era pela vingança física, mas ficou decidido que não. Então uma das formas de homenagear o Chico foi colocar em meu filho, que estava para nascer, o mesmo nome do filho dele. Houve um entendimento, uma compreensão de que não caberia a vingança física na época, então eu fiz a minha homenagem silenciosa. No dia 20 de junho de 1989, nasceu meu filho, a quem chamei de Sandino.

*"Até hoje me emociono ao falar do Chico Mendes, porque ele foi uma pessoa que marcou a minha vida para sempre."*



Comitê Chico Mendes

# CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO CACÁ

Ouvia falar do Chico Mendes desde os anos 80, quando comecei a trabalhar na Emater aqui do Acre. Em 1981, o Antonio Monteiro e eu tínhamos um trabalho contestador com os pequenos produtores. Contestávamos a extensão rural que só prestava apoio aos fazendeiros. Nisso, o Cardoso, que foi um dos fundadores do PRC no Acre, nos convidou para uma reunião na casa dele, onde estava o Chico Mendes. Naquela reunião, formamos a principal célula acreana do PRC e designamos o Chico para cuidar do que ele já fazia, que era o trabalho dele com os seringueiros. O Chico era o nosso elo com aquele segmento. A gente era muito jovem, o Chico já tinha passado por muita coisa na vida, e isso fazia com que ele compreendesse a importância da luta coletiva, porque sabia que, se viver na floresta já era difícil, imagina uma luta solitária para salvá-la. Ele sabia que precisava ter muito mais aliados do que a posição política de um partido. Quando o Chico foi candidato a deputado estadual, fiquei encarregado de organizar uma conversa dele com o mundo acadêmico. Nós estávamos preocupados, porque ele era a nossa principal liderança e por isso preparamos material para orientar a visita. Na hora da conversa com os professores, o Chico fez tudo, menos o que a gente tinha combinado. Ele saiu com o apoio da maioria dos professores, mas do jeito dele. A gente na época dizia que ele era indisciplinado, ficávamos bravos. Só depois percebemos que ali estava a grandeza, a essência do Chico, que era a capacidade de conversar com todos sem perder o foco. Foi por isso que ele rompeu com os nossos sectarismos e fez a união dos indígenas com os seringueiros, fez a Aliança dos Povos da Floresta. Quando mataram o Chico, começou o desmonte do Movimento que tinha uma atuação muito aguerrida, mas o jogo político passou a ser muito bruto. Soube da morte dele em Niterói, um amigo me disse: "Mataram um grande líder lá da tua região." Quando ele falou isso, imediatamente veio à minha cabeça: pegaram o Chico! Passei um período de muita desilusão, foi um tempo em que eu me afastei, fiquei meio perdido. Com o tempo é que percebi que a melhor maneira de manter viva a alma do Chico – e a da gente – é através da luta. Sinto-me feliz por acreditar que muitos dos sonhos do Chico foram realizados, embora haja, ainda, muito para se fazer.

*"O Chico Mendes entendeu, antes de qualquer um de nós, que a bandeira ambiental unificava as diferenças."*

Vozes da Floresta

# GENÉSIO DE NATIVIDADE

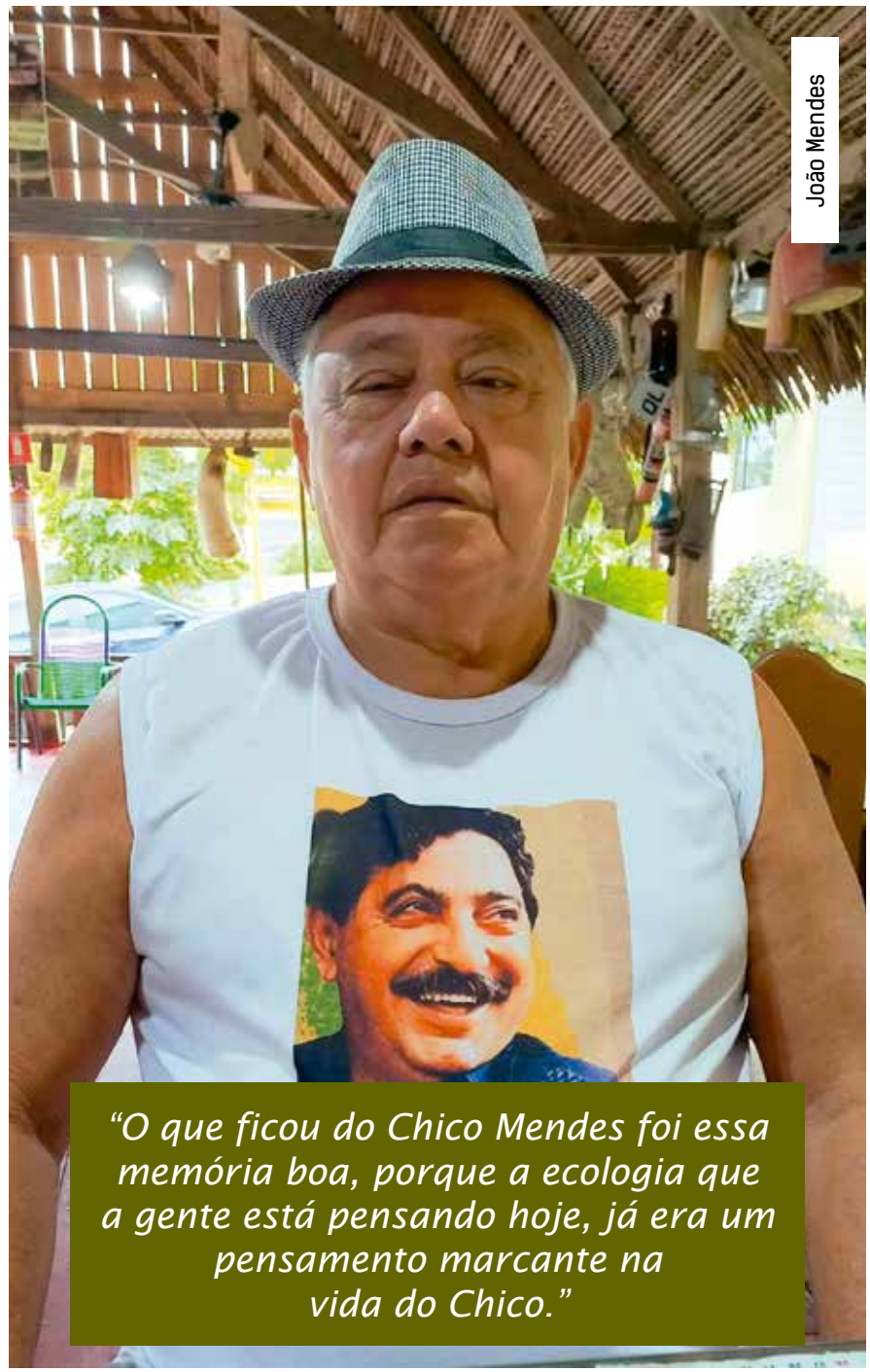
Fui ao Acre pelo Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), convidado pela Mary Allegretti, para ser advogado do Chico Mendes e do Movimento Social, no início de 1988, ano da morte do Chico. Como eu tinha experiência na área fundiária no Paraná e os seringueiros tinham a posse, mas não tinham a documentação de suas áreas, meu primeiro objetivo era fazer a defesa das posses deles. Comecei a defender o Chico Mendes porque o fazendeiro Darly Alves da Silva fez um pedido de reintegração de posse para o Seringal Cachoeira no Fórum de Xapuri, onde o irmão dele era escrivão e, como não conseguiu entrar no Cachoeira por causa da resistência dos seringueiros, voltou sua ira contra o Chico Mendes e o Gomercindo Rodrigues, que era assessor do Chico. A defesa passou então a ser uma defesa pessoal dos dois e do Sindicato. Era uma defesa de direitos, porque além do processo de reintegração de posse eles abriram processo na polícia contra os seringueiros, acusando-os de crimes que eles não tinham cometido. A partir daí, vivemos muitos conflitos juntos, tanto em Brasiléia quanto em Xapuri – principalmente em Brasiléia – porque o pessoal do Chico já tinha ganhado a direção do Sindicato, mas o governo federal mantinha a intervenção. Só em outubro de 1988, depois de aprovada a nova Constituição da República, foi que o Ministério do Trabalho saiu do Sindicato de Brasiléia. O Chico anotava tudo o que falava. Aonde ele ia, relatava para nós. Ele fez uma visita importante aos Estados Unidos. Ele foi com medo, mas voltou feliz porque foi bem recebido e falou contra o financiamento da BR-364, que estava sendo feito com desrespeito aos índígenas e aos seringueiros. Conseguiu que o financiamento da rodovia fosse bloqueado até que se fizessem os estudos de impacto socioambiental. Mas quando voltou da viagem, ele já sabia que os políticos do Acre, aliados com gente como o Darly, iam dar cabo da vida dele. Com o Darly a coisa passou a ser muito pessoal. Uns tempos antes, o Chico me falou que aqueles cabras deviam ser bandidos no Sul do país e que ele, se pudesse, levantaria a ficha deles. Em uma das minhas viagens ao Paraná pesquisei no Fórum de Curitiba e encontrei que o Darly e o irmão dele, o Alvarino, estavam sendo procurados pela polícia do município de Umuarama, por assassinato. Então fui a Umuarama e peguei a Carta Precatória de prisão dos dois. Depois, chegando em Rio Branco, fui com o Dom Moacyr e o Chico entregar o documento ao delegado Mauro Spósito, que não estava. Deixamos a Carta Precatória com o subdelegado Ildo, que não tomou nenhuma providência. Um tempo depois, Mauro Spósito me ligou dizendo que o procedimento estava incorreto, que a entrega tinha que ser formalizada com um ofício. Fiz a papelada que ele pediu, mas nessa demora a informação foi vazada para o Darly, que fugiu sem dificuldade.

*"Hoje, digo sem medo de errar, que o Estado falhou, e que foi a falha do Estado que causou a fuga do Darly e, pouco tempo depois, a morte de Chico Mendes."*

CTA

# JOÃO MENDES

Eu sou João Mendes e o Chico era Francisco Mendes, mas que eu saiba a gente não é parente. Mas mesmo não sendo parente, a gente teve uma convivência muito próxima. Eu conheci o Chico através de uns médicos cearenses, meus amigos, e que eram amigos dele também. Nós tivemos uma amizade diferente, porque eu era um bancário e nunca participei diretamente de nenhuma das lutas dele, nunca fui a um empate. Mas, na época dos empates, sempre quando ele vinha na cidade ele me visitava no Banco ou na minha casa. Às vezes ele chegava dizendo "João, vai ter uma reunião lá no Sindicato, manda alguma coisa pra gente, o que é que tu pode mandar?" Na época em que a Lucélia Santos veio a Xapuri [em maio de 1988], ele chegou pra mim e disse: "João, rapaz, hospeda a Lucélia na tua casa, ela é uma artista famosa, dá pra ti hospedar ela?" Eu sempre ajudava com o que podia, inclusive no PT. Hoje ser petista é fácil, mas naquela época era muito difícil. O PT quando chegou aqui era coisa de seringueiro. Um dia ele chegou lá no Banco e me disse: "João, por que é que tu não te filias ao PT?" Em 1986 eu entrei no PT, a convite dele. E quando vinham me questionar sobre essa filiação, eu dizia que eu não era do lado de nenhum partido, eu era do lado do Chico, e que se o Chico Mendes, que era uma pessoa tão boa era do PT, então também era do PT. O Chico chegou lá em casa um dia e disse. "João, eu vou pra Londres receber um prêmio." E eu brincando: Chico, tu não sabes Inglês e quer ir pra Londres? Ele disse: "Mas eu vou, tem gente me esperando lá, e eu vou." Eu então liguei para alguns amigos, nós juntamos uma quantia e demos pra ele viajar. Sempre ele estava lá em casa, às vezes só para conversar um pouco, às vezes pra pedir alguma ajuda, nunca pra ele, sempre pro Movimento. A gente sabia das ameaças e fazia o que podia para protegê-lo. Um dia ele chegou lá em casa, era hora do jantar, e eu disse: Chico, janta com a gente. Quando fomos nos sentar, eu saí do meu lugar e coloquei o Chico, ali, de costas pra parede. Minha esposa perguntou por que eu mudei de lugar. Eu disse que havia muitas ameaças contra o Chico



João Mendes

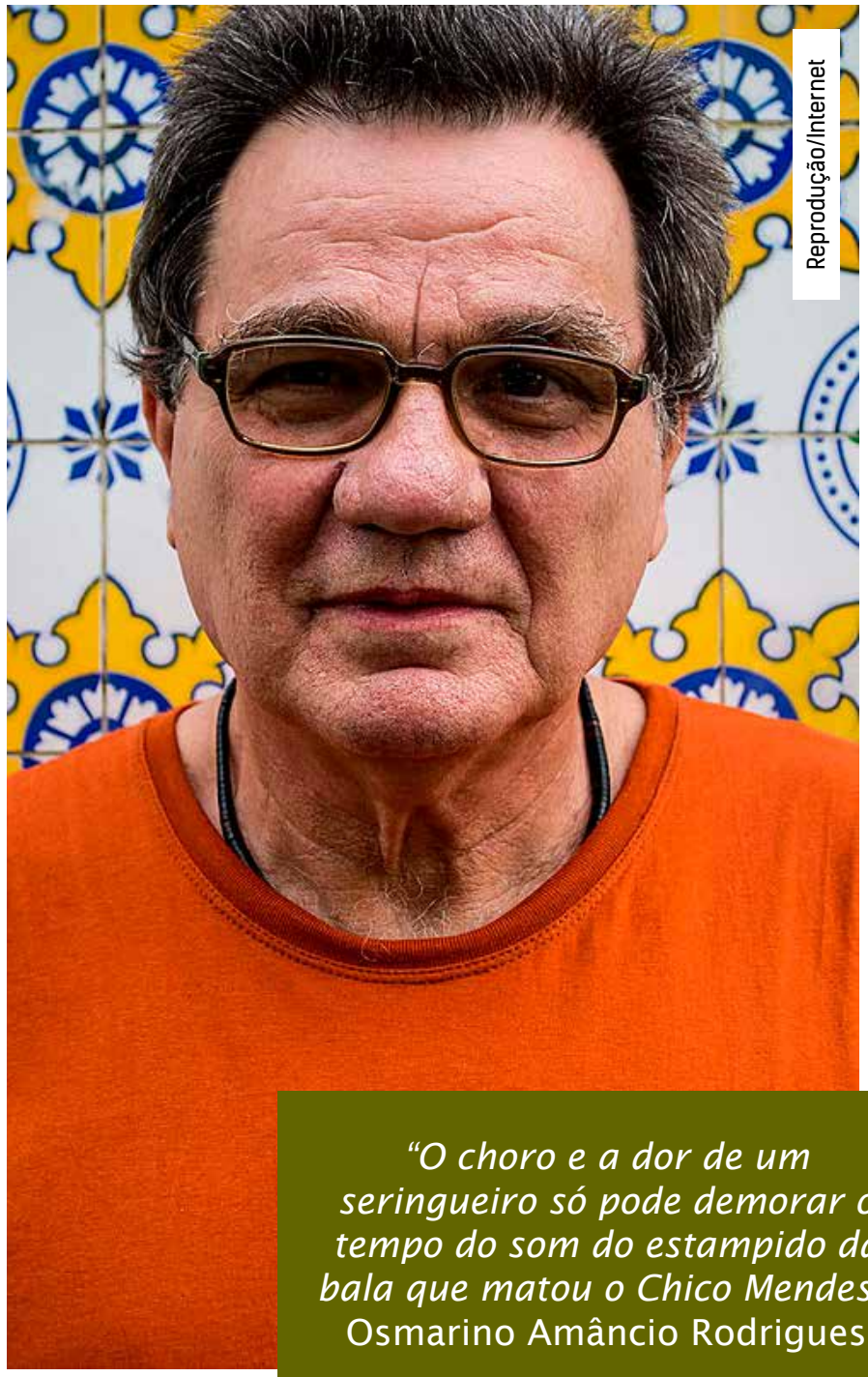
*"O que ficou do Chico Mendes foi essa memória boa, porque a ecologia que a gente está pensando hoje, já era um pensamento marcante na vida do Chico."*

e que era melhor ele ficar onde um tiro não podia alcançar. Um outro dia ele chegou e disse: "João, preciso do teu paletó emprestado para ir aos Estados Unidos." O Chico era assim, não tinha vergonha de pedir um paletó emprestado, e eu gostava muito dele por causa dessa simplicidade. Depois de uma das últimas viagens dele, ele passou lá em casa e disse: "João, rapaz, eu estou comprando aquela casinha azul e rosa." E eu falei: Chico, tu merece uma casa melhor. E ele disse: "Não, João, os companheiros moram em casas muito simples, às vezes até de chão batido, como é que vou morar numa casa diferente da deles? Eu vou ficar bem naquela casa." O Chico andava muito angustiado com as ameaças. Eu disse pra ele passar uns tempos fora daqui. Dias antes dele morrer eu ainda falei sobre isso com ele. Mas ele respondeu "Não, João, meu trabalho está aqui." Uma semana antes de morrer, ele me mandou um cartão com uma mensagem desejando paz e uma sociedade menos violenta. Era 15 de dezembro, dia em que ele estava fazendo 44 anos. Eu convidei o Chico para comemorarmos e ele disse: "Vamos deixar pro Natal, a gente junta a companheirada e toma um vinho lá no Sindicato." No dia 22, ele passou lá no Banco com a mesma calça jeans surrada, a mesma sandália franciscana que ele gostava de usar, e com aquela agendazinha debaixo do braço. Ele tomou café, fumou um cigarro e foi embora. À tarde, eu ainda estava trabalhando quando chegou a notícia de que tinham atirado nele. Quando disseram que tinham atirado no Chico, eu ainda tinha esperança dele sobreviver, mas, do jeito que pegaram ele, não tinha como. Foi um Natal tão triste em Xapuri... a cidade ficou toda enlutada, uma tristeza.

Comitê Chico Mendes

# JOÃO ROBERTO RIPPER

Sou João Roberto Ripper, sou fotógrafo e fui para o Acre, no final dos anos 1980, para fotografar o Movimento de indígenas e seringueiros que se reuniram em Rio Branco, para o I Encontro Nacional dos Povos da Floresta, em março de 1989. Naquele Encontro, além da dor, o que existia era um sentimento imenso e uma vontade profunda de organizar a continuidade da luta e de fazer acontecer as Reservas Extrativistas, aquele projeto coletivo de defesa das terras, das árvores e dos Povos da Floresta, pelas quais Chico Mendes morreu lutando. Durante o I Encontro dos Povos da Floresta, que foi também o II Encontro Nacional dos Seringueiros, o Osmarino Amâncio, uma das grandes lideranças do Movimento, usou uma frase que eu nunca mais esqueci, ele disse que o choro de quem sempre resistiu era compreensível e necessário, mas que não podia durar mais do que o tempo do estampido daquele tiro de escopeta que matou o Chico Mendes, que era preciso transformar o luto em mais luta e seguir adiante. Com isso, ele movia os companheiros pra se recuperar do sofrimento com disciplina e organização, um dos mantras do Chico Mendes. Ele também falava muito da importância da participação das companheiras, das grandes mulheres da floresta, e isso dava força ao grupo daquelas pessoas enlutadas.  Fiquei pensando em como contribuir para que aquela luta nunca parasse, para que a morte de Chico Mendes nunca fosse em vão. A partir daí, minhas fotos passaram a ser usadas nas lutas dos seringueiros e dos Povos da Floresta. Não me lembro de quantas vezes fui ao Acre documentar o julgamento dos assassinos do Chico Mendes e de outras lideranças, ou as Reservas Extrativistas e outras conquistas dos movimentos sociais. Andando pelo Acre, ficava impressionado ao ver como todos os habitantes da floresta tinham a mesma fala, como todos lutavam pelas mesmas bandeiras de proteção da Amazônia, para que as colocações dos seringueiros ficassem na mão dos seringueiros. Era como se cada pessoa fosse uma liderança e como se cada liderança fosse um Chico Mendes.



Reprodução/Internet

*"O choro e a dor de um seringueiro só pode demorar o tempo do som do estampido da bala que matou o Chico Mendes."*
Osmarino Amâncio Rodrigues

João Roberto Ripper

# JORGE VIANA

Para mim foi um misto de privilégio, de alegria e de tristeza ter vivido a fase mais delicada da vida do Chico, seus últimos anos, seus últimos dias, até aquele fatídico 22 de dezembro de 1988. Vivíamos dois momentos: o de quase um consenso que o Chico tinha descoberto uma nova maneira de caminhar e o da insegurança por medo da violência que acabou por matá-lo. Ao mesmo tempo em que o Chico, no seu jeito simples de ser, nos enchia de convicção de que agora tínhamos uma nova agenda capaz de ganhar o mundo, também vivíamos a ameaça da ruptura mais dramática e mais inaceitável, que foi a perda da vida dele. O nosso poeta Thiago de Mello fala que nem sempre temos que buscar um novo caminho, que às vezes basta achar um jeito novo de caminhar. O Chico, que era um grande articulador, estava descobrindo algo muito novo, que era colocar a Amazônia na agenda do Brasil sob a ótica ambiental. Para muitos, naquela época, o discurso do Chico parecia coisa de extraterrestre, em um tempo em que a imensidão da Amazônia engolia seus problemas. Sem os recursos de hoje, sem a comunicação via satélite, a visão geral sobre a Amazônia era muito curta. Mesmo para nós, às vezes, parecia que o problema não era e nem nunca iria ser do tamanho que o Chico colocava. Hoje o que mais lamento é não ter o Chico aqui conosco, celebrando as coisas boas que vieram depois dele e lutando para corrigir aquilo que não deu certo, ainda. Porque nesse intervalo de 35 anos entre aquela fase tão interessante e tão triste, tão cheia de esperança e de fatalidade, tem um meio que tem muita substância. Como falar de vitória com perda de vida? A nossa luta política no Acre foi precursora porque ela trouxe, com sucesso, pra dentro dela, a responsabilidade de levar adiante a visão de mundo e da Amazônia que o Chico tinha.

> *"Os ideais, os sonhos do Chico venceram, eles ganharam muito mais força do que a força da bala, da eliminação física; eles ganharam uma força eterna, que está sendo mais ou menos assumida pelo Brasil e pelo mundo, e por nós também aqui no Acre."*

Eu, pessoalmente, sempre tenho o Chico como uma espécie de conselheiro dentro da minha memória, indicando a minha responsabilidade nesse processo. O legado do Chico sempre esteve aqui dentro da minha cabeça, e tenho a certeza de que muitos companheiros e companheiras que ocupam espaços de poder no Acre e no Brasil têm o mesmo sentimento. Nosso compromisso é materializar os ideais que o Chico tão bem sinalizou para nós. Ele vislumbrou que o melhor caminho era fazer da luta local, que atraía pouca atenção, que agregava poucos aliados, uma luta grande, uma luta do mundo. E o Chico deu esse imenso salto com simplicidade, nos convencendo de que não adianta lutar por trabalho se a gente não tem casa, de que não adianta ter casa se a gente não tem o ambiente. O Chico viu, bem antes de nós, que a casa e o trabalho estavam dentro de um mesmo ambiente e que, defendendo o ambiente, sendo esse ambiente a Amazônia, o Brasil, o planeta, a gente estaria defendendo pão, terra, trabalho e liberdade. O Chico estava fazendo todas as lutas dentro de uma visão que nenhum de nós tinha naquela época. Levar adiante o legado do Chico nos impôs ser criativos, romper com paradigmas, nos desafiar a nós mesmos e pautar a temática ambiental sem a menor perspectiva de voto, porque na realidade ela, tirava votos; sem a menor perspectiva de mandato, porque na verdade, falar dos sonhos do Chico evitava ganhar eleição. Mas, aos poucos, começamos a ganhar nossos mandatos: primeiro, a Marina; depois eu entrei na campanha para o governo em 1990, que não deu para ganhar, mas ajudou a avançar. Devagar, as coisas foram melhorando para o Acre e para o Brasil, tendo, por exemplo, o próprio Presidente Lula, que vem dessa trajetória de luta, se tornado o primeiro presidente operário da história do Brasil. Em janeiro de

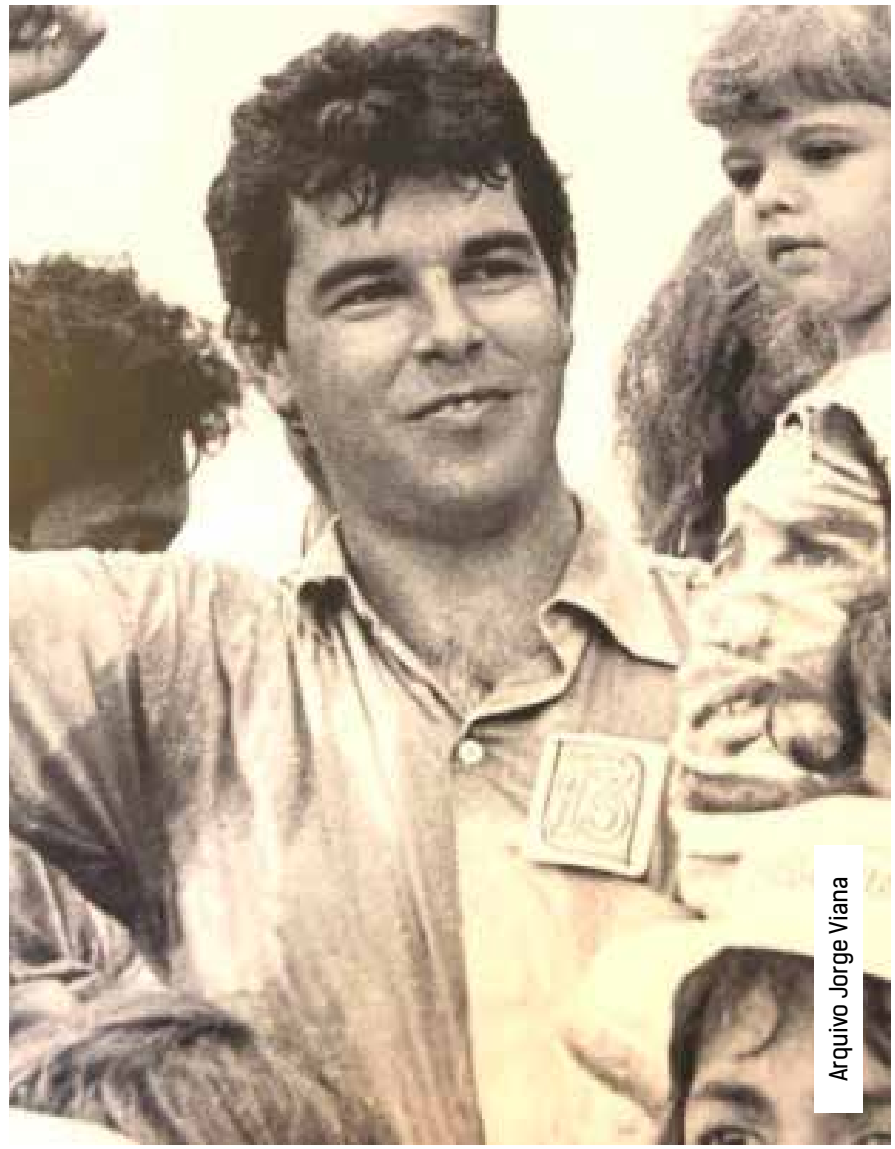
1993, assumi o mandato de Prefeito em Rio Branco. Mesmo sendo um espaço menor de poder, decidimos usá-lo para avançar. Começamos criando parques, como o próprio Parque Chico Mendes, porque Rio Branco não tinha nenhum parque ambiental. O sonho era trazer para a realidade as ideias que o Chico tinha. Com esse espírito, apostamos na criatividade e na inovação, tendo o Binho Marques, o Toinho Alves, o Edegard de Deus junto comigo, na linha de frente. Criamos a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, para colocar o legado do Chico na vida do Acre de forma definitiva. Hoje, olhando para trás, não sei se o que fazíamos era para prestar contas ao Chico, ou pra nos redimirmos da nossa impotência diante da fatalidade da morte dele, ou se era por conta do nosso aprendizado, de termos entendido o que o Chico achava que precisava ser feito.Talvez pela soma de tudo isso, tivemos muito sucesso na prefeitura, e mesmo antes da prefeitura, na campanha ao governo em 1990, onde a introdução da ideia da floresta, a simbologia do hino e da bandeira do Acre, ajudaram a provocar uma mudança radical de conceitos. Com a campanha, conseguimos resolver algo que sempre incomodava o Chico: ele não ser acolhido, não ser compreendido na própria terra dele. Às vezes, o Chico era entendido na Europa, nos Estados Unidos, mas não no Acre, não em Xapuri. E não conseguir em casa a ressonância necessária para aquilo em que ele defendia o deixava frustrado. Depois veio o governo, e nessa fase a Marina já tinha sido eleita senadora (ela foi eleita na metade do nosso mandato de prefeito).

Governo do Acre

Começávamos, no Acre, uma outra prática política que era novidade para o Brasil. Nós fomos pioneiros naquilo que estava fazendo as ONGs crescerem – o movimento ambientalista, crescendo e ganhando força política no mundo inteiro –, mas, institucionalmente, dentro do Estado brasileiro era muito tênue. Nessa caminhada tivemos perdas, distorções e erros, mas no geral acertamos. A primeira lei do nosso governo foi criada no dia 13 de janeiro de 1999, apenas 13 dias depois da minha posse: era a Lei Chico Mendes, que inovava com uma espécie de remuneração pelo serviço ambiental feito pelos seringueiros – a lei os remunerava através de um melhor preço para os produtos extrativistas. O termo, na época, correspondia ao que permitia a lei brasileira, que era considerar essa remuneração como subsídio, mas o nosso objetivo já era reconhecer o serviço ambiental. Isso foi chave para estancarmos a hemorragia da transferência em massa de extrativistas para as cidades. Os próprios indígenas de alguns povos estavam ficando mais na cidade do que

nas aldeias. Buscamos, então, um caminho de volta para o melhor lugar: a floresta. Entendíamos que as pessoas só podiam voltar se fosse assegurado a elas o componente da sobrevivência, caso contrário não funcionaria. E o atrativo de uma remuneração para os produtos extrativistas foi o nosso grande aliado nesse processo. Outro acontecimento muito forte foi o próprio mandato da Marina, casado com o nosso governo. Foi através de uma ação conjunta do gabinete da Marina com o Governo do Acre e com os movimentos sociais, liderados pela CUT, à época presidida pelo Sibá Machado, que levamos o Banco da Amazônia a criar as primeiras linhas de crédito para as atividades extrativistas, em uma luta muito grande, grande mesmo. A própria presidente do Banco pediu a nossa ajuda para convencer a sua Diretoria. Na defesa, usei um argumento que deu certo. Eu falei: Olha, hoje vocês não são famosos (o Banco na época era BASA e eu disse que o Banco não podia ser BASA, que tinha que ser Banco da Amazônia, porque Amazônia é que era um nome forte), mas se vocês aprovarem esse crédito, vocês vão ficar famosos, vocês vão ser matéria no New York Times. Agora, se vocês continuarem dando crédito só para a pecuária, só para atividades insustentáveis, vocês vão continuar sendo só BASA. Para se tornarem o Banco da Amazônia, você precisam começar uma nova jornada. Ao aprovar o crédito, eles saíram no New York Times. O BASA virou Banco da Amazônia como resultado do investimento que fizeram nas nossas ideias. No governo, ousamos desde o primeiro dia, nem sempre com a rapidez que queríamos, mas ousamos. Tudo tinha que ser muito rápido, mas demoramos três meses para definir a marca de governo; eu, o Toinho Alves e o Binho Marques, que era o nosso marqueteiro. Definimos "Governo da Floresta" como marca de governo, em uma primeira quebra de paradigma, uma primeira escolha institucional pela floresta, uma opção que antes ninguém teve coragem de fazer. Também decidimos que, para nós, o foco teria que ser a floresta, usar a árvore como símbolo do governo, sempre do ponto de vista econômico, e quem fez o desenho foi o Binho, com o Toinho melhorando. A opção da árvore representando a floresta foi minha. Em casa, fomos acusados de estar fazendo um governo para os bichos, para os macacos, para as onças. Mas a repercussão externa foi muito boa e depois, devagar, fomos vencendo a resistência interna. Mais da metade dos oito anos que passei no governo tive que conviver com a mesma cobrança sobre o porquê de um Governo da Floresta. Mas esse era o sinal concreto do nosso compromisso permanente de trabalhar a floresta como o nosso mais rico ativo, colocando a cultura regional e o conhecimento tradicional como vantagem comparativa. Nós não tínhamos dúvidas de que o caminho era esse. De lá pra cá, as leis brasileiras vêm se ajustando cada vez mais nesse sentido. E nós continuamos lutando para que o foco na Amazônia seja cada vez menos a terra e cada vez mais a floresta, porque sabemos que enquanto o foco estiver na terra nós vamos ter problema, porque para chegar na terra tem que tirar o que está em cima dela. Com o foco na terra, vamos ter grilagem, especulação. Foi para traduzir essa nossa nova concepção que criamos esse conceito que chamamos de Florestania. O Brasil tinha acabado de eleger seus primeiros governadores depois de mais de 20 anos de ditadura; a palavra mágica era democracia, como um instrumento importante para se alcançar a cidadania. No Acre, fomos além. Inventamos a Florestania como uma forma de cidadania para os povos da Amazônia. Também pensamos que quem governa a Amazônia não pode trabalhar com o conceito burocrático de administrar. Um governo que tenha compromisso com os ideais de Chico Mendes não pode administrar, porque um sonho não pode ser administrado. Uma região, um ambiente, uma história como a nossa não pode ser administrada, tem que ser cuidada. Então introduzimos a ideia de cuidar e não de administrar, que completa o conceito de Florestania. Tive o privilégio de conviver com o Chico nos seus últimos três anos de vida. Andei muito com ele e pude vê-lo negociando projetos e discutindo orçamentos, com gente de embaixadas, com o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

e Social). Aliás, o BNDES foi o primeiro banco a financiar a Cooperativa de Xapuri, que na época era um misto de Sindicato e Cooperativa, através de um projeto que fizemos na FUNTAC (Fundação de Tecnologia do Estado do Acre), com o Gomercindo escrevendo, o Toinho e o Macêdo ajudando. O Gil Siqueira foi o grande articulador desse projeto. O Terri também foi muito importante, principalmente pela parte indigena. Eles fizeram um projeto ousado, e o BNDES fez um financiamento ousado, que gerou uma reação forte por parte do governo do Estado do Acre. À época acontecia uma ruptura do modelo patrão/empregado, com os seringueiros lutando por sua autonomia trabalhista. Surgiu a ideia de criar cooperativas. Nesse tempo já se falava da interferência dos gringos na Amazônia, mas o estrangeiro aqui na região era sempre o capital nacional, porque ele nunca aparecia. O Sindicato não tinha apoio, não tinha linha de crédito, não tinha nada. Então quando alguma embaixada doava um pouquinho de dinheiro, isso era visto como intervenção estrangeira. Mas o projeto acabou saindo e dentro dele entrou um caminhão para Xapuri. E foi esse caminhão, comprado com o dinheiro do projeto do BNDES, que deu mais um dia de vida pro Chico. Poucos dias antes de morrer, o Chico chegou do Rio de Janeiro. Ele esteve no meu trabalho e eu pedi muito para ele não ir para Xapuri. Ele disse que não tinha acordo, que estava indo para casa. Ninguém queria que ele fosse, nem o pessoal do Rio de Janeiro, nem o pessoal de Rio Branco, nem o próprio pessoal de Xapuri. Mas o Chico estava com saudades das crianças e tinha aquela paixão pela Ilzamar. Estava chegando o Natal, e ele decidiu ir para casa. O Chico não disse, mas estava claro que ele queria enfrentar aquela situação. Eu falei que ele precisava ficar em Rio Branco porque o caminhão tinha chegado, estava na revisão e era para ele levar. Aí o rosto do Chico se iluminou, ele mudou de ideia e ficou esperando pelo caminhão. No dia seguinte, o Chico pegou o caminhão e foi para Xapuri. Chegando lá, ele encheu o caminhão de crianças, rodou a cidade inteira, soltou foguetes para celebrar a maior conquista dele e do Movimento. O caminhão ia servir para romper com o ciclo da exploração, porque com ele os seringueiros iam poder tirar seus produtos da floresta, iam poder levar comida para suas casas sem passar pelo barracão do patrão. Então, o fato é que ele viveu mais um dia por causa daquele bendito caminhão.

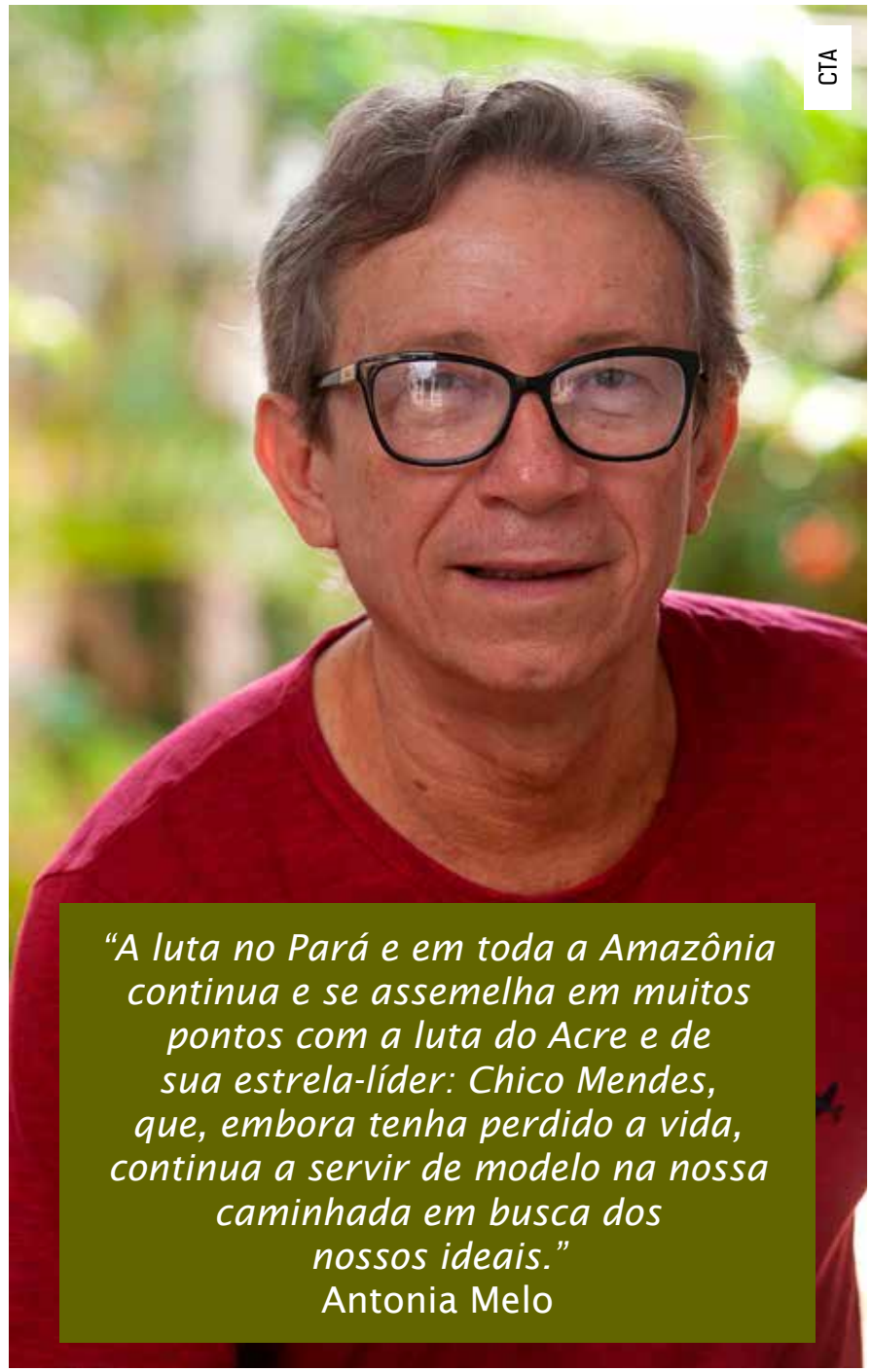


Arquivo Jorge Viana

# LÚCIO FLÁVIO PINTO

Viajei pela primeira vez pelo Acre e Rondônia em 1981. Para exprimir alegoricamente minhas impressões ao final de 19 dias intensos, podia dizer que o cenário estava sendo preparado para o confronto entre Deus e o Diabo na Terra do Sol, tomando por mote o filme de Glauber Rocha. Conversei com gente que vinha de outros cantos do país. Conversei também com nativos que esperavam sair do isolamento e da pobreza para gozar da partilha dos bens nacionais, num banquete para o qual jamais haviam sido convidados. Depois de muita conversa e observação, porém, era possível sentir aquela tensão que antecede as tempestades. Chico Mendes, com nome internacional, podia ter feito muito mais pela sua gente e pela sua terra. Mas, às vésperas do Natal de 1988, seu caminho foi interrompido à bala – duas, certeiras, anunciadas. Reagi com vários textos, publicados no meu "Jornal Pessoal" (que prossegue até hoje), na edição da 1ª quinzena de janeiro de 1989. Entre os trechos do texto principal: Em outubro do ano passado, Francisco Alves Mendes Filho confessou à jornalista norte-americana Fay Haussman: "Para nós, até recentemente, a expressão meio ambiente nem existia." Algumas semanas depois, ao completar 44 anos, tornou-se o primeiro herói da martirizada luta ecológica na Amazônia. Nunca houve morte mais anunciada do que essa na Amazônia. Nem mais chocante. Pessoas profundamente emocionadas com a confirmação da morte, por todos esperada e temida, tiveram a mesma reação em São Paulo, Belém, Londres ou Nova York: era mesmo impossível evitar a consumação da ameaça? O enredo se ajusta genericamente a todos esses tipos de atentados que se praticam com frequência cada vez mais assustadora na Amazônia. Não deve ter sido por mero acaso que o fazendeiro João Branco, presidente da UDR do Acre, deixou às pressas Rio Branco, em táxi aéreo fretado. Branco, que tem um jornal à sua disposição na capital acreana e está montando uma emissora de televisão, se antecipou a todos anunciando a rendição de Darcy Alves da Silva, horas antes do fato se consumar. Definiu a situação dele como a de "um boi encurralado". Esqueceu um acréscimo: boi de piranha. A maior mobilização policial de todos os tempos para a captura dos assassinos de um líder rural concluiu que o atentado começou e terminou na família Alves da Silva. São crimes típicos de jagunços, dos que não vão além de uma posição intermediária na hierarquia do poder. Brasília pode sacrificar esses anéis remotos da aliança, mas os Alves da Silva em Xapuri, como os Murad no Baixo Araguaia paraense ou os Wirland no Médio Tapajós, mandam nos delegados e são parceiros das autoridades. Quando estão em dificuldades, a força pública se transforma em milícia particular a serviço deles. Chico, a expressão única de um caboclo que encontrou uma forma eficiente de lutar por suas convicções – a defesa das árvores da floresta, reduto da competência e do saber acumulados com os anos. Em muitas partes do mundo, nomes respeitáveis chegaram a essa conclusão trilhando caminhos intelectuais, muito mais complicados e muito menos intensos de vida. Para o sistema de poder local, alimentado pela violência, as coisas ali estavam perfeitamente claras. De um lado, um emblema da aliança: o fazendeiro, que veio de fora para domar a "fronteira"; do outro lado, o nativo teimoso, que se interpõe ao determinismo do "modelo". A escolha entre as duas partes é imposta de fora. Tudo ali tinha federalização fundiária absoluta entre 1977 e 1987. Falar de autoritarismo, no caso, é mais do que fazer filosofia. Pode-se suspeitar que o cabo da Polícia Militar Roldão Roseno de Souza, de 26 anos, e o soldado Roldão Lucas da Cruz, de 27 anos, não teriam a natural displicência demonstrada se, ao invés de um seringueiro, a pessoa protegida fosse um fazendeiro. O seringueiro será sempre o "indivíduo", ainda que bipremiado internacionalmente. O fazendeiro jamais perderá o tratamento de "doutor". Em carta de 28 de outubro ao secretário de Segurança Pública do Acre e ao juiz de Xapuri, Chico Mendes denunciava que em Brasiléia "há mais de dez dias estão sendo realizadas reuniões secretas", nas quais se planejava o assassinato dele próprio e do

presidente do sindicato rural daquele município. Foi ignorado. Já o superintendente da Polícia Federal do Acre, Mauro Spósito, reteve um mandado de prisão contra Darly e Alvarino por 15 dias. Alegou incorreções formais na carta precatória, dando tempo aos irmãos de fugir. Spósito foi remanejado de súbito para Mato Grosso, com a incumbência de cuidar do tráfico de drogas, uma maneira corporativa tradicional de resolver os problemas, contornando-os. O fazendeiro Gastão Mota, suspeito de intermediar o assassinato do seringueiro e de ter ligações com o tráfico de armas e de drogas, chegou a ser preso na fronteira com a Bolívia, mas foi solto na véspera do *Réveillon*. "Eu não tive instrumentos legais, como um mandado de prisão, para mantê-lo na cadeia", explicou-se o delegado Nilson Alves de Oliveira. O respeito extremo à formalidade legal nesse caso seria comovente, se não fosse unilateral. A impunidade não deixa esquecer que a violência é a marca registrada da fronteira amazônica – e que a consome com sua lógica da irracionalidade. "Há mais gente – e gente importante – que estava querendo matar Chico Mendes e por isso se deve ir fundo nas investigações," pedia o juiz de Xapuri, Adair Longhini. Mas as investigações parecem seguir apenas a linha reta, não o traço pontilhado. O mesmo BID que ouvia Chico Mendes concedeu dois empréstimos ao Brasil em 1985, no valor de 58,5 milhões de dólares, para o financiamento parcial da BR-364, no trecho Porto Velho-Rio Branco. Mas quer executado o Projeto de Proteção ao Meio Ambiente e das Comunidades Indígenas [PMACI], idealizado por Chico Mendes. Em dez anos, com a estrada sendo asfaltada, Rondônia perdeu 25% de suas florestas, e o Acre, 10% de suas matas. O BID quer investimento e utopia, combinação que só ocorre em Nova York – e mentalmente. Chico Mendes queria mesmo era viver. Mas juntar as duas coisas – a defesa de ideias e o direito à vida – está definitivamente abolido no inferno amazônico sancionado pelos novos donos da terra.




*"A luta no Pará e em toda a Amazônia continua e se assemelha em muitos pontos com a luta do Acre e de sua estrela-líder: Chico Mendes, que, embora tenha perdido a vida, continua a servir de modelo na nossa caminhada em busca dos nossos ideais."*
Antonia Melo

# LUIZ CEPPI

O primeiro sentimento que tenho com relação ao Chico Mendes é o da compaixão humana. Ele tinha essa compaixão, ele tinha o desejo de reunir a todos em uma grande aliança, envolvendo toda a sociedade, para construir uma vida que não dependesse do governo, da chamada parte central do regime colonialista que existia. Lembro-me de uma reunião lá em Rio Branco em que estava o Chico e também gente do Exército, do SNI (Serviço Nacional de Informação), do Ibama, de vários partidos políticos, seringueiros e outras entidades, e o Chico conseguiu, numa noite, fazer com que todo mundo chegasse ao mesmo pensamento - se destruirmos a floresta, destruímos as nossas vidas e, destruindo as nossas vidas, destruímos a humanidade. O pensamento do Chico sobre a floresta não era simplesmente um conceito econômico, mas um conceito de vida. A Reserva Extrativista nasceu como uma proposta muito forte. Nasceu para valorizar as culturas milenares dos povos indígenas e também a cultura de mais de 100 anos dos seringueiros, que tinham chegado com a ideia de desbravar e se integraram dentro dessa floresta, em uma aliança que o Chico começou e que se consolidou em 1989, pouco depois da morte dele, quando o Júlio Barbosa oficializou a Aliança dos Povos da Floresta, com a troca de símbolos entre seringueiros e índígenas. O Chico nunca se afastou do seu povo. Quando organizou o PT, quando acompanhou as greves de São Bernardo, a redemocratização, havia uma ligação profunda entre o que ele fazia e a vida do nosso povo. O Chico sempre ficou ligado à sua família, aos seringueiros, nesse vínculo profundo entre a cidadania e a representatividade. Quando ele voltou de Washington, não se deixou afetar. Acho que é isso que precisamos redescobrir: que a verdadeira libertação nasce na medida em que nós não ficamos iguais mas, junto com as pessoas que vivem na necessidade, conseguimos sonhar e ter esperança de um mundo novo, de uma vida mais aberta. Depois da missa de Sete de Setembro de 1988, lá no Seringal Cachoeira, fomos juntos para Brasiléia e, no caminho, ele me perguntou "Luiz, se eu morrer, posso ainda dialogar com os meus filhos?" Isso mostra um lado humano que nas nossas ideologias, nos nossos entusiasmos, deixamos de lado. Eu falei "Chico, claro que, fisicamente tu não vais poder mais colocar a mão no rosto do Sandino, nem colocar a Elenira no teu colo, mas você vai falar com eles de um jeito diferente." Essa preocupação dele de viver os sentimentos humanos no dia a dia fez com que o Chico se tornasse um homem que dizia bem claro. "Não quero morrer, quero viver!" Um grito de quem gostava da vida. Ele sonhava com um mundo livre, com uma mesa farta, e, sobretudo, tinha confiança em uma vida melhor dentro da floresta.

*"Tomara que um dia tenhamos uma humanidade mais justa e solidária, que possa entender e trabalhar para levar adiante o legado do Chico Mendes."*

Comitê Chico Mendes

Comitê Chico Mendes

# LUIZ EDUARDO GREENHALGH

Dizem os mais velhos que depois de certo tempo de uma amizade não se consegue mais lembrar quando ela começou. Por mais que puxe a memória, não consigo precisar quando conheci o Chico Mendes. Acho que foi numa reunião do Diretório Nacional, bem no início do PT. Não me esqueço dele: jeito calmo de falar, olhar penetrante, arisco, aguçado. Conversamos sobre o Acre, sobre a epopeia de Plácido de Castro, sobre os empates. Queria transformar a sociedade, como parte de sua missão na Terra. Mas foi em 1980, depois do assassinato de Wilson Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, executado dentro do Sindicato, que nos aproximamos mais. No dia 27 de julho houve o lançamento oficial do PT no Acre, com a presença de Lula, Jacó Bittar e Chico Mendes, dentre outros tantos companheiros. Após o lançamento, fomos a Brasiléia participar do ato público em repúdio ao assassinato do Wilson Pinheiro. Falaram mais de 30 oradores. A repressão policial  gravou os discursos, pinçou frases e com elas abriu um processo, com base na Lei de Segurança Nacional, contra Jacó Bittar, Luiz Inácio Lula da Silva, José Francisco da Silva, Francisco Alves Mendes Filho e João Maia da Silva Filho, todos por incitação ao crime, pelos discursos que fizeram em Brasiléia. Vale a pena recordar as frases que os levaram às barras da Justiça Militar: Jacó Bittar:"(...) os trabalhadores saberão dar uma resposta ao assassinato de Wilson de Souza Pinheiro (...) conquistaremos [nossos direitos] com a nossa luta, porque todos aqueles que produzem têm o direito de participar, quer socialmente, quer politicamente, deste país (...) temos plena confiança de que através de uma organização consciente, através do Sindicato, é que nós realmente conquistaremos tudo aquilo que nos é devido, companheiros..." Luiz Inácio Lula da Silva: "(...) aqueles que mataram o Wilson Pinheiro, talvez, como disse um companheiro logo no início dessa conversação, gostaria de que tivesse algum olheiro aqui para informar – e é bom que esteja aqui e leve a seguinte mensagem: a classe trabalhadora brasileira já está cansada de promessa, já está cansada de passar fome, já está cansada de fugir e já está cansada de morrer.

Instituto Lula

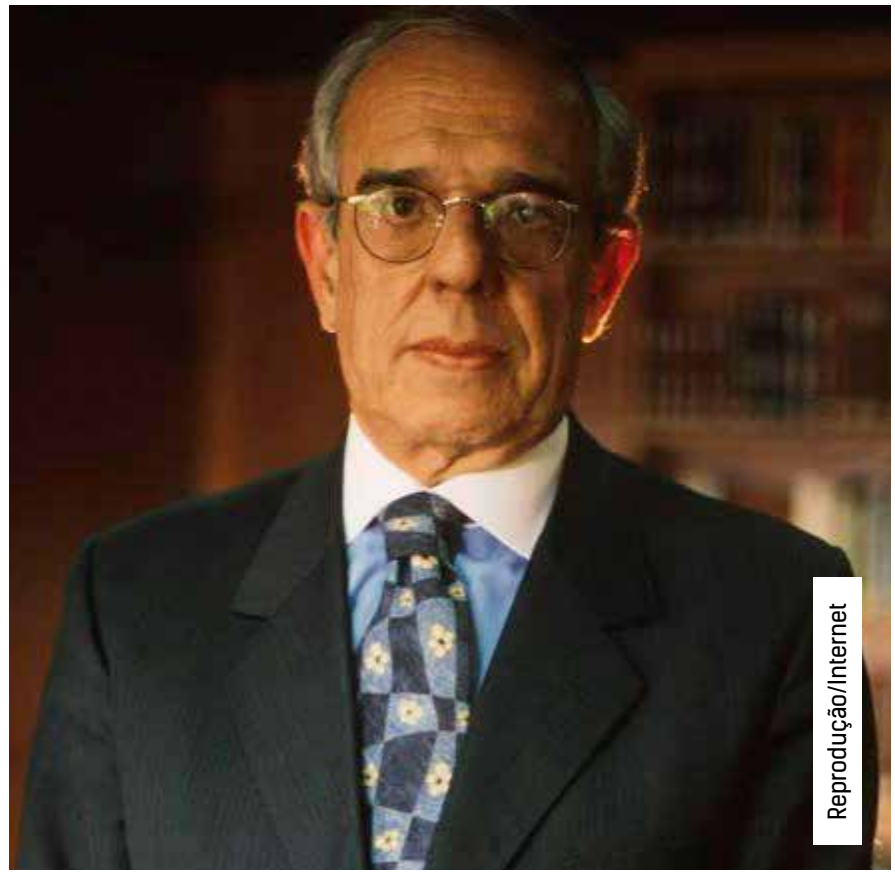
*"Para mim, a morte de Chico Mendes ainda não está esclarecida, apesar da condenação de seus autores. Faltam aqueles que se ausentaram de lhe dar a segurança requerida e necessária. Que fizeram ouvidos moucos aos seus pedidos. Que o deixaram seguir para a morte."*

A classe trabalhadora brasileira não vai aceitar nem fugir e nem morrer. Ela vai começar agora a devolver em troco aquilo que estão dando pra ela." Chico Mendes disse que estava falando como representante do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Xapuri e não na condição de vereador, e a frase que o colocou no banco dos réus foi a de que o sangue de Wilson Pinheiro não ficaria impune. O inquérito foi presidido pelo delegado Mauro Spósito, da Polícia Federal, na Auditoria Militar de Manaus. Prestei defesa a Lula, a Jacó Bittar e a Chico Mendes, embora ele tivesse advogado próprio. Todas as vezes que fui ao Acre durante o Inquérito, conversava com Chico Mendes. Dias depois da morte de Wilson Pinheiro, teve lugar o assassinato de Nilo Sergio de Oliveira, o Nilão, considerado como um dos responsáveis pela morte de Wilson. O processo veio rápido. Consideraram que a morte de Nilão havia decorrido dos discursos de Brasiléia. Segundo a denúncia, os acusados teriam incitado a desobediência coletiva às leis e fomentado a luta pela violência entre as classes sociais. Esse processo deu muito trabalho, mas me acercou dos companheiros do Acre que lutavam pelos direitos humanos, pelo respeito aos seringueiros e à floresta. E do Chico, com quem tive um relacionamento mais próximo. Todos foram absolvidos na Auditoria Militar de Manaus. Depois do julgamento, recebi do Chico um presente: duas gravuras de Helio Melo, sobre o ciclo da borracha. Hoje, olho pra trás e vejo o caminho que percorremos até colocarmos um de nós para dirigir o país. Sinto uma saudade imensa dos companheiros que deram suas vidas para que nós pudéssemos chegar aonde chegamos. Eu não me conformo com a morte de Chico Mendes. Morte prevista, anunciada, premeditada, esperada. Quando Chico informou às autoridades das ameaças de morte que estava sofrendo, por que não tomaram providências? Por que os delegados federais da região, que foram ávidos na formação do inquérito sobre o ato público de repúdio à morte de Wilson Pinheiro, não agiram com a mesma presteza quando se tratou de garantir a vida de Chico Mendes?

Helio Melo

# MÁRCIO THOMAZ BASTOS

Quanto o Chico Mendes morreu, eu era Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). A gente se mobilizou para prestar solidariedade à família e ao Movimento. A OAB entendeu que era importante ajudar no processo, então pegamos procuração da família, montamos uma equipe e entramos no caso como assistentes de acusação. Fomos tocando, com vários escritórios, vários advogados, seguindo todos os passos. Não perdemos nenhuma audiência, comparecemos a todas. Eu mesmo fui várias vezes ao Acre. O julgamento foi emocionante, muito emocionante. É sempre bom para um advogado sentir que a opinião pública está do lado da vítima que ele defende. No dia do Júri, nos deslocamos, fomos para Xapuri e fizemos o julgamento que durou uma semana. Não acredito que tenhamos pegado todo mundo, muita gente ficou de fora, mas aquele resultado foi o máximo que conseguimos, dentro daquela circunstância. Eu tive a sensação de que eu estava cumprindo ao mesmo tempo um dever de cidadão e de advogado. Foi uma semana inesquecivel, principalmente porque eu tinha a esperança de que estivéssemos, ali, estabelecendo um padrão de justiça, já que, realmente, para o padrão nacional, o julgamento aconteceu muito rápido, em menos de dois anos. Infelizmente essa foi uma exceção que não mudou a regra, porque a justiça para os pobres continua muito lenta. Eu acredito que foi a pressão internacional que acabou fazendo com que aquele processo andasse um pouco mais depressa. Depois houve recursos e eu continuei no caso até a confirmação da sentença. Condenamos o assassino e um mandante. Fez-se a justiça possível, não a justiça total. No plano puramente pessoal, fiz relações de amizade com o Acre, com cidadãos do Acre, com pessoas simples. Fortaleci laços de amizade com muita gente, como o próprio Presidente Lula, que foi ao Acre assistir ao julgamento. Hoje, passados tantos e tantos anos, o que eu gostaria é que a rapidez do processo de Xapuri, em honra à memória e ao legado do Chico Mendes, fosse a regra e não a exceção.

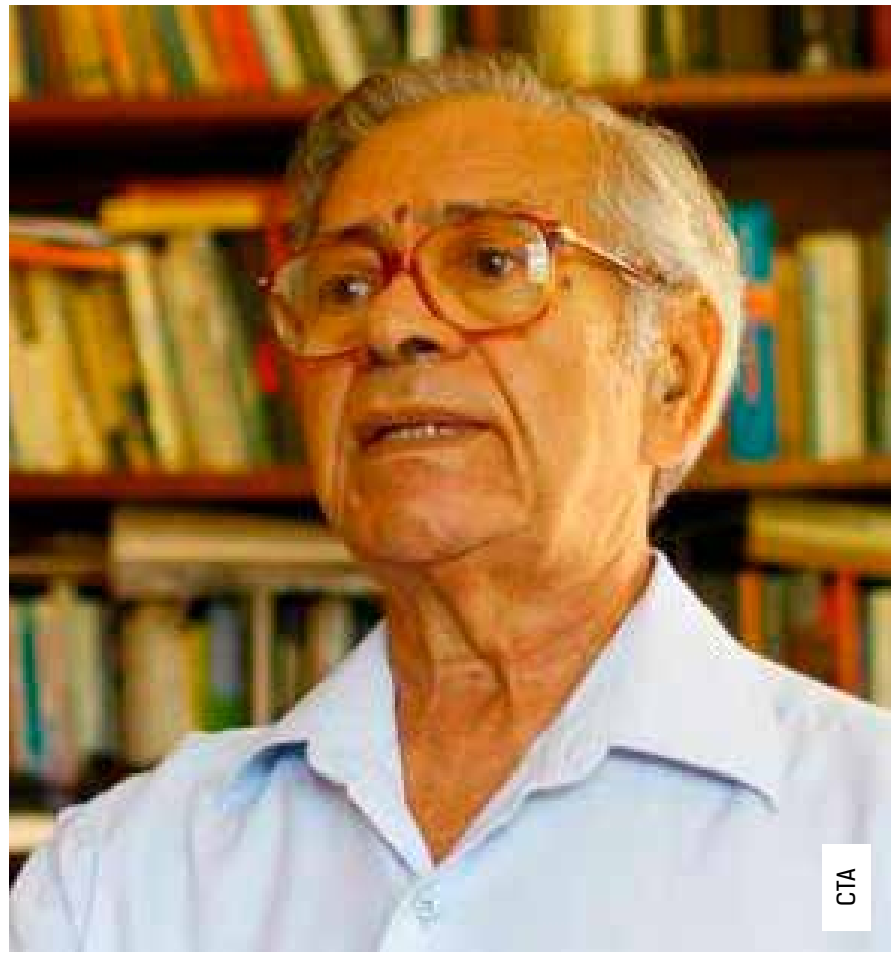


Reprodução/Internet

*"No caso do assassinato de Chico Mendes, conseguimos condenar um assassino e um mandante, com certa rapidez. Eu só queria que essa vitória, ainda que parcial, porque sabemos que não pegamos todo mundo, pudesse ser estendida a todos casos de violência no campo, cujos julgamentos demoram muito e, com isso, abrem espaço para mais ameaças, mais violência, mais assassinatos. "*

# MODESTO DA SILVEIRA

Conheci o Chico Mendes, pessoalmente, já perto do seu assassinato. Vi um homem idealista, sério, sensível, inteligente. Pouco depois de seu assassinato, em 1988, estava havendo mais ameaças no Acre, o que parecia uma organização metódica porque, antes mesmo da morte do Chico Mendes, outros líderes já haviam sido assassinados na Amazônia. Foi nesse momento de desespero que fui convidado pelas lideranças dos seringueiros, via Rosa Roldán, para ir a Rio Branco e Xapuri. No Acre, conversei com as lideranças, tomei conhecimento da realidade e fizemos um plano de defesa dos que estavam marcados para morrer, incluindo Osmarino Amâncio, Gomercindo Rodrigues, Júlio Barbosa, Raimundão [Raimundo Barros], Dom Moacyr Grechi. Nosso plano de defesa, com base na estratégia já adotada antes pelo Chico Mendes, foi o seguinte: entrevistamos os líderes ameaçados e pedimos que cada um deles informasse de onde vinha o perigo. Nesse plano, deveriam dizer os nomes dos suspeitos e eventualmente de seus executores, com detalhes dos fatos e motivações. Feito isso, cópias seriam depositadas em entidades ou personalidades confiáveis e seguras. Essa defesa preventiva seria tornada pública. Poderiam os líderes dar inteira e total publicidade ao plano, para desestimular os assassinos. Depois disso nenhuma das lideranças já listadas para morrer veio a ser assassinada. Por último, quero contar uma historinha: Quando vinha ao Rio, o Chico ficava na casa da Rosa Roldán. O Chico era muito inteligente, mas com um certo grau de ingenuidade seringueira. Na sua última vinda, já perto do Natal, viu no teto do seu quarto um brilho de estrelas em constelação, sempre que apagava a luz. Na manhã seguinte, já não havia constelação no teto, havia apenas o teto liso e branco de qualquer apartamento. À hora do café, questionou o fenômeno com sua amiga Rosa. Ela então foi com ele ao quarto e mostrou discretas estrelinhas, invisíveis à luz do dia, mas brilhantes no escuro. Hoje podemos dizer que aquele teto invisível, apenas idealizado, pode se tornar uma bela realidade, no escuro da noite de tantas mentes ignorantes.



CTA

*"A minha convivência com o Chico Mendes foi uma experiência de contato com uma pessoa iluminada. Ele fazia tudo sempre com humor, oferecendo cada gesto a uma causa superior, o que o tornava uma pessoa extremamente justa, honesta e bonita."*
João Augusto Fortes

# RAIMUNDA BEZERRA DA SILVA

Sou Raimunda Bezerra, nascida em Brasiléia, de onde saí com sete anos. Me considero cidadã rio branquina porque toda minha vida pessoal, profissional e de militância foi em Rio Branco. Nos anos 1970-1980, militei nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Nessa militância conheci o Chico Mendes, que na época era vereador pela Frente Popular do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Nessa época passei seis meses no Rio de Janeiro. De lá, falando com o povo do Acre, ouvi do Nilson Mourão: "Olha, aqui mudou tudo. Saímos do MDB e agora estamos indo a São Paulo para participar da fundação do PT." Isso foi em 1980. Ao voltar ao Acre me filiei ao PT e passei a ter mais contato com o Chico: um contato do mundo da política, da militância partidária, mas entre nós foi nascendo uma relação de muita amizade. Minha casa foi virando o espaço onde o Chico ficava em Rio Branco. Eles vinha e passavam dois ou três dias. Era um pouco como se fosse a continuação do Sindicato. Essa convivência com o Chico foi mais forte de 1983 até o assassinado dele, em 1988. Desde o começo, acompanhei o processo de criação e fortalecimento do Sindicato. Foi a partir dos empates e do I Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília (1985), onde foi lançada a proposta das Reservas Extrativistas e foi criado o CNS, que o Acre começou a chamar a atenção do Movimento Ambientalista. Por conta disso, Chico é mais conhecido como ambientalista do que como sindicalista, embora a luta dele em defesa da floresta tenha começado no Sindicato. Com o tempo, outros elementos e outra compreensão foram se incorporando nesse processo. Começou a demanda pelas escolas e pelos postos de saúde nos seringais. Antes disso já havia o Projeto Seringueiro, coordenado pelo Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA). Quem financiava era a Cooperação Internacional. Não sei dizer qual, mas já tinha muita cooperação internacional aqui. Por exemplo, nós, dos Direitos Humanos, éramos financiados pela Action Aid e pela Oxfam. O próprio Chico quando morreu tinha uma bolsa da Ashoka. Três meses antes de sua morte foi que ele passou a ter apoio financeiro para se manter, porque ele não tinha renda e nem tinha como fazer renda. Eram os amigos que tinham o compromisso de colaborar, desde o leite para as crianças até o cigarro. Como para qualquer outro militante, isso trazia dificuldades pessoais e familiares também para o Chico. Como qualquer mulher, a esposa dele tinha aspirações de ter uma casinha, uma televisão. Isso era difícil pra ele. O apoio dos amigos ajudava um pouco ele a resolver essas questões. Chico não era um ser fora da vida. Era um homem que tinha sua família e não deixava de ter vida pessoal porque tinha uma militância forte. Para ele era muito difícil conciliar tudo isso. Tudo é muito cruel na morte de Chico, mas uma das coisas que percebi nele era um pouco aquelas mudanças do homem meio machista que estava se modernizando, deixando o conceito de que a mulher devia tomar conta dos filhos, da casa, enquanto o homem ficava no Movimento. Algumas vezes ele vinha para Rio Branco e trazia a Elenira, que ficava comigo enquanto ele fazia suas reuniões. Ele já fazia um pouco isso, o que era uma grande mudança para um seringueiro. Ele, um homem do seringal, filho de nordestinos, um homem de trabalho fora, mas não

> *"Foi um engano para quem achava que, matando o Chico, acabaria com a força do Movimento. Foi um abalo profundo, mas a repercussão foi tão grande que o abalo provocou a possibilidade de o Movimento se refazer, se reconstruir, se repensar. Claro que o Movimento não é mais o mesmo, o Acre tomou outro caminho e nós também. O que não muda é a grande saudade que sentimos de Chico."*

de trabalho em casa, estava vivendo essas mudanças. Infelizmente não foi permitido ao Chico viver as experiências de um homem que compreendia a luta dos trabalhadores, mas que também buscava ser mais completo e mais comprometido com as outras dimensões da vida, como a de ser pai. A Elenira e o Sandino eram muito pequenos, e a convivência com eles foi tirada dele com uma grande brutalidade. O Chico era muito generoso. Todo mundo fala dele politicamente, por isso eu gosto de falar dele como pessoa. Aquela cena dele sentado no chão e dando comida para o Sandino é muito real. No meio da turbulência da luta política, no meio de um enfrentamento no qual ele não podia dizer onde estava, Chico encontrava tempo para sentar no chão com as crianças, para alimentar o filho. Matar alguém assim, por causa de interesses econômicos, foi de uma violência sem tamanho. Passados 35 anos eu ainda não consigo esquecer. Nos últimos dias dele, eu estava doente, inclusive não o vi morto. Ele chegou lá em casa, o Paulo, meu marido, não estava, então ele disse: "Eu não posso ir embora e te deixar desse jeito!" Aí eu disse: "Você está preocupado? Sabe onde meu pai mora? Então vai lá, busca meu pai e traz para cá." Ele foi e buscou meu pai. O Chico nunca se despedia, sempre quando eu via, ele já tinha saído. Naquele dia ele se despediu, desejou Feliz Natal pra todo mundo e só depois pegou a estrada. Essa foi a última vez que eu o vi. Uns 20 dias antes do assassinato, ele e o Raimundo Barros iam dormir lá em casa quando ele foi chamado para ir a Sena Madureira. Contrariando o previsto, nem ele e nem Raimundo dormiram lá naquela noite. O Raimundo viajou para São Paulo e o Chico para Sena Madureira. Na manhã do dia seguinte, nós percebemos que tinham sumido duas toalhas da área de serviço. Olhando, vimos que as toalhas estavam próximas da cerca e que tinha rastros de calçado masculino e um maço de cigarros da mesma marca do cigarro que foi encontrado no lugar em que foi feita a tocaia que o matou. Ou seja, os pistoleiros passaram a noite no quintal da minha casa. O irmão do Chico morava em frente à minha casa e a cunhada dele mora lá até hoje. Quando o Chico dormia lá em casa levantava cedo, abria a porta, atravessava a rua para ir tomar café com o irmão, e provavelmente os pistoleiros sabiam dessa rotina. Se ele tivesse dormido lá aquela noite, ele poderia ter morrido na minha casa. A gente não percebeu que havia tido uma tocaia, a gente pensou que era ladrão comum. Nós só percebemos muito tempo depois por causa do cigarro Marlboro, que o pistoleiro fumava. Provavelmente era o mesmo pistoleiro.

CTA

Nos últimos tempos, o Chico andava acompanhado pela polícia e quando dormia lá em casa o teimoso sempre dormia numa rede perto da janela, de forma que se alguém atirasse acertava bem na cabeça dele. Toda vez que a gente via isso, ou eu ou o Paulo virávamos a cabeça dele para o outro lado, porque se atirassem pegaria no pé. Uma vez ele deixou um bilhete pra mim no CTA, dizendo que estava sendo seguido a tarde inteira, que estava num táxi e que ia tentar ir lá para casa porque lá era um lugar seguro. Quando ele chegou, deixou o portão aberto, a porta aberta e foi ao banheiro. Depois tomou um café, acendeu um cigarro, e aí falou: "Companheira, hoje foi um dia difícil. Os caras me seguiram até ali na esquina, sorte que eu consegui desviar deles." Aí eu disse: Como é que você não me falou nada, me entra aqui, larga tudo aberto... e se esses caras entram e te matam no meu banheiro, o que eu ia fazer da minha vida? Ele era assim. Eu não sei se ele tinha consciência disso, mas ele vivia tenso. Quando ele fez uma carta que dizia quem eram as pessoas que participaram da reunião onde decidiram pela morte dele, ele me deu para ler. Até hoje me arrependo de não ter feito um esforço maior para que aquela carta não fosse publicada. Eu li a carta e falei: Você acha que deve publicar? Aí ele disse: "Eu vou pra tudo ou nada, vou dizer o que sei e vou ver o que acontece." Eu falei: Acho que você não devia, se está querendo a minha opinião sobre isso. Ele disse "Não, eu dei a carta pra você ler só pra conferir os erros de português " Aí eu falei: Os erros de português nessa carta são o de menos, o problema é o conteúdo dela. Nesse mesmo dia eu falei com ele se não achava bom ir para Goiás ou qualquer outro lugar. Ele falou: "Goiás e Mato Grosso é terra da UDR, se eu for para lá vou estar protegido de quê?" Ele sempre dizia: "Vão dizer que eu fugi, que estou abandonando a luta do povo, os companheiros." Eu dizia: Não é abandonar, é proteger! Mas ele achava que seriauma fuga e não concordava. Ele era muito convencido do papel dele na luta social. Eu não sei se ele acreditava que ia levar um tiro daquela forma.

Acervo Comitê Chico Mendes

# ROSA ROLDÁN

Conheci o Chico Mendes no Rio de Janeiro, em 1987, através de duas companheiras geógrafas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que estavam trabalhando no Acre. Curiosas com as constantes matérias publicadas nos jornais locais, elas foram até Assis Brasil assistir a uma reunião entre indígenas e seringueiros, organizada pelo Chico. Ficaram amigas dele e, aproveitando uma passagem do Chico pelo Rio de Janeiro, depois de uma viagem ao exterior, convidaram o Chico Mendes para fazer uma palestra na Pontifícia Universidade Católica [PUC-Rio]. Naquela palestra, ele nos comoveu desde os seus primeiros relatos, despertando a vontade de fazer algo para ajudá-lo em sua luta para salvar as seringueiras, a Floresta Amazônica e, no pensar do próprio Chico, a humanidade. Nossa ajuda, segundo ele, era muito importante, caso contrário aquela história não sairia do Acre. Fundamos, então, o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta e começamos a fazer articulações políticas com a academia e com a imprensa para colocar o Chico Mendes em evidência nacionalmente. Durante o ano de 1988, conseguimos trazê-lo ao Rio e levá-lo a São Paulo muitas vezes, não somente para divulgar suas ideias, mas também para pedir solidariedade à luta dele no Acre contra a violência do latifúndio, e para denunciar as ameaças de morte que ele e seus companheiros sofriam constantemente. Em 9 de dezembro, Chico Mendes veio ao Rio fazer uma palestra no Paço Imperial. Fui alertada por companheiras do Comitê que estavam trabalhando em Rio Branco que os boatos sobre sua morte só aumentavam, e que a promessa do latifúndio era eliminá-lo antes do ano de 1988 acabar. Redobrei meu cuidado com ele aqui no Rio, por precaução. Embarquei o Chico para Rio Branco no dia 10, muito apreensiva. Ao voltar do aeroporto, decidi dar uma caminhada pela praia. Estava muito mal. Quando retornei para casa, o Chico, não conseguindo embarcar, tinha voltado do aeroporto. O avião teve uma pane, sobrevoou meia hora e fez uma aterrissagem forçada. Pedi a ele que encarasse aquilo como um aviso, apesar de não me considerar supersticiosa.

Como se não bastasse, recebemos um telefonema do advogado do Movimento, de Rio Branco, pedindo que o Chico não voltasse. Depois soubemos que fazendeiros haviam se reunido em Brasiléia para votar sua morte até o fim daquele ano. Não conseguimos convencer Chico a ficar no Rio de Janeiro. Ele alegava que não abandonaria a luta e nem seus companheiros, mesmo ciente de que poderia morrer. No dia 11, eu o embarquei pela última vez para o Acre. Não quis me despedir chorando. Brincando, dei-lhe um abraço de aniversário que seria dali a poucos dias, no 15 de dezembro, dizendo que ele ia morrer de velho, só para contrariar aqueles maus agouros que não paravam de chegar. Ele me olhou sorrindo e disse: "Você não sabe mentir direito, companheira." Onze dias depois, ele foi assassinado na porta dos fundos, que dava para o quintal de sua casa, em Xapuri. Recebi a notícia por telefone, minutos depois de sua morte. Não tive tempo de chorar. Passamos toda a madrugada do dia 22 divulgando o crime para a mídia nacional e internacional e telefonando para amigos e entidades aliadas. Não quis ir ao enterro, para guardar sua imagem viva. Nosso trabalho para conseguir a condenação de seus assassinos não foi fácil. Tivemos que manter a chama acesa, informar a imprensa brasileira e estrangeira, apurar denúncias, traçar estratégias com os advogados. Conseguimos, parcialmente, que a justiça fosse feita, punindo o assassino e um mandante do crime. Entretanto, sabíamos que, além deles, a União Democrática Ruralista (UDR) e seus aliados políticos estavam envolvidos na trama daquela morte. O saldo positivo de nossa luta contra a impunidade fez que nos anos seguintes, nenhum companheiro do Movimento fosse assassinado no Acre. O maior tributo que podemos render não só a ele, mas a todos os que deram suas vidas por um pedaço de terra – lutando por justiça, por uma vida melhor e pelo respeito à natureza – é continuarmos com suas lutas. Para os que acreditamos nisso, os Chicos Mendes que tombaram por todo este país permanecerão vivos.

CTA

*"A imagem que guardo de Chico é a de uma pessoa muito lúcida politicamente, carismático, doce e aberto sempre ao diálogo, mas firme em suas ações e convicto de seus objetivos: a luta contra o latifúndio, por justiça social e em defesa da floresta e dos povos que nela habitam."*

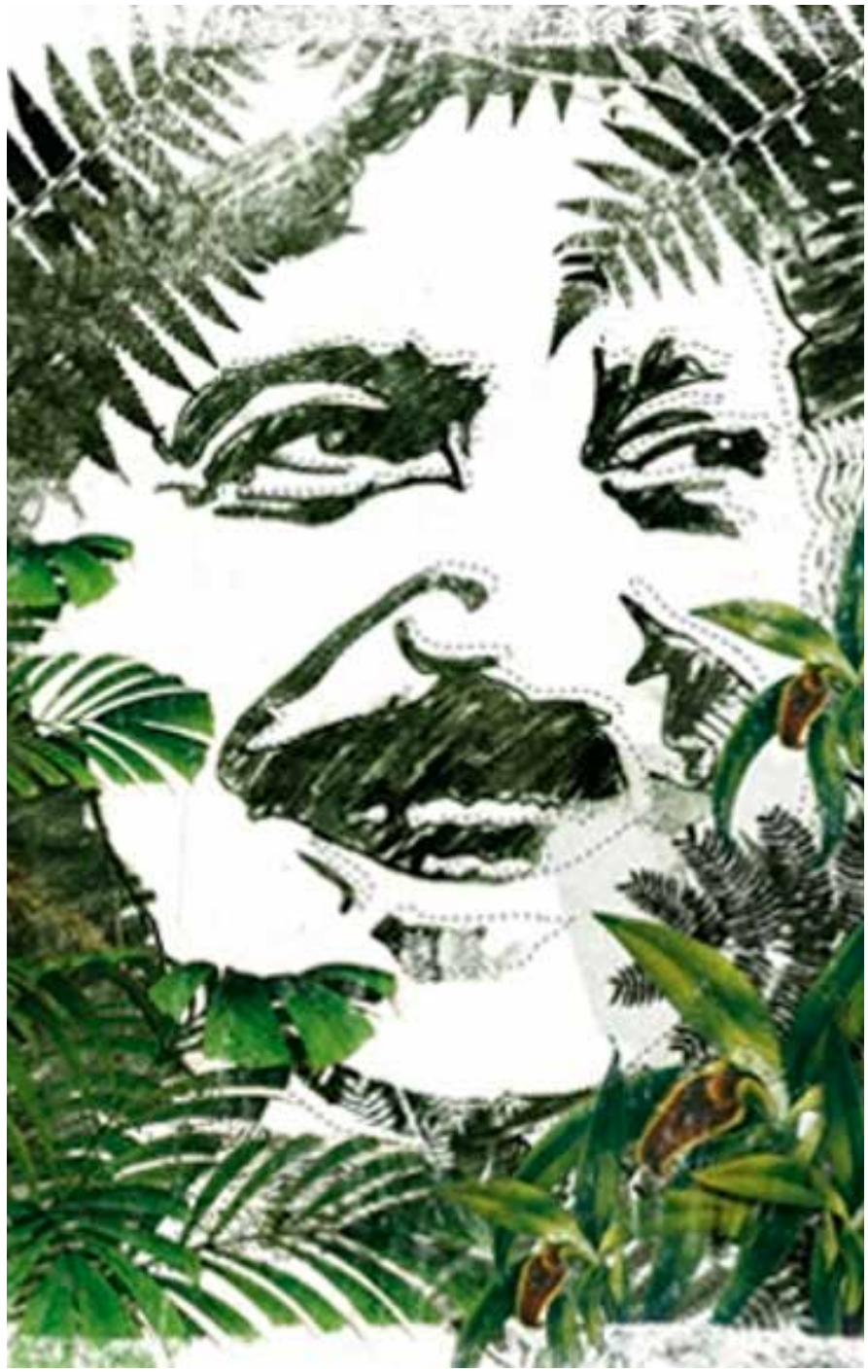
# SUELI BELLATO

Reprodução/Internet

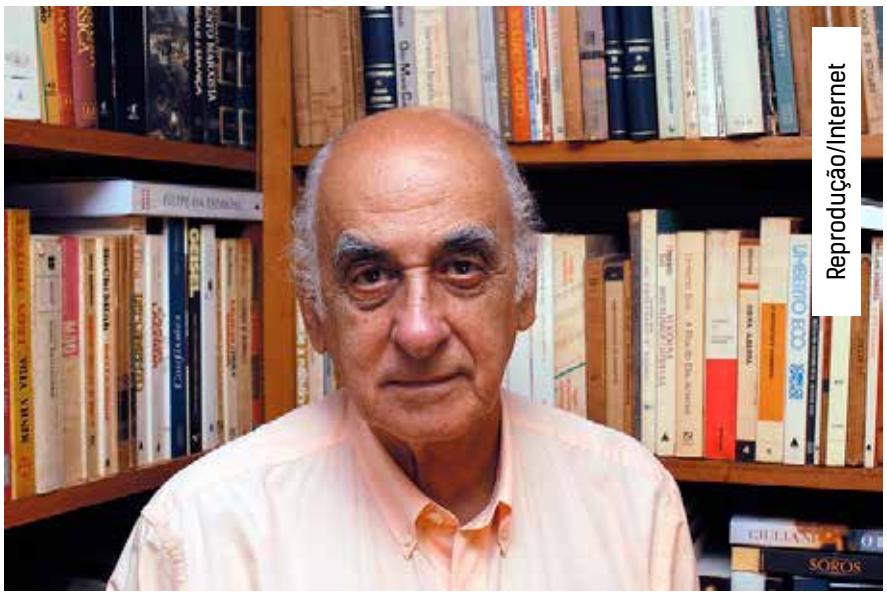
*"Aquele tiro disparado em Xapuri ultrapassou as fronteiras da Amazônia, atingiu consciências e forjou compromissos com os ideais de Chico Mendes por todo o planeta Terra."*

Era quase noite de Natal. Os trabalhadores rurais de Xapuri agora contavam com um caminhão amarelo para ajudar a escoar a produção da castanha, da borracha, de seus produtos extrativistas, e para fortalecer a organização sindical, econômica e cultural de suas comunidades. Uma volta na cidade com o caminhão novo, conseguido via BNDES, cheio de crianças, foi a forma que Chico Mendes encontrou para comemorar as vitórias alcançadas no ano de 1988. Antes de ser servido o jantar, para relaxar, uma prazerosa partidinha de dominó e um bom banho com direito ao uso da toalha nova, presente do último aniversário no dia 15 de dezembro. No ar um tom de despedida, assim como fez na recente visita aos amigos de Piracicaba e Rio de Janeiro. O sentimento que o cerco estava fechando parecia mais forte para o Chico, sentimento que não era compartilhado até por alguns dos seus amigos próximos, afinal será que alguém teria coragem de terminar com a vida de tamanha liderança? Conheci pouco Chico Mendes em vida. Meu contato com ele ocorreu durante o 3º CONCUT, em Belo Horizonte, em 1988, onde fiquei impressionada com sua capacidade de articulação. Um representante dos trabalhadores rurais, oriundo de região afastada do centro das decisões sindicais e com tamanha desenvoltura. Minha tarefa no Congresso  era apresentar os sindicalistas ameaçados de morte aos delegados internacionais, para que se buscasse impedir a consumação de tais ameaças. Não foi fácil segurar o Chico Mendes, porque ele estava mais interessado em articular com os delegados a aprovação da tese das Reservas Extrativistas do que falar das ameaças de morte que vinha sofrendo. Ao final, Chico participou do Ato durante o Congresso e contou para os delegados que sua luta em favor dos projetos de preservação da sustentabilidade da Amazônia encontrava-se ameaçada por fazendeiros e políticos da região. Disse ainda que, embora o acusassem de querer engessar a floresta, na verdade ele defendia a produção racional, sobretudo a extrativista. Denunciou a falta de ação do Estado e a impunidade dos responsáveis pelos assassinatos de seus companheiros, entre eles, Wilson Pinheiro

e Ivair Higino. Por fim, em meio a uma concentração de mais de 1,5 mil sindicalistas, na grande maioria urbana e desconhecedora da realidade amazônica, Chico e seus companheiros comemoraram a aprovação do seu nome para a Diretoria da Central, e a vitória da aprovação de sua tese, tendo a CUT no 3º CONCUT assumido em suas Resoluções a defesa das Reservas Extrativistas. Chico também reconheceu a importância do espaço que foi reservado durante o Congresso para os delegados denunciarem as ameaças ao meio ambiente e às suas próprias vidas. Dias depois, Chico escreveu uma carta para nós, do Setor de Combate à Violência no Campo, dando mais detalhes das ameaças, seus pedidos de proteção, suas providências e nos falou da contribuição do advogado paranaense, Dr. Genésio de Natividade, que estava ajudando na defesa dos interesses dos Povos da Floresta. Três meses depois do Congresso, poucos dias antes do Natal, Chico é vítima de emboscada e morre ao receber os disparos da arma assassina. A pedido da Diretoria, segui na noite de Natal para o Acre para acompanhar as primeiras providências legais. Nesta ocasião conheci pessoalmente o Dr. Genésio e  o já falecido Cesário, que atuavam corajosamente naquela região em que a lei do mais forte saia dos tambores dos revólveres e as instituições não eram respeitadas. O bárbaro e covarde crime intentado contra alguém totalmente impedido de qualquer ação de defesa não silenciou o defensor dos interesses dos povos da floresta, muito pelo contrário, sua voz ganhou o volume e o alcance nunca antes imaginados. Era o início de um novo diálogo, de uma nova Aliança com os Povos da Floresta, na qual modestamente me incluo. O julgamento de dois dos réus acusados do assassinato de Francisco Alves Mendes Filho iniciou-se no dia 15 de dezembro de 2000 e o Conselho de Sentença proclamou o fim da impunidade para que os matam e mandam matar no Acre. Triste é ainda lembrar que outros sindicalistas que estiveram com Chico Mendes no 3º CONCUT também foram assassinados, como Expedito Ribeiro, assassinado no dia 02 de fevereiro de 1990, em Rio Maria.



# ZUENIR VENTURA


Reprodução/Internet

O país que produziu alguns dos mais famosos mitos olímpicos e dionisíacos deste século – Pelé, Tom Jobim, Ayrton Senna e Ronaldinho – criou também um herói trágico e transformou-o no protomártir da causa ecológica. Um homem que precisou morrer para ser conhecido em sua pátria. Ele que já era, como escreveu o jornal The New York Times, "um símbolo de todo o planeta". De fato, o seringueiro Chico Mendes foi quem mobilizou não só o Brasil, mas também o mundo para a defesa da floresta amazônica à qual acabaria dando sua vida. Certo de que estava marcado para morrer, ele não só denunciou a trama, como achava que morreria em vão. "Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta, até que valeria a pena. Mas ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia. Quero viver." Ele disse isso e pouco depois, às 18h45 do dia 22 de dezembro de 1988, foi assassinado aos 44 anos, na porta da cozinha de sua casa em Xapuri: uma pequena cidade de poucos mil habitantes no Estado amazônico do Acre. "Ele vinha com as mãos na cabeça, todo vermelho de sangue", contou Ilzamar, que ouviu um estouro e correu para o marido. "Quando eu quis pegar no seu braço, ele caiu e ficou se debatendo. Aí vi que estava morrendo." Além de 18 perfurações no braço, ele fora atingido no peito direito por 42 grãos de chumbo de uma espingarda de caça. O autor confesso do disparo, Darci, era filho de Darly Alves da Silva, o fazendeiro mandante do crime. Só então, diante da grande repercussão internacional, é que o Brasil começou a desconfiar, cheio de culpa, de que tinha perdido o que se custa tanto a construir: um verdadeiro líder. Como um Gandhi dos trópicos, Chico organizou pacificamente os seringueiros para lutar pela preservação da floresta, que vinha sendo derrubada no Acre desde a década de 70 para dar lugar às grandes pastagens de gado. O Movimento de Resistência usava uma tática simples e eficaz: o empate, que consistia em impedir os desmatamentos, colocando os seringueiros, seus filhos e mulheres desarmados; entre os peões armados de serras e as árvores. Hábil político e homem de diálogo, Chico conseguiu também desfazer uma inimizade histórica entre Seringueiros e Indígenas, que sob sua influência se aliaram numa grande frente conhecida pelo nome de Povos da Floresta. Condecorado pela ONU e respeitado pelas organizações internacionais de proteção ao meio ambiente, Chico demonstrou que era possível promover um desenvolvimento racional para a floresta amazônica, sem transformá-la em santuário intocável, mas também sem devastá-la. Chico sabia que precisava de aliados, não podia ficar isolado em Xapuri lutando contra poderosos interesses de fazendeiros e pecuaristas. Alguns antropólogos e representantes de entidades ambientalistas dos Estados Unidos e da Europa se encarregaram de projetá-lo no circuito internacional. Em 1987, ele foi o primeiro brasileiro a receber o prêmio Global 500 das Nações Unidas, em Londres. No ano seguinte, foi convidado a participar da reunião do BID. Com a mesma desenvoltura com que andava nas ruas toscas de Xapuri ou

pelas espessas florestas amazônicas; Chico passou a se movimentar por cidades como Nova York, onde chegou a se hospedar no mesmo hotel em que estava o então presidente Ronald Reagan. Os convites de viagens se sucediam e sua causa ficou sendo conhecida no mundo. Na reunião do BID, ele convenceu os conselheiros do banco a suspender os financiamentos para a construção de uma grande rodovia no Acre, argumentando que sem as devidas precauções ambientais a iniciativa seria um atentado à floresta, aos seringueiros e aos Indígenas. Se por um lado o prestígio externo reforçou a sua luta interna, por outro, pode ter contribuído para sua desgraça. Aplaudidas pelo Banco Mundial, pelo BID e pelo Congresso americano, suas ideias enfrentavam a oposição violenta dos latifundiários, dos madeireiros e dos grandes projetos agropecuários que vivem do desmatamento desordenado da Amazônia. A fama que ele alcançara junto a instituições e entidades estrangeiras além de seu carisma – tudo isso, aliado aos incômodos empates que organizava em Xapuri – devem ter dado a seus inimigos a certeza de que a única maneira de barrar sua ação catalisadora era a morte. Por isso ele sabia que ia ser assassinado e denunciou incansavelmente a ameaça: "Não quero flores no meu enterro, pois sei que vão arrancá-las da floresta", escreveu no dia 5 de dezembro numa mensagem-despedida "Quero apenas que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços, sob a proteção da Policia Federal do Acre e que, de 1975 para cá, já mataram muita gente." Chico Mendes acertou quando anunciou que ia ser morto, mas errou ao achar que sua morte poderia ser inútil. Se ela não salvou a Amazônia, serviu ao menos para intensificar o debate planetário sobre o destino da região. E mais esse assassinato, antecedido por dezenas de execuções de outros lideres rurais, terá servido para denunciar que em um rico e extenso país ainda se mata por questões de terra. Aquele estouro que Ilzamar ouviu chegou ao mundo todo. Nunca um tiro dado no Brasil ecoou tão longe.

*"Poucas vezes a polícia brasileira contou com uma lista tão completa de acusados, fornecida pela própria vítima. Nem isso, porém, serviu para impedir a morte anunciada de Chico Mendes."*

# CARTA DE XAPURI

Querido Chico: Nesta semana, do dia 15 ao dia 17 de dezembro de 2018, nós, mais de 500 pessoas de todas as partes do Acre, da Amazônia, do Brasil e do planeta, nos reunimos na sua cidade de Xapuri–Acre para honrar sua memória e defender seu legado, nos 30 anos de sua ausência física dos espaços deste mundo. Vivemos momentos de muita saudade e de muita emoção, Chico! Aqui estiveram seus companheiros seringueiros e suas companheiras de empate; de longe, vieram representantes de comunidades extrativistas de todos os biomas brasileiros; chegaram seus amigos de fora da floresta, do Brasil e do exterior; apareceu gente que conviveu com você, e também muita gente nova, movida pela força de seus ideais. Durante três dias, refletimos muito sobre o sentido daquela sua sábia fala que imortalizou a sua visão estratégica sobre o futuro do nosso planeta: "No começo, eu pensei que estava lutando para salvar as seringueiras; depois, pensei que minha luta era para salvar a Floresta Amazônica; agora, percebo que estou lutando para salvar a humanidade." Com certeza, Chico! Sua luta foi além, muito além de você mesmo. Só mesmo você, Chico, para fazer acontecer, nesse tempo amazônico de poucos voos e muitas chuvas, esse nosso diálogo tão profundo que, por inspiração sua, nos faz seguir lutando por um modelo de desenvolvimento sustentável que nos livre das mazelas da depredação ambiental e da contaminação das águas, do solo e do ar que respiramos. Só você mesmo para nos fazer seguir lutando por uma sociedade mais justa, mais solidária e mais igualitária; por esse outro mundo que acreditamos ser ainda possível! Só mesmo você, Chico, para nos fazer seguir sonhando ante os retrocessos que se anunciam já nas primeiras decisões de um governo eleito que ainda nem tomou posse e já retira do Brasil o direito de sediar a próxima Conferência do Clima, já declara guerra aos sindicatos, às organizações da sociedade civil, aos movimentos sociais, aos direitos conquistados pela juventude, pelas mulheres, pelos Povos Indígenas, pelas comunidades quilombolas, ribeirinhas, extrativistas, pelos Povos da Floresta e por todas as populações tradicionais do Brasil. E por falar em juventude Chico, você deve estar feliz com a decisão que seus companheiros e companheiras do CNS tomaram de fazer deste Encontro um momento de compartilhar conhecimento e de transferência geracional. Assim como você sonhou um dia, mais da metade das pessoas que aqui estão são jovens. São jovens que vieram para firmar compromisso com a defesa do seu legado para os próximos 30 anos! Infelizmente "a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte", registrada por você em sua mensagem aos jovens do futuro, datada para 6 de setembro de 2120, é ainda tristeza constante em nossos dias. Os números são alarmantes, companheiro Chico: a cada cinco dias uma companheira ou um companheiro seu, e nosso, é assassinado no Brasil. Somente no ano de 2017, foram registrados mais de mil conflitos por terra, água ou trabalho nos campos e nas florestas do nosso país. Nos últimos 12 meses, foram ao menos 70 mortes. A última delas foi a do companheiro Gilson Maria Temponi, em Placas, no Pará. Imagina Chico, mais uma morte quando já estávamos aqui reunidos para honrar sua memória, nos 30 anos do seu assassinato, na porta dos fundos de sua casa, no dia 22 de dezembro de 1988, pelas balas traiçoeiras de uma espingarda disparada a mando do latifúndio. Mas nem tudo é tristeza! Com grande alegria, aqui celebramos o seu legado. A luta de seus companheiros e companheiras transformou as Reservas Extrativistas! Aquela proposta de uso comum e coletivo das áreas de floresta pelas populações extrativistas que você apresentou no I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado em 1985, em Brasília, cresceu, tornou-se política pública, não só na Amazônia, mas também nos outros biomas brasileiros. Hoje são milhares de famílias, vivendo em milhões de hectares de áreas protegidas. E nessas áreas, ainda que falte muito, além da produção extrativista, já existe escola, posto de saúde, luz elétrica, e em muitos casos até internet! Só que agora, companheiro Chico, os novos governos e o parlamento eleitos ameaçam entregar as terras sob nossa guarda, que garantem a sustentabilidade da nossa economia e do nosso modo de vida ao agronegócio, às madeireiras e

à mineração. Esquecem que os serviços ambientais que prestamos beneficiam não só a nós, mas a todos os povos do mundo. Tomara, companheiro Chico, que as conquistas desse seu legado, resultado da nossa resistência nessas últimas três décadas, das alianças que você tão generosamente construiu com os mais variados parceiros da floresta e de fora dela, sensibilizem os corações e mentes de quem está chegando ao poder para continuar respeitando e trabalhando junto aos nossos Povos da Floresta, em defesa de nossos territórios, da conservação ambiental e dos direitos sociais do povo brasileiro. Oxalá, companheiro Chico, aqui mesmo, nas barrancas do Rio Acre, nessa sua amada terra de Xapuri, no coração da Floresta Amazônica, a juventude do ano 2120 possa estar reunida numa auspiciosa Semana Chico Mendes, para celebrar a força da luta que carregamos juntos com nosso povo, das matas, do sertão, do mar, dos rios e das florestas, para comemorar a união de todos povos em torno dos ideais que você nos legou e da revolução planetária que a medida do tempo não te permitiu viver, mas que você teve o prazer de ter sonhado.

CHICO MENDES 30 ANOS
NINGUÉM ABANDONA A DEFESA DOS POVOS DA FLORESTA!
NINGUÉM DESISTE DO LEGADO DE CHICO MENDES!
NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!

Xapuri, Acre, 17 de dezembro de 2018

Revista Xapuri

# ERRO DE AVALIAÇÃO

A morte do Chico foi um erro de avaliação dos fazendeiros. Os caras acharam que ia acontecer em Xapuri o mesmo que aconteceu em Brasiléia quando mataram o Wilson Pinheiro. Só que o próprio Chico já tinha dito várias vezes: "Se eu morrer, nós temos que mostrar que vai ter mais 300 Chico Mendes". Todos nós assumimos o compromisso de continuar o trabalho dele. Decidimos que não ia ter mais uma liderança para ser forte e dividimos o trabalho por todo mundo. Foi isso o que os companheiros fizeram. Ficou todo mundo sobrecarregado, foi difícil no começo, mas o Movimento continuou em pé. Quanto ao Chico, o único erro de avaliação dele foi quando, em sua última entrevista, disse que se a morte pudesse ajudar a salvar a Amazônia, ele morreria de bom grado, mas que enterro não ia salvar a floresta. Chico está vivo porque nós continuamos trabalhando com o mesmo ideal dele: erramos no meio do caminho, tropeçamos muitas vezes, mas seguimos trabalhando. A gente trocaria tudo o que conquistamos para ter o Chico aqui hoje, porque com ele entre nós nossa organização estaria mais forte, mais coordenada, e com muito mais aliados. Porque nenhum de nós, nem individualmente, nem juntando todo mundo, conseguimos fazer o que o Chico fazia. Mas nós nos transformamos em 300 Chico Mendes e conseguimos fazer com que o Movimento não caísse. Chico Mendes Vive!

Gomercindo Rodrigues

35
ANOS
CHICO
MENDES
EMPATE DE RETOMADA
Parceria
FUNDAÇÃO BB
21.704 - Memória e Legado
Chico Mendes
Rio Branco (AC)
CHICO 35
MENDES
Parceria
FUNDAÇÃO BB

# CHICO MENDES HERÓI DO BRASIL

Francisco Alves Mendes Filho:
É nosso herói popular
Pulsa a alma da floresta
Com nosso povo a sonhar
Chico Mendes é a chama
Pra luta continuar

Veio ao mundo Chico Mendes
Militante ambiental
Lá em Xapuri no Acre
Com a verve social
No seringal Porto Rico
Resistência cultural

Filho de um seringueiro
Ecológico natural
Aos nove anos de idade
Trabalhador sem igual
Um defensor da floresta
Da mudança social

Bem jovem foi seringueiro
Teve o exemplo paterno
Com incentivo da mãe
Sempre foi um ser fraterno
Um exemplo para todos
Chico Mendes é eterno

Em defesa da Amazônia
Liderança mundial
Exemplo de inteligência
Um homem primordial
Pelos povos da floresta
Luta socioambiental

Na década de 70
Ditadura Militar
Motosserras em ação
Para a floresta cortar
A pastagem para o gado
O terror a se implantar

Mulheres essenciais
Na ação do seringal
Com a união de todos
Na peleja contra o mal
Confronto com os peões
Na peleja ambiental

A resistência pacífica
Contra o desmatamento
Seringueiros em ação
Luta com enfrentamento
As mulheres no apoio
Destacado movimento

Quarenta e cinco empates
Na defesa florestal
15 vitórias vitais
Numa luta desigual
Chico Mendes liderança
Movimento ambiental

Setenta e cinco, sete sete
A luta fundamental
Mataram Wilson Pinheiro
Presidente sindical
STR Brasileia
Intensa ação sindical

Setenta e seis adiante
A luta descomunal
Foi a peleja do bem
Contra a corrente do mal
A mobilização do povo
Contra a opressão capital

A luta dos seringueiros
Consciência ambiental
A posse de suas terras
Sempre foi essencial
Brasileia e Xapuri
Movimento sindical

1980:
Lidera o movimento
Sindicato em Xapuri
Deu impulsionamento
À luta e a resistência
A mover o pensamento

Início, anos 80
PT-CUT em fundação
Em São Bernardo do Campo
Ampla participação
Sindicato em Xapuri
O presidente em ação

Encontro dos Seringueiros
Reservas ambientais
Os direitos trabalhistas
E os direitos sociais
Chico Mendes é farol
Das causas nacionais

Na defesa da floresta
Novo estilo sindical
Vitima do latifúndio
Com sua morte brutal
A mando dum fazendeiro
Um triste agente do mal

42 grãos de chumbo
Do filho do fazendeiro
Do Darci Alves da Silva
O nome do  pistoleiro
A mando de Darly Alves
Abalou o mundo  inteiro

E no ano de 2000
Com a pressão social
Matadores condenados
Clamor  internacional
A justiça enfim foi feita
Chico Mendes sem igual

Trabalho extrativista
Orgãos de associações
Sindicais, cooperativas
Busca de transformações
Por um mundo mais igual
Contra as vis explorações

Os povos extrativistas
Em Conselho Nacional
Por sustentabilidade
O equilíbrio ambiental
Espaços de territórios
Transformação social

Proteção, meios de vida
Povos tradicionais
Com direito de usufruto
Aos recursos naturais
A floresta protegida
Sem  crimes ambientais

No ano 2015:
Chico, herói nacional
O Brasil reconheceu
Um nome internacional
O defensor da floresta
Um mártir do seringal

Tantos golpes contra o povo
A floresta incendiada
Nossas águas poluídas
Com garimpos na jornada
Desmatamentos nocivos
Fogo, máquina, soja, estrada

Hora de preservação
Natureza respeitar
De combater os incêndios
Cuidar do rio e mar
Chico Mendes é exemplo
Como se deve lutar.

**Gustavo Dourado**

Goári

Leonide Principe

@CRISVECTOR
CHICO MENDES

# GLOSSÁRIO

ABRIL INDÍGENA – Mês em que é celebrada a pluralidade étnica e a luta ancestral dos povos indígenas. No mês da Mobilização Nacional Indígena, delegações de povos indígenas de todo o Brasil, somando milhares de pessoas, se encontram em Brasília para o Acampamento Terra Livre (ATL), que vocaliza a luta nacional dos movimentos indígenas por direitos, segundo as prioridades e emergências de cada ano.

**ACORDOS DE PESCA** – Normas criadas pelas comunidades de pescadores e pescadoras que usam os mesmos lagos e trechos de rios, em parceria com os órgãos de fiscalização. Os Acordos de Pesca regulam a pesca em cada região do País, conforme os interesses das comunidades locais, garantindo, assim, a conservação dos estoques pesqueiros.

**AGENDA 21 GLOBAL** – Também conhecida como Agenda 21, é um documento aprovado em 1992, durante a Cúpula da Terra, no Rio de Janeiro, que estabelece metas e objetivos para o desenvolvimento sustentável.

**ALIANÇA DAS AMAZÔNIAS** – Coletivo de jovens indígenas, quilombolas, extrativistas, das periferias e de outras juventudes do Norte do Brasil. O grupo, que se define como "Guardiões da Terra Sagrada", tem por objetivo sensibilizar e despertar o sentimento de pertencimento entre as juventudes dos povos das Amazônias.

**ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA** – Movimento criado na década de 1980 por lideranças indígenas e extrativistas, unindo as lutas do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e da União das Nações Indígenas (UNI), sob a liderança de Chico Mendes e Ailton Krenak para, superando as diferenças históricas entre indígenas e seringueiros/as, formar uma grande aliança para lutar em defesa da Floresta Amazônica e dos povos que nela vivem.

**AMANAKA`A AMAZON NETWORK** – Organização sediada em Nova York (1990 a 1997), promotora da Semana da Amazônia, uma das maiores conferências mundiais para o intercâmbio entre lideranças indígenas, seringueiros/as, políticas e sindicais da Amazônia com o mundo exterior. Serviu, durante anos, como espaço de representação dos Povos da Floresta nos Estados Unidos.

**APIO** – Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque. Criada em 1992, defende os povos Galibi Kali'na, Karipuna, Galibi-Marworno e Palikur, do estado do Amapá.

**APITU** – Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque. Criada em 1995, promove ações em educação, saúde, desenvolvimento econômico e qualidade de vida. Mantém escolas, centros de cultura e atividades de apoio à comercialização dos produtos artesanais das aldeias.

**APIWTXA** – Associação Ashaninka do Rio Amônia. Defende os interesses dos habitantes da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, no Acre, demarcada em 1992, com 87.205 hectares. Faz fronteira com o Peru, com a Reserva Extrativista do Alto Juruá e com a Terra Indígena Arara do Rio Amônia, todas localizadas no município acreano de Marechal Thaumaturgo.

**APOINME** – Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo. Criada em maio de 1990, durante o 1º Encontro de Articulação de Povos Indígenas da Região Leste e Nordeste, realizado na Terra Indígena do Povo Pataxó Hãhãhãe, em Itabuna, na Bahia. Atua em territórios e comunidades indígenas de 10 estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

**ARPIN-SUL** – Articulação dos Povos Indígenas do Sul do Brasil. Desde 2006, a Arpin-Sul atua em favor da integração e pela articulação política das etnias indígenas do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, representando principalmente os povos Kaingang, Xokleng, Xetá e descendentes do povo Charrua.

**ASHANINKA** – Povo que habita a região de fronteira entre o Brasil, no estado do Acre, e o Peru. Os Ashaninka, também conhecidos como Kampa, se orgulham de ter resistido a ataques e invasões desde os tempos do Império Inca. A maior parte dos mais de cem mil Ashaninka vive no Peru. No Brasil, cerca de 2500 Ashaninka vivem em cinco Terras Indígenas demarcadas.

**ASHOKA** – Ashoka Empreendedores Sociais. Organização mundial sem fins lucrativos, fundada na Índia por Bill Drayton em 1980, para fortalecer o empreendedorismo social em todo o mundo.

**ASKARJ** – Associação dos Seringueiros Kaxinawa do Rio Jordão. Fundada em 1988, a Askarj é juridicamente responsável por três Terras Indígenas no município acreano de Jordão: Huni Kuin do Alto Jordão, Baixo Jordão e Seringal Independência.

**ASPROC** – Associação dos Produtores Rurais de Carauari. Primeira associação criada na região do Médio Juruá, no estado do Amazonas. Atua na organização e comercialização da produção rural das comunidades agroextrativistas da região, além da luta pelo território e na criação das Unidades de Conservação.

**ASSEMBLEIA DAS MULHERES INDÍGENAS** – Assembleia de representantes de movimentos de mulheres indígenas, realizada em Manaus no ano 2000. Resultou na criação do departamento de mulheres na Coiab e tornou-se um marco político que trouxe visibilidade para as mulheres indígenas da Amazônia.

**AYAHUASCA** – Também conhecida como hoasca, iagê e santo-daime, a Ayahuasca é uma bebida indígena, frequentemente associada a rituais religiosos. É produzida com plantas da Amazônia, que, ao se juntarem, causam efeitos alucinógenos. A Ayahuasca é considerada uma medicina sagrada para os povos da floresta.

**BABAÇU LIVRE** – Nome dado ao movimento em torno de leis municipais, estaduais e nacionais para a preservação dos bosques de babaçu, palmeira presente em 18,5 milhões de hectares nos estados do Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí. Atualmente existem 3 leis estaduais (Piauí, Tocantins e Maranhão, este último a lei se aplica apenas em terras públicas), e 18 municipais, sendo 04 no Tocantins, 02 no Pará e 12 no Maranhão. Uma das mais recentes conquistas com a aprovação da Lei do Babaçu Livre do Piauí é o reconhecimento do direito do território pelas quebradeiras de coco babaçu com o dever de titularização coletiva pelo estado. O primeiro Território Tradicional de Quebradeiras de Coco Babaçu do país é o território da Vila Esperança, no Piauí. Existe, também, uma lei tramitando no Congresso Nacional.

**BANCO MUNDIAL** – Em inglês The World Bank. Agência do Sistema das Nações Unidas, fundada a 1 de julho de 1944, com a missão de fortalecer a luta contra a pobreza, por meio de financiamentos e empréstimos aos países em desenvolvimento.

**BBC** – British Broadcasting Corporation. Mais conhecida pela sigla BBC, é uma corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido, fundada em 1922.

**BELÉM-BRASÍLIA** – A Rodovia Belém-Brasília integra importantes rodovias federais do País. Conecta as cidades de Belém, no Pará, e Anápolis, Goiás.

**BICO DO PAPAGAIO** – Região composta por 25 municípios ao norte do estado do Tocantins, na transição das planícies do Cerrado para a Floresta Amazônica. Possui uma longa história de lutas pela terra desde a década de 1950.

**BID** – Banco Interamericano de Desenvolvimento (International Development Bank – IDB). Criado em 1959 pela Organização dos Estados Americanos, para financiar projetos viáveis de desenvolvimento econômico, social e institucional e promover a integração comercial regional na área da América Latina e o Caribe.

**BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Criado como autarquia federal em 1952. Transformou-se em empresa pública em 1972, vinculada ao Ministério do Desenvolvimento e Comércio. Tem por principal objetivo o financiamento de longo prazo e investimento em todos os segmentos da economia brasileira.

**BOLSA FLORESTA** – Programa de pagamento por serviços ambientais, criado pelo estado do Amazonas, em 2007, para promover a contenção do desmatamento e a melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais residentes nas Unidades de Conservação (UCs) estaduais do Amazonas.

**BR-364** – Liga Limeira (SP) a Rodrigues Alves (AC). O trecho além de Cuiabá (MT) foi sancionado pelo presidente Juscelino Kubitscheck em 1960. Na época, Rondônia tinha apenas uma viagem mensal de barco para Belém. Em oito meses, uma faixa de 700 km de comprimento por 60 metros de largura foi desmatada entre Juruena (MT) e Rio Branco (AC).

**CAEX** – Cooperativa Agroextrativista de Xapuri. Criada em 1988, pelo movimento liderado por Chico Mendes, para evitar a figura do atravessador na comercialização de borracha e castanha.

**CARTA DE XAPURI** – Manifesto construído coletivamente pela coordenação do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), em parceria como Comitê Chico Mendes, redigida por Zezé Weiss e lido por Lucélia Santos no encerramento da Semana Chico Mendes 2018, data dos 30 anos do assassinato de Chico Mendes.

**CARTA PARA CHICO MENDES** – Documento lido durante o VI Congresso Nacional das Populações Extrativistas (CNS), realizado em Brasília, Distrito Federal, entre os dias 13 e 17 de novembro de 2023. Carta coletiva, redigida por Juliana Silva e Carla Almeida, com colaborações de Chiquinho Barbosa, Raimundo Mendes de Barros e outras lideranças históricas do CNS.

**CEBS** – Comunidades Eclesiais de Base. Movimento leigo da igreja Católica, surgiu no final da década de 1950, a partir de movimentos como a Ação Católica Operária, o Movimento de Educação de Base e os Planos de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Multiplicou-se no campo e nas periferias do Brasil, formando milhares de lideranças comunitárias.

**CEDI** – Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Instituição independente, sem fins lucrativos, especializada em estudos, pesquisas, documentação e assessoria no campo das Igrejas e dos movimentos sociais, extremamente atuante na década de 1980.

**CO2** – Dióxido de Carbono. Elemento químico presente na atmosfera e na fotossíntese das plantas, que participa do equilíbrio do efeito estufa. Vêm aumentando perigosamente pelas atividades industrializadas desde a Revolução Industrial, no século 19.

**COAPIMA** – Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão. Fundada em 2003, é uma entidade da sociedade civil sem fins lucrativos, cujo objetivo estatutário é o de promover a organização social e política dos povos indígenas do estado do Maranhão.

**COIAB** – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira. Criada em abril de 1989, está presente em nove estados da Amazônia brasileira. Com suas mais 75 entidades filiadas, que incluem federações regionais, organizações de mulheres, professores/as e estudantes indígenas, luta pelos direitos básicos de mais de 160 diferentes povos indígenas.

**COICA** – Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica. Fundada em 1984, em Lima, Peru, a COICA articula a defesa dos povos da Floresta Amazônica, em parceria com nove outras organizações da região Amazônica.

**COMITÊ CHICO MENDES** – Criado em 22 de dezembro de 1988, por lideranças reunidas em Rio Branco, na mesma noite do assassinato de Chico Mendes. Reúne pessoas e representantes de movimentos e entidades não-governamentais em uma coordenação voltada para a defesa da memória e do legado de Chico Mendes.

**CONAMA** – Conselho Nacional do Melo Ambiente. Criado pela lei federal 6.938, de 1981, orienta a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA) e é composto por representantes do governo, da iniciativa privada e da sociedade civil organizada.

**CNBB** – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Instituição permanente que reúne os bispos católicos do Brasil que, conforme o Código de Direito Canônico, "exercem conjuntamente certas funções pastorais em favor dos fiéis do seu território", para promover o apostolado da Igreja Católica.

**CNS** – Conselho Nacional dos Seringueiros, desde 1997 Conselho Nacional das Populações Extrativistas. Fundado em outubro 1985, durante o I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado em Brasília, para promover a organização dos Povos da Floresta e a luta por direitos, pela terra e pelo uso sustentável dos recursos naturais.

**CONTAG** – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura. Fundada em 1963, ficou sob intervenção militar de 1964 a 1968 e tornou-se bastante ativa no período posterior. Em 1985 enfrentou uma crise na fase de democratização popular que durou até a década de 90, quando ganhou espaço nas federações e sindicatos mais progressistas.

**CONSTITUIÇÃO DE 1988** – Conhecida como a "Constituição Cidadã", criou princípios de direitos para povos os indígenas e para as comunidades tradicionais. A Carta Magna da redemocratização do Brasil garantiu aos povos indígenas "o respeito à sua organização social costumes. línguas crenças e tradições" e reconheceu o direito originário sobre as terras que tradicionalmente ocupam, direitos esses que vêm sendo contestados na Justiça pelas teses do Marco Temporal, que só reconhecem como Terras Indígenas as que estavam identificadas ou demarcadas em 05 de outubro de 1988, data da promulgação da nova Constituição.

**CONVENÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS** – A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC) é um tratado assinado em 1992 durante a Cúpula da Terra (Eco-92), que estabelece as obrigações das nações para combater as mudanças climáticas.

**CUT** – Central Única dos Trabalhadores. Entidade de representação do movimento sindical brasileiro. Criada em 1983, em São Bernardo do Campo (SP), durante o Primeiro Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat), um encontro nacional com mais de 5 mil trabalhadores/as do campo e da cidade.

**DECRETO 1.775** – Sancionado em janeiro de 1996 pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, alterou o decreto 022 (1991), que regulamentava as demarcações de Terras Indígenas, para inserir princípios que abriram espaço para contestações dessas áreas.

**DEFESA AMBIENTAL** – Environmental Defense Fund. Entidade não governamental, criada em 1967 por ambientalistas, contra o uso do DDT (veneno agrícola) nos Estados Unidos. Colaborou com Chico Mendes nos anos 1970 e 1980. Organizou, em 1987, a reunião de Chico Mendes com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Washington, D.C., nos EUA, reunião que causou a revisão dos projetos de desenvolvimento do BID para a Amazônia.

**DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL** – Conceito desenvolvido a partir da década de 1960, tendo entre seus pioneiros mais conhecidos o professor Ignacy Sachs, que já discutia a proposta de ecodesenvolvimento na França, em 1968.

**DIA DOS POVOS INDÍGENAS** – A Lei 14.402/22, oriunda de projeto legislativo da ex-deputada federal e hoje presidenta da Funai, Joenia Wapichana, mudou o nome "Dia do Índio", celebrado em 19 de abril, para "Dia dos Povos Indígenas".

**ECO 92** – Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Cúpula da Terra ou Rio-92. Realizada no Rio de Janeiro, em 1992, foi um dos maiores encontros de governos e de movimentos sociais, com forte presença dos movimentos amazônicos. Entre seus resultados estão diversas convenções internacionais e também documentos civis como a Carta da Terra e a Carta de Educação Ambiental.

**EDUCAÇÃO BILÍNGUE** – O artigo 21 da Constituição Brasileira de 1988 previu pela primeira vez que o ensino regular seria ministrado em língua portuguesa, mas assegurando às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas nas escolas indígenas.

**DECLARAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS** – A Declaração dos Povos Indígenas das Nações Unidas, aprovada por 143 países em 2007, ratificando princípios da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, foi uma das maiores contribuições da Eco-92 aos povos do mundo.

**EITO** – Tarefa a ser cumprida nas atividades rurais.

**EMPATES DE DERRUBADA** – Manifestações pacíficas surgidas no meio da Floresta Amazônica, a partir de meados dos anos 1970, para defender a floresta do ataque dos "paulistas", que chegaram ao Acre para derrubar as matas, até mesmo "com gente dentro" e, em seu lugar, implantar as grandes monoculturas de pasto para a pecuária.

**EMPATE DO CACHOEIRA** – Último empate realizado no Acre, em maio de 1988, com a presença e participação de Chico Mendes.

**ESCOLA-FAMÍLIA** – Uma das formas de escolas rurais, criadas na linha da pedagogia da alternância, que busca equilibrar a vivência escolar e comunitária. Sua principal rede na Amazônia é a Rede de Associações das Escolas-Famílias do Amapá (Raefap), surgida na década de 90.

**ESTATUTO DA TERRA** – Principal Lei de Direito Agrário existente no Brasil. Regulamenta os contratos agrários típicos (arrendamento e parceria), estabelece princípios para a sua aplicação e dispõe sobre outras relações de posse da terra.

**EXPEDITO RIBEIRO** – Ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Maria, no estado do Pará, também conhecido como o "poeta negro" da Amazônia. Assassinado pelo latifúndio em 2 de fevereiro de 1990, em Rio Maria (PA).

**FASE** – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Criada em 1961, no Rio de Janeiro, com a proposta inicial de apoio ao Cooperativismo. Dada a realidade política da época, teve que mudar sua atuação para a resistência à ditadura militar. Teve papel importante na organização social da Amazônia a partir da redemocratização do país.

**FECHAMENTOS** – Os chamados "fechamentos" foram atos de interrupção na construção da BR-364, nas décadas de 80 e 90 praticados por povos indígenas e extrativistas, para reivindicar políticas de segurança e de direitos sociais e ambientais na construção das rodovias federais.

**FESTIVAL JOVENS DO FUTURO** – Evento realizado todo mês de setembro, desde 2020, pelo Comitê Chico Mendes, para celebrar a memória e honrar o legado do líder seringueiro Chico Mendes. Tem por finalidade engajar as juventudes na luta por justiça climática e na construção de uma nova sociedade, a partir dos ideais de Chico Mendes.

**FETAGRI** – Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar. Formada por sindicatos de trabalhadores/as rurais e organizações de agricultores e agricultoras familiares, por estado e, em alguns casos, por regiões. Os sindicatos, por sua vez, surgiram nas áreas de colonização agrária mais antigas, como no nordeste do Pará, nos anos 1960.

**FOIRN** – Federação das Organizações Indigenas do Rio Negro. Atua na região do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, sendo uma das fundadoras da Coiab.

**FLORESTANIA** – Na interpretação do escritor Toinho Alves, do Arre, é mais do que a cidadania da floresta. E um sentimento expresso na forma de que não é a floresta que nos pertence, mas nós é que pertencemos a ela. É um novo pacto social e natural. O ponto inicial é o respeito reverente aos ecossistemas, aos ciclos da natureza e ao equilíbrio entre os seres e os elementos.

**FÓRUM SOCIAL PAN AMAZÔNICO** – Criado como ponto de diálogo entre movimentos sociais dos países da Amazônia, a partir de 2002. Já teve edições em Belém, Manaus e Guyana. Faz parte do Fórum Social Mundial.

**FUNDAÇÃO GARIBALDI BRASIL** – Criada em 20 de abril de 1990, a FGB é a Fundação Municipal de Cultura, Esporte Cultura do município de Rio Branco, capital do estado do Acre.

**FUNAI** – Fundação Nacional do Índio. Criada no governo militar, em 1967, substituiu o Serviço de Proteção ao Índio, criado em 1910 depois de denúncias internacionais sobre o extermínio de povos originários no País. É responsável pela política indigenista do Brasil e seus procedimentos foram redefinidos pelo Estatuto do Índio, aprovado em 1973.

**FUNASA** – Fundação Nacional de Saúde. Foi criada pelo governo federal em 1990 para integrar campanhas e serviços de saúde pública espalhados no país, como a vacinação e a vigilância sanitária. Em 1999, um decreto transfere da Funai toda a área de saúde indígena, com a criação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas – acrescidos, em 2002, de um programa de alimentação.

**G7** – Grupo formado pela reunião anual dos países mais ricos do planeta, que inclui Estados Unidos, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Japão e Canadá. Uma derivação recente dessa iniciativa é o G20, incluindo os países emergentes.

**GALIBI–MARWORNO** – Povo das savanas e campos alagados do norte do Amapá, com população estimada em 2 mil pessoas. Sua história inclui migrantes de antigas missões e fugitivos de aprisionamentos, como os Maraon e os Aruã.

**GALHOS** – Caminhos terrestres que interligam as populações extrativistas no interior da Floresta Amazônica.

**GÁLVEZ** – Luis Gálvez Rodríguez de Arias. Criou a primeira República do Acre, ou Estado Independente do Acre, um Estado nacional de curta duração nas terras do Acre, em 14 de julho de 1899. Rejeitado pelo governo brasileiro, o Acre perdeu suas terras para o exército boliviano.

**GANDHI** – Líder indiano nascido em 1948, mais conhecido como Mahatma Gandhi, estudou direito na Inglaterra e trabalhou na África do Sul antes de fazer o uso da desobediência civil como meio pacifico para a independência da Índia. Um de seus princípios era chamado em sânscrito de Satyagraha (busca da verdade).

**GENOCÍDIO** – Morte em massa de determinada população. É usado por alguns analistas na conquista europeia do Brasil, onde a população nativa quase desapareceu desde o contato em 1500. No caso dos povos indígenas, também é usado o termo etnocídio. Pode ocorrer pela violência da invasão de terras, pela contaminação por doenças comuns como gripe e sarampo ou até mesmo pela omissão de políticas públicas voltadas para os povos indígenas.

**GOVERNO DA FLORESTA** – Denominação criada pelo governador Jorge Viana, do Partido dos Trabalhadores (PT), como slogan do governo do Acre, durante o período em que governou o estado do Acre (1999–2007).

**GRILAGEM DE TERRAS** – No Brasil, grilagem de terras é a falsificação de documentos para, ilegalmente, tomar posse de terras devolutas ou de terceiros, bem como de prédios ou prédios indivisos.

**GRITO DA TERRA BRASIL** – Em 1994, sob a coordenação da Contag, mais de 100 mil trabalhadores e trabalhadoras rurais de 23 estados formaram a maior mobilização nacional de uma categoria sobre seus direitos e políticas públicas no setor no I Grito da Terra, inspirado em lutas anteriores na Amazônia e na solidariedade com outras organizações do campo.

**GTA** – Grupo de Trabalho Amazônico. Em 1992, a Aliança dos Povos da Floresta deu origem a uma organização em rede com mais de 600 entidades, que teria uma intensa influência nas políticas públicas do governo brasileiro e das agências multilaterais na floresta.

**GUERRILHA DO ARAGUAIA** – Movimento organizado pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) entre 1966 e 1974 no Bico do Papagaio, no norte do Tocantins, especialmente no município de Xambioá. A ditadura militar tratou o assunto como uma guerra e deslocou o Exército para a região com ordens para matar. Poucos/as participantes sobreviveram.

**GUERRILHA DE CAPARAÓ** – A Guerrilha do Caparaó foi a segunda tentativa de insurgência armada contra a ditadura militar brasileira feita por ex-militares cassados. Teve lugar na serra do Caparaó, divisa entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, no período 1966–1967.

**HEVEA BRASILIENSIS** – Conhecida pelos nomes comuns de seringueira e árvore-da-borracha, é uma árvore da família das Euphorbiaceae, muito comum de se encontrar na Floresta Amazônica. Apresenta folhas compostas e flores pequeninas, reunidas em amplas panículas.

**HAY** – Hutukara Associação Yanomami (HAY). É uma organização sem fins lucrativos que defende os direitos dos e das habitantes da Terra Indígena Yanomami (TIY).

**IBAMA** – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, ligado ao Ministério do Meio Ambiente. Criado em fevereiro de 1989, resultou da fusão do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), da Superintendência de Pesca (Sudepe) e da Superintendência da Borracha (Sudhevea).

**IBDF** –Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Era o órgão responsável pelas concessões florestais e também pelo setor de parques nacionais até a criação do IBAMA.

**ICMBio** – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Criado em 2007 para administrar as unidades de conservação do país, deixando ao IBAMA a imensa tarefa de fiscalização e licenciamento. IEA – Instituto de Estudos Amazônicos.

**IMAZON** – Instituto do Homem e Meio Ambiente na Amazônia. Fundado em 1990, é uma instituição sem fins lucrativos que desenvolve estudos e pesquisas. É uma das entidades criadoras do GTA, para o desenvolvimento sustentável da região.

**ÍNDIOS ISOLADOS** – Grupos de indígenas sem contato registrado ou que optaram por não manter contato com a sociedade nacional. A política federal tem sido a de buscar o contato apenas quando o território onde vivem está sob pressão extrema. É o que está ocorrendo na fronteira de Mato Grosso e Rondônia e no sul do Amazonas. Em 2008, o grupo Piripkura foi alvo de extermínio na região de Colider–MT.

**INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. É uma autarquia federal da Administração Pública brasileira. Foi criado pelo decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970, com a missão prioritária de realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União.

**INPA** – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Criado em 1952 e vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia, é um dos principais centros de pesquisa da região e uma das suas referências.

**INTENTONA COMUNISTA** – Também conhecida como Levante Comunista ou Revolta Vermelha de 1935. Tentativa de golpe ocorrida em Natal, Recife e no Rio de Janeiro, no mês de novembro de 1935, contra o governo Getúlio Vargas, por militares vinculados à Aliança Nacional Libertadora (ANL), com apoio do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e da Internacional Comunista.

**INSTITUTO MADEIRA VIVO** – Surgido a partir dos debates de resistência às barragens de Jirau e Santo Antonio, no Rio Madeira, tem levado a público as preocupações de moradores/as ribeirinhos/as, povos indígenas e extrativistas, e de cientisas sobre o impacto nas obras

**JOSIMO MORAIS TAVARES** – sacerdote católico brasileiro, coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) na região do Bico do Papagaio. Assassinado em Imperatriz, no Maranhão, em 1986, a mando de fazendeiros da microrregião do Bico do Papagaio por sua defesa dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais.

**KAMBÔ** – "Vacina do Sapo" é o nome popular para a aplicação das secreções produzidas pela perereca Kambô em pequenos ferimentos ou queimaduras produzidos nos braços ou nas pernas de uma pessoa, para que as substâncias presentes na pele do animal penetrem na circulação sanguínea. É usado como medicina sagrada pelas populações da floresta.

**KARAJÁ** – Povo indígena que habita as margens do Rio Araguaia desde tempos imemoriais. Exímiod ceramistas, os Karajá se autodenominam "Yni" que em sua própria língua quer dizer "nós".

**KARIPUNA** – Povo indígena do estado do Amapá. Moram em cinco aldeias na Morando em cinco aldeias na Bacia do Rio Uaçá. A área dos Karipuna do Amapá foi demarcada em 1979. Karajá, como são conhecidos, vem do Tupi e significa "macaco grande".

**KARITIANA** – Povo indígena que vive em uma aldeia a 100 km de Porto Velho, com uma população estimada de 350 pessoas. As primeiras referências ao grupo são de 1909 e permaneceram arredios ao contato até os anos 50, com deslocamentos na bacia do rio Candelas. Em 1996, juntamente com os Suruí, denunciam o comércio de amostras de seu DNA em laboratórios de biotecnologia dos Estados Unidos.

**KAXUYANA** – Os documentos escritos usam os termos Kasuyana ou Katsuyana para esse povo indígena de poucas centenas de pessoas que habita os limites entre Amapá e Pará.  Notas encontradas na Funai indicam que são resultado de antiga mistura de grupos vindos do Oeste, da região do Rio Trombetas, e do Leste, da região da foz do Rio Amazonas.

**KAYAPÓ** – Habitantes de um grande território no sul do estado do Pará, os Kayapó vivem em comunidades numerosas. Nos anos 1980 e 1990, tornaram-se visíveis na mídia nacional e internacional pela mobilização de líderes pelos direitos indígenas.

**KRENAK** – Povo indígena originário do estado de Minas Gerais. Os Krenak ou Borun constituem-se nos últimos Botocudos do Leste, nome atribuído pelos portugueses no final do século XVIII aos grupos que usavam adornos auriculares e labiais.

**LAMPARINA** – Sindicato de Trabalhadores Rurais conhecido como Lamparina de Santarém PA. A força das alianças com os professores e na luta das comunidades da Floresta do Tapajós contra madeireiros levaram a entidade a um forte intercâmbio com os seringueiros de Chico Mendes no Acre.

**LEI DE PARTILHA DA ONU** – Pelo plano de partilha da ONU, na fundação do Estado de Israel, em 1948, Jerusalém deveria ser dividida em duas partes, o lado oriental, palestino, e o lado ocidental, israelense. Sheikh Jarrah fica na parte palestina.

**LEI DE SEGURANÇA NACIONAL** – Editada em 1967 pelo governo militar, reduziu a liberdade de expressão e de reunião e foi ainda mais fortalecida em 1969, que correspondia a um estado de sítio onde prisões podiam ser realizadas arbitrariamente. A legislação sofreu algumas mudanças, mas somente em 1987 começaram a vigorar novas leis de defesa do Estado.

**LEONARDO BOFF** – Nascido em 1938 na cidade de Concordia-SC, é um dos mais importantes nomes brasileiros da Teologia da Libertação. Foi condenado ao silêncio por um ano em 1985 pelo cardeal Joseph Ratzinger, atual papa Bento XVI, e em 1992 renunciou ao cargo de padre e assumiu uma carreira de escritor e palestrante ligado à Carta da Terra.

**LUZ PARA TODOS** – Programa do governo federal lançado em 2004 para a universalização do acesso à energia elétrica no país, principalmente em áreas rurais e comunidades isoladas.
MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens. Foi criado oficialmente em um encontro de 1991, depois que desde a década de 70 mais de um milhão de pessoas foram expulsas de suas terras por grandes represas hidrelétricas.

**MACUXI** – Povo indígena com mais de 23 mil pessoas nas fronteiras com a Guiana e a Venezuela Registro de contato com a sociedade ocidental desde os aldeamentos portugueses do século 18 e depois com o extrativismo de caucho e balata nos séculos seguintes. Bem organizados, possuem uma cultura com três planos de realidade que incluem um mundo subterrâneo e outro real e um aéreo.

**MANGUE** – Ecossistema do litoral onde águas doces e salgadas formam um ambiente especial para a reprodução de muitas espécies animais. A Amazônia possui um dos maiores manguezais contínuos do mundo.

**MARCHA INDÍGENA DOS 500 ANOS** – Com a marcha, iniciada na Amazônia (onde vivem 51% dos indígenas do país), os povos indígenas do Brasil se posicionaram contra a exploração e a opressão dos 500 anos do "descobrimento".

**MÉDICOS DOS PÉS-DESCALÇOS DA CHINA** – Na China, os médicos de Pés Descalços são também conhecidos como médicos camponeses, instituídos pelo governo pós-revolucionário chinês que organizou a China a partir de 1º de outubro de 1949.

**MEB** – Movimento de Educação de Base. Organismo ligado à CNBB, criado em 1961, para trabalhar com a educação popular e a alfabetização de jovens e adultos.

**MIQCB** – Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. Reúne comunidades do Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí, com mais de 400 mil pessoas. O primeiro encontro aconteceu em 1991 e a entidade foi formalizada em 1995.

**MOBRAL** – Movimento Brasileiro de Alfabetização, campanha social lançada pela ditadura militar (1964-1985) no final da década de 1960.

**MONAPE** – Movimento Nacional dos Pescadores. Surgiu nos anos 1980. Na conferência de Olinda, em 1991, já estava discutindo aspectos ambientais pouco abordados nas políticas de governo.

**MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI** – Um dos mais importantes centros de pesquisa da Amazônia. Foi fundado em 1866, como Associação Philomática (Amigos da Ciência) em Belém, no Pará. As primeiras instalações foram concluídas em 1871. É hoje vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

**OELA** – Oficina-Escola de Lutheria da Amazônia, com sede em Manaus, no Amazonas. Fundada por Rubens Gomes, trabalha com crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade pessoal e risco social.

**OMPI** – Organização Mundial de Propriedade Intelectual, com sede em Genebra. Possui uma linha de trabalho voltada para os direitos de conhecimentos tradicionais e coletivos.

ONG – Organização Não Governamental. Entidade com fins não lucrativos e voltada par interesses coletivos, geralmente sociais e ambientais. Embora entidades filantrópicas existam há séculos, o termo é mais usado para o movimento social organizado, que emergiu a partir dos anos 1970 na luta pela redemocratização.

**ONU** – Organização das Nações Unidas. Foi fundada em 1945, logo depois da Segunda Guerra Mundial, para ser uma das principais organizações multilaterais do planeta. É formada por governos, mas tem fóruns com participação de entidades sociais.

**PAE** – Projeto de Assentamento Extrativista, política pública conquistada pelos Povos da Floresta, ainda sob a liderança de Chico Mendes.

**PAITER-SURUÍ** – Povo indígena brasileiro dos estados de Rondônia e Mato Grosso. Os Suruí se autodenominam Paiter, que significa "gente de verdade, nós mesmos". Falam a língua paiter-suruí, que pertence à família linguística mondé e ao grupo linguístico tupi.

**PARQUE NACIONAL** – Mais antiga categoria de unidades de conservação, são áreas de propriedade federal com o objetivo de preservar ecossistemas. São áreas de proteção integral, ou seja, podem receber visitantes, mas não abrigar moradores Antes do movimento dos Povos da Floresta alguns parques chegaram a ser criados onde comunidades viviam há décadas ou séculos.

**PDA** – Subprograma de Projetos Demonstrativos (Tipo A). Componente do Programa Piloto que financiou centenas de projetos sustentáveis de comunidades da Amazônia Legal.

**PDPI** – Subprograma de Projetos Demonstrativos de Povos Indígenas e um componente do Subprograma de Projetos Demonstrativos (PDA), do Programa Piloto, apoiando desde a produção familiar até o registro cultural nessas terras.

**PLÁCIDO DE CASTRO** – Militar gaúcho, conduziu a "Revolução Acriana" e, com a negociação do Tratado de Petrópolis, em 17 de novembro de 1903, que levou a guerra contra a Bolívia a um desfecho diplomático, legitimando a posse brasileira sobre o Acre.

**PLANAFORO** – Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia. Aprovado pelo Senado em 1992, foi iniciado no ano seguinte com objetivo de implantar uma abordagem aperfeiçoada de manejo e conservação de recursos naturais no estado, com recursos do Governo Federal e do Banco Mundial. Visou também corrigir erros do Polonoroeste. O acordo durou formalmente até 2002.

**PLANO DE MANEJO** – Documento técnico que, a partir dos objetivos definidos no ato de criação de uma Unidade de Conservação (UC), estabelece o zoneamento e as normas que norteiam o seu uso.

**POLONOROESTE** – Desde sua implementação, manifestou, com clareza, com um de seus objetivos básicos "o fortalecimento da capacidade de pesquisa em saúde, incluindo pesquisas nas áreas de controle/tratamento da malária e leishmaniose.

**PORANTIM** – Significa remo, arma, memória. Jornal de resistência indígena criado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

**POPULAÇÕES TRADICIONAIS** – De forma genérica, são comunidades caracterizadas pelo uso comum da terra e dos recursos florestais e hídricos, disponibilizados em forma de produção comunitária e conservação cultural. Ocorrem variantes, como o desenvolvimento de atividades agroextrativistas.

**PORONGA** – Nome da cartilha didática do Projeto Seringueiro, elaborada pela antropóloga Mary Allegretti com base em sua tese de mestrado na Universidade de Brasília- UnB, realizada no Seringal Alagoas, em Tarauacá (AC), 1978. O nome de um tipo de lanterna, movida a querosene, que os seringueiros usavam na cabeça para trabalhar à noite.

**POVOS INDÍGENAS** – Assim são denominados os povos originários que conservam traços culturais ou étnicos das sociedades pré-colombianas, anteriores à chegada dos europeus na América do Sul.

**PPG7** – Programa de Proteção das Florestas Tropicais do Brasil. Criado em 1992, com doações da Cooperação Internacional, em parceria com o governo brasileiro. O PPG7, que passou a contar com doações dos países desenvolvidos a partir de 2001, financiou centenas de pequenos projetos sustentáveis, de fortalecimento da gestão ambiental e de pesquisa científica.

**PROTERRA** – Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e do Nordeste.

**PRC** – Partido da Refundação Comunista. Organização clandestina de esquerda, de orientação marxista, atuante no Brasil nos anos 1980, da qual Chico Mendes fez parte até o seu assassinato, em 1988.

**PRÊMIO GLOBAL 500** – Criado em 1987 como uma atividade de reconhecimento de líderes do Programa Ambiental das Nações Unidas. Já premiou centenas de pessoas e organizações de mais de 50 países. Um dos premiados foi Chico Mendes.

**PRIMEIRO CICLO DA BORRACHA (1890–1912)** – Foi durante o primeiro ciclo da borracha que levas de migrantes nordestinos foram trazidos aos seringais do Acre para a extração do látex em um ciclo econômico de produção da borracha, no período de 1890 a 1912, para atender à demanda internacional. Foi também durante o primeiro ciclo da borracha que o Acre enfrentou, no início dos anos 1900, a guerra com a Bolívia para tornar-se brasileiro.

**PROJETO JARI** – Fábrica instada às margens do Rio Jari, no Amapá, para a produção de celulose e outros produtos, que teve início em 1967. O projeto foi idealizado pelo bilionário norte-americano Daniel Keith Ludwig e seu sócio Joaquim Nunes Almeida.

**PROJETO SERINGUEIRO** – O projeto de Educação, Saúde e Cooperativismo para Seringueiros de Xapuri (Acre), foi a primeira iniciativa de educação idealizada por Chico Mendes e apoiada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Seus participantes também criaram o CTA (Centro dos Trabalhadores da Amazônia), uma das primeiras Organizações não Governamentais da região.

**PT** – O Partido dos Trabalhadores (PT) é um partido político brasileiro de centro-esquerda à esquerda. Fundado em 1980 por lideranças nacionais, dentre elas Lula e Chico Mendes, é um dos maiores e mais importantes movimentos de esquerda da América Latina.

**REDD** – Desmatamento e Degradação Reduzido e Evitado. O termo foi criado, entre outros pelo Movimento Social Brasileiro liderado em encontros da Convenção das Mudanças Climáticas pelo IPAM (instituto de Pesquisas da Amazônia). Aborda o serviço prestado pela floresta ao armazenar carbono agir no ciclo hidrológico da atmosfera.

**RESERVAS EXTRATIVISTAS** – A proposta de Reservas Extrativistas surgiu como um modelo diferenciado de reforma agrária apropriada para as comunidades extrativistas da Amazônia e foi exposta durante o I Encontro Nacional de Seringueiros, realizado de 17 a 21 de outubro de 1985, na Universidade de Brasília (UnB). Propunha (e assim ocorre) o domínio da terra pelo poder público e a concessão de uso para as comunidades.

**RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES** – A Reserva Extrativista Chico Mendes é uma unidade de conservação federal do Brasil categorizada como reserva extrativista e criada por Decreto Presidencial em 12 de março de 1990 numa área de 970.570 hectares no estado do Acre. É administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

**RESERVA EXTRATIVISTA DO ALTO DO JURUÁ** – A Reserva Extrativista do Alto Juruá é uma unidade de conservação federal do Brasil categorizada como reserva extrativista e criada por Decreto Presidencial em 23 de janeiro de 1990 numa área de 506.186 hectares no estado do Acre.

**RIO AMAZONAS** – É o maior e mais caudaloso rio do mundo. Possui 6992 metros de extensão e uma vazão média de 210 mil $m^3/s$. Possui cerca de 1100 afluentes. Sua nascente fica na cordilheira dos Andes, no Peru.

**RIO JURUÁ** – O rio Juruá é um dos mais importantes do Amazonas, nasce na República do Peru, nas montanhas das Mercês, onde se denomina Juruá – Mirim. É tipo como o mais sinuoso rio do mundo, é navegável em quase todo o seu curso, a sua correnteza é vertiginosa, deslocando-se em média, a três nós horários.

**SATERÊ-MAWÉ** – Povo indígena de Baixo Amazonas, o primeiro a domesticar o cultivo de guaraná no Brasil.

**SEGURO DEFESO** – Bolsa paga pelo governo brasileiro aos pescadores artesanais, que ficam sem atividade durante o período de reprodução dos peixes.

**MST** – Movimento social surgido inicialmente no Rio Grande do Sul, no final da década de 70, contra a expulsão de camponeses do meio rural e pela reforma agrária reivindicada vinte anos antes pelas Ligas Camponesas, no Nordeste. Sua organização mais conhecida é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), mas existem outras variantes no país.

**SERINGAL CARMEM** – Os seringueiros/as do Carmem, no município de Brasiléia, foam os/as primeiros/as a organizar o enfrentamento direto contra fazendeiros, que eram os agentes da destruição dos meios de produção essenciais ao sustento de suas famílias e de sua cultura.

**SISTEMA AGROFLORESTAL (SAF)** – Plantio consorciado de espécies de cultivo perene, anual e arbóreas inspirado no próprio ciclo da natureza. Evita o desmatamento maciço, conservando o solo e a biodiversidade. Teve grande influência dos imigrantes japoneses e tem sido adotado em muitos projetos da Amazônia.

**SNUC** – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Foi criado por lei aprovado em 2002 depois de doze anos de tramitação legislativa por conflitos entre preservacionistas e socioambientalistas. Define as categorias de áreas ambientais nos grupos de proteção integral e de uso sustentável (onde figuram as Reservas Extrativistas).

**SOCIOBIODIVERSIDADE** – Conjunto interligado de culturas e ecossistemas, que gera bens e serviços a partir da diversidade local como os conhecimentos tradicionais, as sementes nativas e as formas de relação com o meio ambiente.

**SOLDADOS DA BORRACHA** – Migrantes nordestinos que foram estimulados a participar da produção de borracha da Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial, quando os seringais da Malásia foram ocupados pelas tropas japonesas e houve um segundo ciclo de produção no Brasil.

**SEGUNDO CICLO DA BORRACHA (1941–1945)** – Durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1941, o governo brasileiro fez um acordo com o governo norte-americano para extração de látex na Amazônia. Em 1942, os japoneses invadiram a Malásia e tomaram o controle dos seringais. Como forma de contratacar, os EUA repassaram mais de 100 milhões de dólares ao Brasil em troca de artigos necessários à defesa nacional, dentre eles, a borracha.

**SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE BRASILÉIA** – Criado em 21 de dezembro de 1975, o Sindicato dos Trabalhadores de Brasiléia (STR) foi um dos primeiros sindicatos criado no Estado do Acre. Sua criação foi impulsionada pela luta dos extrativistas em defesa da terra, que institui naquele período o núcleo de maior resistência na área de conflito fundiário do país.

**SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE XAPURI** – Criado em 1977, foi presidido por Chico Mendes até o seu assassinato, em 22 de dezembro de 1988.

**SUCAM** – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública. Órgão público brasileiro, criado em 1970, que atuou no combate a endemias como malária, esquistossomose, febre amarela e doença de Chagas. A Sucam foi extinta em 1991 e incorporada à Fundação Nacional de Saúde (Funasa), juntamente com a Fundação Serviços de Saúde Pública (Fsesp) e outras entidades.

**SUDAM** – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia. Foi criada em 1966, no governo militar, gerando incentivos fiscais e financeiros para a ocupação da região. Foi extinta em 2002, por denúncias de corrupção, e foi recriada novamente em 2007.

SUDHEVEA – Superintendência da Borracha. Departamento do governo Federal criado em 1976 e absorvido pela criação do AMA, em 1989.

**TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO** – Corrente de pensamento social e ecumênico da Igreja Católica, criada nos anos 1960. Influenciou a multiplicação de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e levou a uma aproximação com os movimentos de esquerda.

**TERÇADO** – Espécie de facão, usado pelas populações extrativistas da Amazônia, especialmente no estado do Acre.

**TERRA INDÍGENA MASSACO** – A primeira área demarcada para a proteção de indígenas isolados fica em Rondônia e foi criada em 1998, depois de fortes pressões do movimento social. Juntamente com a área do Rio Omerè, apenas interditada, forma 473 mil hectares e está sob supervisão das Frentes de Proteção Etnoambiental da Funai.

**TERRA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO SOL** – Situada ao norte de Roraima, abriga as etnias Macuxi, Wapichana, Ingarikó, Taurepang e Patamona, com uma população de mais 19 mil pessoas em cerca de 194 aldeias. Ocupa 1,7 milhão de hectares de lavrados (planícies) e montanhas. Foi homologada por decreto presidencial em 15 de abril de 2005.

**TERRA INDÍGENA URU-EU-WAU-WAU** – Terra Indígena declarada em 1985, revogada em 1990 e finalmente homologada em 1991. Com seus 1867.117,80 hectares, tem uma área que se sobrepõe com o Parque Nacional Pacaás Novos, criado em 1979. Os Uru-Eu--Wau-Wau "os que usam jeninipapo", vivem subgrupos espalhados por seis aldeias, e em grupos isolados.

**TERRITÓRIOS RURAIS** – Programa do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), que abrange regiões com mais de um município (ambiente, cultura, economia ou política) em espaços definidos com cidade e campo e grupos sociais que se relacionam em forma de identidade cultural ou territorial com o campo.

**TIKUNA** – Com 35 mil pessoas no Brasil, Peru e Colômbia, formam a maior população indígena da Amazônia Legal. Mesmo com conflitos da ocupação do Alto Solimões, são organizados e guardam uma rica variedade artística em máscaras, pinturas e tecelagem.

**TRANSAMAZÔNICA** – Nome como é conhecida a BR-230, rodovia projetada a durante o governo militar para atingir mais de dois mil quilômetros, da Paraíba ao Acre. As agrovilas de migrantes do sul nela instaladas rapidamente foram esquecidas, criando movimentos sociais nos trechos onde a mesma passou a existir.

**TRIBUNAL LATINO DE ÁGUAS** – Depois do primeiro tribunal ético em Rotterdam (Holanda) sobre contaminação de águas, em 1983, surgiram em 1992 na Holanda com casos internacionais e em 1993, em Florianópolis-Brasil. Em 2000, em San José (Costa Rica) surgiu o Tribunal Latino Americano de Águas, de condenação ética e voltada para o interesse público.

**TRANSACREANA** – Nome pelo qual é conhecida a rodovia AC-90, no Vale do Rio Acre.

**TXAI** – Palavra indígena usada na região do Rio Juruá, principalmente entre os indígenas Kaxinawa, que significa "mais do que um amigo, mais do que um parente, mais do que um irmão: a outra metade de mim".

**TUKANO** – Um dos povos indígenas da chamada "cabeça de cachorro" pelo formato da região do Alto Rio Negro nas fronteiras com a Venezuela e Colômbia. São conhecidos por sua rica cultura e pela excelência de seus instrumentos musicais.

**UDR** – União Democrática Ruralista. Entidade de fazendeiros, criada em 1985 na cidade de Presidente Prudente (SP), com o objetivo dedefender a propriedade privada e responsável por grande parte dos conflitos no campo.

**UNI** – União das Nações Indígenas. Uma proposta governamental de emancipação dos índios, em 1978, levou ao surgimento, no ano seguinte, da União das Nações Indígenas que, mesmo com imensas dificuldades estruturais, teve uma atuação intensa na década de 1980, com destaque nos debates da Constituição de 1988 e na formação da Aliança dos Povos da Floresta.

**UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas, um dos mais importantes centros brasileiros de pesquisa científica.

**VARADOURO** – Jornal alternativo criado na década de 70, no Acre, como meio de comunicação entre os seringueiros [e seringueiras] e destes/as com o mundo. Foi criado pela jornalista Elson Martins e narrou os principais acontecimentos do movimento que levou a criação da Aliança dos Povos da Floresta, como os empates e as lutas dos sindicatos. O nome vem dos caminhos criados dentro da floresta pelos povos que nela vivem.

**VÁRZEA** – Ecossistema formado pelas áreas alagadas em parte do ano pelas águas barrentas, como as do Rio Solimões. São terras férteis e lar de grande parte dos/as moradores/as ribeirinhos/as. Estimativas indicam que ocupa as área de várzea ocupam cerca de 6% da Amazônia.

**VOZ DA AÇÃO CLIMÁTICA (VAC)** – Programa que tem como objetivo estratégico contribuir para que os diversos grupos e setores da sociedade civil local assumam um papel central como inovadores, facilitadores e defensores das soluções climáticas.

**VOZ DA AMÉRICA** – Voice of America (em português, conhecida como a "Voz da América") ou VOA é o serviço oficial de radiodifusão internacional financiado pelo governo dos Estados Unidos e autorizado a operar exclusivamente fora de território americano.

**XAVANTE** – Habitam diversas terras no estado do Mato Grosso. Se autodenominam A´wê Uptabi (povo verdadeiro), falam sua própria língua Xavante, segundo o IBGE são mais de 40 mil pessoas e mantém contato com a sociedade nacional desde a década de 1960.

**WAIÃPI** – Povo indígena da região dos rios Oiapoque, Jari e Araguari no Amapá. Com mais de 900 pessoas, sua população é marcada pela vida cerimonial das festas do milho, do mel e das danças dos peixes.

**WWF** – WORDWIDE FUND FOR NATURE (FUNDO MUNDIAL DA NATUREZA) – ONG criada em 1961 e conta com cinco milhões de associados nos cinco continentes. É a maior rede independente de conservação e atua no Brasil desde 1971, com o nome WWF Brasil, apoiando projetos ambientais.

**YKAMIABA** – Termo atribuído às mulheres míticas de uma nação indígena onde só vivivam mulheres guerreiras, que, segundo a lenda, teria existido no coração da Amazônia.

**YANOMAMI** – Os Yanomami são um grupo de aproximadamente 35 mil indígenas que vivem em cerca de 200 a 250 aldeias na Floresta Amazônica, na fronteira entre Venezuela e Brasil. Compõem-se de quatro subgrupos: Yanomae, Yanõmami, Sanima e Ninam.

# REFERÊNCIAS

O livro "Vozes da Floresta", agora em sua 3º edição, decorre de uma parceria história dos Povos da Floresta com a Fundação Banco do Brasil (Fundação BB). Em suas edições I (2008) e II (2015), sendo que esta 2º edição impressa pela Gráfica do Senado Federal. A Edição I do "Vozes", espinha dorsal deste Vozes III, resultou de uma articulação conjunta de três instituições parceiras do Comitê Chico Mendes: Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) e Grupo de Trabalho Amazônico (GTA). Esta 3º edição, também produzida pela Xapuri Editora, é uma realização do Comitê Chico Mendes em parceria com a Fundação Banco do Brasil, por meio do projeto 21.704 – Memória e Legado de Chico Mendes, firmado entre o Comitê Chico Mendes e a Fundação Banco do Brasil em 11 de dezembro de 2023. Foram mantidos, com eventuais cortes e edições, por limitação de espaço, os depoimentos originais concedidos pela família de Chico Mendes em 2008, bem como a maioria dos depoimentos com menções ao movimento de resistência dos seringueiros no Acre, à Aliança dos Povos da Floresta e ao próprio Chico Mendes, conforme gravações e textos recebidos por Eduardo Pereira, Elenira Mendes, Joci Aguiar, José Arnaldo de Oliveira, Marcos Jorge Dias e Zezé Weiss, entre os anos de 2008 e 2015. Depoimentos adicionais foram gravados por Zezé Weiss e Marcos Jorge Dias, por sugestão do CNS, no decorrer do ano de 2023, especialmente durante o IV Congresso Nacional das Populações Extrativistas, ocorrido em Brasília, em novembro de 2023. Algumas siglas e termos, como COIAB/Coiab, RESEX/Resex e Reforma Agrária/reforma agrária foram mantidos com duas grafias, conforme as versões originais das ediçoes anteriores. Esta edição III mantém a belíssima capa e a igualmente linda contracapa com pinturas de Ailton Krenak, fotografadas por Gersem Medeiros. Também, às introduções do Presidente Lula e do grande Thiago de Mello, poeta maior da Amazônia e do Brasil, presentes nas edições I e II, a esta edição se agregam textos primorosos de Ailton Krenak e Elson Martins, gentilmente cedidos por seus autores. Os textos e citações de Chico Mendes são, em sua maioria, transcrições da longa entrevista gravada por Lucélia Santos durante sua primeira visita ao Acre, em maio de 1988, realizadas por Agamenon Torres Viana e Zezé Weiss, ao longo do ano de 2022. No mais, todos os créditos desta edição estão registrados no Expediente deste "Vozes da Floresta" ou nas fotos e imagens correspondentes. Agradecendo ao Comitê Chico Mendes, à Fundação Banco do Brasil e a toda essa gente que contribuiu para a realização deste "Vozes da Floresta", desejo a cada qual de vocês uma leitura boa, com muita alegria, aprendizado e compromisso com a Memória e com o Legado de Chico Mendes. Gratidão!

Zezé Weiss – Editora

Dione Torquato

CHICO MENDES
THIS PLANET CANNOT SUSTAIN THIS SYSTEM
JORNAL DO BRASIL
Rio de Janeiro — Sábado, 24 e Domingo, 25 de dezembro de 1988 Ano XCVIII — Nº 260 Preço para o Rio: Cr$ 250
Ecologista é velado sob tensão
Retrospe
Carro 8
Idé
DOMI
"Quero viver para salvar
Edilson Martins
A seguir os trechos da entrevista, na qual o sindicalista, seringueiro e ecologista Francisco Mendes fala sobre as ameaças de morte:
Como está sua situação no Acre?
Minha segurança ultimamente foi reforçada, no Acre, por decisão do Governador Flaviano Melo. Ele sabe que meu assassinato vai complicar a situação do Estado. Não que a morte de seringueiro no Acre seja novidade. Mas é que o nosso movimento
delegado da Polícia Federal, no A
doutor Mauro Spósito.
Os irmãos já mandaram assas
mais de 30 trabalhadores.
Cite algum destes crimes?
Na noite de 27 de maio des
eles mandaram atacar o nosso ac
mento de trabalhadores, em X
onde dois seringueiros foram b
Raimundo Pereira e Manuel
Foram brutalmente baleados. Logo em seguida, no dia 18 de junho, Ivair Ginho, foi morto numa emboscada com espingarda calibre 12, dois tiros, e mais oito tiros de revólver. Foi assassi-
coincidência de que todas as lid
populares, nesses últimos dez
advogados, padres, pastores,
sindicais — todos eles foram
s. Mesmo com garantia de vid
verno. Não precisa nem citar exe
pois eles estão vivos na me
de todos.
esperança de continuar vivo. E
que a gente fortalece essa luta. De parte do governo do Estado não tenho por que temer. Pelo contrário. Agora, por outro lado, eu estou diante de dois inimigos poderosos: a UDR e a Polícia Federal no Acre.

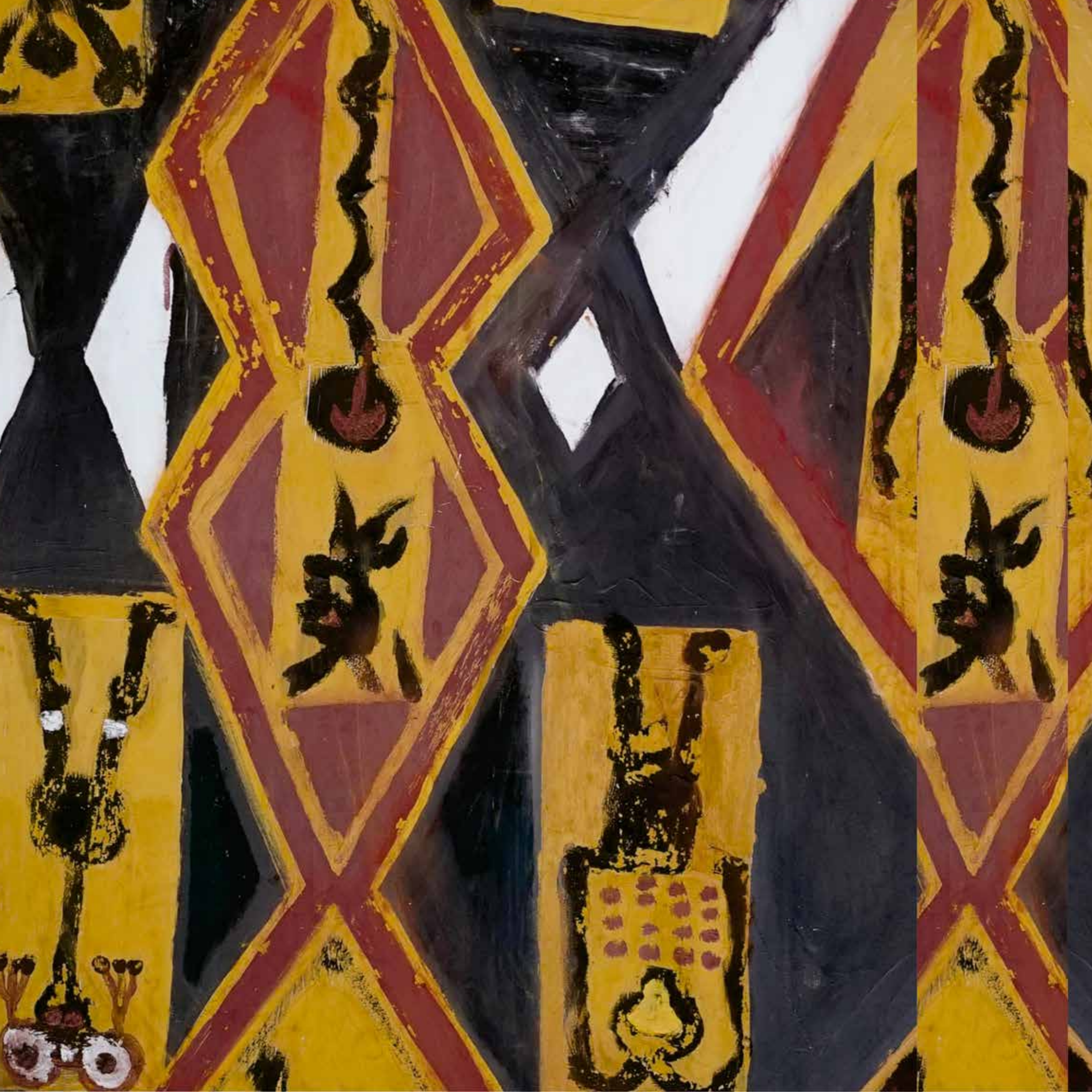
# Txai

*Txai é como expressamos,*
*na nossa cultura e na nossa língua,*
*quando alguém, para nós,*
*é mais do que um amigo, do que uma amiga,*
*é mais do que um irmão, do que uma irmã,*
*é quando alguém se torna a outra metade de nós.*

Siã Huni Kuin

EM MEMÓRIA DE CHICO MENDES,
QUE A GENTE SE TORNE CADA VEZ MAIS TXAI,
EM DEFESA DA FLORESTA AMAZÔNICA
E DAS POPULAÇOES QUE NELA VIVEM,
PELAS QUAIS CHICO MENDES VIVEU,
LUTOU E DOOU SUA PRÓPRIA VIDA.

Arte Huni Kuin



2024